3 1761 07149723 4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/chronicadelreidm0812gi

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXVI)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. VIII

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1911

DP
604
G6
1909a
v. 8-12

LIBRARY
MAR 6 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

CAPITULO LII

De duas entradas, que dom Pedro de Meneses conde Dalcoutim fez em terra de Mouros.

ATRAS fica dito como el Rei mandou dom Pedro de Meneses conde Dalcoutim, filho de dom Fernando marques de Villa Real a Septa por capitam, o qual depois de la ser, como bom, e esforçado cavalleiro nunca sessou de desinquietar os Mouros com entradas que fazia, e mandava fazer pela terra, com que os constrangia deixarem suas casas, quintas, e castellos que tinham no campo, recolhendosse ás villas cercadas, pera segurança de

suas pessoas. Entre as quaes entradas foi huma no mes de Iulho destanno de M. D. xiiii, chegando ate as atalaias de Tetuam, donde tornou vitorioso, e trouxe alguns captivos, o que os Mouros tiveram em tanto que muitos daquella villa se foram pera Fez, e outros se vieram lançar em Septa, entre os quaes foi hum cavalleiro dos milhores, e mais esforçados de Tetuam, da casa, e familia dos Alhamazes linhagem que antrelles he muito nobre, e antigua, e os filhos de Barraxa. Tendo os Mouros por nova que el Rei dom Emanuel queria passar em Africa, tiveram inteligencias per hum Pero Arraez Portugues que estava captivo na mesma villa, per cujo meo fezerão saber a el Rei que o queriam servir e seus vassalos se passasse. Depois da qual cavalgada se fezeram outras, de que por serem de menos substancia não faço mençam, senam de huma que neste mesmo anno fez no primeiro dia Doutubro em que soube como dous irmãos del Rei de Fez vinham sobre Septa com dez mil lanças, e alguma gente de pe, e outra que traziam per mar, os quais depois de serem em lugar que lhes pera isso pareceo conveniente, se poseram em duas ciladas mandando a gente de pe que vinha por mar em xxvi barcos de longo da praia, pera atalharem os nossos, se saissem a xxv almogavres, que lançaram das ciladas em que estavam, pera correrem ate vista dos nossos atalaias, aos quaes Almogavres o Conde dom Pedro sahio com cento, e trinta de cavallo, de que soltou quinze que os seguiram ate averem vista de huma das ciladas donde sairam alguns Mouros seguindoos de tam perto, que forão constrangidos recolherensse pera o Conde. O qual vendo que tras estes seguiam outros muitos teve por bom conselho recolhersse pera os vallos, o que nam pode fazer sem que nas costas entrassem com

elle duzentos, e cincoenta de cavallo dentro nos mesmos vallos, sobre os quaes voltou com toda a gente que levava, em que ouve huma tal peleja que matarão dos Mauros quasi duzentos, e dos nossos forão feridos xxxvi, e hum morto. No qual tempo chegaram os dous irmãos del Rei de Fez, junto dos vallos com a mais gente que trazião, mandando logo gastadores pera os derrubarem, nas costas dos quaes se vierão chegando tanto para onde o Conde estava pellejando, que pela grande multidão que dos Mouros era já entrada foi constrangido se recolher com sua gente cerrada perá cidade, no qual instante chegaram os barcos em que vinha a gente que dixe, com tenção de atalharem aos nossos tendo por certo que os levarião todos nelles, porque segundo o poder que os irmãos delRei de Fez traziam, e saberem a pouca gente que avia na cidade, se podiam com razam persuadir fazerem o a que vinham com pouca dificuldade. Mas Deos o ordenou de maneira, que em lugar da presa que cuidavão fazer lhes servirão os barcos para levarem os corpos dos seus que recolheram com muita tristeza, por antrelles aver alguns homens nobres, e de authoridade. O que feito se recolheram, assi os dos barcos, como os irmãos del Rei de Fez, correndo de caminho a Arzilla, donde levarão mais de setecentas cabeças de gado, ao que os da villa nam poderam resistir pola grossa companhia que era.

CAPITULO LIII

Em que se conthem o traslado de huma carta que el Rei dom Emanuel escreveo a Nuno Fernandez Dataide sobelos mouros da Xerquia.

ERA tamanho o nome del Rei dom Emanuel per todas aquellas partes da Barbaria, que muitos mouros se faziam seus vassallos, e tributarios de suas proprias vontades, pedindolhe que de sua mam posesse os capitaens que tivesse por bem, para os governar, e elles lhes obedecerem em seu nome. Entre estes foram os da Xerquia, os quaes mandaram a este regno algumas pessoas de calidade, que depois de terem tratado o a que vinham, el Rei despedio, e lhes fez merces, per quem screveo a Nuno Fernandez Dataide huma carta, de que ho theor he o seguinte. Nuno Fernandez amigo, nos el Rei vos enviamos muito saudar; com Rui e Barreto vieram a nos Mahamed Mahamed, e Mahamed Bencelme, e Nacer Zagamim Xeques principaes da xerquia, e por si, e por os xeques, e povos da xerquia nos apontaram algumas cousas fundadas em nosso serviço, e com que mais descansadamente, e sem impedimento, nem torvaçam alguma nos poderiam servir, antre os quaes foi que nos prouvesse que elles fossem apartados sobre si, e sobre toda Xerquia posessemos hum nosso Alcaide que os governasse em justiça, e tivesse sobrelles mando, e jurdiçam assi, e naquella propria forma, modo, e maneira que o era sobre Abida, e Garabia, Iheabentafuf, e apontarão, e nos pedirão afincadamente por merce, que este Alcaide ouvessemos por bem que fosse Audaramam que foi criado

de Iheabentafuf, o qual era apto, e pertencente pera nisso nos poder, e saber bem servir, do qual ja dantes muitos dias nos estavamos bem informados pelo Duque meu muito amado, e prezado sobrinho, e assi per outras vias, e segundo informaçam que delles temos nos pareceo que nos poderia, e saberia nisso servir com toda lealdade, e fieldade, e mais por ser criado de Iheabentafuf, de quem aprenderia perás cousas de nosso serviço, toda lealdade, e sendo nos isto assi requerido por elles, com grande instancia tivemos sobrisso pratica, e olhadas razoens per huma parte, e pela outra, e todolos proveitos, e impedimentos que se poderiam seguir de lho outorgarmos, ou denegarmos, tudo bem visto, acordamos que era muito nosso serviço fazermos nossso Alcaide aho dito Audaramam de toda Xerquia, e apertamos, com elle sobre si, porque ainda que Iheabentafuf seja tal servidor, e tão leal, e verdadeiro, e tal pessoa que parecesse que tudo poderia, seria para elle grande carga, e averia impedimentos taes dantrelles, que era milhor ficar assi apartada a Xerquia, que debaixo de seu mandado, e jurdiçam, e mais ficando com pessoa que fora seu criado, e que quasi parecia que ficava tudo em sua mam, e tambem porque a carga da Bida, e Garabia he tamanha que abasta para Iheabentafuf ter bem que fazer em a governar, e ministrar em Justiça, e ter assim sossegados como os tem, e mesturandosse sempre haveria torvaçoens, e escandalos, e assentamos nisso, com outras cousas que com nosco mais assentarão, assim do que nos pagaram de tributo, como em outras cousas, de que levam assento, e capitulos que enviamos a dom Pedro de Sousa nosso capitam Dazamor, porque alli hão dacudir segundo forma dos ditos poderes, e assentos. E porque isso assentamos, por nos parecer cousa de nosso serviço, e no

que fomos bem servido, temos por certo que vos nam obriga outro nenhum interesse, nem particular respeito, salvo sermos servidos a nossa vontade, e assi como nos convem, e este temos visto em todos vossos serviços, que he vosso principal intento pelo que vo lo notificamos, e assi vo lo encomendamos, que esta nossa determinaçam vos pareça bem pois nos o avemos por nosso serviço, e segundo que o temos bem praticado, he o milhor que se pode fazer. E posto que assi Xerquia apartamos na maneira sobredita, e com Alcaide apartado, quanto aos alimentos da terra, e termo que ha de ficar com Azamor, e com Çafim, nos o assentaremos como nos parecer que seja cousa justa, e honesta pera cada parte, e enviaremos disso nossa determinaçam, e teremos lembrança do que acerca disto nos tendes escripto.

Item. Porque Iheabentafuf he razam que com favor seja de nos tratado, por seus serviços, nos lhe notificamos esta nossa determinaçam, encomendando-lhe pois nos avemos assi por servido lhe pareça assi bem, como sempre lhe parecem as cousas de nosso serviço, com algumas cousas, porque a isso mais nos movemos, e que avemos por honrrosas pera elle, segundo que pela carta que lhe screvemos o vereis. E mais alem disso, que nos praz, que sendo caso que ajuntandosse os mouros de toda Duecala, assi por nos lho mandarmos, por o avermos assim por nosso serviço, como por lhe ser requerido, e mandado per nossos capitaens, como tambem per os mesmos mouros o quererem assi fazer por nosso serviço que em qualquer destas maneiras em que toda Duecala se ajuntassem, em tal caso elle fique, e seja nosso capitam principal, e como tal seja obedecido, e se cumpram inteiramente seus mandados em quanto assi Duecala estiver junta, e isto outorgamos assi por nos

parecer nosso serviço, e sua honrra, e vos assi lho dizei da nossa parte, alem de nos lho escrevermos como dito he.

Item. Porque se não possa seguir inconveniente a nosso serviço, e este apartamento de Xerquia possa milhor conservarse, e se nam aze alguma torvaçam, vos encomendamos que querendosse apartar alguns Mouros de Xerquia para Abida, ou Garabia, ou para as cabildas, de que he nosso Alcaide Meimam vos os nam consintaes receber, nem favorecer a Iheabentafuf, nem ao dito Meimam, antes lhos fazei logo tornar pera Xerquia donde vierão, porque nos o avemos por muito nosso serviço, e assi o escrevemos, e mandamos aos ditos Alcaides, e encomendamos vos que tomeis grande, e especial cuidado de assi o fazerdes cumprir, e guardar. Scripta em Lisboa a seis de Septembro. Antonio Fernandez a fez de M. D. xiiii. A qual carta pus aqui de verbo a verbo, por nella se tratar inteiramente tudo aquillo que se neste capitulo poderia dizer per outras palavras, e modo acostumado no estillo historico.

CAPITULO LIV

De huma entrada que Diogo lopez almocadem de çafim fez, até chegar as portas da cidade de Marrocos.

NEste anno no mes Doutubro mandou Nuno fernandes dataide a Diogo lopez almocadem que fosse a Xerquia, e desse ordem pera os Mouros della levarem a Azamor o trigo que eraõ obrigados a pagar de suas pareas, o que elle negociou, e sendo a duas legoas de Baluam com as cargas de trigo que fora buscar, estando repousando, chegou a elle o adail Dazamor com sessenta de cavallo, a horas de jantar, do que os mouros sobresalteados, parecendo-lhe que hiam sobrelles derão com as tendas no chão, pondosse em som de peleja, ao que o Almocadem Diogo lopez acudio apacificandoos, mas nem por isso pode acabar com elles que levassem o trigo a Azamor dizendo que nam conheciam outro capitão em nome del Rei dom Emanuel, senam Nuno fernandez dataide, e que com elle contrataram e por amor delle se vieram viver a Xerquia, que se lhe dom Pedro de sousa nam quisesse guardar suas liberdades se tornarião pera terra de Marrocos donde vieram, por os elle tratar muito mal depois que era capitão de Azamor, e porque os sessenta de cavallo Dazamor buscassem quem lhes levassem o pam, porque elles o nam aviam de fazer. Pelo que Diogo lopez com medo que se nam tornassem pera donde eraõ, pera os omeziar com os mesmos seus naturaes, fez tanto que os induzio a irem dalli correr a Marrocos, dos quaes levando quatrocentos, e xxviii, com xxvii Portugueses todos de cavallo, partio a huma quinta

feira dapar de Tazarote, e a sesta pela menhã chegaram aos aduares que estavam assentados pouco mais de huma legua de Marrocos, em que mataram alguns Mouros, e trouxeram cincoenta, e tres almas captivas, e outro despojo com dez mil ovelhas, e trezentos, e trinta camellos, dos quaes mouros de pazes chegaram alguns tanto adiante, ate darem com os coutos das lanças nas portas da cidade, bradando viva el Rei dom Emanuel nosso senhor, ao que saio el Rei de Marrocos em pessoa com a mor parte da gente que então alli estava, de quem se defenderam de maneira que lhe matarão quatro de cavallo, e se recolherão ate onde deixaraõ os seus aduares. Os Mouros se foram pera Xerquia com o gado, camellos, e outro despojo, e o Almocadem Diogo lopez entrou com as cincoenta, e tres almas em Çafim. Da qual victoria a enveja chegou, nam somente aos principaes, que na cidade estavão mas ainda ao capitão, a que tocou a mor parte della.

CAPITULO LV

Da embaixada, e obediencia que el-Rei mandou ao Papa Leam.

NO fim do anno passado, de mil, e quinhentos, e treze, ordenou el-Rei, que fosse a Roma por embaixador Tristam da cunha, pera dar obediencia ao Papa Leam decimo, a quem como per premicias das navegaçoens da India mandou por elle hum presente, em que entrava huma capa, manto, almategas e frontal de brocado de peso, todo borlado, e guarnecido de perlas, e pedraria de muito preço, a cousa mais rica de sua calidade, que de memoria de homens se nunca vira. Alem deste pontifical lhe mandou el-Rei joias de grande valor, e um Elephante, e uma Onça de caça com hum cavallo Persio que lhe mandara el-Rei de Ormuz com hum caçador da mesma provincia que trazia a Onça sobelas ancas do cavallo, posta em huma coberta nervada, e dourada muito bem feita. Com esta embaixada partio Tristam da cunha de Lisboa per mar indo com elle por acessores os Doutores Diogo pacheco, e Ioam de faria, e por Secretario Garcia de Resende, e por Guarda do Elephante Nicolau de faria estribeiro pequeno del Rei. Levava Tristão da Cunha consigo Nuno da Cunha, que depois foi veador da fazenda del Rei dom Ioam terceiro, e governador da India, e Simam da Cunha, e Pero Vaz da Cunha seus filhos, com alguns fidalgos seus parentes, e amigos, que hiam por gentis homens da embaixada até numero de vinte, e outra gente de sua familia, toda mui bem concertada. Fazendo assim sua viajem chegou ao Porto Dalicante em oito dias, dahi

foi ter a Iuiça, e Malhorca, donde com bom tempo chegou ao porto Hercule, que he da senhoria de Sena, no fim do mes de Ianeiro de M. D. xiiii. Dalli partio Tristão da Cunha per terra pera Roma, onde chegou aos xiiii de Fevereiro, e porque o Elephante o nam detivesse no caminho, deixou cargo a Nicolao de Faria que o desembarcasse, e de seu vagar se fosse com elle, e com a Onça a Roma, no qual caminho foi sempre acompanhado de tanta gente de pe, e de cavallo que vinha ver o Elephante, que nam podia passar pelas estradas, nem entrar nos lugares senão com muito trabalho. Alguns dias depois de Tristão da Cunha ser em Roma, e toda sua familia, e dos que com elle hião, e assi Nicolao de Faria, com o Elephante, e Onça, ordenou o Papa que fezesse sua entrada no primeiro Domingo da Coresma, xii dias de Março, no qual dia se foi ante manhã a huas casas, e jardim do Cardeal Adriano, que estão junto da cidade, donde as duas horas depois do meo dia começaram todos de caminhar pera ella, levando diante suas familias, e apos ellas os trombetas, e apos os trombetas os charamellas, e tras elles a Onça, e o Elephante junto do qual hia Nicolao de Faria, em hum fermoso ginete da estrebaria del Rei, ajaezado darreos que lhe mandou douro esmaltado, cordoens, nominas, e caparazã, e peitoral tudo lavrado douro mociço, perlas, aljofar, e seda de cores. Atras elles seguiam os gentis homens da Embaixada, apos os quaes hia Garcia de resende, e diante de Tristão da cunha, e dos dous acesores da embaixada o Rei darmas de Portugal com sua cota, dos quaes Diogo pacheco hia a mam direita de Tristam da cunha, e Ioam de Faria a esquerda. Indo assim nesta ordem, os primeiros que chegaram a elles foram as familias dos Cardeaes, com seus Prelados, e apos elles chegou o Em-

baixador del Rei de Polonia, e logo o Dinglaterra, e apos estes o del Rei de França, depois vierão o Duque de Barre, irmam do Duque de Milam, e Alberto do carpe que estava por Embaixador do Emperador, e juntamente veo com elles o embaixador del Rei de Castella, e os do Duque de Milam, e por derradeiro chegaram os de Veneza, Luca, e Bolonha que eram todolos embaixadores que então andavão na corte de Roma, os quaes chegando a Tristão da Cunha, lhe fezeram cada hum delles particularmente muitos offerecimentos, louvando as grandezas, e magnificencias del Rei dom Emanuel, e vigilancia que tinha nas cousas da Fe, e guerra que continuadamente fazia aos infieis, ao que tudo respondia na mesma lingoa latina em que elles fallavam o Doutor Diogo pacheco, mas não ao Embaixador de Castella, porque este fallou em lingoa Castelhana, a quem Tristam da cunha, pela entender mui bem, respondeo na Portugueza, pola saber milhor, como sua natural. Feitas todas estas arengas, e cerimonias, tendo já todos juntos a tiro de besta da porta da cidade, sahio o Governador de Roma com todolos Prelados, e familia do Papa, e alli fez uma arenga em nome da sua Santidade a Tristam da Cunha, dando-lhe da sua parte a bem vinda, com grandes offerecimentos, e mostras da boa vontade que tinha a todalas cousas del Rei, ao que o doutor Diogo pacheco respondeo o que taes, e tam bons offerecimentos requerião. Neste lugar poserão os mestres das cerimonias a embaixada na ordem com que avia dentrar pelo modo seguinte. A mão direita de Tristão da Cunha, o Duque de Barre, e a esquerda o governador de Roma. No segundo lugar poseram Diogo Pacheco com o Bispo de Nicosia, a sua mam direita, e Alberto do carpe a esquerda. No terceiro poseram Ioam de Fa-

ria, e a sua mão direita o Bispo de Napoles, e o Embaixador de França a esquerda, e atras elle hia o Embaixador de Castella com hum prelado, e apos elle ho de Inglaterra, com outro, e assi nesta ordem, e lugar acostumado a cada hum, seguiam os Embaixadores del Rei de Polonia, Veneza, Milam, Luca, e Bolonha, e tras elles numero infinito de Arcebispos, Bispos, e outros Prelados. Diante dos embaixadores hia o Rei darmas Portugal, e logo os Maceiros do Papa, e diante destes Garcia de Resende so, e hum pouco mais avante hiam os filhos de Tristam da Cunha, com os outros fidalgos da Embaixada. Diante destes fidalgos hia Nicolao de Faria com o Elephante, e onça e trombetas, e charamellas. Diante deste hião os trombetas, e charamellas do Papa, aos quaes precedia a sua guarda de Soiços, em ordenança cõ seus piques, e adiante a familia do Papa, e adiante a sua guarda de cavallo, com seus besteiros, e diante destes hia a familia de Tristão da cunha, e a diante a do doutor Diogo Pacheco, e diante desta a do doutor Ioam de Faria, e diante destes os Portugueses cortezãos, que andavam em Roma assi Clerigos, como leigos, e diante destes hião as familias dos Cardeaes, cada huma em seu lugar com muitos Pifaros, atambores, na qual ordem entraraõ na cidade, onde era tanta a gente, que alem da que estava pelas janellas, e sobre telhados, senão podia passar pelas ruas, se não a força de Alcaides e outros officiaes de Iustiça. Caminhando nesta ordem chegaram a vista do castello de Santo Angelo, onde o Papa estava com os Cardeaes, pera dalli ver passar a Embaixada, donde sendo avista começou a desparar a artelharia, que he muita, e mui fermosa, e de mestura tanger as charamellas do Castello, o que tudo durou ate desaparecerem, passando pela ponta do Ti-

bre, donde tomaram a volta pela rua dos Banqueiros e dalli passando campo de Frol chegaram a pousada, donde se despediram todolos que acompanhavam a Embaixada, no que se fallou todo aquelle dia. Neste caminho em o Elephante chegando ao Castello ante o Papa, que estava a huma janella do mais baixo apousento delle, com alguns Cardeaes, fazendo sua reverencia tres vezes, tomou agoa na tromba de huma grande dorna, que para isso alli estava chea, e a lançou tam alta, que passando acima da janella onde o Papa estava, foi dar nas outras em que per tres vezes borrifou muitos Cardeaes, e outras pessoas de calidade que nellas estavam, e voltando-se pera o povo que o tinha cercado fez o mesmo, tanto a sua vontade que sairão dalli os mais bem molhados. Acabadas estas, e outras cousas que o Indio, que o governava, lhe dezia que fezesse, fez sua reverencia, e passou a diante, sem o Papa nunca tirar os olhos delle ate desaparecer.

CAPITULO LVI

De como Tristam da Cunha foi dar a obediencia ao Papa, e dos negocios que com elle tratou, e impetrou, segundo as instruções que pera isso levava, e de sua tornada para o regno.

PASSADAS estas vistas, ordenou o Papa que a segunda feira, xx do mesmo mes de Março lhe viessem os embaixadores fallar no qual se foram ao paço com os charamellas, e trombetas, e o Rei darmas diante com sua cota, acompanhados das familias dos Cardeaes, onde os o Papa recebeo na primeira salla, em hum estrado alto, com os Cardeaes ao redor, em seus assentos, e os embaixadores, e Barões de Roma com alguns Prelados. Ao qual estrado sobiram os nossos embaixadores ha beijarlhe o pe, e tras elles todolos fidalgos da embaixada, e familiares, ho que feito, Tristam da cunha lhe deu a carta del Rei, que o seu Secretario leo em alta voz, a qual lida começou de orar ho doutor Diogo pacheco per tão bom estillo, e com tanta graça, e desenvoltura, que foi louvado de todolos que o ouviram. Acabada a oraçam o Papa respondeo na mesma lingoa latina, e per mais espaço do que he costume o fazerem os Papas, tudo em louvor del Rei, e da naçam Portugueza. Acabado este razoamento, o Papa se levantou, levandolhe Tristaõ da cunha a faldra ate ha sua camara, donde se despediram delle, e assi se acabou esta segunda vista, e logo a terça feira seguinte forão na mesma ordem com o presente, pera o que o Papa os foi esperar em Belveder, porque o Elephante naõ podia sobir aho paço, onde perante

todolos Cardeaes, e embaixadores que estavam em Roma, recebeo o presente do Pontifical, e outras joias, o que andou de mam em mam, sem ficar Cardeal, nem embaixador que o nam visse com espanto. O que feito, o Papa se alevantou pera ir ver o Elephante, e onça ao jardim, onde esteve hum bom pedaço, vendo as habilidades, de que o Elephante usava, e o modo que a Onça tinha em caçar, pera o que alli mandou trazer algumas alimarias, que logo matou, o que feito perguntou a Tristão da Cunha se queria logo audiencia, ou que ficasse para outro dia, o que se remeteo para quinta feira seguinte, em que o Papa, os esperou no paço, e recebeo com muita honrra, e gasalhado, ouvindo mui bem tudo o que lhe da parte del Rei dixerão, do que os pontos geraes erão sobela proseguiçam do Concilio, reformaçam da Egreja, e guerra contra os Turcos. Os particulares eram sobelas terças, e dizimos e assi sobelas Egrejas, e mosteiros peras comendas, dos quaes pontos, os geraes nam ouverão efeito, porque nem se fez ho Concilio nem se reformarão as cousas da Egreja, nem menos se pos em obra a guerra contra os Turcos. Mas os pontos especiaes das terças, e dizimas concedeo a el Rei, para elle e pera seus successores de todalas Egrejas Cathedraes, Parrochiaes, e Abadias, que rendessem de cincoenta cruzados pera cima, em quanto fezessem guerra aos Reis de Fez, e Marrocos, nam entrando nisso engano, e se fezesse em effecto, e assi concedeo os mosteiros, e egrejas pera comendas. Mas quanto as terças, e dizimas el Rei as não quis levar, posto que soubesse que o Papa Clemente quarto as concedera a el Rei dom Afonso de Castella, o decimo do nome, quando tomou Iaem, e Murça aos mouros, por espaço de vinte annos, e depois lhas confirmar o Papa Innocencio octavo, em

quanto fezesse guerra aos Mouros, nem telas concedidas o Papa Alexandre sexto a el Rei dom Fernando, e a Rainha dona Isabel Reis catholicos de Castella, Leão e Aragão, em quanto fezessem guerra aos Reis de Grada. O que el Rei fez movido de sua Real, e boa condiçam por nam aggravar os Prelados, e outro Ecclesiastico do regno, contentandosse de lhas alargar por cento, e cincoenta, e tres mil cruzados, que se offerecerão a lhe pagar em tres annos. Isto tudo passou no segundo anno do Pontificado deste Papa Leão decimo, e as Bullas foram expedidas a xxix dias Dabril deste anno de M.D.xiiii pera a execuçam das quaes mandou o Papa a estes regnos por Nuncio, e Legado a latere Antonio pucio Florentim com grandes poderes. Alem destas terças, dizimas, Mosteiros, Egrejas pera comendas, concedeo o Papa Cruzada a el Rei que trouxe este Nuncio, na execução da qual, per mao resguardo, culpa, e demasiada tyrania dos officiaes della, foi o regno mui avexado e sobretudo a gente popular, a quem faziam tomar por força as Bullas fiadas por certo tempo, no cabo do qual se não pagavam lhes vendiam seus moveis, e enxovaes, publicamente em pregão per muito menos do que valião pela qual deshumanidade os mais dos executores desta Cruzada ouverão ma fim, de que não quero dizer os nomes, por os filhos, e netos dalguns destes ainda viverem. E quanto aos mosteiros, impetrados peras commendas que aviam de chegar a vinte mil cruzados de renda cadanno, el Rei os soltou, e o Papa lhe outorgou por isso a apresentação delles, e de todolos outros mosteiros de seus regnos em sua vida, e lhos outorgava por preço de vinte mil cruzados, pera todos seus successores, se el Rei os quizera pagar, e em lugar destes mosteiros lhe concedeo mais Egrejas para assi encher a par

do numero dos vinte mil cruzados, que cabião aos mosteiros. Das quaes egrejas, dalgumas dellas ficavam a cada hum dos Retores sessenta cruzados cada anno de renda, e doutras cincoenta, e doutras quarenta, e doutras trinta, e cinco. Alem destas egrejas anexou el Rei outras que eram do seu padroado, pera comprimento dos vinte mil cruzados, de que ficavão aos rectores sessenta cruzados de renda cadanno. O processo, e taxa destas comendas dos vinte mil cruzados de renda fez o mesmo Antonio pucio e com elle foi nomeado dom João do porto Bispo de Targa, e declarado pera juiz das egrejas que se tomaram em lugar dos mosteiros. E quanto as egrejas do padroado da coroa, que el Rei soltou pera comprimento dos vinte mil cruzados das comendas, o processo dellas fez dom Diogo pinheiro Bispo do Funchal, que pera isso foi diputado pelo Papa, os quaes processos, e Bullas com todallas escripturas que tocão a este negocio mandou el Rei que se lançassem no cartorio do convento de Tomar, onde ao presente devem estar guardadas como cousa tam substancial requere. Impetradas estas cousas do Papa, e negociadas outras de menos substancia que Tristão da Cunha levava per lembrança, estando ja pera se partir, chegarão novas a Roma como o Turco fazia huma grossa armada degales pera mandar sobre o regno de Sicilia, pelo que o Papa fez as suas prestes, da qual armada, sabendo quão bom cavalleiro era Tristão da Cunha, e em quantos feitos de guerras se achara sobelo mar, lhe cometeo, que quizesse aceitar a capitania, do que se excusou, por pera isso não ter licença del Rei. Despedido assi do Papa, Cardeaes, e embaixadores, e outras pessoas principaes que então estavam em Roma se partio pera o regno, onde chegou estando el Rei em Lisboa.

CAPITULO LVII

Em que se contem huma carta que Alberto do Carpe escreveo ao Emperador Maximiliano, per cujo embaixador estava em Roma, das novas desta embaixada tirada da lingoa latina na Portuguesa.

SAcratissimo, e invencivel Cesar, a poucos dias que são vindos ha esta cidade de Roma embaixadores do senerissimo Rei de Portugal a dar obdiencia ao nosso sancto Padre Leam. Sua entrada foi cousa fermosa pera ver, porque eram tres embaixadores, hum da ordem dos Baroens, que tinham o primeiro lugar, e os outros dous doctores em leis, os quaes traziam huma magnifica, e pomposa companhia. Primeiramente vinham diante seis trombetas, e seis charamellas, e depois hum Indio sobre hum fermoso cavallo, ornado de huma sella da India, o qual trazia de traz de si sobre as cubertas das ancas do cavallo, huma besta semelhavel a hum Leão pardo, mas de menor corpo e mais delicada, de muitas, e desvairadas cores. A este seguia hum Elephante Indio, que trazia encima de si hum cofre com hum rico presente, que o senerissimo, e christianissimo Principe enviava aos sanctissimos Padres, são Pedro, e são Paulo, e em seu nome ao nosso sancto Padre. O cofre era cuberto de hum panno tecido douro, com as armas Reaes, que não tão somente cubria ho cofre, mas ainda todo o Elephante, encima do qual hia outro Indio vestido de huma roupa douro, e seda, a palavra do qual o Elephante obedecia, caminhando por seu paço, e logo apos elle seguião algumas azeme-

las mui fermosas, cobertas com reposteiros de raz, e seda de diversas cores, e insignias. A traz estes vinham os criados dos embaixadores mui bem ataviados, e apos estes a ordem dos nobres, que erão em numero cincoenta, todos vestidos de panno douro e seda com colares de ouro, não menos de peso, que demostra, de que os mais delles davam grande resplandor por caso das muitas perlas, e pedras de que eram semeados, e entre todolos outros um filho do primeiro embaixador, aos quaes seguia o Rei darmas do dito Rei, vestido de huma roupa de panno douro com as armas do regno coroadas, e cercadas em torno de mui fermosas perlas, e robis. Apos estes vinham os embaixadores vestidos magnificamente, e o primeiro delles trazia hum mui rico chapeo de perlas, nam digo somente ornado, mas todo cuberto. Depois dos embaixadores vinha muita gente de conselho de grave, e honrrada presença, e no fim toda a turba dos familiares, o Papa com muitos Cardeaes, se foi ao castello de Sanctangello, por ver passar os embaixadores. Todo o povo universal de Roma correo por ver esta novidade, o que não he maravilha, porque poucas vezes, ou nunca aconteceo mandarem os Principes Christãos legados a Roma com tam magnifico aparato, nem Roma no tempo passado, quando possuia muitas provincias, posto que visse alguns Elephantes de Ethiopia, e de Africa, nam vio nenhum dos das Indias o qual Elephante em chegando diante da janella onde o Papa estava lhe fez reverencia poendo os geolhos no chão, fazendo alem disso, outras cousas que lhe o seu rector mandava. Depois desta primeira vista foi assinado dia, ao qual hos embaixadores forão ao Paço, onde fezerão obdiencia na maneira acostumada, fazendo hum delles huma arenga mui prudente, em latim, e digna de Principe Christão. Depois em outro dia

assinado forão a Belveder, onde o Papa estava acompanhado de todolos Cardeaes, e embaixadores, e alli lhe apresentarão os dões que lhe levavão, não menos sumptuosos, que religiosos, dandolhe primeiro huma carta daquelle mui poderoso Rei que continha em poucas palavras o seguinte. Como elle offerecia as primicias das cousas da India, e Ethiopia, ao nosso muito piadoso Salvador, e a seus Sanctos Apostolos, S. Pedro, e S. Paulo, e ao seu Vigairo na terra, pedindo a sua Sanctidade humildosamente, que aceitasse seus pequenos dões com aquella benigna vontade, com que lhos elle mandava. Os dões erão, as sagradas vestiduras, tanto para os ministros, como para os clerigos, para servirem a toda maneira de sacrificio. sc. tanto ao officio da Missa como ao das vesperas, as quaes chamam tunica, almategas, casulla, capa, e assi ornamentos do Altar. Todas estas vestiduras eram tecidas douro, e tam cubertas de pedras preciosas, e perlas, que em poucos lugares se podia ver o ouro, e eram as perlas, e pedras postas, e metidas per arteficio admiravel, per alguns nos entrelaçados a maneira de huma Romã o qual arteficio era cousa muito para ver, porque a obra era maravilhosa, sumptuosa, e magnifica, em certos lugares era como pintada de ouro, e seda a face de nosso Salvador, e dos Sanctos dous Apostolos distintamente, ornados de muitas perlas, e pedras preciosas a que nos chamamos scravonetas ou robis, nam contra feitos, nem polidos, mas rudos, e simples, assi como se trazem dos lugares em que se achão, com seu so resplandor natural, tal qual se deve as cousas divinas, que direi mais para comprehender tudo em huma palavra, a materia era preciosa, mas a obra a sobrepujava com espanto. O que pola singular religiam, e devaçam deste Principe me moveo a screver estas cousas, pola

ventura mais largamente, e com mais palavras do qu
o as ocupações de vossa Magestade poderam sofrer
mas eu o fiz pera que nada passasse por silencio d
pertencente a gloria deste mui alto Principe, parent
de vossa Magestade, porque a estendido, e engran
decido nossa religião com grande gloria ate os Gara
mantas, e Indios, e pelo louvor que merece pola lar
gueza, e liberalidade que usou com a sancta Se Apos
tolica. O dom foi mui agradavel ao nosso Sancto Pa
dre, e aos Reverendos Cardeaes, e a todas as orden
dos Prelados, e a todo o povo Romão, o dito Rei fo
louvado da mui sanctissima bocca do Papa, per pala
vras mui honrradas em consistorio publico, respon
dendo aos embaixadores de sua Magestade, especial
mente quando aceptou os dões, os quaes segundo
estimaçam dalguns são avaliados desvairadamente
porque huns os põe em quinhentos mil cruzados, ou
tros em quatrocentos mil, e outros em trezentos, pel
menos todavia as perlas nam sam de muita grandura
nem os robis, mas em multidam, e numero mais qu
infindos. Certo, assi he de crer, que nunca a nenhun
Papa da Egreja Romana forão apresentados tão ricos
nem tão fermosos ornamentos, nem tão preciosos
Eu acompanhei os embaixadores, como he costum
da corte Romana, e depois os fui visitar, e lhes offe
reci toda minha ajuda, em nome de vossa Magestade
ao serviço de seu serenissimo Rei, em todo o que elle
ouvessem mister de vossa Magestade, a qual cous
lhe foi muito agradavel e entre outras cousas que di
xerão de seu Rei, de nenhuma cousa folgava tant
como de ser conjunto per linha de parentesco a voss
Magestade. O mesmo dia que elles offerecerão o Ele
phante, e todolos outros dões, veio ao nosso sanct
Padre hum messageiro dalguns povos Christãos, qu
guardão, e conservam a Fe da Egreja catholica, qu

morão junto com Hierusalem, e se chamão Maronitas, habitantes nas mõtanhas de Suria, o qual depois de ter apresentadas as cartas ao nosso sancto Padre, lhe deu a obdiencia em nome de todos, pedindo pelos ditos povos confirmação de hum Arcebispado que tinham ellegido, porque pela distancia dos lugares, elles não guardavão a maneira da Egreja Romana, mas pela doutrina, e pregaçam dos Frades da observancia de são Francisco, que moram em suas terras a acepcarão de cincoenta annos pera ca, e se sobmeteram a obediencia do nosso sancto Padre. Deos per sua clemencia de longa, e bemaventurada vida a vossa sagrada Magestade, na boa graça da qual mui humildosamente mêcomendo. De Roma a xvii de Março de M. D. xiiii. Esta carta por dar mor fe ao que tenho scripto desta embaixada, me pareceo cousa conveniente poer aqui para com ella confirmar o grande aparato com que el Rei mandou Tristam da Cunha a Roma, e a riqueza do presente, e admiravel arteficio da obra do Pontifical, o qual senão podera estimar senam daquelles que o virem, e o entenderem, como se pode crer que o fez este Alberto do Carpe, Italiano de linhagem dos Condes do Carpe, o qual foi hum dos doctos homens que ouve naquelle tempo em toda Europa, na lingoa latina, e artes liberaes, a quem se podera dar mor fe que a mim, a huma por nelle aver as partes que digo, e a outra, porque sendo estranheiro senão podera ter por suspeito em nenhuma das cousas que em esta carta screveo, principalmete senão scripta a hum tal Principe como o era o Emperador Maximiliano.

CAPITULO LVIII

Da embaixada que a Rainha Helena avo de David, Emperador da Ethiopia Rei do Abexi mandou a Rei dom Emanuel.

ATras fica dito da vinda de Matheus embaixador do Emperador, e Rei do Abexi a India, de como Afonso Dalbuquerque lhe deu em barcaçam pera o regno, na nao de que era capttã Bernaldim Freire, que partio no começo de Janeir de M. D. xiii, per quem mandou el Rei ametade c hum corno de huma alimaria que tem a mesma virtu de, ou mais que o do Onicorno, e he de cor qua como a unha de hum Cervo, e assi lhe mandou hum pedra a que chamam Baizar que tem grande virtud contra a peçonha e humas cubertas de cavallo mui rica feitas em Daquem, com sua colla, testeira, e sella, o qu tudo ouve do despojo de Benastarim. E tornand Bernaldim freire em cuja conserva vinha Francisc Pereira Pestana por capitão doutra nao, elles inverna ram em Moçambique, onde fezeram tal companhia este embaixador, que el Rei os mandou prender per lhes dar ho castigo que merecião. E porque Francis co Pereira nam entrou na barra de Lisboa quand Bernaldim Freire, de quem se apartara passadas a ilhas, el Rei polo conhecer por assomado, e de gran de opiniam, receandosse que pellos erros que commc tera contra o embaixador Matheus, e em Quiloa send capitão da fortaleza, fosse tomar porto fora deste regnos, mandou logo armar duas caravellas, de qu deu as capitanias a Diogo Dias, e a Antonio Mende cavalleiros de sua casa pera o irem buscar, e lho tra

em preso, mas antes de partirem elle entrou no
rto de Lisboa, e da nao foi levado preso a torre
S. Pedro, onde sahio, assi Bernaldim freire que
ava na cova, a rogo, e petição do mesmo embãi-
dor. E por parecer cousa conveniente a esta Chro-
a dar razam desta embaixada, e a causa donde
ocedeo vir este embaixador de tão longe a estes
gnos, repartirei este negocio de mais longe, e com
mor brevidade que poder, o que foi pelo modo
guinte. El Rei dom Ioam o segundo vivendo teve
npre grandes desejos de descobrir a navegação da
dia, e assi de ter alguma noticia do preste Ioão das
dias, por ser Christão, parecendolhe que se poderia
quellas partes ajudar de sua amizade, pelo que
ndou a isso per algumas vezes e em diversos tem-
s homens que sabião a lingoa Arabia entre os quaes
am, hum Afonso de Paiva natural de Castelbran-
e Ioão Pirez de Covilhã, os quaes despedio de
ntarem, no mes de Maio do anno do Senhor de
, e quatrocentos, e oitenta, e seis, que seguindo
caminho foram tera o Cairo, dahi a Thor fingindo
em mercadores, donde foram ter a çuaquem que he
costa da Ethiopia, do qual porto navegaram pera
lem. Desta cidade Dadem tornou Afonso de Paiva
a a Ethiopia, polas novas que acharão aver na-
ella parte hum grande Rei Christão, parecendolhes
e este seria o preste Ioam, mas porque não tinha
so nenhuma certeza, e sabião que a Ethiopia não
na India, e que o preste Ioam se chamava das In-
s, acordaram entre si, que Ioam Pirez de Covilhã
se pera aquella parte da India ver se achava novas
que hiam buscar, no que andando foi ter a Calecut,
Goa, sem achar novas deste preste Ioão, as quais
dia mal achar, porque segundo o recita Paulo Ve-
o no seu Itenerario, foi desbaratado este preste

Ioão, e morto em batalha pelo senhor, ou Emperador do Cathaio, e se apoderou de todas suas terras, que são no sertão da India, e desdentão ate agora não ouve mais preste Ioão naquellas partes, posto que aja ainda muitos Christãos nestorianos. Nam achando Ioam Pirez nenhum recado deste negocio, navegou dalli a çofalla, e de çofalla tornou a Adem, e de Adem ao Cairo, pera se dalli tornar a o regno com Afonso de Paiva, onde assentarão de se ajuntar, pera levarem novas a el Rei do que cada hum fezera, onde achou Ioam Pirez de Covilhã dous Iudeus Portugueses que lhe derão cartas del Rei, dos quaes soube como Afonso de Paiva morrera alli. E porque el Rei lhes mandava nestas cartas que senão viessem sem irem a Ormuz, e saberem certeza deste preste Ioão das Indias, Ioão Pirez se tornou a Adem, e Dadem navegou a Ormuz, e Dormuz tornou a Meca, e dahi foi ao monte Sinai, ver a casa da bemaventurada sancta Catherina, donde tornou ao Thor do qual lugar veo ter a Zeila, e dalli per terra chegou a corte do Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, que se chamava Alexandre, ao qual deu as cartas que lhe levavão del Rei, scriptas em lingoa Arabia, de que levou muito contentamento, e mandou tratar mui bem Ioam Pirez, hò qual tendo ja despachado, veo a falecer, e por nam ter filhos sucedeo no Imperio hum seu irman per nome Nau, de quem nunca Ioam Pirez pode aver licença pera se tornar, ate que morreo, per cujo falecimento veo a regnar hum seu filho per nome David, que lhe tambem não quis dar licença pera se vir pera Portugal, o que o dito Ioam Pirez vendo, desesperado de nunca poder sair daquella terra se casou, e ouve de sua molher muitos filhos, e filhas. Neste meo tempo descubrio el Rei dom Emanuel de toda a navegaçam da India com a armada, em que

foi por capitam Vasco da Gama, e outras que depois mandou, da qual navegaçam, e das victorias que os Portugueses tinham avidas na India, e lugares que nella tomaram sespalhou a fama per todas aquellas provincias, ate chegar a corte do Emperador David, por quem, por ser ainda moço governava a Rainha Helena sua avo, a qual desejosa da amizade del Rei dom Emanuel lhe mandou por embaixador este Matheus, Christão Armenio homem muito prudente, e de que ella se servia em negocios de calidade, e confiança, e pera dar mais credito a embaixada, mandou com elle hum mancebo abexi, de casta, e linhagem mui nobre os quaes vieram ter a India com assaz trabalho, e perigo de suas pessoas, ate chegarem onde Afonso dalbuquerque estava, que os recebeo, e mandou ao regno do modo, que fica dito.

CAPITULO LIX

Do recebimento que el Rei fez ao embaixador Matheus, em que se contem o treslado da carta que lhe a Rainha Helena escreveo.

El Rei dom Emanuel gostava muito Dalmeirim, onde tinha os mais dos invernos, per caso da muita caça, que naquelle lugar a, donde vindo pera Lisboa, com a Rainha donna Maria sua mulher, lhe deram novas Nalverqua aos xix dias de Fevereiro, deste anno de M. D. xiiii, como avia novas de serem chegadas duas naos da India as Ilhas, de que erão capitães Bernaldim freire, e Francisco pereira pestana, nas quaes vinha hum embaixador do Preste Ioam, como se vulgarmente entre nos nomea, e logo a huma sesta feira xxv do mesmo mes estando el Rei nos paços de Sanctos o velho entrou Bernaldim freire no porto de Lisboa, o qual em chegando mandou el Rei prender, pelas informaçoens que ja tinha da ma companhia que fezera ao embaixador, e de quam mal o tratara, e com estes que hiam prender Bernaldim freire mandou outros pera acompanharem o embaixador, e o fidalgo que com elle vinha ate a pousada, que lhe mandou dar em casa de Gonçalo lopez almoxarife dos escravos, e a segunda feira logo seguinte mandou el Rei o Bispo da Guarda dom Pero vaz, e dom Martinho de Castello branco, que fezera Conde de Villa nova aos doze dias deste mes de Fevereiro pera com outros muitos fidalgos e suas valias acompanharem os embaixadores, em cuja companhia se foram a Sanctos onde el Rei recebeo em pe fora do estrado, fazendolhes muita

honrra, e gasalhado, e logo alli deu Matheus a el Rei a carta que trazia de crença, escripta em lingoa Arabia, e Persiana. O que feito se tornaram perá pousada, e ao outro dia vieram visitar a Rainha, Principe, e Infantes acompanhados de dom Ioam sotil Bispo de Çafim, e dahi a tres dias el Rei lhes deu audiencia, em que Matheus, como homem sabio, e prudente dixe mui apontadamente, e mui seguro a el Rei as cousas que trazia a cargo pera com elle tratar, dandolhe huma carta da Rainha Helena, e cinco medalhas douro que pesaram cada huma oito cruzados, cunhadas, com letras que dezião serem da lingoa Abexi, apos o que lhe apresentou huma Cruz feita em redondo, com huma argola de prata, que era do lenho da Cruz em que nosso Senhor Iesu Christo padeceo por nos salvar, metida em huma caixeta douro com sua fechadura, e chave que el Rei recebeo em geolhos, dando muitas graças a Deos com as lagrimas nos olhos, pela merce que recebia em lhe mandar hum tal, e tam precioso dom, e com elle cartas, e embaixadores de hum tão poderoso Rei Christam como o do Abexi, e tam remoto, e apartado dos da Europa. Depois que Matheus apresentou esta Cruz a el Rei lhe deu outra carta escripta nas mesmas lingoas Arabia, e Persiana metida em hum canudo douro, de que o treslado he o seguinte.

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Sancto, tres Pessoas hum so Deos, a salvaçam, e graça de nosso Senhor Redemptor Christo Iesu Filho de nossa Senhora Maria virgem, o que foi nascido na casa de Bethlem. A graça, e a bençam seja sobre o amado irmam christianissimo Rei Emanuel, cavalleiro dos mares, sobgigador, e vencedor dos Cafres, incredulos, e dos mouros, prospere vos o Senhor Iesu Christo, e vos de victoria sobre vossos imigos, e alar-

gue, e estenda vossos regnos pelos rogos, e devaçoens dos messageiros do Redemptor Iesu Christo, os quatro Evangelistas, São Ioam, Lucas, Marcos, e Matheus, suas sanctidades, e oraçoens vos guardem. Fazemos vos saber amado irmão, que a nos chegaram de vossa grande, e alta casa dous messageiros, hum se chamava Ioam, e outro Ioane Clerigo, e nos dixeram muitas cousas, desejando mantimentos, e gente, e pera isto se fazer como deve, enviamos a vos nosso embaixador Matheus, irmam do meo serviço, com licença do Patriarca Marcos, que nos da a bençam, e manda os Clerigos a Hierusalem, Padre nosso, e de todo meu senhorio, elle he o esteio da Fe de Iesu Christo, e da sancta Trindade, e elle enviou messageiros a hum vosso porto da India per nosso mandado, pera fallarem com os vossos, e lhe offerecerem, e darem mantimentos, e gente, e lhes foi dito que o Senhor do Cairo fazia armada de gales, e naos pera mandar contra as vossas armadas, pera o que nos vos daremos muita gente que este no estreito de Meca, Bel, Almandeb, ou para os enviardes a India, ou ao Thor, e fazer desterrar estes Mouros, de sobre a face da terra, e nos iremos por terra, e vos por mar, que nos somos poderosos pela terra, pera que as offertas que se apresentam ao sepulchro sancto, nam as dem mais a comer aos cães. Este he o tempo segundo dizem, em que dixe Iesu Christo a Sancta Maria sua madre, que no derradeiro tempo se alevantaria hum Rei da parte dos frangues, e que este daria fim aos Mouros, e este he o mesmo tempo em que Christo o prometeo a sua Madre. Tudo o que vos Matheus nosso embaixador, da nossa parte dixer, vos o recebei como de nossa propria pessoa, e o crede, porque elle he o principal que para isso temos, porque se outro que mais soubera ou mais

entendera que elle tiveramos, nos volo enviaramos. Tambem vos quiseramos enviar nossa embaixada pelos vossos que ca nos enviastes, mas arreceamos de vos nam apresentarem nossas cousas como queremos. Por este nosso embaixador Matheus vos enviamos huma Cruz do lenho, em que foi crucificado nosso Senhor Iesu Christo em Hierusalem, do que me foi trazido da mesma cidade de Hierusalem, de que fiz duas Cruzes, das quaes a huma nos fica, e a outra vos enviamos com a nossa embaixada, o dito lenho he preto, e leva huma argolla pequena de prata, bem vos poderamos mandar muito ouro, mas porem arreceamos que os mouros per onde avia de passar ho tomarem, e se vos ouverdes por bem, do que nos teremos muito contentamento quererdes casar vossas filhas com nossos filhos, e enviardelas ca, e tomardes nossas filhas pera vossos filhos, volas enviaremos la, com seus dotes de muita somma douro, e prata. A salvação, e graça de nosso Redemptor Iesu Christo, e da nossa sancta Senhora Maria Virgem se estenda sobre vossos estados, e sobre vossos filhos, e filhas, e sobre toda vossa casa Amen. Assim vos fazemos saber, que se ordenassemos nossas gentes, e hostes que poderiamos fazer muito mal aos Mouros imigos da nossa sancta Fe, mas nossos regnos, e senhorios são todos no sertão, nem temos madeira pera fazer navios senam muito longe dalguns portos pequenos que temos no mar, pelo que somos pouco poderosos nelle, no qual vos podeis muito. Iesu Christo vos queira sempre ajudar, que certo as cousas que tendes feitas na India sam milagrosas, e se quizerdes armar mil naos, nos as proveremos de mantimentos, e daremos em abastança aos que nellas virem todalas cousas que lhe forem necessarias.

CAPITULO LX

Em que se trata da Fequetem os Christãos da terra do Abexi, a que os antigos chamão Ethiopia sobelo Egipto.

DEPÓIS de o embaixador do Emperador da Ethiopia, Rei do Abexi ter dadas suas cartas embaixada, e presentes que trazia, el Rei lhe assinou hum dia para perante elle, e dos Prelados do regno que então andavam na Corte, e Doctores, em Theologia responder a algumas perguntas acerca das cousas da Fe, e religiam que os Christãos do Abexi tem, e usam no qual consistorio respondeo particularmente ao que lhe foi perguntado, perante o gentil homem Abexi que com elle vinha, o que Antonio Carneiro Secretario del Rei escrevia, os quaes artigos mandou o mesmo Antonio carneiro no anno de M. D. xv. a Rui fernandez dalmada, residente na cidade Danvers no Ducado de Brabante, que depois ahi foi feitor del Rei dom Ioam terceiro. O qual estando eu na mesma cidade de Anvers servindo el Rei em sua companhia me mostrou estes artigos que eu no anno do Senhor de M. D. xxxi, pus em lingoa Latina, com o treslado da carta da Rainha Helena, que atras fica escripta, e depois disto o mesmo Rei me mandou chamar no anno de Mil, e quinhentos, e trinta, e tres pera se de mim servir, neste regno, onde achei outro embaixador do mesmo Emperador David Abexi de naçam, sacerdote, e Bispo sagrado, per nome Zagazabo, homem mui docto na lingoa Caldea, e Arabia, e mui experto nas cousas da sagrada Scriptura, ao qual depois de feita entre nos amizade, e bom conhecimento, amostrei a carta da Rainha Helena que trouxera Matheus, e os artigos a que respondera perante el Rei dom Emanuel, e elle me dixe que alguns

diferiam da verdade, mas que nem por isso se devia dar culpa a Matheus por ser homem secular e pouco experto nas cousas da Theologia, e nas cerimonias da religiam Christã dos Abexis, por ser estrangeiro Armenio de nação, mas que visto o desejo que eu tinha de saber a verdade destas cousas me prometia de compor hum tratado de tudo o que a este negocio convinha, e mo dar para o poer na lingoa Latina, e por eu ser ido destes regnos quando acabou esta obra, elle me mandou o livro a Padua, onde por respeito dos estudos residi seis annos, do qual livro, que eu tresladei na lingoa latina, porei aqui com a mor brevidade que poder, aquillo que for necessario pera na verdade se saber o que toca a fe e costumes da religião desta gente Christã, e isto pelas mesmas palavras, que o este Bispo embaixador escreveo no tratado que me mandou. Cremos no nome da sancta Trindade, Padre, Filho, Spiritu Sancto, que he hum so senhor, tres nomes huma divindade, tres faces huma semelhança igual conjunçam de tres pessoas, iguaes em divindade hum regno, hum trono, hum juiz, huma charidade, huma palavra, e hum espiritu, a palavra do Padre, e do Filho, palavra do Spiritu sancto, e o Filho he a mesma palavra, e a palavra era acerca de Deos, e acerca do Spiritu Sancto, e acerca de si mesmo, sem nenhum defeito ou divisam, Filho do Padre, e Filho do mesmo Padre, sem começo. sc. Primeiramente sem mãi, Filho do Padre. O segredo, e mysterio de sua nascença ninguem a sabe senão o Padre e o Filho, e o Spiritu Sancto, o qual Filho no começo era a palavra, e a palavra, era palavra acerca de Deos, e de Deos era a palavra, e espiritu do Padre, Spiritu Sancto o espirito do Filho Spiritu Sancto, o Spiritu Sancto espirito de si mesmo, sem nenhuma deminuiçam, ou augmentaçam, o qual

Spiritu sancto consolador, e nosso intercessor, Deos vivo, que procede, do Padre, e do Filho, falou pela boca dos Prophetas, e descendeo em flamma de fogo sobelos Apostolos na porta de Siom, os quaes pregaram per todo o mundo a palavra do Padre, a qual palavra era o mesmo Filho. O Padre não he primeiro por ser Padre, nem he Filho derradeiro por ser filho, e assi o Spiritu Sancto nam he primeiro, nem derradeiro, tres pessoas, hum so Deos, que ve tudo sem ser visto de ninguem, que com seu so conselho criou todalas cousas, depois do que o Filho de sua propria vontade pera nossa salvaçam, com o querer do Padre, e consentimento do Spiritu Sancto, descendeo de sua altissima morada dos Ceos, e encarnou per obra do Spiritu Sancto no ventre de Maria virgem, a qual Maria era ornada de duas virgindades, huma espiritual, e outra carnal, e nasceo sem nenhuma corrupção, ficando ella virgem depois do parto, e com grande milagre, e segredo, inflammada do fogo da devindade, pario seu Filho Iesu Christo, sem sangue, e sem dores, o qual foi homem innocente, e sem peccado, perfeito Deos, e perfeito homem, sem ter mais que hum aspecto. Criouse pouco a pouco, mamando como menino o leite de Maria virgem sua mãi, e aos trinta annos de sua idade foi baptizado no rio Iordam, e assi como os outros homens andou, cansou, suou, ouve fome, e sede, o que tudo sofreo de sua propria vontade. Fez muitos milagres, e per sua divindade deu vista aos cegos, sarou os demoninhados, manquos, e leprosos, resucitou os mortos, o qual per derradeiro de sua propria vontade foi preso, açoutado, esbofeteado, crucificado, e morreo por nossos peccados, e com sua morte venceo a morte, e o diabo, e com sua sancta paixam remio nossos peccados, e tirou de nós todas nossas infirmidades, e com

o baptismo do seu sangue, o qual baptismo foi a sua morte, baptizou os Patriarcas, e Prophetas, e descendeo aos infernos, onde estava a alma Dadam, e de seus filhos. E no splendor, e poder de sua divindade, e com a força da Cruz quebrou as portas, de fogo, e de arame, e dos infernos, e prendeo Satanas com cadeas de ferro, e remio Adam, e seus filhos. Isto tudo fez Iesu Christo, porque era cheo de divindade, e a mesma divindade estava na sua alma, e no seu sanctissimo corpo, e esta divindade deu virtude a Cruz, a qual divindade elle teve sempre, e tem com o Padre em Trindade, e unidade, nem o mesmo Senhor Iesu Christo, em quanto andou na terra careceo hum so momento de sua dignidade, e divindade, em fim foi sepultado este mesmo Iesu Christo, Principe da Resurreiçam, Iesu Christo dulcissimo, Iesu Christo Principe dos Sacerdotes, Iesu Christo Rei de Israel, e resurgio com grande força, e poder, e depois que foram compridas todalas cousas que os Sanctos Prophetas dixeram sobio ao Ceo com gloria, onde esta posto a dextra do Padre, donde a de vir com gloria (trazendo a sua Cruz diante da sua face, e na mam a sua espada da justiça) a julgar os vivos, e os mortos. Creo na sancta Egreja Catholica, e Apostolica, creo em hum Baptismo que he a remissam dos peccados, spero resurreiçam dos mortos, e a vida eterna no tempo que a de vir. Creo a senhora sancta Maria virgem, virgem no spirito, e na carne, a qual como Madre de Deos, e charidade de todalas gentes, Sancta dos Sanctos, Virgem das Virgens, acato, e venero de todo meu coração. Creo o sancto lenho da Cruz, ser o leito da Paixão de nosso Senhor Iesu Christo filho de Deos, o qual Christo he nossa salvaçam por quem somos salvos, escandalo aos Iudeos, e doudice aos gentios. Nos sem nenhum medo pre-

gamos, e cremos a fortaleza da Cruz de nosso Senhor Iesu Christo, do mesmo modo que o Doctor sam Paulo nolo ensinou. Assi creo que sam Pedro he pedra da lei, a qual lei he edificada sobelos Prophetas, fundamento, e cabeça da Egreja Catholica, Oriental, e Occidental, onde se conhece o nome de nosso Senhor Iesu Christo de cuja Egreja sam Pedro Apostolo tem o poder, e as chaves do regno do Ceo, com que pode abrir, e fechar, ligar, e absolver o qual se assentará com os outros Apostolos seus companheiros sobre doze cadeiras, com honrra, e louvor, apar de nosso senhor Iesu Christo, que no dia do Iuizo nos ade julgar, o qual dia sera de prazer aos sanctos, e de tristeza, e temor aos peccadores, quando os lançarem nas flammas ardentes do inferno, com seu pai o Diabo. Creo os sanctos Prophetas, Apostolos Martyres, e Confessores serem verdadeiros imitadores de Iesu Christo, os quaes honrro, e venero com os sanctissimos Anjos de Deos, e o mesmo faço aquelles que os seguem. Alem disto creo que a confissam de todos meus peccados devo fazer de boca ao sacerdote, per cujos rogos, per Iesu Christo nosso senhor, espero alcançar salvaçam de minha alma. Assi mesmo conheço o Pontifice Romam por primeiro Bispo, e pastor das ovelhas de Iesu Christo, e todolos Patriarchas, Cardeaes, Arcebispos Bispos dos quaes elle he cabeça a quem como a menistros do Senhor Iesu Christo humildosamente obedeço. Esta he minha fe, e lei, e do pouco Christão da Ethiopia, subgeito ao precioso Ioam, a qual com tanto amor de Iesu Christo he confirmada antre nos, que nem por medo de morte, nem de fogo, nem de cutello, ajudado da graça de nosso salvador Iesu Christo, ei de arrenunciar, nem negar, e esta fe avemos fe levar todos no dia de juizo diante da face de nosso Senhor Iesu Christo.

CAPITULO LXI

Dos costumes que os Abexis guardam acerca da religiam, e opiniões que tem, e institutos porque se regem, abbreviados do mesmo livro que me deu este Bispo Zagazabo.

Temos oito livros a que chamamos Manda, e a Bethilis, os quaes compuseram os Apostolos nos Concilios que fezeram per vezes em Hierusalem, em que nos mandam, que nosso jejum seja ate o poer do Sol, e que jejuemos todalas quartas feiras em lembrança do conselho que os judeus tiveram naquelle dia pera matarem nosso Salvador Iesu Christo, e que jejuemos as sestas feiras por em tal dia o crucificarem. Os quarenta dias da coresma, mandaram que jejuassem a pão, e agoa, e que sete horas do dia, e da noite orassemos, e rezassemos, sem entendermos em outros negocios que nos das cousas divinas, e que no dia da quarta feira, e sesta se diga Missa a horas de vespera, porque entam spirou nosso Senhor Iesu Christo no sancto lenho da Cruz. Que nos Domingos nos ajuntemos a hora de terça do dia na Egreja, pera ler, e ouvir os livros dos Prophetas, e que feito mandam que se pregue a doctrina do sancto Evangelho, e apos isso se diga a Missa. Ordenarão que em lembrança, e memoria de nosso Senhor Iesu Christo guardassemos nove dias, sc. da Anunciaçam, Natal, Circumcisam, Purificação, Baptismo, Trasfiguração, Domingo de Ramos, ate a oitava de sesta feira das indulgencias, Ascensão, e Pentheoste com suas octavas, e por assi o mandarem os Apostolos nestes livros dos Concilios, ou Synodos,

comemos carne todolos dias desde dia de Pascoa, ate dia de Penthecoste, e em todo este tempo ate a octava do Penthecoste mandam que nam jejuemos, por mor honrra, e veneraçam da Resurreiçam de nosso Senhor Iesu Christo. Mandaram mais que o dia da morte de sancta Maria Virgem, e da sua Ascensão celebremos com muita festa. Alem disto hum Emperador do Abexi, per nome Semente de Iacob, ordenou em louvor, e honra da mesma Senhora Sancta Maria xxxiii, dias de guarda, pelo discurso de todo o anno, e em lembrança da nascença de nosso Senhor Iesu Christo, ordenou que aos xxv dias de todolos meses do anno se fezesse festa, e se guardasse aquelle dia. E assi ordenou que de cada mes se guardasse hum dia em louvor do Anjo sam Miguel, e segundo o ordenaram os Apostolos nestes oito livros dos Concilios guardamos o dia do martyrio de sancto Estevam, e de outros martyres. E polas mesmas constituições scriptas nos mesmos livros, guardamos sabbado, e o Domingo, o sabbado porque nelle repousou Deos depois de ter criado o mundo, e o Domingo por nelle resurgir nosso Salvador Iesu Christo. No dia do sabbado comemos carne, excepto nos da coresma, nos quaes dous dias cremos que repousam no Purgatorio sem serem atormentadas as almas dos fieis Christãos, o qual repouso lhes outorgou Deos nestes dous dias ate acabarem o tempo de sua penitencia, e sairem daquelle lugar, e cremos que as esmolas feitas ca no mundo aproveitam a estas almas, tanto pera lhe deminuir os tormentos, como para lhencurtar o tempo, que ali aviam destar, pera remissam das quaes, o Patriarca não concede nenhumas indulgencias, porque cremos que a limitaçam, assi das penas, como do tempo dellas pertence so a Deos. Somos obrigados a guardar seis preceptos do

sancto Evangelho que nosso Senhor Iesu Christo encomendou per sua boca, de darmos de comer aos famintos, de beber aos que hão sede, agasalhar os peregrinos vestir o nus, visitar os enfermos, consolar os presos. Não contamos mais que cinco peccados mortaes, o que tomamos do derradeiro capitulo do Apocalipsi, onde diz, os cães ficaram de fora e os feiticeiros, e os dissolutos sem vergonha, e os homecidas, e os que adoram idolos, e todolos que amam mentira, e a usam. Mandam os Apostolos nestes livros dos Concilios que se casem os clerigos, o que se assi faz entre nos, mas isto he depois que tem alguma noticia das cousas divinas, o que feito, e celebrado o Matrimonio os recebem na ordem dos Sacerdotes, ao qual estado senão recebem senão depois de idade xxx annos para cima. A nenhum bastardo, nem natural se podem dar ordens, as quaes só ho Patriarcha da. Os Bispos, e Sacerdotes, se lhes morre a primeira molher não podem mais casar, com tudo dispensa nisso o Patriarcha se sam pessoas de muita calidade, e que he necessario fazersse assi pelo bem commum. Nenhum Sacerdote pode ter manceba, senam de todo deixar o offi.io sacerdotal, ficando de todo inhabil pera nunca poder sacrificar, nem tratar as cousas divinas. Se entre nos alguns dos Bispos, ou sacerdotes tiver filho bastardo, o privão logo, sem nenhuma remissão de quantos beneficios tem, e da dignidade Episcopal, e sacerdotal, os bens dos quaes Bispos, e sacerdotes se morrem sem filhos legitimos, vem ao precioso Ioam, e nam ao Patriarcha. Os frades não casam, e quanto aos clerigos, assi elles como leigos nam podem ter mais que huma so molher, os que casam nam se recebem a porta da Egreja, senão em casa dos seus pais ou parentes. Nestes mesmos livros dos Concilios mandam os Apostolos, que qualquer sacerdote que for tomado em

adulterio, homicidio, furto, ou em dizer falso testimunho, que lhe tirem as ordens, e dignidade sacerdotal, e o castiguem como aos outros malfeitores leigos. Qualquer pessoa, seja clerigo, ou leigo que conhecer molher, ou por sonhos se corrompe, nam pode entrar na Egreja se não depois de passadas xxiii horas, e o mesmo nam podem fazer as molheres que andam com seu costume, senam sete dias depois que se lhe for, e ham primeiro de lavar os vestidos que traziam andando com sua purgação. As molheres que parem macho nam vam a Egreja senam quarenta dias depois do parto, e as que parem femea depois dos oitenta. Tambem he defendido antre nos, que nem Gentios, nem cães, nem outra nenhuma alimaria entre nas Egrejas, nas quaes nos não podemos entrar, senão descalços, como o fez Mouses quando lhe Deos dixe, que o lugar onde estava era sancto. O tempo que estamos nas Egrejas nos he defeso, que nam riamos, nem passeemos, nem cuspamos, nem escarremos, nem falemos em cousas profanas e assi he defeso aos que tomão o venerabile Sacramento, de nam cuspir todo aquelle dia, e se cospem os castigam com graves penas. No dia da Epiphania nos Baptizamos com grandes festas, e solenidades o fazemos, nam porque creamos ser necessario para nossa salvação, senão em memoria do baptismo de N. Senhor Iesu Christo, usamos a circuncisão desdo tempo da Rainha Sabà. Esta Rainha se chamava Maqueda, a qual como soubesse da grande prudencia de Salamam, determinou de o ir visitar, e desputar com elle, por ella ser mui sabia, e experta nas cousas de sua religiam, onde aprendeo de Salamam os Mandamentos institutos, e cerimonias da lei, e ouvio delle os livros dos Prophetas, do qual depois de despedida pario no caminho hum filho que concebera delle, a quem pos nome Meilech, que

depois de ser de idade de xx annos mandou a el Rei Salamão, pera o douctrinar, pedindolhe que o ungisse por Rei da Ethiopia, diante da arca do Testamento, e fezesse lei que dalî por diante os filhos sucedessem no regno de Ethiopia, e nam as filhas, como entam acostumavam, ao qual Meilech Salamam mudou o nome, e lhe deu o de seu pai David. Este David depois de bem ensinado nas cousas da lei tornou Salamam a mandar a Rainha Sabà sua mãi, acompanhado de muita gente nobre, e officiaes de sua casa, que lhe pera isso ordenou, entre os quaes era Azarias primeiro sacerdote do templo, filho de Sedohoc o qual pedio a David que lhe ouvesse licença de seu pai para sacrificar diante da arca do Testamento antes que se partissem, para rogar a Deos pelo bom sucesso da sua viagem, o que lhe Salamam concedeo. Azarias como teve esta certeza mandou fazer secretamente humas taboas do mesmo molde, das que estavam na arca do Testamento, as quaes no dia que sacrificou, meteo na arca, e tomou as verdadeiras, que Deus dera a Mouses no monte Sinai, e as levou comsigo, sem o ninguem saber, se nam depois de ser em Ethiopia, onde o revelou a David, o qual se foi logo a tenda de Azarias, onde estavam as taboas, com grande alegria, fazendo grandes festas per todo o caminho, balhando, e saltando diante da arca onde hiam as taboas, como o fezera el Rei David seu avo o que continuaram ate chegarem onde estava a Rainha Maqueda sua mãi, que recebeo as taboas com muita devação, e as mandou poer em lugar a isso conveniente, e logo dahi a pouco pos o governo de todos seus regnos, e senhoritos em seu filho David, do qual tempo pera ca, como temos por annaes, sucederam sempre no regno filhos machos, o que a ja bem dous mil, e seiscentos annos que continua, e assi ficaram os officios da casa

dos Reis nas linhagens daquelles que nos mesmos carregos servirão este Rei David, sem se nunca mudarem, nem se poderem mudar, por o assi termos por lei, e desdentam pera ca guardamos a lei de Deos, e usamos a circuncissam, o que se tambem fez nas mulheres, nam por o mandar a lei de Deos, senam polo esta Rainha Máqueda ordenar, e ficou assi em uso até agora, e depois da circuncisam se baptizarem os machos aos quarenta dias, e as femeas aos oitenta, e o dia que se baptizão lhes comunicão o venerabele Sacramento em huma migalha de pam. E alem disto entre nos outros senão usa a Crisma nem a Extrema unçam, nem os temos por sacramentos, como o faz a Egreja Romam e segundo o manda a lei de Mouses, e os institutos que temos dos Apostolos nam podemos comer nenhuma cousa daquellas que a lei defende, e poem por mas, e cujas o que fazemos pera cumprir em tudo a lei velha, e nova, dos quaes dous Testamentos temos oitenta, e hum livro. sc. do velho xlvi, e do novo trinta, e cinco, os quaes livros guardamos sem delles mudarmos nada, nem somos obrigados a guardar nenhumas constituiçoens que façam os Patriarcas, nem os Bispos sobpena de peccado mortal, nem elles podem instituir leis perque nos obriguem a tam grave jugo, como he o do peccado mortal. Quanto ao sacramento do baptismo, nos o recebemos quasi primeiro que todolos Christãos, perque foi desdo tempo que o Eunuco da Rainha Candacis, per nome Indich, nolo pregou, ensinado pelo Apostolo S. Phelippe, como se conthem nos Actos dos Apostolos. E quanto ao que toca aos mininos, a que a Egreja Romam chama pagãos, por nam receberem a agoa do baptismo, nos lhe chamamos meos Christãos, e temos que se salvam, por serem nascidos de paes Christãos, no baptismo dos

quaes, e do Spiritu Sancto, e do sangue de nosso Senhor Iesu Christo se salvam. E assi constituiram os sanctos Apostolos que nos confessemos aos sacerdotes, e a penitencia que nos devem dar segundo a calidade de cada um dos peccados, e temos por costumes, que como peccamos, assi homens como moheres, nos imos confessar, tomando lôgo o corpo do Senhor em ambalas specias do pão e do vinho consagrado, o que fazem assi clerigos como leigos. O sacramento da Eucharistia nem se guarda nas Egrejas como se faz ca em Europa, nem se da este venerabele Sacramento a ninguem em sua casa, nem ao Patriarca, nem ao precioso Ioam, nem aos doentes, e se o querem se fazem levar as Egrejas pera o assi recebe-rem. Viamos sempre hum confessor, nem podemos tomar outro, senão em absencia do que nos confessa. Os sacerdotes nam podem ouvir de confissão aquelles a que se confessam, os quaes sacerdotes, e os frades de qualquer ordem que seja vivem todos de seus trabalhos porque as Egrejas nam tem os dizimos como cá, com tudo tem terras que os clerigos, e frades aproveitam de que se mantem sem pedirem esmollas, o que se nam via, nem permite antrelles, e o tem por afronta, nem recebem outras esmolas, senam as que offerecem nas Egrejas, nas exequias dos mortos, e outras que cada hum da pro sua devaçam. Nas nossas Egrejas não se diz mais em cada huma dellas que huma so Missa cada dia, sem se por ella dar premio ao sacerdote nas quaes Missas senam mostra a Hostia, nem ho vinho consagrados como o usa a Egreja Romam, e assi tomam a corpo do Senhor todolos sacerdotes, diaconus, e subdiaconus, e os leigos que se acham na Egreja. Nam temos por costume dizer nenhuma Missa pola remissão das almas. Enterramos os mortos com Cruzes, e oraçoens em lu-

gar certo, entre as quaes oraçoens, disemos o come ço do Evangelho de sam Ioam, e ao dia seguinte do enterramento damos esmolas por elles, e alguns outros dias depois nos quaes dias todos comemos, e bebemos juntamente os parentes, e amigos do morto, e rezamos por sua alma, e fazemos sermoens em louvor delle, e das cousas que em sua vida fez bem feitas. Tudo o que atras dixe toca as cousas da Fe, agora direi do nosso Patriarca, o qual não pode ter esta dignidade senão for ellegido pelos frades Abexis, que estão em Hierusalem na casa do sancto Sepulchro, o que he pelo modo seguinte. Tanto que morre o Patriarca lhes manda logo o Emperador precioso Ioam hum messageiro a Hierusalem, os quaes como lhe dam este recado, ellegem logo hum Patriarcha o qual ha de ser natural de Alexandria, e frade da ordem de sancto Antonio Ermitam. Feita a elleição mandãona ao Patriarca de Alexandria ao Cairo, onde sempre reside, per este messageiro, e se ha eleiçam lhe parece boa, a confirma, e manda logo o ellecto Patriarcha, pera a Ethiopia com o mesmo messageiro, onde o recebem com todalas cerimonias requeridas a huma tal dignidade. Neste negocio se passam as vezes dous annos, e mais, no qual meo tempo despensa o precioso Ioam das rendas do Patriarcha como lhe bem parece O officio principal do Patriarcha he dar ordens; as quaes ninguem pode dar nem tirar senam elle, os Bispados, e beneficios da o precioso Ioam, e nam o Patriarcha, do qual depois morto fica o precioso Ioam por herdeiro insolidum. Este nosso Patriarcha procede com excommunhoens contra os contumaces, o que se guarda tam inteiramente, e executa com tanto rigor, que alguns destes per sentença manda matar a fome. Não concede, nem da indulgencias, nem per outro nenhum crime se entredizem

os Sacramentos da Egreja senão per homecidio. Este nome de Patriarcha, se diz na nossa lingoagem Abuna, e o que agora tem a cathedra do patriarcado se chama do nome do Baptismo Marcos, homem de mais de cem annos. O anno se começa antre nos no primeiro dia de Septembro no qual celebramos a festa do bemaventurado sam Ioam Baptista, e os outros dias de festa, como Natal, Pascoa, Penthecoste, e todolos outros celebramos nos mesmos dias que o faz a Egreja Romam, a Fé de nosso Salvador Iesu Christo (como temos per certas scripturas) nos pregou o Apostolo são Phelippe. O nosso Emperador nam se chama Preste Ioam, como erradamente lhe ca na Europa chamão, senão Ioão precioso, porque nos lhe chamamos na nossa lingoagem Ioam belul, que quer dizer Ioam precioso, e na lingoa Caldea lhe chamam Ioam encone, que quer dizer Ioão precioso, ou alto, nem lhe hãode chamar Emperador do Abexi, senam da Ethiopia. A successam deste seu imperio, regnos, e senhorios, nam vem ao filho mais velho, se não ao que o Emperador nomea, e este David que agora regna, he filho terceiro no qual o pai nomeou o Imperio, porque estando pera morrer mandou aos filhos, per ordem que se assentassem todos no seu throno real o que os outros fezerão, excepto David dizendo que a Deos não aprouvesse que vivendo seu pai se ouvesse elle dassentar na sua cadeira real, o que vendo o pai, e a humildade que usara nomeou nelle o imperio em que a muitos regnos, e senhorios, tanto de Christãos como de Mouros, e Gentios, nos quaes todos, se não usa moeda da terra, se nam estrangeira, e por senão forjar moeda se da o ouro, e prata a peso. Nestas provincias não ha tamanhas cidades, nem povoaçoens como ca na Europa, a causa he andar o precioso Ioam sempre no campo, e se agasa-

lhar com todo seu exercito em tendas, o que faz para se a nobreza exercitar nas cousas da guerra, porque continuamente a tem com os Reis, e senhores seus visinhos, que todos sam infieis. Entre nos se nam usa o direito scripto, nem as demandas se fazem per scripto, senão verbalmente, o qne he causa de aver poucas, e menos procuradores. Alem disto he bem que se saiba que Matheus não veo a estes regnos per mandado do precioso Ioam se não de sua avo, per nome Helena, molher que fora do Emperador que se chamava mã de Maria, avo deste David, a qual governava por ser David de menoridade. Esta Rainha era mui docta na sagrada Scriptura, em que compos dous livros, a hum chamam Enzerachebá, que quer dizer, louvai a Deos com orgãos, em que disputa da Trindade, e da virgindade de nossa Senhora mãi de Iesu Christo, o outro livro se chama Chedale, Chay, que quer dizer raio do Sol em que trata da lei de Deos. Tudo isto que aqui screvi de nossa Fe, Religião, e costumes, eu Zagazabo, que quer dizer graça do Padre, Bispo sacerdote, e Bugana, Raz, sc. cavalleiro, vicerei da provincia de bugana, fiz por mo vos meu muito amado filho em Christo Damião de goes pedirdes pera assi dar a entender aos que reprehendem nossos institutos, que os temos dos livros dos Concilios dos Apostolos, e do livro do regimento que Christo nosso Salvador deu aos mesmos Apostolos, e assi pera renovar, e confirmar as amizades deste poderoso Principe com o Pontifice Romão e com o serenissimo Rei dom Ioam de Portugal terceiro do nome, que ao presente vive, e nam pera deminuir nem acrecentar nas instituições humanas, nem dos Pontifices Romãos senão pera se saber a conveniencia que a na observaçam das cousas da Fe, entre os Christãos da Europa, e nosoutros, e pera me informar dos er-

os de Arrio Principe dos Herejes, e saber se os Christãos da Europa, e os nossos convinham contra eus erros, pera de todo serem destroidos, e anichiados, sobelos quaes erros em Nicea tendo o Pontificado Romão Iulio, se ajuntarão trezentos, e dezoito Bispos. E pera se saber se se guarda pelos Christãos la Europa o que os Apostolos mandão guardar nos eus livros dos Concilios, que he que todolos annos açamos duas vezes Concilio sobelas cousas da Fe, e rdenações Ecclesiasticas, de que o primeiro ordenaão que fosse per Penthecoste, e o segundo aos xviii lias do mes Doctubro, e assi me mandou ca Sua Magestade do precioso Ioam, pera saber como conem antre nos todos acerca dos erros de Macedonio ereje, per cuja causa sendo Papa Damaso, se ajunarão em Constantinopla cento, e cincoenta Bispos, e ssi sobelos errores de Nestorio, sendo Papa Celestio contra a qual heresia se ajuntarão em Epheso duentos Bispos, e em fim pera saber do quarto, e rande Concilio Chalcedoniense, em que por causa a heresia de Euthiches se ajuntaram seiscentos, e rinta, e dous Bispos sendo Papa sam Leão do qual Concilio depois de muitas disputas, sem dellas aver enhum bom effecto se forão todos, cada hum com a pinião com que a elle vierão, dos quaes Concilios e outros que se depois celebraram tem o potentissimo Emperador da Ethiopia David meu senhor em scripto, per extenso o que se nelles fez. Sobelas quais couas me mandou ca e assi pera dar obediencia ao Ponfice Romão, o qual desdo começo da primitiva greja tevemos sempre por primeiro Bispo, e oje em ia lhe obedecemos como a Vigario de Christo nosso alvador, a cuja corte viriamos muitas vezes se o aminho alem de ser longo nos não fosse empedido elos Mouros imigos da nossa sancta Fe, senhores

das provincias per onde somos constrangidos a pas
sar, nem podemos per nenhuma outra parte vir a
terras, e senhorios dos Christãos da Europa, senão
pelas destes infieis.

CAPITULO LXII

*Do sitio das terras, e senhorios que possue o precios
Ioam, Emperador da Ethiopia sobelo Egipto, e dal
guns costumes da gente da terra, e ordem da sua
casa.*

As terras, e senhorios do Emperador da Ethio
pia Rei do Abexi vem dar nas portas d
mar Darabia, da qual banda tera de cost
ate çuaquem, cento, e vinte legoas pouco mais, ou me
nos, metendosse aqui alguns lugares montanhosos, habi
tados de mouros que lhe não obedecem. Da banda d
Occidente entra pelo sertão, ate entestar com terr
de gente negra como a de Guine, Gentios que o reco
nhecem por senhor, e lhe pagam tributo em ouro, d
que naquella provincia a muitas minas, assi nas ser
ras, como na terra chã, que devem ser as mesmas d
que vem o ouro a çofalla, ou per razam nam dev
estar muito longe dellas. Da banda do Norte tem
Egipto, e do Sul os montes da Luma, dos quaes saen
rios de que se fazem grandes alagoas, donde nasce
Nilo que corre toda esta terra, e a do Egipto at
sair no mar medeterranio, junto da cidade Dalexan
dria, fronteira da ilha de Chipre. Faz este rio Nil
huma grande ilha, per nome Meroe, a que agora cha
mão Elsaba, ou Nobá, donde dizem os da terra qu
era senhora a Rainha Sabá, ou Maqueda, e que dall

partio pera Hierusalem a ver-se com el Rei Salamam, que da mesma ilha foi tambem senhora a Rainha Candaces que mandou o Eunuco, per nome Indic a Hierusalem com offertas ao templo, que foi baptizado pelo Apostolo sam Phelipe, no qual nome de Rainha alguns scriptores poem duvida, dizendo como podia regnar esta Rainha na Ethiopia, sendo feita lei per Salamão, que na erança daquelles regnos succedesse senão macho, como se continuou ategora, segundo o afirma o Bispo Zagazabo no livro que me mandou a Padua, e sobristo fazem estes scriptores grandes duvidas, movendo algumas questões, que todas se lhe podem resolver per este modo, que esta Rainha Candaces molher de boa vida, e docta na lei de Moises, que os daquellas provincias guardavam, desdo tempo de David filho del Rei Salamam, a qual posto que tivesse nome de Rainha nam o era por sucessam, senam per conjunçam de matrimonio, e tinha nome de Rainha por ser molher do Rei daquella parte da Ethiopia, e assi o dizem os Abexis, e deste modo fica entendido este negocio sem se sobrisso fazerem longas, e duvidosas disputas. Os regnos, e senhorios deste Emperador precioso Ioão conthem em circuito (como mo dixe este Bispo Zagazabo) mais de sete centas legoas, a nelles grandes cerranias, de que algumas são tão serradas que senão pode entrar nellas pera chegarem as povoações que tem senão por lugares tão estreitos que se fechão com huma só porta, encima das quaes serranias a muitos campos, e rios de que se regão, que os faz ser muito fertiles como o he a mor parte de todos estes senhorios de pão, e criações, e algodões, e o seria muito mais se a mor parte da gente nam fosse vagabunda, e ociosa, e assi de muitas minas douro, prata, cobre, estanho, ferro e chumbo, do que a muita cantidade, e o mesmo criações de ca-

vallos e mullas, não tem vinho, em lugar do qual usam uma beveragem feita de mel, e agoa, que he como a que usam os Moschoitas, Roxos, Livonios, e Lituanos, a que chamam Mede, muito suave de beber e delle tam forte como malvasia de Candia, e do mesmo sabor, he muito são no corpo, em tanto que naquellas partes quasi não sabem que coisa he fisico, nem boticario, e eu me achei em alguns lugares destas provincias, nos annos de M. D. xxix. e xxxi, de que os moradores delles ate entam nam tinham noticia daçucar, nem sabiam que cousa era. Este Emperador David que neste tempo vivia, se intitulava do modo seguinte. David amado de Deos, columna da Fe, do sangue da Stirpe de Iudà, filho de David, filho de Salamão, filho da columa Syon, filho da semente de Iacob, filho de mam de Maria, filho de Nau per carne, Emperador da grande, e alta Ethiopia, de todos seus grandes regnos e provincias, Rei de Xoa, de Cafate, de Fatigar, de Angote de Baru, de Baaliganzi, de Adea, de Vangue, de Gojane, onde nasce o Nilo, de Marà, Vague madri, de Ambea, de Vagne, de Tigrimahon, de Sabaym, donde foi a Rainha Saba, de Barnagaz, senhor ate Nobia, onde he a fim do Egipto. Todos estes senhorios conthem o spaço que dixe, que sera tamanho como toda Hispanha, e França ate o rio Rim, segundo a devide Iulio cesar nos seus Commentarios, e por este regno ser tamanho, e de gente Christã, e Mahometana, Barbara, e Gentia, nunca este Emperador está sem ter guerras com os mesmos vassalos, que se lhe rebellam muitas vezes, e quando a nam tem com estes he com seus vizinhos, de que tamhem tem alguns assaz poderosos, que lhe resistem, e fazem guerra, pelo qual respeito anda sempre no campo, e se agasalha em tendas que depois darmadas, assi as suas, como as outras tomam mais de tres

legoas de comprido, e traves, porque tem por costume assentar seu arraial em redondo, se o sitio do lugar o padece, no meo do qual fica a praça principal, e as tendas do Emperador, e officiaes de sua casa a legoa della, e as vezes mais, e as dos outros senhores, e mais praças per lugares ja certos: de maneira que onde quer que o arraial esta se sabe a parte em que cada huns destes senhores pousa, e onde estam as praças isto tão certo, que por rustico, que hum homem seja não podera errar estes aposentos. Neste arraial a treze freguesias, nas quaes cada hum dos fregueses he obrigado ouvir os officios divinos, e pregaçoens no seu templo, que he de tendas como o demais do arraial, em que continuamente a mais de duzentos mil homens de peleja, e serviços, e per este respeito (de o Emperador andar sempre no campo) não ha villas, nem povoaçoens que passem de dous mil vizinhos, mal cercadas, e muitas sem outros muros que tranqueiras, e as mais sem ellas, de que quasi todos os moradores sam lavradores, e mercadores, que não seguem a guerra, sacerdotes, e religiosos que administrão os sacramentos da Egreja nos lugares dos que sam Christãos, com tudo tem magnificas, e sumptuosas Egrejas, e mosteiros feitos de pedra, e cal, e cantaria mui bem lavrada. O estado deste Emperador precioso Ioão era tamanho que pareceria cousa fabulosa contallo, porque em seu modo, e cerimonias queria mostrar ser mais divino que humano, ate tanto, que muitos senhores, e Reis seus subjeitos lhe não podião ver o rosto senam per mysterio, porque a huns quando lhe hião fallar mostrava hum pe, e a outros huma mão, sem lhe mais poderem ver, e a resposta que lhes dava (estando elles na mesma camara, onde elle estava, em hum leito cuberto, e fechado com cortinas) era per terceira pessoa mas depois que

perdeo algumas batalhas, que contra elle ganharam seus imigos, e os Portuguezes lhe terem socorrido, como se na Chronica del Rei dom Ioão terceiro dira tomou mais humanidade deixandosse ja gora ver, e communicar do modo que lhe dixerão que o fazem os Reis da Europa, no que me não alargarei mais, nem nos costumes das gentes daquellas provincias, remetendome ao que Franciscalvares capellam del Rei (que por seu mandado foi com o embaixador Duarte galvam ao precioso Ioam) escreveo em hum livro que compos das cousas que vio, e passou em spaço de seis annos que naquellas partes esteve, da qual embaixada se dira em seu lugar.

CAPITULO LXIII

De como Afonso Dalbuquerque despachou antes de partir de Cochim George Dalbuquerque pera Malaca, e da morte de Ninachetu.

ATRAS fica dito como per parecer de todolos capitães, e outras pessoas nobres que se acharaõ em Cochim, depois da tornada de Afonso Dalbuquerque da viagem que fez ao mar Darabia, se fora invernar a Goa, deixando em Cochim seu sobrinho dom Garcia de noronha pera prover no despacho das naos que aviam de tornar pera o regno, que foram seis, e andandosse fazendo prestes despachou pera Malaca George Dalbuquerque pera la ficar por capitam, e servir Rui de brito patalim que entaõ servia o mesmo cargo o qual partio de Cochim no mes de Ianeiro deste anno de M. D. xiiii, com alguns navios que hiam em sua companhia, que seguindo viagem foi

ter ao porto de Pacem, onde achou o Rei que era nosso amigo em armas contra hum seu vassallo que se lhe levantara, na qual guerra o ajudou George Dalbuquerque, levando em huma batalha que ouverão, a dianteira com so a gente Portuguesa, em que o rebel foi desbaratado, e mortos muitos dos seus. O que feito se partio pera Malaca, onde chegou no mes de Iulho, e foi bem recebido de todos, e assi de Rui de Brito, que sem a isso poer duvida lhe entregou a fortaleza, e se partio perà India. Depois de George Dalbuquerque ser em Malaca, dahi a alguns dias recebeo cartas Dafonso Dalbuquerque em reposta das que lhe mandara per Rui de Brito, em que lhe screvia acerca do officio de Bendara pera Abbadella, Rei de Campar, por quanto Afonso Dalbuqnerque lhe encomendara este negocio quando o despachou de Cochim, nas quaes cartas lhe screvia que lhe desse o dito officio, e suspendesse delle Ninachetu Gentio que o servia, a qual reposta avida despachou logo George Dalbuquerque, George Botelho, por ser amigo del Rei de Campar, e saber a terra, e lingoa pera o trazer em huma galeota que lhe pera isso deu, e com elle mandou Alvaro Vaz, e outro capitão cada hum em sua lanchara, em que hiam obra de sessenta Portugueses, e outra gente Malaia, mas antes de chegarem a Campar, soube George Botelho como el Rei de Lingua genrro del Rei de Bitam, tinha cercado o Rei de Campar, cujos capitães imigos eram por elle ser nosso amigo, e porque a gente do cerco era muita, e a nossa pouca despachou George Botelho huma lanchara a George Dalbuquerque, a pedirlhe gente, e navios pera ir socorrer a este nosso amigo, ao qual logo mandou Francisco de Mello, e debaixo de sua capitania de Tristã de Miranda, Antonio de Miranda Dazevedo, e Aires Pereira de Berredo cada hum em seu navio,

com outros em que irião cem homens Portugueses, afora os da terra que seriam setecentos, os quaes acharão George Botelho com sua companhia na foz do rio de Campar, que todos juntos entraram ate chegarem a hum estreito que corre de longo da cidade, no começo da povoaçam do qual tinha el Rei de Lingua feita huma tranqueira muito forte de que dava assaz que fazer a el Rei de Campar. Os nossos em começando dentrar pelo estreito acharâono tam estreito, e tão alcantilado dambalas bandas que se não estreverão passar adiante, com receo que de riba as pedradas, zargunchadas, e outros arremessos os matassem e ferissem a mam tente, sem de nenhuma maneira se poderem valer, pelo que logo se tornaram a boca do rio, com tenção de tolherem que nam viessem mantimentos a el Rei de Lingua, pera que constrangido da fome, ou descercasse a cidade, ou saissem a pelejar, o que nem receou fazer, porque sahio a elles com obra de oitenta lancharas e mais de seis mil homens, vindo o mesmo Rei de Lingua diante em huma lanchara tamanha como a grande galé apadesada, e artilhada, em que trazia duzentos homens nobres seus familiares. Na qual ordem sem serem vistos dos nossos per caso do Alcantil, e ribanceiras que o estreito tem de huma, e da outra banda, chegaram a George Botelho que estava na boca delle com sua armada, que em vendo a lanchara del Rei a começou de servir de bombardadas, de maneira que hum tiro lhe matou muitos remeiros, o que foi causa de todolos outros que ficavam daquella banda per onde a bombarda varejara, se lançarem a agoa, ou se deixarem cair pera dentro do bordo da lanchara, a qual ficando desmareada se atravessou no estreito ficando encalhada de huma, e da outra banda, que foi causa de nenhuma das que vinham atras poder passar adiante, o que vendo Geor-

ge Botelho foi logo aferrar a lanchara, em que achou assaz de resistencia, por caso da boa e nobre gente que nella hia, mas em fim elle a despejou, lançandosse, assi el Rei, como os outros, huns no lamarão para se salvarem em terra, e outros nas lancharas, que com a corrente da agoa estavam todas em pilha embaraçadas humas com as outras, sem poderem passar adiante per caso da del Rei que lho impedia, e a jusante da mare lhe tolher que não podessem tornar pera cima. Francisco de Mello, que com a sua frota estava abaixo do estreito, quasi na boca do rio, ouvindo o som das bombardas sem saber o que era, acudio ao lugar onde estava George Botelho, e achandoo ja na lanchara del Rei de Lingua que tinha destroçada, entrou per ella, e de huma em outra, elle, e o mesmo George Botelho as fezeram despejar todas, e foi tamanho o medo del Rei de Lingua, e dos seus, que logo alevantarão o cerco, acolhendo-se todos o mais depressa que poderam. O que feito el Rei de Campar se veo ver com Francisco de Mello, e George Botelho, a quem logo dixerão que a causa da sua vinda era pera o levarem a Malaca, onde o governador Afonso Dalbuquerque tinha ordenado que servisse de Bendara, o qual recado recebeo com muita alegria, por aver ja dias que esperava por elle, pelo assi ter assentado com George Dalbuquerque no tempo que o foi visitar a Malaca, pelo que se fez logo prestes com sua casa, molher, e filhos, dando-lhe Francisco de Mello pera sua embarcação a lanchara del Rei de Lingua, que elle teve por grande honrra, e das outras tomou Francisco de Mello as que se poderam marear, e as mais mandou poer o fogo. E deixando el Rei de Campar provido nas cousas que cumpriam a guarda de suas terras, se partirão, e sendo ja todos na foz do rio, pera seguirem viagem, veo ter com

elles, Ioam Lopez Dalvim, com poderes de George Dalbuquerque, pera irem todos debaixo de sua capitania sobre Bintam, ao que nam quiseram obedecer, desprezando-se de irem a hum tam honrrado feito, debaixo de sua bandeira pelo que depois de serem em Malaca, George Dalbuquerque procedeo contra os capitães, e pessoas nobres por nam obedecerem a seus mandados, do que dahi a poucos dias os absolveo, e a Ioam Lopez Dalvim, e George Botelho, com outros capitaens mandou sobre Bintam, mas elles se tornaram de la sem fazerem nada, pela ma disposiçam que acharam no negocio a que hiam. Ninachetu sabendo que el Rei de Campar era chamado pera servir de Bendara, vendo que sem causa lhe tirava Afonso Dalbuquerque o officio que lhe dera pelos serviços que tinha feitos a el Rei dom Emanuel, antes, e depois daquella cidade ser sua, de nojo, e tristeza tomou de si mesmo vingança, porque na mesma hora que lhe derão as novas, se queimou pubricamente em uma fogueira de Sandalos e lenho aloes, o que fez com grande pompa, e aparato ao modo Gentio, recitando aos que eram presentes o discurso de sua vida, e serviços que fezera a el Rei dom Emanuel, e a causa porque se matava. Este foi o galardam que hum tam bom velho, e tam leal homem houve em pago da grande amizade que teve com os Portugueses, desde o dia que foram a Malaca, ate que elle movido de huma tamanha ingratidam per si mesmo deu fim aos seus.

CAPITULO LXIV

Do sitio do regno de Cambaia, e costumes dos da terra, e de huma embaixada que Afonso Dalbuquerque mandou ao Rei que entam regnava.

O Regno de Cambaia, a que tambem chamam do Guzarate, he tamanho que se afirma aver nelle mais de setenta, e cinco mil povoaçoens, entre cidades, villas, e bons lugares afora as aldeas pequenas que sam infinitas, he muito rico, e abastado, a nelle muitas ribeiras, a mor parte das quaes se metem no rio Indo, que neste regno entra no mar, na enseada, a que os scriptores antigos chamam Canticolpus. Ahi tanta abstança de pão, criaçoens, e caças daves, e de monte que abastam seis legoas de terra, pera manterem hum exercito de cem mil homens seis meses, que parece cousa incrivel, nem o ponho aqui senão por se ter por cousa muito certa, assi entre os da terra, como entre os Portugueses que la andaram. Criansse tambem muitos cavallos pequenos como quartaos de Dinamarca, e os grandes, que usam na guerra lhes vem em grande cantidade da Arabia, e da Persia. Os lugares da costa deste regno sam habitados de mouros, e o sertão pela maior parte Gentios, entre os quaes a huma gerançam a que chamam resbutos, que sam homens de guerra, e governavam a terra do tempo que eram todos gentios, mas depois que se os Reis fezeram mouros, estes Resbutos se recolherão as montanhas ficando sempre em sua crença, e dalli fazem muitas vezes guerra ao Rei de Cambaia. Ahi outro genero de Gentios a que chamão Banjaens que vivem misticamente assi en-

trestes Resbutos, como entre os Mouros, os quaes nam comem cousa que tenha sangue e per sua lei não podem matar, nem ver matar cousa nenhuma, e isto em tanto que as candeas com que se alumiam metem em alenternas por as moscas, mosquitos e borboletas senam virem queimar no lume dellas. Sam tam charidosos nesta parte, que compram per dinheiro os homens que os Mouros, e Resbutos condemnão por sentença a morte, mas fora deste precepto nenhuma outra charidade usam, porque sam todos onzeneiros, e falsarios de todo genero de pedraria, e mercadorias. A tambem neste regno Bramanas, que he outra sorte de Gentios religiosos, de que ja tenho tratado. Tem assi estes Gentios como os Mouros casas feitas ao nosso modo mui grandes, com seus pateos, varandas, e camaras tudo lavrado de macenaria, e pintado douro, e azul, e outras cores, com muitos jardins, e tanques dagoa, de que a alguns tamanhos que podera andar nelles huma grande barca bem carregada. Ahi neste regno muitos mercadores, e mui ricos, assi Gentios, como mouros, huma das mores mercadorias da terra he de pannos dalgodão. A costa do mar em algumas partes deste regno espraia duas, e tres legoas, e com a enchente vem tão de subito que hum homem a todo correr se nam pode salvar do macareo, e hum cavallo corre perigo, se o cavallo nam for ligeiro, pelo que se pode crer que esta he huma das provincias em que Alexandre Magno andou, e donde tambem foi senhor el Rei Dario que elle desbaratou, do que Arriano, que em lingoa Grega escreveo a vida de Alexandre faz mençam, e assi do curso, e recurso destas mares, e diz que os cavallos desta terra se mantem de peixe seco, o que oje em dia assi se faz, o Rei deste regno he Mouro, e tem mui grossas rendas, e se serve com grande estado, tem senhores seus vassallos,

e de cento, e duzentos, ate oitocentos mil cruzados de renda. Entre os homens de guerra que traz a soldo, a muitos Abexis, Coraçones, Turquemanes, Arabios, Persios, e Mamelucos, que o vem servir pelas muitas merces que lhe faz, alem do soldo, e ordenados que delle tem. Usam na guerra Elephantes, que lhe vem da ilha de Zeiland, e por esta terra ser de muito trato, e em seus portos se recolherem muitas naos de mercadores dessejou muito Afonso Dalbuquerque fazer huma fortaleza na cidade de Dio, que está situada em huma ilheta de bom porto apegada com terra firme, per cujo respeito he de grande trato, no que sabendo que lhe era contrairo Miliquiaz capitam desta cidade, como ja fica dito, depois de ser na India se carteou com hum grande privado del Rei de Cambaia per nome Meliquegupi, fazendo grandes avantagens a todalas suas naos que vinhão a Goa, mandandolhe alguns presentes, com tençam de per sua via aver licença del Rei para fazer alli huma fortaleza, sobelo que tendo ja reposta do mesmo Meliquegupi, dandolhe esperança de se poder affectuar o que desejava, determinou de mandar hum embaixador a el Rei de Cambaia, pera o que escolheo Diogo Fernandez de Beja, e com elle por acessor Iaimes Teixeira, e por secretario da embaixada Francisco Paez, e por lingoa Duarte Vaz e vinte Portugueses homens nobres, a que mandou dar tudo o que lhes era necessario pera suas pessoas, e despesa do caminho. Com a qual companhia partio Diogo Fernandez de Goa no mes de Fevereiro deste anno de Mil, e quinhentos, e quatorze, e o primeiro porto que tomou de Cambaia, foi o da cidade de çurrate que era de Meliquegupi, onde chegou aos quinze dias do mes de Março, e foi bem festejado Destrocem governador da cidade por ja ter recado del Rei de Cambaia pera receber o embaixador, e

lhe fazer todalas honrras que podesse pelo que vieram muitos homens nobres da cidade, e alguns criados do mesmo Rei que se alli acharam receber Diogo Fernandez a praia. Depois de serem na cidade, o Governador lhes mandou a todos suas cabaias em nome del Rei, que he a mor honrra que se entrelles faz aos embaixadores, e pessoas de calidade estrangeiros. Diogo Fernandez depois de ser em çurrate soube que Meliquegupi andava fora da graça del Rei, pelo que como o remate de seu negocio estava neste homem que entam andava agravado determinou de se tornar perà India, o que sabendo o Regedor de çurrate, e hum irmão do mesmo Meliquegupi que alli estava esperando por elle, lho estranharam muito, e nam tam somente lho nam consentirem, mas antes lhe derão logo xxxiii cavallos pera o caminho, e doze carretas para levarem fato, e criados pera lhe curarem os cavallos, e trinta piães da terra frecheiros e hum capitam del Rei com gente de cavallo pera os acompanhar. Partido Diogo Fernandez de çurrate, foi ter aos quatro dias de Abril a Champanel, que he huma das principaes cidades do regno de Cambaia, e das mais fortes, onde se vio com Meliquegupi, de quem recebeo muita honrra, e gasalhado, avisandoo logo que Miliquiaz capitão de Dio com suas manhas, e peitas lhe avia destrovar o negocio da fortaleza que vinha pedir. Ali esteve Diogo Fernandez tres dias acabo dos quaes partio perá cidade de Madava, que he maior que a de Champanel, e de milhores edificios, dandolhe Meliquegupi tudo o que lhe foi necessario pera o caminho, e gente de cavallo com hum capitam seu criado, encomendando a Diogo Fernandez que ate chegara. Mãdava nam pousasse senam onde lhe aquelle seu capitam dixesse, porque poderia correr risco de sua pessoa e dos que com ell

hião, nam o fasendo assi. Chegados a Madava, Codamaçam guazil mor del Rei o mandou receber antes de entrar na cidade com muita gente de cavallo, trombetas, e atabales, e dizer que viesse pousar com elle ate que el Rei tornasse da caça, onde avia dous, ou tres dias que andava, e o deixara assi ordenado, o que Diogo Fernandez com parecer do capitão criado de Meliquegupi assi fez. Chegados a casa de Codamação elle os veo receber a hum pateo, e mandou agasalhar em hum apousento das suas casas, que eram muito grandes e magnificas, onde forão mui bem tratados, e logo ao outro dia pela manhãa, por quanto el Rei viera aquella noite da caça, se foi o guazil Codamaçam ao paço, e de la mandou recado a Diogo Fernandez que estava el Rei esperando por elle, onde se logo foram acompanhados de muitos senhores, e gente de cavallo. El Rei estava lançado em hum catele vestido de pannos brancos dalgodão muito finos, ao qual chegaram depois de terem passados muitos pateos, e casas todas terreas, e assi o era a em que el Rei estava acompanhado dalguns dos principaes senhores de seu regno. Diogo Fernandez em chegando lhe fez cortezia ao nosso modo, e o mesmo fezeram todolos outros Portugueses, do que mostrou levar gosto. Depois de lhe Diogo Fernandez dar ha carta de Afonso Dalbuquerque, mandou a Meliquequadragi, filho do Regedor de çurrate que desse ao embaixador a cabaia e assi a todolos outros per sua ordem, o que feito os despedio, dizendo a Diogo Fernandez pelo seu lingoa a que o a que vinha dixesse a Codamaçam seu guazil, e que logo o despacharia. Depois de serem na pousada lhes mandou el Rei per Meliquequadragi hum bacio grande cheo de Mafradaxaos, que he moeda de prata da terra, dizendolhe que aquillo lhe mandava el Rei pera lavagem das camisas,

alem do que em quanto alli estiveram lhes mandou dar cada dia para sua despesa trinta pardaos douro. Ao outro dia se vio Diogo Fernandez com Codamaçam, a quem relatou os negocios a que vinha, de que o principal era, pedir licença a el Rei pera o governador Afonso Dalbuquerque mandar fazer huma fortaleza em Dio, em que os Portugueses estivessem seguros da gente da terra, e podessem tratar sem entrelles aver diferenças, do qual negocio lhe deu a reposta Codamaçam dalli a dous dias, dizendo-lhe que el Rei seu senhor por guardar a amizade del Rei dom Emanuel era contente lhe deixar fazer fortaleza em çurrate, o que Diogo Fernandez não quiz aceptar, e dahi a tres dias lhe tornou com recado del Rei que daria a fortaleza em çurrate ou Bonbain, ou em Naim, ou em Doubez, mas que em Dio a não podia dar, per justos respeitos, o que tudo estorvava Miliquiaz com suas manhas, e grossos presentes que mandava a todolos do conselho del Rei. Finalmente vendo Diogo Fernandez que sua estada era de balde se despedio del Rei de quem recebeo merces, e assi todolos outros Portugueses, e per elle mandou presentes a Afonso Dalbuquerque em retorno dos que lhe mandara pelo mesmo Diogo Fernandez, e outros pera da sua parte mandar a el Rei dom Emanuel, em que entrava huma alimaria a que os daquella terra chamam Ganda, de que fallarei particularmente na quarta parte desta Chronica. A qual Ganda lhe trouxeram estando ja em çurrate, onde os feitores de Meliquegupi lhe derão de sua parte alguns presentes para Afonso Dalbuquerque, que lhe tambem mandara outros per Diogo Fernandez, e lhe aviaram sua embarcaçam, e matalotagem pera o mar. O que feito se partio perà India, a treze dias do mes de Septembro deste mesmo anno de M. D. xiiii onde achou Afonso Dalbuquerque

em Goa occupado em fazer huma armada pera outra vez ir ao mar de Arabia como dava a entender, mas sua tençam era ir a Ormuz como se ao diante dira.

CAPITULO LXV

De como Afonso Dalbuquerque mandou Pero Dalbuquerque ao cabo de Guardafum, darmada, e da embaixada que mandou ao çabaim dalcam, e doutra que recebeo del Rei de Narsinga, e da que lhe mandou per Antonio de Sousa, e Ioam Teixeira.

Depois de Afonso Dalbuquerque ter despachado de Goa Diogo Fernandez de Beja pera Cambaia, determinou de mandar Pero Dalbuquerque seu sobrinho ao cabo de Guardafum a andar darmada, e dahi a Ormuz pedir a el Rei as pareas que devia de dous annos, e pera negociar outras cousas que lhe deu per lembrança, o que fez pera dissimular com el Rei, e o assegurar de sua ida a Ormuz, pera o que se ja fazia prestes, dando a entender que era pera outra vez ir ao mar Darabia, e sobre Adem. Despachado Pero Dalbuquerque partio de Goa em Fevereiro deste anno de M. D. xiiii, com tres naos a fora a sua de que eram capitães Hieronymo de Sousa, Rui Galvam, e Antonio Raposo foi ter a çacotora, onde fez augoada, e dahi navegou ao cabo de Guardafum, na qual paragem andou as presas todo o veram em que tomou dez naos de Mouros carregadas de muitas mercadorias, que hião pera o mar Darabia, e por lhe o tempo servir se foi a Ormuz, onde em chegando, que foi no fim de Maio, o mandou el Rei Torunxa

visitar que entam regnava, por ja ser morto seu irmam el Rei ceifadim e logo ao outro dia mandou Pero Dalbuquerque, Tristam de Gà, a visitar el Rei e darlhe as cartas que pera elle trazia de Afonso Dalbuquerque, a sustancia das quaes era pedir fortaleza, e as pareas que devia, e retificar as pazes assentadas antrelles, e el Rei ceifadim seu irmam. A resuluçam do que foi nam dar lugar pera se fazer a fortaleza, e das pareas pagar dez mil xerafins com excusas de por então não poder dar mais, e que quanto as pazes era contente de as retificar, e guardar do mesmo modo que dantes foram assentadas, o que vendo Pero Dalbuquerque determinou de cumprir outro artigo de sua commissam, que era ir descobrir a ilha de Baharem, o que sabendo el Rei de Ormuz lhe aconselhou que o nam fezesse por a navegaçam ser perigosa pera naos de quilha, e grandes como as suas, por causa dos muitos baixos que no caminho ha, mas vendo que o não podia mudar de sua opirião lhe deu dous pilotos, rogandolhe que favorecessem hum seu capitam que o la andava servindo. Acabado de tomar conclusão nestes, e em outros negocios, Pero Dalbuquerque partio Dormuz a sete dias de julho do mesmo anno, e sendo ja junto a ilha de Baharem a duas jornadas, com temporal arribou a Raxel onde achou Mirbuzaca capitão do xeque Ismael, que tinha tomadas vinte terradas do capitam del Rei Dormuz as quaes lhe Pero Dalbuquerque mandou pedir, por serem del Rei Dormuz, vassallo e tributario del Rei dom Emanuel amigo do xeque Ismael, ao que Mirbuzaca nam pos duvida, e as mandou logo entregar ao capitão del Rei Dormuz. O que feito Pero Dalbuquerque se tornou pera Ormuz, onde chegou aos seis dias do mes Dagosto, e foi mui bem recebido, assi del Rei como dos da cidade, por causa das vinte terradas que

fezera entregar. Depois destar alli alguns dias tomando vitualhas, e refresco pera o caminho e ter recebidos os dez mil xerafins, e lhe el Rei mandar presentes pera elle, pera os outros capitães, e assi pera Afonso Dalbuquerque se partio perà India, e chegou a Goa aos xxviii. de Septembro onde achou Afonso Dalbuquerque, que o recebeo mui bem, pela muita riqueza que trazia das presas que neste caminho fezera, das quaes el Rei ouve huma grão somma que lhe coube do seu quinto, que veo a preposito pera se pagarem soldos, e outras despesas necessarias pera a armada, que andava fazendo prestes pera ir subjugar este Regno, e cidade Dormuz, como fez. Neste tempo que despachou Pero Dalbuquerque pera o cabo de Guardafum, e Diogo Fernandez de Beja pera Cambaia mandou Ioão Gonçalvez de castelhranco com embaixada ao Çabaim dalcam, em companhia de um embaixador que lhe mandára o mesmo Çabaim, o negocio era sobre lugares, que 'he pedia Afonso Dalbuquerque no sertão, prometendolhe por isso a entrada dos cavallos da Persia em suas terras, e nam a el Rei de Narsinga, que avia muitos dias que com elle trazia este requerimento, pera estes cavallos irem ao porto da cidade de Baticalla que he sua, sobelo que avia poucos dias que viera tambem hum seu embaixador, mui bem acompanhado a Goa, ao qual Afonso Dalbuquerque fez muita honrra, e os despachou sem tomar conclusam em nenhuma das cousas a que vinha por nam trazer cõmissão del Rei pera lhe acordar outras que lhe ja per vezes mandara pedir. Com tudo, porque Afoso Dalbuquerque desejava dalcançar del Rei de Narsinga as cousas que apontara a este seu embaixador, e sobre todas a cidade de Baticala, ou de Bacalor, lhe mandou com embaixada em companhia deste embaixador, Antonio de Sousa, e Ioam Teixei-

ra bem acompanhados, que o acharam em Bisnaga, de que foram bem recebidos, com tudo elles se tornarão sem negociar nada do que levarão a cargo, e assi ficaram elle, e o Çabaim dalcam sem averem entrada destes cavallos em suas terras, que era cousa que muito desejavam, e Afonso Dalbuquerque sem alcançar cousa nenhuma das que lhe a elles mandara pedir, e se tornar Ioão Gonçalves de castelbranco da corte do çabaim dalcam, onde andou muitos dias, mais contente, e satisfeito da boa companhia que lhe fez, que do despacho que trouxe.

CAPITULO LXVI.

De como George de Brito chegou a India, e Afonso Dalbuquerque depois de ter despachadas as naos da carga, se foi a Ormuz, e do que la fez.

NEste anno de M. D. xiiii partio de Portugal George de Brito por capitão de cinco naos, os outros eram Francisco Pereira Coutinho, Luiz Dantas, Emanuel de Mello, e Ioam Ferram dos quaes Luis Dantas chegou primeiro a Goa, e os outros no mes de Septembro, onde acharão Afonso Dalbuquerque fazendosse prestes para ir a Ormuz, dando a entender, como ja dixe, que sua determinaçam era ir outra vez ao mar Darabia. Chegado George de Brito com quem vinha o embaixador que el Rei Dormuz mandara a Portugal, Afonso Dalbuquerque se foi pera Cochim prover na armada que avia de mandar para o regno, que logo despachou e mandou nella a Gande que Diogo Fernandes de beja trouxera de Cambaia. O que feito partio pera Goa levando con-

sigo as naos, e navios que alli mandara aperceber para sua viagem, provendo de caminho nas fortalezas de Calecut, e Cananor onde depois de ser, tendo ja tudo prestes descobrio aos capitães, e pessoas principaes sua tençam, que era ir sobre Ormuz, o que a todos pareceo bem pera onde se fez a vela aos xxi dias de Fevereiro de M. D. xv, com xxvii naos, e navios, de que erão capitães Vicente Dalbuquerque em cuja nao hia Afonso Dalbuquerque, dom Garcia de Noronha, Aires da Sylva, Diogo Fernandes de Beja, Pero Dalbuquerque, Simam Dandrade, Vasco Fernandes Coutinho, George de Brito, Lopo Vaz de Sampaio, cada hum de huma nao grossa, Duarte de Mello, Antonio Ferreira, Rui Galvão de Meneses filho de Duarte Galvam, Fernam Gomes de Lemos, Dinis Fernandes de Mello, e Antonio Raposo, em cada hum seu navio, Pero Ferreira em huma taforea, Nuno Martinz Raposo, Ioão Demeira, Ioão Gomez, Francisco Pereira, Ioão Pereira, Fernão de Resende, em caravellas, Silvestre Corco, Emanuel da Costa, Hieronymo de Sousa em tres gales, Fernandeanes, e Pero Correa, cada hum em seu bargantim. Com esta armada, e outros navios da terra, em que hia gente do Malabar a soldo foi Afonso Dalbuquerque surgir diante de Mascate. Alli soube novas do que passava em Ormuz, das quaes ficou pouco contente, pelo que feita augoada, e tomados refrescos se partio logo, e chegou a cidade aos xxvi dias de Março, no qual antes darmada surgir veo a elle hum messageiro del Rei, per nome Acem ale com muitos refrescos que lhe mandava, dizendolhe de sua parte que sua vinda fosse muito boa aquella cidade del Rei dom Emanuel, onde elle Afonso Dalbuquerque seria recebido como pai, e defensor della, e de todo seu regno, ao que lhe respondeo que sua vinda não era se nam pera o tratar como a filho,

e a todos seus vassallos o que assi acharia, se suas palavras respondessem com as obras. Despedido Acem ale, Afonso Dalbuquerque mandou logo rodear a ilha com os navios pequenos, pera que não viesse alguma gente de guerra a cidade, mandando aos capitães que a tal gente metessem a espada querendosse defender, e não o fazendo lhos trouxessem vivos, no que se passarão dous dias, avendo muitos recados, e visitações de huma, e da outra parte, no fim dos quaes mandou Afonso Dalbuquerque a el Rei o seu embaixador, que viera de Portugal, e da India ate li na sua nao, de quem soube muitas cousas secretas dos negocios de Ormuz, que lhe descobrio por ja ser Christão, e ter recebido a agoa do baptismo em Portugal, o qual era natural de Sicilia, e sendo moço foi captivo de Turcos, e sem saber o que fazia arrenegou a fe, a qual Deos o converteo para sua salvação, e em lugar do nome que dantes tinha, se chamava Nicolau Ferreira, pelo que el Rei dom Emanuel lhe fez merces, e o tomou por cavalleiro fidalgo de sua casa, e lhe lançou o abito da ordem da cavallaria de nosso Senhor Iesu Christo, alem doutras honrras que lhe fez. Com tudo Afonso Dalbuquerque receoso que el Rei per este respeito estivesse anojado delle lhe mandou pedir seguro, pera que lhe fosse dar conta das cousas que per sua commissam negoceara com el Rei dom Emanuel, a qual lhe mandou, e por arrefens hum sobrinho de Raix nordim, que era huma das principaes pessoas da casa del Rei. Os apontamentos com que este embaixador del Rei Dormuz veo a Portugal sam os seguintes.

Item pedia a el Rei dom Emanuel que ouvesse por bem lhe quitar os xv mil xerafins que pagava cadanno de pareas, respeitando estar muito pobre, per caso de não virem a Ormuz as naos que sohiam com

nedo de suas armadas que continuamente trazia no nar, que era causa de as alfandegas de que tinha mor proveito que de todo o demais de seu regno, lhe nam enderem a quarta parte do que sohiam, e que fazenlolhe esta merce se obrigava lhe fazer cadanno serviço de perolas, e aljofar que valessem tres mil xerains que mandaria cadanno entregar ao Governador.

Item. Que lhe pedia seguro geral perás naos Dormuz, e de seus vassallos poderem navegar perá India em lhe ser feito danno, nem embargos pelos capitães le suas armadas.

Item. Que lhe pedia outro seguro geral pera quaesquer naos que viessem da India a tratar em Ormuz, que sendo achadas no mar de seus capitães, lhe não osse feito danno, e as deixassem livremente seguir ua viagem.

Item. Que ouvesse por bem de não mandar dalli por diante suas naos a Ormuz, porque era huma ilha povoada destrangeiros, os quaes com medo dos Portugueses se hião della pera outras partes, do que recebia grande perda.

Item. Que pois que como seu vassallo lhe pagava pareas, e todo seu regno estava a sua obediencia, como cousa sua propria, que mandasse satisfazer as naos, e mercadorias que seus capitães lhe tomarão na India, porque nos contractos das pazes que assentou com eus capitães geraes, estava declarado que estes danos se satisfizessem das pareas que pagava, com as quaes sempre satisfizera, sem por estes dannos se lhe rebater nada.

Item. Que mandasse soltar todos os captivos moradores Dormuz, e de seus senhorios como seus vassallos que erão, dos quaes avia muitos nestes regnos de Portugal, e muitos mais na India.

Resposta a estes apontamentos.

Primeiramente. Quanto ao primeiro artigo, que se ate o presente tempo estivera el Rei de Ormuz a serviço del Rei dom Emanuel, e em quanto assi estivesse lhe quitava sete mil, e quinhentos xerafins cadanno, que he ametade das pareas e isto dando lugar que se fezesse fortaleza na Cidade Dormuz, e que se lhe aprouvesse de tomar a ilha de Baharem para si que então lhe quitaria os xv mil xerafins.

Item. Ao segundo artigo que lho concedia, nam perjudicando ao trato, nem indo suas naos a lugares defesos por seus capitães geraes.

Item ao terceiro, que o havia por bem, vindo as taes naos de lugares que estivessem a seu serviço.

Item. O quarto artigo, e o quinto sahiram excusados.

Item. Quanto ao sexto, que mandava que se cumprisse, e se tornassem todos estes captivos, e fossem postos em liberdade sabendosse de certo serem naturaes de seus regnos, e seus vassallos.

Recolhido na nao de Vicente Dalbuquerque o sobrinho de Raix nordim por arrefens de Nicolau Ferreira, Afonso Dalbuquerque o mandou a el Rei bem acompanhado com a reposta de sua embaixada, que a não tomou bem delle por se tornar Christam, com tudo as cartas que lhe levava del Rei dom Emanuel recebeo com muita cortezia, e sem tratar mais nada com Nicolao ferreira o despedio. Pelo que logo ao outro dia Afonso dalbuquerque mandou Diogo fernandez de Beja, e o secretario Pero dalpoem a pedirlhe fortaleza, e gasalhado na cidade pera sua gente, porque determinava estar alli oito, ou nove meses, sobelo que ouve muitos recados; mas em fim el Rei mandou dizer a Afonso dalbuquerque, per Raix nordim, que era contente de lhe dar a mesma fortaleza que ja estava começada, o que lhe alargava confian-

do delle como de seu pai, e que com o dito Raix Nordim tratasse de suas amizades, para o que levava seu poder, e as jurassem solemnemente. O que se assi fez, e assinados os contratos per cada huma das partes, Afonso dalbuquerque deu alguns presentes a raix Nordim, e aos que com elle vieram, e per Nicoao ferreira mandou a el Rei hum colar douro esmalado mui rico, e per Acem ale huma bandeira de seda das armas reaes de Portugal, que el Rei mandou logo arvorar nos seus paços em sinal da amizade, e obediencia, apos o que se entendeo logo no fazer da fortaleza, que foi entregue em Domingo de Ramos derradeiro dia de Março pera o que el Rei deu todas ajudas necessarias, ate ser acabada.

CAPITULO LXVII

Em que se trata da progenia donde decende o Xeque Ismael, e dos recados, e embaixadas que ouve entrelle, e Afonso Dalbuquerque.

A Seita de Mahamed, segundo a conta dos Arabios começou no anno da nascença de nosso Salvador Iesu Christo, de quinhentos, e noenta, e tres, e segundo nossa conta de seis centos e sessenta, e seis, em que a diferença de sessenta, e tres annos, a qual deve ser, pola sua a que chamam Ahegira, ser per luas, e a nossa por meses. Foi Mahamed Arabio de naçam, seu pai se chamava Abedalla, da linhagem de Ismael, com tudo Gentio, e a mãi Hebrea per nome Enima, gente popular, mas como Mahamed fosse homem sagaz, e astuto, doctrinado na secta dos Gentios e na lei Hebrea desde moço, e

na Christã per Sergio Arriano, secaz dos erros, e heresia de Nestorio, veo a valer tanto, e ter tanto credito que passando os lemites destas, fez outra nova, pregando a esta gente Arabia todo o genero de liberdade, pelo que adquirio a si grandes companhias desta, e doutras naçoens, com o que, e com ajuda de hum seu primo, com irmam, per nome Ale, bom cavalleiro, com quem casou huma sua filha chamada Fatema, conquistou muitas daquellas provincias, semeando a peçonha de sua errada doctrina, ate idade de sessenta e tres annos em que faleceo deixando seu primo, e genrro Ale por successor de todo seu estado, com nome de Califa, na qual dignidade teve algumas contrariedades, com tudo depois de ser confirmado nella, pelos principaes senhores daquellas provincias, o matarão per treição de Mahvia com quem tinha differenças, por nunca lhe querer consentir que elle tivesse o nome desta dignidade Califa, que antrelles he como Papa. Morto Ale, ouve entre os Arabios, e Persios grandes diferenças, e guerras sobre as opiniões das seitas que Ale, e Mahamed lhes deixarão, porque Ale depois da morte de Mahamed querendo enmendar na seita que elle pregara fez outros muitos artigos diferentes para mais a sua vontade atraher a si aquella gente barbara, e innocente. Com tudo os Arabios declarando os Persios por hereticos, e cismaticos, ficaram com a opiniam, e seita de Mahamed, e os Persios com a de Ale, per cuja morte alevantou esta gente per Califa Hocem seu filho mais velho, que ouvera de Fatema filha de Mahamed, a qual dignidade lhe custou a vida, porque por este respeito lhe mandou o mesmo Mahvia dar peçonha de que morreo, ao qual succedeo hum seu irmam per nome Hocem, filho segundo de Ale, e de Fatema, que per mandado de Izait filho de Mahvia, matou

Homer que pera isso sobornou, do qual Hocem ficaram xii, filhos, que entrelles foram reputados per homens sanctos. Da linhagem de hum destes ouve na Persia hum homem poderoso, per nome Sophi, que per linha direita era da linhagem de Ale pelo costado de hum dos filhos de Hocem, per nome Musa Caim. Este Sophi se fez poderoso, e ganhou muitas cidades na Persia, e fez guerra aos Arabios, em que os desbaratou per muitas vezes; de maneira que veo a ter tanta authoridade que per sua causa tomaram muitas daquellas naçoens a seita de Ale, principalmente na Persia que de todo se someteo a esta sua opiniam, e por diferença e serem conhecidos por desta seita, fez hum novo trajo pera trazerem na cabeça, em lugar das toucas foteadas que entam usavam, que sam huns carapuçoens de feltro altos, que se pregam, abrem, e fecham como hum folle, fazendo de cada banda seis pregas que fazem assim xii, em memoria dos doze filhos de Hocem. Este Sophi morreo pouco mais, ou menos no anno do Senhor, de mil, e quatrocentos, deixando hum filho per nome Iune, que entre os persios foi avido per homem sancto. A este sucedeo Soltão Aidà seu filho Rei de Urdail, que tomou titulo de Xeque, o qual matou hum seu cunhado, per nome Iacobbec, ficando do dito Aidà catorze filhos, e cinco filhas, de que este Xeque Ismael de que tratamos era mais moço, que se fez senhor, e Rei de toda a Persia, e tam poderoso que nam arreceava fazer guerra ao Turco, e a outros grandes Reis, e Senhores, e porque era bom cavaleiro e magnanimo sabendo das muitas victorias que os Portugueses ouverão na India, deu commisam a hum seu Embaixador que mandara ao Çabaim Dalcam que visitasse da sua parte Afonso dalbuquerque, ou se se nam podesse ver com elle, o mandasse visitar per alguns dos

gentis homens, que levava em sua embaixada, em que avia cento de cavallo. A causa da qual embaixada era pera persuadir ao Çabaim Dalcam, que tomasse a sua carapuça, e fezesse per todos seus Senhorios rezar o costume da seita, e regra de Ale, sobelo que tambem mandou outro Embaixador a el Rei de Cambia, com outra companhia de cento de cavallo, os quaes ambos foram despedidos sem estes Reis quererem mudar suas cerimonias mahometicas, pela de Ale. Este embaixador do Xeque Ismael mandou visitar Afonso dalbuquerque a Goa, onde o mesageiro o não achou por ser ido ao mar Darabia, mas depois que veo o tornou a mandar visitar pelo mesmo, que se chamava Cojealeam, que o achou em Cochim pedindolhe que em sua companhia quisesse mandar hum Embaixador, porque a causa que mais desejava era telo por amigo, e ver alguns homens Portugueses pela fama que tinha delles, e das cousas que tinham feitas na India. Deste recado foi Afonso dalbuqurque mui ledo, porque com ter o Xeque Ismael por amigo, assegurava milhor as cousas Dormuz, pelo que mandou com este mesageiro Miguel Ferreira, com oito de cavallo, o qual em companhia do embaixador foi a corte do Xeque Ismael, de quem recebeo tanta honrra, que o fazia assentar arriba de todolos Embaixadores, que andavam na sua corte, fallando quasi todolos dias com elle polo achar homem prudente, e lhe saber dar razam das cousas da India, e da Europa, e sobre tudo de Portugal, e del Rei dom Emanuel, e de seu estado, que era o que lhe mais a meude perguntava. Finalmente movido destas praticas determinou mandar hum embaixador a Afonso dalbuquerque com cartas pera elle, e pera el Rei dom Emanuel, cheas de muitos offerecimentos. Este embaixador que se chamava Peirim bonat, homem no-

re, e muito acepto ao Xeque Ismael, chegou com Iiguel ferreira a Ormuz pouco antes da vinda de Afonso dalbuquerque, onde despois de ser entregue a fortaleza, o recebeo em huma praça publica em adafalso alto, em lugar donde el Rei Dormuz podia er tudo, de huma janella dos seus Paços, nas quaes istas deu o embaixador a Afonso dalbuquerque alguns presentes pera el Rei dom Emanuel entre os uaes vinha esta carapuça que eu mesmo tive na uarda roupa do dito senhor em meu poder, e assi utro parelle que recebeu, com a cada hum delles azer muitas mostras de prazer por serem de um tal, tão poderoso senhor como o aquelle he, e logo ahi a alguns dias despachou este embaixador, em uja companhia mandou com embaixada ao Xeque smael, Fernão gomez de lemos com trinta de cavalo, e por acessor Ioão de sousa, e por Secretario Gil imoens, e por lingoa Gaspar Xirez boticairo por allar muito bem a Persiana, das quais, que partiram Dormuz a cinco dias de Maio, deste anno, de M. D. v, e do sucesso de sua viagem, e embaixada, tratarei na quarta parte desta Chronica, porque quando ornarão era ja morto Afonso dalbuquerque, e Lopo oares vindo de Portugal por governador da India, m cujo governo vira mais a proposito falar neste egocio.

CAPITULO LXVIII

De como Afonso dalbuquerque mandou matar Raix hamed, e porque causa.

ATRAZ fica dito da crua, e brava guerra que Afonso dalbuquerque fez a Ceifadim Rei de Ormuz, e ao tirano Cojeatar, que entam governava o regno, os quaes achou ambos mortos desta vez que la tornou, porque per falecimento de Cojeatar, Raix Nordim guazil da cidade Dormuz por ceifadim ser já de boa idade e ter filhos, e entender no governo do regno, ho fez matar com peçonha, per huns Abexis escravos do mesmo Rei, e nam quis alevantar por Rei nenhum de seus filhos, senão Torunga seu irmam a que era afeiçoado tendo por certo que em quanto este fosse Rei seria elle mesmo senhor do regno, o qual por ser já homem de dias dava cargo de muitas cousas que comprião a seu officio, a hum seu sobrinho per nome Raix hamed, homem de idade de xxxv annos esforçado, e bom cavalleiro descansando sobrelle, alem do que parecendolhe que estaria mais seguro da privança del Rei, e governo do regno tendo esse sobrinho apar delle, o fez seu guardamor, e pera mais certeza do que cuidava deu outros cargos na casa del Rei a Raix Madofar, e Raix Ale, irmãos do mesmo Raix hamed, o qual Raix hamed pouco a pouco se apoderou tanto da pessoa, e casa del Rei, que nenhuma cousa se fazia sem seu parecer, e vontade, o que veo em tanto crecimento que tinha el Rei quasi como preso, sem ousar de fallar com ninguem sem elle ser presente, nem se mudar de huma casa para outra, nem hir fora do paço sem o

:var consigo, pelo que Raix Nordim receoso de lhe
ste sobrinho tirar de todo a privança del Rei, e o
fficio de guazil, por se ja entremeter em algumas
ousas delle, se aqueixou disso em segredo a Afonso
albuquerque, o dia em que se assentarão as pazes,
qual lhe Afonso dalbuquerque guardou tão bem,
ue nunca se soube se não depois que teve acabado
que compria a este negocio. Alem destas queixas
l Rei mesmo hum dia, que per occasião teve tempo
e fallar so com Alexandre de ataide lingoa, lhe di-
e que Raix hamed o tinha preso, que da sua parte
m muito segredo pedisse a Afonso dalbuquerque
ue o livrasse do poder daquelle homem, pera que
odesse a sua vontade servir el Rei dom Emanuel, e
elle como a pais em cuja conta nos tinha. Com este
ecado se resolveu Afonso dalbuquerque consigo mes-
no sem disso dar conta a ninguem, de matar a Raix
amed, a que o tambem movia saber de certo que
ontrariava ante el Rei, e os da cidade, e assi o fazer
a fortaleza, como o que tocava ao asessego, e segu-
ança das pazes que tinham assentadas, e por o dito
aix hamed, antes delle chegar a cidade ter feito to-
ar a el Rei Dormuz a carapuça, e oração do Xeque
mael com proposito de o tirar da vassallagem del
ei dom Emanuel, e o poer debaixo do Xeque Is-
ael cujo vassallo Raix hamed era de nação, pelo
ue andou de longe dissimulando com mostras de ser
uito seu amigo, e assi lho mandava dizer per seus
mãos, que o vinham as vezes visitar da sua parte,
é que os assegurou, e permeio Dalexandre dataide,
Pero Dalpoem, secretario da India, e Diogo pereira
andou recados a el Rei, e ao mesmo Raix hamed, e
Raix nordim, dandolhes a entender que compria
uito verse elle com el Rei pera per ante elles lhe
zer algumas cousas que comprião assi ao serviço del

Rei dom Emanuel seu senhor, como a elle mesmo
Destes recados se tomou conclusão que a vista foss
no Madraçal, que he huma casa grande como estaos
em que pousava Simão dandrade por ser perto d
fortaleza, e no concerto foi que com Afonso Dalbu
querque viessem sos os capitães desarmados, e o me
mo farião os que estivessem com el Rei, salvo qu
el Rei levasse consigo hum paje com o seu treçad
e Afonso Dalbuquerque outro paje com a sua espad
e que a outra gente Portuguesa, e Malabares ficasse
na praia, e assi estes como os da cidade podesse
estar armados. Isto assentado Afonso dalbuquerq
se foi de noite a terra ver com os capitães que la e
tavam, aos quaes dixe em conselho, que sua determ
naçam era matar Raix hamed do que todos fora
mui alegres, assentando logo o modo que se nis
avia de ter, e que fossem armados secretamente
que o avião de matar, porque se arreceavam que
zesse o mesmo Raix hamed com sua valia, como
feito fez. Praticado este negocio, Afonso dalbuque
que se tornou a frota, e ao outro dia antemanhã
veo a terra com os capitães que estavão no mar t
zendo toda a gente armada, e o mesmo fez a questa
em terra, e com elle os malabares, os quaes todos
si huns, como os outros ficaram na praia postos
ordenança com alguns dos capitães, a que disso
deu o cargo, e com os outros armados secretame
se meteo no Madraçal. Raix Nordim como a pes
a que tocava o cargo, por ser Guazil da cidade, m
dou tambem perá praia a gente del Rei, e alguma
cidade, toda armada, em que entravão duzentos s
dados de Raix hamed, que trazião saias de malha,
pacetes, e adargas, o qual como soube que Afo
dalbuquerque estava no Madraçal, ordenou que el
se fosse logo pera la, e adiantandosse de toda a c

panhia entrou onde elle estava mui desenvolto, sem dar sinal do que determinava fazer, que era matalo. Afonso dalbuquerque como o vio, lhe fez bom gasalhado, perguntandolhe como estava el Rei, e se vinha já, mas suspeitando que estavam os nossos armados, e vendo que erão mais dos que se assentara que fossem, se tornou logo a sair, e em saindo achou el Rei que descavalgara ja, e entrava pello pateo do Madraçal acompanhado de sua guarda, e outra gente, vindo com elle Raix Nordim, e seus filhos xarofo, e Raix delamixa que todos vierão com el Rei ate li a pe, a quem Raix Hamed dixe que não entrasse onde estava Afonso dalbuquerque porque tinha gente armada consigo, mas el Rei sem ter conta com o que lhe dixe desejoso de se ver quite delle per prisão, ou per morte, como esperava que o avia de fazer Afonso dalbuquerque, entrou dentro na casa, levandoo com o milhor modo que pode diante de si, que em entrado Raix Nordim com seu filho Raix delamixa e Acem ale, que lhe vinham nas costas, dom Garcia de Noronha dixe a Emanuel velho, e a Diogo homem, que pera isso tinha apar de si, que fechasse a porta, o que fezeram tam de subito, que nem Raix Xaroso, nem Raix madasar, irmam de Raix Hamed, nem os que com elle vinhão armados secretamente poderam entrar. Pelo que se logo entrelles começou de fazer alvoroço, bradando que lhes abrissem a porta pois era assentado que el Rei, e Afonso dalbuquerque se aviam de ver com certo numero de homens, dos quais elle tinha dentro todolos seus, e el Rei sos quatro mais isto durou pouco porque em Raix Hamed entrando, se foi logo pera Afonso dalbuquerque determinado de o matar, segundo as mostras que deu, cuidando que o seguia seu irmam Raix modasar, com os outros da conjuraçam, ao qual em chegando

guiado per Alexandre dataide, dixe Afonso dalbuquerque que nam vinha como devia, pois trazia armas, que as tirasse logo, o que elle nam quis fazer, mas antes apunhou do treçado o que vendo Afonso dalbuquerque lhe travou do braço dizendo a Pero dalbuquerque que lho tirasse dali, ho que dizendo, lhe travou Raix hamed pela beca de velludo que trazia o pescoço, com muito animo estando ja Pero dalbuquerque apegado com elle, ao que acodirão Lopo vaz de sam Paio, Hieronymo de sousa, Rui galvam de meneses, Diogo fernandez de Beja, Antão nogueira, e outros capitães que estavão na casa, que o mataram logo a punhaladas, e lançaram o corpo na praia. Quando el Rei vio cair Raiz hamed ficou todo trespassado de medo, o que vendo Afonso dalbuquerque se foi parelle com o barrete na mam, e o abraçou, e assegurou do medo que tinha, dizendolhe, que por seu amor mandara matar aquelle tredor, pera o poer em liberdade, e poder governar seu regno como devia. Em todo este tempo a gente del Rei, e de Raix hamed que ficara fora, nam cessava de bradar que lhe abrissem, mas como lhes chegou a nova que jazia Raiz hamed morto na praia, cuidando que o mesmo seria del Rei, e de Raix Nordim, e dos outros começaram de dar vaivem a porta, e defeito a entrarão por serem muitos, se da praia nam acodiram Ru gonçalves, e Ioam fidalgo, capitães da ordenança com boa parte da sua gente, porque a outra com o Malabares ficou para que os del Rei, e de Raix hamed que estavão em armas não fezessem algum alvoroço, os quaes capitães apacificarão esta gente d maneira que tiverão por partido não pedirem po então mais, senão que se el Rei era vivo lho deixas sem ver. A nova do que passava no Madraçal correo logo per toda a cidade ao que em hum moment

juntou a mor parte de quantos nella havia ao re-
r do Madraçal, bradando todos que queriam ver
Rei, senão que porião fogo ás casas; pelo que
fonso dalbuquerque lhe pedio que se deixasse ver
quelle povo para o asessegar que lhe pareceo bem,
ambos mão por mão acompanhados dos que com
es estavam na camara, se forão a hum eirado don-
el Rei dixe a todos os que o vião que elle era vi-
, e posto em liberdade pera os poder milhor reger,
governar do que o ate li fezera, o que dito Raix
ordim mandou a seu filho Raix xareso que estava
ra, que da parte del Rei fosse dizer a toda a gente
guerra que se nam movesse, nem fezesse desman-
o, porque avia de mandar matar todolos que nisso
hasse culpados. Raiz modasar que estava ao pe do
rrado que era baixo se começou daqueixar com el
ei, pela morte de seu irmam, e com a dor que ti-
a, com tanta aspereza, que el Rei lhe dixe que as-
elle como seu irmam Raix ale, e todos seus se fos-
m logo fora da cidade, e de seu regno do que mais
ojado que da morte do irmão se foi com sua gente
mada meter nos paços del Rei, pera se ali fazer
rte com seu irmão Raix Ale, que ficara por guar-
delles, dos quais se não quiseram sair, por muitos
cados que lhes el Rei mandasse, nem o fezeram se-
o com medo de Afonso dalbuquerque, que os man-
u ameaçar per hum capitam do Xeque Ismael, per
me Abrahembeque, que estava entam na cidade,
r quem lhes mandou dizer que se se não saissem
r bem, que lho faria fazer por mal, do que atemo-
zados mandarão pedir seguro a el Rei, e a Afonso
lbuquerque pera que livremente, e sem danno, nem
ravo se podessem ir da cidade, com suas familias,
olheres, filhos, e fazenda pera onde lhes bem apro-
esse, o qual seguro lhe logo mandaram, lemitando-

lhe dias certos pera fazerem o que pedião. O que assi assentado se foram pera suas casas, e dentro no prazo limitado para fora da cidade, e regno, que seriam quarenta casas, em que avia mais de mil pessoas, a fora os escravos, que toda esta gente metia Raix hamed na cidade, pouco a pouco, a fora muitos soldados que tinha de sua mão, e per derradeiro fez o mesmo Abrahembeqne, que era huma das principaes pessoas desta conjuraçam, tendo todos assentado de lançar os portugueses de Ormuz. e poer a cidade com o regno a obediencia do Xeque Ismael. Despejados os paços, el Rei se tornou parelles, acompanhado de todolos portugueses que estavão em terra, e de numero infenito dos da cidade e por o lugar ser o mais forte della, Afonso dalbuquerque os entregou perante os principaes que alli estavam a el Rei, e a Raix nordim tomandolhes a menagem que teriam aquella fortaleza por el Rei dom Emanuel seu senhor, o que elles assi fezeram, sem a isso poerem duvida, dos quaes se despedio logo, e por ser tarde, e fazer escuro foi dormir a torre da fortaleza, e dalli por diante proveo no governo da cidade, e cousas que cumpriam a el Rei com muito seu gosto, e de Raix nordim, e dos principais de sua corte, e regno, e assentou tudo de maneira que desde então posto que depois ouvesse alguns desconcertos está esta cidade ate agora tanto ao serviço dos Reis de Portugal, e tão pacifica como se fosse huma das do mesmo regno.

CAPITULO LXIX

e huma entrada qne fezeram dom Afonso genrro de Nuno fernandez de ataide, e o adail Lopo barriga com Side Iheabentafuf, ate cerca dos montes Claros.

SIDE Iheabentafuf em quanto viveo foi sempre leal vassallo del Rei dom Emanuel, e per qualquer modo, e meo que podia fazer guerra aos ouros, que não eram de pazes a fazia ou com a sua ente só, ou em companhia dos Christãos, o qual saendo, que huns aduares Arabes de Marrocos estaam a tres legoas daquella cidade contra çafim, aviou disso Nuno Fernandez pedindolhe que lhe manasse o adail Lopo barriga com alguma gente. Nuno ernandez como era guerreiro quisera ir em pessoa, que nam fez por algum impedimento que a isso eve, mas mandou o adail com cento de cavallo, que oi ter as Salinas, onde achou Side Iheabentafuf com s seus Arabes donde partirão, e foram amanhecer o outro dia a tres legoas de Marrocos, sem acharem s aduares que hião buscar, pelo que avendo ja tres ias que andavam neste negocio sem fazerem nada, e tornaram pera os seus aduares, e de ali se foram Xiquer, onde souberam que a Cabilda de Oledeneta estava junto dos montes Claros, em hum lugar ue se chama Aleborge, das quaes novas certificado opo barriga, avisou Nuno fernandez pera saber del- se queria ir a este negocio, o que elle nam pode azer, mas mandou seu genrro dom Afonso, filho hereiro do conde de Mira com duzentas lanças, os uaes juntos em Xiquer com Iheabentafuf, que trazia

consigo mil lanças, forão ao terceiro dia amanhecer onde tinham per nova que estavam os aduares de que nam acharam mais de dous mouros, que andavam segando seus pães, que captivarão e delles souberão pera que parte eram lançados estes aduares, e que eram mais de corenta, em que avia muita gente de cavallo, os quaes alcançarão não muito longe Daleborge a xxv, legoas de çafim, em que logo deram, levando Lopo barriga a dianteira com cento, e cincoenta lanças com que cometeo cento de cavallo que hião na reguarda dos outros, estes voltarão contrelle com muito animo, e lhe matarão hum homem de cavallo, mas Lopo barriga deu nelles, e os arrancou, seguindoos ate os mesturar com os que hiam diante, entre os quaes todos se travou a pelleja de maneira que foi necessario acodir dom Afonso com a gente que com elle ficara, e assi Iheabentafuf. Com tudo o negocio durou per hum bom spaço, em que dos de pazes morrerão alguns, e dos portuguezes tres, mas em fim os imigos forão desbaratados, e muitos mortos, e quinhentos captivos, e tomados quatrocentos camellos, e mais de mil cabeças de gado vacum, e de xx de meudo. Isto foi no começo do anno de M. e D. xxiiii, e se conta neste de mil, e quinhentos e xv, por as cousas dafrica irem enfiadas. Com esta cavalgada, se começarão a recolher os nossos, mas os mouros derão outravez nelles, e se tornou de novo a travar outra mais brava pelleja, porque os mouros com dor dos parentes, molheres, e filhos que de diante dos seus olhos vião levar captivos se esforçavão quanto podiam pera ver se os poderião salvar, e assi sua fazenda, e gados que lhe os nossos levavão, no qual recontro morrerão alguns delles, e posto que da nossa gente, nesta volta não morresse nenhum forão alguns feridos, assi dos Christãos, como dos mouros

e pazes, mas em fim dom Afonso, e Lopo barriga, Iheabentafuf se sairam dos imigos seu passo cheo rezendo a cavalgada sem della perderem nada ate a cidade de çafim, donde avia tres dias que dom Afonso partira.

CAPITULO LXX

De huma entrada que Dom Ioam Coutinho quis fazer contra a serra do Farrovo, e da honrrosa vitoria que ouve no caminho, comque se tornou Arzilla.

Andando dom Vasco coutinho, conde de Borba capitam, e governador da villa Darzilla, no regno estava ahi por seu lugar tenente dom Ioam coutinho, seu filho que depois foi conde do Redondo muito esforçado cavalleiro, e industrioso nas cousas da guerra, e tão contino nellas, que poucos meses se passavão que nam fezesse entradas per terras dos mouros, do que pela mor parte lhe deu sempre Deos a victoria, das quaes cousas, em comparaçam das que dezião na corte que elle fazia desno tempo que eu pera ella vim, acho mui poucas por lembrança, o que deve ser, ou por que elle teria mais conta com a guerra, que com screver o que nella acontecia, ou per má guarda das cartas que mandava a el Rei, pelo que seus feitos nam são tão celebrados como o merecem. Este esforçado capitão dom Ioam coutinho na fim do mes de fevereiro, de mil, e quinhentos, e xiiii determinou fazer huma entrada ate serra do Farrovo, ha gente da qual he guerreira, e que continuamente corria ate as portas Darzilla, e de Tanger com quem os capitães destes dous lugares

tinham sempre assaz de negocio, de que de huma, e da outra parte se fazia as mais das vezes sangue. Partio dom Ioam coutinho de Arzila com cento, e corenta de cavallo, e antes de chegar a serra do Farrovo lhe vierão os corredores dizer que havia muita gente de cavallo no campo. Estes erão o alcaide Laroz, e o de Moleiamar, e hum filho de Barraxa, pessoas principaes do regno de Fez, que hião com oitocentas lanças suas, e de Colotos correr a Tanger, aos quais dom Ioão sem nenhum receo foi tomar o passo, com quem ouve huma brava, e cruel batalha por todos os daquella companhia serem muito bons cavalleiros, mas em fim a vitoria ficou com os christãos, dos quaes morrerão alguns, de que não pude saber os nomes, e dos mouros morrerão mais de duzentos, em que entrarão hum irmão, e hum genrro do Alcaide Laroz, e hum parente muito chegado del Rei de Fez, que estava por fronteiro em Alcacerquibir. Os captivos foram quarenta, e hum, em que entrou hum primo do mesmo alcaide Laroz homem de muita estima entre os mouros, e dous Xeques, e o adail de Moleinacer, e o alcaide Daicacerquibir, com os mais dos seus cavalleiros, no despojo entrarão noventa, e tres cavallos muito bem ajaezados, por a gente desta companhia ser toda nobre, e mui bem ataviada.

CAPITULO LXXI

De huma entrada que Lopo barriga adail fez per terra de mouros, e do que nella lhe aconteceo.

OS de Xiatima, e com elles Side bugima se vierão a queixar a Nuno fernandez dataide dizendo que o Serife por serem vassallos del Rei dom Emanuel, os lançava fora de suas terras, fazendo-lhe todo o danno que podia, pelo que lhe pediam que mandasse com elles Lopo barriga, com alguma gente pera os defender, o qual logo mandou com cincoenta lanças, que com os Arabes despois de serem juntas passou a serra do Farrovo da outra banda, e se forão assentar em Mesquereo, onde depois de terem ceado forão avisados por dous mouros dos da companhia, que vinhão de buscar huma matamorra de trigo, que o Serife vinha sobrelles, o que sabendo se poserão todos a cavallo tendo a gente do Serife ja roubado hum Aduar, e mortos alguns, aos quaes os nossos chegarão sem serem sentidos, e os seguirão ate pela manhã, de que matarão cinco, e lhe tomarão nove cavallos, com que se tornarão pera os aduares, dalli se foram a huma auguada que se chama Tafarez, donde Lopo barriga mandou a çafim hum cavalleiro portugues, que os do Serife ferirão, e hum mouro que captivarão neste alcance, pedindo a Nuno fernandez que lhe mandasse mais gente, porque sua determinação era passar adiante. Sabido este recado, Nuno fernandez lhe mandou outras cincoenta lanças, guiados per George mendez dataide, que chegou onde estavão a hum sabado, avendo oito dias que lhes a contecera o recontro com os do Serife.

Estando assi todos juntos, a segunda feira seguinte lhes correo o Serife em pessoa, com mil, e seiscentas lanças, a quem logo sairão todos, Lopo barriga com sua gente em duas batalhas, de que deu a dianteira a George mendez, e a Pero barriga seu sobrinho, os mouros de pazes fezerão o mesmo pondosse todos na milhor ordem que puderão, porque o Serife trazia sua gente posta em tres batalhas, com muito concerto, de que a huma era de cetecentas lanças, e a outra gente nas duas. Na maior vinha Side Abedelquibir primo do mesmo Serife, e elle a sua mão esquerda, e a outra batalha a direita, esta batalha do meo deu na nossa dianteira, em que hiam George mendez, e Pero barriga, e os cercaram ao redor, a quem Lopo barriga acodio, dando nas costas delles, no qual tempo os mouros de pazes derão na do Serife e na outra, travandosse entre todos huma brava peleja que durou hum bom espaço, mas em fim a gente do Serife começou de se retraher por causa de Pero barriga derrubar de hum encontro o primo do Serife, que era capitam da batalha do meo, pelo que esta batalha se desbaratou de todo ficando o Serife com a sua cerrada, sobre quem logo deu Lopo barriga, com alguns dos mouros de pazes, com tanto impeto que os desbaratou, e pos em fugida, no alcance do qual mataram os nossos mais de cento, em que entraram muitas pessoas principaes, de que hum foi o Xeque Bentagogim, e hum seu filho que ambos matou Lopo Barriga, acodindo a Paio Roiz que despois foi contador do mestrado de Christus a quem Bentagogim dera huma lançada na cabeça, de que o derrubou, e tendoo debaixo de si chegou Lopo Barriga, e o matou, ao qual acodindo hum seu filho, o matou tambem. O alcance se seguio ate noite começando a peleja a horas de jantar, em que mataram os que dixe

e tomarão hum captivo e o tambor do Serife, per respeito do qual desbarato se vieram alguns aduares do mesmo Serife lançar com os nossos, e Lopo barriga se tornou pera çafim, onde per caso de huma tam honrosa victoria, foi bem recebido de todos, e envejado de muitos.

CAPITULO LXXII

De como o Adail Lopo Barriga foi sobela villa de Amagor, e a tomou e fez fogir o Serife que entam estava nella.

Depois que o almocadem Diogo lopes chegou as portas de Marrocos, como ja tenho dito Nuno fernandez buscava todolos modos, e meos pera fazer o mesmo, com tenção de tomar esta cidade, pera o qual trato, sem dar entender aos mouros de pazes o pera que, mandava muitas vezes o Adail Lopo barriga, com alguma gente de cavallo, pelo sertam com recados aos Xeques, pedindolhe que pera hum certo tempo estivessem prestes com sua gente porque determinava fazer huma entrada de que aviam dalcançar muita honrra, e proveito. Andando o Adail nestes negocios soube como o Serife estava em hum seu castello que chamam Amagor, descuidado de o poderem la saltear, sobelo que com parecer dos Xeques dos Barbaros, e dos Arabes (que ja neste tempo eram todos vassallos del Rei dom Emanuel) screveo a Nuno fernandez pedindolhe que pera com brevidade cometer este negocio lhe mandasse mais gente de cavallo, e besteiros, e espingardeiros, o que logo fez dando a capitania a Alvaro mendez

cerveira seu sobrinho, que partio de Çafim huma segunda feira depois do Domingo de Lazaro, e chegou a Tedenest, onde foi bem recebido, e dalli sem repousar na villa foi ter ao arraial dos Arabes, que estava assentado junto do castello dos Moradis, que he do Serife, e passando daqui contra o castello de Amagor, onde elle estava, lhe veo fallar hum mouro honrado dizendolhe que não passasse adiante, porque se poderia encontrar com gente do Serife, com a qual de seu conselho, nam devia travar, senam em companhia do Adail, e Alvaro mendez cerveira lhe deu por isso as graças, tomandoo por guia, ate o levar per detras de humas serras onde o Adail estava com os de xiatima. Iunta esta gente que seriam duzentos Portugueses de cavallo, e cincoenta besteiros, e espingardeiros de pé ao outro dia foram assentar seu arraial em hum lugar que se chama Tazamor, duas legoas donde partiram, e ao sabbado que era vespera de Ramos foram amanhecer huma legoa alem de Tafetana, em humas aldeas a que chamam Alfecefiz, donde he castello de sancta Cruz, e era capitam dom Francisco de castro, a oito legoas, das quaes aldeas que acharam despejadas, foram ter sobelo castello de Amagor, segunda feira da somana sancta, que esta situado em huma terra aspera, cercada de rochedo, com duas ribeiras que o cingem todo, onde o Serife estava, a qual villa he mui forte, e de grande termo, em que avera mais de cento, e oitenta aldeas: em os nossos chegando, e assentando seu arraial, que seria ainda duas horas de Sol, sairam della alguns de cavallo, a escaramuçar, a que acodiram huma parte dos mouros da capitania de Side bogima, que seriam setecentos de cavallo, com quem se travaram, de maneira que foram constrangidos o adail, e Side Bugima lhes acodir com alguma gente com que fezeram

recolher os imigos, e por ser ja tarde, assentarão de ao outro dia pela manham cercar o lugar, porque lhes pareceo que averia nelle tão boa gente que o nam despejariam, mas enganoos o pensamento, porque o Serife se acolheo logo, e tras elle se começou de despejar a villa, do que avisado Side bogima veo dar conta ao Adail do que passava, que ja achou apeado com os da sua companhia, pelo que poseram outra vez a cavallo em caminhando para a banda per onde se a gente salvava, ate chegarem as tranqueiras, onde plejaram sobela entrada, com cento, e cincoenta de cavallo, e duzentos de pe, que empuxaram duas vezes pera dentro e outras tantas foram elles repuxados pera fora, ate que a segunda, sendo ja os nossos juntos, os entraram matando os mais delles. Dos Christãos os primeiros que entraram esta segunda vez forão Diogo Roiz raposo, Antonio vaz homem pardo, e Pedralvarez espingardeiro, e hum escudeiro de Nuno fernandez que ali mataram. Os da villa vendosse entrados se lançaram pelo muro, e rochedos pera se salvarem, de que morreram a ferro duzentos, e dos que se lançaram pelo rochedo abaixo mais de mil almas, entre homens, molheres, e mininos, de que muitos morreram espetados em arvores que avia no rochedo per onde se lançavam, e assi os cavallos selados, e enfreados por nam ficarem em poder dos christãos. Na villa se achou grande despojo, por o Serife ter mandado que ninguem tirasse nada della, com proposito de a defender, e assi muitos mantimentos, hos captivos forão mais de quatrocentos, em que entrou hum tio do Serife, que era, alcaide do mesmo lugar de Amagor, tomaramlhe o tambor com que se dava sinal no seu campo, que trouxeram a Çafim com os captivos, e cento, e oitenta, e cinco cavallos sellados enfreados. Foi tanto o despojo de

movens, trigo, cevada, mel, manteiga, galinhas, gado, e outras cousas, que tres dias continuos não fezerão os mouros outra cousa que acarretar da villa pera o arraial, no fim dos quaes se partirão com o despojo, os mouros pera suas comarcas, acaudelados por Side bogima, que neste negocio o fez como bom cavalleiro, e os Portugueses com os captivos pera çafim, dos quaes porei os nomes dos que pude alcançar. O Adail Lopo barriga, Alvaro mendez cerveira, Antonio vaz o mulato, Pedralvarez espingardeiro morador em çafim, Diogo roiz raposo, Simão dazevedo, Duarte taveira, Pero leitam, Eernam Dominguez, Francisco alvarez, e Duarte fernandez, todos sete Darzilla, mui bons cavalleiros, que avia alguns dias que estavão naquella cidade de Çafim, onde elles, e os demais que tornaram com esta cavalgada e tam honrrada victoria avida na face e vista do Serife. Forão recebidos com muita alegria, e levados em procissam a Sé, acompanhandoos Nuno fernandez, e todalas pessoas nobres, com amais do popular, onde deram graças a Deos pela merce que a todos fezera. Posto que nesta entrada fossem dos Portugueses feridos muitos, nam morreo nenhum, com tudo a alguns delles mataram os cavallos dos mouros de pazes, morreo hum Xeque dos principais, com outros doze de cavallo, e foram muitos feridos. Esta foi huma das honrradas victorias que os Portugueses ate então ouverão naquellas partes Dafrica.

CAPITULO LXXIII

Doutra entrada que o Adail fez per terra de mouros, e do que lhe aconteceo.

ALGUNS dias depois desta victoria sahio o Adail Lopo barriga de çafim, com cento, e vinte de cavallo, com que foi ter aos mesmos Aduares de Iheabentafuf, onde descansou hum dia, e o outro forão todos sobre hum castello que se chama Agaballo, que entraram per força, de que o primeiro que sobio foi Lopo barriga per huma lança, no qual acharão assaz de despojo, alem dalgumas almas que captivarão, com que se vieram aos mesmos Aduares. Esta presa mandou Lopo Barriga a Nuno Fernandes escrevendolhe que viesse ter com elle porque toda a terra era despejada, nam ficava senam o castello de Algel, onde o Serife se recolhera depois que lhe destroirão Amagor, que sabido per Nuno Fernandez aballou logo de Çafim com a mais da gente de guerra que ficara na cidade, e com ella Martim afonso de melo, que alli viera ter de Mazagam, determinado de neste Castello Dalgel cercar ho Serife, os quaes chegaram onde estavão Iheabentafuf, e Lopo barriga, que todos juntos aballaram ao outro dia contra o Castello de Algel, e sendo a duas legoas delle não se pode saber porque causa Nuno fernandez se tornou pera çafim, do que se bem arrependeo depois, porque sem duvida elle destroira o castello por quanto o Serife na mesma hora que soube de sua vinda fogio caminho de Sus deixando no castello hum seu irmão com xx de cavallo, mandandolhe que se os christãos viessem, lho

deixasse, e se fosse pera elle, mas como o Serife soube que se tornara do caminho, se veo outra vez meter no castello. Nesta volta mandou Nuno Fernandez a Lopo barriga que fosse sobre humas furnas que estavam perto do caminho per onde hia, as quaes foi sem as poder entrar, em que lhe mataram alguns dos que com elle foram, e outros deitaram dos rochedos abaixo, e assi se tornaram pera onde o capitão estava, tomando todos seu caminho pera Çafim. Mas nam passaram oito dias que Lopo Barriga nam tornasse a chamado dos mesmos Arabes a ver se podia tomar este castello de Algel, com os quaes, e com cento, e cincoenta de cavallo, que levava, e alguns besteiros, e espingardeiros de pe se foi assentar em uma ribeira, ao pe do rochedo daquella furna, ou lapa, que he tres legoas do castello. Estando assim despois de comer ouviram huma grande grita, pelo que se poseram todos a cavallo encaminhando pera onde vinham estes que gritavam, que eram alguns dos Aduares do Serife, que se vinham lançar com os nossos, aos quaes seguio alguma da sua gente ate vista dos nossos aduares, a quem Lopo barriga juntamente com os mouros de pazes sahio, e os seguiram toda estas tres legoas, ate chegarem ao castello que est entre humas serras muito agras, e por se desmandarem alguns que chegaram ao pe do castello foi necessario soccorreremnos, por ja andarem maltratados da gente do Serife, de que foram postos em tanto aperto ao recolher, que a mor parte assi dos christãos, como dos mouros de pazes se começaram a desbaratar, em que mataram alem dos mouros, dezasete de cavallo Portugueses dos quaes foi hum Sebastiam matoso natural de Castelbranco, homen mancebo, tam esforçado cavalleiro que se vivera segundo o nome que ja tinha entre os mouros e christãos, viera

ser homem de grande marca. Lopo Barriga foi tomado as mãos, e ferido, mas depois de tomado, e o cavallo morto, se salvou milagrosamente em outro cavallo dos mesmos que o derrubaram, e assi se tornaram todos pera as tendas descontentes, e maltratados. Mas logo ao outro dia determinou Lopo Barriga assi ferido como estava de ir sobreste castello Dalgel, no qual caminho roubou alguns lugares dos que estavão ao redor, e assentarão suas tendas não muito longe do castello, onde estiverão tres dias sem lhes ninguem sair do lugar, mas em fim o fezeram alguns de cavallo, a quem a nossa gente seguio o alcance ate o pe do castello, onde se recolheram em as tendas que alli tinhão assentadas, as quaes nam chegaram os nossos, com receo dalguma cillada, com tudo matarão sete, ou oito delles, e lhe tomaram vinte, e cinco cavallos, e assi se vieram pera suas tendas, e ao outro dia pela manham as foram poer ao pe do lugar, tão perto que não avia antrelle mais que hum monte pequeno, e hum ribeiro. Estando assi os de dentro sairam a travar escaramuça com elles, no que andando os nossos Arabes viram assomar gente, a qual era do senhor da serra que em pessoa vinha com cento de cavallo socorrer o castello, pelo que se poseram os mais em fugida, deixando as tendas, mas Lopo Barriga com os Portugueses, e alguns poucos dos nossos Arabes ficou alli ate noite cerrada, pellejando em hum passo per onde esta gente de cavallo avia de passar, em que lhe mataram hum besteiro de pe Portugues, no qual os deteve ate alta noite. Dalli se veo assentar a mea legoa trazendo as tendas que os nossos Arabes desempararão, dos quaes morrerão aquella noite de frio mais de quinhentos, e em amanhecendo lhe vieram correr obra de xxx de cavallo, que fez fugir e lhes tomou hum cavallo. Isto assi fei-

to ao dia seguinte foi Lopo Barriga ter a Calcate, onde ajuntou alguns dos Christãos que andavão espalhados pelo campo, com que tornou pera çafim.

CAPITULO LXXIV

De como Nuno fernandez dataide, e dom Pedro de sousa forão sobela famosa cidade de Marrocos, e do que passaram nessa jornada.

PElo Adail Lopo barriga soube Nuno fernandez dataide como deixava todolos mouros de pazes convidados pera o que lhe mandara dizer, do que bem informado, despachou Alvaro dataide com cartas de crença a dom Pedro de sousa capitão Dazamor, mandandolhe dizer sua tençam, o qual por lhe o negocio parecer de muito peso pera tratar per cartas, se veo ver com elle a çafim, onde assentaram o que aviam de fazer, o que concluido dom Pedro se tornou pera Azamor, e logo dahi a poucos dias teve Nuno fernandez recado per Incet banzamarro judeu, e Francisco Diaz Atalaia que mandara com negocios dissimulados aos de Garabia de como estava o Serife em Morrocos. O que sabido mandou logo recado a dom Pedro que a hum dia certo se achasse com sua gente nas Salinas, e o mesmo mandou dizer a Cide meimam, Xerquia Abida, e garabia ho que todos fezeram, os Dabida, com seiscentas lanças, os de Garabia com mil e os da xerquia com viii. centas, e dom Pedro de sousa com duzentas, e xx peães, e Nuno fernandez dataide com trezentas, e dez e xii. peães. Do qual lugar das Salinas, dizendo Nuno fernandez aos mouros onde os levava (do que forão mui ale-

es) partiram todos hum Domingo xxii. dias do
ez dabril deste anno de MD.xv. e foram jantar a
osdam que he dalli duas legoas donde as dez horas
o dia tomarão seu caminho per hum campo grande
fermoso, levando Nuno fernandez a sua mão es-
uerda, xerquia, e Abida, e Garabia, a direita, fican-
o a gente Portuguesa entrelles, com que juntamente
iegou com tres horas de sol a Mezerete, onde achou
guns xarquos dagoa roim, de que todos beberam.
aquelle lugar tiveram Nuno fernandez dataide, e
om Pedro de sousa, conselho com os xeques de to-
a esta companhia de mouros, pera saberem per qual
orta da cidade de Marrocos a irião cometer, e as-
ntaram que fosse per huma a que chamão de Side
elabeceti a que lhes parecia que poderião chegar
om menos perigo, o que dom Garcia deça çuleima
ntrariou dizendo que o nam fezessem, porque antes
chegarem a ella avião dachar muitas açequias, e
atamorras que lhes aviam dempedir o caminho, mas
e fossem cometer a porta que se chama de Fez
orque era a mais direita do caminho em que esta-
m, e milhor terra, o que a todos pareceo bem. To-
ada esta conclusam partiram de Mezerete depois de
a, e foram repousar a huma legoa de hum rio que
ssarão em amanhecendo, os Christãos primeiro, e
pos elles xerquia de que era Capitam Side Meimam,
por nam travarem estes mouros huns com os ou-
os, por alguns desconcertos que aquelle dia tiveram
andou Nuno fernandez com elles Luis Gonçalvez, e
almoxarife seu cunhado com alguns Portugueses, o
esmo fez com Abida, e Garabia. Passando o rio que
ria menhã clara, viram per riba de huma serra hum
lcorão dos da cidade de que dizem que a nella
ais de cento, dalli commeçarão de caminhar em or-
em dando Nuno fernandez dataide o guião a seu

genrro dom Afonso, e a bandeira a Alvaro dataide com a outra gente. Dom Pedro de sousa fez da sua duas azes, com que hia a mam direita de Nuno fernandez, e Abida, e garabia diante, e amam esquerda Xerquia. Nesta ordem abalaram todos per huma terra cham de moutas, e mato raro, tendo já Nuno fernandez mandado diante Diogo Lopez almocadem com dous mouros a descobrir, e nas costas delles fernão Dominguez, com alguns besteiros, e espingardeiros. O Almocadem com os dous mouroa entrou dentro da barreira ate chegar a huma mezquita que esta defronte da porta de Side bellabeceti, per onde dom Garcia deça çuleima dixe que nam cometessem, que achou ser como elle dixera, e com esse recado se veo a Nuno fernandez o que sabido assentaram no que tinham ordenado de ir cometer a porta que se diz de Fez, abalando logo de longo de dous outeiros questam junto de Marrocos, passando pela colada dentrambos, onde os mouros de pazes fezeram huma fermosa mostra, de que os Portugueses se contentaram mais que não ja os da cidade parecendolhes que detras destes ficavam muitos mais, e porque Nuno fernandez ouve medo que os imigos tivessem talhado o caminho, e feitas algumas acequias, e matamorras, mandou a Luiz gonçalves, e Lourenço mendez que passassem a diante ver se achavão algum impedimento que lhe estorvasse chegar, e recolherse, se necessario fosse, o que fezeram tornando com recado que podia passar a diante, que se da gente que saisse da cidade nam lhe recressesse perigo que do mais estava seguro, então mandou a doze dos de Garabia, que corressem ate as portas, pera ver se lhe saiam os da cidade. Despedidos estes corredores abalou o exercito, indo dom Pedro de sousa pela estrada com suas batalhas, e Nuno fernandez dataide por

ima de um pam muito fermoso, que se regava da
oa de dous canos que vem da rio, os quaes passa-
am per humas quebradas que tinha per que cabiam
ous a dous, trez a trez de cavallo, ate se poerem
m hum rosio duas carreiras de cavallo da porta de
ez. Dom Pedro se pos mais acerca do muro que
Nuno fernandez, por a estrada por onde hia lhe dar
era isso lugar, Xerquia ficou a mam esquerda de
Nuno Fernandez, a porta dos cortidores, Garabia a
orta de Cide belabecetij, que era mais perigosa de
odas pelas acequias, e matamorras que tem, Abida
porta do Rob. Os da cidade, em que avia muita
ente de guerra, sairam pela porta de Fez aos corre-
ores que Nuno fernandez mandara, e o mesmo feze-
am pelas outras trez portas, em tanta cantidade que
versm os nossos assaz detrabalho em soster o peso
a gente, e revolta da escaramuça em que Cide mei-
nam foi ferido em huma perna, e o adail Lopo bar-
iga cahio com o cavallo e passara mal se lhe não
cudira seu sobrinho Pero barriga, e os de Garabia,
os Mouros morreram alguns, assi dos de pazes,
omo dos da cidade. Esta peleja durou mais de qua-
ro horas, e foi tanta a multidam de gente de pe, e
avallo que sahio da cidade, que Nuno fernandez e dom
edro tomarão por partido recolherensse em boa ordem
hum porto do rio que esta junto da cidade, com to-
olos Mouros de pazes, em que ouve muitas voltas,
e huma, e da outra parte com mortos, e feridos de
ada huma dellas. Depois de serem no porto por ser
am estreito que nam podiam passar se nam dous, e
rez apar, os da cidade os começaram a dapertar
nais, o que vendo Nuno fernandez pedio a dom Pe-
ro que tivesse conta com os que passavam,
ue elle faria rosto aos da cidade, e hos deteria ate
ue todos fossem alem do rio, o que se fez com as-

saz trabalho, mas posto que o aperto fosse grande dos nossos não morreo nenhum com tudo alguns forão feridos, dos Mouros de pazes morreram dez, ou doze, e foram muitos feridos por que estes se meteram na escaramuça mais que os Christãos, e fezeram o mais do negocio. Passado assi o vao, caminhando o exercito em sua ordem, os da cidade como afrontados de serem tantos, e lhe virem correr as portas, e sobre todos hum alcaide que alli estava del Rei de Fez passaram o mesmo vao, vindo quasi afio commeter a nossa gente, aos quaes sendo ja o campo mea legoa alem do rio voltaram Abida, e Garabia, e apos elles os da Xerquia com alguns Christãos, que se desmandaram da ordenança, e os fezeram voltar ate o rio, em que lhe mataram dous cavalleiros, e dez cavallos, de que hum foi o Alcaide del Rei de Fez, o que feito se tornaram perà bandeira, que com os mais Christãos estava esperando por elles em hum teso, donde logo Nuno fernandez dataide, e dom Pedro de sousa aballaram, e foram cear em huma ribeira que se chama Ihenim Iubem hahabras, quatro legoas do porto. Dali foram ter a Ebabuguederem, e Hagosdem, onde estiveram huma noite, e ao outro dia foram jantar a Tazarote, onde os de Oledambrão lhes mandarão hum grande presente de vacas, carneiros, galinhas, pam e fructas, do qual logar foram dormir a Almedina em companhia de Side meimam, que posto que viesse ferido festejou a todos mui magnificamente. Dalmedina tomou dom Pedro de sousa seu caminho pera Azamor, e Nuno fernandez dataide pera Çafim, onde chegou as cinco horas depois de meo dia, avendo ja oito que dali partira. Os Portugueses conhecidos que se acharam nesta jornada, de que pude alcançar os nomes, sam dom Afonso gentro de Nuno fernandez,

m Garcia deça çoleima, dom Pedro de Noronha, artim afonso de mello, Christovam de mello, dom ancisco dazevedo, Joam brandam, Emanuel de ello, Pero lourenço de mello, o Adail Lopo barri- Pero barriga seu sobrinho, Vasco de pinna, Alva- do Tojal, Diogo lopez almocadem, Duarte lopez seu não, Luiz gonçalves, o Almoxarife seu cunhado, o eitor, o Contador Nuno gato, Alvaro dataide, Lou- nço mendez, e Emanuel cerveira, Diogo de faria, Se- stiam lopez, Fernam dominguez, George mendez taide Ioam ferreira, Pero dataide, Emanuel dataide, Gonçallo de sousa. Aos mais que se nesta entrada haram, a quem a negligencia dos que tinham a car- descrever estas cousas a el Rei cegou a gloria que les juntamente merecerão com os nomeados, são m bem dignos de muito louvor, por chegarem per rra de tantos imigos a huma tal, e tam memoravel dade, e tam metida no sertam como o esta de Mar- cos he, de quem os escriptores antigos e modernos, regos, Latinos, e Arabios, tantas, e tam memoraveis usas tem ditas, do que tudo he digna de muitos ais louvores, se os della mores quisessem poer por cripto.

CAPITULO LXXV

De como dom Ioam coutinho, Capitam Darzilla, e dom Duarte de Meneses, capitam de Tanger foram sobre Alimbilia, e a destruiram.

ALimbilia he huma grande aldea, situada na serra do Farrovo, na fralda della, cinco legoas Darzilla, pera onde descobre de rosto. Sobresta aldea, de que ja tratei, foi algumas vezes dom Vasco coutinho Conde de Borba para a destruir por dali correram muitas vezes os Mouros o campo Darzilla, fazendo as mais vezes muito dano ahos nossos, no que continuando, seu filho dom Ioam coutinho, agastado destas entradas que acostumavão fazer os mouros desta aldea, com outros que se com elles ajuntavam determinou de a destruir, e porque pera este negocio avia mister mais gente da que então tinha em Arzilla, escreveu a Tanger a dom Duarte de meneses pedindolhe que se ajuntassem ambos para irem sobrella, o que fezeram aos sete dias do mez de Maio deste anno de M. D.xv. os quaes tomando seu caminho, do lugar em que se ajuntarão, mandaram correr Almogavres da banda da serra contra Arzilla pera azedarem os Mouros, e os trazerem ate virem cair em huma cilada em que se avia de poer dom Duarte com sua gente, na qual, por o caminho ser mais comprido do que cuidavam senam pode lançar, por lhe amanhecer antes que la chegasse. Os mouros da aldea nam arrecearam de decer abaixo, onde tinhão suas tranqueiras, aos quaes dom Duarte sahio por baixo da serra, e dom Ioam de huma ribeira onde se lançara, os quaes

seguindo tras elles pelo outeiro arriba chegarão a som de trombetas a aldea, posto que os Mouros antes de os commeterem, zombando da nossa gente os chamavam como por desprezo dizendo-lhes que subissem pera riba que la achariam quem lhes respondesse, do que anojados, bradando, arriba, arriba os levaram até aldea, fazendo-os sahir pela outra banda, e assi foi ganhada e tomado o despojo que poderam levar. e lhe poseram o fogo, e a todalas outras que ha dalli ate o rosto de Benanifa, por cima da serra da outra banda de Tanger e assi a outras contra Benamaçuar, e lhe queimaram duas mui fermosas mesquitas, e as casas de çalabem çala capitam que fora de Septa, quando a el Rei dom Ioão primeiro tomou, que tinhão as portas encouradas, e ferradas de grossos cravos de ferro, de maneira que destruiram quasi toda a serra do Farrovo, sem nenhum dos cavalleiros que nella moram, em que ha muitos, e bons ousar de sair a nossa gente, trabalhando cada hum de se salvar o milhor que pode pelo que não captivaram mais de xv, e matarão dez. Fez esta entrada tanto espanto per toda aterra, e foram disso taes novas a el Rei de Fez que com toda a gente de sua cevadeira, e outra se veo paràquellas partes, receoso que passassem os Christãos alem da serra do Farrovo, ao qual dom Ioão coutinho lançou huma cilada, sendo ja da outra banda da serra contra Arzilla, mas o negocio lhe sucedeo ao contrario do que cuidava, porque se não encontrou com el Rei nem com nenhuma da sua gente. Os nomes dos cavalleiros que se neste negocio Dalgubilia acharam nam ponho aqui, não por minha culpa, senam pela da carta que o mesmo dom Ioam coutinho escreveu a el Rei, na qual de nenhum delles faz mençam.

CAPITULO LXXVI

De huma armada que el Rei mandou ao rio da Mamora, de que deu a capitania a dom Antonio de Noronha seu scrivão da puridade pera na boca deste rio fazer uma fortaleza.

A Cousa que el Rei sobre todas mais desejava era ter na costa do mar da Barbaria muitas villas, e lugares, e porque ja tinha mandado sondar ho rio da Mamora, e informaçam per espias do lugar mais seguro, em que na boca delle se podia fazer uma fortaleza, ordenou neste anno de M.D.xv, mandar a este negocio dom Antonio de Noronha seu scrivam da puridade, que depois foi Conde de Linhares, irmão de dom Fernando Marques de villa real, e a successão se dom Antonio fallecesse nesta viajem, deu a dom Nuno mascarenhas, levando mais em suas instruçoens, que acabada a fortaleza da Mamora, dom Antonio lhe desse navios, e trez mil homens para ir fazer outra fortaleza em Anafe a qual fortaleza desejava el Rei tanto tella naquellas partes, que por esse so respeito ordenou de mandar esta armada a Mamora, pera que acabada esta se fezesse a outra com menos trabalho, e perigo, no que deu manifesto sinal, depois do desbarato desta gente que foi a Mamora, porque sendo no mez Dagosto, logo determinou de Septembro do mesmo anno mandar dom Vasco coutinho Conde de Borba com huma armada a fazer esta fortaleze de Anafe, o que nam ouve effeto, posto que pera isso ja el Rei tivesse feita alguma despesa, e dadas as instruções ao Conde do que avia de fazer na viagem. Mas tor-

nando a esta armada de que era capitam geral dom Antonio de Noronha, hião nella mais doito mil soldados afora officiaes que avião de fazer a fortaleza, marinheiros, e moradores pera la ficarem com suas molheres, e filhos, na frota averia duzentas velas, entre naos, navios, gales, e fustas, com a mor parte da qual partio de Lisboa, aos xiii dias do mes de Iunho dia do bemaventurado Santo Antonio donde foi ter ao cabo de sancta Maria, e alli esperou ate os vinte do mesmo mes per dom Alvaro de noronha, e pola gente do Algave. Os quaes todos juntos se fez a vela, e o primeiro lugar que viram Dafrica foi Larache, que os da frota quiserão cometer se lho dom Antonio consentira, que por evitar o alvoroço que sobre isto se ja fazia mandou correr de longo da costa, e aos xxiii dias de Iunho vespera de S. Ioam baptista chegou a barra do rio da Mamora, numa hora ante sol posto. Os capitães, e pessoas conhecidas que hiam nesta armada, de que pude alcançar os nomes, forão dom Nuno mascarenhas, dom Afonso dataide, dom Alvaro de noronha, dom Bernardo Emanuel camareiro mor del Rei, dom Gaspar, dom Ioão de Noronha da ilha da Madeira, Garcia de mello anadel dos besteiros da faldrilha, Pero lafonseca, Laçarote de mello, Antonio de saldanha, dom Rodrigo de noronha, D. Pedro dazevedo, dom Antonio seu irmão, Duarte de lemos, Pero moniz, dom Antonio de sousa, Tristam da silva, Rui de mello, Sinão gelez senhor da torre de donna Chamor, Francisco opez gyram, George correa, Christovam leitam, Fernão vaz corte Real, Vicente de mello, Antonio real, Gaspar de paiva, Ioão serrão, Inacio de bulhões, Diogo berrio, Pero berrio, e Ioão martinz dalpoem seus cbrinhos, Stevão barroso, Icão da costa, Balthasar e sequeira, Rui varella, Rui de farão, Pero vieira,

Pero gonçalves de tavora, Diogo butaca, que hia por mestre da obra da fortaleza, Pero bentes, e o Charino. Surta a armada, mandou dom Antonio a Diogo berrio que com a sua caravella, posesse de huma banda da barra a fusta de Pero bentes, e da outra a do Charino, com os quaes foi Antonio de saldanha, e a Berrio mandou que como isto fezesse entrasse primeiro que todos pela barra dentro, e fosse ancorar no lugar onde se avia de fazer a fortaleza segundo o regimento que pera isso levava del Rei, e apos elle mandou que entrassem Ioão martinz dalpoem com a sua caravella que levava carregada dartelharia, e tras elles Tristão da silva, Rui de mello, Christovam leitão, coroneis da gente da ordenança, aos quaes seguião os capitães. Depois da frota ser dentro, Diogo berrio foi mostrar a dom Antonio o lugar em que se avia de fazer a fortaleza, ho qual a juizo de todos pareceo pouco conveniente pera isso, pelo que assentarão que se fezesse em outro mais perto da foz em que havia fontes dagoa, e milhor posto para desembarcarem, no qual mandou lançar em terra dous esquadrães da gente dordenança, e huma villa de madeira que levava, e outros petrechos necessarios, e que se tudo fez na mesma noite que entraram, e logo ao dia seguinte depois de ter armada a villa de madeira se começou de entender no fazer da fortaleza, no que todos ajudavam assi capitães, como toda a outra gente, com tanta diligencia, que em pouco dias fezeram a cava de catorze palmos de altura, e vinte de boca, em que tomavam ha agoa de mare, e soltavam quando queriam. Procedendo assi a obra os mouros creciam cada dia, porque Moleinacer Rei de Mequinez, que he duas jornadas, donde se esta fortaleza fazia acudio com trez mil de cavallo, e trinta mil de pe, e o mesmo fez Molei mahamed Rei d

Fez, com muito maior companhia de maneira que era tamanho o exercito que trazião que cobria a terra, duas legoas ao redor. Com tudo dom Antonio nam deixava proceder na obra da fortaleza, e ha acabou quasi de todo antes dentrar o mes Dagosto, posto que com muito trabalho porque os mouros os vinham cada dia cometer, aos quaes era forçado sairem os nossos, em que ouve recontros com morte de muitos de huma, e da outra parte, e em hum delles mataram os mouros dos nossos mais de mil, e duzentos. E porque o mor danno que os Reis de Fez, e Mequinez recebiam, era dos navios da frota que entravam, e sahiam pela barra, porque alem de trazerem mantimentos, e cousas necessarias pera a obra da fortaleza, varejavam com a artelharia os do seu arraial, mandarão fazer na entrada do rio huma estancia muito forte, donde com a artelharia defendiam o passo a todos estes navios, ao que dom Antonio acudio com huma nao grossa forrada de vigas, e sacas cheas de lãa, estopa, algodam ate o lume dagoa, pera receber os tiros que vinhão da estancia e lhe responder com outros, e os navios passarem a salvo por detras della, a capitania da qual nao, e de tres caravellas, que defendiam este passo, depois de outros a soltarem pelo muito danno que recebiam da estancia deu dom Antonio per derradeiro a Gaspar de paiva que a sosteve trinta dias, ate de todo os mouros meterem a nao no fundo, que foi huma das causas de todos começarem a perder a esperança de poderem mais soster a fortaleza, por lhe começarem per este respeito de faltar os mantimentos, e ser ja morta, e ferida muita gente, alem da que estava doente, e ter dom Antonio recado del Rei dom Emanuel, pelas informações que lhe escreveo do que passava, que se os outros capitaens assentassem que se devia de deixar a forta-

leza o fezesse, e se tornasse pera o regno, no que todos consentindo, a soltaram em dia de sam Lourenço dez dias Dagosto, em que a desordem com que se tudo fez foi causa de morrer muita gente a ferro, e afogada na vasa do rio, e se perderem mais de cem navios, que per mao governo foram dar na praia; de maneira que se achou per conta morrerem nesta viajem quasi quatro mil homens afora muita artelharia, mantimentos, e muniçoens de guerra que ficaram na fortaleza, e se perderam nos navios que deram em seco, alem de muitas molheres, mininos, e outra gente que ficou captiva em poder dos Mouros. Esta foi a mor perda de gente, e munições de guerra que el Rei dom Emanuel ouve em todo ho tempo de seu regnado, ha qual nova lhe foi dada em Lisboa, e a recebeo com muita paciencia, dando por isso graças a Deos, como o sempre fez em todolos casos prosperos, e adversos que lhe aconteceram.

CAPITULO LXXVII

De como el Rei mandou Lopo soarez dalvarenga por governador a India e do que na viajem passou ate chegar a Cochim.

AFONSO dalbuquerque fazendo pouco caso de muitos capitulos e más informações que delle mandavam a el Rei pessoas que per sua virtude, e esforço lhe tinham enveja, misturada com odio confiando na bondade del Rei, e nos muitos, e estremados serviços que lhe tinha feitos, lhe pedio per suas cartas, que havendo respeito a ter post

uasi toda a costa da India a sua subgeiçam, com
uitas cidades della, Reis, e senhores lhe pagarem
areas, e tributo e serem seus vassallos, confederados
amigos, entre os quaes erão Ormuz, Goa, Malaca
e que podia fazer conta como de cousa sua propria,
uvesse por bem lhe fazer merce de titulo de Duque
e Goa, na qual cidade desejava de se apousentar, e
epousar de tantos trabalhos quantos tinha tomados
or seu serviço. No despacho deste requerimento po-
e tanto a industria dos contrarios de Afonso dalbu-
uerque que não tam somente desviaram el Rei da
oa vontade que lhe tinha, mas ainda lhe deram a
ntender que hum tal requerimento trazia consigo
ospeita de se querer fazer tyranno, e alevantarsse
om Goa, onde tinha muitos criados, e achegados
oradores, e officiaes que lhe queriam como a pai, e
ue sobre tudo isto tinha a vontade dos naturaes da
erra de que era amado, e querido, e que tendo esta
dade por si, com os castellos, e fortalezas da ilha
e alliaria com o çabaim dalcão e com el Rei de
arsinga, e outros senhores do sertam, e da costa,
que se fesesse viria pouco a pouco ser tão ponde-
oso, que os da terra se erguerião com elle, e os
ortugueses que la andavão obedecerião mais a seus
andados que aos de sua Alteza. Os quaes parece-
es fezerão tamanha mudança em el Rei, que nam
m somente lhe quis conceder o que pedia mas an-
es assentou de o fazer vir pera o regno, e mandar
or governador Lopo soares dalvarenga, parecendo-
e que na execuçam de fazer embarcar Afonso dal-
uquerque faria todalas diligencias necessarias, por
aber que nam era muito seu amigo, assentado isto
e deu pressa a armada que aquelle anno avia de ir
erà India, que era de treze naos, na qual alem dos
areantes foram mil, e quinhentos soldados, em que

entrava muita gente nobre. Os capitães das naos erão o mesmo Lopo soarez, Christovam de tavora, dom Goterre de monroy, Simão da sylveira dom Garcia coutinho Francisco de tavora, Alvaro telez barreto dom João da Silveira, George de brito, Alvaro barreto, Simão dalcaçava, Diogo mendez de vasco goncellos, e Lopo Cabral. Com Lopo soarez hia Fernão perez dandrade na nao de seu cunhado Francisco de tavora provido da capitania de huma armada que el Rei ordenou que se mandasse a China, e que fossem com elle nomeadamente George mascarenhas e Jannim rabelot que avia de ficar por feitor em Pacem per onde Fernam perez avia de passar. E porque estava receoso, assi pelas novas que teve da viajem que Afonso dalbuquerque fez ao mar Darabia, como pelas cartas que lhe vieram de Rodes, que mandava o Soldam de Babilonia fazer em Suez, e no Thor naos, e gales pera mandar a India, encommendou muito a Lopo soarez que uma das primeiras cousas que fezesse depois de ter despachada a armada em que havia de tornar pera o regno Afonso dalbuquerque, fezesse huma viagem ao mar Darabia, e trabalhasse muito por queimar, e desbaratar aquella do Soidão; porque lhe mandou que sem duvida nenhuma posese em obra esta viajem, parecendolhe que era este proprio tempo em que devia de despachar Matheus embaixador da Rainha Helena, mãi do Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, o mandou em sua companhia, e com elle por embaixador ao mesmo Rei Duarte galvam fidalgo de sua casa, e do seu conselho, homem de dias muito prudente, que o servira, a el-Rei dom Ioam segundo, em muitas embaixadas nas cortes dos papas, e do Emperador Fedrique, e Maxemiliano seu filho e dos Reis da França, e Inglaterra, e em outros muitos negocios, de que semp

eu boa conta, do qual Duarte galvam tenho tratado a Chronica do Principe dom Ioam filho del Rei dom Afonso quinto, onde fallo na tomada de Cantalapedra, pelo que aqui não direi o demais das calamidades, e partes dignas de louvar que nelle avia, mas de sua embaixada tratarei na quarta parte desta Chronica. Prestes a frota, Lopo soarez partio do porto de Lisboa aos sete dias Dabril deste anno de M.D.xv, e sem lhe na viagem acontecer cousa que seja para contar, chegou com toda a armada a Moçambique, onde achou duas naos de que eram capitaens Luiz figueira, e Pedreanes, dalcunha Frances, que el Rei o anno passado, no mez de Julho mandara do regno a ilha de S. Lourenço, pera no porto de Matatana fazerem huma fortaleza, o que não avendo effecto, se vieram do mesmo porto, onde estiverão seis meses a Moçambique com algum gengivre, e ambar que resgataram. Tomadas em Moçambique as provisoens, e refrescos necessarios para a armada, e despedido Christovam de tavora pera çofalla, donde hia provido por capitam na vagante de Sancho de Ihoar que la estava Lopo soarez se partio, levando consigo as duas naos que alli achara, e a de que viera por capitão Christovam de Tavora deu a Fernam perez dandrade, e sem tomar mais porto chegou ao de Goa a dous dias de Septembro deste mesmo anno onde logo deu a posse da capitania da cidade a dom Goterre de monrroy que della hia provido na vagante de dom Ioam deça, e despachou George de brito pera Malaca, que levava a capitania na vagante de George dalbuquerque, com quem mandou Antonio pacheco, que hia provido da capitania do mar, e mandou Diogo mendez de vasco goncelos a Cochim, que hia provido da capitania, e feitoria, pera dar aviamento a George de brito, e co-

meçar logo dentender na carga das naos que avian de tornar para o regno, nestes negocios, e em outra cousas que proveo em Goa, se passarão doze dias. (que feito se partio gera Cochim, e de caminho foi Cananor, onde deu a posse da capitania da fortalez a Simão da silveira que a levava per vagante d George de mello que então acabava, e a de Calecu que então servia Francisco nogueira, deu a Alvar telez barreto. Chegado a Cochim foi mui bem rece bido de todos, pelo cargo que levava mas com des gosto secreto dos mais, pelo bem que queriam Afonso dalbuquerque, e sobre todos del Rei de Co chim, que tomou muito mal mandalo el Rei da India o que deu bem a entender no pouco gasalhado qu fez a Lopo soarez a primeira vez que se viram, qu foi muitos dias depois de sua chegada, de cuja ami zade em quanto esteve na India fez sempre pouc cabedal dizendo muitas vezes em pratica aos seus, alguns Portuguezes com que fallava familiarmente que pois Lopo soares era forte de sua condição qu o mesmo faria elle, e o trataria, nam como o fezer a Afonso dalbuquerque, porque sempre cada hur delles quisera o que outro queria, com a qual con formidade de vontades, todos eram contentes, e e Rei dom Emanuel seu irmam milhor servido, e su fazenda acrecentada.

CAPITULO LXXVIII

nascimento do Infante dom Duarte, e das calidades de sua Real pessoa, e filhos que deixou.

Estando el Rei em Lisboa pario a Rainha dona Maria sua molher nos paços da ribeira, o Infante dom Duarte, aos vii dias do mez de Setembro do anno do Senhor de M.D.xv. O qual ncipe foi mui inclinado a letras, e armas, grande çador, e monteiro, e muito musico, era tam dado monte que por matar hum porco montes, ou hum ıdo dormia muitas vezes vestido no campo, do e reprehendido, per hum seu familiar, lhe respon- o que os homens não podião bem exercitar a guerra na mocidade senão acostumassem ao trabalho da ça, porque com este se faziam abiles pera poderem rer todolos outros. Foi casado com dona Isabel, a de dom Iames Duque de Bragança mulher mui creta, bem inclinada, dotada de muitas vir- les, e muito Catholica Christãa. Este casamen- contratou el Rei dom Ioam terceiro, com n Theodosio irmão desta senhora, sendo já seu delles ambos falecido, ho qual dom Theodosio, o grande amor que lhe tinha, e desejo de a ver ıada eom hum tam virtuoso Principe, entre outras ısas que lhe deu em casamento, foi a villa de Gui- rães, com o titulo de Duque. Forão estas vodas ebradas no anno do Senhor de M.D.xxxvi. annos, Villaviçosa, lugar do mesmo Duque as quaes el i foi presente com os Infantes seus irmãos, e os is dos senhores destes regnos. O aparato destas tas foi tamanho que com assaz trabalho o podera

hum Rei fazer com mor magnificencia. Viveo este Principe depois de casado quatro annos, com muito amor dantrelle, e sua molher. Falleceo na cidade de Lisboa em humas casas que estam apar dos estaos, onde el Rei seu irmam entam pousava, deixando de seu matrimonio duas filhas, dona Maria que casou com dom Alexandre Farnes, Principe de Parma e dona Catherina que casou com dom Ioam Duque de Bragança, Princezas dignas de muitos louvores pelas grandes calidades, e virtuosas partes que em cada huma dellas ha. E a infante ficou prenhe de quatro meses da qual emprenhidão pario em Almeirim no mez de Março seguinte, depois do falecimento do Infante hum filho a que poseram nome dom Duarte, que he ao presente condestabre destes regnos, e Duque de Guimarães, Principe em que a natureza ategora tem dado mostras de boa sperança que se delle pode ao diante ter. Antes que este virtuoso Infante dom Duarte falecesse, ou por revelaçam ou per qualquer outro modo, dixe a seus irmãos, e alguns seus criados, e familiares o tempo em que avia de morrer, e se lho querião despersuadir então lho afirmava mais. Foi mui devoto, e abstinente, e trouxe muito tempo hum silicio entre a carne e a camisa, com tanto segredo que nunca se pode saber pelas pessoas que o vestiam, e despiam, senão per ocasiam, poucos dias antes que falecesse. Estando doente, depois de ter recebido os Sacramentos da Egreja, e feito todolos actos de Christão, dixe huma segunda feira aos que com elle estavam, que dali a dous dias avia de morrer, o que assi foi, porque spirou a quarta entre as dez, e onze horas do dia, havendo onze que adoecera. Faleceo aos vinte dias Doctubro de M.D.xxxx, em idade de xxv. annos, levaramno a enterrar ao Mosteiro de Bethlem os ir

ãos da Misericordia, acompanhado de toda a Cor-
, Ordens, e Cleresia da cidade.

CAPITULO LXXIX

e como por mas informações George dalbuquerque mandou degolar por justiça el Rei de Campar e de huma batalha que os nossos ouveram no mar com a gente del Rei de Bintam.

ATRAZ fica dito como no começo do anno de M.D.xiiii. despachara Afonso dalbuquerque seu primo, e o que passou no caminho ate ser, e de como deu a posse do edificio de Benda- a el Rei de Campar com titulo de Macubume, que e dignidade como entre nos Vicerei, por cujo res- eito se matou a si mesmo Ninachetu, que servia o fficio de Bendara. Morto Ninachetu, estando el Rei e Campar em posse pacifica deste officio, e a terra da contente do modo, e ordem que tinha assi com s Mouros como com os Gentios, el Rei de Bintão, ola grande perda que recebia por todo o trato da- uellas provincias se reduzir a Malaca, determinou er qualquer modo que podesse lhe ordenar a mor- , posto que fosse seu genrro; e porque sabia quão em quisto era, assi dos Christãos, como dos Gen- os, e mouros, pela qual causa acharia mui dificulto- amente quem per dinheiro o quisesse matar a ferro, u com peçonha, tomou outro caminho bem dissimu- do, e mui desviado deste, mandando aos capitães e suas lancharas que tomassem alguns barcos de Malaca, e lhos trouxessem com a gente, o que elles zeram per algumas vezes, aos quaes depois de os

trazerem a Bintam elle fazia muito gasalhado, reprehendendo perante elles os capitães que lhos traziam dizendolhes que bem sabião que elle era rei de Malaca, que lhe os Christãos tinham tomada per força, e que aquelles que lhe assim traziam presos erão seus vassallos que lhes mandava que dalli por diante, onde quer que os achassem lhes fizessem muito boa companhia, porque fazendo o contrario os mandaria castigar, isto per palavras tão asperas, que parecia aquelles que lhe levavão presos ser aquillo a mesma verdade, aos quaes mandava dar de comer o tempo que ali estavão, e fazia merces dizendolhes que se fossem embora, que sperava em Deos ser cedo senhor de Malaca, como o já fora, por lho assi ter prometido Abedalla seu filho Rei de Campar, per cuja industria, e saber sperava antes de poucos dias, não tão somente cobrar a cidade, mas ainda a fortaleza, e matar todolos Christãos que alli achasse. Estas novas se começaram despalhar em Malaca de huma pessoa em outra ate chegarem ao capitão George dalbuquerque, e a Bartholameu perestrello, que então chegara da India provido de feitor, e provedor da fazenda, do qual os filhos de Ninachetu erão grandes amigos, que por vingarem a morte do pai lhe affirmaram ser aquella nova verdadeira, e que tinham disso certeza, e avisos que lhe mandarão de Bintam alguns navios que la tinham. Com esta informaçam que teve por verdadeira, se foi Bartholameu perestrello a George dalbuquerque, que o tambem quis saber dos mesmos filhos de Ninachetu, os quais se o bem afirmarão dantes, muito milhor o fezeram entam, pelo que a instancia de Bartholameu perestrello, que foi o acusador principal deste innocente Rei, assentou de o mandar degolar per justiça. O que concluido entrelles ambos, e alguns outros que os queriam compra-

r, sem nenhuma forma, nem ordem de justiça man-
u a George botelho que fosse a sua casa, e lho
uxesse preso, do que se elle excusou, porque era
u amigo, e o conhecia por bom homem, e leal aos
rtugueses, dizendo a George dalbuquerque que nam
ertava em fazer o que fazia, porque alem del Rei
Campar ser innocente do que lhe punham na ci-
de per sua morte avia daver mais revoltas, e traba-
os dos que ouvera pela morte de Utetimutaraja que
onso dalbuquerque mandara justiçar. Mas estas ra-
es não o poderam devirtir do que tinha assentado,
andando a George botelho, que sopena de caso
aior e perda de todos seus officios, e bens fosse da
rte del Rei logo prender el Rei de Campar, e lho
uxesse dentro a fortaleza, o que assi fez, dissimu-
ndo com elle, dizendolhe que o mandava chamar o
pitão para tratarem cousas que cumprião a servi-
del Rei, e bem da cidade. Depois de ser na forta-
za, o capitão o começou de reprehender dos erros,
que lhe dixeram que caira, e lhe fez ler a inqui-
çam que disso mandara tirar, o que elle tudo con-
riou, pedindo que lhe dessem tempo pera provar,
e aquillo que lhe punham era falso, e enganos del
i de Bintam seu sogro, pelo desgosto que tinha
lle servir de Bendara, e Macubume daquella cida-
, o que lhe nam aproveitou, porque nem lhe de-
o lugar a prova, a qual elle pedio que lhe deixas-
m dar da cadea, nem ouvir testimunhas que logo
pontou pera se saber que era innocente, sem cul-
do que lhe punham, mas antes foi logo com boa
arda levado da fortaleza, com pregam a praça,
de o degolaram, pedindo publicamente, diante de
do o povo que alli estava, justiça a Deos de quem
fazia morrer sem causa. O castigo da qual injustiça
rece que quis logo Deos executar, mostrando ser

ha mor parte da culpa da morte daquelle innocente de Bartholameu perestrello, porque xvii dias depois de o terem justiçado morreo elle de morte muito acelerada, exemplo para os homens deverem de seguir mais a razam, e verdade, que não os apetites da vontade, misturados com vingança. Esta morte del Rei de Campar foi muito sentida pelos mais de Malaca, por ser mui bemquisto, e tratar sempre seu officio com muita justiça, e verdade, do que succedeo que desconfiados os mercadores da fe dos Portugueses, poucos a poucos se começaram dissimuladamente a sair da cidade dando novas do que passava, pelo que nenhum mercador ousava vir a Malaca, de modo que em pouco tempo ouve tanta falta de mantimentos que pereciam muitas pessoas a fome, a qual necessidade quis o capitão acudir com o credito, e industria de George botelho que mandou ao rio de Siaca com hum navio, e duas lancharas, o qual por ser muito conhecido por todas aquellas partes, e tido por homem de verdade, e saber bem a lingoa, fez tanto com hum senhor dos principaes que vivem por aquelle rio a riba (posto que fosse subjecto a el Rei de Bintão) que ouve por bem os das suas terras tornarem a levarem mantimentos a Malaca, e quaesquer outras mercadorias que tivessem, e o mesmo alcançou do senhor de Menancabo, que he quasi na ponta da ilha de Samatra, defronte de Malaca, da banda do Sul donde vem aquella cidade ouro de humas minas, em que a boa cantidade delle, o que tambem fezerão por amor delle outros senhores daquellas comarcas ao redor, de maneira que assi as mercadorias, como as vitualhas tornaram em poucos dias ao preço que dantes tinhão. Andando assi ocupado nestes negocios mandou el Rei de Bintam dizer por hum messageiro ao Senhor de Siaca seu vassallo, que se lhe

esse a cabeça de George botelho, o casaria com uma sua filha, porque elle era o que lhe fazia guerra mais que nenhuma outra pessoa, o que quiera poer em obra, mas a traição lhe foi descoberta er hum homem daquella comarca que fora seu cappivo, e elle soltara sem lhe levar resgate. Traz ste messageiro, que el-Rei de Bintam mandou a iaca, despachou doze lancharas pera irem em busca e George botelho, do que George dalbuquerque oi avisado, pelo que mandou armar nove lancharas, e que deu a capitania a Francisco de mello o galero daleunha, pera se ir ajuntar com elle onde quer que estivesse. Os outros capitães eram Francisco foraça, Ioam salgado, Carlos carvalho, Christovão dias, Diogo mendez, Diogo diaz, e outros dous Portugueses. O que sabendo el Rei de Bintão, mandou logo air, alem das doze lancharas que ja tinha mandadas sobre George botelho xxiv, pera irem pellejar om Francisco de mello, com as quaes todas se encontrou, e ouve huma cruel, e brava batalha em que s desbaratou, e matou muitos delles, mas nam foi em perda dos nossos, dos quaes morreram na pelleja dous Portugueses e depois em Malaca das feridas xxxv, e dos Malaios muitos, com a qual vitoria se ornou Francisco de Mello a Malaca, e George botelho ficou fora do perigo que se lhe ordenava sem o aber, que dahi a poucos dias, depois de ter mandado gram somma de mantimentos a cidade, se tornou com muito resgate douro que fezera com os de Menancabo, onde achou George de brito (que como atraz dixe) Lopo soarez despachara de Goa para ir servir a capitania da fortaleza de que vinha provido de Portugal, donde partira a sete dias Dabril, e chegou a Malaca no im de Outubro, do mesmo anno de Mil, e quinhentos, e quinze, cousa que depois, nem dantes aconteceo.

CAPITULO LXXX

De como Afonso dalbuquerque ouve delRei Dormuz toda a artelharia que tinha na cidade, e mandou dom Garcia a Cochim provido da capitania darmada que avia de vir para o regno, com quem mandou os Reis cegos Dormuz, o que foi feito se partio perà India, onde faleceo em chegando a barra de Goa.

MORTE Raix hamed, como fica dito, as cousas Dormuz começarão tomaro termo que Afonso dalbuquerque desejava, que era poersse tudo na ordem que lhe parecia ser serviço de Deos, e del Rei dom Emanuel, o que sabido por todolas provincias vizinhas, muitos senhores da Persia, e Arabia o mandaram visitar por seus embaixadores com presentes, e outros vierão em pessoa velo, pela fama que delle, e de suas grandezas, e esforço tinhão. Neste tempo sespalharam novas como os Rumes se fazião prestes no mar Darabia para com huma grossa armada virem sobre Ormuz, mas ainda que se não tivessem por mui certas, tomou dellas Afonso dalbuquerque achaque pera mandar pedir emprestada a el Rei toda a artelharia que tinha na cidade, pera poer na fortaleza, e nas naos, o que fez mais pola ter em seu poder, que por necessidade que della tivesse, a qual el Rei e Raix nordim, lhe logo mandarão entregar toda, sem a isso poerem nenhuma duvida. Isto feito dom Garcia de noronha seu sobrinho lhe pedio licença pera se vir pera o regno, que lhe deu, e embarcaçam em huma nao, na qual lhe mandou que levasse quinze Reis ce-

gos com suas molheres, filhos, e criados que estavam em Ormuz, pera os em Goa entregar ao capitam, a quem escreveo que os tivesse a bom recado, e lhes desse tudo o que lhes fosse necessario, o que fez por nam ficar da casta destes Reis senam ho que regnava entam, por não recrecerem no regno algumas revoltas, e alevantamentos, porque estes todos eram herdeiros, e seus filhos delles, os quaes hos tyrannos, que governavam ja de muito tempo atras aquelle regno, tinham por costume, para mais a sua vontade tyrannizarem tudo ellegerem muito moços, e como estes regnavam cinco, seis mezes, ou hum anno ou mais os cegavam, pondoos todos em boa guarda por lhos não furtarem, e assi cegos lhes davam tudo o que lhes era necessario, da renda do regno. Com esta companhia partio dom Garcia de Ormuz ao vinte dias Dagosto, deste anno de M. D. xv. levando poderes de Afonso dalbuquerque para fazer a carga das naos que aviam de ir para Portugal de que lhe deu a capitania. Partido dom Garcia chegou com bom tempo a Cochim, onde andando ocupado no que compria ha carga das naos chegou Lopo soarez, que mudou o posto a tudo o que elle fazia, do que desgostoso nam quis mais entender em nada, posto que lho Lopo soarez encomendasse. Afonso dalbuquerque antes da partida de dom Garcia se começou achar mal de camaras, causadas, ou do trabalho, ou da idade, estas o deixaram per alguns dias: mas depois da partida de dom Garcia lhe tornarão mais fortes, de que pouco a pouco se achava cada vez peor, sentindo em si que aquella poderia ser a derradeira, mandou chamar todolos capitães, e per ante Pero dalpoem secretario da India lhes tomou a fe, que morrendo elle obedecessem todos a quem declarasse por Governador da India, segundo os poderes que para isso tinha athe el Rei seu Se-

nhor prover como o por bem tivesse, do que todos lhe fezerão preito, e menagem de o assi fazerem sem nenhum delles a isso poer duvida, do que mandou fazer hum assento pelo mesmo Pero dalpoem em que todos assinaram. Isto acabado fez logo seu testamento, em que ordenou as cousas que compriam a sua alma, tomando os Sacramentos da Egreja, como Catholico Chistão. O que feito, chamou seu sobrinho Pero dalbuquerque, e lhe dixe que pela confiança que delle tinha, e saber que el Rei Dormuz, e Raix nordim, e os mais da cidade lhe queriam bem, e os Portugueses, por ser tam bom cavalleiro como era, folgariam de ficar com elle, lhe fazia merce da capitania daquella fortaleza em nome del Rei dom Emanuel seu senhor, a qual lhe entregava logo, e o regimento e governo della, por quanto elle nam tinha ja forças corporaes pera o poder fazer. Pero dalbuquerque lhe teve em merce a honrra que lhe fazia, e confiança que mostrara ter delle, começando logo a entender no que compria a seu cargo, e Afonso dalbuquerque no que tocava a sua alma, dizendo logo a Diogo fernandez de beja que ate o outro dia fezesse prestes a nao Frol da rosa, de que era capitão pera se ir nella caminho da India, onde desejava morrer, e sobre tudo na cidade de Goa, e o mesmo mandou dizer aos capitães que com elle aviam de tornar, e a el Rei Dormuz per Pero dalpoem, e Alexandre dataide, pedindolhe que lhe perdoasse por senão ir despedir delle que o fezera de boa vontade se sua doença lho consentira, mas que se lhe Deos desse saude, elle o tornaria ainda a ver, e que por suas cousas em quanto vivesse, faria como por cousas de proprio filho, em cuja conta o tinha, que lhe encommendava Pero dalbuquerque seu sobrinho, que deixava por capitan daquella fortaleza, pera que em tudo o ajudasse,

favorecesse como delle sperava, que elle o serviria em tudo muito bem, por lho elle assi deixar encommendado sobpena de sua bençam. El Rei ficou muito triste pela subita partida de Afonso dalbuquerque, e muito mais por saber quam mal o tratava aquella doença, e com as lagrimas nos olhos respondeo a Pero dalpoem, rogando-lhe que da sua parte dixesse a Afonso dalbuquerque que nenhuma nova tanto ao contrario de seus desejos lhe poderam dar como aquella, mas que a esperança de o ainda poder ver o consolava, que Deus fosse sua guia, e lhe desse muita vida, pera o tornar a ver naquella cidade e que em quanto viesse oulharia sempre pelas cousas del Rei dom Emanuel, e suas delle como de pais, em cuja conta os tinha. Tornado Pero dalpoem, Afonso dalbuquerque se despedio de seu sobrinho Pero dalbuquerque, e dos outros capitães, e gente nobre que avia de ficar, o que feito se embarcou por evitar visitações, que já nam lhe contentava nada por respeito da muita fraqueza que em si sentia pelo que mandou logo levar ancora, e foi surgir huma legoa da cidade, onde esteve dous dias esperando pelas naos, e gales que com elles avião de ir, o que tudo prestes se fez avela, hum sabado pela manham dez dias do mes de Novembro, a qual hora chegou a sua nao Acem ale com duas terradas em que lhe el Rei mandava muitos refrescos, com a qual lembrança se alegrou, e pelo mesmo Acem ale respondeo ao recado del Rei, tendolhe em merce o presente, e assi a Acem ale, como aos remeiros, mandou dar vinho, dinheiro, e algumas peças com que se tornarão contentes, dalli tomou seu caminho perá India, e sendo a traves de Calaiate veo ter com elle huma terrada, que vinha de Dio com cartas de Side hale, e de hum embaixador do Xeque Ismael, porque o avisavam

como Lopo soarez era chegado a Goa com titulo d governador da India, e que el Rei dom Emanuel mandava ir para Portugal. Afonso dalbuquerque al terado com esta nova, conhecendo que vir Lopo soa res por governador, era negocio forjado por seu imigos, alevantou as mãos pera o Ceo dizendo en alta voz, Deos seja louvado, mal com os homens per mor del Rei, mal com el Rei per mor dos homens Esta nova fez tanta impressam nelle, que logo dix que seus trabalhos erão acabados, o que Deos pe sua misericordia lhe tinha ja concedido o descans delles, o qus dito screvo huma carta a el Rei en que dezia. Senhor screvo a vossa alteza com salu ços que he sinal de morte. Nesses regnos tenho hur filho, peçolhe que mo faça grande como meus serv ços merecem, os quaes lhe eu fiz com minha serviç condiçam, pelo que a elle mando que sobpena d minha bençam volo requera, e quanto as cousas d India ellas fallaram por si, e por mim. Despedida terrada, seguio sua viagem, e sendo a vista de Go sentindo em sua disposição se lhe chegar a hora d morte, mandou a hum seu criado que no bargantir se adiantasse, e lhe fosse chamar Fr. Domingos, v gario geral seu confessor, que veo ter com elle sa bado a noite, a mesma hora em que surgio na barr com o qual a passou toda, fallando nas cousas qu comprião a salvação de sua alma sendo a tudo pre sente Pero dalpoem, que deixou por seu testamer teiro, e tendo feitos, e compridos todolos actos d bom christam, ouve Deos por bem o domingo ant manhã xvi dias de Dezembro deste Anno de mil quinhentos, e quinze, o chamar desta vida pera sempiterna. Como se na cidade soube de sua mort acodio a praia huma multidam de gente de mestu Christãos, Gentios, e mouros, fazendo por elle gra

es choros, e plantos cada hum a seu modo, porque os
ais destes o tinhão por pai, pelos muitos bens
ue a todos fazia, e alli speram pelo corpo pera o com-
anharem a sepultura que elle ordenou em seu testa-
ento que fosse na capella de nossa Senhora da
oncepçam que elle mandou fazer sobela porta por-
ue entrara na cidade quando a ganhou aos mouros,
nde foi levado com as ceremonias devidas a huma
lustre pessoa vestido no habito de Sanctiago, de
uja ordem era commendador. Por sua morte mos-
aram muito sentimento os Reis de Calecut, Cana-
or, e Coulam, e sobre todos o de Cochim que era
uito seu amigo, e o mesmo se sentio no Çabaim
alcão, e em Miliquiaz senhor de Dio não por lhe
stes dous quererem bem, senam pela grande estima
m que o tinham, mas sobre todos deu mores mos-
as Xurandar Rei de Ormuz, quando lhe deram as
ovas de seu falecimento, porque o chorou muitos
ias, e seençârrou e tomou do ao seu modo. Depois
a morte de Afonso dalbuquerque chegou á India
fonso lopez da costa, que el Rei Dom Emanuel des-
achara do regno no fim do mes Dabril com cartas
er elle, porque lhe escrevia que estava arrependido
e o mandar vir, que se fosse sua vontade podia fi-
ar na India em qualquer fortaleza das que quisesse,
sento de Lopo soarez, e que na sua vagante lhe
andaria a governança da India, com titulo de Vi-
erei. Esta boa vontade que el Rei tinha de novo
oncebida em seu peito com desejo de fazer muitas
erces a Afonso dalbuquerque, posto que por ser ja
efunto lhe não podesse aproveitar, fello a este filho
e que faz mençam na sua carta, que se chamava
raz dalbuquerque, a quem per lembrança do pai, el
ei mudou o nome de Braz em Afonso, e lhe fez
uitas merces de tenças, e juros. Ha ossada do qual

Afonso dalbuquerque esse seu filho, por lho elle assi mandar em seu testamento, fez trazer da cidade de Goa a de Lisboa no anno de M.D.Lxvi. em duas naos e foi posta na Igreja da Casa da Misericordia, e a trasladaram ao Mosteiro de nossa Senhora da Graça da Ordem de Sancto Agostinho dos Erimitães, com tanta pompa, e solemnidade quanta a hum magnanimo, e victorioso capitam convinha onde a sepultaram na capella mor da mesma egreja que lhe os religiosos concederam pera sepultura, e jazigo della, e delle, e de seus descendentes, pela qual graça lhes doctou cincoenta moios de trigo de juro. Acompanharam esta ossada da egeeja da Misericordia ate o Mosteiro onde jaz, todolos irmãos desta Confraria, e as ordens de sancto Augustinho, e de S. Francisco da observancia, e os Conegos, e Cabido da Sé de Lisboa, e a Capella del Rei, com a mais da Nobreza do regno que se entam achou em Lisboa, e gram parte do povo da cidade, contando cada hum as façanhas deste illustre capitão, o qual acto se fez hum domingo depois de jantar dezanove dias do mesmo anno de M.D.xxxxxxvi. Do discurso da vida do qual Afonso dalbuquerque compoz este seu filho Afonso dalbuquerque hum livro a modo de commentarios, em que mui por estenso conta todo o processo das cousas, e casos que lhe aconteceram em quanto viveo.

FIM

Da terceira parte da Chronica do Felicissimo Rei D. Emanuel

Fim do viii volume

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXVII)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. IX

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1911

DP
604
G6
1909a
v.9

QUARTA PARTE
DA
CHRONICA
DO FELICISSIMO REY
D. EMANUEL
DA GLORIOSA MEMORIA,

qual por mandado do Serenissimo Principe, ho Infante D. Henrique seu filho, ho Cardeal de Portugal, do Titulo dos Santos Quatro Coroados

DAMIAM DE GOES

Collegio e compoz de novo.

CAPITULO I

e como el Rei mandou visitar el Rei dom Fernando per Joam Roiz de Sá, por ter novas que estava muito doente, da qual doença se finou, e de como mandou Pero correa por embaixador ao Emperador Maximiliano, e doutras particularidades.

STANDO el Rei dom Emanuel em Almeirim, lhe veo recado como el Rei dom Fernando seu sogro, indo de Palencia para Sevilha, adoeceu no caminho, e que a doença era perigosa, pelo que despachou logo João roiz de Sá de meneses (de

quem já atras fiz algumas vezes menção) a visitalo
que o achou em Madrigalejo aldea da cidade de Tru
gilho, muito doente, onde morreo a xxiij dias de Ja
neiro do anno do Senhor, de M. D. xvi. do que sen
do el Rei avisado por cartas do mesmo Joam roi
lhe despachou hum correo, com carta pera a Rainh
Germana, molher del Rei dom Fernando, e pera
Infante dom Fernando, filho del Rei dom Phelipe,
neto do mesmo Rei dom Fernando, e assi pera a
guns grandes, e senhores de castella, mandandolh
que os visitasse em pessoa, estando na corte, e com
municasse, e tratasse com elles algumas cousas d
seu serviço, o que elle fez muito a vontade del Re
em espaço de oito meses que la andou, e porqu
neste tempo estava dom Carlos, Archeduque dau
tria, filho mais velho do dito Rei dom Phelipe, e
Flandres, escreveo el Rei logo a hum seu criado, p
nome Rui fernandez dalmada, que naquellas part
estava em seu serviço, que o avisasse de todalas co
sas que podesse alcançar, que se la tratavam depo
do falecimento del Rei dom Fernando, e alguns di
depois despachou por embaixador, ao Emperad
Maximiliano, que tambem estava em Flandres, Pe
correa. O mais substancial de sua embaixada era tr
tar casamento do Archeduque Daustria dom Carl
com a Infante donna Isabel sua filha, e do Princi
dom João seu filho com a Infante donna Leanor
mã do mesmo dom Carlos. No que não podendo Pe
correa tomar conclusão o mandou el Rei vir pera
regno, escrevendolhe que deixasse o carrego dalg
mas outras cousas que lhe ficavão por acabar a Chr
tovão barroso veador da casa do Emperador Maxir
liano. Este Christovão barroso conheci eu ainda
vivia na villa de Dendremonda no condado de Fl

dres, e fora criado da Infante donna Isabel filha del Rei dom Joam da boa memoria, molher do Duque Phelipe de Borgonha dalcunha o bom, per cuja morte ficou com o Duque Charles seu filho, cujo veador depois foi, e do Emperador Maximiliano, e del Rei Phelipe seu filho, e do Emperador dom Carlos V. filho do dito Rei Phelipe, seria homem de cento, e vinte annos pouco mais ou menos quando o conheci, tao perfeito, e inteiro em seu juizo, e boa disposição como se fora de quarenta, de quem el Rei dom Afonso quinto, e el Rei dom João segundo seu filho e el Rei dom Emanuel se servirão naquellas partes em negocios de muita confiança. Neste anno de M. D. xvi. mandou o Papa Leão decimo, hum breve a el Rei dado em xvi de Janeiro porque recebia o Infante dom Afonso seu filho no numero dos Cardeais com titulo de sancta Luzia, como já fica dito que lhe depois mudou no de sam Bras, e assi lhe mandou outro porque concedeo que a Rainha donna Isabel molher del Rei dom Dinis se podesse fazer officio, e pintar sua imagem nas Egrejas do Bispado de Coimbra, por estar sepultada no mosteiro de sancta Clara da mesma cidade, e isto sem ser ainda canonizada, e concedeo mais o Papa a el Rei o Padroado dos mestrados de seus regnos, e que sua nomeaçam sómente abastasse por apresentação, e confirmação, sem ser mais necessaria outra alguma provisão de Roma, e lhe mandou outro breve perque lhe concedeo, que as dizimas do Paul de muja, e de quaesquer outros que quisesse abrir fossem peraa ordem do mestrado de Christus, o que tudo solicitou dom Miguel da sylva, filho de dom Diogo da sylva de meneses primeiro Conde de Portalegre, o qual dom Miguel foi depois Bispo de Vizeu, e Cardeal em Roma, e legado de Ravena.

CAPITULO II

De como se reformaram as pazes de Coulão, e Lopo soarez mandou Simão dandrade a Ormuz, e apos elle dom Aleixo de meneses, e despachou Fernão perez dandrade perá China, e do que passarão Jãnim rabelot em pacem, e Anrrique leme na viajem de Martabam.

NA terceira parte desta Chronica deixamos Lopo soares dalvarenga, governador da India em Cochim, onde chegou em Septembro do anno passado, de M. D. xv, e porque Coulão estava alevantado mandou logo embaixadores a Rainha, que governava por seu filho ser moço, os quaes assentarão com ella paz a condição que mandasse fazer a sua custa a Egreja do Apostolo S. Thomé que os mouros derribarão quando aconteceo o negocio, em que matarão Antonio de sa, e outros Portugueses, como fica dito, e que a renda que tinha esta Egreja, e terras lhe fossem restituidas, e que a Rainha pagasse em satisfação da fazenda que os da terra tomarão del Rei, e a seus vassallos, naquella rebelião, quinhentos Bahares de pimenta, que fazem dous mil quintaes do nosso peso, e se obrigasse a dar carrega a todalas naos del Rei que fossem carregar a seus portos primeiro que as dos mouros, pelo preço de Cochim, ao que tudo se a Rainha obrigou, e os contratos que se disso fezerão, forão assignados per ella, e pelos governadores do regno, e assi pelos nossos embaixadores, o que assentado, e entregue a pimenta se tornaram a Cochim, donde dalli a poucos dias partio dom Garcia de Noronha com as naos que tornaram

era o regno, de que erão capitães elle de huma, e as outras quatro dom Joam deça, George de mello ereira, Pero mascarenhas, e Francisco nogueira, ue todos vieram ha salvamento. Despachadas estas aos Lopo soarez partio de Cochim pera Goa, e de aminho foi a Calecut, onde se vio com el Rei, e reficou com elle as pazes que tinha assentadas com fonso dalbuquerque, dali se foi a Cananor prover n algumas cousas que o tempo requeria, o que acado foi ter a Baticalla, onde os da cidade ho festerão mais do acostumado, pelo receo que tinhão de castigar, por respeito de terem mortos em hum roido vinte quatro portugueses, que hiam em a o que alli mandara carregar de mantimentos pera rmuz, de que era capitão Simão dandrade que ja a partido com sua carga, e pera mais desculpa des- caso o governador da cidade mandou tres mouros lhos presos a Lopo soarez pera que os castigasse sua vontade, por serem os que causaram as brigas, n que morreram aquelles Portugueses, do que Lo- soarez satisfeito lhos tornou a mandar, e se fez a lla para Goa. No qual caminho lhe deu hum temral com que foi ter a Anchediva, donde despachou m Aleixo de meneses pera dar vista a costa Dara-a, e dahi ir invernar a Ormuz com oito naos de e lhe deu a capitania, os outros eram Francisco tavora, Christovão de brito, dom Alvaro da silira, dom Diogo seu irmam, Alvaro de brito, Nuno rnandez de macedo, e João gomez cheira dinheiro ndolhes instruções do que avia de fazer acerca do verno, e regimento daquella cidade, e cousas que mprião pera fortaleza, e sobre tudo que o avisasse go de quaesquer novas que ouvesse de huma arada de Rumes que se fazia em Suez. Partido dom

Aleixo de meneses, Lopo soarez se foi a Goa, onde assentou que a cidade senão devia derribar, nem desemparar a ilha, posto que levasse regimento del Rei pera o fazer, se assi parecesse bem as pessoas principaes que andavão na India, os quaes todos assentaram que senam fezesse, o que assi concluido, e postas em ordem todalas cousas que comprião a governo, assessego, e defensam da ilha, e cidade, se foi a Cochim pera naquelle inverno fazer huma armada com que no verão seguinte fosse buscar os Rumes ao mar Darabia. Chegado a Cochim despachou logo Fernam perez dandrade pera a China, e com elle Antonio lopo falcão, porque a mais companhia avia de tomar em Malaca, o qual foi ter ao porto de Pacem, na ilha de Samatra, onde achou Jãnim rabelot, que fora diante em companhia de George de brito, e ficara alli pera tomar pimenta, que na China val muito, de que tendo feita a carga se lhe queimou a Nao per desastre, o qual Jãnim rabelot mandou Fernam perez com huma carta del Rei dom Emanuel a el Rei de Pacem, de quem foi recebido com aparato dembaixador, e levado em Elephantes ao paço, com ho qual el Rei assentou pazes, concedendo lugar na cidade pera se fazer huma fortaleza, em que os Portugueses estevessem seguros dos da terra, do que se fezeram contratos assignados assi por el Rei e principaes de seu regno, como per Fernam perez em nome del Rei dom Emanuel, o que acabado se partio pera Malaca, donde tomada carga, e mantimentos se fez a vela, pera a China, aos doze dias Dagosto de M. D. xvi. levando consigo duas naos a fora a sua de que erão capitães, Emanuel falcam, Antonio falcam irmãos, e Duarte coelho em hum Jungo, com a qual companhia meado Septem-

ro chegou a enseada do regno de Cochechina, da qual com temporaes arribou a Malaca, onde achou Raphael perestrello, que chegara da China, de quem se informou de muitas cousas daquella provincia, e grande riqueza della, e poder do Rei, afirmando-lhe que a gente era boa polida, e conversavel. Depois de Fernam perez vir de Pacem a Malaca deu George de orito, Capitão da fortaleza, huma nao, em que viera Jãnim rabelot, a Anrrique leme pera nella ir a Martabao, porto de Pegu, a qual no caminho tomou num ungo de Pegu, e por nam poder tomar Martabao arribou ao mesmo porto de Pegu, no qual tomando mantimentos pera levar a Malaca requerimento dos mouros senhorios do jungo, mandou el Rei de Pegu, sobrelles huma grande frota de paraos, da qual se desfez as bombardadas, com meter alguns no fundo, e matar muitos imigos, o qual negocios durou tres dias continuos, em que a nao com o jugar dartelharia, e ser velha, abrio, e se foi ao fundo, mas Anrrique leme com sesenta Portugueses, e alguns jaos escravos del Rei, que com elle hião, se salvou no batel, e em hum calaluz, e huma chãpana, deixando o jungo a cujo era, e seguindo dalli seu caminho pera Samatra se lhe perdeo o batel, e o calaluz com temporal em que morreram vinte e oito Portugueses, e vinte jaos, e elle foi ter na chãpana ao porto de Pedir, onde foi bem recebido, e agasalhado del Rei todo o tempo que alli esteve, e tornando a dom Aleixo de meneses, elle por lhe os temporaes nam servirem continuou pouco na costa de Arabia donde foi ter o inverno a Ormuz, e fez mui bem todalas cousas que o governador Lopo soarez lhe encommendara, o que acabado se tornou pera India.

CAPITULO III

Dalgumas cousas que tocam a el Rei dom Afonso de Congo, e do seu bom modo de viver, e exemplo de bom christão.

NESTE anno de mil, e quinhentos, e dezaseis mandou el Rei dom Emanuel a Congo por vigario hum Clerigo, per nome Rui daguiar, para prover nas cousas da religião, e com elle Antonio vieira, e Baltesar de castro seus criados com negocios, e alguns presentes pera serviço da casa del Rei dom Afonso, e da Rainha sua molher, os quaes seguindo sua viagem, chegaram a salvamento ao rio de Congo, onde depois de surtos levarão nos bateis, e algumas almadias o fato que traziam a casa de hum senhor per nome Manisono, que morava dalli tres legoas pelo rio acima, vassalo e parente del Rei, o qual Rei, com a vinda destes embaixadores recebeo tanto contentamento que ao seu modo ordenou que se fezessem muitas festas, e jogos segundo se entrelles usa, mandandoos logo visitar, e prover de todalas cousas de que então poderião ter necessidade screvendolhes que estevessem naquella villa de Sono ate que tornasse de huma guerra que hia fazer a alguns senhores seus vizinhos, e vassallos, que se lhe tinhão alevantado, da qual elle dahi a poucos dias tornou vitorioso com os vencidos lhe darem oitenta arefens, filhos dos principaes homens daquellas provincias que se lhe rebellaram, com obrigaçam de cadanno lhe pagarem certo tributo, douro, e prata. Neste tempo em que el Rei andava na guerra, o

igario Rui daguiar mandou fazer huma Egreja na-
ıella villa de Sono da envocação do bemaventurado
ıncto Antonio, do que os moradores levarão muito
ontentamento, por serem os mais delles Christãos.
ornado el Rei da guerra mandou recado ao Vigario
ıe se viesse com sua companhia a cidade de Congo,
ıde elle ja estava, que seria de Sono obra de cin-
ıenta legoas, de quem forão mui bem recebidos, e
ıasalhados, e alguns dias depois dalli serem, o Vi-
ırio pedio a el Rei que lhe desse alguns moços abi-
s, pera os ensinar, do que el Rei levou tanto con-
ntamento que allem de lhos logo dar, mandou
ntro de huma grande cerca fazer muitas casas, em
ıe pos mil delles todos filhos de homens nobres com
estres pera os ensinarem a ler, e escrever e grama-
ca, e os instetuirem nas cousas da nossa sancta Fe,
ıs virtudes do qual Rei dom Afonso, e de quão
atholico Christão era alem do que delle ja tenho
cripto, darão aqui se as palavras formaes, que o
esmo vigario Rui daguiar escreveo a el Rei dom
manuel, no fim de huma carta que lhe mandou, em
ıe diz assi. Este Rei dom Afonso nam traz o senti-
ı senam em nosso Senhor, e em suas pegadas, or-
enou agora que todo o homem se dezimasse per to-
ı seu regno, dizendo que quer levar a candea adian-
, e não detras, sabera vossa Alteza de sua Chris-
ndade que me parece a mim que não he homem
as he Anjo que o Senhor ca mandou a este regno,
ıe o convertesse, segundo as cousas que diz e falla,
orque certefico a V. Alteza que elle nos ensina, e
be melhor os Prophetas, e Evangelho de nosso
enhor Iesu Christo, e todas as vidas dos sanctos, e
dalas cousas da sancta Madre Egreja, do que o nos
ıtros sabemos, e que se o vossa Alteza visse ficaria

espantado, diz as cousas tambem ditas, e tam certas que me parece que sempre falla o Spiritu sancto nelle, porque senhor não faz outra cousa, que estudar, e muitas vezes adormece, sobre os livros, e muitas vezes, sesquece de comer e beber, por fallar nas cousas de nosso Senhor, e que esta tam enlevado nas cousas da scriptura que sesquece de sim mesmo, isso mesmo quando vai fazer audiencia, ou ouvir partes nam falla em al senam em Deos, e em seus sanctos, elle senhor studa o sancto evangelho, e tanto que o sacerdote acaba de dizer Missa lhe pede a bençam, a qual tomada se poe a pregar ao povo com muito amor, e com muita caridade, rogando-lhe, e pedindolhe pelo amor de nosso Senhor que se convertão, e tornem pera Deos, de maneira que hos seus sespantão, e nos outros muito mais de sua virtude, e fe que tem com nosso Senhor, e isto faz todolos dias, e prega como dito tenho a vossa Alteza. Isso mesmo sabera vossa Alteza que elle he muito justiçoso, e pune grandemente os que adoram idolos, e com os idolos os manda queimar, e tem per todos seus regnos officiaes de justiça pera prenderem todolos que souberem que tem idolos, ou fazem feitiçarias, e outras quaesquer maldades que toquem a nossa santa fe catholica, isso mesmo tem ja derramados per seus regnos muitos homens naturaes da terra Christãos, que tem escolas, e ensinão a nossa sancta fe ao povo, e assi tambem scolas de moças que ensina huma sua irmã que he molher bem de sesenta annos, e sabe muito bem ler e em sua velhice aprendeo, que folgaria vossa Alteza de a ver e assim outras sabem ler, e todolos dias do mundo vam a Egreja a Missa encomendarsse a nosso Senhor, e assi sabera vossa Alteza em verdade que vai esta gente em grande crescimento em a cristan

dade, e em muita virtude porque vam conhecendo
verdade, por tanto vossa Alteza mande sempre a
sta gente, e folgue sempre de a ajudar, e lhe mandar
emedio pera sua salvaçam. sc. livraria, porque senhor
listo tem ca mais necessidade pera sua salvaçam que
outras cousas, não fallo do grande amor, e amizade
que el Rei de Congo tem a vossa Alteza, porque
he ouvi dizer que rogava a nosso Senhor que o
am matasse até primeiro senão ver com vossa Al-
eza, isso mesmo lhe ouvi dizer que vossa Alteza era
Rei de Congo, e elle de Portugal, e estas cousas diz
nuitas vezes a quem as quer ouvir, pelo que sabera
ossa Alteza, que tudo o que aqui digo he muita
erdade, e se escrevo mentira a vossa Alteza Deos
ne destrua do corpo, e dalma, e vossa Alteza se lem-
re deste tão grande bem que tem começado, porque
osso Senhor lhe dara o galardão como quem elle
e. Feita oje xxv dias do mes de Maio de M,D.xvi.
nnos. Entre outras cousas, e livros que el Rei dom
Emanuel mandou a el Rei dom Afonso de Congo fo-
am os cinco livros das Ordenações destes regnos, os
uaes (como me a mi mesmo contou Balthesar de
Castro quando de lá tornou) el Rei dom Afonso leo
odos, sendo a isso presente algumas vezes o mesmo
Balthesar de Castro, as quaes Ordenações, bem con-
ideradas com todalas particularidades de cada huma
as leis e artigos, e modo da execução dellas, vendo
ue lhe era impossivel reduzir seus subgeitos, e vassa-
os a tal ordem de viver, e podendoo fazer que todos
ncorreriam cada dia em tantas penas, que mor tra-
alho teria no julgar, e executar dellas, do que o en-
ão tinha no modo de governar seus regnos, e senho-
ios dixe hum dia rindo, ao dito Balthesar de castro
alando no que lera, e achara naquelles livros, Castro

em Portugal que pena se da a quem poem os pes no chão quasi dizendo que eraw tantas as Leis, ordenações, artigos clausulas, e grosas dellas, com as exceições, que era impossivel viver ninguem com tanto resguardo, que nam fosse cada dia comprendido em pena crime, ou civel, com degredos, e condenações de dinheiro para a coroa, e officiaes de justiça, dito muito de louvar naquelle Rei, nam por elle ja nam ser alumiado da graça de nossa sancta fé, instetuido nos nossos costumes, senão por ser de terra tam barbara, e tam inculta na pulicia da Europa, como o aquelle entam era.

CAPITULO IV

De hum embaixador que el Rei de França mandou a el Rei dom Emanuel, e de tres gentis homens Polonos que vierão a este regno, que el Rei armou cavaleiros.

NESTE tempo, alem dos recados que o Archiduque daustria dom Carlos mandou a el Rei pervia de Pero correa, sobre a liga em que queria que entrasse, mandou el Rei de França Francisco de Valloes primeiro do nome, por embaixador a el Rei o senhor de Lanjaqua governador Davinhão homem mui docto, a sustancia da embaixada era pedirlhe que quisesse ser parceiro nesta liga, o qual embaixador achou el Rei em Almeirim, onde lhe fez huma doucta Oraçam em pubrico, em lingua Latina, mas posto que trabalhasse muito em lhe persuadir o a que vinha, el Rei nunca se nisso quis entremeter. Neste mesmo anno vieram a este regno tres gentis

homens Polonos, dos quaes o principal era Ioam tarnovio de quem no Capitulo do nascimento do Infante dom Luiz fiz menção. A causa principal de sua vinda foi pedirem a el Rei que da sua mam os armasse cavaleiros, a qual honrra desejavão aver delle pelo grande nome que por todas aquellas partes donde elles erão naturaes, e vezinhos tinha, por causa das navegaçoens que fazia, provincias, e regnos que subjugara, e guerras que continuamente tratava contra os mouros, turcos, e imigos da nossa santa fe, no que aquella nação Polona nos he companheira, pola continua guerra que tem contra os Tartaros na qual toda a sua nobreza se exercita como o ca faz a nossa na dafrica. A petição destes gentis homes lhes concedeo el Rei facilmente, mostrando levar disso contentamento. Este aucto ordenou que se fizesse na Egreja de Sam Giam da cidade de Lisboa, ao qual foram presentes todolos senhores que andavam na Corte, e muitos fidalgos, e cavalleiros dos quaes o que lhes calçou as esporas, foi dom Nuno Emanuel guarda mor del Rei, e almotacel mor da sua Corte. isto posso affirmar que forão tam contentes estes tres gentis homens das merces, e honrra que receberam del Rei, e do gasalhado, e banquetes que alguns senhores, e fidalgos lhes fezeram que por este respeito me fez a mim este Ioam Tarnovio, e outros senhores, e pessoas nobres, mui boa companhia nos Annos do Senhor de mil e quinhentos, e vinte nove, e mil quinhentos, e trinta, e hum per duas vezes que por mandado del Rei dom Ioão terceiro fui a Corte del Rei Sigismundo Rei de Polonia que então regnava.

CAPITULO V

Em que se trata de como dom Ioão coutinho foi sobre Tintaxe, e el Rei de Fez veo cercar Arzilla, e do que se ate fim do cerco passou.

Por caso das muitas vezes que hos mouros correram Arzilla ate este Anno de mil, e quinhentos, e dezaseis, em que levaram todo ho gado da villa, avia nella muita necessidade de carnes, pelo que determinou dom Ioão Coutinho dentrar tantas vezes pelo sertam, ate fazer alguma boa presa de gado, pera o que trazia sempre suas escuitas per toda a comarca, dos quaes foi certeficado que os de huma boa Aldea per nome Tintaixa traziam com muito descuido seu gado no campo, sem nenhuma suspeita de Christãos poderem la chegar, por esta aldea estar situada entre Almaçar, e Alcacer quibir, donde ha qualquer repique, e assi doutras aldeas visinhas sahiam então com pouca difficuldade quatrocentos, e quinhentos de cavalo, pelo que, e por ella estar muito perto Dalcacer, dom Ioão teve ho caso por difficultoso, com tudo assentou de ir sobrella com duzentos, e cincoenta de cavallo, na qual deu antes de amanhecer donde tirou, cincoenta, e cinco almas e mais de mil cabeças de gado vacum, e algumas egoas, poldros, e cavallos, com que se recolheo com muito trabalho, por caso de huma grande tempestade de vento, e chuva que se aquella noite alevantou, com que creceram tanto as ribeiras que esteve em risco de as não poder passar, a este rebate acodio o Alcaide Dalcacer quibir, com mais de trezentos de cavallo com que seguio dom Joam ate uma ponte, que os nossos passaram com a cavalgada

com muita difficuldade, porque hia ja quasi cuberta, o que vendo a alcaide, e que a tormenta não sessava, e caia tanta agoa do ceo que hia o campo alagado temendosse que passando achasse a tornada a ponte de todo coberta, fez volta caminho Dalcacer, o que vendo dom João tomou seu caminho para Arzilla. Feita, e outras cavalgadas de que nam faço menção por serem de pouca importancia, el Rei de Fez veo sobre Arzilla ja no fim do mez de Abril do mesmo anno de M. D. xvi. com mais de cem mil homens, em que dizem que avia trinta mil de cavallo, e mandou cercar de mar a mar com mui altos vallos e profundos fossados, e bastilhoens, em que fez assentar muita artelharia, della mui grossa de ferro, e metal, com que, e com a spingardaria, e besteiros que tiravão dos vallos, que estavão a tiro de besta do muro da villa, fazião dentro muito danno. Dom Joam em tendo novas da vinda del Rei de Fez avisou o feitor que el Rei dom Emanuel tinha em Malaga que então era Nuno ribeiro, pedindolhe algumas cousas que lhe logo mandou, mas gente nam, porque lhe screveo que lha nam mandasse senam tendo recado seu, assi he mandou cartas per que avisava el Rei dom Emanuel deste cerco, contra o qual repartio suas estancias pelo modo seguinte, o miradouro que he da porta da ribeira ate o baluarte da perna daranha, encommendou a Fernam caldeira com cem homens entre os quaes erão pedrafonso homem, e seus irmãos, Joam fernandes torres, fernam meirinho, Gaspar caldeira, e Antão Roiz. Do baluarte da praia encarregou Joam nalvenz almoxerife da villa com oitenta homens, do de sancta Cruz Stevam coelho Alcaide mor com outra gente, a torre do sino tomou para sim com os moradores que lhe pareceram necessarios, e alguns fronteiros de sobre salente, o ba-

luarte da porta da villa deu a Pero lopez dazevedo seu parente morador na villa com cem homens, o baluarte de Antonio dafonseca encomendou ao mesmo Antonio dafonseca contador da villa com oitenta homens, do baluarte do tambalalam deu a guarda a Antonio de brito que tinha sua mulher donna beatriz em Arzilla, a quem alem dos seus por se por aquella parte esperar o combate deu cem homens, o baluarte da couraça em que se esperava a mor força do combate deu a Rui dias de sousa cide dalcunha, que estava servindo huma comenda em Arzilla, e tinha ahi sua molher donna Branca coutinha, o qual foi depois capitão Dalcacer ceguer onde o os mouros matarão a quem alem dos que tinha seus familiares deu cento, e vinte homens das duas torrinhas antiguas que estavão entre estes dous baluartes, e a couraça deu o cargo a Pero godinho com vinte homens, doutras duas torrinhas que estavão entre a couraça, e o baluarte de Sam Francisco deu o cargo a Andre leonardez juiz da villa com vinte homens, e do baluarte de sam Francisco ou dos frades que era entre a couraça, e o miradouro deu cargo a Diogo botelho com setenta homens. Repartidas assi as estancias mandou embandeirar a villa ao redor e poer fugareos, e fazer folias com atabaques e trombetas pelo muro dando com muita alegria sinaes de temer pouco o cerco, as novas do qual deram a dom Joam mascarenhas capitam dos ginetes na sua comenda. que com a mor brevidade que pode sembarcou com cento, e vinte de cavallo, e outra gente de pe em duas caravellas, e com elle dom Nuno mascarenhas, os quaes chegaram a Arzilla a tempo que a el Rei de Fez já começava de combater, onde então estavam por fronteiros dom Emanuel mascarenhas, e dom Antonio Mascarenhas bue morreo captivo em Fez, de maneira que se ajun

aram naquelle cerco quatro irmãos mui esforçados avaleiros, cunhados do capitam dom Joam irmãos de lonna Isabel Anriquez sua mulher. Estas caravellas por cerco ser mais apertado do que se podera cuidar, lespachou logo dom Joam coutinho ao outro dia com artas para el Rei, e para Nuno ribeiro feitor em Malaga, o qual lhe mandou dentro de tres dias du-entos homens e por capitães delles Bertholameu Roiz, e outro dalcunha benavides cavalleiros. Anda-uzes, do habito de Christus, que lhe el Rei dom Emanuel dera com tença, e outros em que entravam lous filhos de Charles alcaide do porto de santa Maria, aos quaes todos dom Joam fez muito gasalha-lo, e lhes deu a estancia do sino que elle guardava para sim, com esta gente, e com a que avia na villa e acodia a todalas partes necessarias com muita des-reza, fazendosse repairos, e contramuros em resguar-lo da ruina que os mouros faziam com a sua artelha-ia per todalas partes, da qual obra era mestre, Francisco doria mercador genoes, que entam morava m Arzilla, primo com irmão de Andre doria que de osso tempo foi hum mui conhecido, e temido capitão as cousas do mar, este Francisco doria, e Rui diaz le sousa cide eram as duas pessoas em que se mais unham os olhos de todos, pelo grande esforço que elles avia, e incomportavel trabalho que em quanto l Rei de Fez esteve sobela villa passaram durando ho erco per espaço de quinze dias que era ja meado Maio, em que era morta muita gente assi de tiros de ombardas, como despingardas, e bestas, e doutros esastres, chegou Rui barreto veador da fazenda do egno do Algarve com doze caravellas em que vinha nuita, e boa gente, com que os da villa tomaram ovo animo, fazendo ja pouco caso do que os mouros inham derrubado do muro e minas que fizeram, com

que posto que lhe atalhassem ja chegavam a cava, estimando que a pe quedo se dessem assalto ou entrassem pelas minas os farião tornar atras. Veo mais nesta companhia do regno do Algarve garcia de melo, alcaide mor de Castromarim, Anadel mor dos besteiros da faldrilha, de que trouxe e assi despingardeiros seis centos, com estes dous capitães vieram muitos fidalgos, e os mais, e melhores homens do mar de todo aquelle regno, no qual tempo hum mouro muito ladino, que era captivo de Lopo barbudo, alcaide do mar, se lançou no arraial, do qual el Rei de Fez soube do bom estado da villa, pelo que a quisera mandar deserquar, se lho seu irmam Moleinacer, Rei de Mequines nam estorvara, mas dahi a poucos dias o fez, porque allem da villa estar bem provida, o ficou muito mais com a vinda de Diogo lopez de Sequeira, que el Rei mandou em soccorro com trinta naos, e caravellas, pelo que o cerco se alevantou, aos tres dias de Julho, tomando el Rei de Fez seu caminho pera Alcacer quibir, nas costas do qual dom Joam sahio com ha gente de cavallo que avia na villa, e lhe deu na retaguarda, em que matou, e captivou alguns mouros, e a gente de pe, deu licença que fosse roubar algum despojo que ficara do arraial, do que o mais era madeira, e cousas desta calidade, que os mouros nam puderam levar. Neste tempo aconteceo o desastre da morte de Nuno fernandez dataide, capitam de çafim como se logo dira pelo que el Rei escreveo a dom Nuno mascarenhas, que o fosse la servir em lugar do morto, e assi escreveo a Rui diaz de sousa cide, que se fosse a Alcacer ceguer, servillo de capitão, o que ambos logo fizérem, e Diogo lopez como levara por regimento despedio toda a armada, excepto sete caravellas com que andou aquelle veram em guarda destreito, nos quaes navios, e nos do Al-

garve se tornaram para ho regno os mais dos fidalgos, e outras pessoas que vieram ao socorro desta villa, em que se tambem achou Simam gonçalves capitão, e governador da Ilha da madeira, o qual vindo da dita ilha para se ir a castella agravado del Rei, por lhe meter hum corregedor na jurdiçam da sua capitania do funchal, acertou de com temporal vir ter a Lagos, e sabendo deste cerco mandou apregoar soldo a dous cruzados por mes, e se partio logo para Arzilla com setecentos soldados, que ajuntou em tres dias, pagos a sua custa, e depois de ser em Arzilla querendosse muitos fidalgos que alli estavão tornar para o regno, por não poderem sofrer os grandes gastos que faziam, vendo elle que andava dom Joam Coutinho agastado por esse respeito, temendo que desse el Rei de Fez volta sobela villa, mandou apregoar soldo a quatro cruzados por mes, dizendo a dom Joam que estaria ali todo o tempo que fosse necessario, e que pera isso nam pouparia dinheiro, nem fazenda, pois era pera serviço de Deos, e del Rei seu senhor, o que foi causa de ficarem em Arzilla mais algum tempo, muitos dos que estavam pera se ir. Deixando Simam gonçalvez as cousas Darzilla seguras, se foi a Sevilha donde o el Rei mandou chamar, escrevendolhe que se tornasse ao regno, que elle o despacharia conforme a seus merecimentos.

CAPITULO VI

De huma entrada que Nuno fernandez dataide fez em que o mataram, e desbarataram a gente que com elle hia depois de o terem morto.

NUNO fernandez dataide foi tam astucioso, e tam incansavel nos negocios da guerra, que assi os Christãos, como mouros de pazes, e guerra lhe chamavam, nunca esta quedo, porque fazia tantas entradas, e per caminhos tam desviados, que em nenhum lugar o tinham certo, assi os que o acompanhavam, como os que se delle temiam, pelas muitas mudanças que fazia, sem poderem atinar os caminhos, que tomava, ate ser junto aos lugares que hia cometer, no qual trabalho andou todo o tempo que esteve por capitão, e governador na cidade de çafim ate a hora de sua morte, que se lhe azou pelo modo seguinte. Huns Alarves de Olei de meta, de Marrocos, que entam eram tributarios a el Rei dom Emanuel, e tinham seus filhos em arefens na cidade, se vieram a queixar a Nuno fernandez que os alarves de Xerquia da Cabilda de Vleidambram os tratavam mal, pedindo-lhe que os defendesse delles, como era obrigado per vertude de seus contratos. Esta Cabilda de Vleidambram, era de gente nobre, em que havia muitos, e mui esforçados cavalleiros, que despois que el Rei de Fez viera correr as comarcas de çafim, e Azamor se foram para dentro do sertam, e passava de dous annos que comiam, e pastavam a terra cinco legoas alem de Marrocos, ate os montes claros, sem ninguem ousar de lho contradizer, os quaes forão dantes trebutarios, e vassalos del Rei dom Emanuel, e andavam neste tempo alevantados,

nam se contentando de quebrarem a fe, e obrigaçam de seus contratos, mas sobrisso fazerem guerra a estoutros Alarves de Olei de meta, pelo que determinou Nuno fernandez de os ir buscar, como soube per seus espias, que a isso mandou, que estavam certos ao pe dos montes Claros para onde partio ao dia seguinte, que foram dezanove de Maio, do anno do senhor de M. D. xvi, com quatro centas, e trinta lanças de Christãos, e alguns homens de pe besteiros e espingardeiros, dizendo que hia comer as ervas com os Alarves, com a qual companhia chegou a cabilda Dabida que estava alem da serra de Benmagre, oito legoas de çafim, onde se logo veo ajuntar com elle a Cabilda de Garabia, que mandara chamar, dando-lhes a entender que hia destroir os pães de Marrocos, os quaes Alarves com os Dabida eram perto de quatro mil de cavallo, junta esta gente Nuno fernandez aballou, levando consiguo os Aduares ate chegar a Alguz, que he huma terra chãa atraves de Marrocos, onde deixou as molheres, e outra gente fraca, com suas tendas, e gado, o que feito partio dali a bocca de noite, lança em punho, e de madrugada deu no Aduar de Raho bemxamut que era hum dos mais esforçados cavalleiros da Cabilda de Vleidambram, no qual tomou sem delle escapar mais que o mesmo Rahobemxamut, com alguns cavalleiros que tinhão os cavallos sellados, desna mea noite, como o tem por costume os principaes destes Alarves. Feita esta presa, Nuno fernandez tomou seu caminho pera çafim levando a dianteira o Adail Lopo barriga, e ha bandeira real Alvaro dataide, e em boa ordenança, com toda sua companhia de Christãos, e mouros veo a festa a huma augoada grande que está em Algauz, quatro legoas de Marrocos, e alli estiverão, ate as duas horas, por a calma ser

grande onde Rahobemxamut chegou com obra de oitenta de cavallo, em o nosso campo começando de caminhar, e dixe aos Alarves de pazes que nam quisessem perder tam boa ocasião que se o ajudassem esperava em Deos que naquelle dia fariam os Christãos fim de os guerrear, e que ao outro tomariam çafim, e ao seguinte Azamor, ao que os nossos Alarves nam responderam, mas antes carregados do despojo que levavam, se foram os mais delles poer na dianteira da nossa gente pera irem mais seguros, o que vendo Rahobemxamut desesperado de poder cobrar o que perdera nam cessou de rodear a nossa gente ate que vio huma sua molher, a que queria grande bem, per nome Hota molher muito fermosa, que como o vio bradou por elle, que em a ouvindo parou, o que vendo Hota pedio ao Almocadem, e a alguns fidalgos que hião apar della que lhe dessem licença pera poder fallar a seu marido, o que lhe concederam, e estando fallando lhe dixe Hota em alta voz, Raho nam me dixestes muitas vezes que se me visses levar captiva dos christãos que morrerieis por mim, ao que lhe respondeo, o dia he grande, e ho vencimento esta em Deos, e o esforço em meu braço, mas ella como desesperada, de a elle poder salvar, tomou uma mão chea de terra, e a lançou para o ar dizendolhe tudo he vento, idevos embora, la vos fica outra molher, o que ouvindo Raho descalçou hum çapato, e lho deitou, em sinal do que lhe prometera, dizendo aos que com elle vieram, e a outros que se mais ajuntaram, palavras cheas de magoas, pera os mover e pelejarem, lembrandolhes que allem da honrra que podiam ganhar fariam gram serviço ao seu Propheta Mahamed. O que dito foi commeter a nossa retaguarda com tanto impito que dom Afonso de faram genrro de Nuno fernandez, que a trazia a

ırgo, senam podia defender delle senão as voltas, ɔ que se hia detendo, pelo que dom Afonso dataide ɔ de Nuno fernandez lhe foi dizer que acodisse a ɔm Afonso que nam era tempo de se deterem senam e caminharem, pois estava longe de çafim, o que uno fernandez logo fez, dizendo a seu genrro como er graça que lhe nam matasse os seus mourinhos ıe elle criava com muito trabalho, fazendoo logo ıssar a dianteira, posto que muito arrufado, o que ito Nuno fernandez se mudou a hum cavallo ruxo, cando na trazeira de todos, sem deixar sair ninguem ı ordenança. Mas Rahobemxamut aperton tanto com le que o forçou a fazer huma volta com alguns de valio, e como Raho o conhecia vendolhe o gorjal esaperdo, e baixo lhe tirou com huma azagaia dareeso com que lhe atravessou a garganta, de que logo io morto, o que sabido pelo arraial ouve diferenças bre quem seria capitam, porque huns queriam que sse dom Afonso genrro de Nuno fernandes dataide, outros dom Afonso dataide seu tio, que era ja ɔmem de dias, e bom cavalleiro, e isto em tanto ıe estiverão para pelejar huns com os outros, o que ndo os Alarves que foram com Nuno fernandez se coeçarão de mesturar com os de Rahobemxamut, pera ubarem os Christãos, como o ja tinham feito aos larves, e todos juntos deram nos nossos de que maram os mais, e outros que se acolheram as tendas ɔs nossos Alarves onde se dantes agasalhavam, maram os mesmos Alarves, entre os quaes forão dom fonso genrro de Nuno fernandez de maneira que mais dos Christãos morreram desta maneira, e os tros captivaram, e Rahobemxamut levou sua molher ɔta com a mor parte da cavalgada que lhe os nossos ıham tomada. Com tudo, posto que os Alarves de zes fezeram esta treição, nam foi por culpa dos

seus Xeques, que foram muito anojados por lho nam poderem defender, nem os mesmos que isto fezeram (como se depois soube na verdade) não forão com Nuno fernandez senam a tençam de o servirem, mas vendo elles as diferenças dos nossos, e que se começavam de desbaratar, vencidos da cobiça quiseram ser participantes no despojo com os de Rahobenxamut, e por memoria, e lembrança do que se deve as molheres honrradas, e a obrigaçam que tem aos maridos, e elles a ellas quando o amor do Matrimonio segue o caminho que lhe Deos ordenou, direi o que depois aconteceo a elles dous, dos quaes Rahobemxamut, mataram a primeira vez que o Xarife pelejou com o Rei de Fez de huma lança que lhe tirou daremeso, de traves hum mouro negro que lhe hia fogindo, cujo corpo trouxeram a sua molher Hota, que lhe mandou logo fazer o milhor que pode sua sepultura sem mais querer comer, nem beber no que perseverou nove dias, a cabo dos que morreo, e foi sepultada com seu marido. As pessoas conhecidas de que pude saber os nomes, que morreram nesta peleja forão Nunes fernandez dataide, dom Afonso seu genrro, Alvaro dataide, tio de Nuno fernandez e Alvaro de fariz seu cunhado, Emanuel cerveira, e um seu irmam George mendes dataide, e dous seus irmãos, dom Francisco dazevedo filho do bispo do Porto, Christovão de mello filho de Fernão de mello capitão da Ilha de são Thomé, Pero dataide inferno, e um seu irmão, dom pedro sardinha, Duarte de mello, dom João pereira, e João brandam, estes eram fronteiros dos moradores morrerão Rui caldeira, Estevam lameira, Fernão carasco, Francisco manso, Pedralvez alferes de Nuno fernandez, Vicente canellas, Antonio do monte, Joam Roxo, Joam gonçalvez de Sampaio, Antonio Tinoco Galaz pinheiro, Fernão roiz peranno

artim camacho, e outros muitos de que nam soube nomes. Foram captivos Lopo barriga adail, dom nrrique de sa, George de brito, Christovam nunez brinho Dantonio carneiro secretario del Rei, Alva- do tojal, Joam gomes Cardoso, Cosmo tome, e tros que forão per todos trinta e cinco, escaparam ra de cento de cavallo, e de pé. Com este desba- to, e morte de Nuno fernandez dataide fezeram os ouros algumas mudanças, parecendo-lhes que com morte de hum tal cavalleiro, e tam bom capitão derião estar seguros em suas terras, e casas, como o ntes acostumavam fazer.

CAPITULO VII

e como el Rei mandou por capitam, e governador a Çafim dom Nuno mascarenhas, e da tornada de Side Iheabentafuf do regno com dom Pedro mascarenhas, e do nascimento do Infante Dom Antonio.

MORTO Nuno fernandez dataide, proveo el Rey dom Emanuel da capitania, e governança da cidade de Çafim dom Nuno mas- renhas, que então estava em Arzilla, como fica di- no capitulo atras, no qual cargo lhe acontecerão uitas cousas, de que farei menção daquellas que rem de calidade para isso. Quando aconteceo este sastre andava Side Iheabentafuf no regno negocian- cousas que lhe compriam, pelo que nam pode rnar para çafim no mesmo instante, mas dahi a ucos dias deu el Rey despacho a seus requerimen- s, e ho mandou em companhia de dom Pedro mas- renhas, irmão de dom Nuno com gente, e muni- es de guerra, onde chegaram no fim do mes de

Julho do mesmo anno de M. D. xvi, foram bem re-
cebidos assim dos Christãos, como dos mouros de pa-
zes, dos quais todos era Iheabentafuf desejado, po
ser muito bom capitão, e avido por tão bom caval-
leiro, que debaixo de sua bandeira querião todos pe-
lejar, por delle averem os contrairos mor medo qu
de nenhum outro xeqae, de toda aquella provincia
No mesmo dia que dom Pedro mascarenhas chego
a çafim, que foi huma quinta feira screveu Side Ihea
bentafuf aos cheques dabida, e garabia, de que ouv
logo reposta, com grandes mostras dalegria, em si
nal do que e de quão dedejosos stavão de sua vind
fezerão per todolos aduares grandes festas de tambo
res tangidos em todalas tendas, com jogos, danças,
cantares, sem ficar nenhum que não trabalhasse d
o fazer aventajado, aos quaes todos deu dom Nun
seguro para virem a cidade, mas que fosse per ca
minhos acustumados, e isto por alguns staren
receosos de castigo per respeito da morte, e des
barato de Nuno fernandez dataide com o qua
seguro vierão todolos xeques, e outros mouro
fallar em seus negocios a Side Iheabentafuf, visitan
doo cada hum, com o presente que podia, e porqu
elle, allem das merces que lhe el Rei fezera, de qu
veo muito contente, trazia cõmissam sua para enten
der no castigo dos que forão culpados na morte d
Nuno fernandez, e dos outros christãos, praticou ist
com dom Nuno e acharão que os principais não t
nham culpa dos quaes alguns morrerão neste nego
cio, por salvarem os nossos, e que quanto aos outro
que eram tantos que seria a execução infinita, e muit
escandolosa, sobelo que dom Nuno tinha ja cartas d
Rei mandando-lhe que pasasse levemente com est
castigo, porque estava informado que seria trabalho
so, e com elle se daria azo a rompimento de paze

m os mouros, de que se poderia seguir mor danno
ıe o passado, pelo que assentarão que se não fallas-
por entam nisso, mas que pouco a pouco, sem os
ılpados o sentirem, se tomaria assi nelles como em
as fazendas a vingança necessaria, o que assi con-
uido começarão de entender em outros negocios
ıe Side Iheabentafuf levava per lembranças e apon-
mentos que lhe el Rei dera, o que dom Nuno e elle
atarão com muita amizade e resguardo do serviço
l Rei per alguns dias, e porque nas cousas Dafrica
ıe screvo nesta Chronica podera ser que vam algu-
as lançadas fora de seu logar, e do tempo em que
onteceram, saiba quem dellas alcançar tanto que
ossa arguir este erro, em que por ventura ja cahi,
poderei cair que a culpa disto nam he minha se
.m dos capitães dos lugares que entam tinhamos em
frica, os quaes pela mor parte nam acustumavão
erem nas cartas que mandavão a el Rei mais que
dias, e meses, em que as escrevião, deixando os
nos per esquecimento o que me deu ate agora muito
abalho, e dara muito maior ao diante do que cons-
angido pelo melhor modo que pude acommodei os
egocios scriptos nas cartas que nam tem a data dos
nos, ao tempo que me per conjecturas pode parecer
era isso mais conveniente. Neste anno de M. D. xvi.
s ix. dias do mes de Septembro pario a Rainha
onna Maria em Lisboa nos paços da ribeira hum fi-
o a que poseram nome dom Antonio, que logo
leceo, do qual parto lhe ficou huma má disposição
e que faleceo como se ao diante dira.

CAPITULO VIII

De como os mouros tomaram duas caravellas, em que mataram Francisco do soveral, e captivaram Pero, lopez, e Gonçallo vaz almocadem, e do martirio que deram em Alcacer quibir.

NESTE anno de M. D. xvi. estando Diogo lopez de sequeira em Arzilla tendo as sete caravellas que lhe ficarão ancoradas no arefice, tomarão duas fustas de Larache huma caravella que vinha do algarve sem lhe estoutras poderem valer, posto que fosse bem perto da villa, por ser mare vazia, com que não podião sair, nesta caravella matarão Francisco do soveral, da criação do Conde de Borba, que morreo defendendo a caravella como muito bom cavalleiro que era, captivaram Pero lopez scrivão do almoxerifado ferido de duas setadas, e a molher de Fernam barriga, e Afonso barriga seu filho, e a molher de Rodrigafonso de faram, e filhos, e outras pessoas honrradas que per todos entre homens, e molheres erão vinte oito que levarão a Larache com a caravella. Neste tempo gonçalo vaz almocadem, de que atraz fiz algumas vezes mençam, homem que deixando a seita de mafamede, tomou a fe de Jesu Christo em que vivia catholicamente, por caso de se curar de huma perna que quebrara em huma almogaveria e lhe ficara curta, se foi a Tangere em companhia de diogo lopez de siqueira, para se curar com hum muito nomeado, e bom surgião, que eu conheci, per nome mestre Antonio, do qual remediado tanto quanto o tempo de quatro meses, que esteve em Tangere, e o saber, e diligencia de mestre Antonio poderão abranger, determinou de se torna-

ra Arzilla, posto que contra vontade de mestre
ntonio, por ainda nam estar de todo são, e de dom
uarte de meneses, por nam aver navio em que o
dessem mandar seguramente, nem querer ir por
rra com sincoenta de cavallo que lhe dava, final-
ente importunado dom Duarte de Gonçalo vaz, que
m desejo de se tornar para sua casa, molher, e fi-
os nam avia quem lhe podesse porsuadir que ficasse
e de todo ser sam, o embarcou em huma caravella
sarmada, que estava no porto prestes para ir para
rzilla ho mestre da qual por o vento ser le-
nte, fresco, a popa, prometeo a Gonçallo vaz, que
n tres horas o poria em sua casa, ho que junto aos
sejos que tinha de se ir para Arzilla, se embarcou,
m satisfeito de muitas peças que lhe dom Duarte,
os fidalgos, fronteiros, que estavam em Tangere
rão, por ser mui esforçado, e bom Christam. Esta
ravella partio da barra de Tangere fretada per
aspar caldeira genrro de George vieira, em que em-
rcou sua molher, filho, e sogra, e elle depois de
a caravella fazer a vela partio per terra para Ar-
la com Fernão meirinho seu cunhado, que vieram
nanhecer a villa sem acharem novas da caravella, a
ual depois de ter passada agulha do cabo despartel
iram duas fustas de Tetuão, que alli chegarão
uella menhã, passando de noite per Septa, Alcacer
guer, e Tangere sem serem vistas, no qual tempo
vento lhes começou daclamar entre taguadarte, e a
goa do Conde, o que vendo Gonçalo vaz, e que na
ravella nam avia gente, nem armas pera se defen-
rem, e que se o captivassem tinha a morte por
ui certa, ou se havia de deixar matar antes que
ptivar, fezeram elle, e Joam de Deos com Joam
z pedradas mestre da caravella, que lançasse ho
tel fora, para se salvarem em terra o que elle fez

de boa vontade, cuidando de se salvar, o que lhes saio ao contrario, porque as fustas os tomaram, delles dentro no batel, e outros a nado que se lançaram ao mar para se acolherem a terra, de maneira que captivaram todos com hum filho de Gonçallo vaz moço de idade de oito annos, o que feito se foram a caravela que por ficar desamarinhada acharão quasi no lugar onde a desempararam os que tinham ja captivos, na qual entraram sem nenhuma resistencia, por nella não aver senam molheres, que so com lagrimas defendiam suas honrras, prometendo ahos mouros tudo o que per seus resgates lhe podessem dar, mas que nesta parte quisessem ter com ellas conta, o que assi fezeram, e as levaram com os captivos a Tetuam, donde depois assi ellas, como elles sairam per seus resgates, salvo Gonçalo vaz que por deixar a seita de mafamede o mataram com muitos tormentos que lhe deram, nos quaes foi tam constante, e recebeo com tanta paciencia, em dous dias que o martyrisarão, atado em uma cruz feita em aspa em que o acanavearam, e tiraram pouco a pouco as unhas dos pes, e das mãos, que nunca da boca lhe poderão tirar o nome de Jesu Christo, pedindo a Deos perdam dos seus peccados, com as quaes palavras, que mostrou ter escriptas no coraçam, por lhe ja terem arrincada a lingoa, spirou. Teve este Gonçalo vaz hum irmão pe nome João vaz muito esforçado cavalleiro, quer pe respeito da morte que os mouros lhe deram a sa irmam, lhes fez em quanto viveo cruel guerra, qual no anno de M. D xxiiii estando el Rei de Fe sobre Arzilla elles captivaram, e mataram por nar querer arrenegar a fe de nosso Senhor Jesu Christ de uma cruel morte, quefoi abetumaremno com es topas, breu, e alcatram, e assi lhe poserão fogo, d

que ardeo em idade de xxv. annos, de maneira que ambos estes irmãos nascidos mouros morreram christãos, com tanta paciencia, e confiança que se poderião com rezam referir no cathalogo dos bemaventurados Martyres. E por que nam pareça esquecimento do Chronista deixar Diogo Lopez em tanger com as sete caravellas sem dar razã de toda sua viagem, elle andou no estreito ate fim do verão, donde se veo ao regno o qual no anno seguinte de Mil, e quinhentos, e dezasete el Rei mandou com sua armada sobela villa de Targa como adiante se dira.

CAPITULO IX

Do que Fernam gomez de lemos passou, depois que partio Dormuz ate chegar a corte do Xeque Ismael.

NA terceira parte desta Chronica fica dito como Afonso dalbuquerque despachou Dormuz o embaixador do xeque Ismael, e em sua companhia Fernam gomez de lemos com embaixada, os quaes partiram em companhia de Habrain Benati capitam da cidade de Trager hum sabbado, cinco dias de Maio do anno do Senhor de M. D. xv. per Fernam gomez mandou Afonso dalbuquerque ao Xeque Ismael hum presente darmas brancas, gibanetes de cravaçam dourada sobre brocado e seda, adargas, espingardas, arcabuzes, e hum falcam com hum berço de metal, e joias d'ouro, e pedraria de muito preço, baixella de prata de bestiães, especiarias, e moedas d'ouro, e prata, das que se fazião na Innia do Cunho de Portugal, e das do regno lhe mandou Portugueses

douro, cruzados, e tostoens, e huma carapuça de velludo preto, ao seu modo, guarnecida de robins barrocos, e fio douro tirado, e quanto as peças que hião neste presente defesas na bulla de caena domini, Afonso dalbuquerque as podia mandar por ter commissam del Rei pera assim o fazer quando necessario fosse, aos Reis, senhores seus aliados, e confederados, por para isso ter dispensaçam do Papa. Partidos estes embaixadores de Ormuz chegarão ao domingo a Bandar, que esta na terra firme tres legoas da mesma cidade, onde veo ter com elles Habraim beca capitam da quella comarca pelo Xeque Ismael, que lhes tinha ja prestes corenta camellos para a fardagem que levavão, dalli foram ter aos oito de Iunho a hum lugar que se chama Paca, e depois a um campo perque corre huma ribeira, junto da qual estava a molher de Habraim beca, alli repousarão alguns dias agasalhados em tendas, neste campo tinha o Xeque Ismael muitos cavallos a engordar encarregados a Habraim beca que paciam de noite, e de dia os metião nas tendas, donde partirão aos xiiii dias de Iulho, e caminhando per terras muito boas chegarão aos xviii deste mes a outro campo em que acharão mais de trezentas tendas de hum capitão do xeque Ismael, per nome Bedijam beca, que ali estava com sua molher, e casa de quem foram bem recebidos, e festejados, e ao embaixador com os mais honrrados da embaixada convidou a jentar, no qual foram tratados com muita magnificença, dalli partiram a sexta feira, acompanhandoos o capitão huma legoa, e chegarão a hum lugar, que se chama Carmasa, de cem vesinhos que em outro tempo fora huma cidade muito rica, e populosa, mas o xeque Ismael a mandou destroir por lhe ser rebel, com tudo ha ainda alli huma boa fortaleza, onde tem hum capitam, e solda-

s, ao qual lugar veo recado a Habraim beca do que Ismael, que nam passasse a diante ate nam ter tro recado seu, o qual lhe veo ao outro dia, e era e lhe levasse hos cavallos, que estavam ha engor- r em Drager, que he daquelle lugar dez legoas do gar de Carma se foram a cidade de Carma, que a de tres mil vizinhos, cercada de muro, e cavas, li foram ter a hum Alcoram qne o xeque Ismael ndara fazer de cabeças de veados, carneiros, bo- s bravos, e outras alimarias, que matara em hum verno que alli andou ao monte, ho qual Alcorão muito fermoso, alto, e bem feito, situado apar de ma cidade boa, junto de huma grande ribeira com uitas moendas, pumares, e jardins, ho capitam des- cidade foi visitar o Embaixador a pousada, por- e não estava ahi quando chegaram, pera o ir rece- r, e apos a visitaçam lhe mandou todo o ne- essario para sua despeza, o que se assi fez r todallas terras do Xeque Ismael, pelo elle si ter mandado, desta Cidade foram ter aos nte dias de Iunho ha de Caixam muito rica, grã trato cercada de muros, cavas, cubellos, de acharam Mirabucaza que he ho que foi ter a oa, quando a Afonso dalbuquerque ganhou, e era este tempo Capitam Geral do Xeque Ismael, e assi Embaixadores del Rei de Daquem, e do Çabaim alcam, que juntos os vieram receber mea legoa da ci- de com mais de duzentos de cavallo, e corenta es- ngardeiros, ho qual capitam depois de deixar o mbaixador na pousada, lhe mandou muitos presen- s de fructas, e outros mantimentos. Nesta Cidade tiveram dez dias esperando recado do Xeque Is- ael, o qual havido, se partiram pera onde elle en- m estava com seu arraial que era dez jornadas daquel- Cidade, e passando por muitas cidades, villas, e

castellos, chegaram a este campo, do qual a dous tiros de besta os sahio a receber o governador de sua casa que deziam ter naquelle tempo duzentos, e cincoenta mil cruzados de renda, e com elle passante de dous mil, e quinhentos de cavallo, comque forão decer as suas mesmas tendas, que estavam assentadas no meo do arraial, onde estiveram ate que chegaram has cargas, as quaes vindas ho goverdador mandou armar as tendas dos nossos embaixadores junto das suas, ho que feito logo dahi a pouco mandou o Xeque Ismael visitar o Embaixadar com hum presente de truitas vivas, das que tomara em huma pescaria que fora fazer. De Ormuz a este lugar onde acharão o arraial, polas jornadas que o Embaixador fez estimaram que poderiam ser duzentas, e oitenta, e cinco legoas, ho qual estava assentado em hum valle dercado de serras mui altas cubertas de neve, em que averia trinta, e cinco mil tendas, e mais de cem mil homens de cavallo, e muita gente de pe, e molhereres, a fora outra muita, que per caso do inverno se recolhera aos lugares vesinhos.

CAPITULO X.

Do que se passou todo o tempo que os Embaixadores esteveram na corte do Xeque Ismael.

AGASALHADOS os da embaixada logo ao sabado seguinte pola manhãa foi o Xeque Ismael a caça acompanhado de oito mil de cavallo, mas a redor delle a tiro de pedra não chegavam senam os que com elle queriam fallar, o que o governador foi fazendo per hum bom espaço a sua

ão direita, ate que lhe mandou que se tornasse a anquetear o embaixador, para que o convidou o embaixador del Rei de Lores, e o del Rei de Gorgia, que em suas terras a trinta legoas da cidade de Tauriz, sam Christãos, vezinhos ao turco, com quem tem uitas vezes guerra. Dixem que a este Rei da Gorgia obedecem catorze Reis Christãos seus vassallos, o anquete se deu na principal tenda do governador, om muitos tangeres darpas, alaudes, e frautas ao nosso modo, e durou desne pela manhãa, ate quasi sol osto, em que houve muitas viandas, e genero de inhos, de que todos beberam liberalmente, ho qual cabado lhes deu o governador vestidos de seda, e rocado, feitos ao seu modo, que he huma das mores onrras que naquellas partes se faz aos convidados, o ue feito estando ja os embaixadores para se irem ara as suas tendas chegou o Xeque Ismael da caça, em passando por a par donde se esta festa fazia, airão todos a fazermlhe reverencia, e ho governador e chegou a elle com hum barrete redondo na cabeça, do que gostou muito, e despio huma roupeta e cetim verde que trazia vestida, forrada de rapo os, e a mandou dar ao nosso embaixador, e muitas ruitas da pescaria que fezeram, a quarta feira seuinte fallou o embaixador ao Xeque Ismael, o ual ho esperou em huma grande tenda entertalhada, e roslada de fio, e chaparia douro, assentado em almofadas, sobre um estrado, de hum covodo dalto, uberto dalcatifas, e diante de s'm hum tanque agoa em que andavam truitas, e dambalas ilhargas via muitos tendilhões de brocado, alcatifados de ongo do cham. A sua mão direita estava el Rei de olim, homem de sessenta annos, a quem o Xeque azia muita honrra, e junto delle o seu capitam geal, Mirabucaca, a mam esquerda estava Dormiscam

embaixador do Rei de Lores, e o del Rei de Gorgia, e outros dous capitães, ho Embaixador quando chegou ahostrado, onde estava o xeque Ismael lhe fez cortesia ao modo delles, que foi beijar-lhe a mam, e ho pe, e os outros todos beijaram ho cham, tres vezes cada hum. Feitas as cerimonias, o Embaixador beijou ha carta que levava Dafonso Dalbuquerque, e a deu aho xeque Ismael ha qual tomou da sua mam, com rosto alegre e ho fez assentar, e Ioam de Sousa, e Gil Simões, e Gaspar Pirez, lingoa todos a sua mão direita, entre el Rei de Golim, e o capitão geral. Depois dassentados perguntou o xeque Ismael ao Embaixador pelo Papa, e por el Rei dom Emanuel, e de que idade era, e quantos filhos tinha, e pelo governador Afonso dalbuquerque, e outras cousas a que lhe respondeo ho que de tudo sabia. Apos isto lhe trouxeram o presente com que folgou muito, e sobre tudo com o arnes darmas brancas, e couraças, o que feito mandou que lhe trouxessem de jantar, mas antes que se elle assentasse poserão de comer a todolos da sua guarda, e continuos de casa, o que feito lhe deram agoa as mãos em huma bacia de prata, e as alimpou em hum guardanapo de seda azul lavrado de fio douro, pondolhe logo sobre huma alcatifa humas toalhas de seda listradas, e as iguarias em bategas de prata, sem apar da mesa estar outra nenhuma pessoa, que ho trinchante que lhe cortava em giolhos, mas elle nam tocou, nem comeo cousa nenhuma ate que nam poseram outras iguarias diante dos que estavam junto delle em outra mesa cuberta com toalhas do theor das suas, que eram os mais honrrados da embaixada com alguns senhores da sua corte, e embaixadores a quem o xeque de cada vianda que comia mandava huma iguaria, afora as que estavão postas na mesa, que erão muitas, e boas, acabado o

ntar, e alevantadas as mesas trouxeram muitos
nfeitos, amendoas confeitas, diagargante, açucar
ndil, diacidram, e outras fructas secas em bacias
pao pintadas douro, e cores, ha qual fructa toda
xeque repartio pelos convidados, e garrafas de
nho, e aho embaixador deu huma do de xiraz, que
m os melhores que ha naquellas partes, em quanto
rou o banquete, mandou o xeque Ismael ao gover-
dor que tevesse cuidado de fazer beber os Portu-
eses, e assim a elles como aos outros constrangiam
que serviam as mesas, a beber as taças cheas, e
dava hum capitam bradando que bebessem polla
da, e saude do xeque Ismael, e aos que o nam fa-
am reprendia, e a ninguem nam consentiam que lan-
ssem aguoa no vinho, e depois que se ho negocio
meçou daquentar mostravam as taças ao xeque, e
nam eram bem cheas as mandava encher, elle be-
a por huma taça de pedra, que deziam ter vertude
ntra peçonha, encastoada em ouro, que levaria
ea canada, e as vezes per huma porcelana, e elle
esmo lançava o vinho das garrafas na taça, e a
ostrava aos nossos, perguntandolhes se estava bem
ea, dizendo que elle so bebia mais que elles todos,
embaixador lhe dixe que poderia ser o vinho
guoado, pelo que lhe mandou logo a taça, pera que
provasse, e achando que nam era aguado lhe man-
ou que por pena daquelle erro bebesse a procellana
ea do mesmo vinho, na qual o Embaixador repou-
u tres vezes, em satisfação do qual trabalho lhe
andou hum lenço que tinha ao pescoço lavrado de
o douro, no que esteveram das dez horas do dia
te noite, então lhe mandou camisas de seda acol-
hoadas, e cabaias de brocado, forradas de cetim que
go vestiram, e estiveram com elle ainda hum bom
edaço, no qual tempo lhe mandou Coicleão huma

garrafa de vinho de Portugal, do que trouxera de Goa, quando fora visitar Afonso dalbuquerque, ha qual mandou dar ao porteiro mor pera que provasse ho vinho, mas elle o bebeo todo com muito despejo, dizendolhe que nam sabia se era aguoa se mel, se manteiga, entam dixe o Xeque Ismael ao embaixador, que ainda que o vinho de Portugal fosse tam bom, que queria mandar hum par de cargas do de xiraz a Afonso dalbuquerque, pera ver qual era melhor. O governador depois do banquete acabado se vestio de vestidos Portugueses, e tomou o embaixador, e Joam de souza pelas mãos, e os outros Portugueses tras elle, e dixe ao xeque Ismael que elle era frange, que se queria ir com elles, o que dito poseram todos as cabeças no cham, e foram cada um per sua tenda. Quis aqui poer as meudezas deste banquete pera se saber quão humanamente estes homens vivem, e quão afabiles são, e fora das opiniões e gravidades de Hispanha, e Italia, do que em França, nem Alemanha, usam tanto, senam em suas dietas, estados e procedencias, que nestes passão toda a outra nação e segundo contam, e escrevem, os que foram nesta embaixada me parece que esta gente sugeita ao xeque Ismael vive do mesmo modo, e tem os mesmos costumes que os Polonos, e Roxos, porque em alguns convites em que me eu naquellas partes achei, assim o fazem, e no conversar sam mui afabiles, liberaes, e benignos. Passados alguns dias depois deste banquete, em que o xeque Ismael fez mudar duas veses o arraial, o embaxador mandou dizer ao Governador, que alem da carta que dera ao Xeque Ismael de Afonso dalbuquerque tinha algumas cousas pera lhe dizer: o governddor lhe mandou recado dahi a dous ou tres dias que ho xeque avia por bem que as cõmunicas-

com elle, e com o guazil, e que para isso podia
r cada vez que quizesse a sua tenda, que alli se
untariam todos, ho que o embaixador assi fez, e
e disse segundo as instruções que levava, que Afon-
dalbuquerque Governador da India por el Rei
om Emanuel seu senhor mandava visitar, ho xe-
ie Ismael pela grandeza de sua fama, senhorio, e
forço, e assi porque agasalhava os Christãos, e os
onrrava, e favorecia.

Que el Rei dom Emanuel seu senhor folgaria de
r com elle amisade, e o ajudaria contra a guerra do
ldam de Babilonia, e do Turco, e que em seu
ome e de sua parte lhe offerecia a gente, armadas,
llas, fortalezas, e senhorios que tinha na India

Que se pera confirmaçam destas pazes, e amisa-
es o xeque Ismael quisesse mandar seus embaixadores
el Rei dom Emanuel per via Dormuz, que lhe daria
do o aviamento pera sua passagem, do que o dito
nhor Rei levaria grande contentamento.

Que o xeque Ismael defendesse a seus subgeitos,
ie não andassem com o çabaim dalcão nem o ser-
ssem na guerra que contra el Rei tinha. Isto, e tu-
o demais que ho embaixador dixe escrevia um
cretario do xeque Ismael, dos quaes apontamentos
governador lhe trouxe dahi a tres dias a reposta
guinte.

Que el Rei de Portugal desejava a amizade do xe-
ie Ismael, como lhe tomara a cidade de Ormuz,
ie estava a sua obediencia, e lhe pagava cadanno
ous mil serafins de pareas que ja nisto nam res-
ondião as obras com as palavras, mas com tudo
a seu amigo e folgava muito com o sua amisade.

Que quanto a mandar embaixador a el Rei de
ortugal que o caminho era longo, assi por mar co-
o por terra, mas que os messageiros seriam as

novas que iriam a el Rei dom Emanuel da guerra que elle determinava fazer no anno seguinte ao turco.

Que acabada a guerra contra o turco, esperava de começar a de Meca, contra o Soldam de Babilonia, e que pera isso tinha boa maneira, pelo que nessa parte nam lhe queria dar trabalho.

Que depois lhe premetia passagem pera a gente que quizesse mandar ao mar Barabia, que esta fosse contra a cidade de Catifa, e Baharem, que se lhe tinhã alevantadas, contra as quaes mandava por capitães de doze mil homens Habraim beca. e Bedim tam beca, que nisto queria conhecer quanto seu amigo era.

Que quanto a defender a seus vassallos, e subgeitos que nam servissem o çabaim dalcão nas guerras que com elle tinha que o podia mal fazer, a huma por serem soldados aventureiros, e a outra por o çabaim ser seu amigo, com tudo que lhe screveria, e rogaria que fezesse paz com ho governador.

Que elle tinha mandado aos capitães que trazia no mar da Persia, que fezessem sempre, o que lhes o governador mandasse, e o communicassem como amigo e ao demais de sua embaixada, e carta, responderia mais particularmente, por elle mesmo e que o despacharia com brevidade. Dada esta reposta, dahi a dous ou tres dias foi o xeque Ismael a monte, levando a mor parte da gente do araial, com que cercou ao redor bem quatro legoas de montanhas muito fragosas, e mandou ao Governador que levasse consigo o embaixador, e a sua gente para verem o modo que tinham de montear, ho qual foi sem outras redes, nem varães, que esta gente, a qual batec ho monte ate trazerem a caça a hum escampado que avia entrestas serras, onde ficou toda cercada da gente como se estivera cerrada em hum curral, o que

ito mandou o xeque dizer ao embaixador que se esse pera elle, com sua companhia, com os quaes s, e com o governador, e capitam geral, entrou no erco em que averia mais de duas mil alimarias, de ue as mais eram veados, gazelas, carneiros, cabras, odes bravos, adives lobos, e porcos monteses, e alins ussos, e outras alimarias, depois que o xeque i dentro do cerco, derribou muitas dellas as frenadas do que enfadado arrinceu de huma cemitar, com que dava golpes com tanta força que paro pello meo do rabo ate cabeça algumas destas alarias, e outras cortou todas do travez, do que ja nçado mandou a Dormiçam, e ao governador, e pitam geral que fezessem o mesmo, mas nenhum eu golpe que se podesse comparar com os que dera xeque, e elles com ontros que entrarão tras elles cabaram de matar toda a caça, a qual o xeque manou ao araial, e pedio de beber sobre pepinos, e amos de sylva, com que convidou o Embaixador, e e perguntou se el Rei dom Emanuel tinha o meso modo no montear, a que respondeo o que disso bia, entam lhe dixe o xeque Ismael, que em um inverno, em Baum matara vinte mil cabeças, e n outro em Espaur, cincoenta, e duas mil. Acaba a pratica cavalgou, e se foi pescar dalli ha huma legoa, que elle mesmo fasia com huma atarrafa que sabia ui bem lançar, o Embaixador porque era despaado, e tinha as cartas que ho xeque Ismael escrea a el Rei, e a Afonso dalbuquerque, dixe ao goverador neste lugar da pescaria, que pois era despachao que se queria despedir delle, que lho dixesse, o overnador lhe deo o recado, pelo que mandou lo chamar o embaixador com sua companhia, e lhe eu a cada hum sua truita, das que pescara, e dixe embaixador que se fosse na boa hora, e desse

suas encomendas a Afonso dalbuquerque, o que di to o embaixador, e os demais lhe beijaram a mam, e pe, e se despedirão delle, o qual neste tempo seri homem de trinta annos, muito prazenteiro, assi n falar como no conversar. Ao outro dia que eram on ze de Setembro se mudou o araial para junto de hu ma villa, que se chama binado, de muitos pumares, ortas de diversas fructas, com quem se foram d companhia, o que sabendo o xeque Ismael lhes mar dou quatro veados, e hum porco montes, depois d alli estarem tres dias mandou dizer, o governador a embaixador, que o xeque Ismael lhe rogava que em quanto se fazia prestes hum embaixador, que queri mandar a Afonso dalbuquerque se fosse a cidad Tauriz, aguardallo o que assi fezeram, e pera o cam nho lhes fez merce de dinheiro, alem das peças qu lhes ja mandara dar, e mandou com elles hum cap tam pera os guiar, e fazer dar de graça pelo cam nho, os mantimentos que lhes fossem necessarios.

CAPITULO XI

Do que o embaixador passou ate chegar a cidade Tauriz, e dahi a Ormuz, e a India.

Despedido o Embaixador do xeque Ismael, t mou seu caminho pera Tauriz, que he daque le lugar donde partiram seis jornadas, e pa sando per muitas villas, e lugares per terra mui fe til, assi de criações, como de sementeiras, e fructa chegaram a esta cidade de Tauriz, o capitam da qu os saio a receber com muita gente de pe, e de cava lo, e os levou a humas casas grandes, de muitos p mares, e tanques dagoa que o governador do xeq

smael alli tinha, onde pousaram, e lhes foi dado to-
o o necessario pera sua despeza. Esta cidade de Tau-
iz he fermosa de edificios, e populosa, em que a
uitos Christãos Armenios, dos quaes o embaixador
oi bem visitado o tempo que alli esteve, que foram
inte dias, e porque o embaixador que o xeque Is-
nael mandava a Afonso dalbuquerque adoecera no
empo que lhe andavam dando seu despacho, man-
ou que o nosso o fosse esperando pelo caminho, pelo
ue se partiram logo de Tauriz, guiandoos per ca-
inho desviado do que trouxeram, per terra muito
ertil, e de muitas cidades, villas, castellos, e povoa-
ões ate chegarem a cidade de Caixam, onde esteve-
am bem festejados dos regedores della quinze dias,
m que lhes veo recado do xeque Ismael pera se dali
rem a de xiraz, o que fezerão per terra tão boa, e
ão povoada como a que ja passaram, neste caminho
oseram quinze dias, não por ser a distancia tamanha
enam por caso da neve, que era tanta sobella terra
ue as enxadas lhes hiam fazendo o caminho, o gau-
il de xiraz veo receber o embaixador fora da cidade,
om oitenta de cavallo, e o levou a humas fermosas
asas, onde lhe fezeram os dias que ahi esteve mui-
os banquetes, no qual tempo veo ter a esta cidade
e xiraz que sera de quatro mil vezinhos, Soltam
uiler senhor della, que por aver muitos dias que
ndava fora, foi recebido com grandes jogos, e fes-
as, o qual em chegando mandou ao embaixador tres
argas de fructas, e conservas, e dahi a dous dias
he deu hum banquete, que durou desno meo dia ate
nea noite, em que todolos da companhia, foram tam-
em festejados, que muitos delles falaram naquelle
ia a lingoa Persea, e Grega sem della saberem nada,
cabado o banquete Soltam quiler lhes deu a todos
abaias de seda, e brocado, com que se foram perá

pousada, dizem os da terra que foi ja esta cidade de trezentos mil vezinhos, e que hum senhor daquellas provincias per erros que contra elle cometeram os cidadões, a mandou destroir, deixando de cada mil casas huma: alli speraram onze dias o embaixador que o xeque Ismael mandava a Afonso dalbuquerque, com cartas pera el Rei dom Emanuel, e parelle, e hum presente, de que as peças principaes eram cinco cavallos muito fermosos, e mui bem agaezados, de guarniçoens douro, e prata tudo anilado, e esmaltado, e mochilhas de seda, nominas, e cordões de retros, e fio douro, e huma celada douro, e garrafas douro, e prata dourada, e vestidos ao seu modo, com carapuças de seda, e brocado, e quatro cargas de pinhoes esburgados, pexegos secos, e vinho de xiraz, e a dom Garcia de noronha mandou hum cavallo muito bem agaezado. De xiraz foram todos ter por suas jornadas a cidade de Lara, que he grande, e de bons edificios, cercada de muro, e torres, o Rei he Arabio, sugeito ao xeque Ismael, onde se fazem as tangas laresas, que correm per todas aquellas provincias. Dalli depois de serem bem festejados do Rei se partirão pera Ormuz, e dahi perá India, onde chegaram depois do falecimento de Afonso dalbuquerque, sendo governador Lopo Soares, como ja fica dito.

Treslado da Carta que o Xeque Ismael screveo a el Rei dom Emanuel

Ao Grande Rei, e senhor de alta Coroa, honra dos Reis da Lei do Mexias, Rei dos Reis Christãos, de grande coraçam senhor bemaventurado, cavalleiro de Portugal vossas grandezas sam como Rosas de bom cheiro, escrevovos esta carta

a que saibais, que meu desejo, e vontade he ver
ssas cousas prosperas, e vosso estado acrescentado
no se fosseis meu irmão, faço vos saber como hum
ı criado foi ter a ja dias, onde estava o vosso
nde e gabado governador da India, escolhido per
; entre muitos capitães de vossos regnos, pera
n tal, e tamanho cargo, ao qual elle fez muita
ırra, e o ajudou, e o despachou bem, com os que
n elle hião, e mo enviou muito contente da com-
nhia que lhe fezeram, ho que eu tomei em sinal de
ito amor, e amizade, pelo que lhe mandei meu
baixador, Coicaleam, pera confirmar, e fortalecer
ssa amizade, assim como vos melhor parecer, a
al desejo muito que sempre dure entre nos, e que
ssos messageiros, e cartas vam, e venham conti-
amente pera se mais fortalecer esta cadea de nosso
or. Deos todo poderoso tenha vossa Real pessoa
sua guarda, com todo vosso estado, casa, e
nos pera sempre, dos sempres. Dada no nosso
aial.

eslado da Carta que o Xeque Ismael screveo a Afonso dalbuquerque.

DERA o grande senhor, que he esteio dos governadores, e grande da Lei do Mexias, cavalleiro grande, e forte Leam do mar, de gran-
coração, senhor capitam mor, que em meus
nos, e em minha graça, e coraçam me contentaste
uito, e sois grande em minha vontade, assi como
ando amanhece a claridade, e assi como o cheiro
Almizcar, e asssi quero que em bem sempre se-
es grande, e alevantado, e sempre sejaes alumiado
n vosso caminho, assi como o nosso coração dise-

ja. Façovos saber, como veo Coieleam, e me dixe de vosso amor, e vossa boa vontade, algumas palavras que lhe dixestes, e que antre vos e elle passarão, e mas dixe muito bem dictas, e me obrigaram, e acrescentaram amor, e amizade antre nos, e por tanto vollo mando outra vez, pera que vos diga algumas cousas que lhe dixe, e vos peço que o que vos o dito Coiealeam pedir o façaes, e o nam detenhaes. e o despacheis cedo, e me envieis alguns mestres de fundir artelharia, e bombardeiros, e eu os contentare como elles quizerem, isto vos peço que façaes por nossa amizade, que toda a minha esperança he em vos, e sempre venham, e vam nossos messageiros, qualquer cousa que vos de mim comprir mandaime dizer, e confiai muito em minha amizade que vos quero grande bem. Deos todo poderoso vos tenha em sua guarda.

Treslado da carta que Mirabucaca capitam geral do Xeque Ismael screveo a Afonso dalbuquerque

Ao grande senhor de mando governador, grande capitam dos grandes, e maior dos maiores capitães deste tempo, Leam bemaventurado capitam mor, e governador das Indias. Este so menos vosso servidor, verdadeiro em amor, e em muitos serviços, como de servidor, mil saudaçõe vos envio, sabe quem sam vosso servidor, e quer vosso bem la vos mando Coje alacredim mahame pera que vos diga o que lhe dixe acerca de noss amisade, em sermos huns, e tendeo assi por cert sem vos disso esquecerdes, escreveime sempre, qua quer cousa, ou serviço que de mim quizerdes, ou m

andai dizer, e eu o farei, e me fareis nisso muita erce. Não vos escrevo mais senam que Deos acrente vosso estado.

CAPITULO XII.

e como Lopo soarez partio de Goa com huma armada em busca doutra que o Soldam de Babilonia fazia no mar Darabia.

NDUZIDO o Saldam de Babilonia dos mais dos Reis da India, e sobre todos dos de Cambaia, e Calecut, que de novo fezesse outra armada con-a os Portugueses, prometendolhe grandes ajudas, le assi per vingar a injuria recebida no destroço de irhocem seu capitão, como por se restituir da per-a que recebia, em a navegação da India pera o mar arabia, por lhe ser impedida, a mandou fazer em ez. Esta armada era de vinte, e sete vellas, em e entravam seis gales de vinte sete bancos por nda, de tres remos por banco, nove sotis, de vinte nco bancos per banda, de tres remos por bancos, oze fustas, de vinte ate vinte sete bancos por ban-a, cada huma de dous remos por banco. Na qual rmada avia setecentos Mamalucos, trezentos Turcos, il mouros dos regnos de Tunez, e de Grada, es-ingardeiros, e bombardeiros, de que alguns erão estres de fundir artelharia, ha mais gente erão fre-neiros de lanças, e espadas, todos bem armados, ntre os quaes havia mais de setenta Christãos levan-scos, sobesse de certo, que alem doutras muitas munições de guerra que hião nesta armada havia ento, e vinte tiros grossos, e trezentos, e cincoenta

berços, tudo de bronze, afora outra artelharia de ferro, no aperceber da qual se passarão quatro annos, de que o Soldam deu a capitania a Raix soleimam Turco de naçam homem muito pratico nas cousas do mar, em que per muito tempo no mediterraneo usara o officio de cossairo, e andara depois a soldo do grão turco, de cujo serviço se foi fogido pera o Soldam de Babilonia. Com esta armada partio Raix soleimão do porto de Suez, em Outubro do anno do Senhor de mil, e quinhentos, e quinze, e a quatro de Novembro chegou, com huma gale menos que se lhe perdeo, com toda a gente, ao de Iuda, donde partio no fim do mesmo mes pera ilha de Camaram, levando consigo Mirhocem que se alli acolhera depois de o Vice Rei dom Francisco dalmeida o desbaratar, no qual meo tempo fes duas naos, e hum galeam com que se foi em companhia de Raix soleimão, pera naquella ilha de Camarão fazerem huma fortaleza, como ambos tinham por instrucções que lhes o soldão mandara, na qual fortaleza, avia de ficar por capitam Mirhocem, no que trabalhando quasi per espaço de hum anno foram sobre Adem, por el Rei ter mandado per agravos, e desgostos que tinha de Mirhocem, que de seus regnos lhe não levassem nenhuns mantimentos, e a cidade foi delles combatida, e posta em aperto, com tudo nam fezeram mais que derribarlhe hum lanço de muro, e ganharem hum baluarte, mas em fim com perderem alguma gente, e não poderem tomar ha cidade se tornarão pera Camaram, e dalli tendo ja feito boa parte da fortaleza se foram a Iuda, onde per algumas differenças que ouve entre estes dous capitaens, Mirhocem foi morto manhosamente per mandado de Raix soleimão. Mas tornando a Lopo Soarez, porque levava commissam expressa, e mandado del Rei de o

nais cedo que pudesse ir ao mar Darabia a destroir esta armada do Soldam de que antes de que elle parisse do regno ja tinha novas per via de Rhodes. Como chegou a India começou de poer em obra esta viagem, pera a qual apercebeo corenta, e tres velas de que eram capitaens de quinze naos afora a sua, dom Aleixo de meneses, dom Joam da Sylveira, dom Alvaro da Sylveira, dom Diogo da Sylveira, Alvaro barreto, Antam nogueira, Antonio raposo, George de brito, Aires da sylva, dom Gonçalo coutinho, Afonso Lopez da costa, Francisco de Tavora, Gasbar da Sylveira, Duarte de Mello, e Gonçalo da Sylveira, e dez navios capitães, Pero ferreira, Antonio ferreira fogaça, Fernam gomez de lemos, Tristam de ga, Lopo de villa lobos, Hieronymo de sousa, Pero lopez de sampaio, Francisco de ga, Fernão de resende, e Joam gomez eheira dinheiro, e catorze gales, galeotas, e fustas capitães, dom Afonso de meneses, Lopo de Brito irmam de George de Brito, Christovão de sousa, Joam de mello, dom Alvaro de castro, Diniz fernandez de mello, Gomez de souto maior, Joam dataide, Lourenço godinho, Basciam roiz, Antonio dazevedo, Antonio de miranda dazevedo, Lourenço de cosme, e Joam fernandez malabar, e hum bargantim capitam Garcia da costa, irmam Dafonso lopez da costa, e hum caravellam em que hia por capitam, piloto Pero vaz devora, e hum jungo de que era capitam Diogo pereira, em que hiam quinhentos naires, del Rei de Cochim, na qual frota haveria mil, e duzentos soldados Portuguezes, e mil malabares, com que Lopo soarez partio de Goa aos oito dias de Fevereiro de mil, e quinhentos, e dezasete, donde com bom tempo tomou a ilha de Çacotora pera fazer augoada, da qual foi ter a vista de Adem hum Domingo, e com receo que estives-

sem ali os Rumes, mandou lançar ancora a seis legoas da cidade, pera ter conselho sobello que faria, no qual se assentou que cometessem a frota dos Rumes se os alli achassem, o que assi concluido, ordenou o modo que cada capitam havia de ter na peleja, mandando logo fazer vela pera o porto, mas os rumes eram ja idos. Lopo soares depois da frota surta fez salvar a cidade com artelharia, ao que lhe nam responderam, com tudo vierão logo em huma barqueta, tres mouros honrrados os quaes da parte do governador da cidade, per nome Mirhamiriam (que o tambem era quando alli fora ter Afonso dalbuquerque, e o mesmo que o então defendera aos rumes) lhe trouxeram as chaves della, offerecendolhe seu serviço, e dos moradores como vassallos del Rei dom Emanuel que dalli por diante queriam ser, as quaes Lopo soares nam quis tomar, porque levava expresso mandado del Rei dom Emanuel que ainda que lhe entregassem esta cidade com todalas clausulas, e firmeza de paz que não tomasse della a posse, pelo que respondeo aos messageiros que dixessem ao governador que por entam nam tinha tempo de se assentarem com elle pazes, pola pressa com que hia buscar os rumes, mas que com a ajuda de Deos da torna viagem viria ser seu hospede, e as assentariam que por entam nam queria delle mais que mantimentos por seu dinheiro, e pilotos que o guiassem, onde quer que a armada do Soldão estivesse, com este recado foi ho regedor com todolos da cicidade mui alegre mandando fazer fogos, tirar artilharia, e poer bandeiras pellas torres, e ameas do muro com dar licença que os da frota quizessem ir folgar a cidade o fezessem, e aos da terra que lhes levassem mantimentos, e os dessem pelos preços acustumados, dos quaes mandou hum grande presente

Lopo soarez, e quatro pilotos, pera irem com elle o que se passou aquella somana, e ao domingo de Lazaro se fez a vela, mandando diante dom Alvaro e castro pera lhe tomar lingoa, e Diogo pereira no ungo de que era capitam, com os Naires de Cochim, Rubães, onde tomou huma nau de mouros, dos uaes soube que a frota do soldam estava no porto a cidade de Judá, e que soleimam a mandava conertar com tenção de outra vez vir sobre adem, e acaar a fortaleza de Camaram, o que feito determinava assar a India fazer guerra aos Portuguezes com a ual nova Diogo pereira esperou Lopo soares naquel- porto, por lho elle assi ter mandado.

CAPITULO XIII

De como Lopo soarez chegou a cidade de Iudá, e do que ahi fez ate se partir pera a ilha de Camaram, onde Duarte Galvam faleceo.

PARTINDO o jungo, e galeota com alguns outros navios pequenos que Lopo soarez mandou a diante a descobrir a costa, elle se fez vela com toda a armada, ao qual, tendo passadas s portas do estreito, sobreveo de noite huma tormenta com que todos estiveram a risco de se perdem, com tudo nam escapou della dom Alvaro de castro, pela muita roupa que meteo na sua galeota de res murruazes, navios pequenos da terra, que tomou, sem escapar pessoa nenhuma, entre os quaes morreo George galvão filho de Duarte galvão, passada a tormenta seguio Lopo soares sua viagem, om o qual quinze ou vinte legoas, antes de chegar cidade de Iuda vieram ter em huma gelva, dezoito

Christãos levantiscos os mais delles venezeanos calaphates, e carpinteiros, que trabalhavam nas gales do soldam, que então estava em Iuda, donde vinham fogidos com sete turcos que traziam consigo, dos quaes soube as novas verdadeiras de quantas velas, gente, e munições de guerra avia na frota, e a causa porque Raix soleimão mandara matar Mirhocem, que foi por ter certas informaçoens de como elle lhe tinha ordenada a morte com peçonha, e assim lhe disseram que ha frota estava varada em terra, e a cidade com muito pouca gente, que a todo puderia aver nella quinhentos soldados, sabidas estas novas determinou Lopo soares de ir queimar esta armada, mandando logo fazer rosto a cidade, mas antes que la chegasse lhe deu outro temporal com que a nao Dantonio raposo se foi ao fundo, sem della escapar cousa viva, em que morrerão mais de tresentos Malabares, chegada a frota ao porto de Iuda por na entrada aver muitos baixos, foi necessario fugir huma legoa da cidade, a qual está situada na costa da Arabia em terra tam esterile, que a agoa, e mantimentos lhe vem de carreto, a causa de se povoar alli foi por della a casa de Meca nam haver se não huma jornada, pelo que vem desembarcar aquelle porto os mais dos romeiros que vam a esta casa em que tem grande devaçam, e assi por estar quasi no meo da costa deste mar Darabia, lugar muito conveniente pera a descarga das especiarias, e outras mercadorias que vem da India, que os de Alexandria, e do Cairo, e outras provincias alli vem buscar per terra, e per mar, a troco doutras que trazem, posto que o porto seja tão estreito, perigoso, e cheo de muitos baixos, penedos, e restingas, que de baixa mar todalas entradas ficam descubertas, excepto hum so canal per que se ha cidade serve, que com mare vazia tem muito

ouco fundo, a cidade era então fraca de muros, e
; que tinha mandara fazer Mirhocem, no tempo que
li esteve, depois de o dom Francisco dalmeida des-
ıratar. Com tudo posto que a cerca fosse tal, a ci-
ıde era bem edificada de casas sobradadas, em que
via algumas de pedra, e cal, e cantaria muito custo-
s, seria então ao mais de mil, e duzentos vizinhos
; mais delles mercadores, alguns muito ricos, pelo
rande trato que nella avia. Surta a frota por estar
n lugar descuberto, dos muros, e repairos que man-
ara fazer Raix soleimam na praia, a verejavam com
elouros de bombardas grossas, de que recebiam al-
um damno, com tudo Lopo soarez mandou a dom
.fonso de meneses, e a Deniz Fernandez de melo
ue fossem sondar o canal, ate o surgidouro, e acha-
ım que posto que as gales podessem entrar, que o
anal jazia de sorte que aviam sempre de ficar com o
ostado no rosto da artelharia dos imigos, sem se po-
erem ajudar da sua sobelo que ouve conselho, em
ue assentarão que a cidade senam cometesse sem
rimeiro encravarem a artelharia qué estava na praia,
que pera se isto poder fazer com menos sospeita
evião de mandar poer fogo ao galeam, e duas naos
ue foram de Mirhocem, que alli estavam ancoradas,
que em quanto o fogo andasse nellas se poderião
ncravar as bombardas, se os imigos por acodir ao
ogo se descuidassem dellas, mas isto nam socedeo a
ontade, porque ainda que o galeão, e naos arde-
em ate as cobertas, nem por isso sesquecerão hos
urcos da artelharia, pelo que dous christãos dos que
ogiram de Iuda, a quem se o negocio encommen lou
nam poderam fazer, com irem a isso desafiados pe-
as grandes promessas que lhe Lopo soarez fez de
naneira que a opiniam dos mais foi que a cidade se-
ão devia de cometer, pois a frota la nam podia che-

gar, sem se poer a risco de as bombardadas a mete rem os imigos no fundo, o que assentado Lopo soa res determinou de se partir, mas por o ven to ser contrairo esteve alli alguns dias com em todos elles os imigos lhe fezeram damn com os pelouros das bombardas que lançaram n frota, de que avia alguns de ferro coado que pesavan setenta arrateis, no qual tempo Raix soleimam lh mandou huma carta escripta em Castelhano, aquei xandosse, como per graça, que sespantava de nam ir ser seu hospede, pois o estava esperando, pera c festejar, ao que lhe Lopo soarez respondeo per es cripto, que se a frota que elle alli tinha do Soldam estivera em parte, que a elle pudera abalroar, qu aquella amisade, e bom gasalhado com que o estav esperando em terra, que lha pagaria em dobro no mar e que se delle queria alguma cousa que o acharia na ilh de Camaram, pera onde se partio dous ou tres dia depois destes recados, avendo onze que alli viera ter, a qual Ilha chegou no mes de maio, com lh morrer muita gente a sede, e na mesma ilha outra tanta a fome, por a achar despovoada, e da terra firm lhe nam acodirem mantimentos, pelo que mandou Francisco de ga, e Lourenço de cosme a costa d Ethiopia buscallos, e algumas velas que lhe faltavam da frota, e assi pera descobrirem o porto de Maçua, e Arquiquo, onde avia de lançar os que hiam com o embaixador do Emperador, e Rei do Abexi, cujos aquelles portos sam, no que, e em mandar desfazer a fortaleza, que na ilha começaram Raix soleimão, e Mirhocem, passou os dias que alli esteve, donde se partio na entrada do mes de Julho deixando enterrado Duarte galvam na mesma ilha onde faleceo a nove de Junho de M. D. xvii. mais de velhice que doutra doença, por ser homem de muitos dias, nos quaes

los, depois que pera isso teve idade, fez muitos, e i assinados serviços aos Reis destes regnos, nelles, ora delles, no qual serviço, e de Deos acabou o ocesso de sua vida como bom e Catholico Chris-n.

CAPITULO XIII

como Lopo soarez por lhe morrer muita gente per falta de mantimentos, os foi buscar a cidade de Zeilla e a queimou, por os moradores della o recebe-rem de guerra indoos elle buscar de paz, e de como per caso dos mesmos mantimentos determinou de hir a cidade de Barbora, e por lhe o vento servir se foi na volta de Ormuz donde se foi pera a India.

A CIDADE de Zeilla esta situada na costa da Ethiopia junto das portas do estreito Dara-bia da banda de fora, as msis das casas sam-pedra, e cal, e cantaria sobradadas, a gente da ter-he preta, com tudo na cidade a alguns baços, e os, que procedem dos mercadores estrangeiros e alli ficam, e se casam na cidade, ou trazem suas olheres de fora, he de grande trato, por ser muito undante de mantimentos, criaçoens, mel e encenso, que a muito na terra, a qual Lopo soarez nstrangido da grande fome que os da armada pa-cião determinou de os ir buscar pelo que se fez de la, e foi ter a esta cidade de Zeilla com assaz tra-lho, e mais de vagar do que julgava, por lhe o npo nam servir, de cuja vinda sendo os da cidade isados, a despejaram de molheres, e outra gente ca com os moveis que poderam levar, e os que se

atreveram a defendella, se poseram em som de o fa
zer dando disso mostras pela praia, o que vendo Lop
soarez com parecer dos capitaens, e homens nobre
da frota, mandou desembarcar a gente, mas nem po
isso deixavam os da cidade de zombar dos nosso
remocandolhes que se em Iuda foram bem hosped
dos que alli o seriam melhor. Os primeiros que de
sembarcaram foram dom Garcia coutinho, e do
João da sylveira, que levavam a vanguarda
que Lopo soarez fez com a mais gente tam tard
que nam podendo os nossos sofrer as rebolaria
e algazarras que os mouros faziam, Gaspar c
silva, Aires da sylva e Antonio ferreira fogaça com
outra gente que ja estava em terra remeteram a e
les, a quem os mouros sairam das bocas das ru
com muito esforço, com tudo apertados da nossa ge
te, se começaram a recolher pera dentro, e dahi con
trangidos, com ficarem muitos mortos vararam pe
outra banda do sertão, sem na cidade ficar pess
nenhuma, o que feito, Symam dandrade que era ne
ta companhia mandou dizer a Lopo soarez que pod
entrar na cidade, que ja lha tinham despejada, c
que se tendo por afrontado, por se não achar no fe
to, tomou mal o recado, e teve sobre elle depois m
palavras com Simam dandrade. Ganhada assi a cid
de mandou Lopo soarez recolher alguns mantime
tos, de que avia muitos, do que se elle depois be
arrependeo por nam tomar mais, e os que ficaram,
a mesma cidade mandou poer o fogo, que lavr
quatro dias, antes de se acabarem de queimar tod
lasc asas, e fermosas mexquitas, com outros edificio
que nella avia, sem ficar nenhum. Aqui se achou pr
so hum Joam fernandez natural de Leça, comitre d
bargantim, de que era capitam Gregorio da quadr
que se perdeo darmada de Duarte de lemos, com

a ja apontado, e se ao diante ainda dira. Depois
cidade ser de todo abrasada Lopo soarez se fez a
la caminho de Adem, onde Miramirjam capitão
lla, sabendo que vinha destroçado do caminho, e
uito falto de agoa, e mantimentos, o nam quis re-
lher, nem dar vento a seus recados, mas antes com
uito pejo lhe mandou dar alguma aguoa, e manti-
entos por seu dinheiro, e isto em tam pouca canti-
de, que não abastava pera a terça parte da gente
e avia na armada, pelo que determinou de os ir
scar a cidade de Barbora, que he na costa da
hiopia vinte legoas da de Zeila, contra o cabo de
ardafum, pera onde, depois de estar surto doze
as no porto Dadem se fez a vella, e porque depois
ndar alguns dias neste caminho bem enfadado com
lmarias, lhe começou a ventar vento que servia
ais pera a costa da Arabia que da Ethiopia, se foi
ta abatida caminho de Ormuz, seguindo os capi-
ens que o poderam fazer, onde chegou com perda
muita gente, sem desbaratar a armada do Sol-
m, nem tomar Iuda, nem Adem, nem porto na
sta da Ethiopia, em que podesse lançar Matheus, o
baixador do Emperador, e Rei do Abexi, com os
e com elle hiam: de Calaiate, que foi o primeiro
rto que tomou na costa da Arabia antes de chegar
Ormuz, despachou dom Aleixo de meneses pera a
dia a prover no despacho das naos que aviam de
para o regno, e Lopo de villalobos natural Destre-
oz por capitam, e Pero vaz Devora por piloto do
rgantim que fora de Lourenço do cosme, que os
ouros matarão na ilha de Dalaca, pera rota abatida
varem as novas do sucesso desta viagem a el Rei
m Emanuel, ho qual bargantim chegou a Lisboa,
de el Rei entam estava, com grande espanto de to-
s, por ser o primeiro navio daquella calida-

de que ate aquelle tempo viera da India a estes regnos. Lopo soarez depois de ter assentadas as cousas que compriam a cidade de Ormuz, e fortaleza, com as vellas que se alli ajuntaram da sua frota, se foi caminho da India onde achou Antonio de saldanha, que nestanno de M· D. xvii, partira de Portugal, por capitam de cinco naos, de que os outros capitães erão dom Tristam de meneses, Emanuel de lacerda, Pero coresma, e Raphael catanho, e assi achou Fernão dalcaçova, provedor mor dos contos del Rei, que partira depois de Antonio de saldanha por capitão de tres naos huma del Rei em que elle hia, e outra de Duarte Tristam hum mercador honrrado de Lisboa, de que era capitam Afonso Hanrriquez de sepulveda que invernou no Brasil, e outra de dom Nuno Emanuel guarda mor del Rei, os quaes capitães ambos se juntaram, dobrando ho cabo de boa Sperança, e chegaram a Goa xvii de Septembro deste anno, em companhia de dom Aleixo de Meneses que sencontrou com elles no caminho, vindo de Ormuz, com a vinda dos quaes pesou muito a Lopo soarez, porque Antonio de saldanha vinha provido da capitania da costa do mar Darabia, que elle tinha dada a dom Aleixo de meneses,e Fernam dalcaçova de veador da fazenda del Rei, issento do seu mando. Depois de Lopo soarez ser na India chegaram alguns navios dos da sua armada que ficaram espalhados, com huns irem ter ha Melinde, e outros a Moçambique, e outros portos em que passaram muitos trabalhos, e lhes morreo muita gente, entre os quaes foi hum de que fora capitam dom Alvaro sylveira, que foi ter a hum lugar da banda da Ethiopia, dentro do estreito, onde o Hieronymo doliveira filho Dantam doliveira matou a treiçam, no que teve por companheiro hum Mendafonso criado de dom Diogo lobo, baram dalvito, a

usa porque o mataram, foi dizer Hieronymo doli-
ra, que o injuriara indo na sua nao debaixo da sua
ndeira; destes dous homicidas pagou logo Menda-
nso, por hum cavalleiro esforçado, que hia nesta
o, per nome João roiz pao o matou as punhaladas,
prendeu Hieronymo doliveira o qual trouxeram
eso a Ormuz donde o levaram a India, e Joam
z pao se perdeo na nao de Francisco de gá, indo
ra Calaiate, e quanto à Hieronymo doliveira Lopo
ires o nam quiz sentenciar, per o defuncto dom Al-
ro ser seu sobrinho, mas depois sendo Diogo Lo-
z de sequeira governador o degolarão per senten-
. Esta foi a derradeira execuçam dos que morre-
m nesta infortunada viagem, com tudo a despesa
nam pode ter por mal feita, porque se esta armada
m fora ter ao estreito da Arabia, Raix soleimam
ssara a India, do que se poderam mover negocios,
e por ventura custara mais dinheiro, e gente, do
e se nella despendeo, e gastou.

CAPITULO XV

o que Hector Roiz passou em coulam onde o Lopo soarez tinha mandado, pera fazer uma fortaleza, e receber o que el Rei era obrigado pagar segundo forma dos contratos que se com a Rainha sua mãe fezeram.

COMO no Capitulo segundo desta quarta par
te fica dito, Lopo soarez mandou de Cochim
embaixadores a Rainha de Coulam pera com
la assentarem as pazes, que se quebraram por res-
eito da morte Dantonio de Sa e outros Portugueses,
porque lhe el Rei dom Emanuel tinha encomenda-

do que fizesse huma fortaleza, tomou achaque de mandar requerer ha Rainha que comprisse as capitulações das pazes, ao que antes que partisse pera homar Darabia, mandou hum muito esforçado cavalleiro de Coimbra, per nome Hector roiz, o qual chegou a Coulam o primeiro dia de fevereiro deste anno de M. D. xvii. onde negociou tudo de maneira, que alem de lhe a Rainha mandar comprir o contheudo nos contratos, lhe deu licença para fazer huma casa forte, em qualquer parte da cidade que quisesse, pera os Portugueses estarem nella seguros dos da terra, a qual logo começou a tiro de pedra do mar, com alicerces fundados pera se sobre elles poderem edificar torres, e paredes, a modo de fortaleza, o que vendo os mouros que moravam na cidade determinarão impedir esta obra por via dos governadores da cidade, e dos do conselho del Rei, mas a Rainha ficou sempre firme em seu proposito, pelo que Hector roiz procedia na obra com muita deligencia, no que continuando depois da Rainha ser partida pera a guerra que tinha com el Rei de Travancor seu visinho, os mouros, que viviam na cidade, e alguns outros estrangeiros que alli tratavam, vendo a perda que lhes de tal obra podia resultar, induziram os gentios, dizendolhes que se deixassem fazer aquella casa, que por tempo a haviam os Portnguezes de converter em fortaleza, como o fezerão em outros muitos lugares, de que se tinham asenhoreado, e lhe tomariam suas fazendas, bens, e molheres, porque assi o tinham por costume, o que imprimio tanto nelles, que juntamente com os mouros começavam de tratar mal os Portugueses, dizendolhes palavras injuriosas, dando sinaes de quererem com elles travar briga, ao que nam acodião, desemulando com elles, por lho Hector roiz assi ter mandado, e porque isto

ecia cada dia mais, mandou que nenhum andasse
la cidade, provendosse por via dalguns seus ami-
s gentios das cousas necessarias pera o inverno,
mendo que então o cometessem os mouros, o que
bendo os governadores da Cidade por lho assi ter
andado a Rainha, lhe offereceram toda a ajuda, e
vor que lhe fosse necessario, e assi ho fezeram em
do ho que lhes per elle foi requerido, a qual Rai-
a, durando ainda estes negocios chegou da guerra
que fora, com cuja vinda cessaram estes roboliços,
ficaram os Portugueses seguros, procedendo na
ra que tinham começada, a qual depois sahio em
rtaleza, como os mouros dezião.

CAPITULO XVI

*e como dom Goterre depois da partida de Lopo soa-
rez mandou dom Fernando seu irmam darmada as
ilhas de Maldiva, e seu sobrinho dom Joam correr a
costa ate Chaul, e do que lhes aconteceo.*

PARTIDO Lopo soarez pera o mar Darabia, dom
Goterre de Monrroi, capitão de Goa, por lho
elle assi deixar encomendado, despachou dom
ernando de Monrroi seu irmão pera as Ilhas de
aldiva em busca das naos, que apartadas da costa
India, navegavam do mar Darabia, e outras par-
s pera a ilha de Samatra buscar especiarias, e ou-
as mercadorias que a na terra, e vem de fora. Na
al viagem dom Fernando, e Joam Gonçalvez de
stelbranco, que hia em sua companhia com huma
lle, tomaram duas naos de Cambaia, muito ricas,
e vinham de Samatra de que era Capitam, e se-
norio hum mouro, per nome Coxequi, com as quaes

entraram no porto de Goa. No mesmo tempo qu
dom Goterre despachou dom Fernando seu irman
pera as ilhas de Maldiva, mandou tambem dom Joã
de monrroi seu sobrinho correr a costa ate Chaul
com cinco velas de que afora elle eram capitaen
Anrrique de touro natural de Evora, Domingos d
seixas, Paulo cerveira, e Pero george hos quaes an
daram la quasi todo o veram, sem fazerem mais, qu
tomarem no rio de Maim huma nao que vinha d
mar Darabia, da qual a gente se salvou em terra com
o que pode levar, o demais tomaram os Portugueses
dalli se fez a vela pera Chaul, apos quem o capitan
da fortaleza de Maim, per nome xequegi, mandou de
fustas tanto por se vingar da injuria, que lhe fezeran
em lhe esbombardearem a fortaleza, como por respei
to da nao que a sua vista, e dentro no seu porto to
maram, as quaes travaram com dom Joam, e se se
viram de huma, e da outra parte as bombardada
sem se poderem aferrar, ate que os imigos ouvera
por seu barato fazerem volta pera donde vieram, p
lo que dom Joam seguio sua viagem ate chegar
chaul, onde veo ter com elle hum Alvaro da mad
reira, casado em Goa, que se lançara com os mouro
por ter morto hum Lourenço prego portugues, alm
xarife da cidade, ao qual dom Joam deu seguro pe
o levar consigo a Goa, e lhe aver perdam de Lo
soarez, e por vir mal tratado lhe tiraram entre tod
obra de duzentos pardaos que elle recebeo, e sob
pecia de dizer que hia a terra comprar vestid
nam tornou mais, o que vendo dom Joam se par
caminho de Goa, a quem na boca do rio de Cha
sairão quinze fustas de Melequiaz capitam de D
que avia dias que lhe andavam a geito, mas elle
desfez dellas com abalrroar huma, que levou co
sigo de que todollos mouros se lançarão ao m

e tornando a Alvaro da madureira no mesmo dia que se lhe fez a esmolla, em lugar de ir mercar os vestidos a terra, se foi a Dabul dar aviso a Miral milique capitam do çabaim dalcam, da pequena armada que trazia dom Joam monrroi, e que se quisesse tomallo com os mais navios que trazia, que elle lho assegurava, ao que mandou logo sete fustas, que o fossem aguardar na boca do rio de Chaul, em que hia o mesmo alvaro da madureira, mas ellas o acharam ja sobelo porto de Dabul, de quem avendo vista se começaram de recolher pera dentro, sem dom João poder fazer mais que seguillas as bombardadas, sem poder tomar nenhuma, o que feito seguio seu caminho pera Goa, onde achou dom Fernando de monrroi que ja era tornado da viagem que fezera as lhas de Maldiva.

CAPITULO XVII

De como se azou a morte de Joam machado, per caso de diferenças que ouve entre dom Goterre de monrroi capitão de Goa, e Ancostam capitão das terras de Ponda.

Afonso dalbuquerque desno tempo que tomou a cidade de Goa ate que morreo, trabalhou muito por casar nella todolos Portugueses que pode, entre os quaes foi fernam caldeira seu page, homem de boa casta, que el Rei dom Emanuel mandou vir emprazado a este regno, por mas informaçoens que delle tinha, pondolhe que usava officio de cossario roubando navios de mouros, e malabares, sem diferença de serem amigos, ou imigos, do que

elle deu de sim tam boa razam que el Rei lhe fez merce, e o tornou a mandar solto perá India, na armada de Lopo soarez, na nao de que era capitam dom Goterre de monrroi, com o qual ouve palavras, tam escandalosas, que em chegando a Moçambique fretou hum navio, e se foi caminho da India, onde em chegando a Goa a primeira cousa que fez foi dar huma cutillada pelo rosto, e decepar huma perna a Anrrique de touro, de que atraz fiz mençam, pelo qual caso, e receo que tinha de dom Goterre o tratar mal em Goa, donde hia provido de capitam, e lhe morrer Afonso dalbuquerque, que o criara, a cujo abrigo se podera acolher, determinou de se ir pera Ponda, que he duas legoas de Goa, onde estava por capitam do Çabaim dalcam Ancostam, levando consigo o milhor de sua fazenda, pelo que, e por Ancostão saber que era bom cavalleiro, e astuto, e deligente nas cousas da guerra, lhe fez bom gasalhado, o que dom Goterre sofria mal, a huma pelas palavras que com elle passara na viagem, e a outra pelo ferimento Danrrique de touro, e a terceira se dixe que era por ter algum geito a molher deste Fernam caldeira, pellas quaes razões por se vingar, e lhe ficar melhor azo pera seus amores, mandou per muitas vezes recados a Ancostão apontandolhe os erros de Fernam caldeira, pedindolhe que lho entregasse, pera delle mandar fazer justiça, do que Ancostam se escusou sempre pelas melhores palavras, e modos que pode. Finalmente movido dom Goterre da ma vontade que tinha a Fernam caldeira, e da boa que tinha a sua molher, determinou de o mandar matar, de que deu o cargo a hum Joam gomez escrivam da feitoria de Goa, homem esforçado, o qual fingindo que hia desavindo de dom Goterre, se lançou em Ponda, onde por ser a pessoa que era, e delle Fer-

ão caldeira ter conhecimento, o recolheo em sua ca-
a, dandolhe tudo o que lhe era necessario, per cujo
espeito lhe fez Ancostam boa companhia, o qual in-
o hum dia folgar fora da villa a cavallo os levou
mbos consigo, indo João gomez em hum cavallo de
'ernam caldeira, sobelo qual andando ambos passean-
o apartados da companhia, o matou a vista de An-
ostam, que logo mandou tras elle, e lho trouxeram
reso, e nam podendo sofrer huma tamanha treiçam
ometida deante delle, de que se tinha por injuriado,
em ter paciencia pera a execuçam de hum tal caso se
azer per via ordinaria, elle mesmo por sua mam cor-
ou logo a cabeça a Joam gomez, do que dom Go-
erre ficou mui sentido, e resoluto em per qualquer
nodo que podesse tomar vingança, de Ancostam, e
era o fazer mais dissimuladamente ordenou em dia
e pentecoste jogos, e canas a que se ajuntou toda a
ente de cavallo que avia na cidade e ilha, dos
uaes no mesmo dia acabados os joguos tomou oi-
enta, e seis centos piães, canarins da terra, e
etenta besteiros, e espingardeiros Portugueses
om que se foi de Goa, a Benastarim e sendo ja noi-
e, dixe aos que com elle hiam que em amanhecen-
lo aviam de dar em Ponda, pera lhe trazerem preso
Ancostam ou o matarem, do que alguns começaram
murmurar, vendo o perigo que avia no negocio, e
boa causa que Ancostam tevera pera matar João
omez, com tudo por lhes dizer que compria assim a
erviço del Rei se desposeram todos a fazer o que
hes mandava, passando o rio de Benastarim em al-
madias, e os cavallos a nado, onde dom Goterre fi-
cou em guarda das almadias, indo por capitão da
ente de cavallo dom Fernando de monrroi, e de pe
João machado alcaide mor da cidade, que chegou a
Ponda primeiro, que dom Fernando, e soube de dous

piães da terra que tomou, de como Ancostão estava bem descuidado de irem sobrelle, pelo que dixe a dom Fernando que o deixasse ir com a gente de pe, por evitar o estrondo da de cavallo, que poderia ser causa de os sentirem, que elle lhe traria Ancostão morto, ou vivo antes que amanhecesse, mas dom Fernando parecendolhe que ficava nisso abatido o nam quis fazer, no que se deteveram tanto que já era dia claro, pelo que foram sentidos, e Ancostão avisado que se logo pos com sua gente da outra banda do rio, pera dalli ver o termo que os nossos tomavão, os quaes sol saido entraram no logar de Ponda, sem nelle acharem pessoa viva, com tudo, alguns passaram a ponte determinados de cometerem Ancostão, mas vendo dom Fernando que ja nam podia fazer nada do a que viera, mandou dizer a João machado que hia na dianteira que fezesse volta, e se recolhesse, porque elle fazia o mesmo, Joam machado se passou logo com toda a gente de pe a diante, pelo assi ordenar dom Fernando que ficou na traseira com a gente de cavallo, o que vendo Ancostam deu com a sua em dom Fernando, com tanto impeto que os de cavallo se começaram a desordenar de maneira, que forão desbaratados e mortos muitos delles, no qual desbarato os nossos de cavallo, que hiam fogindo deram nos de pe, e sembaraçaram antrelles de maneira que lhe fezeram perder a ordenança. Ancostão como era bom cavalleiro vendo a nossa gente revolta, huma com a outra, e cheia de medo, soubesse ajudar do tempo, mandando aos seus que tomassem humas barreiras estreitas, perque forçadamente aviam de passar, onde de todo acabou dal cançar a victoria de que estava bem descuidado pou cas horas avia, em que morreram (de pé, e de caval lo, dos Portugueses) cincoenta, e foram captivos vin

e sete, e dos canarins morrerão mais de cento, nes-
e derradeiro recontro matarão João machado o qual
e defendeo como muito esforçado cavalleiro, toman-
lo por melhor partido a morte com honrra, que não
cruel, e habituada que se lhe havia de seguir se
aira em mãos dos imigos. As pessoas de calidade
ue aqui matarão de que pude saber o nome afora
oam machado, foram George de magalhães, e João
oiz pessoa. Desta victoria avisou logo Ancostam o
abaim dalcam, pelo que escreveo a Cufalarim, que
este tempo estava em Bilgam, que he pouco mais
e catorze legoas de Goa, que com toda a gente que
ntam tinha junta que serião cinco mil de cavallo, e
inte cinco mil de pe, viesse sobella cidade de Goa,
trabalhasse pola ganhar o que mandava fazer, por
no os Portugueses terem quebrado os contratos das
azes, com o qual recado Cufalarim se veo a Ilha de
Goa, onde fez muitos males, roubos, estragos, e de
eito tomara a Cidade, ou a pusera em muto aper-
o, se neste meo tempo antes do mes de Sep-
embro João da sylveira (nam viera de Quiloa
onde invernara) com quatrocentos homens que tra-
ia, assi dos da sua nao como da que se salvou da
e Francisco de sousa mancias, e nam viera de Co-
him Raphael perestrelo, com hum Bargantim, e
utros navios que entam chegarão da China, a quem
or vir rico seguia hum bom quinham de soldados a
ue dava de comer, com a vinda dos quaes desespe-
ado o çabaim Dalcam de poder cobrar ha Ilha, e
idade de Goa mandou cometer pazes a dom Goterre
s quaes se concertaram respeitivamente, ate a tor-
ada de Lopo soarez, no que elle consentio de boa
ontade depois que chegou a Goa. Estes males to-
os causou a desonestidade de huma molher, porque
eramor della ferio, e decepou seu marido Fernam

Caldeira a Anrrique de touro, e por seu respeito mandou dom Goterre matar o mesmo Fernam caldeira, cuja morte foi causa da de Ioão gomez, donde se azou a de Ioão machado, e doutros muitos, e poersse a ilha de Goa com a cidade em risco de se perderem senão fora a vinda de Ioão da silveira, e socorro de Raphael Perestrello, porque se estes não chegaram a tempo tam necessario, so Deos os pudera salvar do poder dos imigos. Feitas estas pazes dahi a poucos dias chegou a Goa dom Aleixo de meneses que vinha de Ormuz, e com elle Antonio de saldanha, e Fernam dalcaçova que achou no caminho, os quaes (como fica apontado) vinhão de Portugal, com cuja vinda se acabarão de todo de concluir as pazes, e se fezeram de huma, e da outra parte os contratos della como a tal negocio convinha.

CAPITULO XVIII

De como el Rei quis ver per experiencia o que os scriptores antigos screvem do odio natural que a antre os Elephantes, e os Rhinocerotas, pera ho que mandou em Lisboa meter estas duas espantosas alimarias em hum terreiro cerrado, e do que cada huma dellas fez.

ACOSTUMAVAM os Romanos, por grandeza, em lugares que pera isso tinhão, lançarem homens condenados a morte, pera se matarem huns aos outros, ou com alimarias bravos, e as mesmas alimarias entre sim, aos quaes espectaculos concorriam todolos que os queriam ver, e os tinham elles em tanto, que em suas historias o contam como por coosa muito digna de

emoria, pelo que nam seria rezam que passasse eu sta Chronica por hum semelhante a estes dos Ro-anos, que el Rei dom Emanuel quis que se fezesse cidade de Lisboa de hum Elephante, e hum rhi-cerota, duas bravissimas, e espantosas alimarias, s quaes ambas direi primeiro a propriedade, pera e os que isto lerem estem mais atentos sabendo a rça, e poder de cada huma dellas, e o odio que a tureza antrelles pos, e porque o Elephante antre dalas alimarias he a que mais juizo natural tem, tarei delles primeiro, e despois dos Rhinocerotas. os Elephantes se escreve que se viram alguns que bião ler as letras gregas, e escrever, o que meu m podera persuadir, senão soubesse por cousa mui rta, que estando Diogo pereira homem nobre, e ogo de fe na corte del Rei de Narsinga, na cidade Bisanaga, que mandara el Rei trazer ao terreiro s seus paços hum Elephante, e que per ante elle crevera no chão com a ponta da tromba letras que podião ler, o que acabado lhe mandou o que o gia que dixesse o que comera, ao que respondeo voz clara, que se entendeo de todos, que comera rroz, e Bethele. Plinio, e outros escriptores dizem, que lua nova se vem das montanhas em tropas aos cam-s, e terras chans, e que alli se lavão nas ribeiras, depois de lavados postos os geolhos no cham ado-m o sol, e a lua, ho que feito se tornam pera onde eram. Diz mais Plinio que os maiores, e mais enten-dos sam os da India, vivem segundo commum opi-am trezentos annos. Começam de ser robustos, e imosos dos setenta por diante. Diz Solino que ando os querem embarcar pera os levarem de hu-a provincia pera outra, que o nam querem fazer m lhes prometerem e jurarem os que os levam, e os ham de tornar aquelle mesmo porto donde

partem, o que he verdade porque eu fui present
quando na cidade de Lisboa no caes da pedra em-
barcaram o Elephante que el Rei mandou ao Pap
Leão decimo, como atras fica dito, o qual senan
quis nunca meter na barca pera o levarem a nao
ate que el Rei mandou per duas vezes recado ah
Indio que o regia, que de sua parte lhe dixesse qu
se embarcasse, porque elle lhe prometia por sua f
Real que o mandava a outro mor senhor que elle
de quem avia de ser melhor tractado, e que se ist
nam fosse assi, lhe prometia de o mandar trazer a
mesmo lugar donde partia, do que satisfeito de
dous urros como por testemunho da promessa de
Rei, e com lhe correrem as lagrimas pelos olho
sembarcou. Diz Plinio entre outras muitas cousas qu
trata destas alimarias, na sua natural historia, qu
sam tam amigos dos homens, e tam entendidos qu
se achão alguns desviados do caminho os metem nel
le, e os guião tanto, quanto lhe parece ser necessaric
Diz mais que querendo el Rei Antiocho passar o va
de um rio, mandou que fossem primeiro os Elephan
tes, o que arreceou fazer o capitam delles, per nom
Ajax, o que sabendo fez pregoar que dava a capita
nia aquelle que primeiro passasse o que ouvindo o
Elephantes hum delles que se chamava Patroclo s
adiantou diante de todos, e passou o vao, pelo qu
el Rei alem de lhe dar a capitania mandou que lh
dessem todas as correas, loros, e cintas que o ou
tro trazia guarnecidas de prata, das quaes peça
se elles honrram muito do que tomou o Elephant
Ajax tanta paixão, que não quis mais comer, ner
beber, e se deixou morrer de nojo. Sam tam ligeiro
no andar, que por muito que hum homem o seja
alcanção a poucos passos. Vivem de fruitas gomos
e folhas de arvores, sam tão fortes que eu lhes v

var muitas vezes arrodo hum masto de nao, e nam
os mais pequenos, atado em hum calabrete revolto
a tromba, a qual lhes pende ate o chão, e os vi em
sboa no tirar das naos em terra, e lançar ao mar,
ber a testa no cabrestante, e fazer hum so delles
ais obra que huma grande somma de homens que
sso andavão trabalhando. São tão prudentes que
era confirmar aqui o que todolos escriptores affir-
ão direi de hum Elephante que em Cochim servia
a fortaleza que el Rei dom Emanuel alli tinha, e
e davam por isso cada dia sua ração, o qual Ele-
hante depois de fazer o serviço, que era obrigado
a fortaleza, se hia a praia a ganhar, e tudo o que
entregavam levava per toda a Cidade as casas que
e diziam, porque todalas ruas sabia, e alli lhe pa-
avam seu salario, e tomando o dinheiro com a trom-
a se hia as portas das padeiras, e fructeiras com-
rar de comer, e aconteceo que por hum portugues
e não querer pagar o carreto de huma pipa de vi-
ho excussandosse que era da fortaleza, que por isso
avia de servir de graça, e porque o Elephante que
chameva Martinho, sabia que nam era assi, reme-
o ao homem, e o ençarrou na casa em que metera
pipa de vinho, e por não poder entrar por lhe te-
em fechada a porta fez tanto com os dentes, e
omba ate que a derrubou com hum lanço da pare-
e, e por nam achar o mercador que o enganara to-
ou ha mesma pipa, e a lançou tam alta pera o ar,
ue ao cair se fez em padaços, a este mesmo Ele-
hante dixe o Indio que o regia, que lançasse ao mar
uma gale, que estava em estaleiro, o que entam
receou por andar doente, o que sabendo o capi-
o da fortaleza mandou pedir a el Rei de Co-
him que lhe emprestasse hum dos seus elephan-
s pera lhe lançar ao mar aquella gale, o qual lhe

mandou, mas em asomando, o Indio dixe ao Elephan te da fortaleza que devia de ter vergonha que hun Elephante criado de um Rei tam pequeno como o er el Rei de Cochim em comparaçam del Rei dom Ema nuel, e seu vassallo ouvesse de lançar aquella gal ho que ouvindo remeteo e ella com tanta força, qu como se fora hum barco pequeno a lançou no mar mas como andava fraco da doença rendeo polas cos tas, de que depois esteve muitos dias em cura, d qual Elephante Martinho se contam tantas cousas, tão notaveis, que seria fazer hum longo processo se a quisesse poer por escripto. Contra a ferocidade, for taleza, prudencia destas alimarias, criou natureza ou tras com que continuamente tem guerra, das quae huma he a serpente, ou cobra de que em Africa a al gumas de trinta, e corenta covados de comprido, dahi para cima, e segundo o recita Diodoro Siculo n seu quarto livro das cousas da Ethiopia hai taes qu sam de cem covados, segundo o affirmam os d terra, mas elle o põe por fabuloso. Estas cobras sã tam sagazes na guerra que tem com os Elephantes que pera se ajudarem delles a sua vontade os espe rão em lugares estreitos quando tornam fartos dago dos rios, fontes, e lagoas a que vam beber, e ha pri meira cousa que fazem o mais de subito que podem he emburilharemselhe pelos pes, e mãos ate lhe da rem nos olhos pera lhe cegarem a vista, o que feit começam de lhe chuchar ho sangue. O Elephant tanto que se ve tomado a traicão, porque de rosto rosto com os dentes, e tromba se defendem, e a matão muitas vezes, vaisse chegando o milhor qu pode pera qualquer arvore que acha pera nella apar tar a cobra, e a matar, por se ja não poder valer do dentes que sam as armas principaes que lhe a natu reza deu, no qual combate estam ate que o Elephan

destituido das forças vitaes (per caso do sangue
lhe falece) cae, levando debaxo de sim a serpente
re que se revolve, a qual vai tam inchada do sangue
bebeo, que arrebenta, e assim morrem ambos, e
sangue que sae da cobra que sespalha pelo cham, se
e o Cinnabaro, que alguns escriptores dizem que
o sangue de Dragam, a cor do qual he a mais
elhante a cor de sangue humano de quantos ahi
A outra alimaria que natureza deu por imiga ao
phante he o Rhinocerota, ou Ganda, como lhes
mam os Indios, a qual ha Scriptura sagrada no
o dos Numeros capitulos xxiii, e xxiv, atribue
a força, que entre outras palavras com que o
pheta Balam benzeo os filhos de Israel diz assim.
s trouxe este povo do Egypto, a fortaleza do
l he semelhante a do Rhinocerota, e no livro de
capitulo quarenta, e nove diz Mouses que repre-
dendo Deos Job de pouca fe, lhe perguntava que
desconfiado de seu poder, fe confiava na grande
a do Rhinocerota. Diodoro siculo, Plinio, e Solino
m que em força he igual ao Elephante. e mais
o de corpo, no que dizem verdade, mas isto he
terem as pernas muito curtas, mas na grandeza
corpo lhe he quasi igual assim na grossura, como
ongo, e da mesma cor do Elephante, que he como
cinza mesturada com po de carvam. Sam estes
nocerotas cubertos de conchas como de cagado,
tartaruga, das quaes tem de cada banda tres, se-
ıdas humas das outras, de que humas lhe cobrem
spadoas, e outras as costas, e as outras as coxas das
s pera baixo. Vivem quasi como porcos, porque
ançam na lama, e em charcos, e sespoiam, e en-
em nella como o elles fazem, andão com a cabeça
baixa que quasi parece que lhe anda o focinho
tando pelo chão, tem os olhos quasi no cabo do

focinho, junto das ventas, entre os quaes lhe sa
hum corno que dizem ter grande virtude contr
peçonha, delongura de palmo e meo, de cor de unh
de cervo, hum pouco revolto pera cima, de grossur
de hum palmo em redondo, e na ponta agudo ta
duro como ferro, o qual segundo sescreve esta al
maria aguça em pedras, quando a de pelejar com
Elephantes a que tem natural odio, no que tem tan
astucia que sempre os cometem pela barriga, por n
quella parte terem a pelle mais fraca, mas se o El
phante se pode guardar, que se nam meta o Rhin
cerota antre as pernas, o toma com a tromba pe
pescoco, e o derruba, e com os dentes o fere tan
peias partes da pelle que fica descuberta das concha
pisandoo tambem com os pes, e mãos até que o m
ta. Destas duas alimarias quis el Rei dom Emanu
ver por experiencia a força, e manhas que cada h
ma dellas tinha em se defender, e cometer a out
pera o que neste anno de M. D.xvii. no mes de F
vereiro, ordenou que as trouxessem a hum circui
ou pateo cercado de paredes altas com ameas, q
naquelle tempo estava diante da casa da contrac
çam da India, e guine, das quaes a primeira fo
Rhinocerota que assi como entrou o poseram det
de huns panos darmar que estavam pendurados
pasadiço que hia da sala del Rei pera da Rainha, i
porque o Elephante o nam visse ao entrar da por
e logo dahi a hum pouco entrou o Elephante,
costas do qual os homens da guarda del Rei fec
ram as portas do pateo. O que feito mandou el
que alevantassem os panos darmar, onde o Rhinc
rota estava escondido, o qual posto que estive
ferro peado (porque assi andava sempre) em vend
Elephante, fez hum geito pera o Indio que o cura
e trazia preso per huma cadea comprida, como

nodo de lhe dizer que o leixasse ir pera onde o
migo estava, o Indio porque a alimaria começava
a de puxar, lhe alargou a cadea levando com tudo
o cabo della na mam, de maneira que com o passo
nui seguro começou dencaminhar pera onde o Ele-
phante estava levando o focinho posto no cham, aso-
prando pelas ventas com tanta força que fazia ale-
vantar o po, e palhas do cham como se fora hum
redemoinho de vento. O Elephante quando o Rhino-
cerota sahio estava anca revolta pera aquella parte,
mas em o vendo se tornou em redondo contrelle,
lando urros, e fazendo geitos com a tromba de que-
er pelejar, com tudo depois que o Rhinocerota che-
gou junto delle, querendo ja cometer pela barriga,
parece que pela pouca idade de que era, desconfiado
de se poder ajudar dos dentes, contra hum tamanho
migo polos ter ainda tam pequenos que lhe não sai-
riam da boca mais de tres palmos, fez volta em re-
dondo, endireitando pera huma janela de grades de
ferro que estava junto da porta do pateo que oulha-
va de longo das casas da ribeira, nas quaes pos a
cabeça com tanta força que torceo dous dos barões
das grades, que seriam de grossura doito boas pole-
gadas em quadrado, per entre os quaes dous baroens
sahio, deixando o Indio que o governava no cham,
que nesta presa se lançou delle, o que se nam fezera
arrebentara entre as grades, e o lumear decima da
janela, esta foi huma das grandes forças que se po-
dem imaginar. Saido assi o Elephante do pateo to-
mou ho caminho dos estaos, onde era sua pousada,
não tendo conta com cousa que achasse diante, assi
homens de pe, como de cavallo, que perante todos
passava fazendo tamanha revolta, que com os brados
que davam huns aos outros que se guardassem, pa-
recia que era alguma batalha posta fora de sua or-

dem, ou desbaratada dos imigos. Isto he de notar que a abertura que o Elephante fez entre os dous barões de ferro per onde passou foi tam pequena, que com trabalho podia hum homem de commum estatura, vestido em pelote passar por ella, mas o medo, e industria de natureza lhe derão ho geito pera poder sair per hum tam pequeno lugar. O Rhinocerota ficou no campo mui seguro, dando quasi a entender aos que estavão apar delle, com os geitos, e meneos que fazia que tinha a victoria por certa se o Elephante quisera esperar. Este mesmo Rhinocerota mandou el Rei dom Emanuel, no mes Doctubro deste anno, ao Papa Leão decimo, e ho embarcarão em Lisboa em huma nao de que hia por capitam Ioam de pina, cavalleiro de sua casa, pelo qual tambem mandava ao Papa huma mui rica baixella de prata dourada, lavrada de bestiães, a qual não foi ter a Marselha, onde então estava el Rei Francisco de Valois, primeiro Rei de França do nome, a cujo rogo Ioam de pinna mandou tirar o Rhinocerota em terra pera lho leixarem ver, e lhe fez serviço de hum muito fermoso ginete, bem ageazado, que el Rei aceptou, e lhe fez merce de cinco mil escudos douro do sol. De Marselha foi ter a costa de Genoa, onde se perdeo com tormenta sem se da nao salvar cousa alguma, e o Rhinocerota saio morto a praia, onde lhesfolarão a pelle, e foi levada a Roma, e apresentada ao Papa, cheia de palha, que a recebeo e vio com muito espanto, e tristeza pela perda da gente que hia na nao, e presente que lhe el Rei dom Emanuel mandava.

CAPITULO XIX

falecimento da Rainha donna Maria, e seus virtuosos costumes, modo, e ordem que tinha de viver.

Como atras tenho dito, ha Rainha donna Maria ficou tão mal tratada do parto do Infante dom Antonio que ate a ora da morte nunca mais achou bem, porque se lhe gerou huma aposte- dentro nas entranhas, sem em toda a medicina er cousa que lhe podesse dar saude, pelo que pro- dendo esta ma disposiçam, com que se lhe acres- ntavam de dia em dia gravissimas dores, faleceo Lisboa nos Paços da ribeira aos sete dias do mes Março do anno do Senhor, de Mil, e quinhentos dezasete, em idade de trinta, e cinco annos: fica- n della vivos o Principe dom João que per morte Rei dom Emanuel, seu pai, foi terceiro Rei do me destes regnos, a Infante donna Isabel, que foi nperatriz, a Infante donna Beatriz, que foi Duque- de Saboia, o Infante dom Luiz que faleceo sem sar, o Infante dom Fernando, que faleceo sem lei- filhos, ho Infante dom Afonso Cardeal de Portu- , do titulo de S. Braz,que tambem ja he falecido, o fante dom Henrique Cardeal de Portugal, do titulo s santos quatro coroados que ao presente he regente ntes regnos como fica dito, ouve mais el Rei em inha sua molher o infante dom Duarte que faleceo n deixar de seu matrimonio os filhos nomeados no bitulo de seu nascimento, dos quaes Principes to- s tenho ja tratado por estenso nas outras partes ta Chronica. Foi a Rainha molher de boa estatura a, bem assombrada, o queixo do rosto hum pou-

co somido, os olhos graciosos, pouco risonha, m
honesta em todas as suas praticas, de que as ma
eram de cousas divinas, muito caridosa, e dada
emparar orphãos, e veuvas a que fazia muitas esm
las pera se sustentarem, e assi pera ajuda de seus c
samentos, muito imiga de passar o tempo ociosame
te, fundou de novo o Mosteiro das Berlengas da c
dem de sam Hieronymo. Era mui continua em su
oraçoens, e devoçoens, cosia, e lavava, ocupan
todas suas damas, e moças da camara no mesmo
ficio, castigava o Principe, e os Infantes seus filh
quando o mereciam, sem perdoar a nenhum dell
aos quaes todos sempre mostrou igual amor, se
nisso fazer outra differença, que a da precedencia
idade de que cada hum era, foi sempre mui bem
sada, e tratada del Rei sem antrelles nunca aver c
ferença que se soubesse. Foi o corpo desta catholi
e virtuosa Rainha sepultado no mosteiro Demxob
gas da Madre de Deos, de freiras observantes da
dem de S. Francisco, que a Rainha donna Leo
irmã del Rei dom Emanuel fundou de novo, do
el Rei dom Joam terceiro seu filho mandou dep
tresladar seus ossos pera o mosteiro de Bethel
que el Rei dom Emanuel seu pai (como fica apon
do) fez de novo pera seu jazigo, e de todos seus
lhos, sua morte foi mui sentida per todo o reg
El Rei no mesmo dia que a Rainha faleceo se f
Peralonga, onde esteve duas somanas, e depois
veo ao Mosteiro Demxobregas da ordem dos a
de São Joam, donde passados oito dias se tornou
ra a cidade, cóm cuja vinda se alegrarão todo
se reformou a Corte, e começou el Rei denten
em negocios.

CAPITULO XX

que se tratam algumas cousas que neste tempo onteceram no regno.

ER erros que hum piloto Portugues per nome Joam diaz goiis cometeo fugio destes regnos, e se foi a Castella onde persuadio a alguns adores que armassem duas naos, e que elle as ia a terra de sancta Cruz do brazil, e as traria gadas de mercadorias em que fezessem muito eito, com as quaes naos seguio sua viagem e ou neste anno de M. D. xvii, do que sendo avi- dom Carlos Rei de Castella, Archeduque da ria, per cartas del Rei dom Emanuel escreveo regedores de Sevilha que castigassem todolos ados neste negocio como quebrantadores das pa- e capitulações feitas entre os Reis de Castella, e es regnos, o que elles fezeram com muito rigor, igencia. No mesmo anno vee a este regno hum go Ingles, per nome Joam valope offerecersse a ei pera o ir servir a Africa, onde esteve dous an na cidade de Tanger, em que dispendeo muito eu, pelo que el Rei lhe deu o habito da Ordem hristus, e lhe fez outras merces com que se tor- mui contente para sua terra. Este Joam valope nomem nobre, e de que el Rei Anrrique de In- erra fez tanto caso, que lhe deu a capitania de s, que era huma das cousas de mor confiança de ntas naquelle regno avia de sua calidade, o qual onheci, fomos amigos, e sua amisade me aprovei- pera negocios que tratei em Inglaterra de servi- el Rei dom Joam terceiro. Neste anno de deza- no mes de Janeiro venceo Solymam Othomão

Emperador da Turquia o Soldam de Babilonia, e
apoderou do Cairo, e de todalas terras de que o S
dam era senhor, pelo que el Rei dom Emanuel rec
so que as cousas do Turco cada dia fossem em c
cimento, tornou a screver ao Papa Leão estando
Roma por seu embaixador dom Miguel da sylva, p
que exhortasse os Reis Christãos a fazerem a gue
a hum tam poderoso imigo de nossa sancta Fé
que aproveitou tanto quanto fez das outras vez
supplicou no mesmo tempo ao Papa que a ladrões, n
falsarios valessem ordens. Neste mesmo anno fe
Rei os meos tostões de prata no qual tempo estan
hum dia na sesta, lhe veo fallar dom Jaimes Duc
de Bragança seu sobrinho, e por a casa estar des
jada sem aver mais nella que meu irmam Fructos
goes que o penteava, e eu que tinha o bacio
penteador, praticou el Rei com o Duque algu
cousas de seu gosto, entre as quaes foi perguntar
que lhe parecia daquella moeda, o Duque lhe r
pondeo que muito mal, porque moedas novas fazi
sempre mudança, e carestia no preço de todalas c
sas, e que com esta que fezera, por humas luvas
se vendião por trinta reis pediam ja meo tostão,
to pera os Reis lançarem delle mam, porque a n
peste, e perdiçam de hum regno he fazer moedas
vas, do que se pode tomar exemplo nas que fe
Rei dom Fernando Rei destes regnos, com as qu
os destroio de maneira que nunca nelles mais o
os thesouros que dantes os Reis acustumavão dei
a seus descendentes. Fez tambem el Rei neste a
de M. D. xvii. tostões douro, moeda que trazia
bolsa pera dar a pobres, e mandou a Lourenço lo
homem docto, e pera muito negocio sobrinho de Th
Lopez, feitor da casa da contractação da India, que
Anvers, onde então residia fosse a Augusta, ou A

g fazer hum contrato de cobre com hum rico, e eroso mercador per nome Jaques fuguero, per po de cinco annos, de dez mil quintaes cada an- avisandoo que nam desse mais que até vinte sol- de grossos moeda de Flandes pelo quintal, que ho preço que entam valia, e valera pouco tempo s a dezasete, e dezoito, e dezanove, os quaes sol- val cada hum sesenta réis da nossa moeda.

CAPITULO XXI

algumas cousas que tocam aos negocios do Castello le Sancta Cruz do cabo de Guer.

NESTE anno de Mil, quinhentos e dezasete, veo dom Francisco de Castro, e capitam da villa de Sancta Cruz no cabo de guer da guoa de ba, com licença del Rei ao regno negocear cousas lhe compriam, o que sabendo o Serife veo correr ella comarca no mes de Maio, em que fez muito no, queimando os pães aquelles que eram vassal- e tributarios del Rei dom Emanuel, e em special sobre çaide boagaz maho, com quem ouve hum ntro em que lhe matou trinta homens e xxv ca- os, e çaide boagaz maho, lhe matou vinte, e cem allos, do que anojado o Serife avisou hum seu am que entam estava em Galigiga que se logo pera elle com muita gente, com os quaes çaide e huma batalha em que foi vencido e lhe tomaram villa de Tuyl que era sua, e a arasarão per terra, qual vinha muito cobre ao castello de Sancta Cruz, que sabendo el Rei de Dara, pela paz, e amisade tinha com el Rei dom Emanuel, mandou offerecer capitam que ficara no dito castello do cabo de

guer, e a Meleque xeque da cabilda de hizarara qu
trocentas lanças, e por capitão dellas hum seu sob
nho, o que lhe elles agradeceram muito, excussa
dosse por entam da tal ajuda porque esperavam ca
dia dom Francisco de castro com duzentas lanças, co
que, e com os mouros de pazes poderião fazer guer
ao Serife, posto que entam estevesse senhor do cam
e tevesse tomado todolos caminhos de Teracuco, q
era huma villa em que entam resedião muitos merc
dores, entre os quaes avia Castelhanos e genoes
e outras nações de Christãos, donde vinha mui
cobre, sera, prata, e outras marcadorias ao castel
de sancta Cruz do cabo de guer, a qual villa do
Francisco de Castro depois destroio, e arasou con
se ao diante dira.

CAPITULO XXII

*Como el Rei mandou huma armada sobela villa
Targa, e do que se nisso passou, e de huma entra
que fezeram dom Joam coutinho, e dom Duarte
meneses em que correrão ate o campo Dale, e Sari*

Tornado Diogo Lopez de sequeira ao regno
anno de M. D. xvi. com as sete caravell
com que ficara no estreito, como atras fi
dito mandou el Rei fazer huma armada de sesen
navios no mes de Junho deste anno de M. D.xvii.
que lhe deu ha capitania com muita, e boa gente
pe, e cento de cavallo, com regimento que tomas
em Arzilla mais cincoenta e outros tantos em Tang
e que com estes duzentos de cavallo se fosse a Sept
pera em companhia de dom Pedro de meneses Con
Dalcoutim, capitam da cidade com toda a gente

, e de cavallo que alli entam estava ir sobre a villa
Targa, ho que tudo sucedeo mal, porque como
m Pedro era homem de grande opinião nam tomou
m darlhe el Rei companheiro em negocio que elle
nha por facil podello acabar tendo pera isso comissam,
a mesma companhia que Diogo lopez levava: final-
ente que elles forão ambos sobresta villa que he
z leguoas de Septa e sem fazerem nada do a que
ão per caso das differenças que houve entre elles
bos se tornaram a Septa donde despedio Dioguo
pez os cincoenta de cavallo de Tanger, e com a sua
nte, e cincoenta de cavallo Darzilla, se foi ver com
m Joam coutinho, atençam de fazer alguma entra-
per terra de mouros pera que de todo nam tor-
sse aho Regno sem se achar em algum negocio
que podesse ganhar honrra pera sim, e pera a
a, e nobre companhia que nesta armada com elle
nha. Chegado Dioguo lopez de sequeira a Arzilla, elle
n companhia de dom Joam coutinho entrou pella
rra athe uma aldea que se chama Araihana, a qual to-
arão e algumas almas, e gado com que se tornarão
rzilla, donde dahi a poucos dias se veo Dioguo lo-
z pera o Regno sem nesta viagem fazer mais do
e fica apontado. No fim deste mesmo anno de
. D. xvii. se ajuntaram dom João coutinho, e dom
uarte de meneses, e entraram pelo campo Dalcacer
ebir, hos quaes passando a ribeira da ponte pelo
Dalgarrafa, correrão o campo de Ale-Exarife á
ão squerda de Alcaçer onde mattarão alguns mou-
s, e captivaram trinta e sete, e tomarão mil, e se-
centas cabeças de gado vacum, e mais de cinco mil
meudo, ao que acodio o alcaide Dalcacer com
uita gente de cavallo que os achou ja no porto
lgarrafa, tres legoas Dalcacer, pelo que soltaram
do gado meudo, e com o grosso, e captivos se vie-

rão recolhendo atté o azambuial dalgarrafa, onde cuidaram que os mouros os acometessem, pera voltarem sobrelles, o que não fezerão, mas antes se tornaram a recolher sem travarem com os nossos, os quaes entrarão em Arzilla com sua cavalgada, que partiram pelo meo, o que feito dom Duarte tomou seu caminho ao outro dia para tanger pelo porto dalfeixe, mas achando novas que andavam mouros naquelle campo sperando por elle, se tornou Arzilla, com a cavalgada, onde steve quatro dias, acabados os quaes, tendo os de Tanger, e Arzilla descuberto campo, sendo certificados per alguns mouros que tomarão, que toda aquella gente, que andava esperando dom Duarte, era recolhida elle se foi pera Tanger em paz, com ha parte que coubera da cavalgada.

CAPITULO XXIII

De huma entrada que dom Pedro mascarenhas fes por terra de mouros estando em Cafim, e do que dom Nuno Mascarenhas screveo a el Rei sobela vinda de Gonçalo mendez çacoto ao Regno.

Dom Pedro de mascarenhas foi hum fidalgo que fez muitos serviços a el Rei dom Emanuel, a el Rei dom Joam seu filho, e servio de page a Rainha donna Leonor irmãa del Rei dom Emanuel, molher que fora del Rei dom Joam segundo do nome, e depois de ter idade foi algumas vezes as partes Dafrica mandado per el Rei dom Emanuel, a cousas que compriam a seu serviço, em que deu de sim tam boa conta, que o encarregou de capitam das gales do regno, o qual estando em çafim no an-

) de Mil, e quinhentos, e desasete veo recado a dom
uno mascarenhas seu irmam como os Aduares de
aneme andavam alevantados, o que sabendo foi
go sobrelles, e os desbaratou, apos o que lhe trou-
: recado hum mouro que tinha hum irmão captivo
ı çafim que toda Habida se fora ajuntar nas Sali-
s pera ahi tomarem conselho sobelo que por então
es convinha fazer pera segurança de suas pessoas,
fazenda, em que assentarão que com seus camelos,
outras bestas de carga viessem apanhar seus pães,
os alheos, que por então nam tinhão nececidade
ıutras pazes, pelo que mandaram lançar pregam
elos Aduares que ao outro dia partissem todolos
ıe se quisessem aproveitar do campo. Pelas alviça-
s destas novas deu dom Nuno mascarenhas liberda-
: ao irmão deste mouro, o qual no mesmo tempo
fazia prestes, pera ir buscar os aduares de xerquia
ıe tambem andavam alevantados, e porque os ne-
ocios dos mouros de Habida erão de muita impor-
ncia, mandou logo sobrelle, dom Pedro seu irmão,
Francisco carneiro, filho de Antonio carneiro se-
etario del Rei dom Emanuel, e do seu conselho,
ıe entam chegara a çafim por fronteiro com trinta
: cavallo, e outros tantos piães besteiros, e espin-
ırdeiros, todos mui bem concertados pera feito de
ıerra afora outros criados, e gente de serviço, com
qual gente de guerra perfez dom Nuno trezen-
s homens de cavallo, e outros tantos de pe, com
ıe partiram de çafim ja de noite, no mes de Junho,
foram amanhecer a huma figueira, seis legoas de
fim, duas de Hyguisnez, no qual dia ouveram ba-
lha com muitos mouros de pe, e de cavallo, de
ıe matarão alguns, e trouxeram captivos oiten-
, e sete, e nove cavallos, e corenta, e dous
ımelos, e outras bestas de carga, dos Portu-

gueses feriram os mouros neste recontro trez, de que hum foi João leite, criado que fora de dom Pero vaz Bispo da Guarda, os outros dous eram moradores da cidade, a dom Hieronymo matarão dous mouros de pe o cavallo, dos quaes depois de ser a pe matou hum, no negocio dos mouros que morreram nesta jornada coube a honrra aos fronteiros, e no dos captivos aos moradores neste mesmo dia, que foi o da festa do corpo de Deos em çafim huma cafila em que vierão dom Henrrique, e Fernam valente que estavão captivos em Marrocos. Depois de dom Pedro ter feito esta entrada, vieram novas per via dos mouros de pazes, que el Rei de Fez determinava vir em pessoa sobre çafim do que dom Nuno avisou el Rei dom Emanuel pedindolhe socorro, o qual lhe mandou, de muita, e boa gente, entre os quaes foi Gonçalo mendez çacoto, hum dos bons, e esforçados cavaleiros que de seu tempo houve nestes regnos, e porque estas novas não sairão certas, Gonçalo mendez çacoto depois destar alguns dias em çafim, pedio licença a dom Nuno pera se tornar ao regno, a qual lhe deu com muito pejo, e sobrisso no fim de huma carta que escreveo a el Rei lhe diz as palavras seguintes, Senhor Gonçalo mendez çacoto me dixe que trazia licença de vossa Alteza, tanto que el Rei de Fez nos desapresasse pera tornar a negocear suas cousas, eu o deixei embarcar tanto contra minha vontade, como sei que he deserviço de vossa Alteza neste tempo acharse hum so dia fora desta cidade, porque ja com ter costas nas suas cãs, e no seu saber, e cavalleria, tenho melhor esforço pera acertar tudo o que sobrevier de seu serviço, principalmente agora tendo esperança de muitas novidades, beijarei as mãos de vossa Alteza pelo mandar vir o mais prestes que poder ser, porque nisso fara

muito seu serviço, e a muita merce, oje seis dias de Octubro de mil, e quinhentos, e desasete, ao qual Gonçalo mendez çacoto per seu esforço, e valentia encarregou el Rei dom Joam terceiro de capitam desta cidade de çafim e depois de Azamor, e se achou nos mais dos feitos da guerra Dafrica, em tempo de tres Reis, que servio dom João o segundo, dom Emanuel, e dom Joam terceiro seu filho, mas tudo isto lhe nam aproveitou pera mais que pera podermos dizer, que se lhe Duarte pacheco pereira nam fez enveja na cavallaria, que nem menos lha pode elle fazer na mederança, porque tam prove e com tam pouca fazenda morreo hum como o outro.

CAPITULO XXIV

Da viagem que Fernam perez dandrade fez a China, e do que lhe aconteceo ate tornar ao regno.

TORNANDO a viagem de Fernam perez dandrade perá China elle depois que arribou a Malaca, fez tudo o que poude por concertar Nuno vaz pereira, e Antonio pacheco que andavam em differenças depois da morte de George de brito, sobre qual delles avia de succeder na capitania da fortaleza, o que nam pode acabar por cada hum delles ter sua aução por melhor, dizendo Nuno vaz que George de brito seu cunhado lhe entregara a fortaleza, e tomara della a menagem presentes todolos officiaes del Rei, e gente nobre que avia em Malaca, Antonio pacheco se opunha, dizendo que per virtude de hum regimento que alli deixara Afonso dalbuquerquea successam da capitania, falecendo Rui de brito patalim, era de Fernam perez

dandrade por ser capitam de mar, o qual officio elle então servia. Nestas differenças andaram tanto, até que Fernão perez, sem nisso poder dar nenhum talho, se partio perá China no mes de Junho de Mil, quinhentos, e dezasete, com nove vellas, em huma das quaes elle hia, os outros capitães erão Pero soarez, George de mascarenhas, Symam dalcaçova, George botelho de pombal, Emanuel daraujo, Antonjo lobo falcam, Martim guedez, e Duarte coelho, com a qual companhia chegou a xv Dagosto do mesmo anno, a ilha de tamanlabua, que esta situada tres legoas da terra firme, onde per ordenança del Rei ancorão todalas naos estrangeiras, que vam provincia de Cantam, que he huma das do regno da China, onde antes de chegarem acharam huma armada del Rei, que andava em guarda das naos que vem a seus portos por respeito dos cosairos, de que naquellas provincias a muitos. O capitão desta armada, espantado de ver as nossas naos, e modo de que vinham, cuidando que era algum novo genero de cosarios, encaminhou pera elles com toda sua frota a ponto de guerra, mas Fernão perez sem dar sinal de se querer defender, nem offender, foi seu caminho direito ancorar na ilha de Tamam, ao qual o capitam da frota del Rei que tambem veo surgir no mesmo porto, mandou perguntar de que naçam era, e que buscava, Fernão perez lhe respondeo o que a cerca disso compria, pedindo-lhe que lhe desse pilotos pera ir a cidade de Cantam despachar hum embaixador que el Rei de Portugal seu senhor mandava a el Rei da China, o capitam lhe mandou dizer que logo avisaria o governador de Nanto, huma villa junto da barra do rio que vem de Cantam pera que fezesse saber aos governadores da cidade de sua vinda, o qual governador (a que chamam piu) o mandou visitar ao outro dia, fazendolhe saber que ja tinha

despachado o mesageiro, mas a reposta tardou tanto que Fernão perez dandrade denfadado cum dous navios, e alguns bateis se foi daquelle porto em que estava ao de Nanto, que he obra de quinze legoas de Cantam, e sem mais ter outro recado do governador daquella cidade, a que chamam Tutam foi lançar ancora diante da principal porta della, junto de hum caes depedraria com degraos, feito ao nosso modo, defronte do qual esta huma ilheta com huma torre feita a modo de campanairo, onde os governadores da cidade tem por custume convidarem os estrangeiros a que querem fazer honrra, o que o Tutam quisera fazer a Fernam perez, mas elle se excusou com achaque de mal desposto. Aqui esteve alguns dias, nos quaes assentou os negocios a que hia com o Tutam, e governadores da cidade, e deixando nella o embaixador que avia de ir ao Rei da China, e algumas outras pessoas se tornou pera Tamão, onde esteve catorze mezes, por levar regimento del Rei dom Emanuel, que naquellas partes da China estevesse tanto ate que se informasse bem dos negocios, e tratos da terra, poder e senhorios do Rei della, no qual comenos vieram alli ter muitos jungos de lequeos, guoros, e japangos, os quais a principal mercadoria que traziam era ouro, em muita cantidade, pelo que determinou de mãdar a estas provincias George mascarenhas com pilotos, e lingoa da terra com que correo a costa de Chincheo, que he limpa, e povoada de muitas villas, e aldeas, nesta viagem encontrou muitos navios da terra, que navegavam pera diversas partes, e em hum porto, onde surgio, lhe derão informaçam da grande cidade de Fuquiem, pera onde se fez a vela, mas embocando o rio em que está situada, recebeo cartas de Fernão perez, que lhe mandou per terra, em que lhe escrevia que se tornasse

que era tempo de se partirem perá India o que assi fez, e lhe deu conta do que passara, e vira nesta viagem e da grande fertilidade daquellas provincias, e abundancia de todalas cousas, assi de trato como de criações, e mantimentos, na qual a pimenta val mais que na China, e as mercadorias que se dão a troco das que alli levão são muito melhores, que as da China, e melhor mercado. Depois da chegada de George mascarenhas Fernam perez mandou apregoar em Tamã, e em Cantam que se os Portugueses deviam alguma cousa aos da terra, que lho fezessem saber pera mandar pagar tudo, do que todos foram mui contentes, louvando o bom modo que tevera em todalas cousas que negoceara o tempo que alli esteve, o que feito, com deixar os senhores, e governadores de Cantam, e Tamam, e de toda aquella comarca muito contentes, e satisfeitos de sua amizade, e conversação se fez a vela, no mes Douctubro de Mil, e quinhentos, e dezoito, e veio ter a Malaca com as naos carregadas de muita riqueza, sem o navio de Pero soarez, que com tormenta se perdeo, sem se salvar cousa nenhuma delle, excepto a gente que toda foi ter a Cantam, e veio depois a India com Symão dandrade, em Malaca achou fernam perez, dom Aleixo de meneses, com poderes de seu tio Lopo soarez, em que lhe mandava que nam fosse a Pegu, nem a Bengala como levava por regimento, mas que entregasse a frota a dom Aleixo, e se viesse perá India, onde ja achou por governador Diogo lopez de siqueira, de quem foi mui bem recebido, em cuja companhia esteve todo o anno de mil e quinhentos, e dezanove, e no Janeiro do de Mil, quinhentos e vinte partio pera o regno com Vasco fernandez coutinho cada hum em sua nao, onde chegarão na entrada de Julho do mesmo anno, e por a cidade de

Lisboa estar tocada de peste se foi a Evora, onde então el Rei estava com a Rainha donna Leanor sua derradeira molher, dos quaes foi mui bem recebido, e el Rei lhe perguntava muitas vezes pelas cousas da China, e das outras provincias daquella regiam, ouvindo as com muito gosto, porque de seu natural era curioso de saber ho que passava pelo mundo, pera disso tomar o que mais comprisse ao governo de seu estado, regnos, e senhorios.

CAPITULO XXV

Dos costumes dos Chins, religiã e fertilidade da terra, e do que Thome pirez passou na embaixada com que foi a el Rei da China.

A GENTE da China he bem disposta, alguma della he mais sobelo alvo, que baço, outros que vivem mais aho norte são alvos como Alemães, andam vestidos como hos Tartaros, com roupetas estreitas de seda, brocados, algodam, e pilitarias, do que a muito na terra, e muitos cavallos, e grande abundancia de mantimentos assi de pão, como criações, caça, e montarias tudo muito bom mercado, sam bons homens de guerra, e tem armas brancas, mas nam de tam boa tempera como as nossas, usavam então lanças, alabardas, arcos, e outros generos darmas, e bombardas pequenas de ferro, e metal, e espingardões, mas depois que viram as nossas armas, e artelharia se acustumaram a fazer tudo ahó nosso modo, e em muita perfeição, comem em mesas altas como os da Europa com toalhas guardanos, e por limpeza comem com garphos, fazem banquete a meude, em que se alegram mais do ne-

cessario, os convidados fazem da austinencia da ora que os convidam, ainda que o banquete seja pera dalli a quatro, e cinco dias, para no dia da festa comerem, e beberem muito mais, por honrra do que os convida, e se neste tempo os outrem quer convidar se excusão dizendo que o nam podem fazer, por caso do banquete a que ham de ir, as molheres sam galantes, e bem atabiadas, as nobres andão pelas ruas em carretas cubertas de panos de seda, e ouro muito bem pintadas, dizem que tem a impressam de tanto tempo atras que nam a memoria de quando começou entrelles, tem charamellas, orgãos, e outros instrumentos, sam muito musicos assi no canto dorgam, como no tanger dos instrumentos, ha na terra muito ouro, e prata, a fora o que vem doutras provincias, e sobre todas, e em mor cantidade da terra dos Lequeos, Goros, e Japangos. Crem os Chins em hum so Deos criador de todalas cousas, adorão tres imagens de homem todas tres semelhantes, fazem grande honrra a imagem de huma molher, que tem por sancta, a que chamão Nãma, que elles crem que he avogada de todos ante Deos, assi dos que andam pella terra, como dos que navegão pelo mar, tem outra sancta, que foi filha de hum Rei de China, e se retirou do mundo a viver em religiam, esta dizem que he guarda de toda a provincia, a que fazem tambem grande honrra, e assi a hum homem que dizem foi tam bom, e tam justo cavalleiro, que em sua vida fez muitos milagres, entre os quaes foi passar huma grande ribeira armado, postos os peis sobre huma espada nua, pera acodir a hum exercito que estava da outra banda, de que elle era capitam. As figuras destas imagens todas trouxe Fernam perez dandrade, pintadas em pannos de paugagem, e arvoredos quasi do mesmo modo que sam os pannos pintados que fa-

em em Flandres, os quaes apresentou a el Rei dom
manuel em Evora, com outras coisas daquella
rovincia. Alem dos sanctos que dixe tem os Chins
utros, de cujas vidas tem lenda, e lhes fazem suas
estas pelo descurso do anno. Tem muitos, e mui
umptuosos templos, a que chamam Varelas, e mos-
eiros de frades, e freiras edificados ao modo de ca.
lingoagem em que rezam, e fasem estes officios,
am entende senam quem na estuda, que he como
ntre nos, o Latim. Nas quaes Varelas tem relogeos,
muito bons sinos de metal, sam mui abstinentes,
orque ha entrelles muitos que nunca comem carne,
em peixe, e o mesmo fazem as freiras de que
mbem a muitos mosteiros, tem universidades, e
ollegeos em que aprendem Philosophia, Mathema-
cas, Astrologia, Artes liberaes, Leis Medicina e
heologia, segundo sua crença, no que em tudo ha
omens mui doctos, em coisas de arte mecanica
essam todalas Naçoens do mundo, porque o per-
eito dellas obraõ com muita destreza, e ao imper-
eito dam taes talhos, e cores que parecem ter a
esma perfeiçam, estimasse em tanto que dizem
ue ho homem que nam he Chim nam he homem.
Rei he mor senhor, e mais rico de todas aquellas
rovincias, chamasse filho de Deus, tem muitas mo-
eres, mancebas que se guardam em seus paços,
que tem muitos, e mui sumptuosos, traz por di-
sa, Deos deu a paz na terra, e nunca a negou a
uem a quer, e por levar enfiado tudo o que os
ortugueses neste tempo passaram na China, e assi
home pirez, que ficou em Cantam, pera ir com a
mbaixada direi logo ho qne passou nella. Elle foi
Cantam ter a cidade Piquii, no qual caminho se
teve quatro meses, que tamanho he o Senhorio
este Rei, que andava então naquellas partes, per

onde vizinha com os Tartaros, com quem muitas vezes tem guerra, e a tinha naquelle tempo. A esta cidade de Piquii chegou Thome pirez em Janeiro de Mil, e quinhentos e vinte, donde o el Rei, que lhe tinha mandado fazer bom recebimento quando chegou, o tornou a mandar pera Cantam, sem o querer ouvir nem tomar hos presentes que lhe mandava el Rei dom Emanuel, onde depois morreo preso, com sospeita de lhe terem dado os Chins peçonha. A causa desta prisam, e da de todolos Portugueses que estavam em Cantam, e mortes, foi ho mao modo que Symam dandrade, irmam de Fernam Perez dandrade teve com hos Chins, porque o tempo que esteve na ilha de Tamam, onde chegou em Agosto de Mil, e quinhentos, e dezoito, com outras naos da sua companhia, de quem eram Capitães Alvaro fuseiro, George alvez, e Francisco roiz, elle se ouve de maneira com os da terra que fez quebrar as pazes que seu irmam deixara assentadas, e converteo todo o amor e amizade que os Chins tinham com os Portuguezes, em odio, e malquerença.

CAPITULO XXVI.

m que se trata das obras pias que a Rainha donna Leanor, irmãa del Rei dom Emanuel fez nestes regnos, e como per sua intercessam foram trazidas a elles as Reliquias do corpo da virgem sancta Auta, e de como el Rei tinha determinado de residir no regno do Algarve, pera dalli prover na guerra Dafrica e a causa porque o nam fez.

A RAINHA donna Leanor, molher que foi del Rei dom Joam segundo do nome, e irmãa del Rei dom Emanuel, foi huma muito virtuosa, e tholica christãa, e fez de sua fazenda muitas molas a pessoas que disso tinham necessidade, assi a mosteiros de frades, e freiras pelo que omummente lhe chamavam mãi, e emparo dos obres. Fundou de novo o Hospital das Cal-as, em termo Dobidos, e lhe deu muitas rendas, ue pera isso comprou da coroa do regno, e ricos rnamentos pera o serviço divino com grande somma roupa pera camas, e serviço das pessoas que se li viessem curar assi ricos, como pobres, e pera hos obres deixou rasoens ordenadas per espaço de hum es, que he ho tempo em que as aguoas daquellas ldas fazem sua obra. Esta virtuosa, e Catholica Rai-na instituio a confraria da Misericordia nestes re-nos, sendo regente delles no tempo que el Rei om Emanuel seu irmam era ido a Castella, com a ainha Princesa donna Isabel, sua molher, a fazerem-jurar por Principes daquelles regnos, pera ha qual onfraria el Rei dom Emanuel deu de juro cada an-o desmola hum conto de reis, pera entretimento de orphãos, e quinhentos mil reis pera outras obras

pias. Fundou esta Senhora tambem de novo o mosteiro da invocação da Madre de Deos, no valle Denxobregas, junto de Lisboa, e o povoou de novo de freiras de sancta Clara da ordem de são Francisco da Observancia, que per seus institutos comem sempre peixe, onde ella jaz sepultada, na crasta, junto da porta do refeitorio em sepultura simplez, rãsa igoal com o cham, e porque era muito devota da bemaventurada sancta Ursula guia, e capitoa das virtuosas martyres onze mil virgens, pedio per suas cartas ao Emperador Maximiliano, seu primo com irmam, que quisesse mandar algumas reliquias destas sanctas virgens, o que lhe concedeo facilmente, e dentre todas mandou tirar do mosteiro de sancta Ursula da cidade de Colonia Agripina, onde estam todas estas sepultadas, as da bemaventurada sancta Auta, e as mandou a entregar a boa guarda a Francisco pessoa, que entam era feitor del Rei em Flandres, residente na villa Danvers, pera as mandar a Rainha, como ho fez em huma nao Hollandesa, que chegou ao porto de Lisboa aos dous dias de Septembro deste anno de mil, e quinhentos, e dezasete, e aos doze do mesmo mes mandou el Rei dom Emanuel que então estava em Lisboa, que levassem estas reliquias ao mosteiro da Madre de Deos na mesma nao em que vieram, o que se fez com muita festa, e companhia de navios, e bateis embandeirados, posto que todo o regno então estevesse de dó pola Rainha donna Maria, como a nao ancorou defronte do mosteiro da Madre de Deos, foram alguns conegos da Se tirar as reliquias, e as trouxeram ha terra, onde a Rainha donna Leanor, e o Principe dom Joam seu sobrinho as estavam esperando. Da praia foi a arca, em que vinham, levada com solemne procissam ao mosteiro, e postas per dom Martinho da costa, Arcebispo de Lisboa, em hum altar que na

Egreja pera isso a Rainha donna Leanor mandou fa-
er. Neste tempo andava el Rei em pensamentos de
uerer servir a Deos, apartado dos negocios do mun-
lo, do que desviado per conselho de pessoas a que
lisso dava conta, se resolveo em se querer aposentar
o regno do Algarve, e com as rendas daquelle re-
gno, e do mestrado de Christus, fazer dalli como
ronteiro guerra aos mouros, e ter os lugares que ti-
nha em Africa providos de todo o que lhes fosse neces-
sario, mas porque andando neste proposito, veo a sa-
ber, que os privados do Principe dom Joam seu fiiho
he aconselhavão algumas cousas fundadas em lhe ser
desobediente, se fez em outra volta, que foi casarsse
com a Infante donna Leanor, irmam del Rei dom
Carlos de Castella, tendoha dantes mandado pedir
muitas vezes pera o mesmo Principe seu filho, o que
fez, por se assegurar de qualquer torvaçam que lhe
elle per maos conselhos quisesse dar, do qual casa-
mento se dira em seu lugar.

CAPITULO XXVII

De como Lopo Soarez mandou dom João da Sylveira assentar pazes com os Reis de Maldiva, e de Bengalla, e do que nesta viagem passou.

PARTIDAS as naos da carga para ho regno, porque o Rei das ilhas de Maldiva estava alevantado com desgostos causados pelos Portugueses, que alli hiam ter, o que tambem tinha feito el Rei de Bengala, pelo mesmo respeito determinou Lopo soarez lhes mandar por embaixador dom Ioam da sylveira, pera de novo assentar pazes com elles. Com estas comissoens partio de Cochim no anno de

M. D. xviii, levando consigo Ioam fidalgo, Tristão barbudo, e Ioam moreno por capitães de cada hum seu navio. Destas ilhas de Maldiva fiz ja mençam em algumas partes desta Chronica, nas quaes a grande trato da cordoalha, a que chamão cairo, feita das cascas dos cocos, fructo que dam as palmeiras, de que se faz tanta cantidade que se leva por todas aquellas provincias, e se traz a estes regnos, a tambem grande trato Dambar, que se acha no mar, delle muito fino e de pescado seco, e buzios pequenos, a que chamam Cauri que em algumas partes servem de moeda, hai nas mesmas ilhas officiaes de tecer panos douro, seda, e algodam, hos naturaes dellas são gentios, vivem como os Malabares, e per suas leis se governam, são tamanhos feiticeiros, que sem nenhum receo falão e communicam com espiritos malignos. Nesta paragem tomou dom Ioam da sylveira duas naos de Cambaia, que vinham de Bengalla carregadas de roupa, e se vio em terra com o Rei, e assentou com elle pazes, com lhe dar licença pera se fazer na ilha huma fortaleza, o que concluido partio pera Cochim, com as duas naos de Cambaia onde as deixou, e sem fazer mais detença que tomar mantimentos, e polvora, seguio sua viagem pera Bengalla, que he hum grande regno, no qual o rio Ganges vai sair per duas bocas, oitenta legoas huma da outra, em huma enseada que alli faz o mar, que toma ho nome do mesmo rio. Faz-se neste regno roupa dalgodam em tanta cantidade que toda a Asia, Africa, e Europa despende della, e he o mais abastado de mantimentos que todolos da India, porque por cento, e vinte, até duzentos réis se vende hum bom boi, e huma galinha por cinco réis, e hum alqueire darroz por tres, e quatro réis. Nasce nella muita pimenta longa e gengivre, hai muitos cavallos pequenos, como os dos

artaros, e muito poucos grandes, e os que a destes
randes sam mui estimados, criansse tambem nelle
uitos Elefantes, os da terra, sam homens de bom
arecer, e as molheres fermosas, e bem atabiadas,
randes comedores dados a muitos vicios, o Rei he
louro, muito rico, e poderoso, sostem mor estado
ue nenhum outro Rei da India, com tudo a mor
arte de seus vassallos sam gentios. Tornando a dom
oam da sylveira, elle chegou na barra de Chatingam,
dade de Bengalla, no mes de maio, do mesmo anno
e M. D. xviii, a qual he de grande trato, situada
m uma das bocas do rio Ganges, o que sabendo o
overnador della, a que chamam Lascar, lhe mandou
um bom presente de fructas, e mantimentos da ter-
, offerecendolhe sua amizade, em nome del Rei de
engala, dom Ioã lho agradeceo, mandandolhe dizer
ue vinha mal desposto, mas que como se achasse
em o iria visitar, e darlhe conta do a que vinha,
as esta amizade, ou per culpa dos Portugueses, ou
ela dos da terra durou pouco, porque negando o
ascar a dom Ioam alguns mantimentos por seu di-
heiro de que na terra ai muitos, escusandosse que
não avia por então na cidade, elle mandou
omar hum navio, a que chamam chãpana, que es-
va surto no porto carregado de Arroz, donde
azou vir o Lascar com mais de cinco mil homens
obrelle, com quem ouve huma travada peleja, em
ue os imigos forão desbaratados, por caso dos
uitos tiros de fogo, e bombardadas, de que
rão tambem servidos que se acolherão pe-
cidade, deixando cinco navios a que chamam ca-
luzes, com os quaes se reformou mais a frota dos
ortugueses, com tudo dom João com receo que lhe
nçassem balsas de fogo pelo rio abaixo, ou lho vies-
m poer a frota, determinou de se alevantar dalli, e

se ir pera huma ilha, que esta mea legoa ao mar para o que mandou a Jã fidalgo, que com sua galeota fosse ver se tinha a ilha bom surgidouro. O Lascar depois de desbaratado, se deixou estar no mar oulhando ho que os Portugueses queriam fazer, mas como vio a galeota apartada das outras vellas, parecendolhe que lhe não poderiam acodir fez remar contra a ilha, e com quasi todolos calaluzes juntos deu sobela galeota, dom Joam como vio abalar ho Lascar, mandou em soccorro da galeota hum bargantim, e dous bateis, os quaes chegaram a bom tempo, porque os imigos a tinham quasi ganhada, mas em chegando os bateis, e bargantim fezerão apartar os calaluzes, e lançar ao mar alguns dos imigos, que ja tinham entrada a galeota, pelo que o Lascar se recolheo com muito abatimento seu, e perda da sua gente, pera a cidade, o qual aconselhado dos principaes della mandou recado a dom Joam per hum mercador nanatural de Choromandel, escusandosse do passado, e que sua tençam era ser seu amigo, e lhe mandar dar por seu dinheiro as cousas que lhe fossem necessarias, que se quisesse vir perá cidade lhe mandaria dar casas em que stevesse seguro com sua gente, que assi lhe prometia, e lhe daria sobrisso arrefens, os quais dados os Portugueses hião, e vinhão a cidade tam seguramente como se estiveram em cochim ou em Goa, recebendo dos da terra tam bom gasalhado, que dom Joam de sua livre vontade soltou os arrefens, o que vendo o Lascar, com desejo de tomar vingança veo logo com huma frota ordenada sobre dom Joam, com que os nossos teveram assaz que fazer, mas em fim os Bengalas se tornaram perá cidade desbaratados, com lhe meterem no fundo seis lancharas, e matarem bom quinham de gente, da qual a victoria coube a mor parte a hum Gaspar fernandez

ıtural do Pombal. Esta segunda guerra durou por
guns dias, na fim dos quaes vendo o Lascar que
portuguezes sabiam melhor o modo della, que os
us, mandou recado a dom Joam que queria fazer
ızes com elle, o que elle aceptou de boa vontade,
or lhe faltarem mantimentos, e ter os navios da fro-
desaparelhados, e a cordoalha toda podre per ca-
do inverno que alli passara. Durando estas derra-
eiras pazes el Rei Darracam vassallo del Rei de Ben-
ılla, induzido pelo Lascar de chatingam, mandou
ım presente a dom João da sylveira pedindolhe que
quisesse ir pera aqueila sua cidade na qual acharia
elhor gasalhado, que na de chatingam, porqne disso
varia el Rei de Bengalla seu senhor muito conten-
mento, o qual sabia de certo que havia de mandar
ıstigar o Lascar de Chatingam pelos enganos que
ım elle usara: dom Joam cuidando que era isto assi,
foi com toda a frota em companhia do embaixador
arracam onde esteve a risco de se perder de todo,
orque el Rei, depois de o ter dentro no rio, man-
ıu sobre elle muitas lancharas, e gente de guerra
ım que pelejou, e se desfez delles com muito traba-
o, pelo que vendo que ja tinha por imigos todolos
ıquella comarca, se foi caminho de Zeiland, em bus-
de Lopo soarez, que quando o despachou se fica-
fazendo prestes pera naquella ilha per mandado
el Rei dom Emanuel, fazer huma fortaleza, de que
mesmo dom Joam era provido da Capitania, Joam
dalgo se lhescondeo, e andou naquella costa, e per
ıtras partes as presas, em que perdeo muita gente,
si da sua, como das outras naos, que fogio para
le quando se alevantou, ho qual com ganhar pouco
este trato, se foi pera a India, onde achou Diogo lo-
ez de Sequeira, que per vagante de Lapo soarez, el
i dom Emanuel mandara a India por governador.

CAPITULO XXVIII

De como Lopo soares mandou Antonio de Saldanha correr a costa Dormuz, e Cambaia ate as portas do estreito Darabia e do que fez ate tornar a India, no qual tempo mandou tambem Emanuel de lacerda a Dio, e dom Aleixo de meneses a Malaca.

DESPEDIDO de Cochim dom Joam da sylveira, e assim João gonçalvez de Castelbranco para Baticalla, Chaul, e Dio a negocios de serviços del Rei Lopo soarez se foi a Goa, donde logo despachou Antonio de saldanha para andar as presas desno cabo de guardafum ate as portas do streito, com quatro naos grossas, e seis navios redondos, e de remo, encomendando-lhe que achando novas certas da vinda dos Rumes a India o avisasse com brevidade, das outras velas erão capitães Simão gonçalvez de sousa, Antonio ferreira fogaça, Fernão gomez de lemos, Antonio de lemos, Nuno fernandez de macedo, Alvaro barreto, e Miguel de moura, dos outros dous capitães, nam pude alcançar os nomes. Com esta armada partio Antonio de saldanha em Fevereiro do anno de M. D. xviii, com a qual fez muitas presas no cabo de gnardafum donde foi ter as portas do streito, e por se lhe chegar o inverno, e ter necessidade de mantimentos, não quis entrar, e se foi a cidade de Barbora que he mui abastada delles, e de muito trato douro, cera, marfim, e outras mercadorias que lhe trazem do sertão da Ethiopia, na costa da qual provincia ella está situada xviii legoas de Zeilla, mas elle não achou o que hia buscar, porque os da cidade com medo que lhes não acontecesse, o que aconteceo aos de Zeila, como teverão novas que esta armada anda-

naquella costa a despejarão de tudo o que nella
via, de maneira que nam acharam pessoa que lhes
istisse, nem cousa que podessem roubar, pelo que
e poseram fogo, de que ardeo toda, o que fei-
se tornou pará India. No mesmo tempo que Lopo
arez despachou Antonio de saldanha mandou tam-
m Emanuel de lacerda, e com elle em outra nao
rcia da costa irmão de Afonso lopez da costa, em
sca dalgumas naos que faltavam das que levara ao
reito, e que fosse a Dio visitar Miliquiaz, e trou-
sse consigo Fernam martinz evangelho, que la es-
va fazendo cousas de serviço del Rei, onde Emanuel
lacerda foi bem recibido de Miliquiaz, e lhe man-
u muitos presentes de refresco, e o convidou muitas
zes em terra, porque avia ja dias que eram muito
igos, dalli se foi Emanuel de lacerda perá India,
m Fernam martinz evangelho, porque se nam quis
rnar com elle, depois de despachados Antonio de
ldanha, Emanuel de lacerda, Lopo soarez se tornou
Goa a cochim, donde mandou dom Aleixo de me-
ses a Malaca com trezentos soldados Portugueses,
tres naos de que elle era capitam de huma, e das
tras, posto que alguns que escreveram deste nego-
o de Malaca digam que foram George de brito, e
om Tristão de meneses, dom Aleixo me dixe per-
ntandolhe eu, que forão Afonso lopez da costa que
a provido por el Rei da capitania da fortaleza, e
uarte de melo, que hia provido da do mar da costa
quella provincia, pera onde dom Aleixo partio em
bril do mesmo anno de M. D. xviii, a qual cidade
hou de guerra com el Rei de Bintam, que se viera
o lugar de Pago xviii. legoas della pelo rio acima,
mandara fazer huma tranqueira em Muar, com que
npedia aos moradores a serventia do porto, e que
am saissem os pescadores fora, no que se servia de

hum Malaio muito esforçado cavalleiro, per nom
çancotia, que fezera capitam da armada que entan
trazia no mar, com tudo dom Aleixo entrou no port
sem lho os imigos impedirem, e meteo de poss
da fortaleza Afonso lopez da costa, e da do ma
Duarte de mello, e soltou Antonio pacheco qu
Nuno vaz pereira tinha preso, por differenças qu
entrelles ouve sobre quem seria capitam da fort
leza depois do falecimento de George de brito. D
que mais sucedeo em Malaca, o tempo que dom Ale
xo ahi esteve, se dira adiante.

CAPITULO XXIX

Como Molei abrahem correo Arzilla, e matou o Ada Fernão galego com vinte de cavallo, e captivou do Antonio mascarenhas.

NESTE anno de M. D. xviii. sabendo Molei abr
hem que os da serra do Farrobo, e de ben
mares, e outras partes recebiam muito dann
dos Darzilla, determinou de lhe correr sem dizer
pessoa nenhuma onde hia, o que assim assentado co
sigo mesmo partio de Xuxuam com essa gente c
cavallo que entam ahi tinha, com que, e outros qu
tomou em Targa, e Tetuão que seriam ate quinhe
tos de cavallo, que lhe pareceo companhia suficien
para o que queria fazer, se veo encubertamente
aldeas de Hanalhaire, da parte do caminho de Ta
ger, e se lançou em cilada junto de huma destas qu
se chama do Alcorão donde mandou ao almocade
Aroaz, que fosse descobrir o campo, ate as atalai
dalfandequim, e alli parasse, o que assim fez, onc

amanhecendo pos hum atalaia, em lugar donde
ve a porta da ribeira. O conde por este Aroaz ser
i continuo em suas entradas, e mui bom cavalei-
e tam manhoso que muitas vezes vinha de noite
as portas da villa, mandava sempre gente de
allo em guarda dos atalaias, os quaes o atalaia de
oaz vio sair todos juntos, do que o logo avisou,
vendo que as cousas se lhe endereçavam como
ejava, deixou poer os nossos atalaias, dos quaes o
meiro que descobrio os mouros foi Ioam mealho,
logo começaram a seguir, mas elle por ter bom
allo se lhe acolheo, mas os mouros em chegando
agoa, que he meo caminho, pararão, o que vendo
adail Ioão galego, parecendo-lhe que eram almo-
vres, os foi cometer, e apertou com elles ate os
ar alem Dalfamdequim, que era o que os mouros
ejavam, recolhendosse com muito concerto: Neste
ance derubaram os nossos hum mouro, e sem se
ormarem delle, que tam açodados hião passarão
ante, ate irem dar na cilada, donde Molei habraem
io com sua gente, seguindo os nossos ate o porto
que mataram dezasete de cavallo, de que o pri-
iro foi o Adail Fernão galego, e matarão muitos
is senão fora Luis valente, que esperou sobelo
to ate os nossos todos passarem, recolhendosse
n muito esforço, ficando sempre entrelles, e os
uros que os seguiam. Avida esta victoria Molei
oraem se recolheo tomando o caminho do Farrobo,
qual per desastre veo dar com elle dom Antonio
scarenhas, que por ser mancebo, e esforçado, se
antou saindo primeiro da villa, que nenhuma ou-
pessoa quando dom Ioam acodio a este repique,
sem saber por onde hia o guiou alli sua ma fortu-
com quatro de cavalo, com cuja vinda se acrecen-
o contentamento da victoria a Molei Habrahem,

que tratou muito bem dom Antonio, e ho mesmo fe el Rei de Fez a quem o entregou, por ser dos captivos reservados a pessoa do Rei, o qual faleceo d peste no anno de Mil, e quinhentos, e vinte hum, n mesma cidade de Fez.

CAPITULO XXX

Dalgumas cousas que neste tempo passaram em Azamo

CONFIANDO el Rei dom Emanuel que dom Al varo de Noronha o serveria bem em Azamor lhe deu a capitania, e governança da cidade onde chegou no mes de Março neste anno de M. D xviii, no qual tempo erão os senhores, e xeques principaes da enxovia, ha bem mume, momoba, Ixun mahamed, bem solimam, bem daramam acrebedu ma arragho, e bem arragho, debaixo da capitani dos quais avia então mais de xv mil de cavallo, to mada posse da capitania, logo no mes de Iunho s vierão fazer de pazes muitos mouros da xerquia do lemdambram, de que eram os xeques principaes Amo bemira, e mahamed bem hamed, ambos cavalleiro o mesmo fezeram os doleidambram daduquala, de qu os principaes xeques eram Alebam, bem amam e loben barabeia, e assi veio oleidaquo, cujos principaes xeque eram Mahamed bem ragal, e Side bosy, tambem ve Olei de bozide que eram os xeques principaes, Ale benthomi, e Side adu, homem muito sabio antre elle como Caciz, veo mais Holei desober, de que erão o xeques bustabenferes, e beza, e abadela menamoz. A primeira cousa que dom Alvaro fez depois de ser en Azamor foi mandar Alvaro raphael, Alcaide mor d

lade com corenta, e cinco de cavallo saber novas
huns aduares que andavam alevantados, o qual in-
junto de Muguroz, que he seis legoas de Azamor,
controu com huns mouros de cavallo, e por aver
ferenças entre os que Pero Rapbael levava comsi-
, elle depois de tudo consultado se iriam buscar os
duares, ou darião naquelles mouros, acordou de os
meter, dos quaes tomou dous que lhe dixeram que
Aduares andavam muito afastados dalli, pelo
e se tornou perá cidade sem ir mais adiante. Neste
esmo tempo, ahos xxvi dias de Abril deu dom Al-
ro em huns Aduares na Enxouvia onde se chama
nemez, de que era alcaide Nacerbenduma, de que
ptivou duzentas, e cincoenta almas, e matou mui-
mouros, e trouxa passante de cento, e cincoenta
peças de gado vacum, o meudo deixou por lhe
m empedir a cavalgada, se alguns mouros lhe
ssem ao caminho, apos isto aos xxvi, dias de Junho
nio da cidade o adail Vasco fernandez cesar com
enta lanças, com que a tres legoas da cidade deu
huns Aduares de que captivou oitenta mouros
s principaes, e lhes tomou muito gado, e outro
spojo, com que se tornou Azamor, e logo no mes
gosto mandou Antonio gonçalvez correr o campo
n trinta de cavallo, e a Mugurez seis legoas da ci-
de achou huns mouros de pe com que pelejou per
m bom espaço, mas em fim os desbaratou, e trouxe
lles onze captivos. Neste mesmo mes, e annd pedi-
n certos Xeques dos de pazes a dom Alvaro que
es desse algumas lanças de Christãos, pera todos
ntos irem a enxouvia a abrir hum grande coval de
go, que teria mais de dous mil moios, pera o tra-
rem a cidade, com os quaes (que seriam mil duzen-
s de cavallo, de que era capitam Side meimam ma-
to) mandou Joam de freitas, com oitenta de caval-

lo, e grande carriagem de camellos, bois, e outras bestas de carga pera trazerem o trigo, ao que a mor parte destes mouros foi hum dia antes, pera abrirem as covas, o que fazendo apareceram obra de duzentos de cavallo enxouvios, os quaes vistos se puzeram a cavallo, cuidando que era cillada, e que vinham atras muitos mais, ou estavão ja adiante, esperandoos em algum passo, ao qual tempo chegou Joam de freitas, e dixe a Side meimam, e a Mozbeimira, e a Mahamed bem hamed Capitães destes mouros, que era ho que determinavão fazer, os quaes lhe dixeram que seu parecer era que se deviam recolher contra o vao do rio porque aviam medo que aquella gente fosse mais da que parecia, mas Joam de freitas lhes dixe que o não fezessem, porque elle com os Christãos que eom elle vinham, queria ir tomar falla daquelles mouros, o que pareceo bem a Side meimão, mas nam a Amozbeimita, nem a Mahamed bem hamed, os quaes começaram logo de voltar as costas com os seus a quem mais depressa iria, ficando os Christãos na traseira delles todos, tendo a força dos imigos que lhe vinham ladrando nas costas fazendo suas algazaras como vencedores, em que mataram Anrrique queixada que era hum muito esforçado cavalleiro, e hum mouro Dambram da Duquala per nome Ambraime bencide por querer acodir a Anrrique queixada, este mouro era muito amigo de dom Alvaro, que por ser bom cavalleiro sentio muito sua morte, e assi a Danrrique queixada. Desbaratados os nossos per si mesmos, sem os seguirem mais que aquelles duzentos de cavallo, se acolherão os mouros de pazes pera seus Aduares, e os Christãos com o alcaide Side meimam se foram Azamor, muito tristes, e envergonhados de virem fugindo, sem aver causa pera fazerem hum tamanho desmancho.

CAPITULO XXXI

como el Rei mandou Diogo lopez de sequeira por Governador da India, e do que passou no caminho ate la chegar.

TENDO Lopo soarez comprido o tempo de sua governança, assentou el Rei de mandar a India por governador Diogo lopez de lima, aide mor de Guimaraens, pera o que o mandou mar per suas cartas, mas porque elle, depois de andar fazendo prestes em Lisboa, soube que tinha Rei passados alvaras de lembrança ha Lopo soarez, vertude dos quaes, se lhe viesse a preposito podia r na India mais tempo dos tres annos que ja tinha cidos, se escusou desta viagem, o que el Rei tomou n, e avendo respeito as despesas que ja tinha feitas, aos serviços que lhe fezera em Africa, e outras tes, e em especial em Arzilla, e na tomada de amor, e na batalha dos alcaides, no que em tudo achara com muita, e boa gente de pe, e de cavallo ga a sua custa, lhe fez merce de dez mil cruzados gos na casa da contratação da India, e lhe fez depois tras merces de que se teve per satisfeito. Concluido i este negocio, determinou el Rei de mandar por vernador a India Diogo lopez de sequeira homem que muito confiava, e que ocupara ja em muitas sas de seu serviço, de que algumas ficam appon- as nesta Chronica, pera a qual viagem mandou arelhar dez naos grossas com que partio de Lisboa vinte, e seis dias de Março destanno de mil e inhentos, e dezoito, os capitaens destas naos eram e de huma, e das outras Rui de mello que hia ovido da capitania de Goa, dom Joam de

lima que levava a de Calecut, dom Aires da gama a de Cananor, Garcia de Sa, Gonçalo Roiz o grego dalcunha, Joam gomez cheira dinheiro, Pero paulo, Lopo cabreira, e Joam lopez alvino. Partido Diogo lopez de Lisboa com esta frota que iriam mil, e seis centos soldados, sendo na paragem do cabo de boa sperança encontrou hum peixe agulha com o bico a nao de dom Joam de lima, com tanta força que o meteo pelo costado, e ao arrancar deixou hum pedaço delle mas a nao bauzeou tanto, em quanto o peixe esteve aferrado, que pareceo a todos qne estavam sobre algum rochedo, e tendosse ja por perdidos, acodiram a bomba, e acharam que nam fazia mais augoa que acostumada, no que esteveram ate que o peixe se desaferrou, e soubesse depois a verdade disto em Cochim, dando pendor a nao, porque o bico que ficou encaixado na madeira do costado, foi conhecido por de peixe agulha. Passado o cabo de boa esperança chegou diogo lopez a Moçambique, donde se partio logo perà India, chegou a barra de Goa, aos oito dias de Septembro, e de ahi se foi a Cochim, e por nam achar Lopo soarez que era ido a ilha de Zeiland, como se no capitulo seguinte dira, pousou em umas casas de Lourenço moreno sem querer tomar posse da fortaleza, nem entender na governança da India ate Lopo soarez vir, o que lhe foi mui bem contado de todos, por ser cousa desacostumada usarensse entre taes capitaens semelhantes comprimentos, por pela mor parte serem os homens tam sofregos de mandar, que hum so dia de seu dominio nam padecem que se mesture com os daquelles, a que sucedem, em semelhantes cargos.

CAPITULO XXXII

e como Lopo soarez foi a ilha de Zeiland onde se fez huma fortaleza, e do mais que passou ate tornar a Cochim e dahi pera o regno.

QUANDO Lopo soarez partio de Portugal trez cousas lhe encommendou el Rei Dom Emanuel sobre todas a primeira que fosse ao mar Darabia, a segunda armada de que Fer-am perez dandrade avia de ir por Capitam a China, outra fazer huma fortaleza na ilha de Zeiland no orto de Columbo, e porque tinha ja comprido, com dous primeiros encargos. Pera execução do terceio ordenou huma armada de dezasete velas em que ntravam sete gales, de que eram capitães Dinis fer-andez de melo, com quem hia Lopo soarez, Christo-am de sousa, Emanuel de lacerda, Gaspar da sylva, opo de brito, Antonio de miranda dazevedo, e am de melo, e duas naos grossas carregadas de unições pera obra da fortaleza, e oito fustas que ouxera dom Fernando de monrroi de Goa de que le era capitão, mas das outras, nem dos das duas aos, nam achei os nomes em nenhuma das lembran-as que me desta viagem vieram ter as mãos. Iriam esta armada mais de oitocentos soldados Portugue es, e alguns naires de Malabar, com a qual partio de ochim no mes de Septembro deste anno de mil, e uinhentos, e dezoito, e por lhe o vento não servir mou o porto de Gale, donde depois que ahi esteve um mes, e meo, por caso do vento lhe ser contrairo e toi ao de Columbo, que sera deste obra de vinte egoas. Surta a armada, mandou Lopo soarez visitar l Rei com alguns presentes, que lhe levava, e apos

isso lhe mandou pedir que na quelle seu porto de Columbo lhe deixasse fazer huma fortaleza, pera nella ficarem alguns Portugueses, de que lhe a elle, e seus vassallos avia de seguir muito proveito, o que lhe el Rei concedeo facilmente. Neste lugar avia alguns mouros naturaes da terra, e outros estrangeiros, os quaes com receo de lhe os Portugueses tirarem o ganho de seus tratos, misturado com o natural odio que tem aos Christãos, derão a entender a el Rei, que o que Lopo soarez vinha buscar era tomarlhe seu regno depois de ter feita aquella fortaleza, porque assi o acostumavão fazer os Portugueses, onde quer que metiam pe. El Rei induzido per estes mouros nam somente negou a palavra que tinha dada ha Lopo soarez, mas antes mandou prender alguns Portugueses que andavam seguros pela terra, apos o que mandou naquella noite fazer huma tranqueira na ponta da enseada, que era o mesmo lugar onde Lopo soarez determinava fazer a fortaleza, a qual tranqueira amenheceo acabada com bom quinham de bombardas de ferro, e espingardões, e muita gente que a guardava, começando logo de descarregar a artelharia contra a nossa frota, o que vendo Lopo soarez desembarcou com a mor parte da gente, ho que senam pode fazer com tam pouco perigo que os imigos nam ferissem, e matassem com ha artelharia alguns Portugueses, entre os quaes foi Verissimo pacheco, mas em fim elles fogiram da tranqueira, e foram seguidos hum bom pedaço, em que morreram muitos delles, o que feito o governador se recolheo a frota pera mor segurança da gente, e ao outro dia tornou a sair em terra, onde sem nenhuma resistencia mandou fazer huma tranqueira na ponta da enseada, que por ser estreita se assentou de mar a mar, o que sabendo el Rei, e vendo que nam podia resistir ao Governador se alli qui-

sse fazer fortalleza, se lhe mandou desculpar do er-
passado, e offerecer ajuda pera se fazer fortaleza, Lo-
soarez lho agardeceo, dizendo ao messageiro que a
rtaleza se avia de fazer, por lho assi ter mandado el
i dom Emanuel seu senhor mas que elle se nam con-
ntava disto, senam que el Rei de Columbo avia de fi-
r tributario, e pagar cada anno de pareas a el Rei dom
nanuel dez Elephantes, e quatrocentos bahares de
nella fina, e vinte aneis com seus robins, dos
e se acham na ilha, o que tudo concedeo sem ne-
uma replica, de que se fezeram contractos assinados
r elle, e pelos principaes de seu regno. Lopo soarez
lhe obrigou tambem per seus contratos, a lhe de-
nder o regno, e assi os Governadores que apos elle
essem ha India, como a vassallo del Rei de Portu-
l o que assentado se começou de trabalhar na for-
eza. Neste tempo chegou dom Joam da sylveira de
ngalla, que Lopo soarez meteo de posse da Capita-
desta fortaleza, e a do mar deu a Antonio de
randa, o que feito ficando ja a fortaleza acabada se
a vela pera India com determinaçam de acabar
fazer a de Coulam, mas sabendo que era chegado
ogo lopez de sequeira se foi a Cochim onde chegou
Setembro, e partio em Janeiro de M. D. xix, pe-
o regno com nove naos, com que chegou ao
rto de Lisboa, em Junho sem no caminho passar
usa de que se deva fazer mençam. Partido Lopo soarez,
ogo lopez começou dentender nas cousas que lhe
r entam pareceo serem mais necessarias ao serviço
l Rei, pelo que despachou logo Christovam de sou-
com tres velas pera ir a Dabul, de que os ou-
os capitães eram Rui gomez dazevedo Delvas, e
urenço godinho, que de caminho aviam de tomar
tras duas velas em Goa, pera se todos ajuntarem
m João gonçalvez de Castelbranco, que ja mandara

Lopo soarez com outras tres velas, pera fazerem guerra aos daquella cidade que estava alevantada, e a dom Afonso de meneses, mandou sobella barra de Baticala, com tres velas, por tambem estar alevantada, e nam querer pagar as pareas acostumadas, o que foi constrangido fazer com mais aventagem do que o dantes fazia, e Joam gomez cheira dinheiro pera hir fazer huma fortaleza na Ilha de Maldiva, onde o matarão mouros de Cambaia, que alli aportarão com tres naos, antes de ter feita a fortaleza. Despedidos estes capitaens Diogo lopez de sequeira se foi de Cochim a Goa, passando pelas fortalezas de Calecut, e cananor, provendo nellas, nas cousas que entendeo serem necessarias. Como foi em Goa despachou logo Antonio de saldanha pera andar no cabo de guardafum, e no mar Darabia as presas, com mais quatro velas das que trazia, e a Simão dandrade despachou pera a China com huma armada, a qual provincia por mao trato que fez aos da terra, deixou alevantada contra os Portugueses, como atras fica dito, e Antonio correa mandou a Malaca com duas naos, a quem deu comissam de ir de Malaca, com outras duas mais, que lhe daria Afonso lopez da costa, a Pegu por embaixador, pera assentar pazes, e amizade com o Rei, e a Garcia de Sa do porto depois destes capitaens partidos deu licença para ir com huma náo a Malaca, ao qual em chegando Afonso lopez da costa, por estar muito doente, entregou a capitania da fortaleza, e se veo perá India, onde morreo em chegando a Cochim. Da viagem destes capitães todos se for necessario direi ao diante, mas por agora lhes abaste fazer delles mençam, pera se saber em que cargos servião naquellas partes da India.

CAPITULO XXXIII

casamento da infante donna Leanor com el Rei dom Emanoel, e do parentesco que entrelles avia.

EL Rei dom Emanuel, pelas causas que atras apontei determinou de se casar, pelo que sobcor de visitaçam, mandou Alvaro da costa seu mareiro, pessoa de que muito confiava, a dar a m vinda a dom Carlos seu primo, Rei de Castella, rcheduque Daustria, e senhor dos estados de Flanes, que então chegara daquellas partes a Hispa-a, dando a entender que com a visitaçam mandava ıtar dos casamentos do Principe seu filho com a Inte donna Leanor, filha del Rei Phelipe, irmãa deste m Carlos, e da Infante donna Isabel sua fi-ı com o mesmo dom Carlos cousa em que avia uitos annos que trabalhava, e sobre que mandara o cenciado Pero de gouvea, aho Emperador Maximi-no, e a el Rei Phelippe seu filho pai deste Rei dom ırlos, no tempo que faziam guerra a dom Carlos rradeiro Duque de Geldres, sobelo qual negocio andara tambem Thome lopez dandrade que o entam rvia de feitor em Flandres, e o foi depois da casa India ao Emperador Maximiliano, que achou em ɔurg Cidade do Condado de Tirol, e mandou de-ɔis com o mesmo negocio ao dito Emperador, Pero ɔrrea, o qual neste tempo ainda andava naquellas ırtes de Flandres em sua embaixada, pelo Empe-dor entam ahi residir. Alvaro da costa teve isto ı tanto segredo que nunca se soube ao que hia, nam depois de ter acertado este casamento, o que z com tanta brevidade, que partindo pera Castella o mes de Octubro do anno passado de M. D. xvii.

onde foi recebido como Embaixador, negoceou tambem que no mes de Maio deste de M. D. xviii. o concluio em Saragoça, onde el Rei dom Carlos então estava, e se fez disso o contrato, de que as clausulas principaes sam as seguintes.

Que el Rei dom Carlos dava em casamento a el Rei dom Emanuel com a Infante donna Leanor sua irmãa duzentas mil dobras douro Castelhanas, e de renda cadanno dous contos de rèis em sua vida della. E el Rei dom Emanuel deu a Rainha sua molher em arras ha terça parte do docte, e quinze mil dobras Castelhanas douro cada anno, pera sua mantença, ate vagarem per falecimento da Rainha donna Leanor sua irmãa, as terras que possuia da coroa, e que ao filho baram mais velho que nacesse dantre ambos ficassem per falecimento del Rei oitocentas mil dobras douro Castelhanas, as quaes se lhe aviam de pagar quatro annos depois do falecimento del Rei, sendo elle de idade de dezaseis annos, e nam o sendo o aviam dalimentar ate ser da dita idade sem se rebater nada das ditas dobras, e que falecendo este filho mais velho, ficariam as ditas oitocentas mil dobras a outro irmam se o ouvesse, e que nam ficando do matrimonio filho baram, e avendo filhas se daria a mais velha ametade da dita somma de oitocentas mil dobras, e se lhe pagariam pela mesma maneira, e em caso que deste Matrimonio nam nacesse filho baram, e ouvesse filha, ou filhas ficariam a filha duzentas mil dobras Castelhanas do mesmo valor, o qual contrato fezerão Guilhelme de Crui, senhor de xeures, e o doctor mestre João sauvage chãçarel mor del Rei dom Carlos, e Alvaro da costa, e alem das quinze mil dobras Castelhanas que el Rei dava cadanno a Rainha donna Leanor sua molher pera despesa de sua casa, ouve por bem lhe

r do seu thesouro todolos vestidos que ella quisesse
ra uso de sua pessoa, sem isso entrar no contrato,
qual assentado, e confirmado dambalas partes, Al-
ro da Costa como procurador del Rei dom Ema-
el, e com titulo de embaixador recebeo a Rainha
seu nome, per causa do qual casamento se fezeram
r espaço de quinze dias muitas festas, e jogos em
ragoça, onde entam el Rei dom Carlos estava, o
thor principal que fez vir este casamento em effe-
, foi o sobredito Guilhelme de Crui senhor de
ures, que absolutamente governava el Rei dom Car-
, pelo qual serviço lhe mandou el Rei dom Ema-
el dar hum rico presente, e o mesmo fez a sua mo-
r que veo a este regno, com a Rainha, e a duas
rinhas do mesmo xeures que tambem vieram com
, huma casada com monsieur de Fienes no Con-
do de Flandres, e outra que depois casou com
nsieur Antonio Marques de Berges, no ducado de
abante, e o mesmo fez a monsieur de Treginy,
alleiro da ordem do Tosam que veo por mordomo
r da Rainha. Concluido o casamento a Rainha
tio de Saragoça, e per suas jornadas, com os se-
ores que a acompanhavão chegou a raia de Por-
al no mes de Novembro deste anno de Mil,
quinhentos e dezoito. Esta senhora donna Lea-
era tam chegada em parentesco a el Rei dom
anuel, que se nam poderam casar sem dispensa-
n do Papa, porque ella era filha del Rei dom
elippe, e neta do Emperador Maximiliano, filho do
perador Fedrique, e da Emperatriz donna Leanor
molher, filha del Rei dom Duarte, filho del Rei
m Ioam da boa memoria primeiro do nome, pela
l conta el Rei dom Emanuel caia em sobrinho a
a Emperatriz, porque era filho do Infante dom Fer-
ndo filho do mesmo Rei dom Duarte, e irmam del

Rei dom Afonso quinto; alem deste parentesco, tinhão outro, posto que mais remoto, porque este Emperador Maximiliano casou com madama Maria, filha do Duque Charlos de Borgonha, filho do Duque Phelipe dalcunha o bom, e de sua molher madama Isabel, filha do dito Rei dom Ioam da boa memoria, pelas quaes razoens o matrimonio se nam podia consumar, sem dispensação do Papa como se fez.

CAPITULO XXXIV

Do recebimento que se fez a Rainha em castello de vide per onde entrou em Portugal, e do que se mais passou ate chegar a villa Dalmeirim.

As novas deste casamento chegaram a el Rei estando em Lisboa, com que elle foi mui alegre, mas o Principe, e alguns senhores, e fidalgos do regno ho tomaram mal, o que el Rei entendendo mandou hum dia chamar os que se entam acharam na corte, e lhes fez huma falla em que deu razões de que todos ficarão satisfeitos, salvo o Principe, que nunca disso mostrou ter gosto, nem contentamento, ha qual falla acabada lhe forão todos beijar a mão, o Principe primeiro, e logo o Infante dom Afonso Cardeal, apos elle o Infante dom Luis, e dom Fernando, porque os Infantes dom Anrrique, e dom Duarte eram tão moços que nam foram presentes a este auto, apos os Infantes foi o Duque de Bragança dom Iaimes, e logo dom George filho bastardo del Rei dom Ioam segundo, mestre de Sanctiago, e de Avis, Duque de Coimbra, e dom Ioam seu filho Marques de Torres novas, e dom Fernando de meneses

rques de villa real, e ho Arcebispo de Lisboa dom
rtinho da costa, e o Bispo de Lamego, dom Fer-
ndo de vascogoncelos de meneses, e o do funchal
m Martinho do Portugal que despois foi Arcebispo
mesmo titulo, e primas das Indias orientaes, os
tros sem me lembrar da precedencia forão o Con-
de Vimioso, o de Penella, de Abrantes, de Tarou-
de villa nova, o Visconde de villa nova de cer-
ra, o baram Dalvito dom Diogo lobo veador da
enda, Antonio dazevedo Almirante do regno, dom
sco da gama almirante do mar da India, Ioam da
va regedor da casa da supplicaçam, dom Antonio
noronha, escrivam da puridade que despois foi
nde de linhares irmam de dom Fernando de me-
ses marques de Villa Real, e dom Diogo de noro-
a, e dom Anrrique de noronha seus irmãos, dom
varo de castro governador da casa do civel, dom
dro de castro veador da fazenda, dom Fernando
castro dalcunha magro, dom Antonio dalmeida
ntador mor, dom Nuno emanuel guarda mor del
i, dom Alvaro dabrantes mestre salla, George de
llo porteiro mor, Vasqueanes corte Real veador de
casa, Rui telez de meneses mordomo mor que
a da Rainha donna Maria, dom Duarte de meneses
pitão de Tanger, Pero correa, Ioã de mendonca,
m Antão capitão de Lisboa, dom Ioão mascarenhas
pitão dos ginetes, Simão de miranda devora cama-
ro mor, e guarda mor do Infante dom Anrrique,
m de saldanha veador que fora da casa da Rainha
nna Maria, Tristão da cunha, dom George deça, dom
dro de castelbranco, Ioão lopez de sequeira, dom Luis
tinho, Luis de brito, dom Garcia de noronha, dom
rtinho de noronha, Garcia de sousa chichorro, dom
elipe lobo, Christovão correa, Gabriel de brito, An-
nio carneiro secretairo, e do conselho del Rei, Fru-

ctos de Goes seu guarda roupa, e depois destes senhores, e fidalgos terem beijada ha mão a el Rei, lha baijamos Pero carvalho e eu, que andavamos ainda em pelote no paço, porque nesta casa senão permetio entrarem em pelote mais que nos ambos, o qual Pero carvalho foi depois guardaroupa del Rei dom João terceiro, e provedor mor das obras do regno, a porta tinha Gaspar gonçalvez de riba fria, porteiro da camara del Rei, que depois em tempo do mesmo Rei dom João terceiro veo a ser alcaide mor da villa de Sintra de juro. As novas deste casamento derão a el Rei no começo do mes de Julho dastâno M. D. xviii, e logo no mes Dagosto, por caso da peste que entam começou em Lisboa, se foi a Sintra com toda sua casa, e dahi a Collares, e a torres vedras, onde steve alguns dias ordenando cousas que comprião pera seu recebimento, o que acabado se foi pera almeirim, e deixando neste lugar os Infantes seus filhos, e filhas, se foi com o Principe ao Crato, pera ahi sperar a Rainha sua molher, a qual chegou a raia de Portugal aos xxiii do mes de novembro, acompanhada do Duque Dalva, do bispo de cordova, do Bispo de Plazença, do conde de monte agudo, do conde Dalva de lista, e do Almirante das Antilhas. Os senhores de Portugal que a foram receber a raia, foram o Duque de Bragança, dom Jaimes, o Arcebispo de Lisboa, dom Martinho da costa, o Bispo do porto, dom Rodrigo de mello Conde de Tentugal, que depois foi Marques de ferreira, dom Martinho Castelbranco, Conde de villa nova, todos em muito boa ordem, e por aposentador mor Diogo lopes de lima, e outros muitos fidalgos que el Rei pera isso escolheo. O lugar onde se todos ajuntaram, foi apar do ribeiro de Sever, que demarca estes dous regnos, ficando os Castelhanos de huma banda delle, e os Portugueses da outra, sem se

verem. Stando assi todos, sem aver outra mais
a, que muito stronde de trombetas, atabales, e
aramellas, de huma, e da outra parte o Conde de
la nova passou o ribeiro, e foi beijar a mão a Rai-
a, que estava entre o Duque Dalva, e o Bispo de
rdova, apos o Conde de villa nova foi o de Tentugal,
Bispo do Porto, e per derradeiro o Arcebispo de
boa, apos estes senhores seguio a gente nobre, o
e acabado ha Rainha passou o ribeiro, junto do
al ha stava o Duque de Bragança, sperando com sua
nte bem ordenada, porque elle levava dos de sua
a mais de trezentos de cavallo, e cem alabardeiros.
outra gente de cavallo, com a que levavão os Bis-
s, Condes, fidalgos, e cavalleiros, passava de dous
. Como a Rainha passou o ribeiro o Duque se de-
do cavallo fazendolhe sua devida reverencia, a
em o Duque Dalva perguntou se trazia precuraçam
Rei dom Emanuel pera receber ha Rainha donna
anor em seu nome, a qual lhe logo mostrou, e foi
a em alta voz, e dada ao Duque Dalva pera sua
arda, per cuja virtude tomou logo a Rainha pelo
o de huma cadea douro que trazia no braço, e a
regou ao Duque. O que feito se despediram huns
s outros, com a Rainha entrarão o Bispo de Cor-
va, e Monsieur de Tregeny, que vinham por em-
xadores, o Marques de villa Franca, com o prior
S. Joam, e o cõmendador mor dalcantara, filhos
Duque Dalva, o Conde de monte agudo que acom-
nharam a Rainha ate o Crato, donde se tornaram
i satisfeitos da boa companhia que lhes el Rei fez,
Bispo de Cordova, e senhor de Tregeny foram com a
inha ate Almeirim. Este dia que se despediram
ns dos outros veo ha Rainha dormir ao castello de
e, onde esteve hum dia, e ao seguinte se foi ao
ato, depois da Rainha ter ceado chegou el Rei as

nove horas da noite, o qual a Rainha veo receber n
peitoril da escada da sala, onde se fezerão suas corte
sias como dentre marido e molher, o que feito
Principe que vinha com el Rei quisera beijar a mão
Rainha, mas ella lha não quis dar, posto que o Prin
cipe nisso insistisse, apos o Principe lha beijou don
George, duque de Coimbra, Mestre de Sanctiago
e de Aviz, e porque a Rainha como dixe, ti
nha ja ceado ouve logo na mesma sala se
ram, nesta mesma noite os recebeo o Arcebispo d
Lisboa. Passados dous dias, em que ouve muitas fes
tas jogos, e danças, se despedirão os senhores d
Castella, e el Rei com a Rainha vieram dormir
ponte do Sor, e ao outro dia a Chamusca, no qua
lugar estiverão dous dias. Dalli se foi el Rei a Al
meirim, donde os Infantes dom Luis, dom Fernando
e dom Afonso Cardeal de Portugal a sairam a rece
ber huma legoa da villa, acompanhados dos Bispo
de Lamego, e Vizeu, Conde de Marialva, e da feira
com muita gente de cavallo, os Infantes em chegan
do a rainha se apearão, e foram para lhe beijar
mão, a qual ella não tão sómente lhes não quis dar
mas antes lhe fez muita cortesia e sobre todos a
Cardeal, por caso da dignidade, apos os quais lh
beijarão os Bispos, condes, e os mais que então po
derão chegar onde ella estava, que forão poucos pel
grande pressa que avia assi de gente, assi de pe com
de cavallo, deste lugar abalarão com trombetas, ata
bales, e charamellas sem cessarem ate Almeirim, ond
as Infantes, donna Isabel, e donna Beatriz, acompa
nhadas do Duque de Bragança, e dos Condes d
Portalegre, Tarouca, e do Vimioso stavão esperand
a Rainha ao pe da scada da sala velha, que saia a
terreiro, mas em a Rainha chegando vendo que fa
zião as Ifantes mosntra de quererem sair fora dos de

raos pera a irem receber, se lançou de huma faca
anca, muito fermosa em que vinha, com tanta pres-
que as foi tomar ainda nos degraos onde as Infan-
s lhe fezeram cortesia, com os geolhos ate o chão,
mandolhe a mão pera lha beijar, o que ella per
enhum modo quis consentir, mas antes as abraçou
alevantou com muito gasalhado, e cortesia, apos
infantes lhe foi beijar a mão donna Beatriz filha
Condestabre dom Afonso, já defunto, o qual ella
braçou, e lhe fez bom gasalhado, apos ella seguio
onna Irvira camareira mor que fora da Rainha don-
Maria, e o foi depois sua, e assi todallas damas
er sua ordem, que estavão mui bem ataviadas, e não
enos fermosas que as que vinham com a Rainha, pos-
que o fossem assaz. El Rei mesmo estava dizendo
Rainha os nomes de cada huma dellas, muito ale-
re, e risonho, o que acabado se forão todos a ca-
ella fazer oração, no qual dia por ser vespera do
postolo sancto André, ouve vesperas e depois de
a seram, e ao outro dia depois de acabada a Missa,
Rei recebeo a ordem do Tosam, que lhe el Rei de
astella dom Carlos seu cunhado mandou, em sinal
e amizade, com um colar douro das insignias da or-
em, que sam foziz encadeados, e hum verlo afeição
e pelle de carneiro com a cabeça, cornos, pes, e
ãos que pendem deste collar. Esta ordem fundou
om Phelipe Duque de Borgonha, o bom dalcunha
e que ja falei a imitação do verlo dourado de Ia-
om, e de suas perigrinações com preposito de pas-
ar ha terra sancta fazer guerra aos turcos, o que
ão fez por lho storvarem outros negocios, e achar
era isso pouca ajuda, e favor no Papa, Reis, e Prin-
pes christãos. Depois de el Rei ter tomado esta
rdem escreveu a Iam brandam, natural do Porto
Comendador da ordem de Christo, que o entam ser-

via em Flandres de feitor, que mandasse fazer perá Capella desta ordem do Tosão hum Pontifical de panno rico douro com seus sabastros borlados, em que se posessem as armas, e insignias deste regno, o qual se fez pelos melhores officiaes de toda aquella provincia, e estando eu em Flandres no anno de M.D.xxiiii se apresentou na Capella do Tosam, que esta na Egreja do Sablon na villa de Brucellas, o qual he o mais rico, e melhor obrado de quantos eu tenho visto, excepto o que el Rei mandou ao Papa Leão, per Tristam da cunha. Esteve el Rei em Almeirim com toda sua corte, em grandes festas, de touros, canas, serões, e outros passa tempos ate o começo do verão em que se foi pera Èvora.

FIM DO NONO VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXVIII)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. X

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1911

DP
604
G6
1909a
v.10

CAPITULO XXXV

Do que se passou em Malaca todo o tempo que dom Aleixo ahi esteve, e depois que partiu perá India até fim deste anno de mil, e quinhentos e dezoito.

POSTO que dom Aleixo de meneses estevesse em Malaca, e Fernam perez dandrade, com a armada que trouxe da China, nem por isso deiava el Rei de Bintão de proceder na guerra, de ue a cidade recebia muito danno, e os Portugueses fronta, pelo que ordenou dom Aleixo por quanto evava regimento de Lopo soares que todo o tempo ue ali estevesse não saisse da fortaleza a pelejar, que fezesse Afonso lopez da costa capitão della debaixo e cuja bandeira forão Duarte de mello capitam do ar, dom Tristão de meneses, dom Rodrigo da sylva, dom Emanuel seu irmão, Alvaro de sousa, Franisco pereira, Duarte furtado, George botelho, Emauel falcam, Antonio lobo falcam, Diogo pachequo, ero de faria, Symã dalcaçova, George mascarenhas, outros Capitães, cada um em sua galeota, bateis e utros navios da terra, em que hião mais de trezenos soldados Portuguezes, e tres mil Malaios, de que rão capitães o Bandara, e o Lascar, os quaes todos hegarão a tiro de bombarda da fortaleza que este Rei tinha feita em Muar, mas por a mare ser vazia ão poderão passar adiante, pelo que esperando a enchente se poseram as bombardadas, ao que lhe os migos responderam tambem que mataram al-

guns dos nossos, assi Malaios, como Portugueses, entre os quaes foi alvaro de sousa cunhado Dafonso lopez da Costa, contudo elles ouverão de passar adiante como ho tinham determinado senão se desmanchara per palavras que ouverão Afonso lopez da costa e George mascarenhas, por serem de calidade que foi necessario tornaremsse todos para a cidade, sem fazerem nada do a que hião. El Rei de Bitam sem saber o danno que os nossos receberão, porque dos seus lhe matarão muitos neste jogo de bombardadas, vendo que de rosto a rosto tinha o negocio mal parado, determinou de o fazer per engano, para o effecto do que mandou pedir paz a dom Aleixo, que lhe elle concedeo de boa vontade, por em Malaca aver falta de mantimentos, a qual assentada, e descuidados os Portuguezes e assim os da terra da treição que el Rei de bintão ordenava, comunicavão com os seus como com amigos, em tanto que vinhão a cidade, e os mais conhecidos a fortaleza, onde lhes fazião bom gasalhado. Stando isto deste modo el Rei de bintão fez prestes setenta lancharas bem artilhadas, e concertadas, e mandou que se fossem de noite aa ilha das naos, e per terra mandou mais de dous mil soldados para darem na fortaleza, e o mesmo á mesma ora fezeram as lancharas na ilha, onde matarão alguns dos nossos, que descuidados de tamanha treição estavam dormindo, e poserão fogo a algumas naos, e navios que ahi estavão, que fez pouco danno por estarem molhados dagoa que chovera aquella noite, este negocio senão pode tratar com tanto silencio, que a grita dos que matarão, e ferirão, e doutros que fogiram, não fosse ouvida na cidade, ao que dom Aleixo mandou acodir por alguns dos capitães, que por ser mare vazia nam poderam chegar a ilha, mas de-

ois que creceo, e os imigos viram que não podiam
azer mais do qne tinham feito se recolheram, o que
s nossos vendo se foram perà cidade ja a oras de
neio dia e com quanto viessem tarde, chegarão a
empo, porque os que el Rei de Bintam mandara,
er terra, com outros que avia na cidade que eram
esta conjuraçam, deram de madrugada na fortale-
a com tanto impeto, que a poseram em aper-
o, os quaes em vendo os nossos, que tornavam
la ilha das naos, começaram da floxar, recolhen-
losse poucos ha poucos pera o lugar donde vie-
am, contra os quaes sairam logo os mais dos Por-
ugueses que estavam na fortaleza, que juntos come-
arão de tratar os imigos de calidade, que tomaram
or partido deixarem o campo, ficando delles muitos
nortos, e captivos, sem lhes valer o socorro que nes-
a peleja (depois dandarem travados) lhe el Rei de
Bintam mandara de gente e Elephantes, mas posto
que desta vez fossem desbaratados, nem por isso de-
estio el Rei de mandar commeter sete dias continuos
fortaleza, nos quaes todos os Portugueses se defen-
leram mui esforçadamente, saindo tão a meude fora
lella a dar rebate aos imigos ate que teveram por
nelhor partido deixar o cerco que proceder nelle, do
ue mais indignado el Rei de Bintam nam cessava
e proceder na guerra per mar, com que tinha posta
cidade em tanta carestia de mantimentos, que co-
neçava alguma gente de morrer a fome, o que ven-
lo dom Aleixo determinou de lhe mandar tomar esta
ortaleza, ou tranqueira de Muar, porque fazendoo,
inha por certo, que desistiria por aquella vez da
uerra, e se iria pera Bintam, aos quaes pensamentos
ne acodio Deos per modo bem desviado do que po-
era cuidar, o qual Senhor Deos parece que inspirou

neste tempo em hum Iao, homem nobre, e rico, que se fosse viver a Malaca, o que pos em obra trazendo consigo tres jungos carregados de muita fazenda sua, escravos casados, e solteiros, este Iao em chegando a costa de Malaca, foi tomado, e levado a el Rei de Bintam, ao lugar de Pago, o qual fez tanto com elle, que se foi pera aquella villa com sua molher, e casa com a qual por ser muito fermosa el Rei veo a ter conversaçam, pelo que para mais a sua vontade cumprir seus desejos encarregava este Iao nos negocios desta guerra dandolhe a capitania dalgumas lancharas, com que tratava mal os nossos, porque era mui esforçado cavalleiro, finalmente que por suspeita que elle teve dos amores de sua molher com el Rei de Bintam, ou per qualquer outro desgosto, elle se veo lançar na nossa fortaleza, e per sua industria a tranqueira de Muar foi tomada, com cento, e vinte Portugueses, e alguns Malaios que dom Aleixo a isso mandou per mar, e per terra, no qual negocio o mesmo Iao foi morto de hum tiro dartelharia dos imigos, e muitos dos da terra nossos amigos, e alguns Portugueses, e a Emanuel falcão, que era capitão da gente que hia per terra, quebraram huma perna, com hum tiro de bombarda de que logo caio como morto, em cujo lugar elegeram Diogo pacheco, no qual feito se acharam Emanuel pacheco, irmam de Diogo pacheco, Antonio lobo falcam, Diogo brandão do porto, e Ioam fernandez escrivam da nao de dom Aleixo, e Iam guedez ambos de Santarem. Na tranqueira se acharam mais de setenta tiros dartelharia, e muitas armas, e outras monições de guerra, o que tudo se levou a nossa fortaleza. Isto assi acabado, dom Aleixo despachou dom Tristão de meneses pera as ilhas de Maluco, como o trazia per regimento de Lopo soa-

, e elle se partio perá India no começo de Dezem-
) de mil e quinhentos, e dezoito, com quem se foi
mor parte da gente que estava em Malaca, por
onso lopez da costa ser homem forte de condiçam,
estarem escandalizados muitos homens nobres, e
nrrados delle. Partido dom Aleixo, el Rei de Bin-
n começou de novo a guerra, e teve a fortaleza
cada por espaço de xvii dias, com mais de tres
l homens, e per mar mandou muitas lancharas,
e no porto poseram fogo ha duas naos de merca-
res nossos amigos, e a huma nossa gale que alli es-
a desenxerceada, ao que acodindo os nossos, se
s fogo per desastre a polvora na lanchara de Ga-
el gago, de que ardeo toda supitamente, e todo-
que hião nella se foram ao fundo por andarem
nados, e a Diogo mendez Capitão doutra lanchara
aram a cabeça com huma bombardada, com tudo
ogo que andave nas naos, e gale foi apagado, pelo
e os que estavão sobre a fortaleza vendo a grande
istencia que lhe os nossos faziam, e quão mal os
tavam com ha artelharia, e a ferro todalas vezes
e sahião fora, e que o Bandara, e o Lascar com
ita gente da cidade lhes fazião tambem muito
nno alevantarão ho cerco, e se forão pera onde el
i de Bintão estava que por então desistio desta
erra na qual morreram dezoito Portugueses em
e entraram os dous capitães nomeados, e dos imi-
s segundo se soube no mar, e na terra, morreram
is de quatrocentos, e foram captivos muitos, entre
quaes entrou hum filho de hum senhor do regno
Siam, pelo resgate do qual seu pai mandou a
onso lopez da costa hum grande jungo carregado
mantimentos, de que por então avia em Malaca
uita necessidade.

CAPITULO XXXVI.

Em que se trata da armada que este anno foi a India

O Intento del Rei dom Emanuel foi sempr buscar modos porque podesse tolher ac mouros a navegação do mar da Arabia pér India, e tomar Iuda, e destroilla, e assi de fazer hu ma fortaleza em Dio, pelo qual respeito mandou, es te anno de mil quinhentos, e dezanove, dezaseis nac a India, em que hia muita, e boa gente Portuguesa os mais delles, homens nobres e bons soldados, des tas naos que partiram em Abril deu a capitania George dalbuquerque, a quem tambem fez merce d capitania de Malaca, na vagante de Afonso lopez d costa, os outros capitães eram dom Diogo de lym Lopo de brito, que hia provido da capitania de Ze land, Emanuel de sousa, Pero da sylva, Diogo fer nandez de Beja que levava a capitania da fortalez que el Rei mandara fazer em Dio, Christovam d mendonça, Francisco da cunha, dom Luis de Gu mam Castelhano, casado nestes regnos que levav hum fermoso galeão, o melhor artilhado de quanta naos avia nesta frota, Ioão roiz dalmada, Garci chainho, que hia provido da feitoria de Malaca, Gor çalo rois correa, o Doctor Pero nunez que hia pc veador da fazenda da India, issento do governado Raphael cathanho, Raphael perestrello, e Diogo ca vo, natural Dalanquer, capitão de huma nao de dor Nuno emanuel, que avião de ir todos tres a Chin destas naos a de dom Diogo de lima, arribou a Lisbo a tempo que nam pode seguir viagem, e dom Luis d

mão se alevantou com o galeão, fazendosse cos-
o, no qual trato fez muitas cousa indignas de
nem nobre, que por serem tais não digo, reme-
do o lector ao que disso contam Iam de barros,
Fernam lopez de castanheda nas suas historias da
ia. O galeam de Emanuel de sousa nam foi a
ia, porque a elle o matarão mouros, com mais de
renta Portugueses no porto de Mançua, indo pa-
Melinde buscar mantimentos, e outras cousas de
tinha necessidade, e o galeão depois delle morto
ter a huma ilha que está a par de Quiloa, onde
a costa, e os mouros nam contentes de roubarem
que nelle hia mataram todolos Portugueses, sem
em vida a nenhum delles, salvo a hum moço que
sobrinho do mestre que el Rei de Zamzibar re-
neo. George dalbuquerque invernou em Moçam-
ue com nove naos, porque as quatro de que eram
itães Lopo de brito, Pero da sylva, Ioam rois
nada, e Francisco da cunha passaram a India, e
o ter a Cochim a tempo que se andava Diogo
ez de sequeira fazendo prestes pera ir ao mar
abia, pelo q e por ter necessidade de gente, e
alha, parecendolhe que George dalbuquerque in-
naria com as naos em Moçambique lhe despachou
o Gonçalo de loule em hum navio per quem lhe
ndava dizer que o fosse buscar ate o porto de ju-
pera onde estava de caminho. Esta armada em
Diogo lopez foi ao mar Darabia se acabou de
rceber muitos dias antes que partisse, e porque
iquiaz senhor de dio dissimuladamente mandava
s fustas fazer todo o mal que podessem aos Por-
ueses, e a seus amigos, determinando Diogo lopez
acodir a isso mandou Christovam de Sa com tres
s de que elle era capitão de huma, e das outras

dom George de meneses, e George barreto de bej
o qual depois que fez algumas presas na costa de Car
baia, se tornou a Goa no mes de Ianeiro como lhe Diog
lopez mandara; e apos elle chegou Antonio de saldanh
que elle despachara pera o cabo de guardam, onde tar
bem fez mui boas presas; neste tempo em que estes cap
tães andavam darmada se foi Diogo lopez de sequeira
Coulam, onde steve tres meses dando ordem a alg
mas coisas que comprião a serviço del Rei, no qu
tempo se acabou a mor parte da fortaleza, e por se ch
gar o tempo da viagem que avia de fazer, se torn
a Goa, onde depois de ter ido a Cochim, e torna
ajuntou toda a armada, com que partiu o anno s
guinte de M. D. xx. como se em seu lugar dirá.

CAPITULO XXXVII.

De como Fernam de magalhaens deu a entender a Rei dom Carlos que as ilhas de Maluco, e ban caiam na sua demarcação, e que iria a ellas se tocar nos limites da navegaçam de Portugal.

FErnam de Magalhães, de quem já nesta Chroni fiz mençam, foi homem de boa casta, e que a dou nos livros dos moradores da casa del F dom Emanuel em bom foro e o servio nas part Dafrica: e na India, onde se achou com Afonso d buquerque na tomada de Malaca, dando sempre sim a conta que soem dar os homens que a tem co a honrra, ao qual parecendo que pelos serviços q tinha feito, merecia a el Rei acrecentamento sua moradia, que he a merce que hos Port ougzes neste tempo mais estimão de seu Rei p

ficar como por herança pera seus filhos, e
endentes, trabalhou muito no requerimento desta
ıdia, pedindo a el Rei que lhe acrecentasse mais
ntos reaes por mes, que he meo cruzado douro, o
cruzado val agora quatrocentos reaes brancos
seis septis no real, ao que el Rei saio com hum
ım por mes, do que se não contentando, e co-
cendo em el Rei que desgostava delle por este
eito, e por alguns reportes que lhe delle fezeram
tempo que o estevera servindo em Azamor, se
aturou do regno tomando disso stromentos pa-
os, e se foi a Castella servir el Rei dom Carlos, a
n deu a entender que as ilhas de Malúquo, e
la estavam nos limites das demarcações feitas
e el Rei dom Fernando, e a Rainha donna Isabel
de Castella, e el Rei dom Icão de Portugal, se-
do do nome, e para mais confirmar isto levou
igo hum Rui faleiro Portugues, homem que fa-
profisão de Astrologo, e Mathematico, estes am-
forão ter a Saragoça no anno de mil, quinhentos
ezoito, os quaes el Rei dom Carlos, com seu
elho ouviu muitas vezes, e a Fernam de Maga-
s, mais por fallar melhor nas coisas do mar que
faleiro, ao que acodindo Alvaro da costa, que la
ıva sobelo negocio do casamento da Infante don-
Leanor, de que ja tratei, falou sobrisso a el Rei
Carlos, trazendolhe a memoria as alianças, e
ntesco delle com os Reis de Portugal, e sobre
o do casamento da Infante sua irmã com el Rei
Emanuel, e outras razões que moveram el Rei a
er desistir desta empresa, mas os do seu conse-
lho contrariaram, e sobre todos o Bispo de
gos que qua veo com a Rainha, pelo que el Rei
pode al fazer senam comprir com o que tinha

prometido a Fernam de magalhães e a Rui faleiro q
era darlhes embarcação pera fazerem esta viagem, c
que logo Alvaro da costa avisou el Rei per suas carta
que sobrisso teve conselho em Sintra onde entam e
tava, no qual foram dom Iaimes Duque de Braganç
dom Ioam de meneses Conde de Tarouqua, Pri
do Crato, e mordomo mor del Rei, e dom Fernan
de Vascogoncellos de menéses Bispo de Lame
capellam mor del Rei, que depois foi Arcebis
de Lisboa, em que o parecer del Rei, do Duq
e do Conde foi que nam mandassem chamar Fe
nam de Magalhães, por não dar ocasiam de outr
fazerem o mesmo, mas o Bispo dixe que seu parec
era, que o mandasse el Rei chamar, e lhe fezesse merc
ou o mandasse matar, porque o negocio que começa
era muito perjudicial ao regno, e seria ainda causa
muitos males, e damnos, com tudo a resoluçam foi q
não fezessem. Sobre este negocio falou Alvaro
costa em Saragoça muitas vezes a Fernam de Mag
lhães, e achando nelle vontade de se tornar pera
regno, escreveo huma carta a el Rei que eu vi, q
ho devia de recolher por ser homem de grandes s
ritos, e muito pratico nas cousas do mar, que do b
charel Rui faleiro não fezesse conta, porque anda
quasi fora de seu siso, mas nem isto aproveitou pe
se não effectuar hum tamanho serviço a Cor
destes regnos, de que se tantos desgostos, e gast
depois seguiram, e tanta fama ao mesmo Fernam
magalhães, que todo o mar da banda do Sul, e
estreito que descobrio, per onde la passou, se ch
mam do seu sobre nome, e chamarão ate fim
mundo. Assi que procedendo Fernão de magalhã
e o faleiro neste negocio se vieram a contractar co

Rei dom Carlos, sobela viagem que aviam de fa-
, de que os pontos principaes sam os seguintes.
Primeirameute que Fernam de magalhães cavallei-
Portugues, e o bacharel Rui faleiro, outro sim
rtugues podessem navegar pelo mar Oceano, den-
dos lemites, e demarcações de Castella, pera o
e lhe el Rei dom Carlos dava poder, e licença.
Porque nam seria rezam que descobrindo elles
as, e terras se lhes atravesassem outros a fazer o
smo que era sua merce de por tempo de dez an-
nam dar licença a pessoa nenhuma pera ir des-
rir pelo caminho, e derrota que elles fezessem,
ervando que seus capitães que tinha nas provin-
s do mar do Sul podessem ir buscar o estreito da-
elles mares dandolhes elles para isso licença, e
querendo os ditos Fernam de magalhães, e Rui
eiro ir descobrir tambem pera quella parte o que
da nam era descuberto, que lhes dava pera isso
nça, os quaes descobrimentos farião, com tanto
nam descobrissem nem fezessem cousa nenhuma
determinações, e limites del Rei de Portugal, seu
to amado tio, e irmam nem em seu perjuizo, sal-
dentro dos lemites da demarcação de Castella.
Que de todalas terras, e ilhas que descobrissem
atidas as despesas que sobrisso fezessem lhes fa-
merce da vintena, assi das rendas, como dos di-
os, e outra qualquer cousa com titulo de adianta-
, e regedores das ilhas, e terras que descobrissem
a elles, e pera seus filhos erdeiros de juro pera
pre ficando o senhorio supremo pera el Rei, e
a seus descendentes.
Que depois de tornarem desta primeira viagem
s fazia merce de levarem, ou mandarem levar
a anno as ilhas, e terras que descobrissem mil

cruzados empregados a sua custa delles, nas merca dorias que lhes aprouvesse, e trouxessem della o re torno que quisessem sem disso pagarem mais que vintena.

Que descobrindo mais de seis ilhas, que el Rei es colheria para sim as seis, e elles duas das quaes lh fazia merce da quinzena parte de todalas rendas, direitos Reaes que coubessem a Coroa de Castella, isto rebatidos os custos.

Que lhes fazia merce dos quintos de todo o qu trouxessem nesta primeira armada rebatidas as des pesas.

Que se qnalquer delles morresse andando neste descobrimentos, que fazia merce por inteiro de tod o sobredito, e pela mesma maneira ao que ficass vivo tam compridamente, como se ambos andasser nos taes descobrimentos, e deixando regimento, instruçoens aos que com elles fossem, per onde de cobrissem as Ilhas, e terras que elles hiam busca que em tal caso fazia todalas merces, contheudas ne te contracto, a seus erdeiros, e subcessores.

Que pera fazerem esta viagem prazia a el Rei lh armar cinco naos a sua propria custa, e poria nella os capitães, e outros officiaes, pera terem conta co a fazenda que nella mandava, os quaes em tudo que comprisse a bem de justiça, e a seu serviço lh obedeceriam sobpena de estarem a sua merce, com levavão per regimento.

Este contracto, de que aqui pus o mais substancia se fez entre a Rainha donna Joanna, e el Rei dom Ca los seu filho Reis de castella, e Fernam de mag lhães, e o bacharel Rui faleiro na villa de Valledoli aos xxii dias do mes de Março, do anno do Senh de M. D. xviii. assinado por el Rei, e scripto pelo s

cretario Francisco dos covos, o qual contrato feito el Rei dom Carlos se foi ao regno Daragam, e em Barçalona deu regimento a Fernam de magalhães, e ao bacharel Ruy faleiro, do que aviam de fazer nesta viagem feito aos oito dias do mes de Março do anno M. D. xix. com que se foram a Sevilha, donde Fernam de magalhães, (por o bacharel Rui faleiro não querer proseguir nests viagem) partio aos dez dias Dagosto do mesmo anno com cinco naos que lhe el Rei mandou aparelhar para esta viagem, de que era capitão geral com alçada de poer, e tirar Capitães, e officiaes como lhe parecesse ser serviço del Rei, e de executar justiça civil, e crime em todolos que hiam na frota de qualquer calidade que fossem. Fazendo Fernão de magalhães sua derrota, foi ter a terra de sancta Cruz, ou do Brasil, onde navegando contra o posto do Sul foi embocar hum estreito aos xxi dias do mes de Septembro, do anno de mil, quinhentos e vinte, que até aquelle tempo nam fora descoberto, que terá de mar a mar, segundo dizem cem legoas de comprido, no qual andaram até os xvii dias do mes Doctubro em que passaram a outra banda do mar, no qual caminho lhes aconteceram vareos casos, como o screvem os que foram nesta viagem, que aqui nam ponho por pertencerem mais as historias de Castella, que ha esta nossa, entre os ques foi matarem, na Ilha de Matam (que he junto da de Zubu) os da terra, Fernam de magalhães, e chegarem das cinco naos que partirão de Sevilha sos duas a ilha de Tidore, que he huma das de Maluco a os oito dias de Novembro de mil e quinhentos e vinte, e hum, donde uma destas naos partio depois de ter seu resgate a troco de cravo, aos xxi de Dezembro, a qual fazendo seu caminho pelo de cabo de boa

Sperança chegou a Sevilha aos viii dias do mes d
Septembro do anno de mil e quinhentos e vinte,
dous, a outra nao por fazer agoa ficou na ilha, do
de depois de tomar sua carega partio aos seis di
dabril, do anno do M. D. xxii. com proposito de
tomar a terra firme do Dariem, que he huma das pr
vincias que os Castelhanos tem descobertas da banc
do mar do Sul e navegaram até se porem em core
ta, e dous graos do pollo artico, ou do norte, segu
do se elles demarcaram, e por lhes faltarem mant
mentos, e a gente lhes morrer de frio arribaram
ilhas de Maluco donde antes partiram, e vieram su
gir entre as ilhas de Doy, e Bathechina, no qual l
gar estando sobre ancora, ahi souberão de huns p
raos del Rei de Geilolle que passaram per apar de
les que na Ilha de Ternate estavam Portuguezes f
zendo huma fortaleza, pelo que despacharam logo
escrivão da nao alhes pedir que como aproxim
Christãos os quisesse acorrer, que na nao não av
gente para a marear, por os mais serem mortos,
os outros doentes, ao que logo Antonio de bri
que chegara as ilhas de maluco depois desta nao p
tir, como se ao diante dira, e era capitam da for
leza que se fazia, mandou dom Garcia anrriques e
hum navio, e Gaspar gallo em huma fusta, e Dua
de resende em hum bargantim, com alguns para
que os acharam cincoenta legoas da ilha de Terna
onde os levaram, e lhes foi feito muito bom gasall
do, dos quaes alguns forão ter a India, e dahi
Portugal, porque a sua nao depois de mea descar
gada com tormenta deu a costa na mesma ilha
Ternate, a qual elles chegaram aos xxvi, dias de
nho, tendo navegadas, pela conta que faziam mil
quinhentas legoas, do dia que partirão da ilha

idore ate tornarem a Ternate. E porque das demar-
ações dentre Portugal, e Castella dos termos que a
ada hum destes regnos cabe no que he descuberto,
esta por descobrir escreveram algumas pessoas
um em favor de hum regno, e outros do outro,
am direi aqui nada do que elles tratam em suas al-
ıras remetendome ao que se nisso achar na verdade,
ıtre os quaes hum delles he Ioão de Barros feitor da
asa da India, e Mina, que na segunda Decada da sua
istoria de Asia no livro quinto, Capit. viii. (onde
alla nestes negocios de Fernam de magalhaens, e do
asamento da Infante donna Leanor com el Rei dom
manuel) diz que todas estas cousas escreve elle
articularmente na Chronica do mesmo Rei dom E-
ıanoel, o que tambem deixa ja dito atras na mesma
istoria de Asia, pelo que he necessario que screva
u aqui o que sobreste nogocio passa, pois me a mim
oube o trabalho, e os Aneis de pedras preciosas a
ui de pina, que lhe Afonso dalbuquerque mandava
era escrever com melhor vontade os memoraveis
eitos que elle fez na India, como o mesmo Ioam de
arros o diz nesta sua Historia de Asia. Este Rui de
ina foi nestes regnos guarda mor da torre do Tom-
o, e Chronista, o qual começou a chronica del Rei
om Emanuel, em que continuou ate a tomada Dazo-
ıor, e morte de dom Ioam de meneses que foi no anno
e M. D. xiiii. sem fazer mençam de muitas cousas,
ue passarão na India e em outras partes ate este
empo, entre as quaes foi a tomada de Goa, e isto
ue screveo, não deixou tambem ordenado, e con-
ertado como a huma tal Chronica requeria, alem da
brigaçam que tinha a el Rei dom Emanuel, pelas
nuitas, e grandes merces, que delle recebeo despois
o falecimento do qual Rei elle viveo muitos annos.

Em fim que morto Rui de pina el Rei dom Ioam t
ceiro do nome filho del Rei dom Emanuel deu
officio de guarda mor, e Chronista a Fernam de
na seu filho, o qual teve o que seu pai compos
nesta Chronica per muitos annos em seu poder, s
nella screver cousa nenhuma, nem concertar n
do que seu pai deixara imperfecto, de maneira
sendo elle privado de seus officios, per algumas
pas, que lhe poseram, el Rei dom Ioam mandou
tregar este começo de lembranças desta Chronica
Rei seu pai a Antonio pinheiro, que agora he Bi
de Miranda, pera que lhe fezesse de novo, do
se excusou ou por ser mais inclinado a outros es
dos, ou por ter o trabalho por grande, o que ver
o mesmo senhor Rei dom Ioam, a deu a Ioam
Barros feitor da casa da India, e Mina, encomend
dolhe muito a tal obra, o que elle tomou a car
mas avendo ja cinco ou seis annos que a tinha
casa sem lhe poer a mão, por lhe não responder
com as merces que hum tamanho serviço mere
veo el Rei dom Ioão a falecer, depois do falecime
do qual tomou o infante dom Anrrique Cardeal
Portugal, tal qual a elle recebera, e ma entrego
mim, encommendandome muito que de novo fez
esta Chronica del Rei seu pai, o que eu temei a
go, e acabei com tanto trabalho quanto Deos s
e a historia e processo della o de sim estão n
trando.

CAPITULO XXXVIII

que o auctor declara quaes foram os escriptores, e composeram as chronicas dos Reis destes re-os.

ois ja tenho dito a quem coube o trabalho des-ta Chronica del Rei dom Emanuel razam he que declare o que passa acerca das dos ou-Reis destes regnos, o que nam alcancei tam fa-ente que me não pareça serem-me-os que levam de ler taes livros em muita obrigaçam por dar a entender neste breve discurso, o que elles ventura nam poderem alcançar senão com mui-nnos destudo. Mas passando por esta obrigação çarei de tratar da que todos temos a Fernam Chronista destes regnos, e guarda mor da Tor-o Tombo, escrivão da puridade que foi do In-dom Fernando que morreo captivo em Fez, o Gomezeanes de zurara (que tambem foi Cro-, e guarda mor da mesma torre) na Chronica fez da tomada de Septa no capitulo iii, diz compos per mandado del Rei dom Duarte sen-nfante, a Chronica do dito Rei dom Ioam seu com que não pode chegar que ate a to-de Septa, e mais adiante diz no mesmo ulo que nam chegou mais com ella senão tempo que os embaixadores destes regnos fo-a Castella primeiramente firmar pazes com el dom Fernando Daragam, e com a Rainha donna erina, que aquelle tempo erão tutores del Rei loam, e pois isto assi he, quem bem entender o

estilo da chronica del Rei dom Ioam primeiro facilmente conhecera que he o mesmo o das chronicas dos Reis dom Pedro, e dom Fernando seu filho, das quaes tres chronicas tratarei alguns lugares de que se verá mui claramente que compos Fernão lopez todalas do regno começando do Conde dom Henrique, ate el Rei dom Duarte, o qual Fernam lopez no prologo da del Rei dom Pedro diz assi. Por seguirmos inteiramente a ordem de nosso razoado no primeiro prologo tangido &c. Esta ordem que Fernam lopez tinha era descrever nos principios das chronicas que compos, os costumes, e ordem da vida dos Reis de que tratava, e parece que este prologo de que aqui faz menção era geral em todas as Chronicas, como o he de sam Hieronymo a Paulino sobre todolos livros do Testamento velho, e novo. E no capitulo primeiro da mesma Chronica diz Fernam lopez assi. Morto el Rei dom Afonso, como aveis ouvido, regnou o Infante dom Pedro seu filho, e porque dos filhos que ouve ja compridamente avemos fallado, nam compre aqui razoar outra vez. Deste lugar se ve bem que fez Fernam lopez a Chronica del Rei dom Afonso quarto, e no fim do mesmo capitulo onde fala de dom Ioam mestre Davis, que depois foi Rei, diz que elle mesmo fez a sua Chronica, e Gomezeanes de zurara diz no terceiro capitulo da Chronica de Septa, que despendeu o dito Fernam lopez muito tempo em andar por Mosteiros, e egrejas buscando os cartoreos, e os letreiros dellas pera aver sua informaçam, e diz como ja apontei que se fez esta deligencia neste regno por mandado del Rei dom Duarte sendo ainda Infante, e que o mesmo Rei dom Duarte mandou buscar a Castella muitas escripturas, que a isto pertenciam, por quanto seu desejo não era que os feitos de seu

ae fossem escriptos senam mui verdadeiramente. em se pode crer que pera negocio tam moderno, e ue se escreveu em tempo em que ainda viviam muitos os que serviram a el Rei dom Ioam primeiro, na uerra, e na paz, nam avia muita necessidade de se erem todolos cartoreos do regno, nem de mandar zer a mesma deligencia a Castella, se nam fora pe- se tambem apurarem, e acabarem na verdade as hronicas dos outros Reis atras, de que a noticia a mais remota. Essa segunda diligencia diz Gome- anes que mandou fazer el Rei dom Duarte, e o no- eia por Rei, e na que se fez no regno, quando en- ommendou a Chronica del Rei seu pai a Fernam pez, o momea por Infante, de maneira que ellas se zeram em diversos tempos. Mas como quer que seja razam demonstra que nam avia necessidade de tan- diligencia senão fora para se tambem dellas cole- r o que compria a todalas outras Chronicas do re- no, que per ventura até entam não estariam bem denadas. E no capitulo segundo da mesma Chroni- del Rei dom Pedro declara Fernam lopez, que elle esmo fez á Chronica del Rei dom Afonso quarto, nde acrecenta as palavras seguintes, dizendo, como em guns logares deste livro se faz mençam, o qual livro omo se ve no contexto da materia, entende por toda- s Chronicas do regno. E no Capitulo quarenta, e hum a mesma Chronica quando el Rei dom Pedro armou valleiro dom Ioam seu filho natural, mestre Davis diz ue lhe lançou a bençam, e que foi nelle bem comprida, omo ao diante dira, que foi na mesma Chronica da qual prova deste lugar, que foi elle o author. E na Chro- ica del Rei dom Fernando Capitulo trinta e nove diz ssi, avia em Elvas hum escudeiro mancebo, chamado er nome Gil Fernandez, filho de Fernão gil, neto de

Lourenço gil, prior que fora de Sancta Catherina do dito logar, o qual foi homem de bom esforço, e pera muito segundo dixemos na historia del Rei dom Afonso quarto. Claro se mostra deste lugar que fez Fernão lopez esta Choonica del Rei dom Afonso quarto. E no Capitulo lxxiii, diz o seguinte, de Rui pirez de ferreira, e de Tareia pirez de cambar nasceo o bom cavalleiro Fernam roiz pacheco, que teve o castello de Celorico, quando ho conde de Bolonha veo por regedor deste regno, segundo o contamos em seu lugar. Manifestamente se ve deste passo que fez Fernam lopez a Chronica del Rei dom Sancho capelo, e pois fez esta, tambem faria a del Rei dom Afonso conde de bolonha, e a del Rei dom Dinis seu filho, pai del Rei dom Afonso quarto, porque bem se deve crer que pois elle mesmo diz que fez as Chronicas del Rei dom Sancho capelo, del Rei dom Afonso quarto que estoutras duas que ficam no meo destas, lhe nam ficariam por fazer, e no Capitulo cento vinte, e dous da mesma Chronica diz desta maneira. Este Conde Nunalvarez era filho do prior dom Alvaro pereira, de cuja geraçam, e obras mais adiante entendemos tratar, quando nos convier escrever os grandes, e altos feitos do Mestre Davis, que depois foi Rei de Portugal. Pouco ha que disputar em se ter por certo ser Fernam lopez o que fez esta Chronica, alem de o dizer Gomezeanes de Zurara como fica apontado. E na fim do Capitulo cento, e cincoenta e oito da mesma Chronica del Rei dom Fernando se confirma o mesmo, onde diz que quando o Conde dom Afonso tornou do captiveiro de Castella, crecendo a ma fama da Rainha sua irmãa com o Conde Andeiro, determinava de o matar, segundo promete de o escrever quando falar da morte do Conde,

o ho fez no começo da Chronica del Rei dom
ı primeiro, e na primeira parte da Chronica do
mo Rei dom Ioam Capitulo lviii falando Fernam
z dos que ajudaram a ganhar o regno a este ma-
nimo Rei diz assi. Deguisa que como no começo
a obra nomeamos alguns fidalgos que ao Conde
ı Henrique ajudaram ganhar a terra aos mouros,
n neste segundo volumem diremos huns poucos
que ao Mestre foram companheiros em defender
egno de seus imigos. Deste lugar se ve tam claro
o o sol, ter Fernam lopez feito a Chronica do
de dom Henrrique, de que ahi não a memoria e
os Reis, até el Rei dom Ioam primeiro, as quaes
ıs chama primeiro volume, porque assi como em
ımas dellas trata de como se ganhou a terra aos
ıros, assi nesta que poem por segundo volume
a como el Rei dom Ioam ganhou o mesmo Reino
tra o poder dos Castelhanos, e Portugueses que
n contrelle, e no Prologo da segunda parte desta
onica diz as palavras seguintes. E porque em co-
o de cada reinado acustumamos poer parte das
dades de cada hum Rei, nam nos desviando da
em primeira, tal modo quiseramos ter com este.
o mesmo diz no capitulo cento quarenta, e nove,
de se ve na verdade ter este copioso, e discreto
iptor Fernam lopez feitas, e compostas as Chro-
ıs dos Reis atras, e toda a del Rei dom Ioam pri-
ro. E no mesmo capitulo desta segunda parte diz
, ouve el Rei hum filho chamado dom Duarte que
ceo na cidade de Viseu, o qual regnou depois de
pai como adiante ouvireis. Bem claro se ve deste
ır que fez Fernão lopez a Chronica del Rei dom
arte, e que era ja morto, pois diz que regnou, por-
se vivera entam dixera que agora regna. Dos

quaes lugares recitados se ve na verdade ter Fernam lopez scriptas, e acabadas todalas chronicas do regno, começando do Conde dom Henrrique ate a del Rei dom Duarte, que fazem em numero doze, mas como se lhe roubou o louvor de tamanho trabalho julgueo quem o bem entender. Isto affirmo posta a parte a Chronica do Conde dom Henrrique, de que não posso dizer nada, pois della nam a noticia, que a del Rei dom Afonso anrriquez, que Duarte galvam diz que fes de novo faltam muitas cousas que nam vieram a sua noticia, de cujo estylo nam posso julgar nada, porque nunca vi outro volume per elle escripto que o desta Chronica, na qual he muito mais breve do que o he em algumas cartas que elle escreveo aos Reis dom Ioam segundo, e dom Emanuel andando fora destes regnos em seu serviço. Mas quanto as Chronicas dos Reis dom Sancho primeiro, dom Afonso segundo, dom Afonso terceiro, dom Denis, dom Afonso quarto, o estylo dellas he muito diferente do de Rui de pinna, e facilmente dira ser isto assi, quem per o studo das boas letras, e artes alcançou o dom de poder julgar antre estylo, e estylo. E no que toca aos dos Reis Dom Pedro, dom Fernando, e dom Ioam primeiro, nam a que disputar senão que as compos Fernam lopes, porque o estylo dellas he todo igual sem ter mistura, e em muitas partes tem semelhança deste estylo as chronicas dos Reis atras, excepto a del Rei dom Afonso Henriquez, que Duarte galvam como ja apontei diz que fez de novo. E quanto a Del Rei dom Duarte nam ai duvida senão que o texto substancial della he de Fernam lopez, e os razoamentos da ida de Tanger de Gomezeanes de Zurara, que parece que por o volume ser pequeno que lhe quis acrecentar aquelles razoamentos,

com o enterramento del Rei dom Ioam, que convinha a terceira parte de sua Chronica, se se fezera, que nam a começo da del Rei dom Duarte seu filho, a qual se ve mui claro do stylo que he tocada de tres Principes, o primeiro de Fernão lopez, o segundo de Gomezeanes de Zurara, o terceiro de Rui de pinna. Nem he de crer que mandasse el Rei dom Afonso quinto, Gomezeanes de Zurara a Alcacer ceguer pera se la melhor informar dos feitos do Conde dom Duarte, e os escrever, sem ser acabada, e apurada a Chronica del Rei seu pai, porque quem era tão curioso de fazer vir em luz os feitos deste Conde dom Duarte, e do Conde dom Pedro seu pai, e dos Reis passados, que pera se divulgarem em lingua Latina, mandou vir de Italia dom Iusto frade da ordem de S. Domingos, a quem por esse respeito fez Bispo de Septa, não devia de mandar começar a tal obra sem primeiro ordenar que se acabasse de todo a Chronica del Rei seu pai. E pois tenho dito de todas estas Chronicas, razão he que declare o que entendo da del Rei dom Afonso quinto, a ordem da qual Chronica mostra manifestamente ser tudo o que se trata desse tempo que el Rei dom Duarte faleceo ate morte do Infante dom Pedro. De Gomezeanes de Zurara o que se tambem prova do Capitulo xxxxiii. da Chronica da tomada de Septa, que elle compos onde diz, que do que se seguiu, depois do falecimento del Rei dom Duarte acerca da morte do dito Infante dira ao diante. O qual Gomezeanes de Zuzara screveo tambem a tomada Darzilla, que foi no anno de Mil quatrocentos setenta, e hum, porque elle viveo alguns annos depois dos de Mil quatrocentos, e setenta, e dous, em que passou huma carta per mandado do mesme Rei dom Afonso aos moradores de Cascaes,

do foral de Syntra, não he de crer, que deixasse por escrever feitos tão notaveis como o foram os da tomada Dalcacer, Arzilla, e Tanger, pois acontecerão em seu tempo, mas depois de seu falecimento não acho quem foi o que continuou nesta Chronica, no qual tempo forão as guerras dantre destes regnos, e os de Castella, depois das quaes, e de serem feitas as pazes o que se mais screveo ate ho fim della, o estylo e ordem mostram serem de Rui de pinna, ao qual, posto que se intitule auctor de toda esta Chronica, nam negarei o que se lhe deve por rever e concertar o que nella fez Gomezeanes e os demais escriptores. De maneira que esta Chronica del Rei dom Afonso quinto foi começada per Gomezeanes, e depois continuada por outros escriptores e finalmente acabada per Rui de pinna, e quanto a del Rei dom Ioam segundo nam hai duvida a ser feita pelo mesmo Rui de pinna, e della se lhe nam pode negar o trabalho, porque o estylo, e processo da obra dão verdadeiro testemunho ser tudo seu, sem outra nenhuma mistura. E para que senão tenha nenhuma duvida que fez Fernão lopez todalas chronicas do regno, ate o regnado del Rei dom Afonso quinto porei aqui de verbo, a verbo o treslado de hum registro que achei em hum livro da Portagem da cidade de Lisboa que diz assi. Dom Afonso &c. Carta de Fernam lopez guarda das escripturas da Torre perque o dito senhor pelos grandes trabalhos, que elle a tomado, e ainda a de tomar em fazer a Chronica dos feitos dos Reis de Portugal lhe pos de mantimentos em cada hum mes em toda sua vida em a sua portagem de Lisboa quinhentos reaes de mantimento. Feita em Lisboa onze de Ianeiro de Mil quatrocentos quarenta, e nove assinada per o dito senhor, e selada do seu sello pendente. E que

esta Chronica geral fosse feita ja em tempo de Gomezeanes elle o testemunha no derradeiro capitulo da Chronica do Conde dom Pedro primeiro capitam de Septa, nas palavras seguintes. No mes Dagosto desta era (que foi o anno do Senhor de Mil, quatrocentos trinta, e sete) passaram os Infantes em Septa pera ir sobre Tanger, como defeito foram, segundo podeis ver na Chronica geral do regno, na qual Chronica o mesmo Gomezeanes diz em outra parte que fez hum Prologo. Mas ja que alarguei tanto as velas em dizer o que alcancei, e entendo de todas as Chronicas, necessario he que confirme o que digo com Ioam Roiz de Sa de meneses Alcaide mor da cidade do Porto, senhor de sever homem que agora sera de idade de oitenta annos, de quem ja fiz algumas vezes mençam nesta chronica, o qual sabendo o trabalho em que eu andava me escreveo huma carta da cidade do Porto onde reside, em Novembro de mil quinhentos cincoenta, e oito, de que porei somente o que toca a este negocio, a quem se pode dar inteira fe pola multa, e varia liçam, e doctrina que nelle a nas artes liberaes, e Philosophia, e experiencia das cousas que de seu tempo aconteceram nestes regnos, e outros. Nesta carta diz assim. Folgo muito de lhe darem o carguo da Chronica del Rei dom Emanuel como me escreve, porque sei que a fara muito bem por a devaçam, e amor que teve a seu serviço, e a suas cousas, e parece esta conta que da de como andou de mão em mão esta chronica, o que se screve das Rhapsodias de Homero, e assi foram as Chronicas dos Reis passados de Portugal, que se perderam em poder de Frei Iusto Bispo de Septa Italiano, que el Rei dom Afonso mandou buscar a Italia pera lhas escrever em Latim, e elle morreo de

peste em Almada, e ahi se perderam. Rui de pin
em tempo del Rei dom Ioam segundo ouve a mam
por mandado del Rei humas chronicas dos Reis anti
guas, que mingoavão de hum homem desta cidad
mui principal, que se chamava Fernão novaes, e hun
seu filho que se chamava tambem Fernam novae
como elle, me mostrou a carta del Rei, com o co
nhecimento de Rui de pina e regnando el Rei don
Emanuel, elle ou por ter estas Chronicas, ou tamben
por estar em seu poder o tombo, em que estavan
as cousas daquelles tempos, e por Chronicas de Cas
tella se offreceo a el Rei a lhe fazer as Chronicas qu
falleciam, e a isso se veo da Guarda a Lisboa e a
fez com grande gosto del Rei, e com lhe fazer muit
merce por isso. Depois de acabadas muitas pessoa
vi descontentarsse dellas, a minha vontade sem ra
zão, posto que o estillo de Rui de pinna polos mu
tos adjectivos, e epithetos que se usavam naquell
tempo he muito aceitado. Atequi abaste o que di
em sua carta Ioão roiz de sa, e o demais deste di
curso seja para se saber o que passa acerca da
Chronicas do regno, e a quem se deve o trabalh
dellas. Mas quanto a Chronica del Rei dom Emanu
Rui de pinna nam continuou nella mais que ate
tomada Dazamor, e falecimento de dom Ioão de m
neses, como ja dixe, que foi no anno de M. D. xii
tendoa elle, e seu filho Fernam de pina sucessiv
mente ha seu cargo ate o anno de M. D. xlvi, qu
foram vinte cinco annos depois do falecimento des
bom Rei, com deixarem por escrever as mais da
cousas que neste tempo passarão no regno, e na
conquistas delle, e o que nella escreveo Rui de pinn
era tam desordenado, que fui constrangido a com
çar tudo de novo, sem me poder ajudar de seus tra

balhos senão como de quaesquer outras lembranças das que me poderam servir pera huma tamanha obra como foi a desta Chronica.

CAPITULO XXXIX

Dalgumas entradas que dom Alvaro de noronha fez em terra de mouros, e Vasco fernandez cesar Adail da mesma cidade.

Tenho dito dos negocios que neste anno de mil, e quinhentos, e dezanove passaram na India, aquillo que me pereceu necessario, agora tornarei aos Dafrica, dos quaes os primeiros seram os Dazamor que infiarei neste Capitulo per ordem, como aconteceram. Destes o primeiro he uma entrada que dom Alvaro de noronha fez aos nove dias de Fevereiro deste anno de mil quinhentos, e dezanove, que pelo dia em que isto foi ser muito frio lhe ficou o mesmo nome, no qual dia entrou dez legoas pela Enxouvia, com duzentas, e trinta lanças, e cem homens de pe, com que deu sobre huns aduares, donde posto que com assaz trabalho, e perigo, trouxe duzentas, e dez almas, com que se tornou Azamor vitorioso, e logo ahos xxv deste mes entrou doze legoas pela Enxouvia, e foi dar nos aduares de Nacer benduma, que era huma das cabiceiras da Enxouvia, o qual, pelo achar descuidado captivou com duas molheres suas, e dous filhos, e huma filha, e muitos parentes seus, que com os mais captivos eram em numero cento, e noventa, e sete almas. Tornando assi

dom Alvaro com esta cavalgada pera Azamor, hun
cavalleiro Portugues, per nome Antonio Leitam, na
tural de Cezimbra com torpe, e demasiada cobiça d
manilhas, argolhas, e enxorquas grossas de prata
que huma nora de Nacer benduma, desposada d
pouco com hum seu filho trazia, lhe cortou os bra
ços, e os pes, por lhe tirar estas joias mais a sua von
tade, o que sabendo dom Alvaro lhe mandou qu
desse logo a prata aos quadrilheiros, e a elle por co
meter huma tamanha deshumanidade mandou pren
der pera o castigar, e tirar as armas que trazia vest
das, dizendo que homem que tal fazia, nam era me
recedor de as trazer, nem de cingir espada, jurando
que se alli tivera roca, e estopas, que lhas fizera fia
a vista dos Christãos, e dos mouros pera exemplo, d
vileza que tinha feita. Sentio dom Alvaro tanto est
crueza que posto que o mandasse soltar, a rogo da
guns fidalgos que lhe dixe, que como chegasse a c
dade não saisse de casa, senam o dia que o mandass
embarcar pera o regno, como o fez no primeiro n
vio que partio Dazamor. Depois desta cavalgada en
trou dom Alvaro aos vinte de Março pela Enxo
via pera ir dar em uns Aduares, que estavão do
legoas da cidade Dazamor, e no caminho a trez l
goas della em amanhecendo encontrou huma cafil
que atravessava pera Duquala, que guiavam vin
mouros dos quaes tomou os dezanove com toda a c
fila, o que mandou perá cidade, e passando adian
pelo valle Dalgamuz, ja huma ora de noite, foi ter
humas ladeiras, as quaes passadas dixe a Simão pir
que era hum dos que espiara estes Aduares, que
per alli avia terra de pedras que os guiasse pera l
por lhe nam sentirem o rasto, e pola aver muito pe
to donde estavam, os levou la, onde depois de repo

arem duas oras, se poserão a cavallo em tres batahas porque dom Alvaro hia receoso de lhe sairem nouros pelo aviso que lhes poderia ter dado o que ogira da cafilha que tomou, das quaes batalhas deu uma a Antonio lopez de siqueira, e a outra a Diogo le melo, e na terceira ficou elle com a mais gente de avallo, e cento, e dez homens de pe, espingardeiros, besteiros, os quaes todos caminhando em boa orlem, deram de madrugada nos Aduares, em que tonaram trezentas, e oitenta, e duas almas, e mais de inco mil cabeças de gado meudo, com a qual caalgada caminhando pera Azamor, o começou de seuir huma grossa companhia de mouros de cavallo os uaes sendo ja junto da nossa gente se deixou entreles e os nossos ficar um mouro de pazes, homem nore, e muito bom cavalleiro, per nome çale bem barua, tiu de Bemadu, fazendo rosto de querer travar esaramuça com alguns dos imigos, o que vendo dom Alvaro receoso que lho matassem, por estar so, fez oltar os guiões, e elle fez o mesmo com a bandeira, a qual volta mataram trinta, e tomaram hum muito onrrado, que se chamava Musa bentada filho dale hume, os outros vendosse maltratados daquelle prineiro encontro se afastarão pondosse todos juntos a er o que os nossos faziam, que dalli foram tomar um vao perque dom Alvaro fez passar os captivos as ancas dos cavallos, e porque ho gado meudo hes podera impedir ho passo antes de chegar ao vao, deu todo ha hum mouro velho, dizendolhe que se osse pera os aduares, e desse o gado a seus donos. 'assado este vao mandou dom Alvaro descarregar as Azemelas, e a vista dos mouros, que estavam da oura banda do rio, jantaram, e repousaram, per espao de duas horas, o que feito se tornarão perá cida-

de com as almas, que levavam captivas sem acharem outro nenhum recontro. Depois desta entrada sahio dom Alvaro da cidade aos xxv dias do mes de Março, pera ir sobre uns Aduares da Enxouvia, questão dalli outras doze legoas, mas antes que la chegasse achou alguns mouros dos mesmos Aduares que andavam espalhados pelo campo apanhar fructa, dos quaes captivou cincoenta, e por ser por este caso sentido, e os mouros que fogiram terem dado rebate aos Aduares, se tornou pera Azamor, e logo aos xxviii deste mes foi sobre uns Aduares que estavam pela Enxouvia treze legoas, mas antes de la chegar achou huma grossa companhia de mouros de cavallo sobre hum coval a tres legoas dos aduares a que hia, o que sabendo pelos espias, mandou fobrelles Lançarote de freitas com sesenta lanças, e elle lhe foi nas costas com a mais gente, de que mataram muitos e captivarão sesenta, entre os quaes foi Aragho bem ragho, que era huma das cabeceiras da enxouvia muito bom cavalleiro, e de idade mais de cem annos. Nam contente dom Alvaro de em tam pouco espaço de tempo ter feitas tam boas cavalgadas, saio Dazamor aos trinta dias do mes de Março, e foi dar sobre huma villa pequena, cercada de muro, que se chama siner situada a quinze legoas Dazamor na enxouvia, a qual entrou per força, e afora o saco que deu aos mouros de pazes (que o sempre acompanharam em todos estes negocios) trouxe captivas trezentas, e cincoenta, e oito almas, e em tornando pera cidade com esta cavalgada, lhe sairam alguns mouros da enxouvia, que seguiram os nossos hum bom pedaço, mas vendo que ganhavam pouco na escaramuça se tornaram pera seus Aduares, e dom Alvaro ʒentrou em Azamor com toda a cavalgada. Neste

tempo em que dom Alvaro fez estas cavalgadas, confiando de Vasco fernandez cesar Adail dazamor, por ser muito esforçado cavalleiro, o mandou algumas vezes correr o campo, das quaes huma foi andando os mouros de pazes recolhendo seus paens as eiras, porque o avisaram que eram entrados almogravès pela terra e que areceavão que lhos viessem queimar, ao que logo mandou o Adail Vasco fernandez cesar com trinta de cavallo, com que saio pela porta do combate, e em chegando a huma mezquita que esta perto da cidade, que em outro tempo servia de gafaria, acodio ao rincho de hum cavallo que estava dentro, e tomou o mouro cujo o cavallo era vestido com huma saia de malha sem mangas, o qual lhe dixe como no forninho stavam trinta de cavallo, e que estava alli pera poer fogo, e levar algum christam captivo, o que sabido mandou o mouro com dous de cavallo a dom Alvaro, dalli com a mais companhia encaminhou pera ho forninho onde achou os mouros, que depois de se defenderem como mui bons cavalleiros se lançaram alguns dos de cavallo ao rio, e outros de pe a banda da enxouvia, com tudo delles mataram logo tres, e foi hum tam mal ferido que morreo de ahi a alguns dias, e lhes tomou cinco cavallos, e captivou tres mouros, e seguio o alcance so ao seu capitam per nome Acobenamer, e o captivou, e lhe tomou o cavallo em que hia. Passado este negocio teve dom Alvaro nova como na comarca da villa de Tite andavam almogavres, e que corriam ate Mazagam, fingindo serem muitos, aos quaes mandou o adail Vasco fernandez cesar, com que, e com alguns de Mazagão foi em busca destes almogavres, e achou somente os de pe, porque os de cavallo eram idos a Terqueneiim, estes de pe se defenderam bravamente entre huns pardeiros,

e balseiras, mas nem isso lhes pode valer, porque alguns delles ficarão logo alli mortos, e os outros se acolherão a hum alcoram que estava junto dos pardeiros, onde que se defendessem com muito esforso foram entrados, e os primeiros que sobiram foi o Adail Vasquo Fernandez cesar, e hum Francisco vaz atalaia, e Afonso roiz scrivão de Mazagão, e outros dous todos com armas dobradas, e apos estes entraram outros que todos sobiram pelas escadas do alcorão ate o mais alto, onde se os mouros tinhão recolhido, os quaes depois de se defenderem per hum bom spaço forão todos metidos a espada, com hum dos quaes ho Adail Vasco fernandez cesar andou a braços, e o lançou do alcorão abaixo, que por ser mui alto se fez todo em pedaços, o mesmo ouvera dacontecer ao adail porque afferrou o mouro nelle tam rijo que, o ouvera de levar consigo, este negocio se teve em Azamor, e Mazagão por muito honrroso, porque os mouros erão todos bons cavalleiros, e o lugar em que acabaram de os matar mui difficultoso. Poucos dias depois deste negocio mandou el Rei chamar Vasco fernandez cesar e o mandou no anno de mil, quinhentos, e vinte, darmada ao streito de Gibaltar, como se em se lugar dira.

CAPITULO XL

De duas entradas que dom Alvaro de Noronha fez na Enxouvia.

A Villa de umbre esta situada sete legoas Dazamor pela Enxouvia, cercada de muro, e barbacam de assaz bom tamanho, e forte por

estar assentada nhuma barreira muito ingreme que vem dar no rio que lhe passa pelo pe. Sobresta villa foi dom Alvaro de noronha aos dez dias Dabril deste anno de mil quinhentos, e dezanove, e a combateo por bom espaço sem ha poder entrar, posto que tevesse postas scadas ao muro, pelo que mandou chegar as portas alguns dos em que mais confiava, pera com machados lhe cortarem as couceiras, o que se logo fez, de maneira que as portas cairão inteiras pera a banda de dentro, ao que acodindo os mouros defenderam a entrada per hum bom espaço, mas em fim os nossos ganharam a villa, e matarão muitos delles, e outros se lançaram pela barroca abaixo contra o rio, de que morreram alguns, e os que isto nam fezeram que foram em numero duzentos cincoenta, e seis trouxe dom Alvaro captivos em Azamor, sem perder nenhum dos seus posto que dez ou doze delles viessem feridos. Depois este negocio de Umbre nam saio dom Alvaro Dazamor senão aos oito dias do mez Doctubro, a buscar certa gente de pe, e cavallo, que Alemume, tinha em guarda de hum coval de pão, mas antes de la chegar sencontrou com outros mouros de cavallo do mesmo Alemume, que andavam spalhados pelo campo, dos quais tomou vinte e hum, e porque soube destes que o mesmo Alemume era vindo ao coval, com muita gente de cavallo, parecendolhe que o que ja tinha feito nam podia ser sem elle disto ter aviso, se tornou pera Azamor com estes captivos, e logo aos quatorze do mesmo mes mandou o Almocadem com tres mouros de pazes pera saber onde estava a Ala hela, ou araial do Leideçaide, que he a de Bolçoba, o que fez por aver poucos dias que estes de Bolçoba tomaram huma cafila que vinha de çafim pera Azamor, em que cap-

tivaram hum dos princepaes Xeques, do Leizobeta, dos que estavão ao redor Dazamor, e o venderam a Garabia, que naquelle tempo estava de guerra. Estas espias tomarão no caminho que vai a hum lugar, que se chama Tamarrocos tres mouros de pe com que se tornarão ao outro dia ha cidade, dos quaes soube dom Alvaro que estava aquella gente de que se elle desejava vingar a onze legoas Dazamor, pelo que partio no mesmo dia, que era hum sabado ja de noite, e foi amanhecer a huma augoada, quatro legoas da cidade, onde steve o domingo ate tarde, e a noite chegou a Tamarrocos, neste lugar ordenou suas azes, dando hum guiam ao feitor, e elle com o seu fez outra quadrilha de gente, e a outra pos com a bandeira Real, que levava Ioão de freitas. Concertado tudo como a tal negocio convinha mandou os espias deante, os quacs em anoutecendo lhe trouxeram recado certo donde estavam estes aduares, o que sabendo moveo com tanta pressa, que as onze horas da noute deu sobre hum delles, tamanho que lhe não pode rodear mais que a segunda parte, do qual se despedio o mais presto que pode, com receo que se lhe não desmandassem os seus, e se perdessem todos dentro nelle, por ser tamanho, com tudo trouxe duzentas, e cincoenta almas, e alguns camellos, cavallos, egoas, e bois, isto se fez em espaço de huma ora, porque com a cavalgada, e toda a gente junta se tornou a sair do Aduar, a tempo que poderia ser pouquo mais de me i noite, mas ja um pouco arredado delle começaram de recrecer mouros de pe, e de cavallo que o apertaram de maneira que esteve aponto de s perder, porque o servião de pedradas, tam a meude, e lançadas, com tanta força, que nam davam em perna, nem em braço a nenhum dos nossos que

o não aleijassem, e aos que tocavam na cabeça derrubavam, este aperto durou por espaço de duas oras defendendosse os nossos, com bestas e espingardas, no qual tempo começou sair a lua, muito clara, com que dom Alvaro vio quanta era a gente que o seguia, e o grande perigo emque estava, porque os mouros de pe eram muitos, e os de cavallo passavam de quatrocentos, no qual trance começou de ajuntar os seus, por sentir ja em alguns delles fraqueza, pelo que com muito acordo deceo do cavallo, por o trazer cansado, e cavalgou em outro que vinha a destro, entam começou de fazer algumas voltas contra os mouros na derradeira das quaes encontrou hum com a lança que passou de huma parte, a outra de que caio morto, mas em atirandolhe deram huma pancada com hum garrucho sobelo capacete de que logo caio no cham desatinado quasi como morto, ao qual em caindo chegou ho Adail Vasco fernandez cesar, e hum Martim gil, muito bom cavalleiro, e apos elle outros que tiveram os mouros a lançadas, ate que tornou hum pouco sobre sim, e o poseram sobre outro cavallo em que andava hum seu page, que o alevantou do cham, per nome Raphael botado natural de Torres vedras, porque o cavallo de que elle caira se foi meter entre os mouros. Posto dom Alvaro a cavallo tornando hum pouco mais sobre sim e vendo o perigo em que ainda estavam, encommendou a reguarda a Ioam de freitas, e ao feitor, e elle se pos com ha bandeira Real pegado com a cavalgada, e assi caminharam ate ser bem manhan, no qual caminho Ioam de freitas, o feitor, e o adail fezerão muitas voltas com a gente que seguia seus guioens como mui esforçados cavalleiros, nas quaes, e na peleja que tudo foi de noite, e no aduar morreriam mais de

duzentos mouros, de que mais de trinta erão cavalleiros dos principaes da Enxouvia, e hum delles homem de tanta authoridade como Alemume, as pessoas conhecidas que se acharam neste negocio, foram Pedrafonso daguiar o moço da ilha da madeira, seu irmão Diogo Afonso, Diogo Machado, Andre de freitas, Christovam borges, Alvaro caiado, Ioam fernandez dafonseca, Alvaro cansado, Emanuel homem, o alcaide mor Ioam folgado, Symam daguiar, Fernam pinto que neste dia não ouve enveja aninguem, Alvaro de lugo, Francisco velho, Ioam da sylva, Ioam camacho, Gonçalo vaz da coutada, Gaspar barreiros, Thome de figueredo, Gaspar de fiqueira, Alvaro monteiro, Bras ribeiro, Duarte froes, Alvaro beiço, Raphael botado, Ioam botado seu irmam, Emanuel caldeira, Emanuel bernaldez, Vasco pinel, Lourenço de rago, Miguel pereira, e Antonio trigo, foram muitos feridos de que alguns ficarão alejados, e posto que delles perdessem os cavallos não morreo nenhum. Este foi hum dos honrosos feitos que se fez em todo o tempo que dom Alvaro esteve em Azamor, porque entre bem, e mal encavalgados, elle saio Dazamor com sos duzentos, e cincoenta de cavallo, e trinta, e cinco piães, espingardeiros, e besteiros, e os mouros da Enxouvia que lhe sahiram que he a gente da mor openiam de toda aquella provincia, eram os de pe em grão numero, e mais de quinhentos de cavallo, comtudo dom Alvaro com sua gente na melhor ordem que pode, pouco, apouco se desfez delles, e entrou em Azamor com toda a cavalgada, sem della perder mais que alguns bois dos que tomou no Aduar, e porque os mouros nesta noite serviram os nossos com pedras tam ameude, e tambem acertadas, que com ellas lhe fezeram mor danno, que com as lanças, ficou por apellido a

ta entrada ha das pedradas, com a qual pos dom lvaro tanto espanto em toda aquella provincia, que llí pordiante muitos dos que se alevantaram e ou-os que nunca foram de pazes lha vieram pedir, fa-ndosse vassalos, e tributarios a el Rei dom Ema-el.

CAPITULO XLI

e uma entrada que dom Ioam coutinho fez em terra de mouros

DOM Ioam coutinho avia muitos dias que deze-java ir sobre huma aldea que se chama dos negros, e porque esta aldea era grande, em e viviam muitos, e bons cavalleiros, não se atreveo mmetella com so a gente que tinha em Arzilla, pe-que mandou pedir a dom Duarte de menezes cem nças, das quaes deu a capitania a dom Andre anr-quez, que era casado em Tanger com huma irmã Ioam coelho alcaide mor da cidade, em cuja com-nhia vinhão elle, e seus irmãos, Aires coelho, e An-nio coelho, filhos de Gonçalo coelho, que hos mou-s matarão em Arzilla estando ahi homiziado, e nanuel de Goes que estava em tanger vencendo ma comenda das da ordem de Christo, com estas m lanças de Tanger, e com ha mais, e melhor nte, que dom Ioam coutinho tinha consigo saio hu-segunda feira quinze dias do mes Doctubro, de l, e quinhentos, e dezanove, e por ma guia, tarda-n tanto no caminho que nam poderam chegar a lea se nam manhã clara, na qual nam acharão se-m alguns mouros, que ficaram per derradeiro, por-

que do mais era ja despejada, de que matarão dezaseis, e captivaram quarenta, e quatro, os outros se salvaram, mas isto nam foi sem perda de nossos, porque elles se defenderam muito bem, e mataram Fernam coelho alcaide mor Darzilla, Ioam lopez garcia de tanger, e outro cavalleiro tambem de Tanger de que nam soube o nome, por acodirem a Aires coelho que os mouros traziam quasi tomado as mãos. Tanto que isto foi acabado dom Ioam fez recolher a gente com os captivos, e algum gado grosso, começando de caminhar, guiado per Pero de meneses, por melhor caminho do que o levara, e pelo outro per onde forão, vinhão Pero lopez dazevedo contado: Darzilla com sete de cavallo, sobre os quaes carregaram alguns mouros da companhia doutros muitos que vinhão seguindo dom Ioão, e apertaram tanto com estes sete que matarão logo Alvaro vaz de Tavira, homem fidalgo, criado do Mestre de Sanctiago que era hum dos da companhia ao qual acodindo com os outros, Pero lopez dazevedo e mataram tambem, por o seu cavallo cair com elle passado dazagaiadas e com elle matarão hum seu criado, e a Gaspar da cunha deram tres de que ficou mal ferido. A este acodio o Adail Darzilla, a que mataram o cavallo, e hum seu filho deram duas azagaiadas de maneira que todolos que se ali ajuntaram ouveram bom quinham della: ou em suas pessoas, ou nos cavallos, mas dom Ioam coutinho vendo os vir de roldão lhes acodio a hum passo que vinham de mandar, trazendoos os mouros atropellados e os mataram a todos se na companhia de dom Ioam nam ouvera alguns besteiros que fezeram deter os mouros. Passado este lugar com assaz trabalho, e perigo, vieram os corredores dizer a dom Ioam que descobriram muita gente de cavallo, que

lhe hiam atrevessando diante, dos quaes obra de entos lhe sairão ao caminho ha duas legoas Dar-, com darem mais mostra de os quererem deter, de pelejarem, ho que vendo dom Ioam parecen-he que aquelles esperavam outros pera pelejarem elle sem travarem escaramuça, se foi recolhen-ate a villa, com toda a cavalgada dando graças a os pelo perigo de que o livrara, porque elle achou negocio tam perigoso, em comparação de quam l lho fezeram os espias, que tomara por partido xar esta aldea em paz, não pela perda dos que so morrerão, que foram assaz poucos em compa-am dos mortos, e captivos dos mouros, senam por achar aquelle dia em ponto de se poder perder todolos que ho acompanharam naquella jornada.

CAPITULO XLII

huma entrada que fez Dom Emanuel mascare-has, per caso da qual se despovoaram as aldeas de Benamares, e como el Rei de Fez veo correr Arzil-donde se causou a morte do almocadem Aroaz.

Dom Emanuel mascarenhas cunhado de dom João continho desejava muito de sencontrar com Aroaz almocadem por ser bom cavalei-e trabalhou muito sobrisso ho tempo que esteve Arzilla, dando peças, e dinheiro aos escutas, pera em cuidado de lho espiar, mas como Aroaz fosse nem de grande vigia, recatado e incansavel nunca poderam armar, finalmente vendo dom Emanuel nam podia poer em effeito o que desejava, pedio

a dom Ioão que lhe deixasse fazer huma entrada, n
qual poderia ser que sencontrasse com este Almoc
dem Aroaz, pera o que lhe deu sesenta de cavall
em que entravam Pero de meneses almocadem, Lu
valente, Artar roiz, e Antonio coutinho, com a qu
companhia passando a ribeira de benamares atrave
saram a serra per parte donde nam avia atalhadore
encima da qual ja sobela tarde tomaram cinco mo
ros, e setenta cabeças de gado vacum, e quatrocent
de meudo, com que se recolherão de longo da ald
de Benamares que he a principal da quella serra, s
tuada na ponta della, desta aldea, e doutras vezinh
sairam alguns mouros de pe, e de cavallo que segu
rão dom Emanuel ate o tojalinho, onde os nossos p
raram, esperando por alguns da companhia que ai
da nam eram recolhidos: nesta detença que fezerã
se ajuntarão mais de cem mouros de pe besteiros,
adargados, e seis de cavallo, de tres povoaçoens q
entam avia em Benamares, que as setadas fezera
deixar o tojalinho aos nossos, o que vendo Pero d
menezes dixe a dom Emanuel que mandasse passar
gado, que avia daver nisso trabalho, por quanto
mouros tinham atravessada a ribeira com arvores,
paos grossos, ao que mandou logo dez de cavall
dizendolhes que tevessem o caminho feito pera el
passar com ha gente que lhe ficava. Os mouros e
tendendo ao que os dez de cavallo podiam ir a pe
taram com dom Emanuel, o que vendo Pero de m
neses lhe dixe senhor pois forçadamente aveis de f
zer volta a estes mouros junto da ribeira, onde s
bem que ham de travar com vosco, fazeia agora, a
que dom Emanuel respondeo que lhe parecia muit
bem seu conselho, e que assi fosse, e sem mais sp
rar voltou diante de todos com tanta pressa, que p

avallo ser muito ligeiro se meteo entre os monros
onde logo derribou hum dos seis de cavallo, ao
acodirão os cinco, e muitos de pe pondolhe todos
anças no cavallo sem o ferirem a elle por andar bem
ado, ao qual estando neste tam subito perigo chega-
Pero de meneses, Antonio coutinho, e Luis va-
e com os outros de cavallo, que deram com tan-
impeto nos mouros que matarão delles setenta, e
eis de cavallo, e captivaram quarenta, e dous, de
eira que nenhum delles escapou de morto ou ca-
o, por defenderem suas casas, e molheres, a vis-
das quaes passou todo este negocio, sem lhes po-
m valer senão com lagrimas, as quaes com a
a de seus maridos, filhos, e parentes por nam te-
ja quem as podesse defender despovoarão aquel-
res aldeas, e foram povoar outro Benamares jun-
e Larache, dos nossos forão alguns feridos, mas
morreo nenhum, e so o cavallo de dom Emanuel
o que pagou por toda a companhia com mais de
feridas, de que ficou morto no campo. Com esta
lgada, e tam honrada victoria se tornou dom
nuel pera Arzilla, onde o seu cunhado, e os da
receberão como o elle merecia. Alguns dias de-
desta victoria veo el Rei de Fez correr Arzilla,
tres mil de cavallo, no que senão fez cousa que
pera contar salvo que correndo Molei abrahem
talaias, de que entam era a guarda de Gomes
riquez, e de hum que se chamava Dalcunha ro-
o, vindo em sua companhia o almocadem Aroaz,
guiram ate vista de dom Ioam que andava ja no
o com sua gente, os quaes em o vendo pararão,
tra muita gente de cavallo que os seguia, e sem
lles se travar peleja mataram o Almocadem
z junto de Molei abrahem com hum tiro despin-

garda, sem se saber donde saira, mas a opiniam d
todos foi que o matara hum çapateiro per nome Pe
dralorez espingardeiro de cavallo, que naquelle dia o
mouros tambem matarão com outro tiro despingarda

CAPITULO XLIII

*De huma entrada que dom Nuno Mascarenhas capi
tam, e governador da Cidade de çafim, fez per ter
ra de mouros.*

Dom Nuno Mascarenhas tendosse por muito se
guro das pazes que se fezeram com os d
Garabia, por dantes andarem alevantad
lhes mandou huma bandeira das armas e insignias d
regno, pera debaixo deste seguro virem a çafim faze
seus concertos, do que per suas cartas deu conta
el Rei dom Emanuel, mas estes mouros lhe mantiv
ram mal sua fe, e amizade, porque depois de terem
recebida a Bandeira se alevantaram, e foram caminh
de Mimaia, pelo que determinou de se vingar delle
pera o que fe lhe offereceo logo boa occasiam d
dous Garabis da mesma companhia que lhe promet
rão de matar hum alcaide del Rei de Fez que andav
com estes de Garabia, e fora a causa unica de rebe
larem, o que elles fezerão por preço de cento, e ci
coenta onças de prata que lhes dom Nuno deu, e tr
marlotas de pano fino para tres arabes, que avião
ser com elles no feito, vendo os de Garabia mor
este alcaide em que tinham posta sua sperança,
vierão aos aduares de Oleidambram, donde mand

ı pedir paz a dom Nuno cada cabilda per sim, ndandolhe per suas cartas pedir algumas dadivas undo o tem aquelles mouros de costume, dom no lhes respondeo que as dadivas seriam darlhe s terras francas, e desembargadas pera nellas la-rem, e semearem como o dantes faziam, do que n satisfeitos se concertaram com Oleidambram, e ajuntaram todos nas salinas pera dalli correrem a ida que elle tinha de pazes, o que faziam os mais s dias tam de subito, que os nam podiam achar ndo mandava acodir aos outros, mas tendo hum aviso certo dos Abidis, que os de Garabia, e de Olei-nbram vinham sobrelles, lhes mandou o adail com enta de cavallo Portugueses, e çaide com sua compa-ia, aos quaes sendo ja juntos com os dabida correo eidambram, e Garabia, com quinhentos de cavallo, s em chegando aos Aduares, como viram que com os ides estavam christãos, parecendolhes que seria dom no, se começaram de recolher do que nam contentes Dabida lhes forão nas costas tanto, ate que constran-los fezeram volta sobrelles, em que mataram quatro stes Abides, e mataram muitos mais se lhes não aco-a çaide com alguns christãos, que lhes ho Adail tou, e assi se apartarão por esta vez. Dom Nuno e ainda andava escandalizado delles, os mandou iar por quatro de cavallo que trouxeram nova rta como toda a Alahea de Garabia estava assentada s salinas, e a de Oleidambram ate roduam, que he a ves das salinas quatro legoas, o que sabido assentou m os cavalleiros que então avia em çafim, de ir so-elles com duzentas, e cincoenta lanças, e cento, e nte piães besteiros, e espingardeiros, e sete de cavallo abida, pera serem testemunhas da vingança que se es avia de dar dos males que Garabia, e Oleidam-

bram lhes tinham feito. A este negocio partio de çafim aos quatro dias de Novembro de M.D.xix. no qual dia lhe anoiteceo tres legoas dos Aduares, e seis de çafim, dalli foi ter em amanhecendo sobelo arraial ou Alahea de Garabia, que eram mais de cem aduares, por andarem com elle alguns dos de ceia, em hum dos quaes deu logo o adail que hia diante com cincoenta de cavallo, e alguma pionagem, e dom Nuno em outro apegado com este, com tanto impeto, que de quantos mouros nelle avia sos dous scaparão vivos, captivarão nesta entrada cento, e setenta, e seis, os mortos como se depois soube, passarão de trezentos, o gado que aqui tomaram nam quis dom Nuno trazer por ser longe de Çafim com receo que lhe saissem mouros ao encontro, o que nam fezeram, posto que os nossos viessem costeando mais de uma legoa de caminho de longo de todos estes Aduares, pelo que sem dom Nuno achar quem lhestrovasse ho caminho chegou com toda sua cavalgada a cidade hum sabado em anoitecendo, e logo ao outro dia lhe vierão hos Xeques de quinze Aduares destes pedir pazes, trazendo recado dos outros pera lha delle alcançaram em nome de todos, pedindolhe seguro ate lhe chegarem suas caphillas de Marrocos, pera se logo virem assentar com estoutros, em suas terras, e as lavrarem, e semearem como o dantes faziam.

CAPITULO XLIV

Doutra entrada que dom Nuno Mascarenhas fez dezaseis legoas per terra de mouros.

PASSADOS quatro ou cinco dias depois que dom Nuno fez entrada se veo toda a alahea de Garabia assentar ao redor da cidade onde es-vão alguns seus parentes dos que eram de pazes, o ue sabendo os de Abida se vieram logo ajuntar com stoutros. Destes mouros ficaram com o xarife obra e vinte aduares que a sua sombra lavraram, e se-nearam este anno miz quella, que he dezaseis legoas e çafim e ho mesmo fezeram ho anno passado no nesmo lugar dez outros aduares, que ficaram a sua bediencia, do que sendo avisado dom Nuno por isto am vir em crecimento determinou ir sobrelles, e pe-a se assegurar destes Arabes dabida, e Garabia que stavam allojados, junto da cidade, per conselho, e arecer dalgumas pessoas, a que disso deu conta, eixou o negocio para hum dos dias que elles acos-umavam vir a cidade fazer feira, a que chamam çou-uear, pera delles reter com menos alvoroço os que ne parecessem necessarios, e os deixar na cidade co-no per arefens dos que estavam no campo, e quis sua oa dita que na primeira feira que se fez vieram vender, comprar os principaes de Abida, em que entrava Ab-emula, homem de grande autoridade entrelles, e as-m outros de Garabia. Dom Nuno como os teve na cida-e mandou cerrar as portas, e ajuntar a gente que avia e levar que foram duzentos, e sesenta cavalleiros ortugueses, e sesenta pées besteiros, e espingardei-os, com a qual companhia partio ha boca da noi-

te, e foi amanhecer Aguz, e dar folga a gente dalli a duas legoas, donde mandou quatro de cavallo que lhe fossem espiar os Aduares sobre que hia, e o esperassem com o recado a huma Mezquita que esta duas legoas alem Dalzuma, a este lugar chegou atravessando serras, e matos desviados do caminho, por nam ser sentido, onde deu outra folga a gente junto de hum ribeiro que se chama jolgo, e ja sol posto tornou ao caminho que levava, e chegou a Mezquita duas horas de noite, onde por nam achar as espias fez decer a gente, pondo suas atalaias, ao redor do campo, por caso dos leões de que forão cometidos, de maneira que não ouve quem podesse repousar, isto durou ate huma ora depois da meia noite, em que os espias chegarão a mezquita com novas de cinco Aduares dos que hiam buscar, que estavão dalli cinco legoas, tres sobre hum outeiro fragoso, e dous em huma varzea muito chã, nestes dous posto que estivessem hum pouco mais longe que os outros, acordou dom Nuno de dar, e porque o caminho era comprido deixou naquella mezquita. vinte piães que hiam cansados, e dez de cavallo dos somenos, e por despachar ho caminho, e a peonagem ir folgada hos mandou tomar todos nas ancas dos cavallos, ate chegar sobelos Aduares que foi em amanhecendo, e sem fazer detença deu a Braz da sylva o seu guiam com cem lanças, e elle com a outra gente, e a bandeira Real hia nas costas, estes da companhia de Bras da sylva por ser ja tarde assi em fio como hia, começaram de tomar hum troto, que de pouco em pouco foi tam rijo, que delles pera acodir a hum que caio se deixaram ficar quinze de cavallo, os quaes quinze com o que alevantaram seguirão Bras da silva que tomara o caminho dos Aduares do valle, segundo lho mandara dom

'uno, e sem saberem per onde hiam, porque o per-
erão de vista, encaminharam pera hos tres aduares
ue estavão no outeiro, e por dom Nuno cuidar que
rão aquelles os da traseira de Braz da sylva seguio
as elles, os quaes em chegando ao outeiro ouviram
uma grande grita, e parecendolhes que seria Bras
a sylva que andava revolto com os mouros destes
es aduares, por lhe acodirem mandaram hum delles
ue fosse dizer a dom Nuno o caminho que levavam,
om estas novas começou de caminhar mais depressa
om parte da gente, e a George machado veador das
oras Darzilla, que levava a bandeira mandou que o
eguisse passo, a passo com a outra, e tendo ja cami-
hado hum bom pedaço vieram dar com elle, Alvaro
ornellas, e Diogo lopez peixoto, e outros doze que
ram desta companhia dos dezaseis : os quaes se vinhão
ecolhendo de hum daquelles aduaras sobre que este-
eram sem lhe saberem dar outras novas de Bras da
ylva se nam que lhe parecia, que tomara o caminho
ara os dous aduares que estavam no valle, e por-
ue estes tres do outeiro se começarão de despe-
r, receoso dom Nuno, que ao sair delle lhe desse a
eonagem trabalho, ouve por melhor dar de cominho
n hum destes, e sem fazer mais detença que esperar
ela bandeira que ja vinha perto, o cometeo em que
atou muitos mouros, e captivou setenta, e ao gado,
avallos, camellos, e outras alimarias que eram sem
onto, mandou poer o ferro a todo o que se lhe atra-
essava diante, o que foram fazendo ate decerem do
alle, onde obra de vinte de cavallo dos mouros, que
omeçaram de travar com elle, o embaraçaram de
aneira que nam poderão buscar a trilha, por onde
ra Bras da sylva, no que estando ouviram grande
rita pelo valle acima, a que acodirão estes mouros

a todo correr, pelo que parecendo a dom Nuno que divia de ser aquella grita, por Bras da sylva ter dado nos aduares do valle, como de feito era, donde ja vinha com uma boa cavalgada, despedio Alvaro dornellas com vinte de cavallo, em que entraram Diogo peixoto, Duarte taveira, Emanuel paçanha que servia dalcaide mor de çafim, e dez Besteiros, e espingardeiros de cavallo, e apos elle çaide com toda sua companhia ou marzagania como lhe elles chamam em sua lingoagem, os quaes acharam Bras da sylva rodeado com toda a gente que com elle fora de muitos mouros de cavallo, os melhores cavalleiros de toda aquella terra, que os tractavam mal as lançadas, e cutiladas de que se os nossos que seriam sesenta defendiam com muito esforço, porque a outra gente hia ja diante com a cavalgada, aos quaes quando dom Nuno chegou ja Bras da sylva andava com tres lançadas de que huma lhe atravessou hum braço de parte a parte por cima do bocete de que depois foi muito alejado, mas nem por estar tam mal ferido deixou o lugar porque era muito esforçado cavalleiro, dom Garcia deça tinha outras tantas lançadas, e huma no cavallo, dom Hieronymo estava no cham com o cavallo morto de duas lançadas, Nuno furtado do mesmo modo de huma lançada que lhe deram, hum filho de Ioam fernandez de Magalhães tinha huma lançada que lhe atravessou o pe, Francisco da nova tinha outra por cima do gorjal de que morreo no caminho, o Adail nam ficou sem aver sua parte, e hum criado de dom Nuno andou a braços a cavallo com hum mouro sem se poderem valer das lanças, nem das espadas, até que ambos cahiram no cham, mas em fim tomaram por partido deixar hum o outro, a Paio roiz caldeira deram uma lançada no cavallo, a Fernam dalvito ou-

tra no seu de que morreo, estando assi todos neste trabalho a cavalgada começou de fogir para onde elles estavam, pelo que bradaram os que hiam com ella a estes sesenta que pelejavam, que a matassem começando elles logo a poer o ferro aos captivos, no qual tempo chegou Alvaro dornellas, onde estava Bras da sylva, e apos elle çaide que foram melhor recebidos dos nossos que dos mouros, com cuja vinda se começaram de alargar, e tomar outro modo de escaramuça, com que detinham a nossa gente sem poderem passar adiante, o que vendo o adail veo a todo correr dar conta a dom Nuno do que passava, o qual deixou em seu lugar, e com sos dous de cavallo se foi pera onde estava Bras da sylva, e os fez aballar do lugar em que estavam, os mouros conheceram dom Nuno, e parecendolhe que o seguiria mais gente de cavallo começaram dandar mais de largo, deixando os nossos mais a vontade, apos dom Nuno chegou o Adail com a bandeira, e cavalgada que traziam dos Aduares do outeiro, as quaes ambas juntas mandou cercar com os piães, caminhando elle em duas batalhas, com toda a gente, a bandeira Real diante, e elle com o guiam na reguarda, apos quem tres legoas continuas vieram ladrando cem mouros de cavallo, e muita peonagem com esperança de lhe tomarem hum passo estreito, por onde forçadamente aviam de passar, mas dom Nuno tanto que foi na entrada delle repartio todolos besteiros, e espingardeiros de maneira que onde os mouros cuidavam de se aproveitar dos nossos, receberam mor perda, porque dous delles foram ao chão de duas espingardadas, com que se os outros alargaram de todo, o que feito dom Nuno mandou curar os feridos, e seu passo a passo chegou a Guz tres oras de noite, onde deu folga

a gente, e ao outro dia entrou em çafim duas oras antes de sol posto, com noventa almas, e cinco cavallos, e seis camellos carregados dalcatifas, e outro despojo, morreram dos mouros assi homens como molheres, contando os que mataram na cavalgada mais de cento, e cincoenta dos de cavallo, dous na peleja, e outros dous no passo as espingardadas, foram muitos feridos como se depois soube: nesta entrada andou dom Nuno tres dias, e tres noites, e acabo doutros tres se lhe vieram meter nas mãos os principaes xeques destes mouros pedindolhe paz, a qual lhes concedeo deixando na cidade arrefens, em penhor do que per seus contractos assentaram, ho mesmo fez Oleidambram de Taelim, que semeava alguns seus lugares outras dezaseis legoss da cidade, que tambem deu seus arrefens. Neste feito (afora os ja nomeados) se acharam dom Vasco deça, dom Ioam, Anrrique de mello, Ioam homem, Pero de sousa, Emanuel de França, e Lopo malheiro, com estas entradas que dom Nuno fez juntas, ficaram os Arabes, e Barbaros de toda a provincia tam amedrontados, que donde todos seus pensamentos eram fazer guerra a çafim, dalli por diante tiveram a pas por melhor, que o pouco fruto que tiraram dos alevantamentos que cada dia faziam, de que se lhes pela mor parte seguio mais danno que proveito.

CAPITULO XLV

De como Diogo lopez de siqueira partio pera o mar Darabia, e do que passou ate chegar a Maçua, e do que ahi fez, e no demais da viagem ate tornar ha India

DIOGO lopez de siqueira, avia dias que se começava fazer prestes pera ir a Iuda, e da torna viagem fazer na ilha de Maçua, e lançar na terra do Emperador do Abexi Matheus, e os embaixadores que lhe mandava el Rei dom Emanuel, o que tudo lhe encommendara muito, quando partio de Portugal, nesta viagem levou vinte seis velas, em que avia onze naos grossas, dous galeões, cinco gales, quatro navios redondos, duas caravellas latinas, e dous bargantis, de que os capitaens afora elle, erão dom Ioão de lima, Antonio de saldanha, Francisco de tavora, Antonio ferreira, Fernão gomez de lemos, Antonio de Lemos seu irmam, Symão guedez de sousa, Pero da sylva, Antonio de brito, Antonio raposo de Beja, e Pero gomez texeira, ouvidor geral da India, Diogo de saldanha, Christovão de sousa, Hieronymo de sousa, Christovam de sa, Denis fernandez de mello, George barreto pereira de Beja, Miguel de moura, Gaspar doutel, Nuno fernandez de macedo, Anrrique de macedo, Pero de faria, Lourenço godinho, Francisco de mello, e Emanuel de moura, na qual armada iriam dous mil soldados Portugueses e mil do Malabar, e Canarim, com que partio do porto de Goa, aos treze dias de Fevereiro de mil quinhentos, e vinte deixando por Gouvernador da India dom Aleixo de mene-

ses. O primeiro porto que tomou foi o de Mete, tendo ja passado o cabo de Guardafum, onde achou Antonio de saldanha que mandara de Goa cinco dias antes que partisse com quatro velas das da sua companhia, pera ir a çacotora, saber novas das cousas do mar Darabia, no mesmo porto veo tambem ter com elle Pero vaz de vera capitam, e pilloto de huma caravella que Lopo soarez mandara, em saindo do streiro, el Rei com novas do que passara, como fica dito, e el Rei o tornou a mandar com cartas a Diogo lopez que o foi buscar rota abatida naquella paragem, por o assi levar no regimento que lhe el Rei dera. Neste lugar de Mete fez Diogo lopez augoada, e seguindo dalli viagem pera o mar Darabia se perdeo a nao em que elle hia per desastre, sem se della salvar mais que a geate com alguma pouca de fazenda, pelo que passou a nao de que era capitam Pero de faria, dalli foi ter as portas do estreito aos dezasete de Março, onde esteve muitos dias sem poder navegar, por lhe os ventos serem tam contrairos que o nam deixaram chegar mais que a cento, e vinte legoas desta cidade de Iuda, o que vendo, por parecer, e conselho dos principaes da armada fez vela perá ilha de Maçua, ha qual chegou aos dez dias Dabril. Mas posto que fosse do senhorio del Rei, e Emperador do Abexi, os moradores a despejaram com medo da nossa armada, e se foram pera huma villa do mesmo Rei que se chama Arquiquo perto de Maçua, a causa porque Diogo lopez quis ir a esta ilha foi pera saber se era Matheus, que levava consigo, embaixador deste Rei, pera que se assi fosse o poer em terra com os embaixadores, e presentes que lhe el Rei dom Emanuel mandava, mas posto que em Maçua lançasse ancora, logo ao outro dia se foi a Ar-

iquo, onde depois de surto o mandou visi-
r o capitão do lugar, e lhe escreveo huma
rta, dizendo que dava graças a Deos pois ja
am compridas as prophecias que tinham, de como
quelle tempo aviam de vir per mar Christãos de
rras mui remotas aquella provincia, e senhorios
seu senhor el Rei do Abexi, Diogo lopez recebeo
ui bem os messageiros, e dandolhe as graças da
sitaçam lhos tornou a mandar em hum bargan-
n vestidos de cabaias de seda, com huma ban-
ira de Damasco, em que estava figurada huma
uz vermelha, o que sabendo o capitão, a veo re-
ber a praia, com mais de duas mil pessoas, que se
li ajuntarão os quaes em vendo a Cruz que hia fi-
rada na bandeira se lançarão no cham, em sinal de
verencia bradando Christo, Christo e isto com tan-
devaçam, que faziam chorar os portugueses, que
ão no bargantim, depois do que veo o Capitam a
aia, e se vio com Diogo lopez de siqueira, e com
atheus, ao qual fez muita cortesia, e assi todolos
ue o hião ver, beijandolhe as mãos, e os vestidos,
om grande acatamento, chamando-lhe Abbima, que
lingoa Abexi quer dizer pai. Donde depois de ter
aticado per spaço de huma ora se tornou pera a
lla, e Diogo lopez com Matheus prá frota, e por-
ue antes de se Diogo lopez ver com este Capitam se
assaram alguns dias, neste tempo foi a Maçua pera
epartir algumas cisternas dagoa, que a na Ilha, pe-
s naos, e ver onde se milhor poderia fazer huma
ortaleza como lho el Rei dom Emanuel tinha enco-
endado, pera o que levava na sua nao que se per-
eo, muita artelharia, e outras munições necessarias,
a qual ilha achou huma grande cantidade destas
isternas fechadas com chave, que os da terra guar-

dam com muita vigilancia, por carecer dagoa se nam chove, mas a fortaleza senam fez, a huma porque o tempo nam deu pera isso lugar, e a outra por seren perdidas estas munições sem as quaes senam podi soster, com tudo Diogo lopez mandou sondar o por to, o qual achou limpo, cerrado, e de bom fundo allem do que mandou medir toda a ilha ao redor, qual tem em cercoito mil, e duzentas braças. Depoi de Diogo lopez ter ido a Maçua, e falado com o ca pitam Darquiquo, chegou ao mesmo lugar, hum gran de senhor criado, e vassallo del Rei do Abexi, a qu chamam Barnegaes, fronteiro mor daquella provinci onde continuamente faz guerra aos mouros, o qu sabendo por cartas do capitam de Arquiquo da vir da de Diogo lopez o veo ver acompanhado de muit gente de pe, e de cavallo, com quem (depois de hu ma, e da outra parte se passarem muitos recados d precedencias) se Diogo lopez vio em terra hum po co afastado da praia, sendo presente Matheus, post os Portugueses de longo da praia em boa ordenanç e da banda do sertam, a tiro de besta, estavam d zentos homens de cavallo, e dous mil de pe em gua da do Barnegaes, entre os quaes dous Capitães se f zeram grandes offertas, cada hum por parte do se Rei, em cujos nomes loguo alli assentaram pazes, as jurarão sobre huma Cruz que o Barnegaes pe isso mandou trazer, o que acabado se abraçaram, apertaram com muito amor, recolhendosse o Barn gaes na villa, e Diogo lopez a frota, donde mand hum presente darmas, e outras peças de Portugal, da India ao Barnegaes, e elle lhe mandou no mesm dia hum cavallo, e huma mula de muito preço, co huma grande cantidade de refrescos da terra. Pass das estas vistas, Diogo lopez de siqueira mandou pe

ao Barnegaes que lhe mandasse dar aviamento
ra hum embaixador que el Rei dom Emanuel, man-
va ao Emperador, e Rei do Abexi, o que elle en-
mendou ao capitam de Arquiquo, por nãm poder
i mais esperar, o que o Capitam fez mui bem, dan-
lhe tudo o que lhes foi necessario assi de bestas,
mo de gente de guarda por caso de na terra aver
itos ladroens, com esta embaixada mandou Diogo
ez de siqueira dom Rodrigo de lima, e por acessor
ancisco Alvarez clerigo de Missa natural de Co-
bra, capellam del Rei dom Emanuel, que partira
regno em companhia de Duarte galvam, e por
retairo George dabreu delvas, e linguoa Iam scol-
, e outros ate treze, em que entrava Lopo da ga-
, os quaes partiram Darquiquo levando em sua
mpanhia Matheus, o Embaixador que viera a estes
nos, sobre que se tantas duvidas moveram a el
i dom Emanuel, fazendolhe entender que era es-
do Soldão do Cairo, o qual em chegando ao
steiro de Bisam, que esta dezoito legoas Darquiquo
muitos religiosos, e muito celebrado naquellas
vincias) faleceo, donde, depois de o enterrarem,
naram seu caminho pera a corte deste Empera-
r do Abexi, do qual caminho, e do mais que
ssarão na sua corte, e em todo o descurso desta
gem compos Francisco alvarez hum livro, a quem
neto o lector, por nelle contar tudo por extenso,
do que toca a fe, religiam, e costumes desta gente
Abexi tenho ja feito summariamente mençam
sta chronica, e per extenso no livro que disso com-
s em lingoa Latina, ao qual tambem remeto o le-
r. Com esta embaixada mandou Diogo lopez ao
perador, e a sua mãi a Rainha Helena o presente
lhe el Rei dom Emanuel mandava per Duarte Gal-

vam, em que entravam muitas peças, assi darma
como douro, prata, pedraria, tapeçarias, e outras co
sas de muito valor, os quaes despedidos, mando
Diogo lopez queimar a ilha de Dalaça, que os mo
ros com medo da sua frota tinhão despejada, ac
lhendosse a terra firme, o que feito se fez a vela p
ra Ormuz, e de caminho tomou o porto da Calaiat
onde achou George dalbuquerque, que de Moçamb
que, onde invernara com as naos de sua captania h
fora buscar ao cabo de Guardafum, como lho ma
dara dizer a Moçambique por gonçalo de loule, e po
que Diogo lopez era ja passado do cabo para o e
treito, elle se fez na volta Dormuz, e ho primei
porto que tomou foi o de Calaiate, do qual por
se foi Diogo lopez a Ormuz, donde depois de ter f
tas algumas cousas que compriam ao servi
del Rei, partio perá India em fim Dagosto, no qu
caminho antes de chegar a Dio tomou duas naos
mouros huma que se rendeo, e outra sobre que, p
se os della defenderem mui esforçadamente, morr
rão muitos, assi delles como dos nossos, por se nel
atear fogo de que ardeo. Chegado aqui soube
Fernam martinz evangelho, que Meliquiaz nam est
va na cidade e que per mandado del Rei de Camba
era fazer guerra aos Reubutos, e deixara na cida
Meliquesaqua seu filho, e por seu governador Hag
mahamet, homem sabedor na guerra, e muito s
parente, e que a cidade estava bem provida, assi
dartelharia, como de fustalha, e outras munições
guerra, ho que sabendo Diogo lopez, por trazer ja
armada demenuida, e a gente mal tractada da v
gem, com parecer, e conselho dos principaes da fr
ta, deixou de a cometer, posto que pera isso teves
especial mandado del Rei, deixando o negocio pe

po mais conveniente, pelo que usando muitos
primentos com Meliquesaqua, dando a entender
lhe pesava muito de não achar alli seu pai, pera
er com elle, e fallaram em cousas que compriam
serviço del Rei dom Emanuel, e del Rei de Cam-
se fez a vela perá India no fim do mes D gosto,
e em Cochim achou George de Brito que viera
capitam de nove naos, que este Anno de Mil, e
hentos, e vinte partiram do Regno, com lhe fal-
da companhia ha sua nao como fica dito e ha
de Hieronymo de Sousa, que tornando Diogo
ez do mar Darabia se foi ao fundo sem se salva-
della mais que onze pessoas na barqueta, de que
conhecidos foram Hyeronymo de sousa, Anrique
em filho de Ioam homem, e Pero Borges que
s dias depois de se perderem vieram ter a costa
Arabia, pela qual caminharam per terra cem le-
s, com muito trabalho. ate chegarem a hum lugar
Zei Dormuz, vinte legoas de Calaiate, onde fo-
bem agasalhados do xeque, que lhes deu de ves-
por virem roubados do caminho, e os mandou dal-
Calaiate, e com elles alguns seus criados, por
seguros, na gale se afogaram Pero da sylva te-
e Emanuel galvão seu primo, filho de Duarte
ão, e outros homens nobres, de que nam pude
r os nomes.

CAPITULO XLVI

Dalgumas cousas que passaram em Septa neste anno de Mil, quinhentos, e vinte.

AVIA neste tempo dous irmãos cosairos dalcunha os xaereõs, moradores em Tetuam que por espaço de quatro annos tinham feito muitos males, e damnos entre Septa Larache, Gibraltar, e barbaçote, estes dous irmãos cada hum em sua fusta se vieram lançar hum delles entre os ilheos de santa Catherina, e o val dagoa, ficando o outro em atalaia sobrelle. do que sendo certeficado Gomez da sylva de vasconcelos, que entam era capitam desta cidade, per hum dos scuitas dalmedina fez logo armar dous bargantins, em os quaes mandou Andre de vasconcelos, e no outro Miguel da silva seus filhos pera que rodeassem almedina, e dessem sobrelles mandando a Miguel da sylva porque era mais moço, que fosse aferrar primeiro, o que fez mui animosamente, mas os mouros que erão mui destros nas cousas do mar o esperaram quomo bons soldados, e em aferrando se lançarão algunz delles no bargantim, fazendo recolher parte dos de Miguel da sylva debaixo da coberta, o que vendo o pai, que hia por terra com gente de cavallo, porque o outro filho mais velho vinha de vagar, lhe mandou bradar, e fazer signaes que acodisse ao irmam mas antes que elle chegasse, Miguel da sylva com muito esforço lançou os mouros do bergantim, e se desaferrou da fusta, fazendo logo vir sobre a cuberta alguns dos seus, que se acolheram debaixo, e como

ve o bergantim lesto, voga abatida se foi aferrar a
sta entre os quaes, depois daferrados, se travou
na brava peleja, em que os mouros mataram o pa-
am do bergantim, e um filho seu, e hum sobrinho,
feriram mal Pero vieira, alem do que saltaram
atro delles no bargantim por proa, ao que acodio
iguel da sylva que como desesperado tirou com a
nça daremeso contra estes que entraram, e quis
eos que acertou no capitam, que era o xaeram
ais velho dandolhe pelo pescoço, de que logo ca
o sem se mais alevantar, e tomando outra lança
xotou os outros tres Mouros fora do bargantim,
s quaes ferio hum com a mesma lança darameso,
que acabado correo pera a popa, perguntar ao
tram que fariam, e achou ho já morto aho pe do
asto, e querendo saber ho mesmo de Pero Vieira
e estava na popa, ho achou com has tripas quasi
das de fora da barriga, com tudo assi como estava
e dixe que mandasse sobir a gente que se lhe aco-
era outra vez debaixo da cuberta, e os fezesse re-
ar pera se salvarem, o que assim fez, com tudo os
ouros que estavam perto delles, vendeos desbara-
dos quizeram outra vez aferrar ho bargantim, no
al tempo asomou o outro bargantim, em que vi-
a Andre de Vascogoncellos, o que vendo os
ouros se fezeram na volta de Bulhões, mas Miguel
sylva, posto que fosse mancebo, nam lhe faltou o
imo para seguir a fusta, ho que nam quis fazer sem
perguntar a Pero vieira, que lhe dixe que carre-
sse sempre do mar pera terra sobela fusta, pera
e em chegando seu irmam a fezessem encalhar, o
e elle fez tam afitadamente, que os mouros foram
rar com a fusta na praia defronte donde estava
omez da sylva com a gente de cavallo, os quaes

bradando por elle, pedindolhe misericordia, se lançaram oito em terra que captivaram, hos outros todos morreram afogados, ficando a fusta em poder dos nossos, de maneira que antes que andré de Vasconcellos chegasse passou seu irmam Miguel da sylva todo este trance, em que o fez como mui esforçado cavalleiro, achousse neste negocio hum Andre Pirez natural de Coimbra que sahiu delle muito mal ferido, e Matheus sanches, os mortos foram os que dixe. Isto aconteceu aos oito dias de Março, deste Anno de Mil, e quinhentos, e vinte, e loguo aos doze do mesmr mes sahiu Gomez da sylva ha sessenta mouros de cavallo, que vieram dar vista a Septa, e os seguio até o negram, e paul dalmunhacar, e dahi ate duas legoas de Tetuam, onde ao passar de um rio sencontraram, de que matou alguns, e os outros se acolheram passando um rio a nado, e vao, no qual lugar cahio Antonio pereira com o cavallo sobre quem voltaram alguns dos mouros, porque ainda nam tinhão passado metade delles o rio, a que acodio Miguel da sylva com cinco de cavallo, e se travaram de maneira que saio com huma lança atravessada per uma das coxas, que lhe passou huma braça da outra parte, no qual trabalho chegaram a elle seus irmãos, Andre de Vascogoncellos, e Pero Mendez com outra gente que os seguia, onde se começou entrelles huma boa escaramuça, de que posto que alguns sairam feridos, os mouros se lançaram todos ao rio, e o passaram, os quaes nam quis seguir Gomez da sylva por ser tan perto de Tetuam, e a terra se apelidar com as fumaças, que os atalaias que estavam no muro da vill faziam.

CAPITULO XLVII

De como el Rei de Fez veo correr a cidade de Tanger e Arzilla, e de hum caso gracioso que aconteceo a alguns dos moradores da villa.

El Rei de Fez era de sua condiçam guerreiro, e folgava neste officio exercitar sua gente, pelo que corria muitas vezes como fronteiro aos lugares que tinhamos em Africa, entre estas entradas foi huma neste Anno de Mil, e quinhentos, e vinte em que veo dar vista a Tanger, e dahi sem fazer mais damno que tomar algum pouco de gado vacum se veo Arzilla, e tendo ja alguma parte de sua gente em Alfandequim sem serem sentidos nam quis que corressem parecendolhe que por ser domingo lhes nam haviam hos Christãos de sahir, o que fezeram pelo caso seguinte. Morava em Arzilla hum Dioguo Pires que servia de Porteiro dos contos, homem muito doente de tisica, pera ho remedio da qual infirmidade lhe mandavam os fisicos que comesse cagados e por lhe entam faltar aquella vianda, e elle ser muito bemquisto, alguns dos moradores se offereceram a lhos irem buscar se lhes o capitam pera isso desse licença, o que elle fez de boa vontade, de maneira que se ajuntaram vinte de cavallo dos moradores, os quaes Hamelix almocadem, que estava por atalaia no pontal, donde se descobre a praia, vio sair pela porta da ribeira, e caminhar ate o Tojal, fazendo dalli rosto pera o rio doce sem os mais poder ver, pelo que, parecendolhe que eram almogravres que hiam entrar foi dar disso ha nova a el Rei, que muito alvoraçado lhe mandou logo que com duzen-

tos de cavallo lhe tomasse o rio doce, e ao longo delle ho porto de Halemoquique, e com outros duzentos de cavallo mandou Martinho Heloe, tio de Molei Abrahem, irmam de sua mãi, que fosse pola varzia sair aho valle de George Vieira, pera que tomasse estes almogavres no meo, Hamelix veo per encubertas atte ho tojalinho, e nam hos vendo encaminhou pera o rio doce, o que nam pode fazer sem o verem da villa, ao que se loguo deu repique. Neste tempo andavão os nossos, por fazer grande calma, todos nus nadando, e pescando aos cagados e outro peixe, e era tamanha ha grita, e matinada que faziam por lhes a pesca soceder bem que a ouvio Hamelix, sem o elles verem, e os tomara todos as mãos, se da villa nam repicaram, e tiraram com huma bombarda grossa, no qual instante andando huns pescando com redes, e outros lavando os cavallos, eram ja os mouros tam junto delles, que nam tiveram mais tempo que pera assi nus como andavam, sem poderem tomar as camisas, nem enfrear os cavallos, nem lhe porem as sellas se lançarem ha elles em osso, com sos os cabrestrillos, começando cada hum de se por em salvo assi como o sua mãi parira, com tudo hos mais delles, porque tinham has lanças tanchadas no cham, as levaram nas mãos, com que se hiam defendendo dos mouros que lhes seguiam mui bem ho alcance, no qual cahio do cavallo, por lhe tropeçar, hum destes moradores per nome Ioam Martinz, ficandolhe o cabrestrillo na mam, e como ho cavallo hia alvoroçado da corrida, e com desaseseguo lhe nam desse lugar pera sobir, vendo Antonio Coutinho Mourisco que servia de Almocadem ho trabalho em que estava, sem ter conta com os mouros os seguirem de mui perto voltou, e do primeiro encontro

derribou hum, que foi causa de os outros sobrestarem, e darem tanto espaço, que teve Antonio Coutinho tempo pera tomar nas ancas Ioam Martinz, e assim o salvou com alem da perda dos vestidos que lhe ficaram de mestura no rio doce, deixar o cavallo, que era hum dos milhores da companhia. Dom Ioam coutinho como mandou repicar sahio logo da villa pera recolher alguns destes se escapassem, porque a todos tinha por perdidos, mas quando a elle chegaram juntos, e nus, no estado da innocencia, e soube o que passara, e da sorte que fezera Antonio Coutinho foi nelle tanta a alegria, que nam cabia de prazer, e dixe tantas graças, porque era de seu natural muito gracioso, e muito bom cortesam, que fazia harrebentar com riso os que alli estavam, e porque as damas da vilia nam vissem aquelles corpos em carne, pera que entrassem sem porem espanto, nem serem olhados, nem moutejados, os mandou cobrir o melhor que pode de vestidos que se acharão entre os que erão presentes, e a Antonio Coutinho, por quam bem o fezera aquelle dia, deu hum capelhar de gran, de sua pessoa, e assim a elle como a todoios outros mandou no dia seguinte dar de vestir a sua custa e a Ioam Martins deu ajuda pera comprar hum cavallo, os mouros vendo recolhidos aquelles vinte de cavallo, e que dom Ioam era ja fora da villa, voltaram levando ho despojo que lhes ficaria no rio dece, de redes, adargas, selas, cabeçadas, e freos, com outras meudezas da calidade, e com este enxoval se recolheo Hamelix que fez rir el Rei de Fez, e os que presentes eram, quando lhe contou como este negocio passara. Dom Ioam vendo que os Mouros que seguiram os moradores se começavam de recolher, contente por naquelle dia nam perder nenhum delles

se tornou pera a villa. Passado isto el Rei de Fez desejoso de tomar algum Christão pera saber novas, mandou aho outro dia Hamelix que fosse correr ate as tranqueiras, ho que fez com muito esforço, junto das quaes lhe mataram quatro dos seus, com setas, e tiros de espingarda, pelo que se recolheo ao arraial, mas logo no mesmo dia, em acabando de jantar, tornou a correr, e cativou na fonte datalaia ruiva Antonio fernandez ramiram atalaia, ho qual per ser bom cavalleiro, e servir bem seu officio dom Ioam mandou resguatar dalli a poucos dias. Sabendo el Rei de Fez per este captivo, o que passava na villa, e vendo ho pouco que naquella entrada fezera, posto que chegara ate o xerquão sem ser sentido, e quam pouco alli aproveitava por então, mandou alevantar o campo, e se foi a Alcacer quebir donde despedio os Alcaides, mandandolhes que estivessem prestes pera quando os mandasse chamar, os quaes despedidos se foi pera Fez, onde o deixeremos por agora estar, e trataremos doutros negocios que neste tempo passaram em Africa.

CAPITULO XLVIII

De como el Rei mandou dom Pedro mascarenhas a sondar a boca do rio de Tetuam pera nella fazer huma fortaleza, e do que sobreste negocio no mesmo tempo lhe el Rei dom Carlos escreveo.

DEPOIS de el Rei dom Carlos de castella ter casada a Infante donna Leanor sua irmã com el Rei dom Emanuel, lhe veo recado dos estados de Flandres perque lhe foi necessario ir-

se aquellas partes prover em cousas que lhe com-
priam, do que por suas cartas deu conta a el Rei
dom Emanuel, mandandoho vesitar por Monsieur de
a Chaulx seu camareiro, e do seu conselho que de-
pois de o el Rei despedir foi tomar el Rei dom Car-
os na Crunha, onde se havia de embarcar. Depois
la chegada do qual el Rei dom Carlos escreveo ha
el Rei dom Emanuel pedindolhe mui affectuosamente,
que desse licença a Ioane Mendez do esporam, que
a andava por seu Embaixador, pera passar com
ella em Flandres por ser pessoa de que tinha muito
contentamento, do que el Rei se excusou, por lho
assi requerer ha molher do mesmo Ioanne Mendez, e
logo apos estas cartas, sabendo el Rei dom Carlos
como el Rei dom Emanuel determinava fazer huma
fortaleza na boca do rio de Tetuam, e que tinha man-
dado la dom Pedro Marcarenhas a sondar a entrada,
e ver ho posto onde se melhor poderia fazer, lhe es-
creveo outra carta, estando ainda na Crunha, Data
cinquo dias de Maio deste Anno de Mil, e quinhen-
tos, e vinte, em que lhe pedia mui afficamente, que
por bem da Christandade, guarda, e defensão dos
Regnos delles ambos, mandasse fazer aquella fortale-
za ho mais cedo que podesse, por evitar tantos ma-
les, e damnos, quantos os mouros daquellas partes
faziam com fustas, e outros navios per toda ha costa
do estreito de Gibaltar e fora delle, e que se nam
estivesse em tempo, pera o logo poer em obra, ou
pera isso nam tivesse vontade lhe desse licença pera
ha mandar fazer, aho que el Rei dom Emanuel res-
pondeo que sua tençam era proseguir naquelle nego-
cio, e que pera isso tinha ja assentado ho modo que
havia de ter. Mas tornando a dom Pedro mascare-
nhas, el Rei o mandou com oito navios latinos sob

cor de ir socorrer Arzilla, por haver novas que vinha el Rei de fez sobrella, o qual partio de Lisboa no começo do mes Dabril, e por o vento lhe ser contrairo, foi a Tanger, donde mandou duas caravellas de sua companhia Arzilla carregadas de biscouto, e outros mantimentos, e por nam perder mais tempo se foi a Septa, onde chegou aos vinte, e dous dias Dabril, e por o tempo lhe ser contrairo, esteve alli dous dias, acabo dos quaes, com dous bargantins que lhe mandou esquipar Gomez da sylva Capitam da Cidade, foi amanhecer a boca do rio de Tetuam, e posto que a terra se apellidasse, por serem sentidos dos guardas do rio, não deixou dentrar com os bargantins, e bateis, e sondar o canal da barra, que achou de baixa mar em quatro palmos, e meo, e de prea mar em dez, e dentro da barra, hum tiro de besta mais adiante, de duas braças largas de baixa mar, e de prea mar tres, e achou que da banda de Septa de longo do rio era tudo area tesa, e da outra a terra mais alta feita em ribanceiras a modo de sopal, e do sertão nam pode saber mais, que dizerem-lhe que era a terra mais tesa, porque nam ousou de desembarcar, por hos mouros ja ahi acodirem a repique, e terem ainda por ver o descarregadouro, que he huma mea legoa da boca do rio, no qual achou ja mouros de cavallo, e de pe, besteiros, e espingardeiros, que lhes vinham defender a terra, com tudo desembarcarão, e viram ho sitio, que lhes pareceo mui bem a todos, por ser terra firme, e cham, sem nenhum padrasto diante, no qual sitio ahi hum esteiro per onde entra agoa a humas marinhas que alli ha, em que se podera fazer lugar pera estarem navios de remo, e achou que ao lugar, em que se podia fazer ha fortaleza chegaria a agoa da mare de

prea mar de huma banda, e que avia huma fonte, e agoa doce, e boa em dous, ou tres lugares, e que se acharia onde quer que a cavassem, e que o esteiro das salinas se podia trazer ao mar per derredor da fortaleza, de maneira que chegassem a ella navios de remo, e que pera se fazer ha fortaleza havia na terra muita pedra, e mato pera poderem cozer cal, mas que com levante por pouco que ventassem nam poderiam desembarcar em toda aquella costa, ha este negocio mandou el Rei com dom Pedro Mascarenhas, Antonio leite, Christovam leitam, Andre Casqueiro, Diogo de Medina, e Ioam Nunez delpont, do que dom Pedro avisou el Rei per huma carta escripta em Septa aos seis dias de Maio, e se foi dalli Arzilla prover em cousas que lhe tinha encommendado, donde se veo ao Regno a lhe dar a relaçam do que passara nesta viagem, aho qual, em chegando, deu el Rei ha Capitania das gales, e galeoens do regno pera hir guardar a costa do estreito, onde andou até fim do veram.

CAPITULO XLIX

De huma entrada que dom Ioão Coutinho, e dom Pedro mascarenhas fezeram ate alem da serra de Benamares.

Estando dom Pedro mascarenhas em Arzilla determinou dom Ioão continho seu cunhado por lho elle pedir de fazer huma entrada ate allem da serra de Benamares, pera ho que

mandou espiar a terra pelo Almocadem Antonio continho, com parecer do qual, e dos Almocadens Arthur Roiz, e pero de Meneses determinou de correr ate ao campo de Benehamede, Fiquer, Mençara, e Alinaçar, ho que assentado sahio Darzilla levando consigo seus cunhados dom Pedro mascarenhas, e dom Emanuel mascarenhas, com a companhia que lhe pareceo necessaria pera o negocio a que hia, o qual caminhando em sua ordem acostumada foi amanhecer ao pe da serra, em que nam quis entrar senam sol saido, atravessandoha com muita difficuldade, pela aspereza da terra, o arvoredo ser tam basto que cobria os corregos, de maneira que lhe foi necessario fazello cortar com as espadas, pera assi poderem passar adiante. Com este trabalho, e com hos caminhos serem tam estreitos, e perigosos que pela mor parte da serra foram constrangidos levar os cavallos pela redea, chegaram ao mais alto della, no que gastaram ha mor parte do dia, do cume da qual vendo todos que andava muita gente da terra espalhada pelo campo sem sospeita de la poderem chegar Christãos, foi tanta a alegria que lhes pereceo que tinham ja tudo acabado, ho que vendo dom Pedro Mascarenhas dixe a dom Ioam, senhor pareceme isto como quem corre tormenta, que quando ve terra se alegra, estando mais perto do perigo do que ho faz no alto, dom Ioão lhe respondeo, pois sabei de certo que estamos em terra que se foramos sentidos, que cem vilãos de pe nos desbaratarão, mas ja que Deos nos trouxe aqui não a que temer. Passadas estas, e outras praticas, dom Ioam deu setenta de cavallo aos almocadens pera irem diante correr o campo, e pera sim com seus cunhados tomou outros setenta com o guiam, e a maia gente mandou que acompanhasse a bandeira. Nests

lem sairam da serra, tomando logo os almocadens o
ninho de Mençara, e Dalinaçar, e o guiam o da bo-
de Benarros, na qual corrida tomaram mais de
nta almas, e mais de quatro centas cabeças de
ado vacum, e gram somma de meudo, com a qual
valgada se vierão recolhendo pera a boca de bena-
res sem os mouros ousarem de os cometer, ao
e acodiram os da serra do farrobo, e os de
ihana, e Lenamaçar, que todos não fezeram mais
e acrecentar a dor ahos que viam levar suas mo-
res, filhos, e parentes captivos, sem lhes poderem
er, porque assi estes como os outros, posto que to-
viessem ladrando apos dom Ioam Coutinho, nam
aram de o cometer na serra, nem fora della, da
l saio com muito trabalho pela grande aspereza,
difficuldade dos caminhos, o que feito depois de
ousarem, e darem folga aos cavallos, tomou seu
ninho pera Arzilla, onde foi recebido com a acus-
nada alegria, que se em taes idas, e tornadas acus-
na fazer aos vencedores.

CAPITULO L

como indo Ioam Coelho Alcaide mor de Tanger, seu irmão Aires coelho pera Arzilla em huma cara-vella, pelejaram com huma fusta de Tetuam, e do que se nisso passou.

Depois desta entrada da serra de Benamares, determinou dom Ioam Coutinho de ir a Se-
pta em companhia de dom Pedro mascare-

nhas seu cunhado, nas gales de que era capitam c
mo fica dito, com que ja andava no estreito, ha co
prir uma romagem que tinha prometida a casa
nossa Senhora dafrica, e porque assentaram de to
narem por Tanger, Antonia dazevedo, filha Danib
teixeira, molher que fora de Diogo do soveral, fi
tou huma caravella pera em sua companhia se ir p
ra Arzilla, com suas tias, e irmãos, donde era nat
ral, e tinha sua casa, a qual estando prestes, co
todo seu fato embarcado, socedeo que com for
de levante não poderam as gales surgir na barra
Tanger e passando de longo do muro, e couraça
Cidade se foram Arzilla, polo que a caravella, pos
que se nisso muito trabalhasse, nam pode sair
baia pera seguir as gales. Dom Ioam coutin
antes de chegar Arzilla escreveo per um bar
de pescadores, de que era Araez Lopo afilhac
a dom Duarte, avisandoho dalgumas cousas n
cessarias ao tempo, e sazam delle, mandan
aos pescadores que a força de remo tomassem Ta
ger, ou ao menos Almadrava, e dessem as cartas a
atalaias do cabo, os quaes achando o vento m
brando do que cuidavam quiseram passar o cab
onde os tomou uma fusta de Tetuam, e por ser jun
de terra hum destes pescadores de seis que era
per nome Antonio grimaldo se lançou da fusta
mar, e per terra veo ter a tanger, e deu aviso a do
Duarte, de como a fusta tomara o caminho de T
tuam. Com esta nova, por ho cabo ficar seguro c
terminou Antonio dazevedo de sembarcar na carav
la, afiuzada tambem em duas naos biscainhas que n
vegavam para levante, e estavam ancoradas na A
madrava, neste caminho a acompanharam Ioam co
lho alcaide mor de Tanger, e Aires coelho seus p

s com irmãos, em cuja companhia se foi o Gri-
ldo que se salvara a noite dantes da fusta, feita
a em passando o cabo deram com a mesma fusta,
qual veo investir a caravela lançandolhe logo oito
mens dentro, ao que Ioam coelho, e Aires coelho
nados de couraças, capacetes, e adargas acodiram
m lanças nas mãos, e assim o Grimaldo, que o fez
quanto este negocio durou mui esforçadamente, os
aes do primeiro encontro matarão quatro dos mou-
, e os outros se lançaram na fusta. Emquanto ses-
negocio tratava, o mestre, e marinheiros marea-
n a caravela de maneira que lhe ficou a fusta a
mas sabendo os mouros pelos que se lançaram da
avela que nam avia nella mais que tres homens
e pelejavam, e que hia carregada de molheres, de-
minarão de a cometer outra vez o que fezeram
n muito animo, dos quais em investindo a carave-
saltaram pela proa quinze ou dezaseis dentro, com
acetes, lanças, rodelas, e adargas, no que fezeram
to como dantes, porque os dous irmãos, e o Gri-
ldo, com huma lança na mam, e hum berneo do
ço os receberam de tam boa vontade, que depois
peleja durar hum bom pedaço mataram os mais
les, e os outros todos feridos se lançaram na fusta,
o mesmo lugar per onde subiram, allem destes co-
çaram outros dentrar pela popa da caravela, o
e lhe o mestre, e marinheiros defenderam com tan-
animo que nenhum delles ousou de sobir, o Gri-
ldo como era valente homem, e acordado, nam
queceo em os mouros se lançando da caravela pela
a, de tomar o fogam que estava cheo de brasas,
cinza, e o lançar dentro na fusta, com que matou
uns, e ferio outros e outros cegou de maneira que
naram por partido alargarsse, seguindo com tudo

a caravela as setadas, e espingardadas. Os capitães da
duas naos biscainhas vendo o que passava lhe acodi
ram com os bateis, mas foi a tempo que ja a fust
andava de largo, a qual em os vendo se fez na vol
ta de Larache, pelo que sem acharem ja quem lh
podesse estorvar atoaram a caravela, e a levaram a
naos, onde lhes fezeram muito boa companhia e man
daram curar os feridos, dos quais o que mais feridas
e mais perigosas ouve foi o Grimaldo, o que feito o
poseram na almadrava, onde dom Duarte veo po
elles, e hos levou per terra a Tanger, e a caravell
os seguio per mar de longo da costa.

CAPITULO LI

De como dom Francisco de Castro càpitam do castel de sancta Cruz no cabo de Guer foi sobella vill de Turoququo, e a tomou.

A villa de Turoququo, sendo dom Francisco
Castro capitam do cabo de Guer, era de ta
to trato, que alem dos mouros, que alli v
nham fazer suas mercadorias, estavão nella por es
respeito muitos christãos, e porque os mouros des
villa, e da commarca ao redor vinham muitas vez
correr o cabo de guer, em que faziam danno, assi
aos Portugueses, como aos mouros de pazes, dete
minou dom Francisco de castro que ja era tornad
do regno ir sobrella, e a destroir pera o que ajunt
a mais gente que pode, de que a mor parte era do x
que Melique, que era mui bem cavaleiro, e leal vassal

l Rei dom Emanuel, com a qual companhia foi ama-
ecer hum dia sobresta villa, e a entrou e matou, e
ptivou os mais dos moradores della, e com elles
mou todolos mercadores christãos que alli resi-
am, de que os mais eram Genoeses, e Castelhanos,
quais todos trouxe ao castello de Sancta Cruz,
m muitos christãos captivos, que achou na villa ha
e deu liberdade, os que mor damno fezeram, e
ais gente matarão na tomada desta villa, foram os
ouros de Melique, por estarem magoados dos mui-
s dannos, que receberam dos moradores della.
este feito avisou logo dom Francisco el Rei dom
manuel, screvendolhe que sua Alteza lhe mandasse
que havia de fazer daquelles mercadores Christãos,
e tomara, porque os moradores lhos pediam para
venderem em leilam, e levarem a parte que lhes
ubesse, como fezeram dos mouros que alli captiva-
o, que por taes se podiam estimar, pois viviam em
as terras, e tratavam com elles em mercadorias
efesas, como se sabia por certo, ao que lhe el Rei
spondeo que os tivesse a bom recado, e mandasse
m delles ao regno, com procuraçam dos outros,
ra tractar seus negocios na corte, e se fazer nisso,
que fosse rezam, e justiça, o que assi fez, mas
omo este negocio depois passou, e a sentença que
sobrisso deu, eu nam pude alcançar, nem saber
s pessoas que la estavão neste tempo, e depois es-
veram ate que os mouros depois do falecimento
el Rei dom Emanuel tomaram esta villa do cabo de
uer per combate.

CAPITULO LII

Do que Antonio correa passou na viagem que fez a Malaca, e pegu, e do que em Malaca aconteceo at que tornou, e do que ahi fez depois de chegar at se ir perá India.

Como atras fica apontado, o Governador Diog lopez de sequeira despachou Antonio corre para Pegu, ao qual regno os da terra cha mam Bagou, a quem deu regimento, que se Malac per onde avia de ir estivesse ainda cercada que nar passasse ate o cerco se nam alevantar, e em todo que podesse ajudasse Afonso lopez da costa capitan da fortaleza, pera esta viagem lhe deu tres velas d que os outros capitães eram Antonio pacheco, qu hia provido da Capitania de Malaca, e Francisco d sequeira, com estas tres velas, em que iriam cent e cincoenta soldados Portugueses, partio Antoni correa de Cochim a vi. dias de Maio, do anno d M. D. xix, e chegou a Malaca a tempo que a fort leza estava em tamanho aperto, que fora difficultos podersse defender del Rei de Bintam se elle na viera porque a tinha cercada per todalas partes, feita a tranqueira, e fortaleza do rio de Muar, co que tolhia virem mantimentos a cidade, do que causou tamanha fome, que a medida darroz a q chamam ganta, que podera levar huma canada val hum cruzado, e a canada do vinho outro tanto, que se ajuntara estar Afonso lopez muito doent mas com ha vinda Dantonio correa, que por es respeito se alli deteve dous mezes, os imigos tom

ı por partido deixarem ho cerco, o que feito, e a
ade provida de mantimento se partio pera Pegu,
de com bom tempo chegou ha cidade de Martabao,
trinta dias de Septembro do mesmo anno. Neste
no de Pegu a muitos Elephantes, e grande canti-
de de cervos, porcos monteses, e outras alimarias
vas, cavallos, bois, bufaros, gado meudo, e aves,
minas douro, prata, e todolos metaes, muito la-
, e bom, e os melhores robins de toda a India, e
ita outra pedraria, como espinellas, e çafiras, e
ıtras calidades, he muito viçosa, e de muitos man-
entos, as cidades e villas são cercadas de muro
pedra, e ladrilho, com suas torres, e cubellos,
ıdem o peixe daguoa doce vivo, como se faz
França, Flandres, Inglaterra, Alemanha, e ou-
s provincias deuropa, a gente he baça, e de
am estatura, as molheres andão muito bem
biadas, e se tem em muita conta, e posto que
ım baças, sam fermosas, de bom geito, e pare-
, tem muitas armas para guerra, posto que elles
ım fracos, e covardos, e isto lhe causa serem mui-
dados a viços, sam gentios os mais delles, ai na
ra alguns mouros mercadores, mas o Rei he gen-
, as casas doração chamam varellas, que sam do
do das dos Chins, tem mosteiros de frades, e frei-
, que vivem em muita abstinencia. Depois de An-
io correa chegar a cidade de Martabao, que he
ma das principaes do regno onde se fazem as ta-
s que chamam Martabanas, e outra muita louça
porcelana, mandou por Embaixador a el Rei que
tam estava na cidade de Pegu Antonio paçanha
tural da villa Dalanquer e por secretairo da em-
xada Belchior carvalho, os quaes com a mais com-
nhia que levavam de Portugueses foram bem rece-

bidos del Rei, que sabendo o a que hiam, hos de
pachou logo mandando com Antonio paçanha hu
sacerdote homem de muita authoridade, a que ch
mam Rolis, e o çamim de belgam que he huma d
principaes pessoas de sua casa, que depois de sere
em Martabao assentarão pazes, e amizades com An
tonio Correa em nome do seu rei, de que fezera
contractos, jurados, e solemnizados, em que Antoni
correa se obrigou em nome del Rei dom Emanuel,
se manter, e guardar o que se antrelles assentara, d
que deu hum estromento pubrico, e da parte del R
de Pegu se deu huma lamina douro do tamanho c
huma folha de papel, em que o contracto estava e
cripto em letras escolpidas ao boril, que se entrego
a Antonio correa, o que assi assentado os noss
como amigos andavão pela terra fazendo seus neg
cios tam seguros, como os mesmos naturaes dell
no que continuram ate o mes de Junho do anno c
M. D.xx, que lhes servio o tempo para se tornaren
em que Antonio correa se fez a vela caminho c
Malaca, com cinco jungos carregados de mantime
tos, que foi a melhor mercadoria que podera naquel
tempo trazer a Cidade por delles aver muita falt
Neste tempo em que foi a Pegu, e veo porque
Rei de pacem se alevantara contra os Portugueses,
mandara matar os que estavam na Cidade de pace
que seriam obra de vinte cinco, e tomar a fazen
que alli tinham, e ter morto o Rei que era o nos
amigo, e se assenhorar do regno como tyranno, d
terminou Garcia de Sa, que servia de capitam de M
laca como fica dito, de mandar Emanuel Pache
em huma nao bem esquipada, e artilhada para q
andasse entre o porto de Pacem, e Achem, e defe
desse a entrada aos que a elles quisessem ir, porq

r entam nenhuma guerra podia fazer mor ha este
i que vedarlhe os mantimentos que vinham de fo
, e estorvar os pescadores que nam saissem ao mar,
qual andando assi correndo esta costa com desejo
gua fresca, mandou o batel ha terra com cinco Por-
gueses, afora os remeiros, estes foram Antonio pa-
nha, Ioam dalmeida de quintella ambos da villa Da-
nquer, Antouio de vera da cidade do Porto, Fran-
sco gramaxo, e o barbeiro da nao, feita a augoada
rio de Iacapari, donde a nao ficava de largo mais
huma legoa, em começando ho batel a decer pe-
rio, veo huma infinidade de gente que de huma
nda, e da outra os tratavam mal de frechadas, e
dradas com tudo elles sairam do rio, e sendo a
ea legoa das naos por o vento nem a mare lhes
rvir forão alcançados de tres lancharas que sairam
rio de Pacem, com muita gente nobre, e bem ar-
ada de que era capitam hum Iao muito esforçado,
r nome Raia çudameci, os cinco que hiam no ba-
l vendo que da nao lhes não podiam acodir, pondo
a esperança em Deos determinados de morrer an-
s se deixarem captivar, em a lanchara capitaina
egando a elles, o barbeiro que era muito forçoso
braços aferrou nella pola proa (porque assi tinham
denado que o fezesse) e os quatro entraram na
nchara, com tanto esforço, que as lançadas fezerão
ltar muitos na agoa, e mataram outros que se hião
colhendo para a popa, onde a peleja durou hum
m pedaço, ate que os mais delles morreram, e os
tros se lançaram ao mar, dos quais o derradeiro
i o capitão Raix çadameci mal ferido, que antes
e de todo se afogasse, matou com hum traçado
atro ou cinco dos seus, com despeito de lhe fogirem
modo que o fezerão, sendo elles mais de trezen-

tos, e os nossos tam poucos, as outras duas lancharas que vinham atras, vendo tam subito estrago nam ousaram de chegar ao batel, e parece que quis Deos salvar estes homens, porque se estas lancharas lhes chegaram so na sua misericordia estavam suas vidas, porque elles, nem poder, nem forças tinham ja pera se defenderem, posto que foram muitos mais, por quam feridos, e cansados estavam, com tudo elles atoaram a lanchara, e a levaram a nao, e dahi a Malaca, onde se pos em terra debaixo de huma alpendorada, que lhe Emanuel pacheco mandou fazer, por memoria do milagre que Deos fezera por aquelles cinco homens, que foi causa del Rei de Pacem pedir paz, e restituir a fazenda dos Portugueses que mataram em Pacem, a qual paz assentou com Emanuel pacheco, e confirmou depois com Garcia de Sa, mas tornando a Antonio correa depois que foi em Malaca vendo que el Rei de Bintam continuava na guerra, fazendo muito mal da tranqueira que tinha no rio de Muar, se offereceo a Garcia de Sa pera ir sobrella, e sobre o lugar de Pado, e destroir huma cousa, e outra, para o que lhe deu entre navios redondos, caravellas, fustas, lancharas, e huma gale com hum bargantim trinta velas, de que eram capitaens a fora elle dom Rodrigo da sylva, Duarte de mello, Duarte furtado, Duarte coelho, Anrrique leme, Emanuel pacheco, Francisco de sequeira, Carlos carvalho, Diogo diaz, Christovam diaz, Rui mendez, Iam salgado, e Bertholameu dafonseca, que hia por capitam das lancharas de Malaca, com esta frota, em que Antonio correa levava cento, e cincoenta Portugueses, e obra de quatrocentos soldados Malaios, entrou pelo rio de Muar, que he bem povoado de huma, e da outra banda, e cuberto darvoredo tam basto, e

tam alto, que quasi nam vem o ceo os que por elle vam, por este rio acima obra de seis legoas cae nelle hum esteiro que vem de Pado, na boca do quals tinha el Rei de Bintam feita huma estacada de dua faces, que guardavam muitos soldados com receo que os Portugueses o fossem cometer a Pado, onde residia ha mor parte do tempo por caso destas guerras, esta estacada tomava todo ho canal per onde se podia navegar o rio, e no meo tinha huma porta de grades que fechavam de noite, per onde se serviam hos que vinham pelo esteiro de Pado ao rio, pera dentro da qual se recolhião tambem as lancharas del Rei de Bintam, por estarem mais seguros dos rebates que lhe os Portugueses muitas vezes davam. Antes que Antonio correa chegasse a esta tranqueira a mandou espiar em hum barquete per George mesurado, que lhe trouxe novas que nella avia muita gente, e que lhes ouvira dizer que estivessem alerta, porque os Portugueses aviam de ir sobrelles, o que sabido assentou com os outros capitães o que se avia de fazer, e em rompendo a alva deu na tranqueira tam de subito, que a entrou, e matou, e captivou muitos dos que nella stavão, porque os outros fogiram pera Pado com o capitão que el Rei de Bintam ali tinha, que era hum dos principaes de sua casa, na tranqueira acharão mais de vinte peças dartelharia de bronço, de que alguma fora nossa, e outro despojo de pouca estima. Antonio correa como bom, e esforçado capitam determinou no mesmo instante de sobresaltear el Rei de Bintam, pelo que leixou na boca do esteiro Duarte de Mello no seu navio, com algumas lancharas pera guardarem o passo, e recolherem a artelharia, e elle na sua gale com os outros navios entrou por elle arriba, o qual passou com

muito trabalho pelo achar todo atravessado darvores, que el Rei mandara cortar, e lançar nelle de huma, e da outra parte, com tudo elle chegou ao lugar de Pado, onde posto que achasse el Rei com seus Elephantes, e gente postos em ordem de se quererem defender, saio em terra, levando diante a bandeira Real de que era alferez Afonso valente, e tratou o negocio de maneira que el Rei com medo se acolheo, indolhe os nossos nas costas matando, e ferindo muitos, ate que Antonio correa lhes mandou que não seguissem mais adiante por nam saberem a terra, recolhidos todos, Antonio correa armou alguns cavalleiros a porta dos paços del Rei, apos o que mandou saquear o lugar, e porlhe o fogo, e as lancharas, e outros navios, que seriam mais de cento, que estavam no estreito, em que avia algumas da pessoa del Rei, muito bem lavradas, e doura das, de que levou duas a Malaca, com muitos captivos que tomou neste lugar, e na tranqueira, que tambem ardeo toda, como a villa de Pado. Deste desbarato ficou el Rei tam envergonhado, e debelitado de gente, e fustalha que logo se foi pera Bintam, pelo que se fezeram em Malaca grandes festas, dando todos muitas graças a Deos polos assi livrar desta guerra, de que recebião todolos dias tanto damno, que quasl senão podiam valer, em buscar modo pera se poderem guardar dos assaltos e entradas que lhes este Rei fazia pelo mar, e pela terra, da qual cidade, deixandoa Antonio correa farta, abastada, e pacifica, se fez a vela pera India, onde, assim do Governador, como de todolos Portugueses, e amigos foi festejado como o elle bem merecia, pela muita honrra, que nesta viagem ganhou.

CAPITULO LIII

De como as Rainhas de Coulam, e Comorim mandaram cercar a fortaleza de coulam e do que se nisso passou

Hector rodriguez, que (com oatras fica dito) começou de fazer a fortaleza em Coulam, e tendo a quasi acabada mandou dizer a Rainha ue comprisse com elle algumas cousas a que era origada per vertude do contracto das pazes, das uaes ha de mor sostancia era a satisfaçam da fazena que tomara quando mataram Antonio de Sa, e de tenta de bahares de pimenta, que devia per quebra o peso que ella, e seus officiaes se obrigaram a paar sobrestes negocios ouve recados de huma e da utra parte, ate que a Rainha de Coulam aconselhaa dos mouros, e dalguns gentios determinou de tonar ha fortaleza per treição, ao que se lhe offerecem tres Naires irmãos, que vivião junto da mesma rtaleza, com quem Hector roiz por este respeito nha grande amizade, e de que se ja servira em alumas cousas, estes erão Vnirei pulabalam, Pullagopo, Coulegoripo, que então servião a Rainha de Comorim. Mas como este negocio nam sobcedesse a ontade da Rainha de Coulam, nam se atrevendo so cometer a fortaleza, se aliou com a de Comorim, feitos seus contratos da parte que cada huma avia levar da fazenda, e resgate dos Portuguees, ajunram perto de vinte mil homens de que deram a catania a estes tres irmãos, os quaes em mui boa ornança vieram cercar a fortaleza, no mes de Iunho,

em que naquellas partes he a força do inverno, pelo que lhe nam podia vir socorro de Cochim se nam com muita difficuldade, depois dassentado o cerco, e terem lançada peçonha nos poços, e mortos alguns christãos da terra que viviam ao redor da fortaleza, a começaram de servir as bombardadas com que faziam assaz damno, com tudo os de dentro lhe respondiam de maneira que matavão, e feriam muitos delles, porque varejavam os tiros pelo campo, onde ainda andavam a descoberta, por nam terem acabadas as cavas, e fossados, em que se aviam de recolher. Deste negocio avisou Hector roiz per terra dom Aleixo de meneses, que estava em Cochim servindo de Governador, em absencia de Diogo lopez (porque quando isto aconteceo era elle ido ao mar Darabia) fazendolhe saber que na fortaleza com seu genrro Duarte varella nam avia mais que trinta homens, de que os cinco estavam doentes, e que nam tinha outro nenhum mantimento se nam aroz, e muito pouqua polvora, o que sabendo dom Aleixo despachou logo dom Afonso de Meneses, seu sobrinho, filho do Conde de Cantanhede, em huma fusta, com obra de vinte, e cinco soldados portugueses, besteiros, e espingardeiros, o qual em chegando a Coulam se lançou dendro da fortaleza com a gente que levava, e a fusta, porque os imigos a esbombardearão de terra, tornou a mandar com os romeiros pera Cochim, passados tres, ou quatro dias depois da vinda de dom Afonso, os imigos vieram cometer a fortaleza determinados de darem assalto, e porque Hector roiz os vio encaminhar perá porta, temendo que a quebrassem com machados, e outros engenhos que traziam, fez poer sobre as guaritas muitos penedos, e panellas de polvora, pera os servirem, se chegassem, o

ue feito mandou abrir ha porta de par em par, fi-
ando elle no pateo defronte della com vinte homens,
que vendo os imigos, mudaram ho proposito com
ue vinham, pondosse as frechadas, e espingardadas,
bombardadas com os nossos, que lhes pagavam na
esma moeda, no que estiverão mais de duas horas,
cabo das quaes se recolherão as estancias, com
es matarem trinta homens, e elles hum Portugues,
epois deste combate deram os imigos outros, com
s mais dos dias lauçarem na fortaleza passante de
em pellouros de bombarda, de que avia alguns de
erro que pesavam dez arratens, com tudo os nossos
ão deixavaõ de sair muitas vezes fora a cortar os
almares que estavão junto da fortaleza, cousa que
s imigos sobre todas sentiam por o terem por gran-
e afronta, isto se fazia as mais das vezes na parte
nde era a estancia do Matanatriniri, hum dos capi-
ães deste cerco, ao que elle resestia como muito bom
avaleiro fazendo recolher os nossos algumas vezes
ais depressa do que queriam. Neste tempo lançou
Iector roiz huma cilada detraz de huns vallos de
esteiros, e espingardeiros, apos os quaes mandou ha
Duarte varella, que fosse com dez, ou doze homens
ortar os palmares da parte da estancia de Pulagori-
o, ao que elle logo acodio com a mor parte da sua
ente, de que os que estavão na cilada lhe mataram
ete, ou oito, com tudo elle seguiu adiante, fazendo
ecolher Duarte varella pera a fortaleza, o qual por
e ver muito apertado fez volta aos imigos, na qual
m espingardeiro, per nome Symam Alvarez vazou
e hum tiro ambalas coxas a Pulagoripo, de que logo
ahio, ao que acodiram Duarte varella, Luis alvarez
scrivam da feitoria, Antonio ferraz, Antonio da
osta, Diogo de gouvea, Ioam lourenço, e outros pera

o tomarem preso, sobre os quaes vieram tantos dos imigos pera defenderem seu capitam que tiverão assaz que fazer em se irem recolhendo passo a passso, levando sempre o rosto nos imigos, que neste debate deram uma cutilada pela solla de hum pe a Duarte varella, e Afonso ferraz foi ferido de trez feridas de que depois morreo, e Antonio da costa de duas frechadas, e os outros sairam os mais delles feridos, e assim chegaram a fortaleza com assaz trabalho, mas nem por isso deixavam os nossos de sair a cortar has palmeiras como o dantes fazião, de que as mais das vezes era capitão Afonso de meneses em que sempre se travavam escaramuças com os imigos, os quaes depois de terem cercada a fortaleza quasi dous meses desenganados de a poderem tomar, e por as Rainhas terem aviso por terra que dom Aleixo mandava mais socorro, ordenaram de pedir paz a Hector roiz, do que elle logo deu aviso a dom Aleixo que sobrisso mandou a Coulam Diogo pereira, e com elle dous mouros de que se confiava per nome, Cherina marçar, Patemarear, os quaes depois della serem, elles, e Hector roiz fezeram huns apontamentos que foram apresentados as Rainhas, nos quaes posto que se logo nam tomasse conclusam, nem por isso se deixou de assentar a paz, o que acabado se alevantou o cerco, com ellas ficarem muito contentes, offerecendosse no que nellas fosse a tudo o que comprisse a serviço del Rei dom Emanuel.

CAPITULO LIV

Do que aconteceo a Gregorio da quadra desno tempo que foi captivo no reguo Dadem ate acabar sua vida em religiam.

ATras fica dito, como per desastre hum bargantim de que era capitam Gregorio da quadra, que andava com Duarte de mos capitam geral do mar Darabia, se per-era da companhia. Este bargantim levou o mar a eilla, sem per caso da grande çarraçam que fazia iberem pera onde navegavam, onde foram tomados odolos Christãos, que nelle hiam, e os mais levados a el Rei Dadem que entam estava em Zibit, Cidade rincipal de seu regno, homem cruel que tractava al os captivos, de que tinha muitos de diversas na-oens. Estes Portugueses mandou meter em huma azmorra, em que tinha muitos captivos, onde se regorio da quadra, constrangido da necessidade, nsinou a fazer carapuças de pedaços de pano de ores que vendia, e disso alem da raçam que lhe da-am se mantinha e acodia aos companheiros. Passan-o assim esta vida alguns annos, veo hum Rei vezi-ho a este de Adem fazerlhe guerra, em que o ven-eo, desbaratou, e tomou a mor parte do Regno di-endo que lhe pertencia per direito, ho qual era ho-nem mavioso, e caridoso, pelo que huma das pri-eiras cousas que fez, foi dar llberdade a todolos aptivos que o outro tinha, entre os quaes aconteceo sorte a Gregorio da quadra, e a cinquo dos Portu-ueses que se com elle perderam, porque os outros

eram ja mortos, ho qual (porque aprendera estando captivo muito bem a Aravia) dissimulando ser religioso na secta de Mahamed teve taes meos, que per sua fengida sanctidade veo a noticia del Rei, que como era homem bem acondiçoado, e amigo de Deos segundo sua crença lançou mam delle, e o levou consigo a cidade de Medina, onde estam os ossos de Mahamed, ha qual romaria el Rei tinha prometida aquella casa, se lhe Deos desse victoria de seu imigo. Ao tempo que el Rei chegou a esta cidade avia dous dias que partira a Cafila de Damasco, pelo que Gregorio da quadra, desejando de passar a India sob cor de ir visitar os ossos dos netos de Mahamed que estam na persia, pedio a el Rei que lhe deixasse seguir a Cafila, pera ir com ella ate o mais acerca que podesse da casa em que aquelles corpos estam sepultados, o que lhe el Rei concedeo de ma vontade, huma por lhe ja ter alguma afeiçam cuidando que era homem religioso, e a outra porque sabia que era quasi impossivel poder chegar a cafilla, com tudo importunado delle lhe deu licença, dinheiro, e mantimento quanto elle pode levar em hum fardel, assi que despedido Gregorio da quadra del Rei tomou seu caminho por desertos, sem saber per onde hia ate lhe faltar o fardel, e a cabaça, em terra que tudo erão medons darea solta, onde apertado da fome, e assado da quentura do sol pos os giolhos no chão, pedindo com muitas lagrimas a Deos perdam de seus peccados, fazendo conta que tinha acabo o discurso de sua vida, e feita sua sepultura nas aves do ceo, e alimarias da terra, pois morria em lugar onde nam podia ter outra. Estando nestas augustias, milagrosamente foi arrebatado, e levado do pe de hum grande outeiro darea onde estava lamentando sua vida, o

l posto assi no cume delle olhou pera outra ban-
e vio hum camello, e hum homem hum pouco mais
nte, pera o qual se foi o melhor que pode, mas
es que chegasse a elle, descobrio muita gente, e
ellos que eram de huma cafilla que alli estava
ando augoa, pera os quaes encaminhou logo pe-
dolhes que lhe socorressem com alguma cousa
a comer, o que lhe derão perguntandolhe per on-
hia, o que lhes contou, do que estimaram todos,
ando a seu trajo, que era algum homem sancto,
or tal lhe fezerão muita caridade, e o levaram em
companhia a Babilonia, donde se veo a Baçora,
alli a Ormuz em companhia de mouros, cuidando
era Caciz, ou Ermitão Arabio. Chegado a Or-
z dom Garcia coutinho, que entam era capitam da
aleza lhe fez muita honrra, e bom gasalhado, dan-
he logo embarcação pera a India em naos que
vam prestes pera partirem, donde veo ter a este
no no anno de mil, e quinhentos, e vinte, o qual
tam boa rezam a el Rei dom Emanuel do que
, e passara, e enformações que tinha das pessoas
que tivera pratica, o tempo que fora captivo, e
contrafezera religioso, tanto das cousas da provin-
da Arabia, como da Ethiopia, onde domina o pre-
o Ioam Rei, e Emperador do Abexi, e de hum
nde lago, que a nas suas terras donde se diz que
o Nilo, e o Zaire, e outros grandes rios, que el
por se lhe offerecer a isso o mandou ao regno
Gongo, pera dahi ir per terra aquelle lago, e del-
corte do Rei do Abexi desejoso dachar modo de
ler comunicar este principe per suas cartas, e mes-
eiros mais ameude do que o podia fazer per via
India pera quem lhe deu cartas de credito, e ins-
cções pera com elle tractar sobela guerra contra

o Turco, e fortalezas que tinha presoposto fazer na costa do mar Darabia, e da Ethiopia. Partido Gregorio da quadra de Lisboa, ho navio em que hia foi ter a barra do rio Zaire, que rega boa parte do regno de Congo: e he hum dos mores que se sabe em todo ho mundo, porque corre tantas provincias, e he tão largo na boca, em que sae ao mar que de huma banda a outra se não ve ha terra, chegado a este porto se foi per suas jornadas a corte del Rei de Congo que estava dalli pelo sertam, sesenta legoas, a quem deu as cartas que lhe levava del Rei dom Emanuel. Este Rei era ho primeiro Rei Christão daquelle regno, de que tenho tratado assaz nesta Chronica, o qual naquella lingoa se chamava Mobemba a mosinga, que quer dizer Mobemba filho de Amosinga, porque tem os Reis, e senhores daquella provincia por costume tomarem os sobrenomes dos pais, visavos, e tres avos pela parte mascolina, e o tem por grande honrra, e primor. Gregorio da quadra foi muito bem recebido, e agasalhado del Rei mas nam lhe respondeo logo aos negocios a que hia, porque o não quis fazer senam com parecer dos de seu conselho, que eram Portugueses, os quaes trazia sempre consigo por se fiar mais delles que dos seus naturaes, mas posto que fossem portugueses, respeitando pouco ao bonzello de seu Rei natural, aconselharam a el Rei de Congo, que per nenhum modo deixasse fazer aquelle caminho a Gregorio da quadra, porque se o descobrisse, soubesse decerto que desejava El Rei dom Emanuel tanto a amizade daquelle Rei do Abexi, que por ter melhor modo de o communicar lhe avia de ir tomando seu regno pouco, a pouco, e de todolos que habitavam entrelles ambos, ate chegar ahos limites do outro, do que movido el Rei não so-

te o nam quiz deixar seguir seu caminho, mas
s mandou logo pera Portugal com a resposta das
as del Rei dom Emanuel, o qual achou morto,
que enfadado ja dos trabalhos do mundo se me-
frade na ordem de sam Francisco dos capuchos
alços, onde acabou sua vida como bom, e catho-
christam, e tal ho foi antes dentrar na religiam,
que no tempo que o el Rei despachou pera esta
em de Congo, eu o cumuniquei alguns dias, e em
praticas conheci delle ser temente a Deos, de
deu claro testemunho na vida que tomou pera
todo acabar em seu serviço, fora dos trabalhos
e mundo, dos quaes elle passou assaz em quanto
o, segundo lho eu muitas vezes ouvi contar.

CAPITULO LV

*guns reboliços que passaram em Castella depois
partida del Rei dom Carlos pera Flandres, e
ajuda, favor, e conselho que el Rei dom Emanuel
isso deu.*

ALECIDO o Emperador Maximiliano, avo del Ree
dom Carlos, elle per conselho, e parecer da
todolos estados de castella, e assi por ser ch-
o pelos de Flandres, como fica dito, e alguns dos
ores do Imperio passou aquellas partes, onde foi
o Emperador com assaz difficuldade, por el Rei
cisco de Valois primeiro Rei de França do nome
r sobrisso pratica com electores, pelo qual res-
tinha mandado grandes presentes de dinheiro

aquelles que os quiseram aceptar, prometendolh
alem destes outros maiores, com tudo dom Carl
por ser Archeduque Daustria, onde de muit
annos a esta parte anda a sobcessam do Imp
rio quasi como cousa hereditaria, foi electo
villa de Francford, aos dezoito dias de Iunho des
anno de Mil, quinhentos, e vinte. Sobresta ida
el Rei dom Carlos cortes em Castella, em que al
de ter pedidas outras grandes ajudas de dinheiro q
lhe foram outorgadas, quis de novo pedir outr
muito maiores, o que lhe foi contrario, per algu
dos procuradores das cidades, e villas, entre os qu
o principal foi Ioam de padilha procurador da cida
de Toledo, natural da mesma cidade, que per es
respeito se despedio das cortes, sem tomar conc
sam em nada, e se tornou a Toledo o que saben
el Rei o mandou chamar per tres vezes, com tenç
de o castigar, mas elle pelos melhores modos,
meos que pode dilatou sua ida ate o Emperador p
tir da Crunha, onde se embarcou pera Flaudres
porque o que se devulgou em Toledo destas ve
que el Rei mandara chamar Ioam de padilha, foi c
na derradeira mandava, que lho levassem preso,
sentarão, assi os governadores, como os nobres
populares, de antes se alevantarem contra el R
que leixarem tirar Ioam de padilha da cidade, a
tes de Toledo se ajuntaram logo outras cidades
villas, induzidos ha quererem liberdade, com det
minaçam de fazerem comunidades perque se regess
ao modo dos Soiços, e de todo se tirarem da ol
diencia, que eram obrigados ter a seu Rei, aho q
tinham ja particular odio, por se reger, e gover
por Alemães, e Fiamengos, sem ter a conta que
via com os senhores cavalleiros, fidalgos, e povos

stella. Sobrestas, e outras auções que cada hum
nha como lhe vinha a vontade se ajuntaram em
ordesilhas aos vintecinco dias de Septembro deste
no, os procuradores das cidades de Burgos, Leam,
rea, Salamanca, Çamora, Madril, Touro, Avila,
govea, Valledolid, Toledo, e Conca onde teveram
r muitas vezes conselho nos paços em que pousava
Rainha donna Ioanna mãi del Rei dom Carlos, e
sentaram sua liga, de que sobcederam muitos ma-
, mortes, roubos, e sacrilegios que por serem taes,
tantos deixo de os escrever nesta Chronica, a qual
m convem outras particularidades senam as que
cam aos regnos, e senhorios do Rei de que tracta;
auctores principaes e cabeças destas uniões foram
m Antonio Bispo de çamora, e este Ioam de pa-
ha que era filho de Pero lopez de padilha homem
ui nobre, e bem aparentado, e da criaçam dos Reis
castella. Sobelos negocios destas comunidades es-
everam a el Rei dom Emanuel Adriano Cardeal de
rtosa, natural de Utreque na provincia de Sticht
e foi depois Papa, e o Condestabre, e Almirante
e ficaram por regentes dos regnos de Castella, e
am, e assi lhe escreveram os da liga desta junta,
comunidades pelo Adaiam da Se da cidade de
vila, prothonotario, dandolhe credito dembaixador
erecendolhe os regnos de Castella, e Leam, se os
isesse aceptar, aos quaes el Rei respondeo aconse-
ndoos que deviam de evitar os insultos, e males
e se per sua causa faziam, rogandolhes, e encom-
endandolhes que fossem leaes a el Rei dom Carlos
u senhor natural, e ao Cardeal, Condestabre, e Al-
rante se offereceo contra os rebeis, os quaes elles
hi a poucos dias desbarataram, com ajuda, e favor
Rei, artelharia polvora, e cincoenta mil cruzados

que lhes emprestou, sem querer tomar em penhor, villas, e castellos que lhe o Condestabre dava suas proprias, estimadas em cem mil cruzados, por caso destas comunidades fogio para este regno, dom Antonio dafonseca contador mor de castella, porque mandou poer fogo per algumas partes a Medina del Campo, pera que andando os comuneiros occupados em o apagar podesse tirar da mota a artelharia que era muita, e boa, e isto per consentimento de dom Bernaldino que era Alcaide mor daquella fortaleza, o que faziam por arecear que os das communidades, a tomassem, e fezessem com ella guerra aos regentes do regno, mas o negocio lhes sqbcedeo mal, porque nam cobrou a artelharia, e ha mor parte da villa ardeo, com muitas, e mui ricas mercadorias, e mosteiros de frades, freiras, e Egrejas parrochiaes em que ouve huma grande perda, pelo qual respeito dom Antonio, perseguido dos da liga com tençam de o prenderem, e matarem per justiça, se acolheo a este regno, e veo ter a Evora com outros fidalgos Castelhanos, onde el Rei dom Emanuel entam estava, os quaes recebeo mui bem, e lhes mandou dar em Lisboa embarcaçam pera passarem em Flandres, e se irem pera el Rei dom Carlos, que ja era electo, e declarado Emperador.

CAPITULO LVI

Dalguns desgostos que onve entre dom Nuno mascarenhas, e Side Ibeabentafuf, e da victoria que este Xeque ouve em companhia de Portugueses dos de Abida, que se lhe alevantaram pelo verem andar desfavorecido de dom Nuno.

Dom Nuno Mascarenhas por mexericos, e maos raportes que lhe faziam mouros, e Iudeus de Side Iheabentafuf, mais por enveja das merces que recebia del Rei, que por rezam que pera sso tevessem, começou de desgostar de sua amizade, e fiarsse pouco delle, do que nam contente escreveo sobrestes desgostos cartas a el Rei cheas de culpas do mesmo, pedindolhe que lhe nam desse tanto credito, como o ate entam fezera, porque pelas culpas que lhe achava, e intelligencias que deziam ter com el Rei de Fez, elle estava resoluto em se nam fiar delle, e sobre tudo em lhe nam consentir que levasse nenhuns Portugueses nas entradas que fasia, porque tinha por certo que se lhos pedisse que avia de ser pera os entregar aos mouros. Side Iheabentafuf soube destas cartas, pelo que escreveo outras a el Rei em que lhe dava conta de sua innocencia dizendo que dom Nuno induzido per mexericos de mouros, e Iudeus seus imigos, com cartas falsas, que se elles mesmos fazião escrever de amigos que tinham em Marrocos, se indignara tanto contrelle, que escrevera ha alguns dos Xeques dos Arabes que o matassem do que tomaram ousadia de lhe roubarem quanto tinha em Arsum, e se lhe irem, e deshobedece-

rem Abida, e ametade de Garabia, e elle se poer er
salvo pelo nam matarem, pedindolhe que fezessen
justiça delle se o merecesse, e o mesmo de seu
contrarios se os achasse culpados, do que tudo el Re
quis saber a verdade, e achandoo sem culpa, escre
veo a dom Nuno, que o tratasse como dantes fazia
Andando assi estas diferenças antre estes dous Ca
pitaens, parecendo a dom Nuno que tinha pouc
gente na cidade receoso que por o tal respeito po
deria sobceder caso em que tivesse della necessidade
a mandou pedir a el Rei, a qual lhe mandou de mo
radores de sua casa, que seria ate cento de cavallo
de que hia por Capitam (ate chegarem a çafim
Christovam freire cunhado de dom Nuno, que ell
tinha pedido a el Rei muitas vezes per suas carta
que lhe mandasse, por ser mui bom cavalleiro, e pra
tico nas cousas da guerra. Depois destas cem lança
serem em çafim, sendo ja reconciliado Side Iheaber
tafuf com dom Nuno lhe mandou pedir gente de pe
e de cavallo, em que entrassem besteiros, e espinga
deiros pera ir sobre Abida, e ametade de Garabia, dom
Nuno lhe mandou obra de sesenta lanças, e algun
piães todos moradores de çafim, a capitania dest
gente deu ha dom Rodrigo de noronha dalcunh
Aravia, porque a fallava bem, com quem foi o Adai
e dos fronteiros por lho pedirem mui afincadamen
deixou ir dom Garcia deça, Francisco lopez giram,
Emanuel de Goes, que foram ambos do regno n
companhia de Christovam freire, tanto que esta ge
te partio de çafim, os de Abida foram disso avis
dos por via de Gormiz, o qual aviso lhe chegou qua
no tempo que os cristãos chegarão onde estava Si
Iheabentafuf, pelo que se alevantarão logo, e fora
caminho do rio contra Marrocos, do que foi avisa

de Iheabentafuf, e sem mais esperar se pos a
vallo com ceia, e os que ficaram de Garabia
guindo tras elles, e porque houve medo que lhe
gissem, lhes mandou no alcance alguns corredores
era lhos deterem: estes elcançaram os que hiam
n guarda do gado, em quem deram sem esperarem
ola companhia, e a escaramuça se travou tam aspe-
, que os nossos garabis mataram dos dabida
nco em que entrou hum filho do çolei malaeze
os principaes xeques dos dabida, e outro xeque, que
nha fama de valente homem, o que tudo fezerem
m de subito que quando Side Iheabentafuf, e dom
odrigo chegaram, a gente de cavallo era posta em
lvo, deixando muito gado, homens, molheres, me-
inos, de que o Adail, e almocadem levaram a çafim
mor parte, com toda a gente que sahira da cidade,
xcepto quinze de cavallo que ficaram com dom
odrigo, e dom Garcia que se foram em companhia
e Side Iheabentafuf, pera verem a conclusam que
bida queria tomar a qual foi tornarensse pera elle
om os de xiatima que se rebellaram, e deixarão o
erviço del Rei de Fez, em que já andavam, per da-
ivas, e vestidos, que lhe mandara per seus messa-
eiros.

CAPITULO LVII

Do que aconteceo a Vasco Fernandez cesar com duas galeotas que encontrou no estreito.

Vasco Fernandez cesar foi homem de quem se el Rei dom Emanuel servio em muitas coisas por o achar pera isso mui sufficiente assi nas da guerra, como em outros negoceos, e o mesmo fez el Rei dom Ioam terceiro, seo filho, o qual depois de ter servido dous annos de Adail em Azamor, e ter felto as entradas de que fiz mençam, el Rei dom Emanuel o mandou chamar per suas cartas no anno de M. D. xx e depois de ser na corte, dahi a poucos dias o maudou ao estreito por capitão de huma caravella, pera andar no provimento dos Lugares dafrica, onde teve alguns recontros com fustas de mouros, em que sempre lhe Deus deu delles vitoria, de maneira que se na terra o seguia esta boa andança contrelles, melhor lhe succedeo depois no mar. Ora he que andando elle correndo a costa a traves da villa Dalcacer ceguer que naquelle tempo era nossa no lugar onde se chama agoa de Remel, lhe sahiram duas galeotas, que tinham tomada, avia ja tres dias, a gente de dous navios, que hião carregados de cal, e outras munições dobras para Tanger, e posto que fossem duas, e soubesse que andavam mui esquipadas de gente, e artelharia e o viessem demandar a voga forçada, elle assi como ouve vista dellas lhes fez rosto, mas huma dellas, que proejava melhor, vendo sua determinaçam lhe tomon o balra

nto sem lhe poder valer, e se acolheo a outra que-
ndo seguir a esteira desta, por o mar ser grosso, e
vento fresco seguio Vasco fernandez cesar, e a for-
de bombardadas a fez encalhar em terra onde a
rombou, e porque os mouros se lhe nam acolhes-
m pela serra acima, se embarcou com a mais da
nte armada na barca da caravela que semore tra-
per popa, deixando recado que ha artelharia ju-
sse sempre até que o vissem em lugar que neces-
riamente poderiam fazer mal aos mouros, e a elle.
esembarcado se poseram aos botes com elles de
e mataram dezoito, antes que Pedralvres de car-
lho Capitam Dalcacer, chegasse, que era um mui
forçado cavalleiro, o qual acodio ao som das bom-
rdadas, e tomou os mais mouros da galeota que
nda eram vivos que seriam trinta, e os levou capti-
s a villa, de que se fezeram em leilam mais de
atrocentos mil reaes, dos quaes veo a parte da ca-
vela ametade, de que el Rei fez merce a Vasco fer-
ndez cesar, o qual antes que se dalli fosse fes des-
zer toda a galeota, e recolher as munições, e despo-
que nellas avia fazendosse na volta do mar a en-
nder nos negocios de que o el Rei encarregara.

CAPITULO LVIII

*e como Vasco fernandez cesar desbaratou seis ga-
leotas, e do blasam darmas que lhe el Rei por isso deu.*

ANDANDO Vasco fernandez cesar no estreito com
esta caravela, essas vezes que hia a Arzilla pra-
ticava muitas cousas com dom Ioam coutinho,
e depois foi Conde do redondo, capitam Governa-

dor que entam era daquella villa, homem que allem
de ser muito bom, e esforçado cavalleiro, era hum
dos melhores cortesãos, e dizedor que entam avia nes
tes regnos, como o ja em outra parte desta Chroni
ca tenho apontado, o qual vendo quam denodadamen
te se aventurava, e punha ha risco de se perder, lh
dezia gracejando que nam podia deixar de sencontra
com trez ou quatro fustas de mouros, para que sou
besse delle novas per via de Tetuam, ou Larache
aho que lhe Vasco fernandez respondia que nam an
dava alli esperando outra boa ventura, nem pedia
Deos outra cousa, assi que andando pelo estreit
comprindo com seu cargo vindo de Malega entr
Maruela, e o monte lhe sairam seis galeotas repart
das em duas esquadras, com grandes gritas, e alar
dos parecendolhes que lhes tinha Deos compridos seu
desejos em ho acharem, que era a cousa que ma
desejavam, e que vindo tam fortes contra hum s
navio que era impossivel escaparlhe, assi que em ch
gando o começaram de servir de frechadas, e arc
busadas, e bombardadas, ao que lhes elle respond
de maneira que nam ousavão de se chegar, o qu
vendo, e como era cavalleiro conhecendo que av
ja nelles receo, pos a proa em tres destas galeot
que estavam juntas, de que huma era a capitania,
que os mouros vendo encaminharam para o albaroa
mas a fortuna lhe servio a sua vontade, porque
tiro de hum pedreiro lhe levou toda achusma de h
ma das bandas, da qual parte ficou toda desaparelh
da, e quasi çoçobrada, ao que as outras galeotas t
das acodiram, e á recolheram entre sim, pera a ref
zerem, e tornarem todas juntas sobrelle, como log
fezeram, cometendo com muito esforço, no que a
daram per hum bom espaço as bombardadas, faze

losse de huma, e da outra parte muito damno, ate cercarem em roda, mas quis Deos que com uma sphera com que hum seu bombardeiro apontou contra huma destas galeotas, a tomou per tal lugar que destroçou de todo, matandolhe uma grande parte la chusma, ao que as outras acodiram, e a recolhe-ão, e porque ja neste tempo tinham todos muita ente morta dos tiros das bombardas, com que os ossos has serviram muito bem da caravella, se afas-aram fazendosse na volta da costa dafrica, mas Vas-o fernandez cesar que era incansavel as seguio, sem er caso do vento lhe acalmar, poder chegar a ellas, que fez ate noite em que as perdeo de vista, don-e se foi refazer a Malega, e curar os feridos, que am eram poucos, e enterrar alguns que lhe os mou-os mataram. Por este tam notavel feito tornando asco fernandez cesar ao regno achando ja morto Rei dom Emanuel, el Rei dom Ioam terceiro seu lho lhe acrecentou as armas de sua linhagem estas is galeotas no escudo, e por timbre outra como as ouxe emquanto viveo, e agora traz seu filho Luis esar, provedor dos almazens do regno, e armadas.

CAPITULO LIX

Dalgumas cousas que mais aconteceram neste Anno de Mil, e quinhentos, e vinte, em Azamor.

NA comarca de Namai junto da escura avia hum mouro per nome Molei benaduxera senhor de Nemo, homem que tinha da sua ce-

vadeira mais de mil e quinhentos de cavallo, e muita peonagem, a mais della acostumada a guerra que lhe muitas vezes fazia el Rei de Fez, por lhe nam querer obedecer, e porque em hum recontro que com elle ouvera avia poucos dias fora desbaratado se carteou com dom Alvaro de Noronha, offerecendosse a querer servir el Rei dom Emanuel, e ser seu vassallo, o que concluido entrelles se veo Azamor com duzentas lanças, todos seus parentes, criados, e amigos, homens nobres, e bem atabiados para efecto de guerra, a quem dom Alvaro fez toda a honrra, e gasalhado que se a tal homem devia, e por ser bom cavalleiro o fez alcaide de certos xeques de xerquia que fariam per todos mil, e duzentas lanças, e mandou hum seu irmã per nome Moleiferes a Portugal com recados, e obediencia que Benaduxera mandava a el Rei dom Emanuel, e hum presente de bedens de seda, e outras peças, o qual Moleiferes el Rei recebeo mui bem, e lhe fez merce, e despachou com outros presentes pera o irmã, em que entrava huma rica tenda, e huma bandeira, com o qual mandou Diogo de mello para andar em companhia delles ambos no campo, com regimento que não fezessem nada sem conselho, e parecer de dom Alvaro. Com este Benaduxera foi Diogo de mello, alguns dias depois de sua chegada, a Ricalamim, que he donde nasce o rio Dagus, levando consigo cincoenta lanças, que lhe dera dom Alvaro, e vintecinco que elle trouxera de Portugal, e sesenta besteiros, e espingardeiros de pe, e Benaduxera com novecentas lanças de xerquia, e dozentas, e vinte suas, onde deram em trinta, e dous aduares, trinta legoas de Azamor, em que mataram muitos mouros, e captivaram quatrocentas, e oitenta, e duas almas, que trouxeram Azamor, que era a

e dos Christãos, e trezentos, e sesenta cavallos, e
centos, e cincoenta bois, e vacas, e mais de seis mil
has,e muitos cavallos, egoas e asnos, que couberam
rte dos mouros de pases, segundo forma de seus
ratos, o qué tudo trouxeram com pouca resisten-
porque duzentos, e sesenta dos principaes de ca-
o destes aduares, e muitos de pe, eram idos fa-
guerra a Berania, que he na conquista de çafim,
a entrada andaram Benaduxera, e Diogo de mello
ante de hum mes, acabo do qual se tornaram
mor, com cuja vinda dom Alvaro foi mui alegre,
que andava receoso que lhes teria acontecido al-
desastre, pelo muito tempo que andarão fora.
e Molei benaduxera andando assi no serviço del
dom Emanuel teve modos, e meos de se recon-
r com el Rei de Fez, e se offereceo a lhe levar
engano huma boa companhia de Christãos capti-
do que dom Alvaro tendo suspeita nam quis
mais licença a Diogo de mello pera ir com elle
r entrada como dantes, posto que o sobrisso im-
tunasse muitas vezes, sem lhe dizer a causa, por
rdar isso em segredo ate ter mais certeza deste
ocio, o que entendendo Benaduxera receoso que
tracto fosse descuberto, determinou de com qual-
companhia de Christãos que podesse aver, se ir
el Rei de Fez, pelo que se foi a Mazagam pedir
ma gente ha Antonio leite, dizendolhe que dom
aro lhe avia de mandar outra pera todos juntos
rem huma boa entrada, e proveitosa pera todos.
onio leite que nam era sabedor de seus tractos
ndou com elle Antonio das neves tio de sua mo-
, com quinze de cavallo, e dez piães, com os
es, e com toda sua gente de pe, e de cavallo en-
inhou Benaduxera pera a serra verde, e sendo

nesta paragem, a dezasete legoas Dazamor dixe a se irmam Moleiferes que elle se tinha reconciliado con el Rei de Fez, e o hia servir, e por firmeza de sua pazes, e amizades levava aquelles Christãos pera lh delles fazer serviço, do que Moleiferes muito espan tado lhe dixe, nunca Deos queira irmam, pois d todo estaes determinado de vos irdes pera el Rei d fez, que leveis os Christãos com vosquo nem a tend e bandeira que vos por mim mandou el Rei dor Emanuel, porque se lhe vos vireis o rosto, nam t vereis animo nem vontade de cometer huma tal tre çam, sobello que tiveram ambos tantos deba tes, e perfia, que quasi estiveram pera virem a mãos, com tudo Moleiferes fez tanto que Antoni das neves, com toda sua companhia se tornou per Mazagam, com a tenda, e bandeira, e se quisera tor nar com elle, mas o irmam lho nam consentio, d zendo que o avia de levar adiante del Rei de Fe pera lhe dar rezam da causa porque lhe fezera solta aquelles christãos que lhe levava presos, mas el R de Fez achando causa (posto que nam mui licit pera apagar hos nomes daquelles dous irmãos, d quem se sempre temera, por serem poderosos, de alt sangue, e muito guerreiros, lhes mandou cortar as ca beças a ambos, a Moleibenduxera por lhe nam traze hos christãos e a Meleiferes, porque lhos fizera solta e dar a tenda, e bandeira que foram del Rei dor Emanuel, que elle quisera ter, e guardar, como po sinal dalguma victoria que delle ouvera.

CAPITULO LX

e como Diogo lopez de Sequeira fez huma armada com que foi sobre Diu, e do que lhe aconteceo ate ir invernar ha Ormuz.

CHEGADO Diogo lopez de sequeira a Cochim da viagem que fezera ao mar Darabia, alem das cartas que lhe Gaspar da sylva deu del Rei n Diu, achou outras do mesmo theor em Cochim ue lhe trazia George de brito, nas quaes lhe man-ava que se el Rei de Cambaia nam quisesse dar a for-leza em Diu, lhe fezesse guerra, e trabalhasse por mar aquella cidade, e ha poer a seu mandado, pelo ue se começou logo fazer prestes pera esta viagem, rdenando pera ella huma grossa armada sem dizer era onde, do que Melique saca, filho de Meliquiaz i avisado pelo que areceoso que fosse pera irem bre Diu, despachou hum messageiro a Diogo lopez ob especia de visitação, escusandosse do erro que ometera em nam ter feito ho mesmo em pessoa uando elle estivera em Diu, e que pera sua descul-a lhe mandava Camallo seu famaliar com hum ser-iço de que somente lhe pedia que tomasse a vonta-e sem ter respeito ao pouco valor delle, Diogo lo-ez bem entendeo a causa de sua vinda, o que dissi-ulou recebendo o messageiro com sinaes de muito osto, offerecendosse a fazer per suas cousas como er hum servidor del Rei seu senhor, em cuja conta o elle tinha, e a Meliquiaz seu pai. Camallo notou ui bem todo o tempo que esteve em Cochim o rocesso dos negocios que setractavam sobresta ar-

mada, a qual elle assentou consigo, que nam podia ser senam pera ir sobre Diu, pelo que era Diogo lopez indo de Cochim pera Goa, levandoo em sua companhia, na mesma fusta em que viera, elle ses-garrou da frota, a dar recado a Melique saca, e a Hagamahamed da vinda da quella armada do que avisados fortaleceram a Cidade muito mais do que o dantes estava, de todalas cousas necessarias tanto da parte do mar, como da terra : Diogo lopez antes de partir de Cochim despachou has naos que aquelle anno aviam de ir pera o regno, de que era capitam Antonio de saldanha, o que feito se foi a Goa, e da-hi a Chaul levando consigo Antonio correa que en-tão chegara de Malaca, no qual lugar de Chaul, on-de se aparelharam algumas velas, das que aviam de ir nesta companhia declarou aos Capitães da frota quanto el Rei desejava de ter huma fortaleza em Diu, e como lhe escrevia que não lha querendo el Rei de Cambaia conceder, trabalhasse por tomar a cidade, ho que hia fazer com a quella armada, do que todos forão mui alegres, por saberem quanto isto compria a serviço del Rei, e segurança das cousas da India. Nesta armada levava Diogo lopez passante de oiten-ta velas, entre galeões, naos, gales, galeotas, fustas, caravelas, bargantins, e outros navios da terra, de que os Captães, conhecidos eram dom Aleixo de Me-neses, dom Ioam de lima, dom George de meneses, Francisco de Tavora, Christovam de Sa, Francisco de mendonça, Andre de souza chichorro, Hieronym-mo de sousa, Christovam correa, Antonio de brito de sousa, Rui vaz pereira, George dalbuquerque, Fer-nam gomez de lemos, Antonio de lemos seu irmam, Pero lourenço de mello, Francisco de sousa tavares, Denis Fernandes de mello, Pero da sylva, Antonio

rreira, Francisco pereira de berredo, Antonio cor-
ea, e Aires correa seu irmam, Diogo fernandez de
eja, George de brito, Antonio de brito, seu irmam,
onçalo pereira, George dias cabral, Antonio raposo,
opo dazevedo, Christovam jusarte, Raphael pe-
strello, Raphael catanho, Andre diaz Alcaide de
isboa, Nuno fernandez de macedo seu irmam, Gas-
ar doutel, Symam sodre, Miguel de Moura,
onçallo de loule, Christovam cortea, Francisco
e mello galego, Francisco de mendonça de Murça,
iogo pereira, Alvaro dalmada, Duarte Dafonseca,
manuel velho, Lourenço godinho, o Pereirinha,
ires dias, Paulo machado, Thome Rodriguez, Pero
omez de siqueira Malabar, Ioam fernandez malabar,
Panical de Cochim, e Mulo mocadam dos Cana-
ns de Goa que se fezeram depois ambos Christãos.
om esta armada que iriam tres mil soldados Portu-
uezes, e mil naires de Malabar, e canarim chegou
iogo lopez de Sequeira sobre a barra de Diu, na
trada de Fevereiro do anno de Mil quinhentos
nte, e hum, a quem logo Melique saqua, e Haga-
ahamed mandaram visitar com muita soma de re-
escos da terra offerecendosse em nome del Rei de
ambaia, e de Meliquiaz a tudo o que lhe delles
emprisse. Com tudo receosos, ou sabendo ja de cer-
ao que Diogo lopez hia, poserão a bom recado
ernam martinz evangelho que alli estava negocean-
o cousas que compriam a serviço del Rei, e todo-
s mais portugueses que avia na Cidade, porque se-
o acolhessem secretamente os quaes Diogo lopez
m poude haver, posto que lhos mandasse per mui-
s vezes pedir, sobrestes recados assentaram de se
rem em huma calheta junto da cidade, Diogo lopez
mar com alguns Capitães, e melique saca, e Ha-

gamahamed em terra com certo numero dos seus,
sustancial desta pratica foi dizerlhe Diogo lopez qu
hia com aquella armada a Ormuz, prover em cousa
que compriam a serviço del Rei seu senhor por na
quelle regno aver dissenções, e pessoas que send
vassallos del Rei Dormuz lhe nam guardavão a i
que lhe devião, e que de caminho, por lho el R
dom Emanuel seu senhor assi ter mandado per sua
cartas, chegara aquelle porto para pedir a Meliquia
se o achara, lugar pera fazer alli huma fortaleza e
que os Portuguezes, e suas fazendas estivessem s
guros, mas ja que o nam achava que essa licença lh
pedia a elles, do que se escusaram, dizendo que se
terem recado de Meliquiaz se nam atreviam fazel
sobelo que altercaram assaz, na fim da qual pratic
lhes dixe Diogo lopez que pois nam podiam dar l
cença pera se fazer a fortaleza, que lhe entregasse
Fernam Martins evangelho, e os Portuguezes que e
tavam na cidade com suas fazendas, visto que na
estavam seguros pella terem em casas de que fac
mente lha poderião tomar, e matallos a todos ao q
lhe responderam que elles, e suas fazendas estavã
tam seguros em Diu como em Lisboa, e quanto
entrega, elles o nam podião fazer pella razam ja dit
e assi se apartarão. Recolhido Diogo lopez a fro
teve conselho sobre o combater da cidade emque t
dos asentaram que se nam devia cometer, propos
ha muita gente que dentro avia, e munições de gue
ra, assi na cidade, como nas fustas, o que sabi
pellos soldados, e gente commua, na qual pela m
parte a pouca razam, começaram a dizer pubric
mente que Diogo lopez o fazia por huma grande son
de dinheiro que lhe mandara Melique saca: a qu
suspeita tomaram por Fernam Martinz evangelho d

mas vezes que veo sobre arefens ha frota com re-
do do mesmo Melique Saca, trazer secretamente
uns caixões com dinheiro, do que fezeram elle, e
Portuguezes que alli estavam das fazendas que
ham a seu cargo, o que vendo Diogo lopez, e o
uco que a proveitava em estar alli, se mandou
spedir de Melique saca, e de Hagamahamed to-
ndo seu caminho pera Ormus com tençam de tor-
r outra vez a Diu, a fazer uma fortaleza no rio de
oder faba, a v. legoas da cidade, lugar assaz con-
iente, segundo lho dixera Antonio correa, Ioam
Coimbra, e Diogo de la poente que mandara com
e pera verem se era de calidade pera se poder fazer a
obra. De Diu despachou Diogo lopez dom Aleixo de
eneses com as gales pera Cochim com poder de gover-
dor, mandandolhe que passado o inverno se tornasse
m ellas, e com a mais gente que podesse a Diu onde o
naria fazendo a fortaleza, e a George dalbuquerque
spachou pera Malaca, e a George de brito pera
aluco, e Raphael catanho, e a Raphael peres-
llo pera a China, mandandolhes que fossem
dos ate Cochim debaixo da bandeira de dom
eixo, e porque em Diu nam ficava cousa per cujo
speito se lhe nam ouvesse de fazer guerra salvo
rnam Martins Evangelho, e os Portuguezes que
m elle estavam, Diogo lopez deixou alli Diogo
rnandez de Beja na sua nao, e com elle Nuno fer-
ndes de macedo, Emanuel de macedo seu irmam,
s caravellas de que eram capitães, dissimullando
e ficavam carregando mantimentos pera levarem
Cochim, ao qual mandou que trabalhasse por aver
mãos Fernam martins, e os outros Portugueses,
a fazenda que tinham na cidade, o que feito decla-
sse a guerra contra el Rei de Cambaia, e se fosse

a Ormus, o que Diogo Fernandes fes com mui prudencia, e denunciada a guerra diante das port da Cidade de Diu, com pregam em que declarara as causas desta rotura, se fes a vela pera Ormus o de lançou ancora aos vinte, e cinquo dias de Mai deste anno de Mil, e quinhentos vinte, e hum, qu foi des dias depois da chegada de Diogo lopez.

CAPITULO LXI

De como el Rei de Narsinga desbaratou o çabai dalcam, e mandou recado a Rui de melo capitam Goa, que tomasse posse das Tanadarias da terr firme.

NESTE tempo que Diogo lopes foi a Diu, e Ormus fes o çabaim dalcam hum grande e ercito pera vir sobre Goa, no qual temp pela pouca gente Portuguesa que ficara na Indi correram assi a ilha como a cidade risco de se pe derem, mas sendo Crisnara Rei de Narsinga sabedo disto, pelo odio que tinha aos senhores daquella pr vincia do Balagate, receoso se o çabaim dalcam t masse Goa, que alem de se fazer mais poderoso d que era, nam poderia sendo elle senhor daquella Ilh aver os cavallos, que cada anno alli mandava com prar, de que sempre os Reis de Narsinga tem nece sidade, determinou de ir em pessoa sobrelle, com qual ouve hum recontro em que o desbaratou, junt das terras de Goa, e lhe tomou as cidades de Racho Bilgam, e outros muitos lugares em que entravão a

anadarias do Balagate, vezinhas ha Goa, que ren-
iam muito dinheiro, mas como elle era Rei muito rico,
oderoso e tivesse mais necessidades dos cavallos
ue daquellas rendas mandou dizer a Rui de mello,
ue entam era Capitam, que mandasse tomar posse
estas Tanadarias em nome del Rei dom Emanuel, a
uem fazia dellas doaçam, por sinal da amizade que
om elle tinha, a qual como Diogo lopez tornasse de
rmuz queria assentar com elle, e que pera isso lhe
andaria seus embaixadores, como; soubesse que era
indo, com estas novas foi Rui de mello mui alegre,
todolos que moravam em Goa, e lho agradeceo
uito per messageiros, que mandou com os del Rei,
a que fez taes presentes, quaes mereciam semelhan-
s novas. Com os mesmos messageiros del Rei se
i Rui de mello com duzentos de cavallo dos mora-
dores de Goa, e setecentos piões dos da terra, e
guns Portugueses, besteiros, e espingardeiros tomar
osse da Tanadaria de salsete, que achou despejada,
que feito os messageiros tomaram seu caminho pe-
onde el Rei de Narsinga estava, e Rui de melo fi-
ou alli dez ou doze dias, em que assentou a terra, a
bo dos quaes se tornou pera Goa, deixando por
pitam daquella Tanadaria, ou alfandega, Rui jusar-
de melo seu sobrinho com vintecinco de cavallo,
cincoenta espingardeiros portugueses, e seis centos
ães da terra frecheiros, e porque as Tanadarias de
onda, e Bardes, estavam tambem despejadas lhe
areceo escusado ir la em pessoa pelo que mandou a
ui jusarte qae fosse tomar posse dellas, onde aca-
o de dos meses vieram sobrelle dos capitães do ça-
aim dalcam Canarins, com tres mil homens de pe,
o que tendo aviso o fez saber a Rui de melo, que
i logo sobrelles com a mais gente de pe e de cavallo

que entam pode ajuntar, os desbaratou, por lhe parecer que os da terra teveram a guma intelligencia com os desbaratados, captivou cer to, e trinta delles dos principaes, e os trouxe presc a Goa como por arefens, e assi ficou por aquella ve a terra firme de Goa pacifica.

CAPITULO LXII

De como os da ilha de Zeiland se alevantaram contr os Portugueses, e do que se nisso passou.

LOPÔ soarez como ja fica dito fez huma fortal za no porto de Columbo na ilha de Zeilan onde deixou por capitam dom Ioam da sy veira, seu sobrinho, a quem sobcedeo Lopo de brit que el Rei despachara ho Anno de mil, e quinhe tos, e dezanove na armada de George dalbuquerq provido desta capitania, a qual ilha chegou com ma de quatrocentos homens carpinteiros, e pedreiros, q hiam pera de novo fazer a fortaleza de pedra, e cal, p quanto a que fezera Lopo soares, pelo pouco tem que pera isso teve, pela falta de cal se fez de pedr e barro, feita a fortaleza, os da terra anojados d cem razões que lhe os nossos faziam e sobre tudo lhe tolherem seus tractos com os mercadores mourc e gentios que sohiam de vir aquelle porto, começ ram de tratar mal alguns daquelles que hiam a terr nem traziam mantimentos a fortaleza como sohião f zer, o que Lopo de brito dissimulou com elles, ma dando recados aos governadores do lugar, que pose

m nisso cobro, mas os soldados, que pela mor par-
tem mais por costume murmurar, que bem dizer,
nçavam isto a covardia, o que sabendo Lopo de
rito, por comprir com a furia desta gente, contra
a propria vontade determinou de cometer cousa,
qual, quer saisse vencido, quer vencedor avia for-
damente de ficar de guerra com toda aquella ilha,
que não podia resultar bem, nem proveito assi
ie vencido da dor da injuria, pospondo a honra a
do o mal, e perigo que lhe podesse vir deu hum
a pela sesta com cento, e cincoenta soldados Por-
gueses na povoaçam de Columbo, tempo em que
dos repousavam, bem descuidados de os sobre sal-
arem, pelo que cada hum dos moradores trabalhan-
por se salvar desemparou a Cidade, os quaes de-
pois de serem no campo movidos do amor das mo-
eres, e filhos que lhe la ficavam, voltaram com
nto impeto sobre Lopo de brito que o fezeram re-
lher pera a fortaleza com mais de trinta feridos, e
riram muitos mais se o nam embaraçara o fogo,
ie Lopo de brito mandou poer em huma das ruas
incipaes que hia direita pera onde estava a forta-
za. Moveo tanto este insulto a todolos daquella ilha
ie vieram logo cercar a fortaleza com mais de vin-
mil homens, e muita artelharia e munições de guer-
fazendo seus vallos, e tranqueiras ate armarem
ous baluartes de madeira junto da fortaleza, de que
nçavam dentro tiros dartelharia e bombas de fogo
noite, e de dia contiuuando nisto por espaço de
nco meses, em que poseram os nossos em tanto
erto, que nam avia nenhum, que se não arrepen-
esse, e lhe pesasse desta guerra ser começada, pel-
s meos que foi, sem os da terra terem merecido o
stigo, que lhe quiseram dar. Deste cerco mandou

logo Lopo de brito aviso a Cochim, donde, por Di
go lopes ser ido ao mar Darabia se lhe nam podera
mandar mais que cincoenta soldados em huma ga
de que foi por capitão Antonio de lemos, o qual p
ser tempo de inverno tardou muito em chegar, c
quem sabendo Lopo de brito que lhe nam podia v
mais socorro, por causa da pouca gente que ficar
em Goa, Cananor, e Cochim determinou dacabar
cerco pela ponta da lança, pelo que mandou a Ant
nio de lemos que com a sua gale se fosse lançar d
fronte dos baluartes, e hos varejasse toda aquel
noite com a artelharia, o que assi fez ate o romp
da lua, a qual ora Lopo de brito sahio da fortaleza co
trezentos homens, com que deu nos imigos, que por t
rem mais atento perá parte donde estava a gale que na
pera a terra tomados assi de sobresalto desempararão
baluartes, acolhendosse pera povoação onde estava
força da gente, e como isto fosse tam de subito pos
todo o araial em revolta, mas como ha gente e
muita, assi dos gentios, como dos mouros, e ant
elles ouvesse homens praticos na guerra se começ
rão de fazer em corvo, encaminhando pera os balua
tes, com hum grande esquadram de gente, em q
entravam cento, e cincoenta de cavallo, e vinte cin
Elephantes acastelados de que quatro traziam esp
das atadas atraves dos dentes, com que faziam rev
ses com tanta destreza, que espantavam os nossc
de que alguns assi com medo destes, como dos o
tros, e assi da muita gente começavão de fazer
atras, mas Lopo de brito, a quem esta companhia t
mou fora dos baluartes, caminhando perá cidad
mandou aos spingardeiros que todos juntamente de
carregassem nos Elephantes, o que fezeram com ta
ta destreza, que assi como vinham com o rosto co

os nossos, depois de se sentirem feridos, o feze-
n contra os seus com tanta furia e desmancho que
sando perriba da gente de pe, e per entre a de
allo, desbaratarão todo o arraial, de maneira que
n teve Lopo de brito mais que fazer que seguilos
costas ate entrar pela cidade ferindo, e matando
que ficavam atras, ate os varar todos fora da po-
çam, e chegar a huns palmares, donde nam quis
sar com receo de se lhe a gente desmandar, e se
derem todos, pelo que se tornou pera a fortaleza
n muitos dos seus feridos, posto que nenhum mor-
se. Avida esta victoria, vendo el Rei de Zeiland
nta gente nobre lhe morrera naquelle feito, e que
mouros, que o excitavam a guerra foram os pri-
iros que fogiram, dahi a poucos dias mándou per
s messageiros pedir paz a Lopo de brito, a qual
concedeo, e ficaram os negocios correntes, entre
nossos, e os da terra, como o dantes eram.

CAPITULO LXIII

*como Diogo lopez de sequeira mandou Antonio
orrea sobela ilha de Baharem, e do que se nisso
tez.*

RAIX xarapho andava mui desgostoso, e descon-
tente, por el Rei dom Emanuel mandar poer
officiaes nalphandega da cidade Dormuz pera
eberem os direitos que se nella pagavam, porque
eria saber em que se despendia este dinheiro, e
ro de que lhe desiam ter este Rei Dormuz mais de
zentos mil cruzados de renda, o que assim orde-

nou com tençam de aplicar isso que fosse a proveito do mesmo Rei, pera que o não roubassem tyrannos como se dantes acostumava fazer, e o entam fazia este Raix xarapho, o qual pela grande perda que nisso recebia quis dar a entender a el Rei que isto era mais quererenlhe tomar o regno, que nam desejo, nem vontade de olharem por sua fazenda, e porque el Rei era mui inclinado a naçam Portuguesa, e serviço del Rei dom Emanuel parecendo a Raix xarapho, que com dificuldade o poderia atraer a sua openiam, determinou de fallar sobreste negocio ao sogro do mesmo Rei pera lhe ganhar a vontade, no que ouve pouco que fazer, porque estremadamente era imigo de Christãos, com o qual xarapho tractou o negocio per taes termos, que com os mesmos argumentos, e razões mudaram el Rei dopreposito em que estava de maneira que assentaram todos tres de se alevantarem com a cidade depois de se Diogo lopez ir, e matarem todollos Portugueses que nella achassem, e porque o mor impedimento que a isto tinham era parecerlhes que declarandosse a tal conjuração sem de todo aver effecto, lhes seria perjudicial ho favor que os nossos poderião achar em Mochri tyranno de baharem, senhor das cidades de Lara e Catifa, casado com huma filha do senhor de Meca o qual Mocri tinha tomado a el Rei de Ormuz esta ilha de Baharem, sendo dantes seu vassalo, e lhe fazia guerra com mais de cento, e vinte navios de remo, a que elles chamam terradas, pelo que determinaram de primeiro desfazerem este nó, que tinham atravessado na garganta, mandaram dizer a Diogo lopez, que pois el Rei dom Emanuel era senhor Dormuz, que mandasse castigar Mocri, porque alem de andar alevantado, fazia arribar a Baharem as mais das naos, e

avios que dos Portos do mar da Persia navegavam
era aquella cidade, do que resultava tanta perda a
l Rei, que nem podia soster seu estado como dan-
es, nem pagar as pareas que pagava a el Rei dom
Emanuel, pelo que lhe pediam que pois o Deos alli
rouxera com huma tam grossa armada, que mandas-
e alguns dos seus capitães sobre Mocri, e lhe desse
castigo que merecia. Diogo lopez teve sobrisso con-
elho, em que se assentou que o devia fazer, pera o
ue elegeo seu sobrinho Antonio correa, esperando
ue desse tão boa conta de sim neste negocio, como
fezera em Malaca, contra el Rei de Bintam, o qual
espedio logo com quatro centos soldados Portugue-
es, os mais delles homens nobres, repartidos em se-
e velas de que afora elle, que hia em hum galeam,
ram capitães Rui vaz pereira, doutro gomez da sou-
o maior, de huma caravella Alvaro de Moura, Fer-
am dalvres çarnacha, cada hum de sua fusta, e ou-
ra fusta de que era capitam dalcunha pinto. Com
sta frota partio Antonio correa de Ormuz no come-
o de Iunho de Mil, e quinhentos, e vinte hum, e
m sua companhia Raix xarafo com a armada del
Rei que passava de cento, e cincoenta terradas, em
ue hiam tres mil mouros frecheiros, espingardeiros,
e lança, e adarga, seguindo assim viagem, lhes deu
um temporal com que a armada del Rei de Ormuz,
algumas das nossas velas se espalharam de maneira
ue Antonio correa chegou ha ilha de Baharem com
o Ioam pereira, onde surgio ao mar afastado da ci-
ade, a que chamam do mesmo nome, muito fermo-
a de edificios, grande, e bem habitada de gente no-
re, e mercadores mui ricos, a qual o tyrano Mocri,
omo soube da vinda de Diogo lopez ha Ormuz, re-
eoso que fossem sobrelle, apercebeo de mantimen-

tos, e artelharia, e outras munições de guerra, com tranqueiras, estancias, e baluartes, e dentro pera a defender doze mil Arabios, em que avia trezentos de cavallo, e quatrocentos perseos frecheiros, e vinte Rumes espingardeiros, a fora a gente da cidade. Stando assi Antonio correa surto acabo de seis dias se ajuntou com elle ha frota del Rei Dormuz, e as outras velas da sua armada, salvo as fustas de que huma arribou a Ormuz, e a outra chegou tendo ja acabado o negocio a que fora, depois de a armada ser junta assentou Antonio correa com os capitães da frota, e Raix xarafo de sairem em terra hum sabado em rompendo a alva, vinte, e sete dias de Iulho, o que fezeram em tam boa hora que a cidade (posto que com muito trabalho e perigo, depois de ser cometida per duas vezes) foi entrada pelos Portugueses sem os nisso ajudar Raix xarafo, e ho tyrano Mocri, ferido de hum tiro despingarda de que depois morreo, a peleja foi mui travada assi no entrar da cidade, como depois, em que morreram dos imigos trinta de cavallo, e trezentos de pe, de que hum era o governador de Baharem, e parentes seus, dos Portugueses morreram cinco, dos quaes foi um George pereira, os outros eram soldados, foram feridos obra de setenta, entre hos quaes o foi Antonio correa no braço direito, e Aires correa seu irmam que lhe levava o guiam, que de muito ferido cahio, e o mataram se lhe nam acodiram Aleixo de sousa, e Rui correa, que por lhe salvarem a vida sairam ambos deste jogo bem mal feridos, a cidade foi roubada dos de Raix xarapho, que entenderam mais nisso que no alcance. Avida esta victoria Antonio correia se foi aos paços do tyrano Mocri com a bandeira Real, e trombetas diante onde armou muitos

valleiros, o que feito, mandou poer fogo as terra-
s, que eram mais de cento, e entregou a cidade a
ix xarapho, que tomou posse della em nome del
i Dormuz, o que feito se recolheo a frota ja depois
meio dia mandando logo prover nas cousas
cessarias pera torna viagem, no que andando
cupado lhe mandou dizer Raix xarafo, que o
rano Mocri, durara tres dias das feridas
e lhe derão na cidade, e que aquella noite o aviam
ir enterrar a Catifa, que lhe desse licença pera
ndar Raix çadradrim seu sobrinho, que fosse cor-
a cabeça do corpo daquelle tredor, pera ha levar
presente a el Rei Dormnz, e se por em lugar pu-
co, por lembrança da grande treiçam que comete-
contrelle sendo seu Rei, e senhor de quem sempre
ebera muitas merces. Antonio correa lhe mandou
er, que lhe parecia muito bem, que se queria que
ssem alguns portugueses com Raix çadradrim que
os mandaria, o que lhe elle mandou muito agrade-
, dizendo que por entam nam avia disso necessi-
de, o qual na mesma hora despachou seu sobrinho
m doze terradas, que sem difficuldade tomou o
rpo do tyrano Mocri, e o trouxe a Baharem onde
ix xarapho lhe mandou cortar a cabeça, de que
ntonio correa mandou a pelle recheada dalgodam
el Rei de Ormnz per Balthesar pessoa, e Rui cor-
a, com que assi el Rei, como Diogo lopez forão
ui alegres, e se fezeram muitas festas. A cabeça de
ocri por lembrança daquella victoria, e treiçam
e commetera, mandou el Rei de Ormuz poer em
ma sepultura, na praça da Cidade, em que se ta-
aram letreiros que declarão quem elle foi, e quem
venceo, ganhada a cidade de Baharem, Xeque
met sobrinho de Mocri mandou pedir seguro ha

Antouio correa pera lhe vir fallar, sobre o qual viram ambos, e lhe entregou a ilha de Baharem, e cidade de que Catifa Raix xarapho logo tomou pos em nome del Rei de Ormuz, como vassallo del R dom Emanuel, e assim deu todalas armas, e cavall que Mocri tinha nestes lugares o que entregue lhe d passagem pera a terra firme, com todolos que cons go quis levar, os quaes passou Raix xarapho nas su terradas. Isto acabado Antonio correa fez govern dor de Baharem em nome del Rei Dormus Raix b eat muito bom cavalleiro de que todolos da ilha caram muí contentes, e elle se partio pera Orm aos doze dias Dagosto, onde foi bem recebido, as de Diogo lopez como del Rei, que lhe mandou mu tos presentes, e aos capitães que se com elle ach ram. De ahi a alguns dias chegou Raix xarapho a c dade, pelo qual Antonio Correa nam quis esperar e Baharem, receoso que nam achasse ja Diogo lop de eequeira em Ormuz, pelo que tinha assentac como fica dito, que era ir fazer em Diu a fortale de Modrefaba, no qual negocio, por saber que se na começaria se nam com armas vestidas lhe pesara mu to de se nam achar.

CAPITULO LXIV

como os mouros mataram o esforçado cavalleiro Side Iheabentafuf a treiçam.

SIDE Iheabentafuf, por dar mores sinaes dos que sempre deu nas cousas que tocavão ha serviço del Rei dom Emanuel, determinou de hir scar o Serife, e de caminho ver se podia entrar em rrocos, pera o que mandou pedir a dom Nuno scarenhas ajuda de gente Portuguesa de pe, e de vallo, e duas bombardas, mas dom Nuno dando a ender que senam fiava delle lhe mandou per dom drigo de noronha aravia, que era muito seu amisos trinta de cavallo, e vinte piães besteiros e esgardeiros moradores de çafim, e dos fronteiros ncisco de mello filho de Garcia de mello Devora, e estava servindo huma comenda, Afonso gomez rivam da Camara del Rei, Ioam fernandez preto vidor de toalha do Principe, e Ignacio Nunes hom muito pratico nas cousas Dafrica, que ainda vie falla muito bem Aravia, os quaes dom Nuno ou ir, por lho elles todos quatro pedirem, e porcom esta gente não saissem outros muitos que ejavam de se achar neste negocio, mandou fechar alas portas da cidade, excepto ha por onde estes am de sair, com tudo vinte de cavallo, e cinco es tiveram tal modo que foram na companhia maneira que eram por todos cincoenta de allo, e vinte, e cinco de pe, e hum bombarro com dous berços. Com esta gente e Abida, Garabia se foi Iheabentafuf no mes de Fevereiro

deste anno de Mil quinhentos vinte, e hum, as Salinas, pera dahi mandar recado a Leidehambrão, que se viessem ajuntar com ella, com tençam ir dar nelles, nam o fazendo, mas como arreaceavão esta viagem, por nella aver muito perigo, o tiveram suspenso todo hum mez, sem acabarem de se determinar, com tudo assentaram de ho seguir, o que era dissimulaçam pera fazerem o que entre sim tinham acordado. Neste tempo lhe escreveu Moleinacer, por messageiro expresso, dizendolhe que lhe deram novas daquella sua ida, que se determinava de se reconciliar com el Rei de Fez seu irmam, que aquelle era ho tempo, que lançasse mam dos Christãos que com elle estavam, e contra os outros começasse de fazer guerra, senam que se ouvesse por destroido, porque elle o avia logo de o vir buscar, e que nesta demanda era forçado perdersse hum delles. Do conteudo nesta carta deu Iheabentafuf conta a dom Rodrigo, ao que assentaram ambos de nam responder até nam fazerem alardo da gente de cavallo pera que o messageiro visse a boa companhia que tinha, e desse disto as novas a Moleinacer. Estando nisto lhe veo recado, que o senhor da serra com ajuda dalguns mouros de cavallo que vieram de Tudela, e da escura a socorro de Marrocos, foram dar no arraial Dolei de meta, em que elle tinha um alcaide de sua mão, com cincoenta de cavallo seus criados, e que lhos levara todos, e tomara o gado com a mais fazenda, nesta companhia Dolei de neta matarão Habrahame, irmam do xeque Açum, e porque era pessoa de muita estima antrelles, e um dos tres cavalleiros Tabida, determinou Iheabentafuf de visitar este xeque Açum, e mandoulhe levar seu conforto como o elles tem por costume, que he comerem, e beberem

ıntos pelos finados, pelo que seguindo elle esta
sança, so com tres xeques de Garabia per nome
lahamed maçode, e vera acho, e Buahaiera, se foi
entar com Açum ao arraial Dabida, que estaria da-
ı um tiro de besta, leixando todolos Christãos no
eu com toda a mais companhia dos de sua casa, ao
ual estando gentando se chegou hum xeque, per no-
ıe Ganeme, que viera a este regno, e hum seu ir-
ıam per nome Izo, e outro seu parente, e o toma-
ım por detras a treiçam, e lhe deram tantas agu-
iadas ate que o mataram, aho que acodindo os tres
eques que foram com elle, outros parentes destes
a conjuraçam que estavam daviso se lhes atravessa-
ım diante, aho que elles querendo resistir trabalhan-
o como bons Cavalleiros por chegar onde Iheabenta-
f estava ainda vivo, pera darem nos que o feriram,
ram cercados destes, e mortos junto do corpo do
ıtro; tanto que se isto fez veo Oleidehambram ao
rraial de Iheabentafuf, e lançaram mam per muitos
vallos, e camellos, seus delle, e outros que lhes
le tinha tomado por lhe serem revens, a este tempo
om Rodrigo era ja posto a cavallo com todolos
ıristãos com os que se ajuntou no Arraial de Ihea-
ntafuf, com Garabia, do que os principaes leva-
m muito contentamento, por estarem receosos que
bida, e Oleidehambram viessem dar nelles, os quaes
dos juntos caminharam huma legoa sem ninguem
r apos elles, mas tanto que Garabio se viu salvo
meçaram os populares de cobiçar os cavallos, e
mas dos Christãos, e se os principaes se nam opo-
ram a isso, de feito elles levaram avante ho que
ıham na vontade, no qual tempo chegou a elles
lebembeques que ate aquelle tempo andara com
eidehambram por estar de quebra com Side Ihea-

bentafuf, o qual em chegando se apartou com dom Rodrigo fora do arraial, e estando falando com elle cousas que aquelle tempo compriam, os outros deram nos nossos, e os desbarataram todos, em que dom Rodrigo foi captivo com os outros muitos, alguns dos que escaparão eram os mais delles de pe. Avia no arraial hum mouro per nome Bogima, que tinha sua molher, e filhos em çafim, o qual em vendo os Christãos desbaratados, mortos, captivos se veo com amor pressa que pode a cidade dar aviso a dom Nuno do que passava, ho que sabendo mandou logo repicar, e entre tanto que se a gente punha a cavallo foi ver as molheres de Side Iheabentafuf dizendolhes, que dalli por diante aviam de ser mais guardadas, e se lhes faria mais honrra que em vida de seu marido, alem do que mandou apregoar per todo Gormiz que nenhum mouro se alvoroçasse nem ouvesse medo, que elle dava por seguros todolos que estavam dos muros a dentro assi barbaros como Arabios, de qualquer linhagem que fossem, como que os assegurou a todos, o que feito se pos a cavallo, com cento, e cincoenta lanças, e foi alcançar ho Arraial dos que fezeram a treiçam duas legoas, e mea de çafim de que trouxe a Cidade seiscentos, e cincoenta almas, e muito gado vecum, e meudo, e matou no recontro mais de cento, e cincoenta delles, o que tudo fez no mesmo dia em que sahio da cidade, que foi dentrudo. no qual vieram ahi amanhecer seis de cavallo dos que escaparam de que hum era Francisco de Mello, e ao outro dia desaseis besteiros, e espingardeiros, e dous de cavallo que se salvaram a pe, os quaes todos escaparam milagrosamente, hos demais foram mortos ou captivos, e hum filho de Sidehieabentafuf, se salvou nas ancas de hum cavallo dos cavalleiros de seu

ai, e assi acabou o esforçado cavalleiro Sidehieaben-
fuf seus dias em serviço del Rei dom Emanuel, com
nta lealdade, quanta se de hum tal cavalleiro podia
perar.

CAPITULO LXV

e como el Rei mandou per Governador a India dom Duarte de meneses.

Por el Rei confiar de dom Duarte de meneses (de quem atras fica feita a mençam) que o serveria na India, com dar de sim tam boa conta, omo o fezera todo ho tempo que servio de Capim, e Governador da Cidade de Tanger pelo Conde e Tarouca dom Ioam de Meneses seu pai, determinou lhe dar a governança de todas aquellas provinas com o mor ordenado que nunca dera ha nenhum ntro, porque tudo contado chegava a mais de trinta il cruzados cadanno, o qual partio de Lisboa aos nco dias Dabril de mil, e quinhentos, e vinte hum om huma armada de quinze velas, de que a fora le eram capitães dom Luis de meneses seu irmão, ue levava a capitania do mar da India, dom Ioam e lima, que hia provido da capitania da fortaleza e Calecut, dom Diogo de lima da de Cochim, Ioam e mello da sylva da de Coulam, Francisco pereira estana da de Goa, dom Ioam da sylveira da de Canor, Diogo de sepulveda da de çofala, Antonio co de Alcaide mor da mesma fortaleza, Gonçalo oiz correa dalmada dalcunha o grego, Vicente gil apitães, e armadores cada hum da sua nao, Martim

Afonso de mello de Sanctarem, que hia por Capita
de quatro naos que el Rei mandava a China de q
os outros eram Vasco feanandez Coutinho, e Diogı
de mello seus irmãos, e Pedrhomem, com a qual co
panhia toda chegou a India em Agosto e o primei
porto em que ancorou foi no de Baticalla, onde v
ter com elle dom Aleixo de meneses que partira
Cochim pera Diu em busca de Diogo lopez de s
queira com tres gales, de que eram capitães dc
George de meneses, Francisco de mendoça, e And
de sousa chichorro, do qual soube o que passara
India, e de como Diogo lopez determinava fazer
fortaleza em Moder faba, e que para isso se hia p
relle. Despedido dom Aleixo dom Duarte se foi
Goa, e dahi a Cochim, e sem usar nenhum comp
mento dos que Dioguo lopez usara com Lopo soar
se foi da nao aposentar na fortaleza, tomando lo
posse da governança da India.

FIM DO DECIMO VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXIX)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. XI

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA
—
1911

DP
604
G6
1909a
v.11

CAPITULO LXVI

o que George dalbuquerque passou em Pacem ate restituir o Principe no regno.

ANTES de Diogo Lopez de siqueira partir de Cochin pera Diu despachou George Dalbuquerque pera Malaca, e George de Brito era Maluco, dos quais George dalbuquerque tomou seu caminho pera Pacem na ilha de Samatra, onde em chegando fez saber a alguns dos ue tinham a parte do principe orfan de Pacem, que trazia consigo pera o restituir no regno, que lhe ra tomado, o que sabido os mais delles o foram er a nao encubertamente, com medo do Tyrano ue se emposara do regno, dandolhe logo obedien-

cia como a seu verdadeiro Rei, e senhor, destes soube George dalbuquerque como o Tirano geinal fezera uma huma tranqueira, com sua cava muito forte, junto da povoaçam grande huma legoa pelo rio acima, com a qual ençarrava huma parte dos arabaldes, em que tinha muita gente de guerra, artelharia, e outras munições onde estava a mor parte do tempo com suas guardas, e vegias mui fora de alargar o regno, posto que já de muitos dias tevesse recado que o governador da India avia de mandar sobrele, com tudo George dalbuquerque lhe mandou dizer que vinha em sua companhia o Rei de Pacem verdadeiro senhor daquelle regno, que lhe elle tinha usurpado pedindolhe que lho quisesse leixar livre, e desembargado, o que se fezesse lhe daria nelle lugar em que estevesse, e vivesse muito mais honrada, e abastadamente do que ho fazia antes de se levantar, do que se o Tyrano escusou, dizendo que o regno lhe pertencia por direito, e que o tinha vassalo del Rei de Portugal a quem pagaria dalli por diante has pareas, e trebutos que ambos assentasem : finalmente depois de passadas, de huma, e da outra parte muitas replicas, vendo George dalbuquerque a openiam do tyrano determinou ir sobrele, e lhe tomar aquella força, em que tinha toda sua confiança. Andando assi estes recados chegou aquelle porto Emanuel da gama, que vinha de Malaca em hum navio darmada, com cujo parecer, e dos outros capitães, e homens nobres da frota, assentou George dalbuquerque o modo e ordem que teriam no tomar daquella tranqueira a qual posto que fosse muito forte determinou de combater, e scalar com os Portugueses que alli stavam, que poderiam ser ate duzentos, e oitenta. Neste tempo el Rei Daru que era parente muito chegado

o Principe de Pacem per cujo respeito tinha con-
nua guerra com o tirano sabendo da chegada de Ge-
ge dalbuquerque, e como trazia o Principe consigo
mandou visitar, offerecendosse a tudo o que lhe
mprisse, o qual sabendo como derterminava de
ir em terra, e cercar ha fortaleza, ajuntou a
ais gente que pode, em que haveria mais de tres
il soldados, com que veo lançar diante da povoa-
m grande de Pacem, com tençam de se achar no
mbate com George dalbuquerque, o que sabendo
e mandou pedir que desistisse da openiam em que
nha, e que lhe leixasse a elle com sua gente Portugue-
dar aquelle combate, e porque poderia ser que ou-
sse misturarensse hos da terra, amigos do Princi-
, com seus imigos, que por todos andarem vesti-
os de hum trajo, se poderiam mal differençar, man-
sse aos que com elle vinham, e assi aos da povoa-
m grande, que posesse cada um delles hum ra-
o verde na cabeça, porque dandolhes Deos victoria
dolos que não trouxessem este sinal se poriam em
rigo de serem maltratados, o que assi assenta-
, sahio George dalbuquerque em terra com a gen-
que escolhera pera este negocio, da qual fez trez
quadrões, de que de hum de setenta homens deu a
pitania a dom Sancho Anrriquez, e doutros tan-
s ha dom Afonso de meneses, o terceiro levava el-
com a mais gente, em que eram, Emanuel da Ga-
a, Antonio de Miranda dazevedo, Garcia chainho,
ector de valadares, Francisco bocarro, e outros
mens nobres que hiam assim neste esquadram, co-
o nos outros. Nesta ordenança chegou a tranqueira
ssando per antre muitos dos da terra, e dos del
ei Daru, de que de huma, e da outra banda estavam
caminhos cheos, com seus ramos verdes nas cabe-

ças muito alegres, confiados na victoria que esperavam que os nossos ouvessem do tyrano, a qual lhe Deos deu, porque depois de dom Sancho, que hia no esquadram dianteiro ter cometida a fortaleza, chegou dom Afonso de meneses com o seu, e apos elle George dalbuquerque, os quaes juntos, passando per antre muitos tiros de bombardas, e espingardas, apertaraõ tanto os imigos com ha arcabuzaria que os mais delles se desceram dos altos da tranqueira a buscar panellas, e bombas de fogo, com que de huma guarita tractavam mal os nossos ho que vendo Deniz de Mello, Emanuel da Gama Hector de Valadares, e Francisco Bocarro, remeteram ha huma das portas da fortaleza da banda donde se dava ho combate, que logo arombaram com vaivens, e entraram com outros de companhia na primeira tranqueira, e com a vinda de George dalbuquerque ganharão a segunda, que era muito mais forte, onde o tyranno estava com suas molheres, e filhos, e a entraram por escadas, com tanto perigo de suas vidas, que foi mor milagre nam os matarem todos, que ganharem huma fortaleza, que se tambem defendeo como aquella na qual mataram ho mesmo tyranno geynal de huma espingardada, e bem quatro centos dos principaes de sua casa com mais de dous mil soldados que alli tinha, e os demais com suas molheres, e filhos foram captivos, e postos em poder do Rei de Pacem: dos nossos morreram neste negocio Christovam da costa, Afonso de freitas, Bertholameu fernandez, e hum grumete da nao de George dalbuquerque e foram muitos feridos. Isto acabado George dalbuquerque investio el Rei no regno de Pacem presente el Rei Daru seu primo, em nome del Rei dom Emanuel cujo vassalo per contracto que se

so logo fez, se declarou, obrigandosse a lhe pa-
cadanno as pareas que se com elle entam alli as-
taram, o que feito George dalbuquerque, com aju-
do mesmo Rei de Pacem mandou fazer uma for-
eza, no lugar que lhe pera isso pareceo mais con-
iente, de que deu a capitania a dom Sancho Anr-
uez seu genrro, posto que Antonio de miranda
evedo fosse provido della, pelo governador Diogo
ez, o que tudo ordenado, e a fortaleza acabada
que deixou cem soldados portugueses, afora os
ciaes del Rei) elle se fez a vella pera Malaca, onde
egou a salvamento.

CAPITULO LXVII

De como George de Brito foi ter no porto de Achen onde os da terra ho matarão com muitos dos qu com elle hiam.

PARTIDO George de Brito de Cochim, seguind sua viagem pera Maluco, com seis velas afor a sua nao, de que eram capitães Christovar correa, Christovam pinto, Francisco godiz, Lourenç godinho, Pero fernandez, e Gaspar gallo em que hiâ trezentos soldados Portugueses, foi ter a o porto d cidade Dachem na ilha de Samatra, cujo Rei er imigo mortal dos Portugueses, por caso de terem tc mada Malaca ao Rei, que então era de bintão, e lh fezerão continuamente guerra, pelo qual respeito ti nha tomadas as fazendas a muitos Portugueses qu

portaram aquella sua cidade, o que sabendo George
e brito lhe mandou dizer que sespantava sendo to-
dos Reis da ilha de Samatra amigos dos Portugue-
s fazer elle o contrairo, que lhe pedia que dali por
ante fosse seu amigo, e por sinal disso lhe mandas-
entregar alguma fazenda que segundo lhe era di-
, estava em seu poder, em aquella sua cidade, el
ei lhe respondeo que se informaria logo do que
andava dizer. e do que achasse o mandaria avisar,
que nam fez, mas antes se apercebeo pera se defen-
r se George de brito saisse em terra, o que elle fez
m lhe lembrar quão pouca gente levava em compa-
ção da que el Rei Dachem podia ter, na qual sai-
ganharam huma tranqueira que el Rei mandara
zer entre o porto, e a cidade com sos os de lanças,
adargas, e porque os besteiros, e espingardeiros
aram com Gaspar gallo na sua fusta, que avia de
jar em terra primeiro que George de brito que hia
s bateis, o que nam pode fazer por lhe o vento ser
ntrairo, e ir muito carregada, ganhada aquella es-
ncia viram os nossos sair da cidade gente, com o
e vinha ao socorro dos que hiam fogindo este era
Rei que trazia mais de mil homens nobres bem ar-
ados, e seis Elephantes de guerra, os quaes em Ioam
rram vendo que era alferez, sem nenhum tento se
emessou per huma ladeira abaixo contra os imigos,
m valer a George de brito bradarlhe que o nam fe-
sse, a este seguiram outros tam asisados como elle,
que vendo George de brito foi forçado a fazer o mes-
o, e deram com tanto impeto, assi poucos eram, nos
anteiros dos imigos, que os fezeram entrar pela
rta da cidade, donde el Rei ainda não saira, com o
al sucesso cuidando que levavão tudo de vencida,
ram no corpo da gente que estava com el Rei, que

os cercou entre as casas, sem se poderem valer, posto que pelejassem como homens desesperados, os primeiros que morreram foram o alferez Ioam serram, Aires coelho, e Gaspar fernandes que hia por feitor do Maluco, hum dos esforçados cavalleiros que naquelle tempo andavam na India, o qual se chegou tanto a hum dos Elephantes del Rei pera o vazar com a lança, que o Elephsnte o apanhou com a tromba, e lançou darremeso no ar, e em caindo o acabou de matar, com os pes, e dentes, apos este mataram George de brito, Christovão correa, Christovam pinto Ioam pereira, Francisco godiz, e outros muitos, e que vendo os que escaparão do corpo da gente do imigos começarão de fogir pera onde os bateis estavam, os quaes vendo Lourenço godinho vir desbaratados que hia com a sua gente em busca de George de brito fez volta sem querer esperar, nem fazer corpo com elles acolhendosse aos bateis o mais de pressa que pode, pelo que os mouros os seguirão ate ha praia com mor ousadia, donde se tornaram victoriosos perá cidade: dos nossos morreram neste derradeiro desbarato setenta, e os mais que escaparam sairam feridos, entre os mortos foram Luiz raposo, e Pero veloso, os quaes em chegando a praia, e nam achando George de brito disseram que nunca Deos quisesse que se embarcassem sem saberem que era feito do seu capitam, o que dito voltaram ambos caminho da cidade pelejando com os que encontravam atecairem de feridos, e cansados, fazendo a fim de seus dias, como bons, e esforçados cavalleiros, o que bem mostraram naquelle dia. Gaspar gallo, a quem o vento por ser terrenho empedio poder sahir em terra primeiro que os bateis como estava ordenado, ouvindo os tiros das bombardas que tiravam os da tran-

eira, no tempo que a George de brito combatia'
: remar a voga forçada, e quis a ma ventura dos
e morreram que encalhou em huma coroa, donde
m pode sahir se nam de prea mar. Recolhidos a
ta os que escaparam deste desbarato, Lourenço
dinho, e Gaspar gallo, que eram os capitães que
aram vivos, hum por nam poder chegar e outro
r nam querer esperar, se alevantaram do porto re-
osos que viesse el Rei Dachem sobrelles, e se foram
de Pedir, que he na mesma ilha, onde dous dias
pois de surgirem veo ter com elles Antonio de bri-
irmão de George de brito o qual por parecer, e
o de todolos homens nobres, pilotos e mestres que
aparam foi electo por capitam daquella frota, e o foi
pois de Maluco, porque entre os papeis de George
brito se achou hum Alvara perque el Rei lhe fazia
rce da Capitania daquella fortaleza pera seu irmam
ecendo elle la. Tomada a posse da capitania da
ta, Antonio de brito repartio as capitanias pelas
ssoas que lhe para isso pareceram idonias, o que
o se foi caminho de Pacem, e dahi em companhia
George dalbuquerque a Malaca, onde foram mui
n recebidos de Garcia de Sa, que logo entregou a
taleza a George dalbuquerque per virtude das pro-
oens, que pera isso levava.

CAPITULO LXVIII

Do nascimento da Infante donna Maria, e do discurso de sua vida ate o tempo presente, em que corre ho anno do Senhor de Mil, e quinhentos sesenta, e sete.

A Rainha donna Leanor pario em Evora o Infante dom Carlos aos dezoito dias de Fevereiro, de mil e quinhentos, e vinte, que faleceo em Lisboa a quinze dias Dabril do anno seguinte de Mil, e quinhentos, e vinta hum no qual anno no mes de Ianeiro fez a Rainha sua entrada na mesma cidade com grande pompa, e aparato, onde aos oito dias de Iunho pario nos paços da ribeira a Infanta donna Maria a qual Princesa ella quando se foi deste regno depois do falecimento del Rei dom Ema-

uel seu marido quizera levar consigo, no que quasi
onsentindo el Rei dom Ioam seu irmão, a cidade de
isboa se opos a isso de maneira que quanto a Rai-
na nisso insestio, e o Emperador dom Carlos seu
mam fezesse o mesmo por suas cartas, e embaixa-
ores, ella ha nam levou, mas como desejasse sobre
dalas cousas do mundo ter sua filha apar de sim,
atandosse em Madrid o casamento della, e de dom
rancisco de Valois Rei de França, primeiro do no-
e, que o Emperador seu irmão tinha captivo em
astella, ella procurou de a casar com o Principe
om Francisco Dalphim de Viana, filho mais velho
dito Rei, e se concluio o casamento, declarando
contracto que se faria e solemnizaria de palavras
futuro, como a Infante fosse em idade de sete an-
os, e se solemnizaria quando fosse de doze annos,
or palavras de presente, e que pera isso se procura-
a por parte do Emperador dom Carlos, e da Rai-
na donna Leanor consentimento del Rei dom Ioam
rceiro do nome irmam da dita senhora infante,
era que bem, e em conveniente forma assegurasse a
ga do docte, a qual senhora levariam a França
ra effecto do casamento como fosse solemnizado,
r palavras de presente a custa, e despesa del Rei,
do Dalphim, como a tal Princeza convinha. Este
samento se desfez por o dito Dalphim falecer em
urnom sobela Rone, com suspeita de lhe terem da-
peçonha depois do que, o Emperador dom Carlos,
dom Fernando Rei dos Romãos seu irmam, e ha
ainha donna Leanor sua irmam delles, mãi desta
nhora Infante a mandaram pedir a el Rei dom Ioam
u irmão por monsieur de Lordes seu embaixador
lles, pera a casarem com Maximiliano filho mais
lho do dito Rei dom Fernando, do que el Rei dom

Ioam se escusou, pelo que o Emperador o casou com a Infante donna Maria sua filha mais velha. Passadas estas cousas el Rei de França, e a Rainha sua mãi a mandarão pedir a el Rei dom Ioão, no anno de mil, e quinhentos, e corenta pelo Bispo Dade, frances, do que se tambem escusou. Depois de todos estes negocios serem tractados pelo modo que dixe, veo a morrer no anno de mil quinhentos quarenta, e cinco, ha Princesa donna Maria filha del Rei dom Ioam terceiro, que era casada com dom Phelipe Principe de Castella, filho herdeiro do Emperador dom Carlos, depois da morte da qual, elle e a Rainha donna Leanor trataram de a casar com este Principe dom Phelipe o qual casamento o mesmo Emperador dom Carlos, que o requeria desmanchou, e casou o Principe dom Phelipe seu filho com a Rainha Maria de Inglaterra, a qual faleceo sem deixar filhos. Depois da morte desta Rainha se tornou a tratar de casarem esta Princesa com o mesmo Principe dom Phelipe, que ja era Rei de Castella, por o Emperador dom Carlos seu Pai ser falecido, mas nem este casamento ouve effeito, porque el Rei dom Phelipe casou com madama Isabel filha mais velha del Rei Henrrique de França, e porque nam fique por dizer o grande desejo que el Rei teve de casar esta senhora Infante sua irmam depois que o Emperador casou o Principe dom Phelippe seu filho em Inglaterra, elle concedeo a dita senhora que podese tratar de casamento com dom Fernando Rei dos Romãos, de Humgria, e Bohemia, Archeduque Daustria, de quem ariba fiz mençam, o qual depois sobcedeo no imperio a dom Carlos, seu irmam no que senão tomou conclusão por a mesma Infante se nam inclinar a este casamento. Alguns annos depois de tudo isto ser passado, sendo el Rei

om Ioam falecido de poucos dias, a Rainha onna Leanor ja viuva de Portugal, e de França, ue viera de Flandes a Hispanha em companhia o Emperador dom Carlos seu irmam, e da ainha donna Maria veuva de Humgria, sua irmam, ezeram tanto com a Rainha donna Catherina ua irmam tambem viuva, que entam era regente estes regnos por el Rei dom Sasbastiam seu neto er de menor idade, e com o Infante dom Anrique Cardeal de Portugal, irmam desta senhora nfante que sobre fe, promessa, e juramento da mesna Infante consentiram que fosse ver a Badajoz com lla, e com a Rainha donna Maria de Humgria sua a, o que se fez com grande aparato de huma, e da utra parte, posto que ainda trouxessem do por el Rei dom Ioam, donde depois de passados vinte dias ue alli esteveram a Infante se tornou pera o regno, o que foi muito louvada, porque a comum openiam ra que se iria com a Rainha sua mai, a qual Rainha epois destas vistas a poucos dias faleceo em Castela, de quem esta senhora Infante sua unica herdeia ouve baixellas douro, prata joias, pedras preciosas, apeçarias, douro, e seda, e outros euxovaes, com ue, e com o Senechalado de Agenois em Gascoha, e o de ruargar, e as senhorias de rios, ribeiras, Verdum, e Albigoes em Languedoch, de que he sehora soberana de juro, e cem mil escudos que lhe evem os Reis de França, e de juro que tem em Castella, o que lhe tudo ficou da Raiuha sua mãi, e om a Cidade de Viseu, e Villa de Torres vedras, que são de seu patrimonio de juro, e assentamento que tem neste regno, traz tam honrrada casa de cridos, damas, e outros familiares, que pera se dizer que he igual a todalas Rainhas Deuoropa, lhe nam

falta mais que o nome de huma dellas. Depois do falecimento da Rainha donna Leanor faleceo tambem em Castella a Rainha donna Maria de Humgria sua irmam estando pera se embarcar pera Flandres, a reger aquella Provincia, como o dantes fezera.

CAPITULO LXIX

que aconteceo a Diogo fernandez de Beja depois que partio Dormuz ate chegar a Diu, e dahi a Chaul, onde o Diogo Lopez de sequeira achou ao qual lugar foi ter com elle dom Aleixo de meneses.

Depois de Diogo lopez de sequeira ter despachado Antonio Correa pera Baharem como fica dito, mandou Diogo fernandes de ja, com quatro velas, que fosse correr a costa de mbaia ate que elle chegasse a Diu, onde determiva fazer uma fortaleza como fica dito, das quaes afora e eram Capitães Nuno fernandez de macedo Emael de macedo seu irmam e Gaspar doutel: que param Dormuz aos vinte Dagosto deste anno de mil nhentos vinte e hum, e tomaram na costa de Cam-

baia dous zambuquos carregados de mantimentos, huma nao grande em que acharam muitas mercad rias, no tomar da qual teve Nuno fernandez de m cedo trabalho, por nella aver mais de cento, e vin mouros brancos frecheiros, e espingardeiros, e mu tas bombardas roqueyras per bordo, e quomo is fosse seis legoas a la mar de Diu, Melequiaz que já a estava mandou Hagamahamed com dezoito fustas socorrer esta nao, mas quando a ella chegou era despejada, e mortos os mais dos mouros, e muit molheres, e meninos que nella vinham, recolhidos nossa frota com tudo ainda Hagamahamed ach nella alguns que ficaram escondidos e se salvara na mesma nao, com taparem os rombos que lhe N no fernandez mandou dar pera ir ao fundo, mas ne por isso deixou Hagamahamed de pelejar co Diogo fernandez, o qual meteo a nao de Ga par doutel no fundo as bombardadas, em q morreram os mais que com elle hiam, e os q escaparam a nado captivou, e teve quasi meti a de Diogo fernandez no fundo, e em gran aperto Nuno fernandez de macedo, ha que ferio muitos homens, e matou onze as bomba dadas, de que hum foi Alvaro de brito, e o out o escrivam do galeam, e se Deos lhe nam acod ra com huma trovoada com que as fustas se recolh rão pera Diu elles passaram pior. Vendosse Dio fernandez desaparelhado, e sobrisso com muita fal dagoa, determinou de se ir a Chaul, donde dep de tomar mantimentos, e outras cousas necessari quis ir em busca de Diogo lopez de sequeira a D o que nam fez porque estando pera se fazer a ve chegou elle della, desesperado de por entam pod fazer a fortaleza em Moder faba, a huma por Me

iaz que ja alli estava, ter provido em tudo o que
e era necessario pera lho defender, e a outra por
guns Rumes captivos que traziam na nao sancta
aria da serra, lhe poerem o fogo de que ella, e el-
s arderam, e muitos dos nossos em que entrou Ai-
s correa, na qual nao vinham todolos petrechos
ra se fazer aquella fortaleza, pelo que se fez a ve-
caminho de Chaul, pera a fazer ahi, por ter li-
nça de Nisamaluquo, pera isso, com condiçam que
e mandasse vender na mesma cidade cadanno qua-
ocentos cavallos Arabios, onde tendo a ja começa-
chegou dom Aleixo de meneses por quem soube
certeza da nova que lhe mandara Meliquiaz tornan-
Dormuz, de ser chegado a India dom Duarte de
eneses por governador, depois de cuja vinda che-
ou diante da barra de Chaul Hagamahamed com as
ais das fustas de Meliquiaz, o qual em chegando
eteo as bombardadas a nao de Pero da sylva no fun-
, que então viera de Ormuz, onde ficara por man-
ido de Diogo lopez de sequeira com negocios, em
ue o mesmo Pero da silva com os mais se afogaram,
alguns que se quiseram salvar a nado, tomou Ha-
mahamed, e os levou captivos a Melequiaz.

CAPITULO LXX

Em que se trata do casamento da infante donna Beatris, filha del Rei dom Emanuel com Carlos Duque de Saboia.

O Duque dom Carlos de Saboia desejoso de fazer alianças com el Rei dom Emanuel mandou per seus Embaixadores no anno de mil e quinhentos, e dezaseis, vivendo ainda a Rainha donna Maria, cometer casamento com a Infante donna Beatriz filha segunda del Rei, de que era hum o senhor de Consinham, e outro Pero caes, que se tornaram sem se neste negocio tomar cunclusam, por alguns respeitos, e assi por a Infante nam ser de mais idade que de doze annos. Depois destes Embaixadores, mandou ho Duque secretamente hum frade

da ordem de sam Francisco da observancia, pelo qual lhe mandou dizer el Rei que por se nam achar em desposiçam pera casar lhe offerecia pera este casamento seu irmam herdeiro de todo seu estado por elle nem ter filho ao que lhe el Rei respondeo, louvando muito seu bom desejo, e amor com que neste negocio procedia, porem que as cousas do primeiro impedimento pera de sua filha, nam poder fazer nada, erão ainda presentes, e não davão lugar pera se nisso por entam entender, apos este frade mandou o Duque, ao mesmo negocio Norato caes, que depois foi nestes regnos muito tempo Embaixador dos Reis de França, Francisco de Valois, e Henrrique seu filho per quem mandou cometer de novo o casamento pera sim mesmo, ao qual depois del Rei consultar o negocio, mandou dizer que lhe daria esposta ate seis mezes primeiros seguintes no qual tempo pera se informar mais a verdade, do estado, senhorio, e poder do Duque mandou dissimuladamente a Saboia Sylvestre Nunez seu escrivão da camara que o servira de feitor em Flandres, o qual lhe trouxe de tudo tam bom recado que per hum correo, que lhe o Duque mandou acabados os seis meses do termo lhe respondeo que lhe mandasse seus Embaixadores, o que logo assi fez, endereçandoos a dom Fernando Marques de villa real, que entreveo neste casamento por parte do Duque, os quaes Embaixadores eram o senhor de Ballaisom seu camareiro mor, Baraõ de sam Germam, cavalleiro de cambela, e Iorge de pacerio doctor em utroq, jure do seu conselho, Ior secretario da Empaixada Chatel, que chegaram a Lisboa no mes de Fevereiro deste anno de mil, e quinhentos, e vintahum, e forão recebidos del Rei em sala onde lhes fez muita honrra, e gasalhado, e aca-

bo de poucos dias se ordenaram deputados pera tratarem com elles, o que compria a este casamento, que foram Alvaro da Costa, camareiro, e armador mor del Rei e do seu conselho, e veador da fazenda da Rainha donna Leanor sua molher a quem depois el Rei deu titulo de dom e Diogo pacheco doctor em leis desembargador da relaçam, os quaes o assentaram pelo modo seguinte, que el Rei dava, e dotava a Infante sua filha, cento, e cincoenta mil cruzados de bom valor, e de pelo sc. os cento como o matrimonio fosse consumado per quarenta, e cinco mil cruzados de contado, e em joias, e pedras preciosas, vinte dous, e em prata lavrada, movel, e concertos de sua camara e capella quinze, e em tapeçaria, e paramentos de sua camara dezoito, e hos cincoenta mil que faltavam pera comprimento dos cento, e cincoenta lhe pagaria hum anno depois do dia em que se o matrimonio consumasse, e que ha mandaria el Rei a sua custa, ate a cidade de Nisa, ou porto de villa Franca, e que o Duque lhe daria em dote vinte mil crusados cada Anno, quinze mil pera sostentamento de sua casa, e estado, e cinco mil pera delles ordenar a sua vontade, pera o que obrigarão, e nomearão todolas villas, castellos, e lugares com todas suas jurdições, mero misto imperio, do modo que as tinha, e possuia madama Branca Duquesa de Saboia, e se menos rendessem destes vinte mil cruzados que o Duque lho satisfezesse em ontra parte, e lhe daria a sua propria custa todolos vestidos de sua pessoa segundo ao estado dambos convinha, e que falecendo elle Duque primeiro que ella, que lhe ficasse tudo tam inteiramente como o tinha em sua vida, e que falecendo ella sem deixar filhos, que em tal caso elle Duque restituiria a seus herdeiros tu-

o que tivesse recebido deste dote, os quaes con-
ctos acabados, e concluidos, que foi aos vinte, e
s de Março de mil quinhentos e vinte, e hum se
meçou logo a entender na partida da Infante, para o
e el Rei ordenou huma armada de dezoito velas,
que entravam quatro naos grossas, quatro gales,
ma fusta, dous galeões, cinco naos, e duas carave-
todas mui bem esquipadas, concertadas, e artilha-
s, a fora a nao dos embaixadores que era grande,
mosa, e bem artilhada. A capitaina em que hia a
fante era huma nao que se chamava Sancta Cathe-
a de monte sinai de mil toneis, que se fez na In-
, o geral darmada era dom Martinho de Castel-
anco, Conde de Villa nova de portimam, filho de
m Gonçalo de Castelbranco, o que rompeo primei-
a batalha de Castro queimado que el Rei dom
onso desbaratou, pelo qual serviço, e por outros
fez merce desta villa de villa nova de portimam
dias de sua vida, e lhe deu bandeira quadrada, e
seu escrivam da puridade, e veador da fazenda,
do mesmo Principe dom Ioam sendo Rei, e almo-
ce mor, e veador das obras do regno, e residuos,
monteiro mor, e governador da casa Civel, fica-
m delle filhos, dos quaes este dom Martinho de
stelbranco era o mais velho, a quem el Rei dom
nanuel deu titulo de Conde de villa nova de por-
nam, e bandeira quadrada, e foi tambem veador
fazenda del Rei dom Ioam segundo, e del Rei
m Emanuel, e camareiro mor do Principe dom
am seu filho. Na segunda nao darmada que seria
itocentos toneis hia dom Martinho da costa Arce-
po de Lisboa com mui grandes gastos, e ornamen-
s assi dos seus como da nao, por quem el Rei su-
cara o anno passado ao Papa que lhe desse o Ca-

pelo de Cardeal, mas como se isto nam impetro desta vez, nem da outra de que ja tratei, eu o nai pude alcançar, o qual Arcebispo em tornando dest viagem pera o regno faleceo em Gibaltar. O Cond hia na mesma nao da Infante, que nesta viagem fo mui bem acompanhado de criados, e parentes, e qu tro filhos, e tres genrros, e tres netos, e levava alç da de civel, e crime sem excepçam nenhuma af morte natural, nas outras naos hiam as pessoas se guintes. Dom Francisco de Castelbranco filho maio do Conde que per seu falecimento foi camareiro mo del Rei dom Ioam terceiro, e senhor da villa nov de portimam, dom Francisco da Gama filho maio de dom Vasco da gama Conde da Vidigueira, e a mirante da India, em hum dos galeões hia Afons dalbuquerque, filho do grande cavaleiro, e grand Capitam Afonso dalbuquerque Governador da Indi que nesta viagem fez grandes gastos, no outro hi Fernam perez dandrade, nas cinco naos hiam o Mar chal dom Alvaro coutinho Afonso perez pantoja se nhor da villa de Sanctiago de Cacem genrro do Cor de e Pero pantoja, e Martim vaz pantoja seus filho Christovam de brito, dom Fernando dabrantes, e dor Luis coutinho, o Capitam das gales era dom Pedr mascarenhas que depois foi vicerei da India, elle en huma, e nas outras Francisco de melo, Luis macha do, e gonçalo de campos, e na fusta Alvaro do cou to, em huma das caravelas hia Rui mendez de vascon cellos, e na outra hião provisões da despensa da Du quesa Infante. Alem destas pessoas ja nomeadas, de el Rei a Infanta pera a servirem, e acompanharem, dor Ioam do porto Bispo de Targa por seu capellão mor dom Ioam, dom Afonso, e dom Antonio clerigo filho do Conde de villa nova, dom Stevão da gama irmã

e dom Francisco, dom Fernando de castro filho
aior de dom Alvaro de Castro governador da casa
o civel, Nuno da cunha veador da fazenda do Prin-
pe dom Ioam, Ioam roiz de Sa de meneses Al-
ide mor da cidade do Porto senhor de Sever, e
enrro do conde dom Diogo de meneses craveiro
ordem de Christus, dom Pero dalmeida, Ioam lo-
z de sequeira mordomo mor da Infante, e Ioam da
lveira que depois foi craveiro da ordem de Chris-
s, dom Fernando de monrroy, dom George anrri-
es reposteiro mor do Principe senhor de Barbace-
, Christovam de Tavora, Rui de sousa genrro do
nde, e seu filho Lourenço de sousa, Pero momiz
sylva, dom Fernando de lima, Rui gonçalvez cou-
ho, dom Duarte da costa, filho de dom Alvaro da
sta, Gaspar de Brito, Fernam de miranda, Antonio
moura, Ioam de meso pereira, dom Fernando de
ronha, Lionel de brito, Pedrafonso daguiar que le-
va a cargo as cousas do mar, porque era nellas
ui entendido, Pero gomez daguiar, Pero dafonseca,
ro de mendanha. dom Hieronymo de moura, Sy-
am correa que hia por veador da casa da Infante, Hie-
nymo correa por seu estribeiro mor, Antonio
reira, Diogo brandam, Francisco de mello, George
elho, dom George filho do Conde do de Mira, dom
as anrriquez pages da Duquesa Infante, o licencea-
Alvareanes, que hia por corregedor, Diogo fer-
ira feitor darmada, Alvaro do tojal thesoureiro da
anta, Gaspar de siqueira ucham, Ioam de lousado
antieiro, Francisco homem copeiro, Afonso manhoz
esoureiro da capella, xviij. moços da camara, seis
oços da capella, seis homens da camera, quatro
rteiros de maça, oito moços destribeira, e oito
posteiros. Era patram desta armada Symam vaz

homem muito experto nas cousas do mar, e o mesmo er
Pero de cavarca mestre da nao em que ia a Duque
sa Infante, as molheres que foram com ella sam a
seguintes, donna Mecia filha de dom Dinis irmão d
dom Iaimes duque de Bragança, que la casou com h
Conde de Xalom, donna Leanor da Sylva, que hi
por camareira mor, donna Maria, filha do Conde d
faram, donna Maria de meneses, donna Isabel anrri
quez, donna Ines de mello, donna Ioanna de mene
ses, donna Beatriz mascarenhas, donna Francisca d
lacerda, donna Ines de brito Guiomar cardosa, Fran
cisca tavares, e Ines daguileira. Prestes a armada s
alevantou do porto da cidade de Lisboa, e f
surgir em Bethlem, onde el Rei com a Rainha, Prin
cipe, Infantes, e a Infante donna Isabel forar
em huma gale visitar a Duquesa Infante, e no me
mo dia se tornaram perá cidade, e ella ao outro qu
era huma sesta feira nove dias Dagosto deste anno d
mil e quinhentos, e vinta hum se fez a vela com toc
a frota, com a qual, toda salva chegou ao porto d
villa Franca de Nisa, aos vinte, e nove de Septembr
dia de Sam Miguel, excepto a nao de Afonso pere
pantoja que com tormenta que deu na armada atr
ves de Cartagena, se desaparelhou, e ficou ahi com h
marinhagem. O Duque que estava em villa Fran
quando a Infante chegou, e por lhe parecer que v
ria enfadada do mar, ordenou que se desembarcas
no mesmo dia o que se assi fez já de noite, e ha r
cebeo logo com grande pompa, assi dos de sua cas
e senhorios, como de muitos senhores, e gentis h
mens de França que se alli acharam, do qual m
trimonio lhes deu Deos Phelibert Emanuel, qne
presente vive pacifico em seu estado, o qual de t
dolos titulos que erdou do Duque seu pai, que s

que de Saboia, de Chabolois, e daugusta Principe
sacro imperio Romã e vigairo perpetuo, Marques
Italia Principe de Piamonte, Conde de Genevra,
ugianoys, e monte redonde, Baram davandigam,
Fucingam, e Nice Versel, e Briesse, tomou so o
Principe de Piamonte de que se agora intitula, e
casado com uma irmã del Rei Anrrique de Fran-
ja defunto, com o qual casamento de que lhe Deos
tem dado fructo de bençam, apacificou seu estado,
foi nelle restituido pelo mesmo Rei Anrrique, por-
e avia ja alguns annos, que el Rei Francisco de
lois primeiro deste nome, pai do dito Anrrique
nara a mor parte delle a este Duque Charles, que
satisfazer ao apetite da Duquesa Infante sua mo-
r favorecia contra elle o Emperador dom Carlos
into do nome seu primo com irmão, casado com
nfante donna Isabel irmão da mesma Duquesa In-
te, per cuja causa sobcederam todalas perdas,
mnos, e desaventuras, que o Duque Charles seu
rido passou ate que morreu, como se em sua chro-
a por extenso podera ver.

CAPITULO LXXI.

Em que se trata da progenia, e linhagem da Raniha donna Maphalda filha do Conde Amedeu de Morianna em Saboia molher que foi del Rei dom Afonso Henrriquez.

PORQUE no tempo em que se fez este casamento da Infante donna Beatriz com dom Carlos Duque de Saboia, e ainda neste presente ai muitas pessoas que dizem que o Duque nem em geraçam nem em estado tinha calidades, porque lhe ouvesse el Rei dom Emanuel de dar sua filha por molher posto fosse filha segunda, pelo que allem do que sei de seu estado, e vi no tempo que andei per suas terras, em que a muitas cidades, villas, castellos, fortalezas, e vassalos, direi o que tenho alcançado da progenia donde descendem os Duques de Sáboia,

que se saiba que o que el Rei fez nam foi se-
como muito prudente, e per parecer de seu con-
, e verdadeiras informações que tinha do estado
uque Charles, e do real sangue donde descen-
e pera que se saiba de sua linhagem, e proge-
he de notar que do tempo que o Imperio se
ou de França a Allemanha o primeiro Empera-
dos dalemanha foi Ottho, per cujo falecimento
lecto Ottho seu filho segundo Emperador a quem,
is de presedir no Imperio dezasete annos soce-
Ottho seu filho terceiro Emperador, em vida do
ordenou o Papa Gregorio o modo que se ate
tem na eleiçam dos Emperadores dalemanha,
Emperador Ottho terceiro deu a hum seu irmão
nome Hugo o ducado de Xaxonia, que era
o qual Hugo teve tres filhos per nome Federico,
ich, e Beraldo, estes tres irmãos ficaram moços
falecimento de seu pai pelo que o Emperador
tio, os criou em sua casa, e sairam homens dal-
pensamentos, bons cavalleiros, e sobre to-
Beraldo o mais moço porque em prudencia,
riçam, e esforço passava hos outros dous ir-
s, as quaes partes o fezaram vingar o adulte-
que a Emperatriz, molher do Emperador seu tio
no cometia com hum seu veador della, e a ma-
com o mesmo adultero na cama do que depois
cedeo fazer o Conde Reinel de mons, pai da Em-
atriz morta crua guerra aos Saxões, em que lhe
aram dous filhos, e morreo muita gente de huma,
la outra parte, de maneira, que toda aquella pro-
cia era em trabalho, e confusão por caso desta
rra, ate que nisso intervieram muitos senhores de
manha, per cujo meo se fez a paz entrelles, a
diçam que Beraldo fosse excluido della, e degrada-

do por dez annos de toda Alemanha, donde se pa
tio tomando seu caminho pella terra dos Soiços.
de Saboia, com tençam de ir visitar a casa do Apo
tolo Sanctiago, e depois desta romagem feita, fic
em Hispanha, o tempo de seu degredo, e fazer guer
aos mouros debaixo da bandeira dalguns dos Reis
senhores della. Neste caminho partindo Beraldo
Seisel em terra de Genevra, com criados e outra ge
te que levava, tomou o castello de Cule, ocupado
ladrões, e salteadores de caminhos, que fazião muit
males per toda aquella comarca, e o pos-pacifico
obdiencia de Bozom Rei de borgonha, cuja to
aquella provincia era, o que feito se foi a Arles vi
tar el Rei, de quem foi mui bem recebido, e da
tomou seu caminho pera Sanctiago de Galliza, co
prometer a el Rei Bozom de se tornar parelle,
que assi fez, e servio o dito Rei de Borganha q
então era senhor de muitas terras, e provincias a
que morreo de huma frechada que lhe deram e
huma batalha que ouve no mar de Liguria com
Genoeses. Morto el Rei Bozom, por nam ter filh
sobcedeo no regno seu irmam Rodolpho, os Gen
ses sabendo que Bozom era morto entraram pel
terras de Moriana, que eram dos Reis de Borgonh
com muita gente sua, e do Conde de Piamonte, e
Marques de Sus, e dos de Saluce, contra os quaes
Rei Rodolpho mandou Beraldo, que ouve victo
delles per quatro vezes, e os lançou fora das ter
de Moriana, com muita perda de gente, e dano,
grande despojo que deixaram, depois destas vic
rias, ouve Beraldo outra no monte Cenis no pas
da escada contra os mesmos, e outros mais da s
que, em que era o conde de Canavoes, que foi ma
liga nenhuma das outras qnatro. Acabadas est

erras veo a falecer el Rei Rodolpho sem deixar
rdeiro que direitamente podesse sobceder no regno,
assi ficou o regno de Borgonha devoluto ao Impe-
, vivendo ainda Ottho Emperador tio de Beraldo
e lhe confirmou a governança da terra de Vienois
e lhe el Rei Rodolpho dera, antes de cuja morte
raldo mandara vir Dalemanha sua molher per nome
nna Catherina, com hum filho que della tinha cha-
ado Humbert das mãos brancas (polas ter muito
vas, e fermosas) estando assi Beraldo pacifico em
u governo de Vienois, sendo já muito velho adoe-
u na villa de Arles, onde faleceu no anno do se-
or de mil, e vinte sete, vivendo ainda sua molher,
endo Emperador Henrrique, primeiro do nome que
bcedeo a Ottho terceiro, ho qual Emperador Henr-
que sabendo da morte de Beraldo escreveo logo a
umbert seu filho que pusesse boa guarda nas forta-
zas, e villas de Vienois, e se viesse ver com elle a
oma, onde foi bem recebido do Emperador, e por
e gratificar os serviços de Beraldo seu pae lhe deu,
o investio de juro, e herdade no mesmo Condado
Moriana, que o dito Beraldo ganhara, e fezera pa-
fico aos Reis de Borgonha, e assi foi esse Humbert
primeiro Conde de Moriana, o qual Humbert Con-
de Moriana estando ainda em Roma, soube que
Marques de Suze lhe entrara por suas terras, fa-
ndo-lhe crua guerra, ao que logo acodio, esta
erra durou assaz de tempo, mas em fim pera con-
rto della, o Marques de Suze casou sua filha unica,
r nome Adelfis herdeira de todo seu estado com o
onde Humbert de Moriana, e dalli a pouco
mpo morreo na mesma villa de Suze, ficando o Conde
umbert de Moriana senhor do estado do so-
o, viveo Humbert todo o mais de sua vida em

paz, e assessego, no qual faleceu no anno do senhor de mil e quarenta, e oito, e foi seu corpo enterrado na Egreja de sam Ioam de Moriana, ha qual Egreja elle doctou, e aumentou de muitas, e boas rendas, este Conde Humbert ouve da Condessa Adellis sua molher hum filho, per nome Amedeu, que o sobcedeo em todos seus estados, bom, e esforçado cavalleiro, com cuja ajuda ho Conde dom Giraldo de Borgonha ouve huma grande victoria contra os Condes de Lorreina, e Debarre, do que o Conde de Borgonha nam sendo desconhecido, casou huma sua filha per nome donna Ioanna com elle. Faleceo este Conde Amedeu no anno do Senhor de Mil, e setenta, e seis, foi sepultado na Egreja de sam Ioam de moriana apar de seu pai Humbert, o qual Amedeu ouve de sua molher donna Ioanna entre outros filhos, Humbert, que foi segundo Conde de Moriana do nome bom cavalleiro, e que tanto por amor que per armas se fez senhor de Tarentaise, e ahi faleceo no anno do senhor de Mil, cento e nove ouve este Conde Humbert de sua molher donna Laurença filha do Conde de Veniça hum filho per nome Amedeu, que lhe sobcedeo, e foi segundo do nome e quarto dos Condes de moriana que depois da morte de seu pai casou com donna Guigone filha do Conde de Albom, ao qual Conde Amedeu fez o Emperador Henrique de Bohemia quarto do nome doaçam do Condado de Saboia, este Conde Amedeu foi duas vezes na guerra de ultramar por capitam da gente do Papa, e faleceo em Chipre da segunda viagem que foi em companhia del Rei Phelipe Augusto de França. El Rei de Chipre, per nome Gui de luzignem o fez enterrar honrradamente na Abbadia do mont de Sancta Cruz, isto foi no anno do Senhor de Mi

e cento, e cincoenta e quatro, pouco mais ou menos. Deixou este conde Amedeu de sua molher donna Guigone entre outros filhos, e filhas, Humbert que sobcedeo no estado de Saboia, e Moriana, e donna Maphalda que casou no anno do Senhor de Mil, cento quarenta, e seis, com el Rei dom Afonso Anrriquez primeiro Rei de Portugal, pai, e mãi del Rei dom Sancho, primeiro do nome, donde descendem todolos outros Reis destes regnos, esta, he a verdadeira progenia dos Reis de Portugal da parte femenil, que eu tirei com muito trabalho, e estudo das chronicas Dalemanha, França, e Saboia, a qual progenia procede dos Emperadores dalemanha, Duques de Saxonia, Condes de Moriana que agora sam Duques de Saboia, e Principes de Piemonte, e nam do infante dom Afonso Conde de Molina, filho del Rei dom Afonso de castela, cuja filha se cuida que era a Rainha donna Maphalda, como esta posto per cousa auctentica em hum livro antigo de memoriaes escripto em pargaminho, que anda na torre do tombo, nem menos era filho do conde dom Anrrique de Lara, como erradamente o escrevem, os que composeram os livros das linhagens de Hispanha, assi o velho como o novo, nos quaes livros todos, afora este erro ai outros, de que tratarei se o tempo a isso der lugar, e porque nam pareça que inventei, ou fingi per congecturas ser a Rainha donna Maphalda filha do Conde Amedeu de moriana, saiba quem isto ler, que o achei nas antigas escripturas da Torre do Tombo destes regnos, pera confirmaçam do que abastara, poer aqui tres auctoridades, que daram testemunho ser isto verdade. El Rei dom Afonso anrriquez em huns privilegios que deu aos caseiros de Sancta Cruz

de Coimbra, na era de Cesar M, cento, e oitenta e quatro diz assim.

Ego Alfonsus Portugalliae Rex, comitis Henrici, & Reginae Tarasiae filius; magniquoq; Alfonsi nepos, una cum uxore mea donna Maphalda filia comitis Amedei de Moriana, considerantes obitum nostrum.

Qne quer dizer eu dom Afonso Rei de Portugal filho do conde dom Anrrique, e da Rainha donna Tareja, neto do grande Rei dom Afonso, juntamente com minha molher donna Maphalda, filha do Conde Amedeu de moriana, considerando nossa morte, &c.

E no foral que deram aos moradores de Syntra no anno de Cesar de mil, cento noventa, e dous, diz assi In nomine Patris, & Filii, & Spiritus sancti Amen Placuit mihi Alfonso Regi Portugalliae Comitis Henrici, & Reginae Taresiae filio, magniq, Alfons nepoti & uxori meae Reginae Maphaldae, comitis Amedei filiae vobis que Syntre habitatis, maioribus sive minoribus cuiusq, ordinis steteritis, cartam facere firmitudinis vobis, & filiis vestris atq, progeniis de jure, estabilitate, atq, servicio. In primis damus vobis triginta casales, com suis hereditatibus in Vlixqonen triginta popularibus qui in praesenti illud casqelum populatis, ut habeatis illos tam vos, quam filii vestri haereditario jure, & nom faciatis de illis aliquod forun in vlixibon, nisi in vestro castello. Que quer dizer em nome do Padre, e do Spirito Sancto Amen. Aprouveme a mim Afonso Rei de Portugal filho do conde dom Anrrique, e da Rainha donna Tareja, e neto do grande Rei dom Afonso, e a minha molher a Rainha donna Maphalda filha do Conde de Amadeu, de vos mandar fazer, aos que morae em Syntra, maiores, ou menores de qualquer orden que fordes carta de firmeza a vos, e vossos filhos

scendentes de juro, e estabilidade, e serviço. Pri-
eiramente vos damos trinta casaes com suas her-
des em Lisboa a trinta povoadores que aho pre-
nte moraes naquelle Castello, pera que os possuaes
s, e vossos filhos jure hereditario, e nam façaes
lles nenhum foro em Lisboa, senam no vosso Cas-
llo.

E na carta de doaçam que fizeram da Touguia a
uilhelmo de cornibus, na era de Cesar de Mil, e
nto noventa, e seis dizem assim. Ego Alfonsus Por-
galliae Rex, Comitis Henrici, & Reginae Tarasiae fi-
us magniq. Alfonsi nepos, una cum uxore mea
onna Maphalda, comitis Amedei de Moriana filia,
cimus vobis dono Vilhelmo de cornibus cartam de
lla hereditate detauguia. Que quer dizer eu dom
fonso Rei de Portugal, filho do conde dom Anrri-
ue e da Rainha donna Tareja, neto do grande Rei
om Afonso juntamente com molher donna Maphal-
a, filha do conde Amedeu de Moriana fazemos ha
os Vilhelmo de cornibus esta carta da herdade datou-
uia, &c. dos quaes dous logares, e de foraes, e car-
as que dizem o mesmo, que tive por escusado re-
itar aqui se ve na verdade ser a Rainha donna Ma-
halda filha do Conde Amedeu de Moriana, posto
ue per outras pessoas seja isto crido ao contrario,
esta nossa verdade se pode confirmar com o Ar-
ebispo de Toledo dom Rodriguo, ainda que donde
a causa he tam clara fora escusado alegar authores,
qual Arcebispo na sua Chronica, que escreveo em
nguoa Latina diz que el Rei dom Afonso Anrriques
rimeiro Rei de Portugal foi casado com donna Ma-
halda, filha do Conde de moriana, pelo que sam
uito de reprender nossos Chronistas, e os que com-
oseram os livros das linhagens, sendo todos Portu-

gueses de terem dada tam ma conta da verdadeira progenia da Rainha donna Maphalda primeira Rainha destes regnos. E pois dixe da progenia da Rainha donna Maphalda, molher del Rei dom Afonso anrriquez primeiro Rei de Portugal, donde os outros Reis descendem, (porque o primeiro de que nam a progenia foi el Rei dom Garcia) me não pareceu cousa desconveniente dar no Capitulo seguinte rezam donde descende o Conde dom Anrrique pai deste Rei don Afonso, pera que se declarem alguns erros em que os Chronistas passados cairam, e se saiba na verdade a antigua, e nobre progenia dos Reis destes regnos.

CAPITULO LXXII

a progenia, e linhagem do Conde dom Anrrique pai del Rei dom Afonso Anrriquez.

HUMA das cousas que me mais espantou desno tempo que comecei a revolver livros foi a demasiada negligencia dos Chronistas destes gnos, e dos que escreveram os livros das linhagens o que toca ha progenia dos Reis, assi da parte del ei dom Afonso Anrriquez primeiro Rei de Portual, como da Rainha donna Maphalda sua molher, e abalhando nisto muito tempo vim a descobrir ho rro em que todos andavam cuidando que era a ainha donna Maphalda filha do Infante dom Afonso onde de Molina, filho del Rei dom Afonso de astella, ou de dom Anrrique Conde de Lara, a qual enhora tenho declarado no capitulo atras, que he

filha do conde Amedeu de Moriana, segundo do nome. Isto feito, que he o que toca na verdade a progenia dos regnos da parte de donna Maphalda, ficava por saber o mais importante, que he donde procede esta Real genealogia da parte del Rei dom Afonso Anrriquez marido desta senhora donna Maphalda, no que assi como achei pareceres, e opiniões differentes achei tambem muito trabalho pera com verdade poder dizer cousa em que se tanto requeria tratala porque o Conde dom Anrrique pai del Re dom Afonso Anrriquez dixeram alguns escriptores que fora natural de Constantinopla, e outros ha quem seguem nossos Chronistas, dizem que foi filho segundo de hum Rei de Ungria, sem lhe dizerem o nome, outros que era da terra de Lorraina, pelo que pera mor declaraçam deste negocio, e se poder mishor entenderme he necessario por aqui hum Epitaphio, e abreviaçam de hum summario da vida del Rei dom Afonso Anrriquez, filho deste conde dom Anrrique que ouve no tempo que andei em Flandres, da livraria dos Duques de Borgonha, escripto em lingoa Francesa, o qual summario, e Epitaphio, como se nelles conthem foram tresladados de uma taboa muito grande que antiguamente estava em sancta Cruz de Coimbra, posta sobella sepultura del Rei dom Afonso Anrriquez e segundo pude alcançar dalguns homens doctos, e antiguos daquella provincia este Epitaphio, e abreviaçam levou consigo destes regnos em lingoa portuguesa a Infante donna Isabel filha del Rei dom Ioam de boa memoria primeiro do nome, que foi casada com Phelipe dalcunha o bom Duque de Borgonha, e senhor dos estados de Flandres, e que la se pos em lingoa Francesa e quanto ao epitaphio, o treslado delle de verbo a verbo, he o seguinte.

Aqui jaz o muito alto, e muito poderoso, e mui-
excelente Principe dom Afonso Anrriquez, pri-
iro Rei de Portugal, o qual da parte de seu pai
n Anrrique conde destorga, descende per linha
eita dos Reis Daragão, e da parte de sua mãi dos
s de Castella, e logo no começo do sumario se
clara a linhagem del Rei dom Afonso Anrriquez
parte dos Reis de Castella procedente da Rainha
nna Tareja sua mãi, filha del Rei dom Afonso
to que tomou Toledo aos mouros, mas da parte
Reis Daragão nem de como veo a ser Conde
storga nam diz nada, e por me ao diante nam fa-
estorvo a parte que tem o Conde Dom Anrrique
linhagem dos Reis Daragam a direi loguo nas
nos palavras que poder. El Rei dom Ramiro pri-
iro Rei Daragam, filho de dom Sancho, casou
n donna Hermisanda gibilda filha do Conde Dar-
nhaca, e de Bigorra, de que ouve dom Sancho,
e foi Rei Daragam per falecimento de seu pai, e
m Gonçalo que foi Bispo de Iaca, e duas filhas
nna Tareja que casou com o conde proença, e
nna Sancha que casou com o Conde de Tolosa,
s quaes o Chronista Daragão nam diz os nomes.
te dom Ramiro Rei Daragam morreo no anno do Se-
or de Mil sesenta, e tres, pela conta do qual tem-
o Conde de Tolosa que casou com donna Sancha
filha, havia de ser pai, ou irmão, ou parente
egado de dom Raimom Conde de Tolosa, que ca-
u com dona Elvira filha bastarda do dito Rei dom
onso sexto, e de donna Ximena gomez de munho-
s sua manceba, molhor muito nobre da casa de
usmam, e nam com donna Orraca filha legitima do
to Rei dom Afonso, e assim se a dentender do que
m Rodrigo Arcebispo de Toledo escreveo na sua

Chronica, a quem seguem dom Afonso de Cartage-
na Bispo de Burgos, e o livro velho das linhagens
que dizem que donna Orraca filha legitima deste
Rei dom Afonso casou com dom Raimom, sem dize
rem donde era Conde, o qual dom Raimom se cha-
mava de sam Giles, e era tamanho senhor que
quando se nomeava lhe não davão outro titulo se-
nam dom Raimom de sam giles, e parece que por
esta causa o Arcebispo de Toledo, e o Bispo de
Burgos, e o Conde dom Pedro filho bastardo
del Rei dom Dinis no livro que fez das linhagens he
nam quiseram nomear senam por dom Raimon, sem
dizerem, nem declararem os titulos de seus senho
rios, com o qual por ser tamanho senhor casou e
Rei dom Afonso sexto, donna Orraca sua filha legi
tima, e quanto ao Conde dom Raimom de Tolos
que casou com donna Elvira filha bastarda deste Re
dom Afonso elle não ouve o Condado per herança
mas com o dinheiro do dote que lhe o dito Rei se
sogro deu em casamento, o comprou a Hugo Aimor
filho de Guilhelme Duque de Aquitania quarto d
nome, e de huma irmam de dom Raimom de samg
les, que era condessa de Tolosa, o qual Hugo Aimor
depois da morte da mãi vendeo o Duquado de To
losa ao dito dom Raimom, pera com este dinheiro,
outro que mais ajuntou servir a Deos na conquist
de ultramar, mas se este dom Raimom Conde de To
losa, que casou com donna Elvira, foi filho, ou ir
mam, ou parente de Tolosa que casou com donn
Sancha filha del Rei dom Ramiro Daragam, os Chr
nistas Tolosanos o nam declaram, os quaes assim ist
como outras algumas cousas screveram assas conf
samente, de modo que pera verdadeira noticia dest
linhagens, se a dentender que o Conde dom Raimo

Tolosa nam casou com donna Orraca filha legiti-
del Rei dom Afonso de Castella sexto do nome,
sto que os nossos Chronistas, e os de Castella o
gam, porque com esta donna Orraca como arriba
a declarado casou o Conde dom Raimom de sam
es, e della ouve o Principe dom Afonso que de-
is foi Rei de Castella Septimo do nome, e quanto
donna Elvira filha bastarda del Rei dom Afonso
to, o Conde dom Raimom de Tolosa seu marido
ve della, entre outros filhos, hum que se chamou
m Afonso, que nasceo na provincia de Syria an-
ndo este Conde nas guerras de ultramar em que o
ompanhou sua molher donna Elvira, e porque foi
tizado no rio Iordam, lhe chamaram dom Afonso
rdam, o qual socedeo no Condado de Tolosa per
ecimento de dom Raimom seu pai, e de dous seus
nãos mais velhos, per nome Beltram, e Guilhelme,
passou em Africa, por capitam geral de huma ar-
da onde foi captivo de mouros, e depois restitui-
em liberdade, per caso doutra batalha que os de
losa depois ganharam contrelles. E tornando ao Con-
de Tolosa, que casou com donna Sancha filha del Rei
m Ramiro Daragam, elle ouve a esta donna San-
a huma filha que casou com hum Conde de Cham-
gne, de que se nam diz o nome, a qual casa de
ampaigne foi depois aliada per casamentos com a
s Duques de Lorraina, como se logo dira de ma-
ra que o Conde dom Anrrique da parte femenil
scende per linha direita dos Reis Daragam, e
anto a linhagem da parte do pai que he o que
is importa, foi pelo modo seguinte. No anno do
nhor de mil, e dezanove faleceu Geofroi Duque
Lorraina, e por nam deixar filhos subcedeo no
cado seu irmão Gozellon Conde de Bulhom, a este

Gozellon subcedeo Godefroi o brioso, ou barbudo seu filho: que regnou vinte, e seis annos, e teve grandes guerras com o Emperador Anrrique terceiro, as quaes acabadas, casou huma sua filha unica herdeira, per nome Idaim com Eustacio Conde de Bolonha sobelo mar em França, e lhes deu logo em casamento o Condado de Bulhon do qual casamento procederam Godefroi de Bulhom, e Baldoim Reis bemaventurados de Hierusalem, e Eustacio, e per morte de donna Idaim mãi destes principes, casou Eustacio, Conde de Bolonha, com donna Mahual filha de dom Giral Conde de Mosalanda, o qual Condado jaz entre as ribeiras da Mosa, e da Mosella, e corria das Terras de Lorraina, Lucemburgo, Lemburgo, e Trever, até a ribeira do Rim, e terras de Geldres, e Holanda onde se o Rim mete na mosa, e era entam aquelle Conde hum grande senhor, o qual os Emperadores da casa de Lucemburgo destroiram, por caso das guerras que com elles ouve, por nam terem hum tam poderoso vezinho, e esta certeza alcancei dos registros, e annaes, que ao presente ainda estam nos cartorios da villa de Bolonha sobelo mar em França, e da Se, e camara da cidade de Metz em Lorraina, na qual villa, e cidade estive algumas vezes, e me foram estes, e outros papeis comunicados, e depois de ser nestes regnos a confirmei per cartas do Adaim da Se da mesma cidade de Metz, e de Nicolao lecavão secratario da dita villa de Bolonha, e do cavalleiro de Sevre, que agora he priol em França da ordem de Sam Ioam Embaixador que foi nestes regnos del Rei de França nos annos de mil quinhentos, e cincoenta, e sete cincoenta, e oito, e cincoenta, e nove, pessoa com quem tive grande amizade. Desta filha do Conde d

salanda, (ou Duque, como alguns tem por ope-
m que era) ouve o Conde Eustacio de Bolonha
ilhelme barão de Ioynnilla, e quando estes tres ir-
os Godrefoi de Bulhom, Baldoim, e Eustacio fo-
n ha guerra de ultramar, sendo ja seu pai falecido,
ilhelme barão de Ioinuilla irmam mais moço, per
lenança delles ficou por governador do ducado de
rraina, porque o condado de bulhon vendeo Go-
froi ao Bispo de Liega, pera despesas destas guer-
, e a cidade de Metz em Lorraina, que era sua,
ndeo aos mesmos da cidade, o qual Guilhelme de
nvilla per morte de seus irmãos sobcedeo no du-
lo de Lorraina, e foi casado com Allis filha de
baut Conde de Champainhe da qual senhora ouve
s filhos. sc. Thierry, ou Thiodorico, que per sua
rte sobcedeo no Ducado de Lorraina, e Anrrique, e
ofroi, que nas guerras de Syria fez grandes proezas,
e dom Anrrique filho segundo do Coude Guilhel-
, foi pai del Rei dom Afonso Anrriquez, a quem
Rei dom Afonso sexto de Castella deu o condado
storga pelos muitos serviços que lhe fez nas guer-
que teve contra el Rei dom Sancho seu irmam, e
ntra os mouros, e o casou depois com Donna
resa sua filha, e de donna Ximena gomez de mu-
nes, com a qual lhe deu em casamento muitas
ras em Galiza, e Portugal, dos quaes descendem
dolos Reis destes regnos ate o tempo presente. De
no este dom Anrrique veo ter a estas partes de
spanha contam os historiadores per muitas maneiras
, mas a verdade he que passando elle em huma
nada que hia de Holanda, e Zeilanda a conquista
ultramar veo ter a Crunha, e ficou no serviço del
i dom Afonso.

CAPITULO LXXIII

De como Hagamahamed capitam de Melequiaz pele com a nossa frota sobela barra de Chaul, na q peleja mataram Diogo fernandez de beja.

HAGAMAHAMED Capitam de Melequiaz não c sava de cometer os nossos, posto que Dic lopez stivesse em chaul, porque sabia qu perjudical era a fortaleza que se alli fazia ao reg de Cambaia, e seus vizinhos, pelo que com mor des destrovar esta obra se chegava sem medo a no frota, em que muitas vezes fez assaz de damno, p que elle destroçou as gales de Francisco de mend ça, e de dom George de meneses, de que na de Fr cisco de mendonça morreram muitas homens, e outras tres, tudo a vista de Diogo lopez, e dom A

o de meneses, que por lhes a mare nam servir lhe
m acodiram, allem do que cometteo outras muitas
zes os nossos per spaço de vinte dias, em que deu
ostras de mui esforçado cavalleiro, posto que em
dos recebesse muito damno, e por Diogo lopez ja
ber da vinda de dom Duarte de meneses, e ter
sta a Torre da Manegam no primeiro sobrado, e a
rtaleza em altura defensavel, determinou de se ir a
ochim, por se chegar ho tempo da sua partida pe-
Portugal, ho que assi assentado, deu a capitania
fortaleza a Anrrique de meneses, e a do mar a
iogo fernandez de beja, a quem deixou duas
os, tres gales, huma fusta, e uma caravella, e com
demais da frota se fez a vela, e por o tempo
r calma, foi surgir junto da frota, de que dera
Capitania a Diogo fernandes de beja, que stava
fora da barra, mas Hagamahamed que nam
rdia ponto, como vio Diogo Lopez surto começou
lhe rodear a remo a armada, com trinta fustas
e entam tinha, tirando muitas bombardadas, o que
zia a sua vontade por lhe servir a calmaria, com
e a frota de Diogo lopez senam podia mover, o
e vendo Diogo fernandez de beja mandou a Andre
sousa chichoro, que se fosse lançar na bocca da
rra com a sua gale porque os imigos nam entras-
m no rio e fossem dar de noite na fortaleza o que
ga fez, mas Hagamahamed na hora que lhe vio
nçar ancora foi sobrele com todalas fustas, es-
mbardeandoa toda a noite em que lhe matou sete
mens, e ferio muitos, de que hum foi seu irmam Alei-
de sousa que sahio mal ferido, e em amanhecen-
o abalrroou aho que acodio dom George de me-
ses, que stava mais perto, com cuja vinda se afas-
ram os imigos hum pouco, mas como Hagamaha-

med era homem esforçado fez de novo chegar a
fustas as duas gales, pondosse com ellas as bombar
dadas, trabalhando polas abalroar, e o fezera se nam
acodira Diogo fernandez de beja na gale de Francis
co de mendonça, com tres bateis, e hum esquife ar
mados, que em chegando a gale de Andre de sous
e vendoa quão destroçada estava lhe mandou qu
se fosse mostrar a Diogo lopez de sequeira, que es
tava surto ao mar, e elle se passou a gale de don
George, mas Hagamahamed vendo que estas dua
gales estavam apartadas, e que nem as naos da fro
ta de Diogo lopez, nem as de Diogo fernandez lh
poderiam acodir por ventar terreno, em amanhecen
do veo sobela de dom George que lhe stava dian
teira, a qual começou de servir tam bravamente d
bombardadas e frechadas, que os que estavam no
bateis por o perigo ser evidente, e senam poderen
defender se esconderam detras da popa da gale, n
que Diogo fernandez nam atentava, nem dom Geor
ge, pelo trabalho em que andavam de defender ao
imigos que os nam aferrassem, os quaes posto que
nam ousassem fazer pela muita resistencia que acha
vam nam deixavam de fazer seu officio, de tal ma
neira, que as bombardadas furaram o masto a gal
e lhes quebraram a mor parte dos remos, e o arrom
baram pelos costados per sete ou oito lugares, o que ven
do Diogo fernandez perguntou pelos bateis. Mas com
lhe dixeram que estavam escondidos, correo rijo
popa, pera os fazer passar avante, e estando sobre
postiça dizendo aos dos bateis que stavam mais per
se deixarem morrer como cives, e covardos que par
se salvarem como cavalleiros, sobreveo hum tiro d
bombarda dos imigos que deu no piam de um fa
cam, e resvalando dalli deu a Diogo fernandez er

ma ilharga com tanta força, que lhe meteo alguns
daços das armrs que trazia vestidas pela carne de
e logo cahio morto, o que vendo dom George de
eneses mandou enburilhar o corpo em huma manta
hum remeiro, e lançalo debaixo da cuberta por-
e a gente nam desmaiasse, e esforçando os que isto
ram tornou ao trabalho em que todos andavam,
ste tempo era jã morto o Condestabre da gale, e
comitre tão mal ferido que a nam podia mandar
em de o serem muitos outros, pelo que esses que
diam, cada hum delles o melhor que se lhe en-
ndia usava o officio de bombardeiro, e marinheiro,
como os remoiros, e gentios, que alem de anda
m forçados, corriam tambem o mesmo perigo dos
os das bombardas p ra se salvarem dixeram aos
Hagamahamed em sua lingoagem que abalrroas-
m a gale sem receo, que dentro nam havia ja quem
podesse defender, mas dom George que os enten-
o ferio com a espada sete ou oito delles, com que
outros constrangidos de medo, fezeram seu officio
mo dantes, de maneira que durando esta peleja,
sde pela manham ate horas de meo dia, Hagama-
med, pela muita perda que tinha recebida, assim
fustas que lhe da gale arrombaram, como da
uita gente morta, e ferida foi constrangido se retirar,
que vendo dom George por dar ha entender
s da terra, que estavam olhando esta peleja, que
ava victorioso, seguio hum pouco tras elle, mas
nhecendo qne o melhor era nam ir mais adiante,
andou embandeirar a gale, e desparar toda a arte-
aria, em sinal de victoria, do que os da terra fica-
m espantados, parecendolhes que Hagamamed, com
das suas trinta fustas lhe nam fezeram nenhum
mno, e desta maneira esteve ancorado ate horas de

vespora, que começou ha viraçam com que se foi a nao sam Denis dar conta ao governador Diogo lopez do que fezera, e de quam destroçado ficava, pela qual razam Diogo lopez assentou de se nam partir ate refazer de novo a armada que alli avia de ficar, pelo que despachou logo dom Aleixo de meneses pera Cochim a dar conta a dom Duarte do que passava, pedindolhe lhe mandasse ordenar sua embarcaçam, porque tinha tanto que fazer nas cousas de Chaul, que quando chegasse a Cochim nam teria tempo pera mais, que pera se passar da nao em que hia, pera a em que avia de tornar pera o regno. Morto Diogo fernandez, Dioguo lopez deu a capitania do mar a Antonio correa, rogandolhe que a aceptasse ate ha chegada de dom Luiz de meneses, irmão de dom Duarte, de cuja vinda ja tinha recado, a quem por vir provido da capitania do mar da India entregaria a frota que lhe deixava, o que concluido, dandolhe regimento do que avia de fazer, partio de Chaul, aos vinte, e sete do mes de Dezembro deste anno de M D. xxi. o qual seguindo seu caminho, chegou a Cochim, onde o dom Duarte mandou visitar a nao offerecendolhe a fortaleza, mas Dioguo lopez foi tam bem ensinado, que nam respeitando a dom Duarte tomar posse della contra seu regimento lhe mandou dizer que em casa de Dioguo pereira se recolheria este tempo que ouvesse destar naquella cidade.

CAPITULO LXXIV

como Antonio correa desbaratou Hagamahamed, dom Luiz de meneses chegou a Chaul.

Dous dias depois da partida de Dioguo lopez de sequeira veo Hagamahamed surgir sobela barra de Chaul, com as fustas que lhe fiam depois dos recontros que ouve com a nossa te, e outra que lhe depois Melequiaz mandou, que am per todas trinta, e seis, e foi lançar ancora sabado entre os nossos baluartes, em lugar que nenhum delles lhe podião fazer nojo, e logo a seda feira as dez horas do dia vendo que Antonio rea o nam vinha cometer abalou com toda sua

armada a remo, e se foi por a tiro de bombarda da nossa. Antonio correa não estava em tempo que podesse lançar polvora a longe, por ter muito pouca e por isso dissimulava guardandoa pera o tempo de mais necessidade, pelo que posto que Hagamahamed o servisse bem de bombardadas, e elle lhe respondia com poucas, o qual Hagamahamed per conselho, e aviso que tinha de hum xeque de Chaul, per nome Mahamed, muito imigo dos Portugueses, mandou outro xeque per nome Chil com quinze fustas sobelo nosso baluarte da barra, onde estava o facho, com bom quinham da melhor gente que consigo trazia, dos quaes pojaram em terra duzentos em huma calheta onde lhe a artelharia nam podia empecer, e guiados per hum criado do xeque Mahamed, que a isso mandara, encavalgaram o outeiro, onde o facho estava e decendo dalli contra o baluarte, em que nam avia mais de trinta soldados Portugueses, começaram de cometer com muito esforço, e da outra parte as quinze fustas, de que esta gente saira, nam faziam senam tirar bombardadas contra o baluarte, de que huma deu pelas pernas a Pero vaz furman, que era o Capitam de que logo cahio de sobelo muro, em que andava defendendo a entrada aos imigos, das quaes bombardadas mataram Symam ferreira, e o Condestabre do baluarte, com outros bombardeiros, este jogo se via da nossa frota, pelo que Antonio correa receando que tomassem os imigos o baluarte, posto que tevesse assaz que fazer com as fustas de Hagamahamed, com quem estava as bombardadas, mandou logo Rui vaz pereira com setenta homens em dous bateis que fossem socorrer ao baluarte, os quaes depois que desembarcaram se ouveram com os imigos, de maneira, que os fezeram fogir perá praia,

hi perás fustas, no qual alcance mataram mais de nta delles. Hagamahamed vendo o que passava no luarte se alargou, e foi lançar donde viera com uitos mortos, e feridos da nossa artelharia, o que ndo Antonio correa depois de ter corrido a frota, ra saber os que eram mortos, e feridos, se foi ao luarte, onde achou mortos, os que dixe, e os ou-os todos feridos de bombardas, e frechadas, que overam tantas sobrelles, que Pero de queiros ti-a na sua adarga pregadas vinte sete frechas, e Ema-el da cunha vinte cinco, e hos outros pelo seguinte, redor do baluarte acharam trinta dos imigos mor-s, que os nossos mataram defendendolhe a entrada, que os mais tinham vestidas cabaias de seda, e amalote, assi que os que aqui delles morreram, e praia foram mais de sesenta em que entraram xe-e chil, e hum capitam Abexi muito valente ho-em, aos quaes todos Antonio correa mandou cor-r as cabeças, e has mandou em presente ao xeque ahamed, entre as quaes hia ha do seu criado per e mandara guiar os imigos ao baluarte, de que si elle, como todolos que favoreciam a parte de elequiaz, ficaram mui assombrados, e pera que Ha-mahamed levasse sua parte deste contentamento andou enforcar na praia hos corpos de todos es-s. Acabada esta peleja fez Antonio correa fortale-r o baluarte, de que deu a capitania a Alvaro de ito, no que andando occupado chegou dom Luis meneses, a quem logo entregou a armada, e se i pera Cochim em huma nao, e com elle dom Geor-de meneses, por lhe dom Luis tirar a Capitania sua gale, sendo seu parente, pola dar a dom Vas-o de lima. Depois de dom Luis ser em Chaul de-jando Meliquiaz alcançar paz de dom Duarte, lha

mandou pedir per seus mesageiros, desculpandosse que a causa desta guerra fora Dioguo lopez de sequeira, e mao conselho que nisso tivera, e a Haga mahamed mandou que se recolhesse com todala fustas pera Diu como fez.

CAPITULO LXXV

o que aconteceo a George dalbuquerque e a Antonio de brito, na ilha de Bintam.

DEPOIS de George Dalbuquerque ser em Malaca, vendo a boa companhia que alli avia entam de Portugueses, aconselhado per alns daquelles que residiam na terra, e assim dos turaes della nossos amigos, determinou de ir soe el Rei de Bintam que desno tempo que Antonio rrea o desbaratou no logar de Pado, se recolhera uella ilha, a qual he baixa de grosso arvoredo, pesso, de muitos regatos, e lamarões, em que el i tinha huma villa muito forte, provida de artearia, com outras muniçoens de guerra, onde esta-

va a mor parte do tempo, assentado isto, posto em ordem o que era necessario, se fez a vela no mez Doctubro, deste anno de M. D. xxi. levando em sua companhia alguns soldados Malaios, e seiscentos Portugueses, com os da capitania de Antonio de brito, os quaes eram Garcia de Sa, dom Rodrigo da sylva, dom Sancho, dom Garcia Anrriquez, Hyeronimo dalbuquerque, filho do mesmo George dalbuquerque, dom Afonso de meneses, dom Estevam de Castro, Emanuel pacheco, Ioam fogaça, Anrrique de figueredo, George botelho, Anrrique leme, Duarte Coelho, Emanuel de berredo, e outros muitos homens nobres, afora os da companhia de Antonio de brito, toda esta gente hia em navios da terra, e nossos, com os quaes chegaram a ilha de Bintam, mas posto que a companhia fosse tal, elles nam poderam entrar a fortaleza, por George dalbuquerque ir sem escadas, por lhe dizerem em Malaca que nam avia dellas necessidades polas essacadas, e valos per onde aviam de passar serem muito baixos, o que tudo achou ao contrario, finalmente Laqueximena almirante del Rei de bintam, lhe defendeo tambem hum baluarte, per onde commeteram a villa, que as bombardadas, e frechadas, matando, e ferindo muitos delles, hos fez tornar pera tras, dos mortos foi hum George de mello dos da companhia de Maluco, pelo que deu Antonio de brito o seu navio a Antonio de Mello seu irmam, entre os feridos (que foram muitos) cahio a sorte a Garcia de Sa, e a dom Estevam de Castro, de maneira que foram constrangidos de se recolherem a frota e dar a vela o mais depressa que poderam, porque Laqueximena sahio logo tras elles com vinte lancharas bem esquipadas, e os seguio ate lhes entrar nas costas, no porto de Malaca, onde matou Gil

nões capitão de hum bargantim, com todolos que
n elle hiam, e quanto a Antonio de brito elle to-
u logo (da mesma ilha de Bintam depois do des-
ato) o caminho das ilhas da Iaoa com os seis na-
s de que era Capitam, o qual seguindo sua viagem
ter ao porto da cidade de Agacim como amigo,
a dita cidade estar de paz com os Portugueses
no tempo que Afonso dalbuquerque ganhara Ma-
a, e tendo Antonio de brito tomados alguns
ntimentos na Cidade de Agacim, por lhe faltar
oa, e na ilha madura aver muito boa, que he pe-
do com a Iaoa mandou o mestre da sua nao que
se la fazer augoada com o batel, sobre os quaes
dando enchendo as pipas deram os da terra de
oito, e lhe tomaram o batel, e as pipas, e os ca-
varam, ao que Antonio de brito la mandou alguns
pitães da sua frota, encomendandolhes que se in-
massem bem do que passava verdade deste ne-
cio, e por a culpa pender a parte dos nossos nun-
hos da terra quizeram dar o batel, nem os Por-
gueses que tinham captivos senam por resgate pela
al razão Antonio de brito foi constrangido a lhes
r per concerto cousas de que se tiveram por con-
ntes, e por lhe o tempo entam nem servir pera
oseguir em sua viagem perás ilhas de banda este-
naquelle porto dagacim ate ho mes de Janeiro do
no de M. D. xxii. donde por achar tempos con-
iros, e tomar outros portos não chegou as ilhas de
aluco senam no fim do mes Dabril deste mesmo
no de M. D. xxii. no qual el Rei dom Ioam ter-
iro ja regnava, em cuja chronica, como em seu
oprio lugar se deve de escrever o que nas ditas
nas fez o tempo que ahi esteve.

CAPITULO LXXVI

De como dom Ioam coutinho correo o campo Dalcace quebir, e Aleexerife pela qual causa Side hame laros alcaide da mesma villa correo Arzilla, e d que se nisso passou.

Dom Ioam Coutinho tinha dado conta a Per de menezes Almocadem, que desejava d correr ate o Campo Dalcacer quibir pera s encontrar com o Alcaide Side hamet laroz, que lh rogava que tevesse sobrisso vigia, e trabalhasse po tomar alguns mouros pera delles saber se estava terra segura, o que Pero de menezes fez, e sabend que estava tudo do modo que ho elle desejava parti Darzilla com duzentos de cavallo, e foi cear a font Dalmenara, donde guiado per Pero de menezes,

lvaro roiz dentudo almocadens foram repousar á beira de Taliconte, e dahi foram a ribeira grande a ponte, da qual foram amanhecer alem de Tintaes uma legoa a traves Dalcacer, donde trouxeram cinoenta almas, e mais de duas mil cabeças de gado acum, que do meudo nam curaram porque era innito, e o caminho longo, ao que o Alcaide de Alacer acodio com mais de trezentos de cavallo, e duentos de pe seguindo os nossos de tam perto ue se tiravam lanças darremesso, mas com quanto ez, dom Ioam se veo recolhendo ate o porto Dalarrafa onde passada a ribeira deram folga aos caallos a vista do Alcaide, e de sua gente sem ousaem de passar a ribeira, o que feito dom Ioam enomendou ao Adail Fernam mascarenhas a retaguara com cincoenta de cavallo, e aos Atalaias mandou ue ficassem detras por ser isto ja a boca da noite, era terem vigia se os mouros o viessem cometer, na ual ordem com deixar mortos mais de sesenta mouos, e trazer cincoenta almas, e duas mil cabeças de ado vacum caminhou toda a noite ate chegar Arla ja sol saido, onde foi recebido do Ecclesiastico, secular com cruzes, e trombetas, e levado a Egre onde todos deram graças a Deos por huma tal vitoria, sem perda de gente, e tam proveitosa pera quelle tempo, pela grande fome que neste nno de M. D. xxi. ouve assi naquellas partes Dafrica, como em Hispanha, que foi tamanha, ue muitos mouros de pazes dos de çafim, e Azanor mandaram pedir passagem a el Rei dom Emanuel pera se virem a este regno fazer Christãos, ganharem suas vidas, o que por entam nam podiam azer em suas terras pela grande esterelidade que ellas avia, dos quaes passaram tantos, que era chea

delles a cidade de Lisboa, e lugares vezinhos, de que os mais morreram de pobreza, e fome por no regno aver grande carestia de mantimentos. Mas tornando ao fio do nosso capitulo o Alcaide Dalcacer Side hamet loroz movido da afronta que recebera de os Christãos chegarem a huma legoa daquella villa, e diante dos olhos de matarem, e captivarem tantas almas, e levarem tanta soma de godo, determinou de correr Arzilla pera ho que dos seus, e dos vezinhos ajuntou quatro centos de cavallo, com os quaes, passada a ponte, se veo meter no Soveral dalvalate, e por elle veo amanhecer a duas legoas Darzilla, dia de todolos Sanctos, e sem ser sentido, por o dia ser chuvioso, deu sobre alguns homens de serviço que estavam fazendo lenha as pontinhas, os quaes em os vendo se recolheram nas bestas que tinham de carga dando gritos, e apupos com que os que andavam espalhados pela varzea se poseram a cavallo recolhendosse pera a villa, hos mouros que vinham diante seguiram estes que andavam a lenha ate atalaia Ruiva aos quaes acodiram alguns daquelles de cavallo que andavam pacendo na varzea, que os salvaram, porque sem isso os mouros lhe vinham tam perto que lhes nam poderam escapar. A este rebate, e ao repique que se logo deu na villa, saio dom Ioam Coutinho, mandando logo recolher o gado que andava pacendo nas lombas do corvo, o que os mouros vendo voltaram perás pontinhas onde o Aicaide ficara mas os de cavallo que primeiro deram nelles com outros que sairam ao repique, tomaram o caminho direito pera onde os mouros estavam, entresse achou Alvaro nunez, filho de Miguel nunez, thesoureiro do thesouro del Rei dom Emanuel, que estava em Arzilla vencendo huma encommenda, bem acompanhado as

m de homens de cavallo, como de pe, ao qual al-
ıns dos da companhia (vendo que o Adail Fernam
ascarenhas estava já na atalaia ruiva com vinte de
vallo) dixeram senhor oje he o vosso dia nam vos
me ninguem a honrra dai nestes mouros que nos
os seguiremos, o que ouvindo (sem ter conta com
e Fernam mascarenhas mandar requerer per hum
cavalo que esperasse a mais gente que saira ao
pique) remeteo aos mouros, seguindoo alguns dos
ıe por o lejongear lhe deram o tal conselho, o que
ndo Fernam mascarenhas deu aviso a dom Ioam
dindo-lhe que se apresasse, mas elle nam pode che-
r a tempo que podesse estorvar a morte a Alvaro
ınez, e a outros que com elle acabaram, porque elle
mo animoso, parecendo-lhe que era denveja o re-
do que lhe mandara Fernam mascarenhas, deu des-
oras ao cavallo com vintecinco que o seguiram, e
rio tam bravamente nos mouros que fez recuar os
ıe estavam na dianteira, o que vendo o Alcaide Si-
hamet laroz mandou alguns dos seus cavaleiros
ıe voltassem sobre Alvaro nunez, o que fezeram
atando do primeiro encontro Joam de sousa, e Sy-
ão da Rochela, e Alvaro Nunez, tendo posta a lan-
em hum primo do Alcaide encontrou Side ablu-
ıet irmão do mesmo alcaide com tanta força que o
erribou do cavallo, a que acodindo outros mouros
e deram mais de cincoenta lançadas nos braços, e
xas, que o mais do corpo lhe defendiam as boas
mas que trazia, e o acabaram logo de matar senam
adara o Alcaide que ho não matassem que era
om Emanuel cunhado de dom Ioão, a quem estando
este perigo acodio Sancho rabelo, cuidando de lhe
oder valer, mas os mouros eram tantos ao redor
elle que fez assaz em se salvar com tres boas lança-

das allem das que lhe deram no cavallo, os quaes seguindo a victoria chegaram ate junto das pontinhas, onde mataram Ioam carrasco, e Diogo vaz atalaia, e outro morador Darzilla, ao que acodindo o Adail chegou ha Alvaro nunez, que ainda achou vivo, e armado de todas suas armas, onde os mouros lhe feriram alguns, entre os quaes foi seu filho Simam soeiro pior que todos, por ser o primeiro que a elles chegara, mas com tudo o Adail deu nelles com tanto impitu que os fez recolher, sem poderem tomar as armas dos cinco que ja ficavão mortos. Dom Ioam sabendo o que passava se apressou quanto pode ate chegar as pontinhas, onde achou os mortos, e Alvaro nunez ainda vivo, o qual encomendou a Fernam caldeira contador Darzilla, pera que o levasse a villa, mas pelo muito sungue que lhe saia, sem lho poderam estancar espirou em chegando ao facho, dom Ioam consolou o melhor que pode Alvaro nunez dizendolhe que pela muita amizade que tinha com seu pai Miguel nunez avia de aventurar aquelle dia ho resto por o vingar de quem ho tam mal ferira, e que elle com ajuda de Deos teria logo disso novas, e que sperava que lhe daria vida, e saude pera elle em pessoa tomar a segunda vingança, o que dito passou adiante mandando recado ao Adail Fernam mascarenhas, que hia apegado com os mouros que fosse devagar ate elle la ser, ho qual em chegando fez passar o Adail adiante, com quarenta de cavalo dos que com elle ja estavão, e seguio nas suas costas, hos quaes do primeiro encontro mataram quatro mouros, e captivaram hum de que souberam que estava alli o Alcaide, no alcance do qual foi dom Ioam ate o paço de Fernão de xira, cinco legoas Darzilla, e uma da ponte Dalcacer, onde o Alcaide se deteve, com proposito

encontrar dom Ioão mas vendo que a gente que
ha afio tras elle se ajuntava, e que fazia rosto
a o ir commeter, como homem que hia ja meio
baratado o nam quis esperar, tomando seu ca-
nho para a ponte, o que vendo dom Ioam por ja
sol posto, e o Alcaide ir çarrado com sua gente,
o elle na dianteira, e seu irmão na re aguarda
se lhe nam desmandar ho nam quis commeter,
tentandosse com levar captivos cinco cavalleiros
uros dos mais honrrados da companhia, e ter mor-
dezoito, e assi se veo muito devagar recolhendo o
pojo que os mouros deixaram no campo de lan-
, adargas, marlotas e outras cousas que alargaram
fogirem mais a sua vontade com o qual, e com
a sua gente, sem perder mais que os cinco que
rreram com Alvaro Nunez chegou Arzilla dia
finados em amanhecendo, e a primeira cousa que
depois de ir dar graças a Deos a egreja foi mandar
errar com muita solemnidade seu corpo, o que
com assaz de tristeza, porque era mancebo liberal,
ito esforçado, em que avia grande esperança de
r muito bom cavalleiro se vivera, e acabara seus
s em idade perfeita.

CAPITULO LXXVII

De como dom Henrique de menezes capitam da cid de de Tanger vindo o alcaide de Tetuam correr terra lhe saio, e do que se nisso passou.

DOM Henrique de meneses filho segundo de do Ioam de menezes Conde de Tarouqua, Pri do Crato, e mordomo mor del Rei dom Em nuel, por nisso comprazer a seu pai se deu aos est dos das artes liberaes, Canones, e Leis, mas como inclinaçam natural o convidasse mais a Corte, e exe cicio da guerra, que ao das letras, resoluto de nis imitar seus antepassados, depois de ter feito curso d seus estudos, e ser nelles bem instruido, os deixou, andou no paço em trajo secular, como seus irmã dom Duarte mais velho, e dom Luis filho terceiro, e

panhia dos quaes, e da outra nobreza do regno
lio muitas vezes aos rebates Dafrica, dando sem-
mostras de mui bom, e esforçado cavaleiro, e
chou na tomada Dazamor como tenho dito, onde
o primeiro que debaixo da manta que elle, e seu
ão dom Luis poseram ao muro o começou de pi-
aos quaes serviços avendo el Rei respeito, e a
conta que tinha dado de sim, o encarregou da
itania da cidade de Tanger quando despachou seu
am dom Duarte perá India com o officio de Go-
nador, onde fez algumas entradas pelo Farrobo
que captivou, e matou muitos dos habitadores
uella serra, e andava nisso tam aceso que em
o queria commeter antes que o commetessem,
que sabendo dos escuitas que trazia entre os
iros que o Alcaide de Tetuam tinha determinado
he correr em hum dia certo, no mesmo saio ao
po a recebelo com a mor parte da gente que ti-
em Tanger, posto que fosse muito desigual em
nero a com que avia de vir o Alcaide, onde o
ve esperando tres dias, e parecendolhe que ja
viria pois o ate então nam fezera, ao quarto se
pera a cidade, e sendo junto dos muros man-
a gente que se recolhesse, ficando elle com al-
s poucos de cavallo praticando sobelas causas
poderiam mover o Alcaide a nam sair ao campo
o tinha determinado, mas estando nesta pratica
idos dos cavalos, em tam pequeno espaço de
po que os que foram pera a Cidade nam tinham
a feito que chegar a suas casas, e dessellar os ca-
os, o sino, e bombardas deram sinal de mouros que
omavam que era o mesmo Alcaide, alli esteve dom
rrique esperando a gente que saia da Cidade ao
ique da qual tomou a que boamente podia levar,

e foi dar no alcaide ao passar de hum porto con tanto impeto que lhe fez virar o rosto, e o seguio ate noite com lhe matar muitos dos seus cavalleiros e captivar alguns com que se tornou pera tanger mui alegre pola victoria que lhe Deos dera de hum pessoa tam notavel como o era aquelle Alcaide de Tetuam.

CAPITULO LXXVIII.

De como Vasco fernandez cesar andando no estreito encontrou com quatro naos Inglesas que tinham tomado huma caravela Portuguesa, que trazia a Capitaina atoada per popa, a qual desbaratou, e se rendeo com as outras, e de como el Rei mandou Simam da cunha por capitam de huma armada aho estreito de Gibaltar.

ANDANDO Vasco fernandes cesar ainda no estreito ocupado no provimento dos lugares Dafrica como atras fica dito, indo neste anno M. D. xxi. na via de Septa chegou a elle huma gaota de gibaltar a que chamavam a charina por seu ono se chamar assim, nomeada per toda aquella osta por ser muito ligeira, e andar muito bem esuipada, e artilhada, e lhe deu nova como detras do

monte vinham quatro naos que pareciam Francesas, que o dia dantes a sua vista tomaram huma caravela Portuguesa, que a capitaina trazia com hum cabo dado por popa, sabidas estas novas Vasco fernandez Cesar as foi demandar e ouve vista dellas detras do monte de Gibaltar, como lhe os da galeota, charina, dixerão, o qual assi como as vio pos a proa na capitaina que lhe ficava a balravento afastada per hum bom espaço das outras, que eram todas Inglesas mui bem esquipadas, e artilhadas dartelharia de bronço, chegando Vasco fernandez Cesar a falla da capitaina fez perguntar donde era, ao que lhe responderam com uma bandeira que lançaram pela quadra capeandolhe que amainasse, o que vendo mandou a hum Pero majorgas homem mui esforçado que trazia ao leme que se posesse ao longo da escoteira da nao, que era o lugar per onde menos artelharia trazia, no qual instante começarão da nao ao esbombardear, fazendolhe sinaes que amainasse, o que vendo os da caravela que vinha atoada a nao cortaram o cabo, e se acolheram, sem os Ingleses nisso atentarem, por os Vasco fernandez cesar da sua caravella servir com a artelharia de maneira que lhes dava assaz em que entender, no que se passarão mais de duas oras, sem as outras tres naos poderem acodir a capitaina por lhe estarem muito a julavento. com tudo os desta tinhão ja mortos a Vasco fernandez seis, ou sete homens, e feridos mais de vinte das rachas que ha artelharia dos Ingleses fazia das pavesaduras da caravela, entre os quaes hum dos que o mais andava era hum Alemão per nome Hansfreis condestabre da caravela, homem muito grande de corpo, e mui esforçado, e de grandes espiritos, o qual andava em calças, e em camisa sem outras armas, com os braços arregaçados

m ja ter quinze, ou dezaseis feridas destas rachas, s quaes se desangrava tanto que lhe rogou Vasco rnandez cesar que se fosse debaixo de cuberta a ertar as feridas, e que se tornasse para cima aju- lo, porque fazia muito fundamento delle, o que lhe inca pode persuadir que fezesse, mas antes lhe res- ndeo que ou o aviam alli de matar, ou avia de fa- r amainar aquella nao, e as outras se chegassem, o e dito se foi com muita furia ao perpao, tomando rabo de hum falcam pedreiro ao ombro, com que ontou nas ostagas dizendo ao outro bombardeiro lemam seu companheiro que como lhe fezesse sinal sesse fogo o que assi fez em tam boa ora por tres zes que levou as ostagas da nao, e parte do masto, que vendo os Ingleses amainarão todalas velas, os estes tiros do falcam, fez outros hum bombar- iro Alemam que todos os da caravela o eram, com ma esphera que traziam pela proa com que passou da a nao em comprido de popa a proa, levandolhe m pedaço da abita, com estes dous tiros, e com ais de vinte homens que os da caravela mataram s Ingleses, e serem ja delles muitos feridos acaba- o damainar, o que vendo as outras tres naos cala- m tambem as velas, feito assi o fim desta brava pe- ja Vasco fernandez cesar mandou aos da capitaina e botassem o batel fora, e lhe viessem falar, o que go fezeram, e depois de saber quem eram, e darem as razões, e desculpas, dizendo que traziam atoada a ravella pola salvarem de muitas fustas de mouros e andavam pelo estreito, os deixou tornar perá nao, quaes se forão refazer a Calez, e elle a Septa com da a gente que dixe morta, e ferida sobre a dema- ada preminencia de quem primeiro amainaria. Neste esmo tempo em que aconteceo este caso a Vasco

fernandez cesar, partio do regno Simam da Cunha filho de Tristam da cunha, com huma armada de que lhe el Rei dom Emanuel deu a capitania pera ir guardar o estreito, e levar a paga aos moradores dos lugares que tinha naquellas partes Dafrica, como o acostumava fazer todolos annos, o qual andou correndo ha costa ate a entrada do inverno em que se tornou deixando aquelle mar seguro, e despejado das fustas dos mouros de Tetuam, e outros portos daquella provincia.

CAPITULO LXXIX

e como el Rei Dormuz per conselho de seu sogro, e de Raix xarafo quebrantou as pazes e amizades que tinha assentadas com Afonso Dalbuquerque, e mandou dar de noite nos Christãos que estavam na cidade, de que mataram alguns.

RAIX xarafo com a victoria que Antonio Correa ouve na Cidade de Baharem contra ho Tyranno Mocrim, com que aquella ilha ficava cifica a el Rei de Ormuz, concebeo novos espiritos ntra hos portugueses, de maneira que se dantes tia bom desejo de os lançar de Ormuz, ho teve meor depois, pelo que nam deixava de instigar el Rei rsuadindolhe que mandasse matar todolos que pouvam fora da fortaleza, e os que estavam dentro cer-

casse, e a combatesse ate a tomar, no que el Rei mais por importunaçam que por vontade consentio, porque elle era amigo dos portugueses, e nam lhe esqueciam os conselhos que lhe seu pai dava vivendo, dizendo-lhe que se lembrasse sempre como Afonso dalbuquerque lhe entregara aquella cidade, em nome del Rei dom Emanuel, e o restituira nella, e em todo o seu regno, e que nessa honrra, e posse o manteriam sempre hos Portugueses os quaes devia damar, e estimar muito, porque em quanto o fezesse se avia dachar bem, e fasendo o contrario soubesse de certo que havia de perder o regno, e a vida, mas com quanto via, e conhecia o perigo, em que se punha, nam ousou de ir contra o que Raix xarafo quis. Finalmente que induzido el Rei muitos dias antes per seu sogro e entam pelo mesmo Raix xarafo consentio na conjuraçam, o que assentado deram huma terça feira derradeiro dia do mez de Novembro destanno de Mil quinhentos vinte e hum denoite em alguns navios nossos que estavam no porto, e nas casas em que os Portugueses moravam pela Cidade, e nalfandega, e no espital, e madraçal em que se defenderam alguns que se alli acolheram, porque as outras casas em que moravam assi Portugueses, quomo Christãos da terra foram entradas, e roubadas, e mortos todolos que nellas acharam, de maneira que naquella noite mataram dos Portugueses mais de sesenta entre os quais foi o ouvidor que morreo afogado do fumo do madraçal, a que os mouros poseram fogo, e assi ao spital: esta conjuraçam foi revellada a Emanuel velho, per hum mouro seu amigo de que deu conta ao Capitam da fortaleza, dom Garcia coutinho, mas assi hum como o outro se descuidarão tanto do negocio, sendo de tanta importancia, que

m tam somente nam proverão nisso, mas nem nas usas necessarias pera defenderem a fortaleza, se a viessem cercar, porque nella não avia manti-entos, nem agoa que lhe podesse abastar quinze as, e os baluartes estavam de calidade que se não deram despejar em tres dias pera se assentar a ar-haria, assi que durando esta revolta per toda ha ite, em amanhecendo mandou dom Garcia, Ema-el velho que com outros portugueses se acolhera a rtaleza, e com elle outra mais gente, em que en-avam Rui varella, Emanuel do valle, Diogo vaz, no de castro, Diogo foriam, Vicente dias, e Gon-lo vieira, ha salvar hos que ainda fossem vivos na lade, os quaes em chegando ao madraçal acharam m bom quinhão de mouros que fezeram fogir, e varão alguns dos nossos, e Christãos da terra, mas m tardou muito que nam viesse huma gram com-nhia dos mesmos mouros tomarlhes o caminho per e aviam de tornar pera ha fortaleza, com quem veram huma brava peleja, em que mataram muitos lles, e hos nossos que seriam ate quarenta foram dos feridos, e assi se recolherão, no qual dia des-chou dom Garcia Coutinho Ioam de meira com cado ao Governador do que passava, e se começou er prestes pera ho cerco que esperava, e por nam ver madeira pera hos repairos mandou desfazer ma nao, que alli tinha Emanuel velho carregada de maras pera mandar a India, sobela descarga da al, e allar pera junto da fortaleza, mataram os uros alguns Portugueses, de que hum foi Vasco eira, que era hum muito esforçado cavalleiro.

CAPITULO LXXXI

De como os Venezeanos mandaram cinco galeaças a cidade de Lisboa e da commissam que o capitam dellas trazia.

DEPOIS de os Venezeanos terem perdida a esperança de as specerias virem da India a Baluto e Alexandria emtanta cantidade, como dantes vinham, tentaram muitas vezes de fazer contractos com el Rei dom Emanuel pera per preço certo lhe tomarem todalas que della viessem, e vendo que as cousas da India se azavam pera cada vez terem menos esperança de as poderem aver como sohiam, deram comissam a hum geral, de cinco galeaças (que mandaram neste anno a Inglaterra) per

o que tinha começado, o que nam fez o xeque de
iate, que na ora que recebeo outras taes cartas,
a espada todolos Portugueses que achou naquelle
r. Estando assi Tristam vas, e Emanuel de sousa
res em Mascate per irem socorrer a Ormuz, che-
lam de meira, que hia pedir socorro a India, de
m souberam o que passava, e por alguns desgos-
que Tristam vas teve com Emanuel de sousa, se
no seu parao caminho de Ormuz, e passou per
de toda a frota dos imigos, com tanto perigo
manifestamente se vio ter Deos feito naquelle
hum grande milagre, por elle, e polos que com
hiam, no qual passo pelejou com os imigos de
eira que no que entam fes se pode crer que so-
bojou as forças de criatura humana, com o qual
rço (por debaixo de muitas bombardadas, espin-
ladas, frechadas que lhe tiravam de mais de cin-
ta navios, per onde rompeo) pos a proa em terra,
ntrou na fortaleza, apos Tristam vas da veiga
gou Emanuel de sousa a ilha de Queixome, que
a vista de Ormuz e porque dom Garcia soube de
tam vas, que a frota nam vinha bem provida de
e, lhe pedio que no parao em que viera se fosse
Emanuel de sousa ; o que elle fes de muito boa
tade, posto que andasse ferido, e desgostoso do
mo Emanuel de sousa, mas nem com tudo isto
ceou de pelo mesmo modo, e perigo com que en-
a na fortaleea, ir buscar a frota, que ainda achou
a na ilha de Queixome donde se vieram todos
a jusante, pelejando com os imigos, ate chega-
a porta da fortaleza, com lhes ferirem oitenta
ens, e matarem hum, dos quaes os nossos tambem
aram alguns, e feriram muitos, com lhe meterem
terradas no fundo, do que ficarão tam amedron-

tados, que nam ousaram mais de cometer ha arma
allem do que Emanuel de sousa os varejava de long
com a artelharia grossa de maneira que nam ous
ram de chegar pelo que vendo Raix xarafo o po
quo nojo que podia fazer aos nossos per mar dete
minou de cometer a fortaleza per terra, pera o q
per conselho de hum turco, per nome Mira aidel, h
mem pratico na guerra, mandou fazer huma estanc
nas casas del Rei, e outra no nosso spital, que fic
va entre a nossa fortaleza, e as mesmas casas, e po
que da estancia do spital fazião os mouros mui
damno com a artelharia na fortaleza, mandou do
Garcia huma manhã sobrella, Emanuel velho, e R
varella, com quarenta homens os quaes a entrarã
derubando hum lanço de parede com vaivens, m
não foi com tanta nossa avantagem que nam morre
sem deus, e fossem feridos quasi todos, dos mo
ros mataram os nossos muitos com panellas de po
vora que lançaram dentro, entre tanto que arromb
vam a parede per onde entraram, e ganharão a esta
cia, o que feito mandou dom Garcia recolher na fo
taleza toda a artelharia que nella estava, ho que ve
do Raix xarafo fes logo assentar huma bombar
grossa ao sopè dos paços del Rei, com a qu
quebrou as portas da fortaleza, aho que dom Garc
acodio com mandar fazer hum entulho de ter
pela banda de dentro, alem do que mandou asse
tar outro tiro grosso em hum cubello da Egre
que esta de fora da porta da fortaleza, o qual enc
mendou ao Condestabre Antonio fernandez home
tam entendido em seu officio que do primeiro tir
embocou a bombarda dos imigos, e a fez em pedaço
do que ficarão mui cortados, com tudo não deix
vam deper todalas partes dar bateria a fortaleza co

: faziam muito dano, mas o que mais sentiam os
sos era nam aver aguoa, nem mantimentos, do
constrangidos alguns dos da gente baixa sobiram
a Raix xarafo, dos quaes soube ho que passava,
que confiado, e de ter na cidade mais de dez mil
lados, per conselho de Mira aidel, determinou des-
ar a fortalleza, pera o que mandou loguo fazer
tas escadas, do que dom Garcia foi avisado per
n mouro que se lançou dentro, contra o que man-
que se posessem sobelas ameas panellas de pol
a, e traves, a que mandou atar penedos pera lan-
em sobelos imigos se a viessem commeter, o que
s fezeram sem nenhum receo querendo chegar
s escadas ao muro, como homens que determina-
n levar avante o qee tinham começado, mas da
aleza os serviram tambem com as bombardas,
alem dos muitos que delles mataram, e feriram
virem todos em corpo, lhes quebrarão as mais
escadas, do que atemorizados se fezeram atras,
o que desesperado Raix xarafo de poder tomar a
aleza per assalto, determinou de o fazer com a
eria mandandoha dar per todalas partes excepto
n do mar, porque daquella banda lho defendeo a
sa armada alem do que mandava tirar com hum
ouco dos paços del Rei que fezera muito damno
o bombardeiro soubera tirar bem com elle, e man-
começar uma parede com tençam de a trazer a
ta altura que de cima podessem lançar tiros den-
na fortaleza, contra a qual mandou dom Garcia
r com duas espheras, tantas vezes, ate que feze-
nella huma abertura dalto abaixo de hum palmo
argo, e alguns outros buracos, juntamente com
mandou poer muitos capacetes com seus barbo-
em paos per detras das ameas, e tocar muitas ve-

zes as trombetas, e fazer folias pelo muro ; pera que cuidassem os imigos que lhe era vindo soccorro, e logo na noite seguinte mandou Emanuel velho, e Ruvarella com jarras e panellas da polvora, pera as meterem pelos buracos, e gretas da parede, o que assi fezeram deixando hum canal de polvora que seguia da parede ate a fortaleza, os quaes recolhidos, se lhe pos o fogo, que apegou nas estancias que alli tinham os imigos e della deu nas casas del Rei, e pela cidade de maneira que pelo vento ser grande, o nam poderam os mouros vencer, do que desesperados el Rei, e Raixxarafo, com todolos mais que nella avia se foram a ilha de Queixome, desenganados de poderem executar a treiçam que cometeram. Despejada a cidade os nossos sahiram a roubar o que nella avia, e apagar o fogo, o que posto que de todo nam podessem fazer foram com tudo causa que nam fezesse mais damno do que ja tinha feito, e recolheram na fortaleza muitos mantimentos, e aguoa de que tinham bem necessidade. El Rei Dormuz depois de ser na ilha de Queixome arrependido do que fezera se começou de carteear com dom Garcia coutinho, sem ho saber Raixxarafo, desculpandosse do passado pedindo-lhe que buscasse modo pera se reformarem as pazes, no qual tempo chegou da India dom Gonçalo Coutinho irmam de dom Garcia, que dom Luis per mandado de dom Duarte seu irmão despachara de Chaul, em soccorro Dormuz, com cuja vinda posto que el Rei nam se viesse perá cidade, nem se fezessem por então as pazes, se começaram de comunicar os mouros com os nossos, e se vierão muitos parella, mas Raix xarafo nam contente do que fezera, determinou de matar el Rei, porque se carteava com dom Garcia, o que fez per meo de Raix xamir homem principal, que

ogou em sua casa, o qual morto fez Raix xarafo, ei Dormuz Patxa mahametxa filha do çafardim, que gnava em Ormuz ha primeira vez que la foi Afon- dalbuquerque, e assim ficou Raix xarafo alguns as no governo do regno, com mais licença e liber- de do que o dantes fazia.

CAPITULO LXXX

De como Raix xarafo mandou combater a fortaleza, e do que se mais passou neste negocio ate morte del Rei Dormuz.

No tempo que el Rei Dormuz tentou este negocio era Capitam na costa da Persia, e Arabia Emanuel de sousa Tavares, o qual com tempestade se acolhera entam a Mascate, no qual emseio veo ter com elle (de Calaiate em hum parao) Tristam vas da veiga com obra de trinta Portugueses, onde pelo xeque da cidade souberam do alevantamento Dormuz, e de como el Rei lhe escrevera que matasse todolos Portugueses que alli estiveslsemo, que elle nam quis fazer, porque como homem veho, e p rudente sabia que el Rei nam poderia levar avan-

me Alexandre de pesaro, que nam passassem sem
trar no porto de Lisboa, pera de sua parte visitar
Rei, e tractar com elle como embaixador algumas
usas que trazia per lembrança: das quaes ha mais
stancial era sobre este contrato das especiarias. Es-
embaixador recebeo el Rei no baluarte que entam
ave no cabo das varandas dos paços da ribeira
e hiam dar no mar, e pera se isso fazer com mor
arato, quis el Rei que fosse presente a Rainha
nna Leanor sua molher, e a Infante donna Isabel
filha, que depois foi Emperatriz, e o Principe com
Infantes, dom Luis, dom Fernando, dom Afonso
rdeal, dom Henrique que agora he Cardeal, e dom
arte com todalas damas, que andavam no paço e
hores que se acharam na corte. Este geral das ga-
ças sobio pelo caracol do baluarte acompanhado
s outros capitães, e alguns gentis homens da se-
oria mui bem atabiados de panos douro e seda, e
i bem dispostos de suas pessoas, ao qual em che-
ndo ao meo da casa el Rei com a Rainha se ale-
ntarão, e el Rei o veo hum pouco afastado donde
ava a Rainha, e o levou ao mesmo lugar, onde
mandou poer huma cadeira dembaixador e este-
falando com elle hum bom pedaço, com muita gra-
e boa sombra, o que feito ho despedio, mandan-
acompanhar pela varanda de cima pelos mesmos
hores que o foram buscar á galeaça, até decerem
salla grande, e dahi pela varanda debaixo o leva-
ao caes dos paços, onde sembarcou no batel da
eaça, e se despedio delles com muita cortezia,
i a alguns dias o ouvio el Rei particularmente,
posto que elle alegasse muitas razões, pera se
r o contracto das especiarias cerrado el Rei nam
consentir nisso, concedendo-lhe com tudo toda-

las mais cousas que trazia em seus apontamentos de que a principal era a confirmação dos privilegios dentre estes regnos, e a senhoria de Veneza, mas posto que o embaixador nam fosse muito contente por nam acabar o ponto principal a que vinha, mostrando ir satisfeito da muita honrra que lhe el Rei fezera, e do mais que negoceara, lhe mandou huma mui fermosa baixella de christallino, e outra a Rainha, do que el Rei nam desconhecido lhe mandou hum presente de todalas especiarias, e drogas, assi secas, como de conserva, e algumas peças de seda, e brocadilhos, e outras gentilezas qur vem da India. Com que depois do falecimento del Rei, se partio mui contente destes regnos, e fez sempre em Veneza, onde o eu ainda conheci, e conversei, muita honra e cortezia aos portuguezes, offerecendo-lhes sua amisade, e prestemo quando lhes qualquer cousa delle comprisse.

CAPITULO LXXXII

*como Diogo lopez de sequeira entregou a Gover-
nança da India a dom Duarte de menezes, e se
eo pera o regno.*

CHEGADO Diogo lopez de sequeira a Cochim, dahi a poucos dias se acabou daparelhar a armada em que elle avia de tornar pera o re
o que era de oito velas ha qual prestes de todo, feita a entrega da governança da India, ha
n Duarte de meneses segundo o costume que nisso tem, tomando delle conhecimento em
ma de quanta gente, fortaiezas, nao, navios,
es, e outra fustalha, artilharia, e munições
deixava sembarcou com os capitães que com elle
ham, que eram dom Aleixo de meneses, Rui de

mello de castro, dom Aires da gama, Emanuel de lacerda, Sancho de toar, Pero coresma, e Andre diaz, em cuja companhia se tambem vieram muitos fidalgos, o qual seguindo sua viagem chegou a Moçambique, e de ahi passou a vista do cabo de boa Esperança, donde veo ter, as ilhas, e das ilhas com toda a sua frota junta a Lisboa no anno de M. D. xxii. sendo ja falecido el Rei dom Emanuel.

CAPITULO LXXXIII

o falecimento del Rei dom Emanuel, e de como foi sepultado no mosteiro de Bethlem.

ESTANDO el Rei dom Emanuel na cidade de Lisboa, no mais alto, e prospero estado que se a hum Rei podia desejar, tendo descobertas, nquistadas, e subjugadas, todalas provincias marinas desno streito de Gibaltar ate o mar Darabia, Persia, da India, ilhas de Zeiland, çamatra, Iaoa, aluco ate a China, e lequeos, com muitos embaixares na sua corte dos mais dos Reis, Principes, senhorias da Europa, e do summo Pontifice, de muitos Reis, e senhores Dafrica, e Asia, lles seus vassallos, e outros confederados, e

amigos, com muita riqueza douro, prata, speciarias, que lhe cadanno vinhão de suas conquistas, bemquisto, e amado dos seus, e das mais das nações, onde ha fama de sua Real pessoa alcançar, com seu regno pacifico, e em assesego, assim com os vizinhos, como seus vassalos, casado a terceira vez, com huma das mais fermosas Princesas da christandade, irmãa do mor senhor de toda Europa, com seis filhos, e tres filhas vivos, do segnndo e terceiro matrimonio, todos dotados de fermosura, boa disposição, e virtudes, stados a que se não podia acrecentar nada, nem alem delle desejar outro senão o do regno da corte do ceo, pera o qual houve Deos por seu serviço levalo desta vida aos treze dias de Dezembro do anno do Senhor de M. D. xxi. dia em que a Egreja celebra a festa da bemaventurada sancta Luzia. Faleceo nos paços da ribeira, de huma febrè specia de modorra; doença de que naquelle tempo em Lisboa morria muita gente da qual acabo dos nove dias que lhe tocou deu a alma a Deos, em idade de cincoenta, e dous annos, seis meses, e treze dias dos quaes regnou os vinte, e seis hum mes, e dezanove dias; foram presentes a seu falecimento dom Afonso de Portugal Bispo Devora, e dom Fernando de vasconcellos de meneses Bispo de Lamego, seu capellam mor, frei Francisco de Lisboa, Ministro Provincial da ordem de sam Francisco da Observancia, frei George vogado, da ordem de sam Domingos, seu Confessor, e outras pessoas Religiosas. Os seculares foram o duque de Bragança dom Iaimes seu sobrinho, dom George mestre de Sanctiago filho bastardo del Rei dom Ioão segundo, dom Ioam de lencastre seu filho que entam era Marques de Torres novas, e agora he duque Daveiro, dom Fernando de meneses marques de villa real, dom Pedro de mene-

es conde Dalcoutim seu filho, dom Francisco de Por-
ugal Conde de Vimioso, dom Ioam de Vasconcelos
onde da Penela, dom Emanuel pereira conde da fei-
a, dom Ioão da Silva conde de Portalegre, dom Ioão
e meneses conde de Tarouca, priol do crato, seu
ordomo mor, dom Martinho de Castelbranco con-
e de Villa nova, dom Diogo lopo baram Dalvito,
om Pedro de Castro veadores da fazenda, dom
rancisco de lima visconde de villa nova de Cervei-
, dom Antonio de Noronha scrivam da puridade,
ue depois foi conde de linhares, Ioam da silva re-
edor da casa da suplicação, dom Alvaro de castro
overnador da casa do civel, dom Diogo de no-
onha, dalcunha cabeças, Alcaide mor Dobidos,
iogo lopez de Lima, alcaide mor de Guima-
es, e outras pessoas assi eclesiasticas, como secula-
s. A Rainha donna Leanor sua molher, e a Infan
donna Isabel sua filha, e o Principe dom Ioão seu
ho (que neste tempo stava em Salvaterra, donde
bendo da doença del Rei seu pae se veo logo pera
le) o acompanharão até o seteno dia de sua doença,
o qual vendo dom Nuno emanuel, seu guarda mor
ue desesperavam os physicos de sua vida, fez reco-
er a Rainha, e a Infante para huma camara, junto
donde el Rei jazia, e ho mesmo pedio ao Principe
ue fezesse, pelo que se logo foi pera hum aposento
ue vai sobelo almazem, e me dixe a mi (que a tudo
i presente ate a ora que el Rei espirou) que teves-
cuidado de o chamar aos accidentes que lhe da-
m per intervallo o que assi fiz, per tres vezes, a
ue de todas acodio, e querendoo chamar a quarta,
ue era ja no noveno dia depois de comer me foi
efeso pelos senhores que estavam na camara,
os o que sendo ja quatro oras depois do meo dia,

começaram de lhe dar os verdadeiros sinais da morte, nos quais teve tanto esforço ate que faleceo, e tam perfeita memoria que em alta, e clara voz, dizia os versos dos Psalmos, de que sabia muitos de cor, com os prelados, e religiosos que os ao redor da sua cama stavão rezando, faleceo as nove oras de noite. Deixou por seus testamenteiros dom Dioguo de sousa Arcebispo de Braga, e dom Martinho de castello branco conde de villa nova de Portimão, com o corpo ficaram os prelados, e religiosos que foram presentes a seu falicimento, e dom Pedro de castro seu veador da fazenda, que a tudo o que compria pera o enterramento deu a ordem necessaria, ate que o levaram ao mosteiro de Bethelem, que foi duas oras ante manhã, o qual elle começou de edificar de novo pera sua sepultura, e da Rainha dona Maria sua molher, e de seus filhos, como ja fica apontado, e por o corpo da Egreja não ser ainda acabado o lançaram na egreja velha em huma sepultura rasa, pelo elle assi mandar, donde depois el Rei dom Ioam terceiro seu filho fez trasladar seus ossos pera a nova. Acompanharãono todolos prelados, e senhores que se a seu falecimento acharam, e muitos fidalgos, cavaleiros, escudeiros, e outros seus criados, e a camara da Cidade com toda a Cleresia, e Ordens e grão parte do povo com muitas lagrimas plantos, e choros que cada hum fazia pela perda de hum tam bom Rei, e tam amigo de seus criados, e vassallos como ho elle sempre foi.

CAPITULO LXXXIV

as feiçoens corporaes del Rei dom Emanuel, e das calidades de sua Real pessoa, e cousas a que era inclinado, e afeiçoado, e ordem de sua casa, e modo de viver.

Foi el Rei dom Emanuel homem de boa statura de corpo mais delicado que grosso, a cabeça sobelo redondo, os cabelos castanhos, a testa evantada, e bem descuberta delles, os olhos aleres, entre verdes, e brancos, alvo, risonho, bem asmbrado, os braços carnudos, e tam compridos que dedos das mãos lhe chegavam abaixo dos geolhos, nha as pernas tão compridas, e tam bem feitas, senndo a proporção do corpo, que nenhuma cousa

mais se lhes podia desejar. Tinha a voz clara, e bem entoada, era mui atentado no falar, e mui honesto, e discreto em suas praticas. Quando comia, posto que fosse apressado no comer, nem por isso deixava de praticar e disputar com letrados que sempre estavam a sua mesa, e sobre tudo com homens estrangeiros ou com alguns dos seus que andaram fora do regno foi sofrido, manso, e clemente, perdoava facilmente qualquer desgosto que tevesse dos que tocavam a sua fazenda, e pessoa, porque nos casos da justiça se guia a ordem dela posto que fosse algumas vezes com dilações, alvaras despera, huns em contrairo dos outros o que por ser de boa condiçam, e mavioso concedia tam facilmente, que por esse respeito a huns se divertia a justiça, e a outros se alongava. Foi mui prudente de claro, e bom juizo, o que lhe causava não ser tan sujeito ao parecer dos do seu conselho, como o era a seu particular apetite, com tudo as mais das cousas que intentou, ou per conselho, ou por seu parecer se sucederão bem. Foi muito musico de vontade tanto que as mais das vezes se estava em despacho e sempre pela festa, e depois que se lançava na cama, era conter musica, e assi para esta musica da camara, como para sua capella tinha estremados cantores, e tangedores, que lhe vinham de todalas partes Deuropa, a que fazia grandes partidos, e dava ordenados com que se mantinham honrradamente, alem disto lhe fazia outras merces, pelo que tinha huma das melhores capellas de quantos Reis, e Principes entam viviam. Todolos domingos, e dias sanctos jantava, e ceava com musica, de charamelas, saquabuxas, cornetas, arpas, tamboris, e rabecas, e nas festas principaes com atabales, e trombetas, que todos emquanto comia tangiam cada hum per seu gy

alem destes tinha musicos mouriscos, que canta-
n, e tangiam com alaudes, e pandeiros, ao som
quaes, e assi das charamelas, harpas, rabecas, e
nboris dançavam os moços fidalgos durando o
tar, e cea, o serviço de sua mesa era explendido,
no a Rei pertence. Continuadamente todolos do-
ngos, e dias sanctos, e alguns de fazer emquanto
casado dava serão as damas, e galantes, em que
os dançavam, e bailavam, e elle algumas vezes.
o primeiro Rei Christão da Europa a que vieram
phantes da India, dos quaes teve cinco juntos,
atro machos, e huma femea, que quando cavalga-
pela cidade, ou caminhava hiam diante delle, a
es precedia (tam afastada que se nam viam) ha
nga, ou Rhinocerota, e atras dos Elephantes hia
nte del Rei hum cavallo acobertado persio, nas
cas do qual hum caçador persio levava huma
ça de caça, que lhe mandara el Rei Dormuz,
qual onça, e hum Elephante, e Rhinocerota man-
n ao Papa Leam como fica dito com a qual pom-
atabales, e trombetas cavalgava el Rei muitas ve-
pela Cidade, e quando caminhava. Trazia conti-
adamente na sua Corte chocarreiros Castelhanos,
n os motes, e ditos dos quaes folgava, não porque
stasse tanto do que diziam, como o fazia das dis-
uladas reprehensões que com geitos, e palavras
cadas davam aos moradores de sua casa fazendo-
s conhecer as manhas, viços, e modos que tinham
que se muitos tiravam, e emmendavam, tomando
que estes truaens diziam com graças, por espelho
que aviam de fazer. Os mais dos domingos, e
s sanctos hiam depois de comer ver correr a car-
ra, e a corria, ao que alem dos seus moradores se
ntavam, muitos dos cidadões das cidades e villas

onde estava, e perante elle a corrião o que era causa de naquelle tempo aver muitos e bons cavallos no regno, e muitos e bons cavalgadores. O tempo que estava em Lisboa nos Domingos, e dias santos em que não hia a carreira, e em alguns da somana hia folgar em hum batel, embandeirado de seda levando sempre consigo musica, e algum official seu com que hia despachando, e as mais das vezes chegava ao caes dos passos de Sanctos o velho, onde Duarte foreiro cavaleiro de sua casa, a quem em parte de satisfaçam de seus serviços dera o officio de guarda delles, lhe mandava trazer de merendar de muitas fructas verdes, conservas, e cousas dasucar vinho, e agoa, do que tambem comiam os fidalgos que a seu chamado hiam com elle no batel, e assi toda ha mais companhia de musicos, moços fidalgos da camara, e remeiros, pera as quais merendas tinha merces ordinarias, que lhe el Rei pera isso fazia; nas vesporas do Natal consoava publicamante em sala com todo o Estado de porteiros demaçareis darmas trombetas, atabales, charamelas, e em quanto consoava davam de consoar a todolos senhores, fidalgos cavalleiros, e escudeiros que estavam na salla, na qual se ajuntavão naquelle dia todolos que andavam na Corte por saberem o gosto que el Rei levava em fazer este banquete que todo era de frutas verdes, e dasucar, e de conservas, que lhe traziam da ilha da madeira, depois desta consoada acabada mandava Vasqueanes corte real (do seu conselho que o servio de veador todo o tempo, que regnou) de consoar as damas da Rainha, e a todolos officiaes del Rei a suas casas, e depois se dava n guarda reposta para os capellães cantores, phisicos, menistreis, reposteiros, moços dastriberia, e do monte, e os moços da camara, que eram os

e traziam os platos a consoada del Rei, consoavam
los na guarda reposta, e esta era huma das mais
emnes, e mais desejada festa de quantas se na
te faziam per todo o descurso do anno, na qual
nsoada se gastava muito. A todos os jantares, e
s del Rei traziam a sua copa vinho, e agoa em
ndes picheis de prata, e fructa pera darem aos se
ores fidalgos, cavaleiros escudeiros que quisessem
ber. Depois que dava boas noutes e se recolhia pera
rmir traziam da sua guarda reposta consoada das
smas fructas, e agoa pera os fidalgos, e cavaleiros
guarda que dormiam no paço, e isto sem faltar
nhum dia, e em tanta abastança que abrangia aos
ços da camara que dormiam na guardaroupa e aos
ços do monte, que dormiam na salla, e a todo-
criados era tam ledo, e prazanteiro que todolas
zes que hia a caça, e a monte fazia foliar diante de
os seus moços desporas, e dastribeira : os quaes
nhecendo quam benigno, e humano era, muitas ve-
o embargavam no caminho, rodeando lhe o ca-
lo, e assim rodeado lhe pedia cada dia huma mer-
que delle queria, as quaes pela mor parte lhes
o otorgava, e se em alguns tinha pejo dizialhes
e o deixassem cuidar nisso, ou os remetia aos offi-
es do despacho, mandava muitas vezes correr tou-
, e jugar canas, e pera que os fidalgos nam des-
ndecem muito do seu nestes jogos, tinha jaezes, e
tidos a mourisca na sua guarda roupa que lhes
ndava emprestar, e no jogo das canas entrava elle
umas vezes, ho que fazia mui bem, e com muita
ça : era tam forçoso dos braços que alem de se
er mui bem a cavallo tirava com huma cana, e
n huma lança com tanta destreza que nenhum ou-
homem lhe fazia avantagem, de modo que foi

muito alegre, e prospero todo o tempo que reinou, em tanto que eu vi muitas vezes na casa da contratação da India mercadores com sacos cheos de dinheiro de moeda douro, e prata pera fazerem pagamento do que deviam per conta das especiarias que compravam o qual dinheiro lhe diziam os officiaes que tornassem outro dia, porque nam avia tempo pera o então contarem que tanta era a somma que se recebia todolos dias. Os mais dos domingos e dias sanctos, e alguns da somana hia el Rei ouvir missa fora do paço as Igrejas, e mosteiros das cidades, e villas em que se achava, e depois de dita a Missa, perguntava aos priores, e guardiães pelo estado da casa, e se sentia aver necessidade lhes mandava esmollas, tanto para suas mantenças como para os ornamentos, e fabrica das egrejas. Era mui caridoso, e fez em quanto viveo muitas esmolas no reino, e fora delle a muitas pessoas, e casas doraçam, e ha Santa casa de Hierusalem, e do monte sinai dava cadanno a todolos frades da Observancia da Ordem de sam Francisco de seus reinos todo o pano que lhes era necessario pera se vestirem, e por saber que as mais das igrejas do reino estavam mal providas dornamentos mandou no anno de mil, e quatrocentos, e noventa e nove fazer vestimentas, e outros ornamentos a sua custa que lhes mandou dar pelo culto de que depois pela mor parte lhe fez esmolla. Acabou de pagar a prata das egrejas que el Rei dom Afonso quinto seu tio do tempo que fazia guerra em castella tomou dellas o que fez pera comprir seu testamento. A todolos moradores de sua casa dava casamentos, e alem de suas moradias, apossentadoria e camas para dormirem e mezinhas em sua butica quando eram doentes, e phisicos que os curassem de graça.

a tão solicito no pagar dos serviços, que muitas
zes perguntava se avia algum seu criado a que per
quecimento nam tevesse satisfeito, principalmente
s que o serviam antes de ser Rei, e sabendo que
nam tinha feito lho mandava logo pagar, e alem
so lhes fazia merces das quais custumava fazer al-
mas as pessoas de que se tinha por bem servido
n lhas pedirem dandolhes em segredo lembranças
criptas de sua mam para quando fosse tempo man-
rem disso fazer suas cartas, em quanto viveo teve
npre guarda da camara, e dos ginetes do que se
ito prezava, porque na guarda da camara avia
te e quatro cavalleiros dos mais marcados da
rte que dormiam no paço junto da sua camara, e
mesma casa dormiam alguns moços fidalgos, e na
a outros tantos moços do monte, e na guarda dos
etes avia duzentos cavaleiros todos de boa casta,
onhecidos por valantes homens, que o acompa-
avam quando caminhava, com lanças e adargas
m obrigados a ter armas prestes, e cavallos pera
ando se delles quisesse servir. Todolas sestas fei-
s do anno jejuou ate a idade de quarenta annos, a
m e agoa, e de ahi por diante a conduto, o qual
hia sempre a casa da supplicação ouvir os presos,
er presente ao dar das sentenças, e isto sem nun-
faltar, nem lho nenhum outro caso impedir, se-
m doença, nas mesmas sestas feiras depois de co-
r despachava ordinariamente com os desembarga-
res do paço todalas cousas que tocavam a seus of-
os, sem lhes ficar nenhuma petiçam por despachar
quaes alem de nam terem casinha no paço como
ora tem, nunca em seu tempo foram mais de dous
muita authoridade, e doutrina, e me lembra mui
m que vi servir juntos, dom Pedro Bispo da Guar-

da, e prior de Sancta Cruz de Coimbra, e dom Di
guo Pinheiro Bispo do funchal, e por falecimento d
Bispo da Guarda, entrou no officio dom Pedro d
meneses: os escrivães de fazenda, e da camara tr
ziam cada hum delles as provisoens, que tinham fe
tas da fazenda, onde lhes punham os veadores d
fazenda a vista, se alguma duvida disso recresia al
se averiguava loguo o qne se nisso avia de fazer po
tas as vistas os mesmos escrivães da fazenda, e d
camara asinavam estas provisões com el Rei ell
mesmos; e nam escrivão nenhum seu delles, como s
depois tomou por costume. Asinava el Rei tres v
zes, e algumas mais na somana em publico, e ao as
nar estava o escrivam da puridade, e os Veadores d
fazenda em geolhos, dambalas bandas da sua cadeir
e os escrivães da fazenda, e camara em geolhos a
redor da mesa em que asinava. Dava audiencia pu
blica muitas vezes a todolos que lhe queriam falar a
que era presente o mesmo escrivam da puridade, dor
Antonio de Noronha irmam do Marques de Vill
Real, que depois foi conde de Linhares, e hum do
veadores da fazenda, assentados em geolhos a su
ilharga. Mas com quanto usava este modo de acata
mento com os officiaes mores, postos a parte titulo
demasiados, nos despachos que dava, e cartas qu
se delles faziam usou titulo de senhoria, e nam dalte
za alguns annos depois que reinou como o eu tenh
visto per muitos alvaras, asignados de sua mão. Na
tes dias que el Rei dava audiencia avia sempre n
camara em que estava musica de cravo, e cantores
foi muito inclinado a letras, e entendia bem a lingo
latina, em que fora doctrinado sendo moço, da qu
sabia tanto que podia julgar entre estilo bom, e mac
Foi tam desejoso da nobreza do reino ser instruid

n letras que mandava aos seus moços fidalgos, e da mara, em que pera isso avia algum geito ouvir da dia liçam de gramatica aho bairro dos Scolares Lisboa, onde então estavam os estudos gerais deste ino, e ao mestre cathedratico da gramatica que se amava frei Xinal, dava cadanno polo insinar, alem que tinha dordenado quarenta mil reis. Foi muito do ha Astrologia judiciaria, em tanto que no par- das naos pera a India ou no tempo que esperava mandava tirar juizos por hum grande strologo portugues, morador em Lisboa, per me Dieguc mendez vezinho, natural de covilhã, lcunha o coxo, porque o era daleijam, e depois ste falecer, com Thomas de torres seu physico, ho- em mui esperto, assi nastrologia, como em outras ncias, mas posto que desse credito ha Astrologia, nca o deu a agouros mas antes foi mui imigo lles, e lhe pesava de saber que era alguem dado a o. Era mui entendido nas historias, e sobre tudo s Chronicas dos Reis destes regnos, nas quaes se leitava tanto, que perante sim as fazia ler ao prin- e dom Ioam seu filho, e em quanto foi veuvo da inha donna Maria me parece que poderei afirmar, e não passou festa nenhuma em que o nam fezes- ler nellas. Foi el Rei mui casto, e continente nem soube depois de ser casado que tevesse conversas- m se nam com as Rainhas suas molheres: e em anto foi veuvo da Rainha donna Maria, para mor nfirmaçam disto dormiram sempre na sua camara, huma cama o Principe, e o Infante dom Luiz seus hos, aos pés do seu leito. Foi mui limpo de sua ssoa galante, e bem vestido do que se presava tan- que quasi todos os dias vestia alguma cousa nova, lo que tinha tantos vestidos que todolos annos

mandava repartir duas vezes muitos de seda, e pano com os fidalgos, cavaleiros, e escudeiros, e moços da camara que andavam na côrte, de que per seu falecimento sobejaram tantos que poucos dos seus moradores ficaram sem aver alguma peça delles, e quasi a todalas Egrejas do Reino se deram ornamentos dos seus roupões, capas, e opas de seda, borcados, tela douro, que para isso se desfizeram. Deleitavasse muito no monte, e era bom besteiro, e caçador de vontade, para o que tinha muitos libreos, sabujos, e outros cães, com muitas, e boas aves depresa de diversas redes que mandava vir de fora dos seus Regnos, mas ao montear, e caça de gaviam era mais inclinado, e o usava mais que a caça dos falcões: nunca hia a caça sem levar musicos, e instrumentos de camara, com que lhe tangiam, e cantavam fosse no campo, ou nas casas onde comia, e repouzava. Foi el Rei homem de muito negocio, e muito contino no despacho das cousas que passavam por sua mam. Foi muito regrado no comer, e bebeo sempre agoa, e nunca comeo azeite, nem vianda em que o cuvesse, e tam temperado no apetite que quasi senam conhecia nelle ser mais inclinado a huma vianda que a outra, era de tam pouco sono, que por mui tarde que se lançasse se alevantava sempre antes do sol saido se o não strovava alguma ma disposiçam. Foi mui obediente a Se Apostolica, e mui catholico Christam, guardava todolos costumes, festas, e jejuns da Egreja com muita solemnidade, e devaçam, fazia na sesta feira das indulgencias, muitas esmolas, e perdoava muitos condenados, os tres dias que o Sancto Sacramento estava encerrado ate dia de Pascoa dormia a par do altar no cham sem se despir aquelles tres dias, no de Pascoa pela menhã mandava fazer huma mui

solemne procissam da Ressurreiçam: na qual elle sempre hia e a Rainha com todas suas damas, e cortessãos, precedendo porteiros de maça, Reis darmas, e todo o genero de musica, e instrumentos que em sua corte havia. Foi muito inclinado a religiam, movido da qual por lhe parecer necessario, reformou muitos mosteiros dos institutos que tinham antigos a outros de mais estreita regra, foi mui verdadeiro preseguidor dos sequases da secta de Mafamede, no que despendeo muitos dos seus thesouros em armadas que contra elles mandou por mar, e por terra, como no descurso desta sua Chronica fica dito pella qual causa, e per muitas obras pias, e de caridade que fez em quanto viveo lhe prosperou Deos sempre todas suas cousas, e he de crer que por sua infinda bondade, e misericordia o tenha colocado entre os bemaventurados Sanctos da sua gloria celestial.

CAPITULO LXXXV

Das Egrejas, Mosteiros, ospitaes castellos fortalezas, e outras obras que el Rei dom Emanuel fez de novo, e mandou reparar, e dos lugares qúe ganhou aos mouros em Africa, e em Asia.

FUNDOU de novo pera sua sepultura, e da Rainha donna Maria sua molher, e de seus filhos o mosteiro da invocaçam de nossa Senhora de Belem junto da praia, huma legoa da Cidade de Lisboa, abaixo de kastello e o dotou, e povoou de religiosos da ordem de Sam Hieronymo, como ja fica dito, obra a que nenhuma de quantas a em toda a Europa faz avantagem, nem em grandeza nem em magnificencia, o qual mosteiro não acabou de todo, por lho a morte estrovar, no que el Rei dom Ioam

erceiro seu filho procedeo, e fez uma grande parte em delle lho ainda deixar acabado. Fundou de novo Casa da Confraria da Misericordia da Cidade de Lisboa, obra muito magnifica, e ha doctou de hum onto de renda cada anno para entretimento dos orhãos pobres, e demais quinhentos mil reais cada ano pera outras obras pias como fica apontado. Fundou de novo os mosteiros de nossa Senhora da Pena o do Mato, e o das Berlengas, que fez, per devaam da Rainha donna Maria sua molher todos da nesma Ordem de Sam Hieronymo, fez quasi de novo magnifico Convento da Ordem de Christus, que sta na villa de Thomar em que despendeo muito diheiro. Fundou de novo o mosteiro de nossa Senhoa da serra da ordem de são Domingos do modo que l Rei dom João segundo seu primo deixou encomenado em seu testamento, fundou de novo o mosteiro e Sancta Clara destremos. Fundou de novo o mosteiro de Sancto Antonio de pinheiro de sam Franisco da observancia, fez o corpo da Egreja de Sam rancisco Devora, fez de novo o Mosteiro danunciada e freiras da Ordem de S. Domingos na cidade de Lisoa na mouraria, no mesmo lugar onde fora ha mesuita de mouros, que agora he povoada dos irmãos a Companhia de Iesu, e as freiras se pasaram ao nosteiro de Sancto Antão, no vale dandaluz, junto a cidade, e por esse respeito tomou o mesmo nome anunciada, e o donde sairão as freiras de Sancto ntam, como se agora chamam, a qual permudança e fez em tempo del Rei dom Ioam terceiro seu filho, ue disso foi ho author per justos respeitos. Fez ha e da Cidade Delvas de novo. Fundou de novo na idade do porto o mosteiro de freiras da Ordem de am Bento, fez na Se da mesma cidade ha sepultura

de S. Pantaliam do modo que deixou encomendado el Rei dom Ioam segundo em seu testamento. Fundou de novo na cidade de tavilla o mosteiro de freiras da ordem de Sancta Clara, fundou de novo junto da villa de serpa, o mosteiro de Sancto Antonio de frades da ordem de Sam Francisco da observancia. Fez de novo as Egrejas de sourenisa, e Sam Ioam baptista de tomar. Fez de novo a Egreja de Sancto Antonio de Lisboa, per legado del Rei dom Ioam segundo que lho deixou encomendado em seu testamento. Fez de novo a Egreja de nossa Senhora da Concepçam de Lisboa no lugar em que fora a sinagoga dos Iudeos. Fez de novo a Egreja dalcacer do Sal, e a dolivença. Fez de novo no mosteiro de sancta Cruz de Coimbra, a sepultura del Rei dom Afonso Anrriques primeiro Rei de Portugal, pola antiga em que seu corpo estava nam ser tal como a hum tão magnanimo Rei pertencia. Mandou acabar as capelas dos Reis que jazem no mosteiro da Batalha, desno tempo del Rei dom Duarte ate o seu, acabou o grande, e sumptuoso hospital da Cidade de Lisboa que el Rei dom Ioam segundo fundou de novo e fez nelle todolas casas que estam na face do roxio desnarua da bitesga, ate o mosteiro de S. Domingos, fundou de novo os hospitaes de Coimbra monte mor o velho, e o de Beja, e os doctou, fez de novo a Egreja de S. Ioam de moura, fez de novo o dormitorio de S. Domingos de Lisboa, fez de novo ho mosteiro de freiras de monte mor o novo da ordem de sam Domingos, fez a Egreja de são Guiam de Lisboa, reparou casi de novo o coro, e capela mor do convento dalcobaça, e fez nelle outras reparações mui necessarias, mudou as escolas gerais de Lisboa, que estavam asima da Egreja de sam Thome contra o muro

elho, e as fez de novo abaixo de Sancta Marinha
nde eram os paços do Infante dom Anrrique seu
io, as quaes escolas servem agora de recolhimento
os condenados pela Inquisiçam pera fazerem peniten-
ia naquelle lugar onde lhes pregam, e os ensinam
te que sentem nelles estarem confirmados na doctri-
a da fe Catholica, e então os dexam ir, o que se
ssi faz por aquellas escolas estarem de vazio, desno
empo que el Rei dom Ioam terceiro seu filho man-
ou mudar dalli os estudos para a Cidade de Coim-
ra. Mandou fazer de novo o caes da pedra de Lis-
oa, e tabuleiros de longo da praia, e chafarises da
idade tudo de pedra canto. Mandou fazer o terreiro
ue esta diante dos paços da ribeira de Lisboa que
ra tudo praia, o que se fez com gram trabalho, e
espesa ate se ganhar ao mar, como agora esta. Co-
neçou a casa dalfandega de Lisboa a qual acabou el
Rei dom Joam seu filho. Acabou a obra da agua de
agos, mandou abrir o paul de muja: depois que co-
neçou de conquistar a India mandou de novo fazer
s magnificos, e sumptuosos paços da ribeira de Lis-
oa, pera onde se foi dos dalcaçova sem mais tornar
viver nelles. Fez de novo as casas dos almazens de
Lisboa, e no das armas pos em deposito huma grande
antidade de corpos darmas de piões, e dous mil e
uinhentos de homens darmas de cavalos, e oitocen-
os dacubertados, e muitos corpos de couraças, e ou-
ras armas, e muitas peças dartelhara grossa, e meu-
a, e arcabuzes, espingardas, piques, lanças, e bés-
as tudo em muita cantidade. Fez de novo as casas
a contrataçam de Guiné, e da India, debaixo do
possento destes paços da ribeira, começou as terce-
aas da porta da Cruz, as quaes mandou fazer pera
e nella guardar, e fundir artelharia, e assi as de cata

que faras, e a casa da polvora em Lisboa, e a casa da armadia em Sanctarem. Fez os paços de Coimbra, como agora estam por os velhos serem tam destruidos que foi necessario fazerem-se novos. Fez a ponte nova de Coimbra sobelo rio mondego com que enobreceo muito a cidade. Fez de novo os paços da ribeira de Muja por ali aver muita caça, e montaria que a naquella comarca, nos quaes mandou poer todo o serviço necessario da mesa, cozinha, camas, leitos, roupa de linho para os que consigo levava. Mandou fazer ha praça, e chafaris da cidade de Beja. Fez de novo em Lisboa, junto da Egreja de S. Martinho, os paços da casa da suplicaçam, e do civel, e cadea do limoeiro obra mui magnifica, e sumptuosa, onde dantes fora a casa da moeda, e depois paços de Reis ate o tempo del Rei dom Dinis que fez os paços dalcaçova, fez de novo sobelorio guadiana a ponte que esta entre Elvas, e Olivença, reparou o castello dalmeida, e o fez casi de novo. Fez a fortaleza de castelbom, e a reparou de muros, e cavas, fez o castello dalfajates, mandou cercar a villa, fez de novo a torre, e fortaleza de sam Vicente dapar do mosteiro de Bethlem todo de pedra canto, em que mandou poer muita artelharia, e gente de guarnição com que se o porto vigia, e guarda. Mandou fazer a cerca nova dolivença, mandou fazer de novo cercar a villa de campo maior. Fez de novo a magnifica, e sumptuosa Se da Cidade do funchal na ilha da Madeira, e o mesmo fez nas mais das ilhas. Ganhou em Africa as cidades de Çafim, e Azamor, e a villa de Mazagão, como fica dito, e has fortaleceo, e em Mazagão mandou fazer um castello muito forte. Mandou acabar de todo ho castello de Sancta Cruz em Africa, onde chamão guadanabar, que Ioam lopez de sequeira começou pela

l fortaleza lhe deu satisfaçam, e lha tomou pola
nam poder soster como fica dito. Mandou fazer
astelo Daguz, que he oito legoas de Çafim. Man-
fazer o castelo Real nas ilhas do mogado aquem
cabo deger. Mandou na India fazer as fortalezas se-
ntes, em Cochim duas, huma no certam sobelo
e a outra na cidade, e ha de Cananor, Coulam, Qui-
, Çofala, Moçambique, Anchediva, Çacotarà, Ormuz,
, com todolos castellos que na ilha ha, e a de Pa-
, Pedir, Calecut, Chaul, Zeiland, Malaca, e nas
s de Maluco mandou fazer a de Ternate, que se
depois de seu falecimento. Nas quaes fortalezas
nas Dafrica, como na India mandou edificar
ejas, e alguns mosteiros de frades que dotou de
das, e tenças pera os clerigos, e frades que nellas
inistrassem o culto divino, e lhe deu muitos, e
s ornamentos, e as fortalezas proveo todas de ar-
aria, e outras munições de guerra, com toda a
te darmas necessaria. Deu per regimento aos Go-
nadores da India que em seu tempo la foram que
ssem huma fortaleza em Camaram no mar Dara-
, e outra em Adem na mesma costa, e outra em
çua na costa de Ethiopia, o que nam ouve efecto,
as causas que ficam apontadas. Mandou Bastiam
sousa no anno de M. D. xxi. com duas naos a
de sam Lourenço pera la fazer huma fortaleza
porto de Matatana que tambem nam ouve efecto.
e grandes inteligencias sobelo modo que poderia
pera tomar Tetuam, e fazer nelle huma fortaleza,
que alem das diligencias que mandou fazer per
n Pedro mascarenhas, como fica dito, occupou se-
amente Bastião de Macedo natural Dalanquer,
agora he camareiro do Cardeal Infante dom Hen-
ue regente destes regnos e as mesmas diligencias
ndou fazer sobelo negocio da Mamora, e Anafe

como fica dito. Tinha ordenado de tomar Terter, qu
he hum castello muito forte, cinco legoas Dalmedina
e quatro da casa do cavaleiro, pera nelle fazer outr
fortaleza. Quisera fazer outra em Tagroz, no port
de Sacam junto de Meca, no que em tudo despende
muito de sua fazenda, assi com mouros, com quen
sobrestes negocios tractava secretamente, como con
criados seus por quem mandava estes recados.

CAPITULO LXXXVI

instituições, ordenações, regimentos, moedas que ez, dignidades oficios Cidades, e villas que criou e novo.

ORDENOU de novo na festa da visitaçam de nossa Senhora, e Santa Elisabeth huma solemne procissam no mesmo dia que a Egre-Romã celebra esta festa. Ouve dispensaçam do a, pera se em seus regnos celebrar a festa do An-Custodio no terceiro Domingo de Julho, e no mes-dia ordenou que se fezesse huma procissam tam mne como a de corpo de Deos, o que tudo em nto viveo se comprio mui perfeitamente. Ouve ensaçam do Papa pera se casarem os Cavalleiros ordem de Christo, e os issentou, e assi todo o lesiastico do regno, frades, e clerigos de nam pa-

garem sisas nem outro nenhum tributo de todo que comprassem pera uso, e intertimento de sua pessoas, e familias, como fica dito. Impetrou do Pap Leam decimo vinte mil cruzados de renda, em Egre jas do padroado da Coroa, e outras, pagos os viga ros, as quaes Egrejas todas ordenou emcomendas d ordem da cavallaria de nosso Senhor Iesu Christo pera as dar aos que as fossem servir em Africa, e lha merecessem per quaesquer outros serviços, e que a que se ganhassem em Africa per sua licença, e do Reis seus sucessores fosse per tempo de dous anno a propria custa dos que has fossem vencer nos luga res que la os Reis tevessem, e o mesmo instituto da comendas velhas a quem em as ditas partes Dafric as fosse servir per tempo de quatro annos, por se rem de mor rendimento, que as comendas novas. O denou mais em todolos lugares Dafrica, conqui tados por elle, e pelos Reis seus antecessores, em cad hum delles, certa renda de dinheiro, como em lugar d comenda pera cem cavalleiros moradores nestes lugare vencerem, e com ella trazerem os cincoenta delles o h bito, como os fronteiros que la vam vencer as commen das das egrejas, do que fica feita menção no anno d M. D. x. para pagamento destas commendas, soldo e mantimentos que venciam os que estavam servind nestes lugares Dafrica mandava cadanno huma arm da de naos, e caravellas em que hia seu feitor pe fazer os pagamentos a dinheiro de contado, e hu Capitão de toda a frota com muita gente de guer que andava a mor parte do veram correndo tod estes lugares, e guardando a costa, o que se fazia d maneira que de nenhum dos portos da nossa conqui ta Dafrica ousavão os mouros sair ao mar com sua fustas tam dissolutamente como o agora fazem, o qu

ica apontado. Foi o primeiro Rei destes regnos
de todas suas rendas, e dinheiros, assim Deuro-
como Dafrica, e Asia apropriou, e mandou sepa-
hum , por cento pera obras pias, e pera se esta
a receber, e distribuir por seu mandado, ordenou
official que disso tevesse carrego, no que el Rei
Ioão terceiro seu filho continuou: e se continua
o presente. Alem disto mandou que pelo mesmo
o, e pera as mesma obras se pagasse no contrato,
enda das especiarias de cada quintal hum quarto
cruzado. Ordenou no anno de mil, e quinhentos,
te doze mercearias, a honrra dos doze Apostolos,
s na casa da mina, pera estes merceiros rogarem
os por elle sem nenhuma outra obrigação, as
s doze mercearias, com as trinta cavalarias que
ordenadas na casa da India, meteo na conta dos
enta cavalleiros sem habito do modo que fica
Quitou as sisas de todo o pam que de fora vies-
estes regnos. Mandou comprar rendas em Galli-
era se alumear continuamente de dia, e de noite
alampada de prata que deu a casa do Apostolo
iago como fica dito. Deu foraes novos a todalas
les, e lugares do regno, com que tirou e decla-
muitas duvidas que nos velhos avia. Anhadeo
as clausulas aos artigos das sisas, portagens, e
degas de que as mais foram tanto em favor, e
eito de sua fazenda, que todo o regno se teve
agravado sem se nunca nisso prover nem por
nem por el Rei dom Ioam terceiro seu filho,
pelos que per seu falecimento ate agora gover-
n; mas posto que nestas imposições el Rei levas-
mesmo modo que levam todolos Reis, e Princi-
que he tirarem dos vassallos e sugeitos tudo o
podem, era tam comedido, ainda que muito con-

fiasse de seu juizo que se com razam lhe contrar
vam as taes cousas tornava logo sobre sim, como l
aconteceo com Iane mendez cicioso, cidadam da cic
de Devora sendo entam ahi vereador, que foi p
modo seguinte. Stando el Rei nesta cidade nos ann
de mil, quinhentos, dezanove, mil quinhentos, e v
te per conselho, e parecer de letrados, e dos officia
de sua fazenda ordenou que as novidades que colh
sem seus sugeitos se estimassem, e que rebatid
que os alvidradores dixessem ser necessario aos
nhorios pera despesa de suas casas, e familias
pagassem logo a sisa do demais, o que posto q
per todo o regno fosse mal tomado, pode tant
querer del Rei que muitas cidades e villas do reg
consentiram nesta imposiçam, e entre as que nam co
sentiram foi Evora onde entam Ianne mendez cicio
era vereador, sobelo qual negocio o mandou el
chamar, e dixe que lhe agardeceria querer ser
opiniam dos outros, ao que lhe respondeo depois
muitas altercações dizendolhe senhor eu nam ten
necessidade de vossas merces, posto que mas offe
çais, porque meu pai me deixou duzentos, e cincoe
ta mil reaes de renda patrimonial de que me man
nho honrradamente, os quaes me nam pedereis ti
com razam, e posto que mos tomar quisesseis n
por isso hei deixar de vos dizer verdade a qual
que tal imposto vos o nam podeis poer sobre vo
povo com razam, nem justiça, e os que vos tal co
aconselhão, não são amigos de vossa alma, nem
vossa honrra, o que el Rei ouvindo lhe dixe que
fosse preso pera sua casa, e que dali por dia
nam queria que tevesse officio nem cargo naqu
cidade ao que lhe Iane mendez respondeo que tudo
tinha em merce excepto a prisam, porque lha

ecia, dahi a alguns dias cahio el Rei no nego-
, e conhecendo que Iane mendez, fezera o que de-
o mandou chamar, e lhe agradeceu o bom conse-
que dera, dizendo-lhe que taes homens como elle,
isera ter sempre muitos apar de sim, pera verda-
iramente lhe dizerem o que compria ao bom go-
rno, e ordem de seu regno, e casa, e que se lhe
lle comprisse merce que lha faria, e que quanto
s cargos, e officios que sempre servira naquella Ci-
de lhe mandava que dalli por diante o fezesse como
sempre fezera, porque nisso lhe faria serviço.
ndou per homens doctos de seu conselho visitar,
rever os cinco livros das ordenações, que el Rei
m Afonso quinto, seu tio fez reformar, sendo re-
nte o Infante dom Pedro seu tio, por elle ser de
nor idade, nas quaes mandou diminuir, e acre-
ntar aquillo que pareceo necessario pera bom re-
mento do regno, e ordem da justiça, no que se tra-
lhou muito, e tanto tempo que foi a mor parte de
do o que elle regnou. Fez lei per que devassou to-
los fidalgos cavaleiros, e scudeiros do regno pera
garem jugada, o que dantes nam pagavam elles,
m seus parceiros, ordenou que todalas sesmarias
e eram dadas com alguma obrigaçam de foro perá
roa o não pagassem os que traziam essas sesmarias
eiras por assi ficarem obrigadas a pagarem jugada
que no aproveitado dellas semeassem. Fez lei no
no de M. D. xv. em Lisboa, perque declarou que
alquer escrivão da fazenda ou da camara, que no
mario dos alvaras discrepasse da sustancia do ori-
nal fosse degradado perá ilha de S. Thome, e per-
sse o officio, e toda sua fazenda ametade pera
em o acusasse, e a outra ametade pera sua cama-
e que os alvaras nam tivessem vigor. Mandou fa-

zer tombos de todalas propriedades dos ospitaes, confrarias, e albergarias do regno, e assi dos proprios das cidades, villas e concelhos. Desfez muitos hospitaes, albergarias, confrarias que avia pelo regno, e as reduzio em poucas, porque soube de certo que se tratava estas cousas por tantas mãos, que o mais se consumia entre as dos provedores, e outros officiaes que foi obra pia e muito necessaria. Mandou screver a mor parte da lectura da Torre do tombo do regno em libros de pargaminho muito bem escriptos, e iluminados, e poer na boa ordem em que agora estão, obra tamanha, e de tamanho peso, que se nam pode acabar em seu tempo, nem no del Rei dom Ioam terceiro seu filho, que nisso trabalhou muito, e de que ainda estam muitas cousas por escrever, que disse tem assas de necessidade, por bem do patrimonio da coroa do regno, e dos vassalos. Mandou concertar nove chronicas dos Reis destes regnos, das quaes a primeira he del Rei dom Afonso Henriques, que Duarte galvam colligio quasi de novo, pelo que lhe fez muitas merces, e pelo concerto das seis que continuavam ate el Rei dom Afonso quarto as fez tambem, e mui avantajadas a Rui de pina, e assi por concertar a del Rei dom Duarte, e a del Rei dom Afonso quinto seu filho, em que acrecentou alguma cousa, e assi por fazer de novo ha del Rei dom Ioam segundo. Mandou ver todalas sepulturas do regno pera delles se notarem as armas, e insignias, e letreiros que nellas avia, das quais armas mandou nos paços de Sintra pintar todolos escudos com suas cores, e timbres, em huma fermosa sala que pera isso mandou fazer alem do que mandou fazer um livro muito bem illuminado, em que estão pintados os mesmos escudos das linhagens da nobreza destes regnos, e pera

melhor ordenar, e dar regimento aos Reis darmas
raus, e porsuivans mandou as Cortes do Empera-
r Maximiliano, Reis de Franca, e Inglaterra Anto-
o Rois Reis darmas Portugal Bacharel em Leis,
ra saber na verdade o modo que nisto estes Prin-
pes tinham, com as quais informações, e costume
tigo destes regnos, lhes deu regimento e fez nota do
odo em que se ande fazer as cartas dos officios de
da hum delles, o que depois de ser ordenado fez em
sboa nos Paços da ribeira hum auto publico
uito solemne, em que deu nome a todolos Reis
rmas, heraus, porsuivans destes regnos a cada
m delles separadamente de sua provincia. No
no de M. D. iii. quebrou os privilegios da Cidade do
rto, para que nella podessem viver fidalgos o que
dantes nam permitia. Mandou lançar pesos de co-
e per todo o regno, por os de ferro serem falsos,
r caso da antiguidade os ter desfalcado com a fer-
gem que criavão. Mandou lançar armas per toda-
s cidades, e vilas do regno. sc. couraças e lanças,
assim ordenou que ouvesse couraceiros, e armeiros
s cidades, e villas seguintes, pagos a custa da sua
zenda, Coimbra, Evora, Porto, Lamego, Santarem,
vas, Beja, Tavila, Lagos, Moura, Mourão, Monsa-
z, Couvilhã, Viana de foz lima, Castelbranco, e
rre de moncorvo. Mandou tirar os balcões, e saca-
s que avia na cidade de Lisboa, obra proveitosa, e
ui necessaria. Pos juizes de fora nas cidades, e vil-
s, de todo o regno a custa de sua fazenda, pare-
ndolhe que os naturaes poderiam per afeiçam errar,
que julgavam, e por acudir aos grandes gastos
e em seus regnos fasião assim os nobres como os
povo, em trajos, vestidos de seda, os defendeo
servando aos nobres que trouxessem barretes, ca-

rapuças, çapatos, cintos, e assim as guarnições das espadas, mulas, e cavallos de seda. Mandou lavrar no anno do Senhor de Mil quatrocentos, noventa, e nove os Portugueses douro, de dez cruzados de valor cada hum de xxiiii, quilates, que era a mesma lei dos cruzados, os quaes Portugueses tinham de uma parte por cunhos a cruz da ordem de Christus, e hum letreiro que dizia, In hoc signo vinces, e da outra parte tinhão o escudo das armas do regno com sua coroa, e dous letreiros, hum na garfilla de fora ao redor que dizia Emanuel Rex Portugaliae, Algarbiorum citra, e ultra in Africa, e dominus Guinae, e outro letreiro ao redor das armas que dizia conquista navegaçam, comercio Æthiopiae, Arabiae, Persiae Indae. Mandou mais lavrar no mesmo anno moeda de prata de lei de onze dinheiros do grandor dos Marcelos Venezeanos de sesenta, e seis grãos de peso cada hum de quatro mil, e seiscentos, e oito grãos no marquo que saiam per marco setenta peças de trinta e tres reaes cada huma, a qual moeda chamavam Indios, e tinha de huma parte a mesma Cruz, e letreiro que os Portugueses, e da ou ra o escudo das armas do regno com o letreiro primus Emanuel. E no anno de M. D.iiii mandou lavrar os Portugueses de prata de valor cada hum de quatrocentos reaes com os mesmos cunhos, devisas, e letreiros dos Portugueses douro, e destes de prata mandou fazer meos e quartos. Continuou nos cruzados do mesmo peso e lei que os el Rei dom Afonso quinto seu tio, e o Rei dom Ioam segundo seu primo fezeram, e assim nos vintens, e ceptis. Mandou fazer quartos de cruzado douro com a mesma divisa, e letreiro, moeda que elle trazia na bolsa pera dar de sua mam desmola a pobres, os quaes fez depois do falecimento

Rainha donna Maria sua molher como fica dito.
ndou forjar de novo os tostões, que são os quar-
dos Portugueses de prata com a mesma divisa,
udo, letreiro dos Portugueses douro, de que cada
tam vale cinco vintens, e cada vintem vinte reaes
ncos. Fez meos tostoens de prata no anno de mil,
quinhentos, e dezasete que de huma banda tem os
co escudos das quinas, e da outra huma cruz, e
nbalas bandas diz o letreiro. Primus Emanuel R.
&. A. D. Guinae. Fez reaes de cobre de seis ceptis
a real, que de huma banda tinhão hum R. de-
xo de huma coroa, e da outra o scudo das armas
regno, e o letreiro dambalas bandas diz Emanuel
x Portugaliiae, & A. Dñs guinae, &c. dos quaes
es de cobre correram poucos, por o preço das
sas que valiam hum ceptil, ou pouco mais se ale-
ntar logo no de hum real, do que se pode ver, e
im do que ja dixe dos meos tostões de prata que
Rei fez, quam pouco proveitoso he o fazer das
edas novas e sobre tudo o das grossas, principal-
nte nas de cobre ou liga baixa, de que se o povo
ve por meudo. Fez el Rei dom Emanuel
ogo da sylva seu aio Conde de Portalegre de
o, e lhe deu as villas de Celorico, Gouvea, e
Romão na Comarca da Beirá. Fez Condes
lecutim todolos filhos primegenitos dos Mar-
eses de villa Real, dos quais Condes o primei-
foi dom Fernando filho mais velho do Marques
m Pedro de meneses, que el Rei dom Ioam segun
fez em Beja no anno de mil quatrocentos, e oi-
nta, e nove primeiro Marquez de villa Real. Fez
que de Bragança dom Iaimes, filho mais velho do
que dom Fernando de Bragança. Fez Duque de
imbra, e senhor de Torres novas, de Montemor

o velho dom George filho bastardo del Rei dom Ioam segundo seu primo, e lhe deu os Mestrados de Sanctiago, e de Avis, por lho assi deixar encomendado o dito Rei dom Ioam em seu testamento. Fez condestabre do regno dom Afonso filho natural de dom Diogo seu irmam Duque de Viseu. Fez Conde de Tentugal dom Rodrigo de melo filho mais velho de dom Alvaro, irmam do Duque dom Fernando de Bragança, que depois foi Marques de Ferreira. Fez dom Ioam de meneses, seu mordomo mór Conde de Tarouca : fez Conde da Feira dom Diogo pereira. Deu de novo titulo de Vicerei da India a dom Francisco dalmeida. Fez Conde Dabrantes dom Lopo dalmeida. Fez Conde de villa nova de Portimão dom Martinho de Castelbranco. Fez Conde do Vimioso dom Francisco de Portugal, filho natural de dom Afonso de Portugal Bispo Devora o qual Bispo era filho de dom Afonso Marques de Valença, filho primogenito, e herdeiro de dom Antonio primeiro Duque de Bragança, filho natural del Rei dom Ioam de boa memoria primeiro do nome donde descende a casa do Conde do Vimioso, como mais largamente o tenho relatado na Chronica do Principe dom Ioam, Rei que foi destes regnos segundo do nome. Fez novamente Almirante da India dom Vasco da gama, que a descobrio, e o fez Conde da Vidigueira. Fez Marques de Torres novas dom Ioam filho mais velho de dom George mestre de Sanctiago. Deu o officio de camareiro mor do Principe seu filho a dom Ioam de meneses, e depois de falecer em Azamor, o deu a Nuno fernandez dataide, e depois que o mataram os mouros em Çafim deu este officio a dom Martinho de Castelbranco, que depois foi Conde de villa nova de Portimam. Deu ao Infante dom Luis por camareiro mor

guarda mor Rui telles de meneses, e ao Infante
om Afonso dom Garcia de meneses, e ao Infante
om Duarte Martim Afonso de Melo coutinho de
anctarem, e ao Principe sendo minimo deu por
ardas de sua pessoa Bartholameu de paiva seu amo
Rui figueira, de quem fiz mençam na Chronica do
rincipe dom Ioam, quando el Rei dom Afonso foi a
rança. Deu titulo de dom a Rui de sande pelos ser-
ços que lhe fez em Castella, assi nos casamentos
s Rainhas donna Isabel, e donna Maria, como em
tras cousas, e o deu tambem a Vasco da Gama
or ser o primeiro que passou a India, e a Alvaro
costa por em Castella negocear o casamento den-
elle, e a Rainha donna Leanor, o qual titulo de
om lhes deu pera elles e pera seus descendentes acre-
ntando ao de dom Vasco da gama que fosse tambem
era seus irmãos, e pera os que delles viessem. Fez cida-
es das villas do Funchal na ilha da Madeira, de Tavila
regno do Algarve, Delvas, e Beja em Alentejo. Fez
llas na ilha da madeira os lugares da ponte do Sol,
Calheta, e os separou da Iurdiçam da cidade do
unchal. Fez villa do lugar do porto do Iudeu na ilha
rceira com nome de sam Sebastiam, e o separou da
rdiçam da villa Dangra. Fez villa o lugar de Nor-
este na ilha de S. Miguel, e o separou da jurdiçam
villa Franca. Fez vila o lugar de sancta Cruz na
ha da Madeira, e o separou da jurdiçam de Machi-
. Fez vila do lugar dagoa do pao da ilha de S. Mi-
el. Fez villa do lugar de Tancos, e o separou da
rdiçam da villa Datalaia. Fez villa do lugar dos
cos de Valdevez. Deu muitos privilegios assi as ci-
ades, e vilas do regno, como as das ilhas, e lugares
e suas conquistas em Africa, Guine, terra de Sancta
ruz ou Brasil e na India, e outras provincias que

ganhou, do que tudo foi absoluto Senhor em quanto viveo.

LAUS DEO.

Fim da Chronica do Felicissimo Rei dom Emanuel; e se acabou em Vespora da Visitação de N. Senhora, o qual ordenou nesta festa da Visitação de N. Senhora, e Sancta Isabel, huma solemne procissão no mesmo dia, e dous dias depois que el Rei dom Phelipe S. N. II. de Portugal, entrou neste Reino 1619.

FIM DO DECIMO PRIMEIRO VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXX)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. XII

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1912

DP
604
G6
1909a
v.12

O presente volume

reimpressão da CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL, Damião de Goes, feita agora pela nossa *Biblio-a de Classicos Portuguezes*, que fundamos em 1890, edição de 1790, e ainda foi prefaciada pelo nos-querido Amigo e erudito escriptor e academico riel Pereira, a quem, — aqui o quizemos consi-r — devemos as provas da mais delicada conside-o e estima, e o auxilio do seu formosissimo ta-o.

o volume XI da nossa edição termina a reimpres-da de 1790, excepto a dos indices das quatro es de que se compõe a Chronica, e que consti-n o final do presente volume, com o qual quize-enriquecer a edição da nossa *Bibliotheca*.

o MUSEU PORTUENSE — precioso repositorio lite-o a que já recorremos — e que nos serviu á ma-lha para completarmos a nossa edição da Chro-d'El-Rei D. Affonso Henriques, de Duarte Gal-, tencionavamos voltar de novo em busca dos ITULOS XXIII e XXVII da Chronica d'El-Rei D. Ma-l, que sabiamos já terem sido dados á estampa,

mas, sem termos de nos dar a esse trabalho, podemos prestar melhor serviço aos estudiosos.

O nosso velho e presadissimo Amigo Manuel d'Oliveira Ramos, illustre Tenente Coronel do Serviço do Estado Maior e distincto Professor da Faculdade de Letras, conversando comnosco sobre a Chronica de D. Manuel, prestou-se obsequiosamente a obter do seu particular Amigo o sr. Conselheiro Francisco de Paula Azeredo um folheto publicado em 1866 pelo illustre bibliophilo o sr. Visconde d'Azevedo, e com a reimpressão do qual se enriquecia sobremodo a edição da nossa *Bibliotheca*.

E' pois esse precioso trabalho que damos n'este volume, onde se encontram não só os CAPITULOS XXIII e XXVII da Chronica d'El-Rei D. Manuel, como as «Variantes e differenças notaveis das duas edições de 1566 da primeira parte da Chronica D'ElRey D. Manoel por Damião de Goes».

O exemplar do folheto do sr. Visconde d'Azevedo que o Sr. Conselheiro Azeredo gentilmente nos confiou, encontra-se encadernado conjunctamente com a Chronica d'El-Rei D. Manuel, edição de 1566, formando um preciosissimo volume.

Ao erudito Professor e illustre homem de sciencia o Sr. Conselheiro Francisco de Paula Azeredo aqui deixamos expresso o nosso reconhecimento, como ao nosso bom Amigo Manuel Ramos, a qnem já deviamos os valiosos elementos que nos prestou para a edição da nossa *Bibliotheca* da *Historia Tragico Maritima*, na parte referente ao *Naufragio do vapor Porto*, occorrido a 29 de março de 1852.

Lisboa VI — II — 1912.

Antonio Augusto Mello d'Azevedo

ELENCHO DAS VARIANTES E DIFFERENÇAS NOTAVEIS QUE SE ENCONTRAM NA PRIMEIRA PARTE

DA

CHRONICA D'ELREY D. MANOEL

escripta por

DAMIÃO DE GOES

e duas vezes impressa no anno de 1566

Ajuntam-se tambem os capitulos 23 e 27 da referida Chronica, conforme
se leem em um manuscripto existente na Bibliotheca Publica do Porto,
os quaes já foram impressos e publicados pela primeira vez no Museu Portuense.

PORTO
na typographia particular do Visconde de Asevedo
M. DCCC. LXVI.

Explicação Preliminar

E' na verdade muito de admirar que por tanto
mpo entre nós se ignorassem certos factos biblio-
phicos extraordinarios, que tiveram logar quando
a primeira vez se imprimiu a «Chronica d'El-Rei
Manoel», composta por Damião de Goes. Digo
porque Damião de Goes foi indisputavelmente
dos mais distinctos homens de letras que nos
o nosso glorioso seculo XVI: a pureza e proprie-
de da sua linguagem, a clareza e correcção do seu
ylo, a sua vasta erudição e saber, e a severa ver-
de e imparcial sisudez com que escreveu os suc-
sos occorridos durante um periodo da nossa histo-
tão variado e tão cheio como foi o reinado do
nturoso rei D. Manoel, tornam este escriptor um
mais dignos de ser estudado, e que mais mere-
as nossas attenções até pelos curiosos acontecimentos
nsos e infelizes peripecias da sua vida.

Apesar de todas estas poderosas razões, nem este
mem illustre nem os seus escriptos foram por es-
ço de muitos annos bem conhecidos e apreciados

em Portugal, e nunca vi nem tive noticia de que respeito de um e dos outros se imprimissem particulares memorias mais que as seguintes: Nicolau Antonio na «Bibliotheca Hispanica», Diogo de Barbosa Machado na «Bibliotheca Lusitana», D. Antonio Caetano de Souza na «Historia Genealogica», o «Diccionario da Academia Portuguesa» no catalogo de authores que traz á sua frente, José Carlos Pinto de Sousa na «Bibliotheca Historica» a «Collecção de Retratos e Elogios dos Varões e Donas Illustres», «Panorama» no tomo 1.°, o «Museu Portuense», nos seus numeros 1.° e 2.°, o Snr. Lopes de Mendonça em um artigo publicado nos «Annaes das Sciencias e Letras», e ultimamente o Snr. Innocencio Francisco da Silva no seu «Diccionario Bibliographico». De todos estes diversos escriptos que muito deixam a desejar tanto pelo que respeita á biographia do abalisado historiador, minuciosa e exacta, como pelo que pertence ás circumstancias bibiiographicas da sua obra principal, que é por certo a «Chronica d'El Rei D. Manoel», devem discriminarem-se dous por serem os unicos que espalham alguma luz capaz de esclarecer um pouco o ponto bibliographico, sobre o qual tem dominado tão longa e pesada escuridão; são estes o «Museu Portueuse», e D. Antonio Caetano de Sousa; este ultimo pelos motivos que logo apontarei e o primeiro por nos dar a noticia, até então ignorada, dos dous capitulos 23 e 27 da terceira parte da Chronica, os quaes existem na preciosa collecção de Manuscriptos que possue a Bibliotheca Publica do Porto, e que são muito diversos dos que se imprimiram quando pela primeira vez se publicou aquella parte da Chronica no anno de 1567.

Diogo de Barbosa havia affirmado quando mencionar

edição da Chronica feita no anno de 1619, que elle
m por segunda, e que na verdade, conforme o ri-
roso sentido da palavra, effectivamente o é, que
sta se tiraram algumas cousas, que na primeira edi-
o haviam causado graves desgostos ao author; ora,
mparando se a primeira edição (de 1566 e 1567)
m a de 1619, acham-se perfeitamente identicas no
xto; como pois se ha de explicar esta observação
Barbosa, de mais a mais sempre tão avaro de ob-
rvações no genero critico, como esta? Penso que
mente duas explicações se podem dar á extraordi-
ria sortida do abbade de Sever, as quaes consistem
suppór ou que elle viu algum exemplar da edi-
o de 1566, que era differente em certas passagens
edição de 1619, ou então que pessoa, em quem
positava plena confiança, lhe deu aquella noticia,
e elle, sem conferir por si mesmo as duas edições,
mmunicou ao publico com bastante leveza na ver-
de. Os exemplares da edição de 1566, bem que
o sejam vulgares, encontram-se amiudadas vezes,
da hoje, nas bibliothecas publicas e nas particula-
, e, conferidos com os de 1619, acham-se perfei-
nente conformes; que significa portanto a obser-
ção de Barbosa? Parece me que este enigma se
cifrou quando no anno de 1860 teve logar o leilão
rica livraria do Snr. conselheiro Norton, que no
ferido anno havia fallecido na cidade do Porto;
existia um exemplar da primeira parte da «Chro-
a d'El-Rei D. Manoel», impresso no anno de 1566,
m o qual se achavam em outro tempo unidas mui-
folhas da segunda parte da dita Chronica, im-
essa tambem no anno de 1566, que principiavam
primeira folha della, e seguiam successivamente,
quaes o mesmo conselheiro havia inutilisado pelas

razões, que vou expender. Este exemplar foi comprado por ordem do nosso sempre querido e chorado monarcha Senhor D. Pedro V.

Era o mencionado exemplar em tudo similhante aos da edição geralmente conhecida por d'aquelle anno, tendo o mesmo numero de folhas e de capitulos, e só no fim da ultima folha tinha um pequeno signal parecido com os que os typographos chamam *caldeirões*; o formato era o mesmo, assim como o impressor e os caracteres typographicos, e apenas no meio do livro não eram identicas as linhas da impressão por causa das muitas e muito notaveis variantes que se liam neste exemplar, comparado com os geralmente conhecidos, variantes que todavia se não descobriam na segunda parte, motivo, como eu ja disse, porque o Snr. Norton a inutilisou. Estas variantes são de tres diversas qnalidades, por que umas são politicas, como as que tractam dos acontecimentos allusivos ás conspirações da alta nobreza contra El-Rei D. Ioão II; outras são sobre assumptos relativos a cousas que n'aquelle tempo havia quem julgasse não serem convenientes á moral publica, como é por exemplo no capitulo 35 a descripção dos usos e costumes dos barbaros indigenas da Angra de Santa Helena; finalmente consistem outras em simples mudança de vocabulos, ou correcção de phrase, como no capitulo 1.º, onde se encontra o appellido «Castro» escripto sempre «Crasto», e a phrase «Daião de Coimbra», em logar de «Daião da Sé de Coimbra». E' de crer que as variantes da primeira e segunda classe fossem obra dos homens do governo e da inquisição; quanto porem ás da terceira se não foram feitas pelo proprio author, que, aproveitando a occasião das mutilações, accrescimos, e emendas,

que foi obrigado a acceitar no seu livro, mudou certas palavras improprias ou antiquadas, e certas phrases menos correctas ou significativas, confesso que não sei a quem as attribua, pois são ellas em geral para melhor, ao passo que as primeiras tem seus altos e baixos.

Temos portanto verificado que na «Chrouica d'El-Rei D. Manoel» publicada por Goes nos annos de 1566 e 1567 houveram dous principios diversos, e um só fim identico, isto é, a primeira parte teve realmente duas edições, mas as tres ultimas tiveram sómente uma. Ao meu particular amigo o Snr. João Luiz Monte Verde da Cunha Lobo, distincto advogado na cidade do Porto, que fôra o primeiro dono do celebre e quasi desconhecido exemplar, pertence a gloria litteraria de ser o primeiro descobridor d'esta notavel raridade bibliographica, da qual não sei quem antes d'elle nos desse uma noticia clara e circumstanciada: tambem aquelle meu estimavel amigo tomou sobre si o trabalho de extractar todas as variantes e de fazer d'ellas um elencho, de cuja exactidão respondo, porque eu proprio o conferi.

Agora tem cabimento dizer a razão, porque ha pouco affirmei ser interessante o que o padre Sousa escreveu na sua «Historia Genealogica» a respeito de Damião de Goes, quando a paginas 474 e seguintes do tomo 5.° da referida historia assevera que o chronista de D. Manoel fôra pouco affeiçoado aos principes da casa de Bragança, e cita algumas proposições do mesmo chronista, que, apesar de as não transcrever *ipsis verbis*, contudo, sendo lidas com attenção reflectida, parece que foram extrahidas não da edição geralmente conhecida, mas sim da cassada e supprimida, por onde me persuado que o padre Sou-

sa teve noticia d'esta ultima, embora nada nos conte sobre o abafamento, que a sua primeira parte padeceu quando se estava imprimindo.

Mas ainda quando o padre Sousa tivesse conhecimento da tiragem abafada á nascença, ou mesmo se servisse de algum exemplar d'ella, nem por isso d'ahi se póde concluir que Diogo de Barbosa teve egual noticia, antes é de crer que se a tivesse a haveria escripto na sua Bibliotheca, e que não deixaria de enriquecer esta com tão curiosa e interessante novidade, preferindo pelo contrario escrever uma falsidade, da qual necessariamente devia ter a consciencia, porque bem sabia que a differença da edição de 1619 se dava somente em relação á edição abafada em 1566, e não á edição do mesmo anno, vulgar e conhecida geralmente n'aquelle tempo. Para que Barbosa fosse veridico na sua observação, era preciso que elle ignorasse absolutamente a existencia da edição de 1566, que todos conheciam, e sómente conhecesse e se servisse do exemplar abafado e cassado, pois se tivesse noticia de ambos seria extraordinario e até inexplicavel que o occultasse, visto que, havendo duas edições do mesmo anno, uma supprimida antes de se concluir, e outra corrente e vulgar, ficava a sua observação sendo não só uma decepção, mas até um perfeito contra senso sem o indispensavel correctivo de uma clara e miuda explicação. Barbosa, embora seja mau critico, não se pode negar que é verdadeiro e sensato, e qualquer d'estas duas qualidades se achariam plenamente desmentidas, se tendo elle noticia das duas edições, ou melhor direi, da semi edição e da edição completa feitas em 1566, escrevesse tal affirmativa sem uma explicação previa do acontecimento: logo ou elle conheceu sómente exemplar da

ição cassada, ou só da edição corrente; se conhe-
u sómente aquella, então o seu reparo é verdadeiro,
só conheceu esta, o reparo é falso, e o que póde
njecturar-se é que Barbosa teve na verdade algum
nhecimento de que houveram córtes na segunda
ição da Chronica, mas como não sabia o que se
ssara em 1566, entendeu que esta segunda era a
1619, e, querendo dar conhecimento aos seus lei-
res desta noticia vaga, que tinha, e não se dando
r outra parte ao trabalho de conferir as duas edi-
es, escreveu a sua observação na melhor boa fé;
de n'este caso dizer-se que ouviu tocar o sino, po-
m que confundiu as torres. Esta supposição é a que
e parece mais provavel, por se me tornar difficil a
nvicção de que Barbosa não soubesse da edição
rrente e por ventura até vulgar no seu tempo, e
conhecesse e se servisse de uma mesmo então ra-
ssima e quasi desconhecida, como ainda o é hoje.
Deixo aos bibliographos e apaixonados d'este gene-
de indagações e estudos a escolha de qualquer
estas duas explicações, que ou seja uma, ou outra
escolhida, sempre a lealdade litteraria de Barbosa
ará salva do labéo de mentirosa.

Para meu uso e para brindar alguns curiosos bi-
iophilos meus amigos, resolvi-me a fazer imprimir
n uma pequena imprensa, que possuo, as variantes
lligidas pelo meu amigo o Snr. Mont. Verde, das
aes tractei ha pouco, e que elle generosamente me
nfiou, e vai a impressão feita no formato de folio,
em duas columnas, contendo a da esquerda do lei-
r o texto da edição cassada, e a da direita o da edi-
o conhecida, e desta, alem dos capitulos, se apon-
m as paginas para tornar mais facil a confrontação.
ambem mandei ajuntar e imprimir em seguida ás

mencionadas variantes os dous capitulos da Chron ca, que publicou o «Museu Portuense», dos quaes j fallei, e do referido periodico extrahiu-se sómente aquella parte dos seus artigos relativos a esta publi cação, que pareceu necessaria para se provar a au thoridade e valor dos manuscriptos, d'onde os dicto capitulos se copiaram. Não deve esquecer aos leito res que o equivoco de Barbosa havia já chegado França, pois se acha fielmente traduzido e transcri pto no «Manual de Brunet» ! E' mais esta uma rasã para me persuadir que fiz com esta publicação un serviço á bibliographia do meu paiz no tocante a un dos seus mais apreciaveis livros historicos. Adverti rei finalmente que o capitulo 23 da Chronica, que n «Museu Portuense» foi composto em confrontaçã de um lado o manuscripto, e do outro o impresso não vai aqui do mesmo modo, porém sómente se pu blica o manuscripto por me parecer desnecessari este duplicado trabalho, visto dar-se o capitulo po inteiro, e não as variantes sómente, como se fez con a primeira parte da Chronica.

Visconde de Azevedo

Variantes e differenças notaveis

das duas edições de 1566 da primeira parte da

HRONICA D'ELREY D. MANOEL

POR

DAMIÃO DE GOES

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. I	Cap I — fol. 2
de seu regnado qtorze. a morte nam foi sem lla haver suspeita de lhe rem dado peçonha. E rque...	e de seu regnado quatorze. E porq...
ı filho bastardo, pera saber ho q antes que eçesse XXVj dias, em	seu filho bastardo, me pareçeo neçessario declarar loguo aqui no começo

Primeira Edição	Segunda Edição
seu testamento ordenou, assi açerqua disto, quomo doutras cousas, q por descarguo de sua alma mãdou fazer, me pareçeo necessario declarar loguo no começo d'esta chronica has clausulas mais substãçiaes do testamento pera que se saiba quam bem despos...	desta chronica alguas clausulas do que ordenou em seu testamento xxvj dias antes que faleçesse, pera que se saiba quão bem dispos...
e ho doutor Fernã rodriguez Daião de Coimbra...	e ho doctor Fernão rodriguez Daião da Sé de Coimbra...
e dom Alvaro de Crasto...	e dom Alvaro de Castro...
	Fol. 3.
e ho foi tambem delRei dõ João terçeiro, filho de Antonio Carneiro secretario q foi delRei dom Emanuel, em cujo poder ficarão todalas lembrãças...	e ho foi tambem delRei dom João terçeiro, em cujo poder stam todalas lembranças...
	Fol. 3. v.
Duq de Beja, aquem deixava ha successam do	Duque de Beja, ho qual já sabia da successam do

Primeira Edição	Segunda Edição
egno, ho q elle ja sabia, or lho el Rei ter mãdado izer...	Regno, por lho elRei ter mandado dizer...
per dõ Alvaro de Cras- ...	e per dõ Alvaro de Castro...
nde jouue atte que...	e ali jouue atte que...
Cap. IIII	Cap. IV — fol. 5
eu nasçimento nam ca- çeo de mysterio...	E pareçe q houve em seu nasçimento mysterio...
Cap. V	Cap. V. — fol. 5
ispo da Guarda, cuja niga fora, mas des no mpo...	Bispo da Guarda homem que por sua boa doctrina, e geraçam valeo muito nestes Regnos, mas des no tempo...
Cap. VI	Cap. VI — fol. 6
om Emanuel por este especto...	dom Emanuel por esse respeito...
	Fol. 6. v.º
habelidades que nelle a, e conhecia, allem de o criar apar de sim na sua	e habelidades que nelle via, ho criar apar de sim na sua corte, e casa jun-

Primeira Edição	Segunda Edição
corte, e casa juntamente com ho Prinçipe dom Afonso seu filho, ho meteo no conselho antes de ter idade pera isso, e neste estado, e modo de vida ho criou atte ho ãno de mil e quatrocentos e noventa , em que o Prinçipe dom Afonso casou, por que entam tomou o Duque sua casa apartada da del Rei, e do Principe, ha qual atte que foi Rei sempre teve mui chea, e acompanhada da mór parte da nobreza destes Regnos, pello q e pollas calidades de sua pessoa, e por ter tamanha, e tam honrada casa elRei dom João ho escolheo an tre todolos senhores do Regno, pera em nome do Principe dõ Afonso ir receber a Prinçesa dona Isabel á Raia de Castella, quomo fez, e lhe foi entregue pello Cardeal de Castella dõ Pedro gonçalves de meudonça, entre Badajoz e Elvas, na ri-	tamente com o Prinçipe dom Afonso seu filho, atte o anno de mil e quatroçentos e noventa, em que o Prinçipe casou, porque entam tomou o Duque sua casa apartada da del Rei e do Prinçipe, ha qual atte que foi Rei sempre teve mui honrada, e acompanhada da mór parte da nobreza destes Regnos.

Primeira Edição	Segunda Edição
beira de Caia, onde se de- artem hos Regnos, e dali trouxe a Elvas e Delvas Estremoz, onde ho Prin- ipe ha racebeo, quomo a chronica del Rei dõ oão se tudo mais per ex- enso relata.	
Cap. VIII	Cap. VIII — fol. 7 v.°
(Epigraphe)	*(Epigraphe)*
esterrados p caso das reições, e obdieçia q nãdou aho Papa...	desterrados, e obediençía que mandou ao Papa...
á Rainha dõna Isabel Reis de Castella e Dara- gã...	e á Rainha dõna Isabel Reis de Castella, de Leam, Daragão, e Siçilia...
pello mesmo Gõçalo lazevedo mãdou dizer a lõ Alvaro irmão do duq lõ Fernãdo de Bragança, a dõ Jaimes, e dõ Diniz ilhos do mesmo duque, lá ãdavã desterrados, ello negocio das treições, que livremete se podiã ornar a ho Regno, ho que azendo havia por bem de	e pelo mesmo Góçalo da- zevedo mandou dizer a dom Jaimes, e a dom Di- nis filhos do duque dom Fernando que lá andavam desterrados, por caso das desaventuras que aconte- çeram em vida delRei dom Joam, que livremente se podiam tornar pera o Re- gno, e ho mesmo mãdou

Primeira Edição	Segunda Edição
os restituir nos bes que lhes elrei dom Joao mandara confiscar perá coroa, e ho mesmo requado mãdou a dom Alvaro Dataide, e a outros que andavão fora do Regno por este respecto. Antes q el Rei partisse de Mõte mor...	dizer a dom Alvaro Dataide, e a outros que andavão fora do Regno por este respeito, ho qual recado mãdou tambe a dõ Alvaro irmão do mesmo duque dõ Fernãdo, o que posto que neste têpo ãdasse ê Castella não era por esta causa quomo se na terceira parte desta Chronica díra. Antes q el Rei partisse de Mõte mór.
Cap. IX.	Cap. IX — fol. 8
q alli na cama, faltandolhe já quasi todolos spiritos, e sentidos da vida, sem nenhua cõsyderaçam, nem zello doque entam compria ha sua alma, que era cuidar nas cousas de Deos, se ter conta com has do mundo, lhe pediram muitos, muitos merces...	q alli na cama, sem nenhua cõsyderaçam do que entam compria a sua alma, que era cuidar nas cousas de Deos, lhe pediram alguas merces...
	Fol. 8. v.
Historia...	Chronica...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. X	Cap. X — fol. 8 v.º
EI Rei dom Fernãdo, ə ha Rainha dona Isabel sua molher Reis de Castella, de Liam, e Daragão per respeitos q acharão sere ustos...	ElRei Dom Fernando, e ha Rainha dôna Isabel sua mulher per respeitos que acharam serem justos...
	Fol. 9.
porque ha mór parte des-es se converteram á Fé...	porq hos mais delles se converteram á Fè.
Cap. XI.	Cap. XI — fol. 9 v.º
em mõte mor ho manda-ã visitar hos Reis de Cas-ella, e Aragã dõ Fer-nando...	em monte mór ho man-mandarão visitar hos Reis dõ Fernando...
le sua corte. E per elle, lê das gratificações...	de sua corte, e per elle alem das gratificações...
Cap. XII.	Cap. XII — fol. 10.
Barraxa...	Molei Barraxa...
cõsiguo que fezesse tomar inguoa...	còsigo que fosse tomar ligoa...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. XIII.	Cap. XIII — fol. 10 v.º
Neste tempo quomo atras fica dicto tinha já elRei mãdado chamar dõ Jaimes, e dõ Dinis filhos do Duque de Bragança dõ Fernãdo e outras pessoas que andavã fora destes Regnos pello caso das treições, hos quaes chegaram a Setuval depois de Pascoa, e cõ alles dõ Alvaro seu tio irmão do Duque seu pai e dõ Sancho...	Neste tempo tinha ja elrei mandado chamar dõ Jaimes, e dõ Dinis filhos do Duque de Bragança, e outras pessoas que andavam fora destes regnos, quomo atras fica dito, hos quaes chegaram a Setuval depois de Pascoa, e com elles dom Alvaro seu tio, e dom Sancho...
	Fol. 11.
Forã todos estes senhores be recebidos del Rei, e de toda ha corte, hus por lhe quererê bem, e hos amarê, e outros por nisso cõprazerem a el Rei, posto q no coraçam tivessem ho cõtrairo, polo amor q tinham a el Rei dõ Joam, e a todas suas cousas, e logo dahi a poucos dias hos restituio el Rei em suas honrras, e lhes fez merce de todolos bês que	Forão todos estes senhores bem recebidos del Rei. Ho qual dahi a poucos dias avêdo respecto ha quão conjutos lhe eram em sangue e parentesco hos filhos do Duque, e quão inocentes dos erros, e culpas que diziam que tivera seu pai hos restituio ê suas honrras, e a dom Jaimes fez merce de todolos bês que elRei dom Joam mandara con-

PRIMEIRA EDIÇÃO	SEGUNDA EDIÇÃO
es elrei dõ Joam mãda- cõfiscar, allê do que es prometeo de pos res- uir nos bens que lhes rei dom Joam tomara or este respecto, e dera diversas pessoas aquê tisfaria ho valor querê- lhos elles soltar, e nã fazêdo lhes daria a el- mesmos rêdas e têças valessem outro tanto...	fiscar da casa de Bragan- ça, allem do que lhe pro- meteo de ho restituir nos que lhe elRei dom Joã tomara, e dera a diversas pessoas, aquem satisfaria o valor querendo lhos el- les soltar, e nam ho fazê- do lhe daria a elle mes- mo rendas, e tenças que valessem outro tanto...
la ficou senhora de pas- nte de cinquoêta vil- s...	ella ficou senhora de mais de cinquoenta villas...
or estarê declaradas em as doações das quaes to- s, e dos mais bens de- e lhe el Rei fez nova ação. Tinha naquelle mpo ho duque dom Jai- es de Bragança mais de ij contos de renda, grandeza da qual mer- fez fazer a muitos va- os juizos, dizendo hus, e mais de poder auso- to ha fezera elRei que am de conselho, nem azam que tivesse pera	por estarem declaradas em suas doações, ha gran- deza da qual merce fez fa- zer a muitos varios juizos, dizendo cada hu aquillo aq seu parecer e affeiçã ho mais inclinava, has quaes praticas se trataram entam por muitos dias na corte...

Primeira Edição	Segunda Edição
dar tantas villas e fortalezas e tam importantes á coroa do regno, outros escusavam isto pondo ha culpa á Infanta Donna Beatriz sua mai, e ha rainha donna Leanor, irmam delRei, por lho fazerê fazer, parte por roguos, parte per muita impurtunaçam, outros que mais tiravam aho vivo, dizlam que taes bens se nam podiam dar, visto que el rei dom Joam mandara em seu testamento, que nam sómente hos nam restituisse a hos culpados nas treições, mas ainda por nenhum modo hos recolhesse em seus Regnos, nem em sua graça. Nas quaes praticas com outras altercações se trataram entam por muitos dias na corte...	
	Fol. 11 v.°
e proveito de todos seus vassalos e sugeitos...	aproveito de todos seus vassalos e sugeitos. E pera q se saiba ho gran-

Primeira Edição	Segunda Edição
	de amor que elRei tinha ahos filhos do Duque dom Fernando, e a dom Alvaro, e desejo de hos ver no Regno, e quanto a carguo tinha a honrra, e fama delRei dõ João seu primo, me pareceo cousa conveniente ajuntar a este capitulo hua carta que mandou ao mesmo dom Alvaro scripta de sua propria mão, em que diz assi. Honrado primo: vi ha carta que me screvestes, perq me fezeis saber da vinda do Duque meu sobrinho e vossa, folguei por ser tã cedo, e pareceme bem ser loguo sem mais detença nenhua, e vossa vîda seja a Elvas, e a Extremoz, e dahi aho Vimieiro, e a Monte mór, e aqui sem se sperar mais recado. Dizême que algus criados do Duque vosso irmão fallam em el Rei meu Senhor que Deos haja quomo nam devem, encomendovos que sejam todos bem avisados, per

Primeira Edição	Segunda Edição
	vos, e meu sobrinho, por que me pesara muito dis so, e certo se algus h fezeram receberiam d mim grão castiguo, por que assi he rasam. Haj meu sobrinho esta cart tãbem por sua por se mais em breve esse des pachado de minha mã em Setuval a xxvj dia dabril. ElRei.
Cap. XIIII.	Cap. XIIII. — fol. 5
e pelo q se desta doaçã desfalcou aho Cõde, lhe fez elRei outras merces de que se teve por satisfeito.	e pelo em que esta doa ção não houve effecto sa tisfez elRei ho conde con outras merces.
Cap. XVIII.	Cap. XVIII — fol. 14.
ho que se aqui perdesse...	ho q se nisto perdesse...
viera a se por a determinaçam...	viera a se poer a deter minaçam...
Cap. XIX.	Cap. XIX. — fol. 14.
dõna Isabel reis de Castella, e Daragã lhe mãdavã cõ embaixada...	dõna Isabel, lhe mandavã com embaixada...

Primeira Edição	Segunda Edição
em tal caso elle ho aju- ria, sem embargo da z, e amizade q entam ti- a, no q elrei satisfez...	que em tal caso ho aju- daria, sem embargo da paz, e amizade que entam com ho dito rei de Frãça tinha, no que elrei satis- fez...
	Fol. 14 v.º
ıos ambos de duas ir- ıs .s. elle da Infanta nna Beatriz.	filhos ambos de duas ir- mãs, còvem a saber, elle da Infante donna Beatriz...
Cap. XX.	Cap. XX — fol. 14 v.º
ıvinham pera sua parti- e êbarcaçã, no qual o...	convinham pera sua em- barcaçam, no qual tem- po...
	Fol. 15.
r deixava elRei de cui- no que convinha á de de suas almas, e vido de piedade dissi- lava com elles...	nam deixava elRei de cuidar no q convinha á saude das almas desta gente, pclo que movido de piedade dissimulava cõ elles...
de se ajuntaram pas- te de vinte mil al- s...	onde se ajuntaram mais de vinte mil almas...

Primeira Edição	Segunda Edição
mandar tomar hos filhos dos Judeos, e nam dos mouros...	mãdar tomar os filhos dos Judeos, e nam hos dos mouros...
Cap. XXII.	Cap. XXII. — fol. 16.
ElRei Dom Fernando, e a Rainha dõna Isabel reis de Castella e Aragam, houverã de seu matrimonio...	el Rei Dom Fernãdo, e ha Rainha donna Isabel houveram de seu matrimonio...
	Fol. 16. v.°
de Castellá...	d Castella, e Leã...
estando em Torres vedras communicou este negocio com dom Alvaro, irmão do duque de Bragança dom Fernando segundo do nome, de que atraz fis mençam, ho qual pellas muitas merçes que delle tinha recebido, se lhe offereçeo pera ho nelle servir, e dalli ho mandou a Castella no anno passado...	estãdo em Torres vedras communicou este negocio com dom Alvaro seu primo, ho qual se lhe offereceo pera ho nelle servir e dall se foi a Castella muim bem acompanhado no Anno passado...

Primeira Edição	Segunda Edição
	Fol. 16. v.º a 17
ar embaixador ahos Reis om Joã Emanuel...	por embaixador ahos ditos Reis, dõ Joã Emanuel...
essoa de que com rasão uito confiava...	pessoa de quem com rasão muito confiava...
	Fol. 17
quomo a tal embaixada onvinha, ho que elle neoçiou tambem, que parindo Devora no verão leste anno...	quomo a tal embaixada couvinha, ho qual achou em taes termos ho que lá sobreste caso negoceara dom Alvaro, q partindo Devora no verão deste anno...
londe elRei per caso das almas...	da qual çidade elRei per caso das calmas...
os riquos e magnificos paços...	hos magnificos paços...
Cap. XXIV.	Cap. XXIV — fol. 18 v.º
onde sperava ser na fim lo mez de Setembro. Pera u que tambem ha Rainha donna Isabel, e a Prinçesa sna filha se vie-	onde sperava ser na fim do mes de Septêbro, no qual meo tempo induzida ha Rainha Prinçesa, quomo se teve per suspeita,

Primeira Edição	Segunda Edição
ram a valença dalcantara, e el-rei dom Fernando, por ho prinçipe dõ João seu filho andar mal disposto, se deixou ficar com elle em Salamanca...	pellos Reis seus pais, scr veu hua carta a el R pedindo-lhe que dilatass sua vinda atte ter d tod lançado de seus Regno os judeos, sabelo que Rei screveo alguas carta a dom Alvaro q já er tornado pa Castella scr ptas d sua propria mão em q mostrava ter muit descontentamêto pela tar dança da Rainha sua mo lher, e q assi ho dixess de sua parte ahos Rei seus primos, ho q dõ Al varo negoçiou tambê q o crsamentos se fezerã n mesmo têpo q pa iss fora ordenado, e elle er pessoa acompanhou h rainha dõna Isabel, e h Rainha priçesa sua filh mui acompanhado de gêt de sua casa, e valia, att chegarem a valença Dal cãtara onde se ho casa mêto fez, e cõsumou, ah qual el Rei dõ Fernand não foi presente, porqu por ho prinçipe dõ Joã

Primeira Edição	Segunda Edição
	seu filho andar mal disposto, se deixou ficar com elle em Salamanca...
	Fol. 19
ada hum delles ordenado o melhor modo que ode...	cada um delles no melhor modo que pode...
	Fol. 19 v.º
m Castello de Vide, tan- o q souberam...	em Castello de Vide, quomo souberam...
esterrados em Castella os que forã culpados nas eições cõmetidas contra -rei dom Joam. Em Cas- llo de vide estavam or- enadas...	desterrados em Castella. Em Castello de vide estavam ordenadas...
Cap. XXV	Cap. XXV — fol 20
ello que Fernam de pin- a ha nam pode acabar m tam pouco têpo sem ella...	pelo que Fernão de pinna ha não pode acabar sem della...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. XXVI	Cap. XXVI — fol. 20 v.
e mandar vender outra muita, de que faziam renda...	e mandar vender outra de que faziam renda...
pella muita cantidade que destas cousas entam havia...	pela grande abundanci que destas cousas entar havia ..
	Fol. 20 v.°
por serem de calidade poderam servir neste nosso tempo...	por serem de calidade poderam servir neste no so tempo...
	Fol. 21
atte Coruche, e ha erra, e...	atte Coruche e a herra, e.
	Fol. 21 v.°
dõ Dioguo ortiz Bispo de Viseu castelhano, de que já falamos, dõ João de meneses...	dom Diogo ortiz Bisp de Viseu castelhano, do João de meneses...
Cap. XXVII.	Cap. XXVII.—fol. 22
foi ho Duq de Medina çidonia, com passante de	foi ho Duque de Medin Çidonia, com trezentos c

Primeira Edição	Segunda Edição
trezentos de cavallo, vestidos de dó...	cavallo, vestidos de dó...
vestidos da sua libre. Tanto que ho Duque chegou a tiro de pedra...	vestidos da sua libre. Ho qual em chegando a tiro de pedra...
	Fol. 22. v.°
pratos todollos dias as damas...	platos todolos dias ás damas...
Cap. XXVIII.	Cap. XXVIII — fol. 22
mas elle ho nã cõsentio...	mas elle lho nã cõsentio...
	Fol. 23 v.°
mai...	maim...
hos quaes dom Joham de Sousa lhe dava a conhecer, com tudo a dom George ha nam quis dar...	dos quaes dom Joham de Sousa lhe dava a conhecer hos de que ella não tinha noticia, com tudo a dom George ha nam quis dar...
Cap. XXIX	Cap. XXIX—fol. 24
Feita esta oraçam se alevantou ho Patriarca com	Feita esta oraçam se alevantou dom Diogo fur-

Primeira Edição	Segunda Edição
hum livro Missal aberto na mão...	tado de mendonça A çebispo de Sevilha, P triarcha daLexandria co um livro missal aberto mão...
Cap. XXX	Cap. XXX — fol. 25
allí estiveram quatro dias, acabo dos quaes se partirão...	alli estiverã quatro dia despois dos qes se par rão...
Cap. XXXI	Cap. XXXI — fol. 25 v
(*Epigraphe*)	(*Epigraphe*)
á ordem de Christus, e doutras particularidades Açerqua dos previlegiados destes Regnos...	á ordem de Christus..
Arcebispo de Lisboa, irmão do Cardeal de Portugal dõ George da Costa...	Arcebispo de Lisboa, i mam do Cardeal do George da Costa...
Cap. XXXII	Cap. XXXII — fol. 26
pello q sentindo êsi e ê sua emprenhidã...	pelo que sentindo em si e em sua emprenhidam
Prinçipe herdeiro dos re-	Prinçipe herdeiro dos r

PRIMEIRA EDIÇÃO	SEGUNDA EDIÇÃO
nos d Portugal Castella, eam, e Aragã...	gnos d Portugal Castella, Leão, e Siçilia, Aragão...
em special do Patriarca em Arãda...	e em special do Patriarca Dalexandria e ê Arãda...
Cap. XXXV	Cap. XXXV — fol. 28
Nesta Angra foi Vasquo a gama cõ outros tres omês feridos de senhas zagaiadas, e ho negocio armou desta maneira...	Nesta Angra foi Vasquo da gama com outros tres homês ferido, e ho negocio se armou desta maneira...
	Fol. 2$ v.°
uando falam pareçe que aluçam, andão vestidos e pelles, e trazem suas aturas metidas em huas ainhas de pao muito bem bradas, que quasi se paecê com has bainhas de ao em que hos mareãtes olandezes, e os trelins tramnas facas com que cormm ha vianda. Suas casas io de adobes...	quãdo fallam pareçe que saluçam e andão vestidos de pelles. Suas casas sam de adobes...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. XXXVI	Cap, XXXVI—fol. 29 v.º
Hua das cousas que mais estimarã das que hos nossos levaram, foi pano de linho...	Hua das cousas que mais estemarão, das que lhe hos nossos mostravam, foi panno de linho...
usava graça, e fazia misericordia...	usava graça, e misericordia...
	Fol. 30.
de hua das quaes, hos da nao de Nicolau coelho viram sair sette...	de hua das quaes da nao de Nicolao coelho viram sair sette...
	Fol 30 v.º
Acabada ha merenda que lhes Vasquo da gama e hos outros capitães deram nas suas naos, a que tambê forã, cuidando que os nossos fossem mouros e que por serem de muito longe hos nam entendiam se nam hos lingoas que levavam, elles se despediram muito contêtes da companhia, e peças q lhes Vasquo da gama deu, e mandou aho Xeque ou	Acabada ha merenda, cuidando estes homês que eram hos nossos mouros, e que por serem de muito longe os nam entendiam se despediram muito contentes da companhia, e assi das peças que lhes Vasquo da gama deu, e mandou aho Xeque, ou capitam do lugar, que se chamava Çacocia...

Primeira Edição	Segunda Edição
apitam do lugar, que se hamava Çacocia...	
Cap. XXXVII.	Cap. XXXVII.— fol. 31.
a çinta hu traçado douro...	na cinta hu terçado douro...
Cap. XXXVIII.	Cap. XXXVIII--fol. 33 v.º
e cõ doze Homês dos nais vistosos...	e cõ doze homês dos melhor vistosos...
Cap. XXXIX.	Cap. XXXIX.--fol. 34. v.º
mantinha seu estado, mais que das rendas do Regno...	sostinha seu estado, mais que das rendas do Regno...
	Fol. 35.
Tanto que desembarcaram oguo ho Catual fez tomar vasquo da gama em hum andor...	Na mesma hora que vasquo da gama desembarcou ho fez ho Catual tomar em hum andor...
	Fol. 35 v.º
Deste modo cõmeçaram a caminhar indo hos Naires e hos nossos a pé aho redor dos andores...	Deste modo cõmeçaram a caminhar Vasquo da gama no seu andor, e ho Catual em outto, indo os Naires

Primeira Edição	Segunda Edição
	e hos nossos a pé aho redor dos andores...
Cap. XL.	Cap. XL.—fol. 36.
passante de tres mil...	mais de tres mil...
hos quaes sam todos de casas terreas...	que sam todos de casas terreas...
tanques daguoa. Em chegando...	tanques daguoa, ahos quaes em chegando...
Cap. XLI.	Cap. XLI.—fol. 37.
e pessoas de que elle muito confiava todos seus negocios e fazenda...	e pessoas de que elle confiava todos seus negocios e fazenda...
	Fol. 37 v.º
quomo lhe elle tinha dicto. Has quaes praticas, e outras muitas que tiveram acabadas...	quomo elle dizia. Has quaes praticas e outras que tiverão, acabadas...
Cap. XLII.	Cap. XLII.—fol. 38 v.º
Tem estes naires de moradia dos Reis de Malabar, duzentos reaes cada	Tê estes Naires de moradia dos Reis do Malabar çerta contia cada mes c

Primeira Edição	Segunda Edição
es, com que se mantem onestamente...	pode valer da nossa moeda duzentos reaes, com que se mantem honestamente...
em ho carpinteiro ferreiro e assi de todollos utros officios, de modo ue ham de morrer no fficio em que nasceram : os quaes offiçios vem or soccessam de pai a lho e se hu destes vem er amizade com molher ue nam seja da geraçam e seu officio...	nem ho carpinteiro ferreiro, e assi todolos outros, de modo que ham de continuar nos officios de seus pais, e avós, e se hu destes vem a ter amizade com molher que não seja da geração de seu officio...
	Fol. 39.
egundo ha calidade da ercadoria, do qual treuto que he quomo corctagem, pagam ho mannento a estes tres offiaes que lhes elRei dá. a çidade se acha todo genero de mercadoas...	segundo a qualidade da mercadoria. Na çidade se acha todo genero de mercadorias...
verdadeira amizade q om nosco sempre teve...	e verdadeira q com nosco sempre teve...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. XLIV.	Cap. XLIV. — fol. 41
está situada hua legoa de terra firme...	está situada junto da ter ra firme...
Cap. XLV.	Cap. XLV.—fol. 43 v.º
com donna Beatriz de mello, filha de dom Alvaro...	com donna Beatriz de Vi lhena, filha de dom Al varo...
Conde que fora de Oli vença e has vodas se fezeram em Lisboa...	Conde que fora de Oli vença, quomo na terçeir parte desta chronica s mais per extenso relata e has vodas se fereran em Lisboa...
Cap. XLVI.	Cap. XLVI.—fol. 44.
ho que feito partio de Castella no fim do mes Doctubro...	ho que feito partio da çi dade de Grada no fim d mes Doctubro...
	Fol. 44 a 44 v.º
de Moura. Has pessoas que elRei mandou pera ha receberê, foram ho Duque de Bragãça, dom Jaimes seu sobrinho, que	de Moura. Ha pesso prinçipal que ha acõpa nhou atte ha arraia d Portugal foi dõ Diogo fur tado de mendoça Arçe

Primeira Edição	Segunda Edição
evava procuraçam pera na entregarem e dom Affonso Bispo Devora, e dom Francisquo coutinho Conde de...	bispo de Sevilha, Patriarca de Alexãdria. Hos que elRei mandou pera ha irem reçeber foram dõ Jaimes Duque de Bragãça ha quem a ho Patriarca entregou, por pera isso levar procuração, hos outros foram dom Alvaro, e dom Afonso Bispo Devora seus tios, e dom Rodriguo de mello q depois foi conde de Tentugal, e Marques de Ferreira, filho mais velho do dito dom Alvaro sendo ainda moço de pouqua idade, e dom Francisquo coutinho Conde de...
destes regnos. Ha primeira merce que el-Rei fez notavel depois que caiou com ha Rainha donna Maria, foi a Rui de sande, por lhe gratificar ho serviço que lhe fezera neste casamento, aho qual deu titulo de dom pera elle e todos seus descendentes. .	destes regnos. Despois dal Rei ser casado fez merce a Rui de sande pelos serviços que lhe fezera neste casamento d titulo de Dom, per elle, e pera todos seus descendentes...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. XLVII.	Cap. XLVII. — fol. 45.
pera ho que mandou screver toda ha gête que no Regno havia de guerra, pera desta tomar ha que lhe fosse neçessaria, ho qual lhe trouxeram nomeadamente de todollos fidalgos, cavaleiros, scudeiros, vassallos, piães, de que se podia servir em feito de guerra, de que elle mesmo ellegeo somente vintaseis mil homês, que lhe abastavam pera sua empresa...	pera ho que mandou screver toda ha gente que no regno havia de que se podia servir em feito de guerra, dos quaes todos ellegeo vintaseis mil homês, que lhe abastavam pera sua empresa...
Cap. LI.	Cap LI. — fol. 48
pera ficar por fronteiro á çidade de Ouram...	pera ficar por frõteira na cidade de Ouram...
homês que em seu trajo pareciã todos nobres, acõpanhados de pionagem. Hos quaes deram...	homês que em seu trajo pareçiam nobres hos quaes deram...
Cap. LII.	Cap. LII. — fol. 48 v.°
Partido dom Joam de Mezalquibir...	Partido ho conde de Mezalquibir...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. LV.	Cap. LV. — fol. 51 v.º
mas achou hos tam barbaros, q por allê de nam haver lingoa que hos entẽdesse, nê per açenos saberê dar sinal...	mas achou hos tam barbaros, que allê de nam haver lingoa que hos entendesse, nê per açenos sabiã dar sinal...
Cap. LVI.	Cap. LVI. — fol. 52.
(Epigraphe)	*(Epigraphe)*
terra de sancta Cruz a que cõmumente chamão do Brazil, e costumes...	terra de sancta Cruz, e costumes...
	Fol. 53. v.º
que lhe nasceo. He costume entrelles (hos que sam casados) levarem a virgindade ás sobrinhas de suas molheres, ho que dizem lhe pertençer por parte das mesmas suas molheres, por ser tudo hum sangue. Hos paes...	q lhes nasceo... Hos paes...
	Fol. 54.
tão grossos que has frechas embaçam nelles, sem	tão grossos que has frechas embaçam nelles, mas

Primeira Edição	Segunda Edição
poderem passar: mas estes frecheiros...	estes frecheiros...
	Fol. 54. v.º
e baillar, aho cabo dos quaes levam o captivo...	e baillar, ho que feito levam o captivo...
Cap. LVII.	Cap. LVII. — fol. 55 v.º
se armou hum bulcão e tras elle hua trovoada com tamanha tormenta, e tam de subito...	se armou hum bulcão e tras elle hua trovoada com tanta força de vento, e tam de subito...
Cap. LVIII.	Cap. LVIII. — fol. 57 v.º
mandou dar muito boa, e dados sobrisso outra vez arrefês, ordenou que Aires correa se fosse a terra...	mandou dar muito boa, pelo que ordenou Pedralvrez que Aires correa se fosse a terra...
	Fol. 58. v.º
e das façanhas que fez se dira aho dianie...	e das façanhas que fez na India, e em outras partes se dira aho diante...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. LIX.	Cap. LIX. — fol. 58 v.°
sem ho elle, e seus offiçiaes...	sem ho elle, ou seus offiçiaes...
	Fol. 59.
e atras elle outros seus acheguados...	e apos elle outros seus acheguados...
Cap. LX.	Cap. LX.—fol. 59 v.°
apar de hu rio que ha faz em ilha, e se mete no mar junto della...	apar de hum rio que se mette no mar junto della, e ha faz em ilha...
	Fol. 60
Lourenço moreno, e Bastiam alvrez...	Lourêço moreno, e Sebastiam alvrez...
	Fol. 60 v.°
e quinhentos e hum, levando consigo hos dous Naires de cochim. Ha çidade de Cananor he grande...	e quinhentos e hum. Ha qual he grande...
Cap. LXI.	Cap. LXI. — fol. 61 v.°
Dam Jaimes Duque de	Dom Jaimes Duque de

Primeira Edição	Segunda Edição
Bragança filho do Duque dom Fernãdo, a quem el-Rei dom Emanuel, quomo atras fica appontado restituio todollos bês da coroa q seu pai perdera, foi homem prudente...	Bragança filho do Duque dom Fernando, foi homẽ prudente...
e á Duquesa dõna Isabel sua mai, casou em idade de...	e á Duquesa dõna Isabel sua mai, posto que naquelle tempo andasse muito doente de humor malêconico casou em idade de...
com donna Leonor de Gusmão, filha legitima de dom Joam de Guzmã...	com donna Leanor de mendoça, filha legitima de dom Joam de Guzmam...
	Fol. 62.
e dõna Isabel q casou cõ ho Infante dõ Duarte filho delrei dõ Emanuel, ha qual Duqueza dõna Leanor elle matou ás punhaladas com hum seu page de sobrenome Alcoforado, com quem tinha suspeita que lhe fazia adulterio, e	e donna Isabel que casou cõ ho Infante dom Duarte filho delRei dom Emanuel. Depois da morte da qual senhora oito annos, elle se casou...

Primeira Edição	Segunda Edição
acabo doito annos se casou...	
com hua dama muito fermosa...	com hua dama fermosa...
de que houve filhos e filhas, ha qual senhora ainda vive....	de que houve filhos e filhas .s. dom Jaimes que faleceo solteiro, dom Constantino que foi camareiro mór delRei dom João terceiro, e viçerei da India, dom Fulgençio que he clerigno, dom Theotonio tambem clerigno, e vive com elRei dom Phelippe de Castella, donna Joanna que casou ê Castella cõ ho marques Delche, filho herdeiro do duque de Maqueda, donna Eugenia que casou com dõ Françisquo de Mello cõde de Tentugal, filho herdeiro de dom Rodrigo de mello, marques de Ferreira, donna Maria, e dõna vinçencia ambas freiras professas: ha qual senhora ainda vive...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. LXII.	Cap. LXII. — fol. 62
Julho de mil e quinhentos e dous...	Junho de mil e quinhentos e dous...
e ha rainha dõna Leanor. Ho padrinho foi...	e ha rainha dõna Leanor sua irmam. Ho padrinho foi...
	Fol. 62 v.º
e George daguiar: mas do que nesta viagem passaram nam achei cousa nenhua por lembrãça de que me podesse ajudar, pera screver ho que lhes nella aconteceo...	e George daguiar, pera irê sobella villa de Targa donde tornaram desbaratados com perda dalgua gente que deixaram morta, e outra q trouxeram ferida...
Cap. LXIII.	Cap. LXIII. — fol. 63. v.º
amanheceo ha barra de Cananor çercada destes paráos, e doutras naos...	amanheceo a terra de Cananor çercada destes paráos, e doutras naos...
Cap. LXVIII.	Cap. LXVIII. — fol. 66 v.º
Viçente sodre tio de Vasquo da Gama...	Vicête sodre, tio de dõ Vasquo da gama...
tendo elRei já dado a dom Vasquo da gama ti-	tendo elRei dado a dom Vasquo da gama, pouquo

Primeira Edição	Segunda Edição
tulo Dalmirante do mar da India pouquo antes que partisse. Allê destas...	antes que partisse titulo dalmirante do mar da India, por lhe gratificar hos serviços que lhe tinha feitos, e sperava que lhe fezesse nesta viagem. Allem destas...
	Fol. 67.
e mortos passantes de trezentos...	e mortos mais de trezentas...
Cap. LXIX.	Cap. LXIX.— fol. 68 v.°
hos quaes afferrarã duas naos dos Mouros...	hos quaes afferrarão das naos dos Mouros...
passãte de trezêtos...	mais de trezentos...
	Fol. 69.
Acharãsse nestas duas naos alguas mercadorias de preço...	Acharãsse nestas duas naos alguas cousas de preço...
do tamanho da roda de hum cruzado, q resplandeçia quomo hua brasa bem açesa. Despejadas...	do tamanho da roda de hu crusado. Despejadas...
e Bastião alvres...	e Sebastião alvres...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. LXXII.	Cap. LXXII. — fol. 71
ho que feito partio Darzila com obra de duzentas lanças...	ho que feito partio Darzilla com duzentas lanças...
Cap. LXXVII.	Cap. LXXVII. — fol. 76.
Destas seis naos, quomo atras fica dito fez duas capitanias, das quaes deu a hua ha Afonso dalbuquerq, de cujos memoraveis feitos, e façanhas se trattará aho diante: hos ontros dous capitães q ihã debaixo da sua bandeira forã Duarte pachequo pereira, de quê atras fallei, e fallarei aho diante, quomo de pessoa a quê todo bom cavalleiro pode haver enveja: ho terceiro era Fernão...	Destas seis naos, quomo atras fica dito fez duas capitanias, das quaes deu hua Afonso dalbuquerque, hos outros dous capitães q iham debaixo da sua bãdeira erão Duarte pachequo pereira, de quê atras fallei, e fallarei aho diante, ho terceiro era Fernão...
	Fol. 76 v.º
embaixada aho Emperador, e rei dos Abexis...	embaixada aho Emperador da Ethiopia, e Rei dos Abexis...
e ho mesmo lhe cõtou el	e ho mesmo lhe contou

Primeira Edição	Segunda Edição
Rei de Cananor, pello q, vendo q de sua chegada a Cochi havia neçessidade, se fez logo á vela, onde chegou hu sabbado dous dias de Septembro, do q elRei de Cochim, que ainda estava ê Vaipim...	el Rei de Cananor, pelo que se fez loguo á vela pera Cochim, onde chegou hum sabbado dous dias de Septembro, do que elRei que ainda estava em Vaipim...
e sobre todos, hos nossos, q a olhos lõgos...	e sobre todos, e hos nossos, q a olhos lõgos...
no dia q ha nossa armada chegou has desempararão, fogindo pera Cranganor, por lho assi ter mãdado elRei de calecut...	no dia que ha nossa armada chegou, se acolheo pera Cranganor, por lho assi ter mandado dizer elRei d Calecut...
Cap. LXXVIII.	Cap. LXXVIII. fol. 76 v°
cõmeçarão de novo cõtinuar na guerra contra elRei d Calecut: indo cõ sette çêtos Portugueses, e algus Naires del-Rei de Cochim sobre huas povoações...	começaram de novo cõtinuar na guerra contra elRei de Calecut, fazendo loguo sua entrada com sette çentos Portugueses, e algus Naires delRei de Cochim pera irem sobre huas povoações...

Primeira Edição	Segunda Edição
	Fol. 77
por virem sobrelles passante de seis mil naires...	por virem sobrelles seis mil Naires...
Cap. LXXX.	Cap. LXXX. — fol. 78.
q faz cada bahar quatro quintaes do nosso peso, e q nenhum Mouro...	q faz cada bahar tres quintaes, tres arrobas, e dezoito arratês de nosso peso, e de qualquer outra mercadoria quatro quîtaes e que nenhu Mouro...
Cap. LXXXI. (*Epigraphe*)	Cap. LXXXI.—fol. 78 v.º (*Epigraphe*)
e do que passou atte tornar aho Regno...	e do que passou atte la chegar...
	Fol. 79.
pra mesma çidade de Zamzibar...	pera Zamzibar...
Cap. LXXXIII.	Cap. LXXXV.—fol. 83
chegou ao passo de Cambalam, onde fez feitos, e proezas tanto despantar, quanto do discurso dellas	chegou ao passo de Cambalam...

Primeira Edição	Segunda Edição
se aho diante poderá ver...	
Cap. LXXXIV.	Cap. LXXXIII—fol. 80 v°
ho q sabido armou quatro caravelas que estavam no arreçife, e com ha gente q lhe era neçessaria partio Darzilla ahos...	ho q sabido armou tres caravellas que estavam no arreçife, e com outras tres de que era capitão Garcia d Mello, anadel mor dos besteiros da faldrilha que andava neste tempo no estreito partio Darzilla ahos...
	Fol. 80 v.°
e aho outro dia amanheceo sobela barra de Larache, junto com ho baluarte...	e aho outro dia amanheceram elle, e Garcia de Mello sobela barra dc Larache, junto com ho baluarte...
	Fol. 80 v.° a 81.
mandou recolher hos seus, e se saio do rio a seu salvo...	mandou recolher hos seus, e ho mesmo fez Garçia de mello, e assi se sairam do rio a seu salvo...
cõ ha qual victoria, pos	cõ ha qual victoria, pos

Primeira Edição	Segunda Edição
muito espãto ahos mouros...	dom João muito espanto ahos mouros...
e assi se veo Arzilla, onde entrou no arreçife com doze velas, partindo da villa com quatro. Com esta nova foi elRei dom Emanuel mui alegre...	e assi se veo Arzilla, onde entrou no arreçife com onze velas, partindo da villa com tres, e Garcia de Mello ficou no mar com has suas tres caravellas guardando o estreito quomo ho dantes fazia. Com esta nova foi elRei dom Emanuel muim alegre...
Cap. LXXXV.	Cap. LXXXIV. fol. 81 v.º
com has quaes alando, suxando passou ha outra barqua, e toda a gente, com has...	cõ has quaes allãdo, e suxando passou toda ha gente, com has...
e captivaram quasi sessenta almas...	e captivaram sessenta almas...
Cap. LXXXVI.	Cap. LXXXVI. — fol. 84
tirando muitas bombardas, com que davam muito trabalho ahos nossos...	tirando muitas bombardas, com que davam asas de trabalho ahos nossos...
terem hos nossos mortos	terem hos nossos mortos

Primeira Edição	Segunda Edição
›assante de trezentos, e inquoêta homês conheçi-os...	trezentos, e çinquoenta homês conhecidos...
Cap. LXXXVIII.	Cap. LXXXVIII fol 86 v.°
ocorrer ás caravellas.)uarte pachequo quando hegou aho passo d Pa-ıst...	socorrer ás caravellas, mas quando já chegou aho passo de Palust...
	Fol. 87 v.°
assante de doze...	doze...
Cap. LXXXIX.	Cap. LXXXIX fol 87 v.°
ia çerto, em que lhe afir-ıarã q haveria victoria...	dia çerto, affirmandolhe que nelle haveria victoria...
	Fol. 88 v.°
om ha artilharia, de mo-o q hos inimigos...	cõ ha artelharia, de maneira q hos imigos...
iros dartilharia: pello que e logo renovou ha pele-a...	tiros dartelharia, pelo que se renovou ha peleja...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. XC.	Cap. XC fol. 89 v.º
ha terra ser baixa, e apaulada se cavava com pouca dificuldade...	ha terra ser baixa, e apau lada se achavão com pou qua dificuldade...
Cap. XCI.	Cap. XCI. fol. 90 v.º
e munições de guerra q pera isso mandára fazer em grande abastãça, vir buscar Duarte pachequo...	e munições de guerra pera isso mandára faze vir buscar Duarte pache quo...
	Fol. 91
(q já tornara ás caravelas è hu catur)	(que já tornara ás carave las no catur)
	Fol. 91 v.º
em que já começava de sobir a reponta da maré...	em que já começava h reponta da maré...
Cap. XCIII.	Cap. XCIII. fol. 92 v.º
Ha primeira cousa notavel que neste anno de M. D. V. se fez neste regno foi ha armada...	Ha primeira cousa nota vel que se neste anno M. D. V. em que agora en tramos, fez neste regn foi ha armada...

Primeira Edição	Segunda Edição
	Fol. 93.
da rainha donna Isabel is de Castella e Aram, per caso...	e da Rainha donna Isabel Reis de Castella Aragam e Siçilia, per caso...
	Fol. 93. v.°
ça Deos seu imperio te perpetuo...	Faça Deos seu imperio perpetuo...
	Fol. 94.
ipta a xxij dias do mes Septembro.	scripta a xxij de Septembro.
Cap. XCIV.	Cap. XCIV. fol. 95.
Rei Dom Emanuel foi uralmête cobiçoso de ra, e deixar de si meria, do que movido, meçou neste anno...	El Rei dõ Emanuel foi naturalmête amador de honrra, e desejoso deixar de sim memoraria, e boas leis, e foros a seus sugeitos, e vassallos, do que movido começou neste anno...
creçentar nellas alguas sas que lhe pareçerão essarias. Mas por es- que enadeu serem	e acreçentar nellas alguas cousas que lhe pareceram neçessarias, e assi fez por serviço de Deos hua obra

PRIMEIRA EDIÇÃO

muitas dellas em seu proveito, acreçentando ahos direitos que se pellas antiguas ordenações, e artigos das sizas pagavã ahos Reis outros maiores, lhe nam foi bem julgado, comtudo porque ho que ordenou foi per conselho e parecer de letrados, podesselhe relevar parte da culpa, e dobrala ahos q lhe houverã e deverã daconselhar ho contrairo, e tinhã obrigaçã per juramento de seus cargos, e offiçios, de ho fazer, porque destes taes homês, e da verdade que deve de trattar, depêde ha hourra e fama dos Reis, e bõ governo de seus regnos, e estado: mas posto que na parte do adquirir, se lhe possa dar algua reprehensã, foi tam vigilante nas cousas q tocavam aho Ecclesiastico, e serviço divino, que se lhe pode levar ê conta toda ha culpa que lhe derê do desejo que tinha dajutar muitos

SEGUNDA EDIÇÃO

digna de muito louvo
ha ql se começou nes
mesmo anno q foi ma
dar q se fezessem h
tombos de todalas cape
las, spritaes, albergaria
instituiçoes, e gafari
dstes regnos, pera
que se fezeram grand
diligençias em tirar inqu
rições, pera se saber dis
a verdade. Hos quaes ex
mes feitos e acabados.

PRIMEIRA EDIÇÃO	SEGUNDA EDIÇÃO
nais bês á corôa destes Regnos, do que fez em quanto viveo porque de suas rendas despendia cada anno grande parte em esmollas, e obras pias, e dificar, e repairar igrejas, e mosteiros, villas, castellos, e fortalezas, e fazer guerra ahos mouros: allê do que fez por serviço de Deos hua obra digna de muito louvor, que foi mandar que se fezessem os tombos de todallas capellas, spritaes, alberarias, instituições, e garias destes regnos, obra que se commeçou neste anno de M. D. V. pera o que mandou fazer grandes diligencias, e tirar inquirições pa se saber disso ha verdade. Hos quaes exames feitos e acabados...	
	Fol. 95 v.º
propriedades, foros, e rêdas, e quaesquer outras	propriedades, foros, rendas, e obrigações que se

Primeira Edição	Segunda Edição
obrigações que se tinham, e deviam a estas casas, e capellas, de que mandou fazer de cada hu seu livro, hu pera ficar em mãos dos administradores, e outro pera se lançar na torre do tombo do Regno: mas destes mui pouquos...	tinham a estas casas, capellas, de que mand fazer de cada hum do livros, hum pera ficar n cartorios das mesmas c sas, e outro pera se lãç na Torre de tombo Regno, mas destes mui pouquos...
Rainha que fora de Castella e Leão de cuja real pessoa, e de seus infortunios tenho scripto na chronica do pricipe dõ Joã: ordenou que se viesse de Santarem...	Rainha que fora de Ca tella e Leão, se quer tornar secretamente pe hos ditos regnos ordenc que se viesse de Sant rem....
fazer disso mais declaraçam...	fazer disso mais declar çam, da qual senhora, de seus imfortunios tenh trattado asaz per exten na Chronica do Princi D. Joam, Rei que foi de tes Regnos, segundo nome...
No mesmo anno de M. D. V. per consentimento...	Neste mesmo ãno de M. V. per consentimento...
polla não poder soster: e	pola nam poder soster,

Primeira Edição	Segunda Edição
el Rei lhe fez por isso merce, e ho satisfez á sua võtade. Neste anno...	el Rei lhe fez por isso merce. Neste anno...
se tornaou aho regno p mar, e dpois de chegar a Lisboa, q foi...	se tornou aho Regno per mar, depois da chegada do qual a Lisboa, que foi...
Cap. XCVI.	Cap. XCVI —fol. 96 v.º
mil, e duzêtos homês...	mil e duzêtos soldados...
atte ho porto de Anchediva...	atte ha ilha de Anchediva..
Cap. XCVII.	Cap. XCVII — fol. 97 v.º
dando-lhe logo Lopo Soares hum presente de dinheiro, e outras joias que lhe elrei dom Emanuel mãdava, por saber que ficára pobre, e empenhado das guerras que por seu serviço tivera com el-Rei de Calecut. Isto feito...	dando-lhe logo Lopo Soares hum presente que lhe elRei dom Emanuel mandava. Isto feito...
	Fol. 97 v.º a 98
darem do subito na Ilha	darem de subito nas terras

Primeira Edição	Segunda Edição
de Cochim, e cõtinuarem de novo na guerra q tinham com elRei. Sobristo teve conselho cõ ho mesmo Rei, e...	delRei de Cochim, e co tinuarê de novo na guer que tinham com Lo Soarez. Sobristo teve el cõselho com o mesmo R e...
	Fol. 98.
(posto q cõ muito trabalho e resistencia) mattando algus...	(posto q cõ muito trab lho) mattando algus...
de Calecut, hos quaes (posto que resistissem hum bom pedaço) deixarão ho campo...	de Calecut, hos quaes d pois de se defendêrem h bom pedaço deixaram h campo...
sairam das casas onde estavam escondidos algus dos christãos que alli moravam...	sahiram das casas alg Christãos dos que alli m ravam...
Cap. XCVIII.	Cap. XCVIII fol. 98 v.
Cranganor he hua çidade grande, situada na terra do Malabar...	Esta çidade de Crangan he grande, situada na ter do Malabar...

Primeira Edição	Segunda Edição
	Fol. 99.
depois das quaes lhe fasem do saimento...	depois dos quaes lhe fazê ho saimento...
	Fol. 100
Has quaes taboas forã carregadas...	Estas taboas forão carregadas...
Ho treslado destas taboas mãdou Pero de sequeira...	ho treslado das quaes mandou Pero de sequeira...
Cop. XCIX.	Cap. XCIX fol. 100 v.º
e serviço q fezera a ElRei de Portugal, cuja amizade lhe mandava pedir, pera elle, e seus vassalles lhe serem sugeitos, e se poerem á sua obediencia, na qual ho Lopo Soares logo recebeo. E por lhe estes embaixadores...	e serviço q fezera a elRei de Portugal, pedindo-lhe ajuda contra seu imigo. E por lhe estes embaixadores...
	Fol. 101
com lhe mattarem xxv homẽs Portugueses...	com lhe mattarem xv homẽs Portugueses...

Primeira Edição	Segunda Edição
Cap. CI.	Cap. CI — fol. 103.
per caso da peste...	por caso da peste...
	Fol. 103 v.º
foi pollo nã querer deixar passar em Africa a fazer guerra ahos Mouros, no qual requerimêto trabalhou muito, e por muitas vezes sê lho el Rei querer conçeder. Este desejo de fazer guerra ahos infieis...	foi polo não querer deixar passar em Africa a fazer guerra ahos Mouros, nem a India, tendo assentado com hos do seu cõselho que pera esta viagem lhe armassem sessenta naos, ho apercebimêto das quaes se começou de fazer com muita diligencia: mas per algus respectos se não acabou de poer ê obra este tão honrroso negoçio, nos quaes requerimentos trabalhou muito, e por muitas vezes, sem lho elRei querer conçeder. Esta vontade de fazer guerra ahos infieis...

Primeira Edição	Segunda Edição
	Fol. 104
Este valeroso Prinçipe se foi secretamête da corte cõ preposito de per nenhu modo tornar aho regno...	Este valeroso Prinçipe se foi hua noite secretamente da corte que então estava em Evora cõ proposito de per nenhum modo tornar aho regno...
e por não ir com ho aparato que convinha a sua real pessoa: com tudo respeitando a quantas vezes lhe negara o effeito de seus valerosos, e altos pensamentos, mãdou logo tras elle dõ Antonio dataide primeiro conde da Castanheira, que ho alcançou ainda em Arrõches, por quem lhe mandava liçença pera proseguir no que tinha começado, e credito...	e por não ir com ho apparato q cõvinha a sua real pessoa. Quomo se na corte, e pelo Regno soube da partida do Infante algus senhores, e fidalguos ho seguirão sem pedirem licença a el Rei, e outros lha vierão pedir, dos quaes foi hum dom João de lãcastre, Duque Daveiro, que de Setuval se veo pela posta a Evora, mas por muito que nisso insistisse elRei lha não quiz dar, appontando-lhe razões muim efficaçes, com que ho divertio do pensamento com que vinha. Dos que se forão sem liçêça foi ho Duque de Bragança dõ Theodosio, ho

Primeira Edição	Segunda Edição
	qual ou que ho Infante tivesse cõmunicado com elle esta sua ida, ou com desejo que teria de se achar em hum tal, e tão honrroso feito de guerra, se partio de madrugada Devora seguindo ha via que o Infante levava, ho qual achou em Aronches. ElRei na mesma hora q soube da ida do Infante, e do Duque, despachou dom Antonio de ataide primeiro Conde da Castanheira, pelo qual, havendo respeito a quantas vezes negara aho Infante ho effecto de seus altos, e valerosos pensamêtos, lhe mandou liçença pera proseguir no que tinha começado, e credito...
per cujo conselho ho Emprador passou adiante. E porq acreçente mais a seus louvores, direi aqui ho que sobre sua real pessoa per minhas mãos passou. Elrei dõ Joam terçeiro...	per cujo conselho ho Emperador passou diante. E tornando aho negocio a que foi ho cõde da Castanheira, el Rei lhe deu hua carta de crença pera ho Duque de Bragança, e lhe mandou por elle dizer

PRIMEIRA EDIÇÃO

SEGUNDA EDIÇÃO

q não passasse adiante; do que ho Duque ficou bê agastado, e screveo hua carta a el Rei, na qual lhe mandava muim afincadamête pedir licença pera acompanhar ho Infante, e ho servir nesta viajem, a esta carta respondeo elRei com outra scripta de sua propria mão de que ho theor de verbo ad verbam he ho seguinte. Honrado Duque sobrinho, amigo que muito amo, e prezo, se me não parecera muito meu serviço mãdarvos tornar, por vos tirar da grande pêna que sei que cõ isso recebereis, folgava de vos dar ha liçença que me pedis, mas porq me ei por mais servido de vós em vos tornardes, vos roguo muito que vos desaguasteis, e folgueis de vos tornar pois que eu ho ei por melhor porq çerto he que sempre havels de haver por mór voss honrra, e ter mór contentamento do

Primeira Edição	Segunda Edição
	que virdes, que ei por mais meu serviço, nem eu me posso haver por servido de vós, se não do que mais nossa honrra for, e por isso vos encomendo, e mando que loguo vos torneis: de minha mão, Devora ahos xv de Maio M. D. XXXV. Tâto que ho Duque reçebeo esta carta sem mais replicar á vontade delRei mãdou a seus offiçiaes que quinze mil cruzados com que se então alli achava offereçessem ahos fidalguos, e cavalleiros que iham com ho Infante, e dessem a cada hum segundo a calidade de sua pessoa, ho que algus acçeptaram, e elle se foi a villa viçoza, e dahi a Evora, onde lhe elRei fez bõ gazalhado, e mostrou levar muito contentamêto de sua tornada, e lhe deu particularmête muitas razoes per que se movera aho não deixar ir com ho Infante, de que ho

Primeira Edição	Segunda Edição
	Duque se teve por satisfeito, e lhe beijou por isso ha mão, reçebendo ha boa vontade, e amor q lhe elRei tinha por hua grãde merce. E porque acrecente mais ahos louvores do Infante direi aqui ho que sobre sua real pessoa per minhas mãos passou. ElRei dom João terçeiro...
	Fol. 105
per nome dõna Bona, filha de Joam Galeaço esforçia duque d Milão...	per nome donna Bona, filha de Galeaço esforcia duque d Milão...
Cap. CII.	Cap. CII fol. 105 v.º
Pello que nos dous capitulos seguintes, que sam nos derradeiros desta primeira parte...	Pelo que nestes dous capitulos que sam hos derradeiros desta primeira parte...
	Fol. 106 v.º
triste, e anojado. Pello que, pera se prover em tamanha...	triste, e anojado, pelo que, pera se prover em tamanha...

Fim das variantes e differenças notaveis

Capitulo 23 da terceira parte

DA

CHRONICA D'EL-REI D. MANOEL

Extracto do artigo do MUSEU PORTUENSE (*pag. 2*), *que precede a publicação do cap. 23 da chronica d'el-Rei D. Manoel.*

.....Mostraremos a Damião de Goes, que em veracidade, independencia d'espirito, e desinteresse, a nenhum dos nossos Chronistas cede, não sómente dependente do Governo por seu cargo, mas ainda mais pela concessão de favores pecuniarios pedidos: vê-lo-hemos soffrendo que a politica d'estado lhe mutile um capitulo da Chronica que elle escrevera de D. Manoel, em quanto que a lisonja dissatisfeita com os elogios menos servis que elle tributara ao Cardeal D. Henrique, a quem endereçou esta sua Chronica, ousava substi-

tuir a outro capitulo seu um longo e florido discurso, que mal se quadra com a severidade do nosso Historiador, e, receamos, ás vezes, com a verdade.

Os documentos que apresentamos são originaes, e julgamos que, bem que conhecidos d'alguem, vem a luz publica pela 1.ª vez. Encontramol-os n'uma collecção de papeis existentes na Biblioteca Publica Portuense, que alem de varios, curiosos e importantes autographos, contém grande numero de *normas* ou rascunhos, para cartas regias e instrucções expedidas durante a minoridade d'elRei D. Sebastião. Destes papeis alguns tem sido publicados; outros ainda não o forão, mas bem merecem sê-Io, porque lanção consideravel luz sobre a historia secreta daquella minoridade.

O rascunho da carta regia, que em primeiro logar appresentamos, julgamos traçado pela mão de Pedro d'Alcaçova Carneiro, Secretario d'Estado, que o remetteu a Pantaleão Rebello, Escrivão da Camara d'el-Rei para o trasladar a limpo. — E' facil o verificar que a data devêra ser 1566 ou 1567; e é mui verosimil que a carta enviada fosse assignada pela Rainha D. Catherina, que ainda que já não era regente, governava com tudo na casa e pessoa d'elRei seu Neto.

«Damião de Goes. Vi a carta que me escrevestes em que me pedis vos faça mercê de vos mandar emprestar mil crusados pera se acabar a impressão da Chronica d'el Rei D. Manuel, ou aja por bem que os volumes que sam impressos se dem nas moradias, ou nos soldos da gente da India. E quanto a isto parece-me que seria de grande incoveniente pelo que não (o) hei por bem. E quanto ao emprestimo porque as

necessidades de minha fazenda não dão lugar a poder ser todo, hei por bem de vos mandar emprestar 500 crusados, com os quaes vos deveis remediar e acabar a dita impressão.

«Vi os capitulos que me enviastes assim o que falla no Cardeal Infante meu tio como o que toca ás cousas d'el Rei Dom Fernando. No do Cardeal mandei emendar o que vereis, e no d'el Rei Dom Fernando mudar o que tambem vereis pelo caderno que com esta vai, conforme ao qual o fareis lançar em seu lugar.»

Seguem-se os 2 capitulos a que se refere esta Carta Regia, que vem a ser os Capitulos 23 e 27 da 3.ª Parte da Chronica d'el-Rei D. Manuel. O autographo é de letra clara e intelligivel, como varios manuscriptos que temos visto de Damião de Goes, mas o texto original foi emendado, conforme se quiz, por interlineações e traços, de uma mão que nos parece ser do Dr. Antonio Pinheiro, Bispo de Miranda, que então figurava no Conselho d'Estado.

. . . . . .

CAP. 23. Do Concilio que o Papa Julio ordenou em Pisa, e liga que fez com o Imperador Maximiliano, el-Rei Dom Fernando, e Suissos, contra el-Rei de França e Venezeanos e dos tractos que el-Rei Dom Fernando moveo com el-Rei de Fez e Molei Ale Barraxa e causas porque não passou em Africa, e recados que mandou a el Rei Dom Emanuel pedindo-lhe a Rainha Dona Joanna Excellente Senhora para casar com ella, e d'outras particularidades.

Neste anno de 1511 ordenou o Papa Julio Segundo concilio na cidade de Pisa, e porque nelle era necessario tratarem-se cousas que tocavão a algumas differenças que havia em Hespanha entre o estado ecclesiastico e o secular, el-Rei Dom Fernando mandou sobre este negocio a el-Rei Dom Emanuel Lopo Furtado de Mendonça, com cartas de crença, para com elle assentar o modo que se nisso havia de ter: sobre o que el-Rei Dom Emanuel mandou a Castella Joanne Mendez de Vascogoncellos, e assim sobre uma liga secreta que el Rei Dom Fernando tinha feito com mouros mui prejudicial a estes reinos, na qual procedia com muita instancia pelo modo que se segue. Havia neste tempo um fidalgo em Castella per nome Dom Pedro o bastardo: este por ser pessoa de qualidade foi em parte causa das grandes desavenças e desconcertos que houve entre Dom Philippe Archiduque d'Austria, e senhor dos estados de Flandres, e el-Rei Dom Fernando seu sogro, por razão dos quaes desconcertos este Dom Pedro, com medo d'el-Rei Dom Fernando, por lhe nelles ter feito deserviços se lançou em terra de Mouros, onde andou algum tempo em caza de Molei Ale Barraxa, que entre os mouros era um grande senhor; per cujo meio houve este Dom Pedro Perdão d'el-Rei Dom Fernando, e se veio para Castella com algumas instrucções de Ale Barraxa para el-Rei Dom Fernando, em que se continha, que promettendo lhe de vir sobre o reino de Fez, elle o ajudaria com condição que, tomando o reino o fizesse a elle Rei, e que, vindo o negocio ao fim que desejava, elle queria ficar seu tributario, e obedecer em tudo aos reis de Castella. Deste recado lançou el-Rei Dom Fernando mão, e sem se lembrar da fé e amizade que era obrigado man-

ter aos reis de Portugal assím por virtude das capitulações das pazes confirmadas por elle mesmo e pela rainha Donna Isabel de Castella sua mulher já defunta como polo grande devido que entre elles havia, amor e obediencia que lhe el-Rei Dom Emanuel tinha, fazendo delle conta como de pae, determinou de pôr este negocio em obra e se fazer rei de Fez, posto que pelas demarcações feitas entre os reis de Castella e Portugal, ficasse este reino na conquista e demarcarções d'estes reinos, e para effeituar este negocio tornou a mandar este Dom Pedro com cartas de crença para Molei Ale Barraxa, e para mor dissimulação levou outras para Molei Mafamede, com as quaes cartas e instrucções foi ter a Alcacer-ceguer com cartas de encommenda de Dom João da Fonseca, Bispo de Palença, para Dom Rodrigo de Souza que então era capitão daquelle lugar, pedindo-lhe que lhe desse modo para poder passar em Fez, por quanto hia outra vez fugido do reino, por caso das desavenças d'entre el-Rei Dom Fernando e el Rei Dom Philippe seu genro em que o culparão.

Dom Rodrigo que era sagaz, suspeitoso deste messageiro o deteve alguns dias sem lhe dar aviamento para passar adiante, e entre praticas que tiverão achou que suas palavras não concertavão bem, pelo que fez tanto, que por manha houve ás mãos as cartas, e instrucções que levava em cifra, de que logo mandou o treslado a el-Rei Dom Emanuel, e ao Dom Pedro, para mais dissimulação deixou ir com seu recado. Continha-se em summa nos apontamentos que este Dom Pedro levava para Molei Mafamede Rei de Fez, que se fizesse vassallo d'el-Rei dom Fernando com tributo de mil dobras zeinas, e lhe desse scala franca de todas as mercadorias que fossem de seus reinos para os

de Fez, e que no dito reino de Fez não entrasse outras outras mercadorias senão as que el-Rei Dom Fernando lá mandasse, de que os queria prover em abastança em navios seus proprios, e que para segurança dos navios e morcadorias lhe desse arrefens, e fortalezas na costa do mar, e lhe entregasse todas as fustas e navios de remos que houvesse no reino de Fez, e ao diante se não fizessem mais nenhuns que fossem de remo; e que fazendo isto haveria entre elle e seus reinos paz perpetua. Os quaes artigos eram tão desarrezoados, que bem sabia elRei Dom Fernando que não havia elRei de Fez de consentir nelles, para com esta aução dar côr á guerra que lhe queria fazer.

Os apontamentos para Molei Ale Barraxa continhão que tivesse prestes todos seus vassalos, amigos, e alliados, para que entrando el-Rei Dom Fernando no reino de Fez, lançasse com menos difficuldade do reino Molei Maphamede, e o fizesse a elle rei, ficando seu vassallo.

El-Rei Maphamede posto que naquelle tempo estivesse fraco de gente pela muita que lhe morrera de peste os annos atras perto do seu reino, não quiz responder aos apontamentos que levou Dom Pedro, pelo que el-Rei Dom Fernando se alliou com Molei Ale Barraxa, para o que fez uma (grande) armada sem divulgar para onde, senão que para contra infieis que foi a melhor e de mais gente e mais nobre que de muitos annos sahira de Hespanha. Com a qual estando prestes para sair de Malaga, recebeu cartas do Papa Julio segundo, em que lhe dava conta d'uma liga que era feita contra elle por el Rei Luiz de França dezeno de nome, e Venezeanos, pedindo que o ajudasse, que o mesmo fazia o Imperador Maximiliano, e Suissos, de que el Rei Dom Fernando ficou mui triste

por perder uma tal empreza. Contra a qual sabendo el-Rei Dom Emanuel disso a certeza, ordenou uma armada para passar em pessoa em Africa, sob côr de ir fazer guerra aos mouros, e estando prestes com já ter mandado fazer estribarias em Tanger, Argilla e Alcacer, lhe escreveo el-Rei Dom Fernando uma carta feita em Sevilha, por Almação seu secretario, aos 21 dias de Maio de 1511, muito desgostoso e pesaroso das differenças que havia entre o Papa, e el-Rei de França, e guerras que se de taes desconcertos esperavão entre christãos. Pelo qual respeito, e por sanear as cousas do reino de Napoles, que ainda não tinha bem seguro, se metteo na liga do Papa, Imperador, e Suissos, desejando muito de metter el-Rei Dom Emanuel nella, o que elle nunca quiz fazer, do que foi mui anojado; ao qual nojo se ajuntou virem neste tempo ao porto de Lisboa seis galés de França, de que era capitão Pedro João, a quem el-Rei fez muita honra, e lhe deu mantimentos e pilotos, o que se não fizera, ellas não poderão seguir viagem por virem muito desbaratadas do caminho; do que el-Rei Dom Fernando mostrou muita indignação, dizendo que el-Rei favorecia os scismaticos que fazião guerra á Igreja e ao Papa, dando mostras e signaes que era bem que se fizesse guerra aos reinos de Portugal; o que os grandes e senhores de Castella lhe contrariarão e estranharão muito.

Alem do que por effeituar o que desejava escreveu muitas vezes a el-Rei Dom Emanuel pedindo-lhe que desse licença para vir a Lisboa com cento de mulas, a ver sua filha e netos para nelles pôr os mestrados de Castella. Mas como el-Rei Dom Emanuel soubesse de certo que sua tenção era de rosto a rosto lhe vir pedir que quizesse entrar com elle na liga do Papa,

Imperador, e Suissos, contra França, escusou estas vistas sem querer dar a entender o que sabia do conceito de el-Rei seu sogro. O qual rei Dom Fernando andando nestas ligas, mandou secretamente o Duque d'Alva a este reino com recado a el-Rei Dom Emanuel pedindo-lhe a rainha D. Joanna Excellente Senhora para casar com ella, promettendo-lhe se o fizesse que livremente lhe soltaria o reino de Galiza para se ajuntar á coroa do reino de Portugal. O que pareceo que devia de fazer por um de dous respeitos; ou remordido de sua consciencia de saber que os reinos de Castella e Leão pertencião a esta Senhora, a quem os elle tirara á força d'armas, como na Chronica do Principe Dom João por extenso declaro, ou por dar desgosto a el-Rei dom Philippe seu genro, com quem neste tempo andava em grandes desavenças. Do que se el-Rei Dom Emanuel escusou pelo melhor modo que pode, porque sabia que de taes allianças se poderião entre estes reinos e os de Castella recrescer outras taes guerras e peores do que forão as passadas.

Neste anno proveu o Papa Julio, a petição del-Rei Dom Emanuel, Dom Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, irmão do Cardeal de Portugal Dom Jorge da Costa, do capello de Cardeal, e o breve disso mandou a el-Rei, e por outro breve suspendeu este secretamente com um credito que deu a um Frei Vicente para el-Rei, em que lhe mandava dizer que na primeira criação de Cardeaes declararia a qual dos prelados de Portugal dava o capello; do que el-Rei mostrou ser mui anojado. Com tudo suspeitou-se que o Papa não fizera tal mudança senão a seu requerimento, mas em instrucções que eu achei d'el Rei para os embaixadores que tinha em Roma, e cartas que escreveu sobre este negocio ao Papa, elle mostrava ter disso muito desconten-

tamento. Mas por muito que el-Rei insistisse neste negocio diante do Papa, o Arcebispo Dom Martinho ficou sem haver o Capello de Cardeal.

FIM DO CAPITULO 23.

Extracto do artigo do MUSEU PORTUENSE (*pag. 21*) *que precede a publicação do cap. 27 da chronica de Rei D. Manoel.*

. . . . . .

Este capitulo no manuscripto de Goes, que agora offerecemos a nossos leitores, é mui differente daquelle que se lê na Chronica impressa. Não apresenta com tudo o manuscripto traço ou interlineação alguma a indicar correcção, mas é claro que foi totalmente refundido por penna mais difusa.

Entre a mesma collecção de papeis donde extrahimos estes dous capitulos, encontrámos uns apontamentos que parece forão destinados a esta refundição, porque os achamos quasi litteralmente copiados no capitulo impresso. Não nos atrevemos a positivamente affirmar que são da mão de Pedro de Alcaçova, mas não obstante alguma apparente differença de sua usual letra de mão inclinamo-nos a attribuir-lh'os.

. . . . . .

CAP. 27. Do nascimento do Infante Dom Henrique e das qualidades de sua real pessoa, e algumas cousas que fez e instituiu até o presente.

Estando el-Rei em Lisboa pariu a Rainha D. Maria sua mulher nos paços da Ribeira o Infante D

Henrique, no derradeiro dia do mez de Janeiro do anno de 1512, no qual dia nevou na cidade, cousa que da memoria d'homens se não achou que d'antes acontecesse, nem aconteceu depois até agora que ha cincoenta e quatro annos. Este serenissimo principe tomou o habito de clerigo de idade de 12 annos. As primeiras prelazias que teve forão Prior de S. Cruz de Coimbra, e Arcebispo de Braga. E' mui zeloso de fazer a guerra aos mouros, e para isso deu grande ajuda de sua fazenda ao Infante D. Luiz seu irmão, quando em companhia do Imperador D. Carlos 5.° do nome seu cunhado, foi sobre a cidade de Tunez, e a ganhou aos mouros. Do qual zelo movido, fez tanto com D. Philippe, Rei de Castella e Leão, por suas cartas e embaixadas, que a sua instancia mandou uma armada, no anno de 1564 sobre a fortaleza do Pinhão de Vellez, e a ganhou com ajuda d'outra armada que lhe este principe, como regente que já era d'estes reinos, mandou de galleões, galés, e outros navios d'alto bordo, com muita gente nobre da caza del-Rei, de que foi por Geral Francisco Barreto, Governador que fôra da India. Alem da ajuda que deu ao Infante D. Luiz para a ida de Tunez, como bom amigo que sempre foi de seus irmãos, dotou em casamento ao Infante D. Duarte toda a legitima que lhe ficou del-Rei seu pai, e da Rainha sua mãe, em que montava uma grande somma de dinheiro.

No trajo e tracto de sua pessoa é pouco mimoso, e mui temperado no despender em cousas profanas, e mas que tocão a religião e charidade mui largo: da qual movido, alem d'outras esmolas que continuamente fêz, e faz, havendo algumas vezes esterilidade nestes reinos, mandou buscar muito pão fóra d'elles,

de que deu gram parte por amor de Deus nas sua dioceses, e o demais pelo preço que lhe costava. *E tão liberal no dar destas esmolas, por este respeit não pode acudir a seus criados, e continuos de su caza, com as mercês que delle por seus serviços pe dem esperar, em muitos dos quaes poderião ter non de esmolas.* [1]

Succedeu no bispado d'Evora e abbadia d'Alco baça, por falescimento do Cardeal D. Antonio se irmão, a qual diocese por lhe el-Rei D. João seu ir mão comprazer supplicou ao papa que mudasse o t tulo de bispado em arcebispado. Fundou na mesm cidade (um magestoso e sumptuoso collegio. [2]), qu deu aos irmãos da ordem da Comp.ª do nome de Jesu o qual collegio dotou de rendas de que se poder manter abastadamente 70 religiosos d'esta Comp dos quaes são 20 lentes, e 20 ministros e officiaes, os 30 estudantes. E pela mesma maneira ordeno uma capella com renda para 28 clerigos pobres, c quaes são obrigados por tempo de 2 annos irem a tempo que se faz lição ao collegio 2 vezes no dia ou vir casos de consciencia: e tem estes cada anno 10:00 réis cada um para ajuda de sua despeza; para a qua

---

[1] *O capitulo da Chronica diz inteiramente o con trario; porque diz que o Cardeal tinha* «mui bons hi mens em seu serviço e letrados eminentes em tod o genero de faculdades; olha muito por elles, fazen do-lhes muitas mercês.» *Mas não quiz a Censor con sentir do que fosse talvez desafogo de Goes por cousa particulares suas.*

[2] *Os apontamentos citados dizem*: «mui bom grande edificio no qual despendeu passante de 50,00 cruzados.» A Chronica traz: «além de 70,000».

tença tomou os 3 quartos do que rende uma conesia. Dotou mais outra capella para vinte e quatro clerigos pobres, que ouvem artes e theologia, a que ordenou da meza pontifical a cada um 12.000 réis, e uns e outros se provêm por opposição. Alem disto ordenou outro collegio de meninos orphãos, e para os moços do coro da sé. Fundou no termo da mesma cidade d'Evora em Valverde um mosteiro da ordem de S. Francisco da Provincia da Piedade: edificou na mesma cidade caza da Inquisição, no que despendeu muito de sua fazenda, e assim o fez com os officiaes della. Despendeu por muitos annos toda a renda que tinha em Alcobaça nas obras do mesmo convento, e assim em um collegio da mesma ordem de S. Bernardo, que edificou na cidade de Coimbra. Edificou o mosteiro de Coz de freiras da ordem de S. Bernardo quasi de novo. Reparou á sua custa todos os mosteiros de monges e freiras no que no reino ha desta ordem, e no de Tarouca fundou um collegio em que se lê lingua latina. Acceitou ser inquisidor geral n'estes reinos sem nenhum outro premio que do puro zelo da fé. Depois de ser Arcebispo d'Evora foi creado Cardeal de Portugal, do titulo dos Santos quatro coroados, dignidade que lhe concedeu o Papa Paulo 3.º no anno do Senhor de 1545, e alguns annos depois lhe commetteu o Papa Pio 3.º a legacia *a batere*, em o qual cargo, e assim no da Inquisição, é tão inteiro, e vai tanto com a balança ao fiel, que os que mal vivem, ou por medo, ou por vergonha, se emendão dos seus vicios e erros. Nas visitações de suas prelazias, é e foi sempre tão rigoroso, que a nenhuma pessoa perdoa o castigo que merece, e sobre tudo aos poderosos dos quaes os que havia no Arcebispado de Braga erão os

que mais livremente vivião; mas elle os puniu, e castigou de maneira que vivem agora como o devem fazer os bons religiosos.

Occupado assim nestes negocios e cousas do serviço de Deus, se lhe accrecentarão outros com a morte do Infante D. Luiz, por el-Rei o logo occupar nos do governo do Reino, e fazenda, do modo que o Infante D. Luiz fazia. Mas todos estes trabalhos se multiplicarão por falescimento d'el-Rei, (tomando a Rainha D. Catherina sua mulher, confiada na ajuda deste principe, o governo do Reino, no qual lhes succederão muitos negocios e mui graves, o que estes dous principes tratárão sempre com muita prudencia e *amizade.* [1])

Este principe foi causa unica de se (começar [2]) a fortaleza que se agora faz na foz de S. Gião, á custa de 1 por cento que pôz nas mercadorias que tirão do reino: o que ordenou para segurança da entrada do porto da Cidade de Lisboa. Mandou reparar o cano d'agoa da prata da Cidade d'Evora que estava quasi perdido, e para se soster lhe ordenou renda separada. Governando a Rainha, veio o Xarife Rei de Marrocos, de Fez, e Miquinêz, Snr. de Hea, Suus, da Enxovia, e outras provincias, cercar o castello de

---

[1] *Dizem os apontamentos*: E acceitando a Rainha D. Catherina todo o governo destes reinos depois do fallescimento d'el-Rei seu marido, que Deus tem, e tomou a elle por seu ajudador; de que se lhe seguirão mui grandes e mui continuas occupações, pela carga ser tão grande e tão difficultosa; e ambos forão sempre mui conformes no que convinha a serviço de Deus, e d'el-Rei, e do bom governo destes reinos.

[2] «Fez edificar etc.» *E' dos apontamentos.*

Mazagão, que os reis de Portugal tem em Africa, com mais de 120.000 homens de pé e de cavallo; o qual cerco foi tão apertado que de nosso tempo se não sabe que fosse outro nenhum mais, nem na India, nem em Africa, nem em toda a Europa; ao qual a Rainha, com conselho e ajuda deste serenissimo principe, soccorreu com tanta abundancia de gente Portugueza, sem outra nenhuma mistura, e de todas as cousas necessarias, que o Xarife depois de estar muito tempo sobre este Castello, foi constrangido de levantar o cerco. O que tudo passado (conhecendo a Rainha que o pezo do governo do reino era tão trabalhoso, que s a má disposição e fraqueza o não podião soffrer, e sobre tudo desejosa de dar o mais de sua vida ao serviço de Deos, nas cortes que se fizerão em Lisboa no anno de 1562 o renunciou totalmente neste esclarecido principe, reservando para si o governo da pessoa e caza d'el-Rei Dom Sebastião seu neto; no que o dito Snr. Infante consentiu e acceitou o governo do reino com muito amor do serviço de Deos e d'el Rei seu Sobrinho. [1]) Ao presente em que corre o anno do Snr. de 1566 é este inclyto principe Arcebispo de Lisboa; na qual dignidade succedeu por falescimento de D. Fernando de Menezes de Vascogoncellos, e o Arcebispado d'Evora resignou em D. João

---

[1] *Lê-se nos apontamentos:* «E conhecendo a Rainha que o pezo do Governo do reino era mui trabalhoso, e que por suas más disposições o não podia soffrer, desejosa de sua consolação e recolhimento, nas Cortes que se fizerão em Lisboa no anno de 1562, o renunciou neste esclarecido principe; o qual elle acceitou com muito amor do serviço de Deus, e del-Rei seu Sobrinho.» Assim a Chronica.

de Mello, Bispo do Algarve. (Podera neste capitulo alargar mais o estylo, mas como á perfeita gloria dos homens se não possa dar remate senão depois que lhe faltão as occasiões do bem e mal fazer, que é quando tem acabado o curso dos trabalhos deste mundo, remetto o demais deste negecio aos que depois de seu fallescimento tomarem o cargo de escrever por extenso todo o processo de sua vida. [1])

---

[1] Esta ultima passagem entre ( ) é conservada na Chronica impressa, mas não termina o capitulo. Neste não se falla de ser o Cardeal Arcebispo de Lisboa em 1566, e ter resignado o Arcebispado d'Evora.

FIM

INDEX

PRIMEIRA PARTE

Volume I

Capitulo I — Em que se trata do falecimento del Rei Dom João e declarão algumas clausulas de seu Testamento, pag. 15.

Cap. II — De quomo dom Emanuel foi alevantado, e jurado por Rei, e do que logo screveo aos estados do Regno, e outras cousas que ordenou, pag. 20.

Cap. III — Em que summariamente declara quomo ha successam destes Regnos, nam pertencia, direitamente, per falecimento del Rei dom João, se nam a el Rei dom Emanuel, pag. 21.

Cap. IV — Do tempo em que el Rei dom Emanuel nasceo, e do milagre que Deos então por elle fez, pag. 23.

Cap. V — Da criação que el Rei dom Emanuel teve atte ha idade em que lhe el Rei dom João deu ha fortunada divisa da Sphera, e assentamento pera sustentar sua casa, pag. 24.

Cap. VI — Da casa, e estado que dom Emanuel teve depois da morte do Duque de Vizeu dom Diogo seu irmão, atte que per vontade de Deos foi Rei destes Regnos, pag. 26.

Cap. VII — De quomo se el Rei foi Dalcacer do sal a Monte mór ho novo, onde dom George ho veo ver ha primeira vez, e do que dom Diogo Fernandez Dalmeida, Prior do Crato seu aio dixe a el Rei, pag. 28.

Cap. VIII — Do que se fez em Monte mór depois dos estados do Regno serem juntos, e do recado que el Rei mandou aos Reis de Castella, e aos que lá andavão desterrados, e obediencia que mandou ao Papa, pag. 31.

Cap IX — De quomo el Rei confirmou has merces que el Rei dom João fez a hora de sua morte, e doutras particularidades ãcerca da justiça, e officiaes della, pag. 32.

Cap. X — De quomo el Rei libertou hos Iudeus que ficaram captivos do tempo del Rei dom João, pag. 34.

Cap. XI — De quomo el Rei entendeu em prover hos lugares de Africa, e deu hos dizimos dos tributos, e pareas dos mesmos lugares ás Igrejas, e da embaixada que lhe veo de Castella, e a que, pag. 37.

Cap. XII — De huma victoria que dom Ioão de Menezes, sendo capitão Darzilla, houve dos mouros, pag. 38.

Cap. XIII — Da vinda dos filhos do Duque de

Bragança ao Regno, e da grande liberalidade que el Rei com elles usou, pag. 41.

Cap. XIV — De quomo el Rei fez Conde de Portalegre Diogo da Silva de Menezes seu aio, e do que se nisso passou, pag. 45.

Cap. XV — De quomo el Rei mandou a Roma Pero Correa sobre negocios que tinha com ho Papa, e pera acompanhar ho Cardeal de Portugal dom George da Costa, atte estes Regnos, pag. 46.

Cap. XVI — De quomo el Rei acrecentou has rações dos lugares Dafrica, e de huma embaixada que lhe veo de Veneza, e sobre que, pag. 48.

Cap. XVII — De quomo el Rei alcançou do Papa que hos Commendadores da Ordem de Christus, e de Avis podessem casar, e do saimento que mandou fazer em Torres Vedras por el Rei dom João, e de quomo fez ho primeiro Conde Dalcoutim, pag. 49.

Cap. XVIII — De quomo el Rei mandou lançar hos Mouros, e Iudeus fora de seus Regnos, e senhorios, pag. 51.

Cap. XIX — Da embaixada que hos Reis de Castella mandaram a el Rei sobre alianças, pag. 53.

Cap. XX — De quomo el Rei mandou tomar hos filhos aos Iudeus que se hião fora do Regno, e porque causa não fez ho mesmo aos mouros, pag. 55.

Cap. XXI — Do fruto que se fes em tornarem hos Indeus Christãos, pag. 58.

Cap. XXII — De quomo se começou a tratar ho casamento del Rei com a Princeza dôna Isabel, pag. 60.

Cap. XXIII — De quomo el Rei mandou Vasquo da Gama por capitam de tres naos, pera proseguir no que já era descoberto, atte ver se podia chegar á India, pag. 63.

Cap. XXIV — Em que se trata do casamento del

Rei com ha Princeza dõna Izabel, e de quomo ha recebeo em Valença Dalcantara, e da morte do Principe dom João de Castella, e outras particularidades, pag. 67.

Cap. XXV — De quomo el Rei assentou de dar foraes novos a todolos lugares do Regno, e ho modo que nisso teve, pag. 71.

Cap. XXVI — De quomo el Rei fez cortes em Lisboa, nas quaes entre outras cousas se assentou ser necessaria sua ida a Castella com ha Rainha sua molher, pera onde logo partio, deixando ã Rainha dõna Leanor sua irmã ho regimento do Regno. E por todalas comarquas alçada, pag. 72.

Cap. XXVII — Do que se passou desno dia que el Rei, e ha Rainha partirão Delvas, até chegarem e Toledo, onde hos el Rei dom Fernando e ha Rainha dõna Izabel, estavão sperando, pag. 78.

Cap. XXVIII — De quomo el Rei, e a Rainha, entrarão em Toledo, e do que se nisso passou, pag. 81.

Cap. XXIX — De quomo el Rei dom Emanuel, e ha Rainha dõna Izabel sua molher forão jurados em Toledo por Principes herdeiros dos regnos de Castella, e Leam, pag. 83.

Cap. XXX — De quomo hos Reis de Castella, e Portugal partirão de Toledo pera ho Regno de Aragão, e chegarão a Çaragoça, pag. 87.

Cap. XXXI — De quomo el Rei libertou ha cleresia de nam pagar sisas, dizimas, e outros direitos reaes, ha qual liberdade depois tambem concedeo á ordem de Christus, pag. 89.

Cap. XXXII — De quomo ha Rainha pario hum filho, e morreo do parto delle, pag. 90.

Cap. XXXIII — Da embaixada que el Rei mandou

ao Papa Alexandre, estando ainda em Castella, e sobre que, pag. 92.

Cap. XXXIV -- De quomo ho Principe dom Miguel foi jurado, e dos previlegios que em seu nome el Rei outorgou ao regno, e do presente que lhe mandou ho Papa Alexandre, e da morte de dom Pedro primeiro Marques de Villa Real, pag. 93.

Cap. XXXV — Do que Vasco da Gama passou em sua viajem, até chegar a aguada de Sam Bras, pag. 95.

Cap. XXXVI — Do que Vasquo da Gama passou até chegar á ilha de Moçambique, pag. 100.

Cap. XXXVII — De quomo ho Xeque Çacoeia, cuidando que erão hos nossos turcos, ou mouros, veo ás naos verse com Vasquo da Gama, e do que lhe depois aconteceo em Mombaça, pag. 105.

Cap. XXXVIII — Do sitio da cidade de Melinde, e do que Vasquo da Gama passou com ho Rei della, e do caminho que fez até chegar a Calecut, pag. 111.

Cap. XXXIX — Do que Vosquo da Gama fez depois que surgio, e do recado que mandou a el Rei de Calecut, pag. 116.

Cap. XL — Do que Vasquo da Gama passou ate chegar a Calecut, onde ho el Rei estava sperando, pag. 120.

Cap. XLI — Do modo que el Rei de Calecut teve em receber Vasquo da Gama, e dalgumas praticas que com elle passou, pag. 123.

Volume II

Capitulo XLII — Da crença, seita, cerimonias, e costumes dos Gentios Canaris, Bramanas, Naires, e do

sitio da terra do Malabar, e cidade de Calecut, pag. 5.

Cap. XLIII — Do que Vasquo da Gama passou com el Rei de Calecut a segunda vez que se com elle vio, e do que lhe aconteceo até partir de Pandarane, pag. 10.

Cap. XLIIII — Do que Vasquo da Gama passou em Anchediva, e dalli atte chegar ao regno, pag. 16.

Cap. XLV — De como ho corpo del Rei Dom Ioam foi levado da Sé de Sylves ao convento da Batalha, e do casamento de Dom George seu filho, e de dom Afonso Condestabre, e da morte do Principe dom Miguel, pag. 20.

Cap. XLVI — De como el Rei casou com a Infante donna Maria, filha del Rei dom Fernando, e da Rainha donna Isabel, reis de Castella, e Daragam, e do titulo que acrecentou, pelo descobrimento da India, aos outros titulos que já tinha, pag. 23.

Cap. XLVII — De como el Rei determinou de passar em Africa fazer guerra aos mouros, e dos apercebimentos que pera isso fez, pag. 26

Cap. XLVIII — De como dom Ioam de Meneses Capitam Darzilla, e dom Rodrigo de Monsancto Capitam de Tanger, foram sobre umas aldeas que estão junto Dalcacerquibir, e do que nisso fizerão, pag. 28.

Cap. XLIX — De quomo el Rei de Fez veo correr a Tanger, e do que se nisso passou, pag. 30.

Cap. L — De como el Rei de Féz foi correr Arzilla, com o qual dom Ioam de Meneses pelejou, em que de huma e da outra parte morreram alguns cavalleiros, pag. 32.

Cap. LI — Darmada que el Rei mandou em ajuda dos Venezeanos contra os Turquos, e do sucesso da viagem que fez, pag. 34.

Cap. LII — Do que o Conde passou nesta viagem

depois que partio de Mazalqubir ate tornar ao regno, pag. 37.

Cap. LIII — Da fundaçam do Mosteiro de Bethelem, e da Torre, pag. 40.

Cap. LIV — Da segunda armada que el Rei mandou á India, de que foi por Capitão Pedralves Cabral, pag. 43.

Cap. LV — De como a frota partio do porto de Bethelem, e do descobrimento da terra de sancta Cruz, a que chamão do Brazil, pag. 45.

Cap. LVI — Dalgumas particularidades da terra de Santa Cruz, e costumes da gente della, pag. 48.

Cap. LVII — Do que Pedralves Cabral passou, depois que partio da terra de Sancta Cruz, ate chegar a Calecut, e do sitio da ilha, e cidade de Quiloa, pag. 58.

Cap. LVIII — Do que Pedralvres Cabral passou em Calecut, pag. 64.

Cap. LIX — De quomo per treição dos Mouros de Calecut foi morto Aires Correa, e outros Portugueses, e do que sobre isso Pedralvres Cabral fez, pag. 68.

Cap. LX — Do que Pedralvres Cabral passou em Cochim, e Cananor, e dahi ate chegar a Lisboa, pag. 72.

Cap. LXI — Do casamente do Duque de Bragança do Iaimes, e da mudança que quisera fazer de sua vida, estado e partida de Dom Vasquo da Gama pera India a segunda vez, pag. 77.

Cap. LXII — Do nascimento do Principe dom Ioam e da armada que el Rei mandou ao Estreito, pag. 79.

Cap. LXIII — De Como el Rei mandou Ioam da Nova a India por capitam de quatro naos, e do que passou ate tornar ao regno, pag. 81.

Cap. LXIV — De como el Rei foi aforrado a Galliza visitar a casa do Apostolo Sanctiago, pag. 85.

Cap. LXV — De quomo el Rei quisera passar em Africa, e a causa porque desistio de o fazer, e darmada que mandou á India, capitaens Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, e da ida de Gonçalo Coelho á terra de S. Cruz, pag. 88.

Cap. LXVI — De quomo el Rei mandou duas naos em busca dos cortes Reaes, que se perderam indo a descobrir pera banda do Norte, pag. 90.

Cap. LXVII — De como el Rei fez cortes em Lisboa onde o Principe foi jurado, e do serviço que lhe os povos fezeram pera ajuda das repartiçoens dos lugares Dafrica, e outras despezas necessarias, pag. 92.

Cap. LXVIII — Do que o Almirante dom Vasquo da Gama passsou a segunda vez que foi a India ate chegar a Cochim, pag. 93.

Cap. LXIX — Do que o Almirante dom Vasquo da Gama fez em Cochim, e Calecut, e do mais que passou em sua viagem até tornar ao regno, pag. 98.

Cap. LXX — De como dom Ioam de Meneses, e dom Ioam de Meneses Conde de Tarouqua foram correr o campo Dalcacerquibir, e do que lhe aconteceo, pag. 103.

Cap. LXXI — Doutra entrada que o Conde Tarouqua, e dom Ioam de Menezes fezeram até huma legoa Dalcacerquibir, pag. 106.

Cap. LXXII — Doutra entrada que dom Ioam de Meneses fez no mesmo anno, pag. 108.

Cap. LXXIII — De como el Rei de Calecut começou de fazer guerra a Trimumpara Rei de Cochim, e porque causa, pag. 110.

Cap. LXXIV — De como se perderam nas ilhas de Curia Muria Vicente Sodre, e Bras Sodre seu irmam, e do que os outros capitaens depois passaram, pag. 115.

Cap. LXXV — Do nascimento da Infante donna

Isabel, e do Capitulo que el Rei fez no convento de Thomar da ordem de nosso Senhor JESU CHRISTO, pag. 118.

Cap. LXXVI — De como el Rei mandou mestres a Congo, pera ensinarem os daquellas provincias as cousas da nossa fé, e Lopo Soares a India por capitão de huma grossa armada, pag. 119.

Cap. LXXVII — Do que Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque passaram em sua viagem, ate chegarem a Cochim, pag. 121.

Cap. LXXVIII — De como el Rei de Cochim deu licença a Francisco Dalbuquerque pera fazer huma fortaleza onde lhe bem parecesse, e da chegada Dafonso Dalbuquerque, pag. 125.

Volume III

Capitulo LXXIX — Do sitio da Cidade de Coulão e dos costumes dos Christãos que nella vivem, e de como Afonso Dalbuquerque foi la com tres naos, e do que fez, pag. 5.

Cap. LXXX — De como se fezeram pazes entre os nossos, e el Rei de Calecut que se logo quebraram, e da partida de Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque pera o regno, e do que passaram na viagem, pag. 8.

Cap. LXXXI — Da viagem que Antenio Saldanha fez á India, e do que passou ate la chegar, pag. 11.

Cap. LXXXII — Da morte de Dom Afonso Condestabre de Portugal, e da Rainha de Castella donna Isabel, e do nascimento da Infante donna Beatriz, pag. 14.

Cap. LXXXIII — De como Dom Ioam de Menezes foi por mar a Larache, e do que ahi fez, pag. 16.

Cap. LXXXIV — De como dom Ioam de Meneses foi sobre umas aldeas de Mouros, e do que passou nesta entrada, pag. 18.

Cap. LXXXV — De como depois da partida de Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque se renovou a guerra entre os Reis de Calecut, e de Cochim, e do que Duarte Pacheco Pereira nisso fez, pag. 20.

Cap. LXXXVI — Do que Duarte Pacheco fez depois de chegar ao passo de Cambalam, e de como o Camorij, Rei de Calecut o cometeu a primeira vez, e foi desbaratado, pag. 24.

Cap. LXXXVII —Do segundo, e terceiro combate, que o Camorij Rei de Calecut deu aos nossos, em que tambem foi desbaratado, pag. 29.

Cap. LXXXVIII — De como el Rei de Calecut passou o Rio de Repelim, e assentou seu arraial nas terras de Porcà, onde cometendo os passos de Palurt, e o do vao foi outra vez desbaratado, pa. 33.

Cap. LXXXIX — De como el Rei de Calecut em pessoa combate o passo do vao, onde foi desbaratado, e dalgumas cousas que antes, e depois disso aconteceram, pag. 38.

Cap. XC — Das treições que per conselho do senhor de Repelim, el Rei de Calecut ordenava pera matar e destroir os nossos o que lhe não socedendo a vontade, quis fazer paz, e doutras particularidades, pag. 43.

Cap. XCI — De como Duarte Pacheco desbaratou outra vez el Rei de Calecut, pag. 46.

Cap. XCII — De algumas cousas que succederam depois deste combate, e de como el Rei de Calecut, danojado, e envergonhado, se foi meter em hum tur-

col, e se fez paz com alguns Reis, e Senhores dos Malabares, pag. 50.

Cap. XCIII — De como el Rei mandou dom Francisco Dalmeida a India, e da obediencia qüe enviou ao Papa, e vinda do Padre frei Mauro Hispano a este regno, pag. 53.

Cap. XCIV — Dalgumas cousas que nestano de mil quinhentos, e cinco mais passaram no regno, pag. 61.

Cap. XCV — De como Francisco Pereira pestana foi sobre huma aldea, e do que lhe aconteceo, pag. 63.

Cap- XCVI — De como el Rei mandou a India treze naos, de que foi por capitam Lopo Soares Dalvarenga, pag. 64.

Cap. XCVII — Do que Lopo Soares fez depois que chegou a Cochim, e de como Duarte Pacheco se veo parelle, e foram sobre Cranganor, pag. 68.

Cap. XCVIII — Em que se declara donde estes christãos de Cranganor trazem seu principio, e dos costumes, e modo de religiam que tem, e do sitio da cidade, pag. 71.

Cap. XCIX — Do que Lopo Soarez Dalvarenga fez depois da victoria que ouve em Cranganor ate se partir da India, e chegar ao regno, pag. 76.

Cap. C — Em que per hum Padram de blasam darmas, e insignias que el Rei de Cochim deu a Duarte Pacheco Pereira se aprovão, e confirmão na verdade, os notaveis feitos que fez na India contra o Çamorij Rei de Calecut, e assi pela honra que lhe el Rei dom Emanuel fez em chegando a este regno, pag. 80.

Cap. CI — Do nascimento do Infante dom Luiz, e das calidades de sua real pessoa, pag. 84.

Cap. CII — De como el Rei mandou Tristão da

Cunha a India por capitam de huma armada, e do alevantamento que se em Lisboa fez contra os christãos novos, pag. 91.

Cap. CIII — Em que se relata a sentença que sobreste desastrado caso deu contra a cidade de Lisboa, e seu termo, e o demais que el Rei sobre isso fez, pag. 95.

SEGUNDA PARTE

Volume III

Capitulo I — Do Regimento que el Rei deu a dom Francisco dalmeida antes que partisse perá India, pag. 99.

Cap. II Do que dom Francisco Dalmeida passou do dia que partio do porto de Bethelem, até chegar a Quiloa, e o que ahi fez, pag. 104.

Cap. III — Do que dom Francisco Dalmeida fez em Mombaça, como depois de a tomar, e queimar, partio pera Melinde, e dahi pera a India, pag. 111.

Cap. IV — De como el Rei de Onor, e Timoja, e o Alcaide de Cintacora mandarão pedir paz a dom Francisco dalmeida, e lha concedeo, e de como o Rei de Onor a quebrou, e foi desbaratado, pag. 119.

Cap. V — Do que João homem fez a huns mouros de Calecut que estavam em Coulão e do que mais lhe aconteceo, e de como o governador dom Francisco dalmeida chegou a Cananor, e se chamou Vicerei, pag. 124.

Volume IV

Capitulo VI — Em que se tratam algumas cousas do regno de Narsinga, e poder do Rei, e ordem de sua casa, pag. 5.

Cap. VII — Do recebimento que o Vicerei dom Francisco dalmeida fez ao embaixador del Rei de Narsinga, e da licença que ouve del Rei de Cananor pera fazer fortaleza, e de como em Coulam matarão o feitor Antonio de sa, e os Portugueses que com elle estavão e do que se sobrisso fez, pag. 10.

Cap. VIII — De como o Vicerei dom Francisco dalmeida investio el Rei de Cochim no regno em nome del Rei dom Emanuel, e mandou para Portugal oito naos, de que deu a capitania a Fernão soarez, e da viagem que fez ate chegar a Lisboa, pag. 13.

Cap. IX — De como el Rei depois da partida de dom Francisco dalmeida mandou Pero danhaia a çofala com seis velas, pera ahi fazer huma fortaleza, e do que em sua viagem passou, ate que faleceo, e da chegada de cide barbudo, e Pero quaresma a India que partirão do regno depois delle, pag. 16.

Cap. X — Em que se trata da terra de Çofala e dos costumes dos que nella vivem, e no grande regno de Benomotapa, pag. 23.

Cap XI — De como indo dom Lourenço buscar as ilhas de Maldiva per mandado do Vicerei seu pai, foi ter a ilha de Zeilad, e do que ahi fez, e do sitio, e costumes dos da terra, pag. 28.

Cap. XII — De como dom Lourenço foi por mandado de seu pai correr a costa do Malabar, onde desbaratou huma armada del Rei de Calecut, e de como se desfez a fortaleza Danchediva, pag, 31.

Cap. XIII — Da vinda del Rei Phelipe a Castella, e da embaixada que lhe el Rei mandou per dom Diogo lobo baram Dalvito e da ida de Duarte galvão, e de Ioam sotil a Roma, e de como el Rei mandou fazer o Castello Real em Africa, pag. 37.

Cap. XIV — De como el Rei mandou catorze naos

a India repartidas em quatro capitanias, e da morte de Vasco Gomes dabreu, pag. 39.

Cap. XV — Da cauza porque se azou a guerra que el Rei de Cananor fez aos que estavam na fortaleza, pag. 44.

Cap. XVI — De como el Rei de Cananor combateo a fortaleza, e foi desbaratado, pag. 48.

Cap. XVII — Da grande fome que os nossos padeceram por caso de arder a feitoria, e casas que estavam na ponta com muitos mantimentos, e da vitoria que ouveram dos imigos, e como el Rei de Cananor cometeo paz, e se fez, pag. 54.

Cap. XVIII—Do sitio, e antiguidade da cidade de Çafim, e de como se ganhou aos mouros, pag. 59.

Cap. XIX — Do nascimento do Infante dom Fernando, e das calidades da sua real pessoa, pag. 70.

Cap. XX — De como el Rei mandou dezaseis velas a India em duas capitanias, huma pera descobrir Malaca, de quatro naos de que foi por capitão Diogo Lopes de Sequeira, e outra de cinco, pera andar darmada no cabo de guardafum, e as sete pera a carga das speciarias, de que deu a capitania a George Daguiar, pag. 73.

Cap. XXI — Do que Tristam da Cunha passou em sua viajem, ate chegar a Moçambique, e de como descobrio a ilha de São Lourenço pela banda de dentro da morte de Ioam Gomez Dabreu, e sitio, fertilidade ea ilha, e costumes da gente que vive nella, pag. 77.

d Cap. XXII — De como Tristam da Cunha partio de Moçambique pará ilha de Çacotora, e de caminho destroio as cidades de Hoja, e Brava, e do sitio da ilha, e costumes dos naturaes della, pag. 83.

Cap. XXIII — De como Tristam da Cunha tomou per combate a fortaleza que el Rei de Caxem tinha

na ilha de Çacotora, e de que ahi mais fez ate partir pera a India, pag. 89.

Cap. XXIV — De como se Tristão da Cunha achou em huma peleja que o Vicerei teve no lugar de Panane, e se partio pera o Regno, pag. 95.

Cap. XXV — De como o Vicerei dom Francisco Dalmeida mandou dom Lourenço seu filho darmada a dar guarda a algumas naos de Cochim, e do que passou no caminho ate chegar a Chaul, onde pelejou com Mirhocem capitão de huma armada do Soldão de Babilonia, pag. 100.

Cap. XXVI — De como se azou a morte de dom Lourenço, pag. 104.

Cap. XXVII — De como el Rei mandou huma armada sobela cidade Dazamor, de que deu a capitania a dom Ioam de Meneses camareiro mor do Principe dom Ioão seu filho, pag. 109.

Cap. XXVIII — De como el Rei de Fez veo cercar Arzilla, e ganhou a villa, e do soccorro que lhe veo, pag. 114.

Cap. XXIX — De como dom Ioão entrou no arrecife, e soccorreo o castello com gente, e mantimentos, e el Rei de Fez alevantou o cerco, e do que el Rei dom Emanuel sobre este negocio fez, pag. 118.

Cap. XXX — Do concerto que se fez antre estes Regnos, e os de Castella, sobre limitaçoens da conquista Dafrica, e recados que el Rei teve do gram capitam Gonçalo Fernandez de Cordova, e de como o Duque de Medina sidonia e dom Pedro Giram vieram a este regno desavindos del Rei dom Fernando, e el Rei mandou ao regno de Manicongo Ioam de sancta Maria, e outros doze rellgiosos, pag. 125.

Volume V

Capitulo XXXI —Do que Afonso Dalbuquerque fez em Çacotorá depois da partida de Tristão da Cunha, e de como se foi dalli a ilha de Ormuz, e do que fez até la chegar, pag. 5.

Cap. XXXII. — Do sitio da ilha de Ormuz, e principio da cidade, e costumes da gente, e dos apercebimentos que se fezeram pera receberem Afonso Dalbuquerque de guerra, pag. 11.

Cap. XXXIII — Do que Afonso Dalbuquerque fez em chegando a cidade de Ormuz, pag. 14.

Cap. XXXIV — De como se Afonso Dalbuquerque vio com el Rei de Ormuz, e dalgumas cousas que logo socederam que forão causa de se a guerra começar de novo, pag. 22.

Cap. XXXV — De como se rompeo a paz, e do que se de huma e da outra parte sobrisso fez, e da conjuraçam dalguns capitaens contra Afonso Dalbuquerque, e de como se partio de Ormuz pera Çacotorá, pag. 27.

Cap. XXXVI — Do que Afonso Dalbuquerque fez em Çacotorá, Calaiate, e Ormuz, até se ir perá India, pag. 33.

Cap. XXXVII — De como em se o Vicerei fazendo prestes pera ir a Dio buscar os Rumes, recebeo cartas del Rei, per que lhe mandava que entregasse a governança da India Afonso Dalbuquerque, e do que com elle sobrisso passou, e como despachou sete naos pera o regno, pag. 38.

Cap. XXXVIII — De como o Vicerei partio de Cananor em busca dos Rumes, e do que fez em Dabul, pag. 41.

Cap. XXXIX — De como o Vicerei pelejou com Mirhocem, e com a armada de Calecut, e de Miliquiaz senhor de Dio, e os venceo, e desbaratou, pag. 47.

Cap. XL — De como o Vicerei assentou pases com Miliquiaz, e se partio pera Cochim, e do que fez até la chegar, pag. 55.

Cap. XLI — De como el Rei mandou o Marichal dom Fernando Coutinho a India por capitão de quinze naos, pag. 59.

Cap. XLII — Do movimento do Infante dom Afonso, e de como Duarte Pacheco Pereira venceo o cossairo Mondragem, e o trouxe preso a Lisboa, pag. 62.

Cap. XLIII — De como matarão o Marichal em Calecut, e o governador Afonso Dalbuquerque, e todolos que com elles hiam foram desbaratados, e do que aconteceo a seis naos que despachou para Portugal, pag. 64.

Cap. XLIV — De como dom Francisco Dalmeida foi ter auguada de Saldanha onde o matarão os negros naturaes da terra, a que chamão Cafres, pag. 71.

TERCEIRA PARTE

Volume V

Capitulo I — Do que Diogo Lopes de Siqueira passou até chegar a Malaca, e do sitio e trato della assi da ilha de Sumatra, pag. 83.

Cap. II — Do que Diogo Lopez de Siqueira fez depois destar surto no porto da cidade de Malaca, e da treiçam que lhe ordenaram, e do que lhe mais aconteceo ate chegar a Lisboa, pag. 88.

Cap. III — De como Afonso Dalbuquerque partiu de Cochim com tençam de ir de novo fazer guerra a el Rei de Ormuz, e como per conselho de Timoja foi sobre Goa, e do sitio da ilha, e cidade, e calidade da terra, e gente della, pag 96.

Cap. IV — De como Afonso Dalbuquerque foi recebido pacificamente na cidade de Goa, e do que fez até o Çabaim dalcão o vir cercar, pag. 102.

Cap. V — De como o Çabaim dalcão veo sobre a ilha de Goa, e do que se fez ate que Afonso Dalbuquerque deixou a cidade, e se recolheu a frota, pag, 107.

Cap. VI — Do que Afonso Dalbuquerque fez depois de sahir da cidade, e como tomou a villa de Pangim, e o çabaim dalção lhe cometeo pazes, e doutras cousas que mais socederam, pag. 117.

Cap. VII — De como Afonso Dalbuquerque mandou cometer huma armada que o Çabaim tinha feita na cidade, pera mandar sobrelle, e do que mais passou ate sair da barra de Goa, pag. 122.

Volume VI

Capitulo VIII — De como el Rei de Fez veo cercar outra vez Arzilla, e do que aconteceo antes, e depois deste cerco, pag. 5.

Cap. IX — Em que se trata de duas entradas que fezerão dom Francisco, e o visconde, cada hum per si, pag. 9.

Cap. X — De como el Rei mandou tres armadas a India, e huma a Çafim, do que Afonso Dalbuquerque fez depois que partio da barra de Goa, e como de Cananor foi a Cochim socorrer el Rei, por

lhe querer hum seu primo tomar o regno e da embaixada que recebeo del Rei de Cambaia, com huma carta de cincoente Portugueses que la estavão captivos, e como prendeo Diogo Mendes de Vascogoncelos, e os capitaens de sua frota por se quererem partir secretamente pera Malaca, pag. 11.

Cap. XI — De como Afonso Dalbuquerque foi a segunda vez sobela cidade de Goa, e a ganhou por combate, e doutras cousas que mais passarão ate as naos da carga partirem pera o regno, pag. 18.

Cap. XII — De como os Mouros vieram cercar a cidade de Çafim, e do que se nisso passou. pag. 29.

Cap. XIII — Do que Nuno Fernandes Dataide capitão, e governador da cidade de Çafim passou em huma entrada que fez por terra de Mouros, pag. 37.

Cap. XIV — De outra entrada que Nuno Fernandez fez per terra de Mouros neste mesmo anno, de que ouve grande despojo, e do tributo que os Mouros daquellas provincias pagavam cadanno a el Rei dom Emanuel, pag. 42.

Cap. XV — Do que Duarte de Lemos passou depois de ser em Ormuz, e na India ate se partir pera o Regno, pag. 48.

Cap. XVI — Do que Afonso Dalbuquerque fez ate se partir de Goa, e dos embaixadores que alguns Reis e senhores da India lhe mandaram depois de saberem que tinha tomada esta ilha, e a cidade, pag. 54.

Cap. XVII — De como Afonso Dalbuquerque partio de Goa pera o mar de Arabia, e por caso de lhe o tempo nam servir arribou e se foi com a mesma armada caminho de Malaca, e do que lhe aconteceo ate la chegar, pag. 59.

Cap. XVIII — De como Afonso Dalbuquerque

depois de ter bem entendidas as manhas, e dessimulaçoens del Rei Mahamede de Malaca deu na cidade, e do que fèz atte se recolher á frota, pag. 65.

Cap. XIX — De como Afonso Dalbuquerque recebeo Vtimutaraja em sua amizade, e mandou hum messageiro a el Rei de Siam, e tornou sobre Malaca, e a ganhou per força, e dos embaixadores que lhe depois mandaram alguns Reis daquellas provincias, pedindo-lhe paz, e amizade, pag. 72.

Cap. XX — De como o Çabaim dalcam mandou Pulatecam sobela ilha de Goa, e a entrou, e matou Rodrigo Rabello capitam da cidade, pag. 82.

Cap. XXI — De como o Çabaim dalcam mandou Roçalcão seu cunhado sobre Goa, do que fez, e de como Ioam Machado se lançou na cidade, pag. 88.

Cap. XXII — De como Diogo Fernandez de Beja tornou de Ormuz a Goa, e do socorro que veo a cidade na entrada do veram, onde tambam no mesmo tempo chegou Christovam de Brito, que vinha de Portugal debaixo da capitania de dom Garcia de Noronha, capitam de seis naos, que partirão de Lisboa neste anno de M. D. xi, e de outras particularidades, pag, 93.

Cap. XXIII — Do Concilio que o Papa Iulio ordenou em Pisa, e Ligua, que fez o Emperador Maximiliano, el Rei dom Fernando, e Suiços contra el Rei de França, e Venezeanos, e das praticas que se moveram entre el Rei dom Fernando, e el Rei de Fez, e Molei Alebarraxa, e doutras particularidades, pag. 97.

Cap. XXIV — De como el Rei Henrique de Inglaterra mandou a ordem da Gorretea a el Rei dom Emanuel, e do parentesco que a entre os Reis destes dous regnos, pag. 101.

Cap. XXV — De como per erros em que Afonso dalbuquerque coprehendeo Utetimutaraja, e a hum seu filho, genrro, foram degolados per justiça, e de como mandou descobrir as ilhas de Maluco, e Banda, pag. 106.

Cap. XXVI — De como se alçou Patecatir contra Afonso Dalbuquerque, do que ordenou a cerca do governo da cidade de Malaca, antes de partir pera India, e do que lhe acanteceo ate chegar a Cochim, e do mais que ahi passou, pag. 110.

Cap: XXVII — Do nascimento do Infante dom Henrrique, e das calidades de sua Real pessoa, e algumas cousas que fez, e instituio ate o tempo presente, pag. 110.

Volume VII

Capitulo XXVIII — De como Patecatir renovou a guerra depois da partida de Afonso Dalbuquerque, e do que mais passou atè o desbaratar Fernão Perez Dandrade, e se ir pera Iava, e doutras particularidades, e tornada de Antonio Dabreu da viajem de Maluco, e Banda, pag. 5.

Cap. XXIX De como dom Garcia de Noronha, George de Melo Pereira, e Garcia de Souza chegaram a Cochim, e Afonso Dalbuquerque se partio pera Goa, e do que no caminho fez, até lá chegar, e por cerco a villa de Benastarim, pag. 11.

Cap. XXX — Em que se trata de como Afonso Dalbuquerque combateo a villa de Benastarim, e a ouve por concerto, e da justiça que mandou fazer nos arrenegados que andavam com Roçalcam, e de como mandou dom Garcia de Noronha a Cochim fazer a carga das naos que aviam de ir pera o regno, e dos

embaixadores que lhe vieram, e despachou, e assi do embaixador do Emperador da Ethiopia, e Rei do Abexi, e morte do Çamorij, e doutras particularidades até se partir pera Adem, pag. 16.

Cap. XXXI — De como dom Duarte de Menezes capitam de Tanger desbaratou Barraxa, e Almandarim, pag. 23.

Cap. XXXII—De algumas cousas que acontecerão em Çafim neste anno de mil e quinhentos, e doze, e de como el Rei la mandou dom Luiz de Menezes, e dom Alvaro de Noronha com duzentas lanças, de que cada hum era capitam das cento, pag. 27.

Cap. XXXIII — Do sitio da cidade Dalmedina, e do que passou em duas vezes que Nuno Fernandez Dataide foi sobre ella, pag. 29.

Cap. XXXIV — Doutras entradas que Nuno Fernandez Dataide fez, que em huma dellas desbaratou el Rei de Marrocos, e de como se de nôvo reformaram as pazes que os Mouros tinham quebradas, pag. 32.

Cap. XXXV — De algumas cousas que mais passaram em Çafim ate a tomada Dazamor, entre as quaes foi huma memoravel vitoria que Cide Iheabentafuf ouve del Rei de Marrocos, pag. 36.

Cap. XXXVI — De como Molei Barraxa e Almandarim vieram correr Arzilla e el Rei de Fez a Tanger, e depois Arzilla, pag. 41.

Cap. XXXVII — De como el Rei mandou Simam da Silva por embaixador a el Rei dom Afonso de Manicongo, pag. 44.

Cap. XXXVIII —Em que se contem o treslado de verbo a verbo de huma carta notificatoria del Rei dom Afonso de Manicongo, pera se saber a causa porque lhe el Rei dom Emanuel mandou carta dar-

nas para elle, e vinte escudos doutras armas de diersos blasões, para as o mesmo Rei de Manicongo ar as pessoas que lhe aprouvesse, pag. 49.

Cap. XXXIX De como depois de dom Pedro che ar a Portugal, el Rei dom Emanuel mandou dar aviaiento pera dom Henrique, e elle irem a Roma com ua embaixada ao Papa, pag. 56.

Cap. XL — Do castigo que el Rei deu a dom Alvaro de Castro Governador da casa do Civel, per em ua casa mandar açoutar um homem, e da ida de dom Pedro de Menezes conde Dalcoutim a Cepta, pag. 58.

Cap. XLI — Do sitio das ilhas da Iava, e costumes da gente, e de como Pateonuz senhor da cidade de Iapara, determinou tomar a de Malaca antes de ser nossa, pera o que fez huma grande armada com que saio ao mar depois que se Afonso Dalbuquerque foi perá India, pag. 64.

Cap. XLII — De como Fernam Perez Dandrade desbaratou de todo a armada de Pateonuz, e se tornou perá cidade vitorioso donde dahi a poucos dias partio perá India, pag. 70.

Cap XLIII — De como Afonso Dalbuquerque partio de Goa pera o mar da Arabia, do que lhe aconteceo em Adem, e do sitio da cidade, e costumes dos da terra. pag. 75.

Cap. XLIV — Do que Afonso Dalbuquerque passou no caminho, que fez para o mar de Arabia, ate tornar outra vez a Adem e dahi a India, e doutras particularidades, pag. 82.

Cap. XLV — Da vinda de dom Ioam de Lancastre filho do mestre de Santiago a corte, pag. 88.

Cap. XLVI — De camo el Rei mandou dom Iai-

mes Duque de Bragança sobela cidade Dazamor, e do que se nisso passou ate la chegar, pag. 93.

Cap. XLVII — Do sitio Dazamor, em que se trata dos barbaros, e Arabes que habitam na quella provincia, e de como o Duque entrou na cidade pacificamente, e do que mais fez ate se tornar para o regno, pag. 100.

Cap. XLVIII — De huma entrada que dom Ioam de Menezes, e Rui Barreto fezeram em terra de mouros sobre duas aldeas que tomaram, pag. 108.

Cap. XLIX — Do sitio da cidade de Tednest, situada na provincia de Hea, e de como Cide Iheabentafuf desbaratou o Serife, e alguns recados que ouve entre dom Ioam de Menezes, e Nuno Fernandez Dataide, pera irem sobela cidade de Marrocos que não ouveram effeito, pag. 112.

Cap. L — De como dom João de Menezes, e Nuno Fernandez Dataide foram buscar os alcaides del Rei de Fez, e Mequinez, ao pe da serra verde, em terra da Duecalla onde se deram batalha, e do que se nisso passou, pag. 117.

Cap. LI — De como Maleinacer Rei de Mequinez veio com todo seu poder pera cercar a cidade Dazamor, e do danno que fez nas terras de Xerquia e da Duecalla, e do que mais passou ate se tornar pera seu regno desbaratado, e do falecimento de dom Ioão de Meneses, e de como el Rei mandou depois delle ser falecido por capitam Dazamor dom Pedro de Sousa, pag. 123.

Volume VIII

Capituol LII — De duas entradas, que dom Pedro de Meneezes conde Dalcoutim fez em terra de Mouros, pag. 5

Cap. LIII — Em que se conthem o traslado de huma carta que el Rei dom Emanuel escreveo a Nuno Fernandez Dataide sobelos mouros da Xerquia, pag. 8.

Cap. LIV — De huma entrada que Diogo lopez almocadem de çafim fez, até chegar as portas da cidade de Marrocos, pag. 12.

Cap. LV — Da embaixada, e obediencia que el-Rei mandou ao Papa Leam, pag. 14.

Cap. LVI — De como Tristam da Cunha foi dar a obediencia ao Papa, e dos negocios que com elle tratou, e impetrou, segundo as instruções que pera isso levava, e da sua tornada para o regno, pag. 19.

Cap. LVII — Em que se contem huma carta que Alberto do Carpe escreveo ao Emperador Maximiliano, per cujo embaixador estava em Roma, das novas desta embaixada tirada da lingoa latina na Portuguesa, pag. 23.

Cap. LVIII — Da embaixada que a Rainha Helena avo de David, e Emperador da Ethiopia Rei do Abexi mandou a el Rei dom Emanuel, pag. 28.

Cap. LIX — Do recebimento que el Rei fez ao embaixador Matheus, em que se contem o treslado da carta que lhe a Rainha Helena escreveo, pag. 32.

Cap. LX — Em que se trata da Fe que tem os Christãos da terra do Àbexi, a que os antigos chamão Ethiopia sobelo Egipto, pag. 36.

Cap. LXI — Dos costumes que os Abexis guardam acerca da religiam, e opiniões que tem, e institutos porque se regem, abbreviados do mesmo livro que me deu este Bispo Zagazabo, pag. 41.

Cap. LXII — Do sitio das terras, e senhorios que possue o precioso Ioam, Emperador da Ethiopia sobelo Egipto, e dalguns costumes da gente da terra, e ordem da sua casa, pag. 52.

Cap. LXIII — De como Afonso Dalbuquerque despachou antes de partir de Cochim George Dalbuquerque pera Malaca, e da morte de Ninachetu, pag. 56.

Cap. LXIV — Do sitio do regno de Cambaia, e costumes dos da terra, e de huma embaixada que Afonso Dalbuquerque mandou ao Rei que entam regnava, pag. 61.

Cap. LXV — De como Afonso Dalbuquerque mandou Pero Dalbuquerque ao cabo de Guardafum, darmada, e da embaixada que mandou ao çabaim dalcam, e doutra que recebeo del Rei de Narsinga, e da que lhe mandou per Antonio de Sousa, e Ioam Teixeira, pag. 67.

Cap. LXVI — De como George de Brito chegou a India, e Afonso Dalbuquerque depois de ter despachadas as naos da carga, se foi a Ormuz, e do que la fez, pag. 70.

Cap. LXVII — Em que se trata da progenia donde decende o Xeque Ismael, e dos recados, e embaixadas que ouve entrelle, e Afonso Dalbuquerque, pag. 75.

Cap. LXVIII—De como Afonso dalbuquerque mandou matar Raix hamed, e porque causa, pag. 80.

Cap. LXIX — De huma entrada que fezeram dom Afonso genro de Nuno fernandez de ataide, e o adail Lopo barriga com Side Iheabentafuf, ate cerca dos montes Claros, pag. 87.

Cap. LXX — De huma entrada que Dom Ioam Coutinho quis fazer contra a serra de Farrovo, e da honrosa vitoria que ouve no caminho, comque se tornou Arzilla, pag. 89.

Cap. LXXI — De huma entrada que Lopo barriga adail fez per terra de mouros, e do que nella lhe aconteceo, pag. 91.

Cap. LXXII — De como o Adail Lopo Barriga foi sobela villa de Amagor, e a tomou e fez fogir o Serife que entam estava nella, pag, 93.

Cap. LXXIII — Doutra entrada que o Adail fez per terra de mouros, e do que aconteceo, pag. 97.

Cap. LXXIV — De como Nuno fernandez dataide, e dom Pedro de sousa forão sobela famosa cidade de Marrocos, e do que passaram nessa jornada, pag. 100.

Cap. LXXV — De como dom Ioam coutinho, Capitam Darzilla, e dom Duarte de Meneses, capitam de Tanger foram sobre Alimbilia, e a destruiram, pag. 106.

Cap· LXXVI — De huma armada que el Rei mandou ao rio da Mamora, de que deu a capitania a dom Antonio de Noronha seu scrivão da puridade pera na boca deste rio fazer uma fortaleza, pag. 108.

Cap. LXXVII — De como elRei mandou Lopo soares dalvarenga por governador a India e do que na viajem passou até chegar a Coehim, pag. 112.

Cap. LXXVIII — Do nascimento do Infante dom Duarte, e das calidades de sua Real pessoa, e filhos que deixou, pag. 117.

Cap. LXXIX — De como por mas informações George dalbuquerque mandou degolar por justiça el Rei de Campar e de huma batalha que os nossos ouveram no mar com a gente del Rei de Bintam, pag. 119.

Cap. LXXX—De como Afonso dalbuquerque ouve del Rei Dormuz toda a artilharia que tinha na cidade, e mandou dom Garcia a Cochim provido da capitania darmada que avia de vir para o regno, com quem mandou os Reis cegos Dormuz, o que foi feito se partio perá India, onde faleceo em chegando a barra de Goa, pag. 124.

QUARTA PARTE
Volume IX

Capitulo I — De como el Rei mandou visitar el Rei dom Fernando per Ioam Roiz de Sá, por ter novas que estava muito doente, da qual doença se finou, e de como mandou Pero correa por embaixador ao Emperador Maximiliano, e doutras particularidades, pag. 5.

Cap. II — De como se reformaram as pazes de Coulão, e Lopo soarez mandou Simão dandrade a Ormuz, e apos elle dom Aleixo de meneses, e despachou Fernão perez dandrade perá China, e do que passarão Jãnim rabelot em pacem, e Anrrique leme na viagem de Martabam, pag. 8.

Cap. III — Dalgumas cousas que tocam a el Rei dom Afonso de Congo, e do seu bom modo de viver, e exemplo de bom christão, pag. 12

Cap. IV — De hum embaixador que el Rei de França mandou a el Rei dom Emanuel, e de tres gentis homens Polonos que vierão a este regno, que el Rei armou cavalleiros, pag. 16.

Cap. V — Em que se trata de como dom Ioão coutinho foi sobre Tintaxe, e el Rei de Fez veo cercar Arzilla, e do que se ate fim do cerco passou, pag. 18.

Cap. VI — De uma entrada que Nuno fernandez dataide fez em que o mataram, e desbarataram a gente que com elle hia depois de o terem morto, pag. 24.

Cap. VII — De como el Rei mandou por capitam, e governador a Çafim dom Nuno mascarenhas, e da

tornada de Side Iheabentafuf do regno com dom Pedro mascarenhas, e do nascimento do Infante Dom Antonio, pag. 29.

Cap. VIII — De como os mouros tomaram duas caravellas, em que mataram Francisco do soveral, e captivaram Pero lopez, e Gonçallo vaz almocadem, e do martirio que deram em Alcacer quibir, pag. 32.

Cap. IX — Do que Fernam gomez de lemos passou, depois que partio Dormuz ate chegar a corte do Xeque Ismael, pag. 35.

Cap. X — Do que se passou todo o tempo que os Embaixadores esteveram na corte do Xeque Ismael, pag. 38

Cap. XI — Do que o embaixador passou ate chegar a cidade de Tauriz, e dahi a Ormuz, e a India, pag. 46.

Cap. XII — De como Lopo soarez partio de Goa com huma armada em busca doutra que o Soldam de Babilonia fazia no mar Darabia, pag. 51.

Cap. XIII — De como Lopo soarez chegou a cidade de Iudá, e do qne ahi fez ate se partir para a ilha de Camaram, onde Duarte Galvam faleceo, pag. 55.

Cap. XIV — De como Lopo soarez por lhe morrer muita gente per falta de mantimentos, os foi buscar a cidade de Zeilla e a queimou, por os moradores della o receberem de guerra indoos elle buscar de paz, e de como per caso dos mesmos mantimentos determinou de bir a cidade de Barbara, e por lhe o vento servir se foi na volta de Ormuz donde se foi pera a India, pag. 59.

Cap. XV — Do que Hector Roiz passou em coulam onde o Lopo soarez tinha mandado, pera fazer uma fortaleza, e receber o que el Rei era obrigado pa-

gar segundo forma dos contratos que se com a Rainha sua mãe fezeram, pag. 63.

Cap. XVI — De como dom Goterre depois da partida de Lopo soarez mandou dom Fernando seu irmam darmada as ilhas de Maldiva, e seu sobrinho dom Joam correr a costa ate Chaul, e do que lhes aconteceo, pag. 65.

Cap. XVII — De como se azou a morte de Joam machado, per caso de diferenças que ouve entre dom Goterre de monrroi capitão de Goa, e Ancostam capitão das terras de Ponda, pag. 67.

Cap. XVIII — De como el Rei quis ver per experiencia o que os scriptores antigos screvem do odio natural que a antre os Elephantes, e os Rhinocerotas, pera ho que mandou em Lisboa meter estas duas espantosas alimarias em hum terreiro cerrado, e do que cada huma dellas fez, pag. 72.

Cap. XIX —Do felecimento da Rainha donna Maria, e seus virtuosos costumes, modo, e ordem que tinha de viver, pag. 81.

Cap. XX — Em que se tratam algumas cousas que neste tempo aconteceram no regno, pag. 83.

Cap. XXI — De algumas cousas que tocam aos negocios do Castello de Sancta Cruz do cabo de Guer, pag. 85.

Cap. XXII — Como el Rei mandou huma armada sobela villa de Targa, e do que se nisso passou, e de huma entrada que fezeram dom Joam coutinho, e dom Duarte de menezes em que correrão ate o campo Dale, e Sarife, pag. 86.

Cap. XXIII — De huma entrada que dom Pedro mascarenhas fes por terra de mouros estando em Çafim, e do que dom Nuno Mascarenhas screveo a el

Rei sobela vinda de Gonçalo mendez çacoto ao Regno, pag. 88.

Cap. XXIV — Da viagem que Fernam perez dandrade fez a China, e do que lhe aconteceo ate tornar ao regno, pag. 91.

Cap. XXV — Dos costumes dos Chins, religiâ e fertilidade da terra, e do que Thome pirez passou na embaixada com que foi a el Rei da China, pag. 95.

Cap. XXVI — Em que se trata das obras pias que a Rainha donna Leanor, irmãa del Rei dom Emanuel fez nestes regnos, e como per sua intercessam foram trazidas a elles as Reliquias do corpo da virgem sancta Auta, e de como el Rei tinha determinado de residir no regno do Algarve, pera dalli prover na guerra Dafrica e a causa porque o nam fez, pag. 99.

Cap. XXVII — De como Lopo Soarez mandou dom Ioão da Sylveira assentar pazes com os Reis de Maldiva, e de Bengalla, e do que nesta viagem passou, pag. 101.

Cap. XXIII — De como Lopo soares mandou Antonio de Saldanha correr a costa Dormuz, e Cambaia ate as portas do estreito Darabia e do que fez ate tornar a India, no qual tempo mandou tambem Emanuel de lacerda a Dio, e dom Aleixo de meneses a Malaca, pag. 106.

Cap. XXIX — Como Molei abrahem correo Arzilla, e matou o Adail Fernão galego com vinte de cavallo, e captivou dom Antonio mascarenhas, pag. 108.

Cap. XXX — Dalgumas cousas que neste tempo passaram em Azamor, pag. 110.

Cap. XXXI — De como el Rei mandou Diogo lopez de sequeira por Governador da India, e do que passou no caminho ate la chegar, pag. 113.

Cap. XXXII — De como Lopo soarez foi a ilha d' Zeiland onde se fez uma fortaleza, e do mais qu passou ate tornar a Cochim e dahi pera o regno, pag. 115.

Cap. XXXIII — Do casamento da infante donna Leanor com el Rei dom Emanuel, e do parentesco que entrelles avia, pag. 119.

Cap. XXXIV — Do recebimento que se fez a Rainha em castello de vide per onde entrou em Portugal, e do que se mais passou ate chegar a villa Dalmeirim, pag. 122.

Volume X

Capitulo XXXV — Do que se passou em Malaca todo o tempo que dom Aleixo ahi esteve, e depois que partiu perá India até fim deste anno de mil, e quinhentos e dezoito, pag. 5

Cap. XXXVI — Em que se trata da armada que este anno foi a India, pag. 10.

Cap. XXXVII — De como Fernam de magalhaens deu a entender a el Rei dom Carlos que as ilhas de Maluco, e banda caiam na sua demarcação, e que iria a ellas sem tocar nos limites da navegaçam de Portugal, pag. 12.

Cap. XXXVIII — Em que o auctor declara quaes foram os escriptores, que composeram as chronicas dos Reis destes regnos, pag. 21.

Cap. XXXIX — Dalgumas entradas que dom Alvaro de noronha fez em terra de mouros, e Vasco fernandez cesar Adail da mesma cidade, pag. 31.

Cap. XL — De duas entradas que dom Alvaro de Noronha fez na Enxouvia, pag. 36.

Cap. XLI — De uma entrada que dom Ioam continho fez em terra de mouros, pag. 41.

Cap. XLII — De huma entrada que fez Dom Emanuel mascarenhas, per caso da qual se despovoaram as aldeas de Benamares, e como el Rei de Fez veo correr Arzilla donde se causou a morte do almocadem Aroaz, pag. 43.

Cap. XLIII — De huma entrada que dom Nuno Mascarenhas capitam, e governador da Cidade de çafim, fez per terra de mouros, pag. 46.

Cap. XLIV — Doutra entrada que dom Nuno Mascarenhas fez dezaseis legoas per terra de mouros, pag. 49.

Cap. XLV — De como Diogo lopez de siqueira partiu pera o mar Darabia, e do que passou ate chegar a Maçua, e do que ahi fez, e no demais da viagem até tornar ha India, pag. 55.

Cap. XLVI — Dalgumas cousas que passaram em Septa neste anno de Mil, quinhentos, e vinte, pag. 62.

Cap. XLVII — De como el Rei de Fez veo correr a cidade de Tanger e Arziila, e de hum caso gracioso que aconteceo a alguns dos moradores da villa, pag. 65.

Cap. XLVIII — De como el Rei mandou dom Pedro mascarenhas a sondar a boca do rio de Tetuam pera nella fazer huma fortaleza, e do que sobreste negocio no mesmo tempo lhe el Rei dom Carlos escreveo, pag. 68.

CapX. LIX — De huma entrada que dom Jeão Coutinho, e dom Pedro mascarenhas fezeram ate alem da serra de Benamares, pag. 71.

Cap. L — De como indo Ioam Coelho Alcaide mor de Tanger, e seu irmão Aires coelho pera Arzilla em

huma caravella, pelejaram com huma fusta de Tetuam, e do que se nisso passou, pag. 73.

Cap. LI —De como dom Francisco de Castro capitam do castello de sancta Cruz no cabo de Guer foi sobella villa de Turoququo, e a tomou, pag. 76.

Cap. LII — Do que Antonio correa passou na viagem que fez a Malaca, e pegu, e do que em Malaca aconteceo ate que tornou, e do que ahi fez depois de chegar ate se ir perá India, pag. 78.

Cap. LIII — De como as Rainhas de Coulam, e Comorim mandaram cercar a fortaleza de coulam e do que se nisso passou, pag. 85.

Cap. LIV — Do que aconteceo a Gregorio da quadra desno tempo que foi captivo no regno Dadem ate acabar sua vida em religiam, pag. 89.

Cap. LV — Dalguns reboliços que passaram em Castella depois da partida del Rei dom Carlos pera Flandres, e da ajuda, favor, e conselho que el Rei dom Emanuel a isso deu, pag. 93.

Cap. LVI — Dalguns desgostos que ouve entre dom Nuno mascarenhas, e Side Ibeabentafuf, e da victoria que este Xeque ouve em companhia de Portuguezes dos de Abida, que se lhe alevantaram pelo verem andar desfavorecido de dom Nuno, pag. 97.

Cap. LVII — Do que aconteceo a Vasco Fernandez cesar com duas galeotas que encontrou no estreito, pag. 100.

Cap. LVIII — De como Vasco fernandez cesar desbaratou seis galeotas, e do blasam darmas que lhe el Rei por isso deu, pag. 101.

Cap. LIX — Dalgumas cousas que mais aconteceram neste Anno de Mil, e quinhentos, e vinte, em Azamor, pag. 103.

Cap. LX — De como Diogo lopez de Sequeira fez

huma armada com que foi sobre Diu, e do que lhe aconteceo ate ir invernar ha Ormuz, pag. 107.

Cap. LXI — De como el Rei de Narsinga desbaratou o çabaim dalcam, e mandou recado a Rui de melo, capitam de Goa, que tomasse posse das Tanadarias da terra firme, pag. 112.

Cap. LXII — De como os da ilha de Zeiland se alevantaram contra os Portuguezes, e do que se nisso passou, pag. 114.

Cap. LXIII — De como Diogo lopez de sequeira mandou Antonio correa sobela ilha de Baharem, e do que se nisso fez, pag. 117.

Cap. LXIV — De como os mouros mataram o esforçado cavalleiro Side Iheabentafuf a treiçam, pag. 123.

Cap. LXV — De como el Rei mandou per Governador a India dom Duarte de meneses, pag. 127.

Cap. LXVI — Do que George dalbuquerque passou em Pacem até restituir o Principe no regno, pag 5.

Cap. LXVII — De como George de Brito foi ter no porto de Achem; onde os da terra ho matarão com muitos dos que com elle hiam, pag. 10.

Cap. LXVIII — Do nascimento da infante donna Maria, e do discurso de sua vida até o tempo presente, em que corre ho anno do Senhor de mil, e quinhentos sesenta, e sete, pag. 14.

Cap. LXIX — Do que aconteceo a Diogo fernandez de Beja depois que partio Dormuz ate chegar a Diu, e dahi a Chaul, onde o Diogo Lopez de Sequeira achou ao qual lugar foi ter com elle dom Aleixo de meneses, pag. 19.

Cap. LXX — Em que se trata do casamento da infante donna Beatris, filha del Rei dom Emanuel com Carlos Duque de Saboia, pag. 22.

Cap. LXXI — Em que se trata da progenia, e linhagem da Rainha donna Maphalda filha do conde Amedeu de Moriana em Saboia molher que foi del Rei dom Afonso Henrriquez, pag. 30.

Cap. LXXII — Da progenia, e linhagem do Conde dom Anrrique pai del Rei dom Afonso Anriquez, pag. 39.

Cap. LXXIII — De como Hagamahamed capitam de Melequiaz pelejou com a nossa frota sobela barra de Chaul, na qual peleja mataram Diogo fernandez de beja, pag. 46.

Cap. LXXIV — De como Antonio correa desbaratou Hagamahamed, e dom Luiz de Meneses chegou a Chaul, pag. 51.

Cap. LXXV — Do que aconteceo a George dalbuquerque e a Antonio de brito, na ilha de Bintam, pag. 55.

Cap. XXXVI — De como dom Ioam coutinho correo o campo Dalcacer quibir, e Aleexerife pela qual causa Side hamet laros alcaide da mesma villa correo Arzilla, e do que se nisso passou, pag. 58.

Cap. LXXVII — De como dom Henrique de menezes capitam da cidade de Tanger vindo o alcaide de Tetuam correr a terra lhe saio, e do que se nisso passou, pag 64.

Cap. LXXVIII — De como Vasco fernandez cesar andando no estreito encontrou com quatro naos Inglesas que tinham tomado huma caravela Portuguesa, que trazia a Capitania atoada per popa, a qual desbaratou, e se rendeo com as outras, e de como el Rei mandou Simam da cunha por capitam de huma armada aho estreito de Gibaltar, pag. 67.

Cap. LXXIX — De como el Rei Dormuz per conselho de seu sogro, e de Raix xarafo quebrantou as pa-

zes e amizades que tinha assentadas com Afonso Dalbuquerque, e mandou dar de noite nos Christãos que estavam na cidade, de que mataram alguns, pag. 71.

Cap. LXXX — De como Raix xarafo mandou combater a fortaleza, e do que se mais passou nesta negocio ate morte del Rei Dormuz, pag. 74

Cap. LXXXI — De como os venezeanos mandaram cinco galeaças a cidade da Lisboa e da commissam que o capitam dellas trazia, pag. 80.

Cap. LXXXII — De como Diogo lopez de sequeira entregou a Governança da India a dom Duarte de meneses, e se veo pera o regno, pag. 83.

Cap. LXXXIII — Do falecimento del Rei dom Emanuel, e de como foi sepultado no mosteiro de Bethlem, pag. 85.

Cap. LXXXIV — Das feiçoens corporaes del Rei dom Emanuel, e das calidades de sua Real pessoa, e cousas a que era inclinado, e afeiçoado, e ordem de sua casa, e modo de viver, pag. 89.

Cap. LXXXV — Das Egrejas, Mosteiros, ospitaes castellos fortalezas, e outras obras que el Rei dom Emanuel fez de novo, e mandou reparar, e dos lugares que ganhou aos mouros em Africa, e em Asia, pag. 100.

Cap. LXXXVI — Das instituições, ordenações, regimentos, moedas que fez, dignidades, oficios, Cidades, e villas que criou de novo, pag. 107.

Volume XII

Variantes e differenças notaveis.

DP
604/G6
1909a
v.8-12

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei D. Manuel

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF PCS ITEM C
39 10 07 05 01 018 2